



Frei Dorvalino Fassini, OFM nasceu em Arroio do Meio, RS em 1938. Entrou a OFM em 1957 no Convento São Boaventura, em Daltro Filho/RS, onde também fez o Curso de

Filosofia. Após o Curso de Teologia, feito em Divinópolis, MG e ordenado sacerdote em 1963, exerceu diversos ministérios dentro e fora da Província. Atualmente reside na Casa Provincial de Porto Alegre.



Marcos Aurélio Fernandes, nascido em Catalão-Goiás, em 1969, fez graduação em Filosofia no Instituto de Filosofia São Boaventura, em Rondinha,

Campo Largo-Paraná, onde foi aluno de Frei Hermógenes Harada. Depois de ter feito teologia em Goiânia, no IFITEG, realizou estudos de mestrado e doutorado na Pontifícia Universidade Antonianum, em Roma. Desde 2012 é Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Dedicou-se à fenomenologia, a estudos do pensamento medieval, sobretudo o franciscano, bem como a investigações em filosofia da religião e filosofia da educação. Dentre outras publicações, é autor de “Pensadores Franciscanos: paisagens e sendas” (IFAN/EDUSF, Bragança Paulista, 2007) e de “À Clareira do Ser: Da Fenomenologia da Intencionalidade à Abertura da Existência” (Daimon Editora, Teresópolis-RJ, 2011).



Os cristãos estão habituados a se reunir em determinado dia, antes do nascer do sol, para cantar um cântico a Cristo que eles têm como Deus.

De tarde, reúnem-se de novo, em uma ceia em comum em favor dos mais pobres, chamada ágape.

Epístola a Trajano 10,96, do Governador romano, Plínio, no ano de 111 dC.

EDITORA
Evangraf
LTDA.

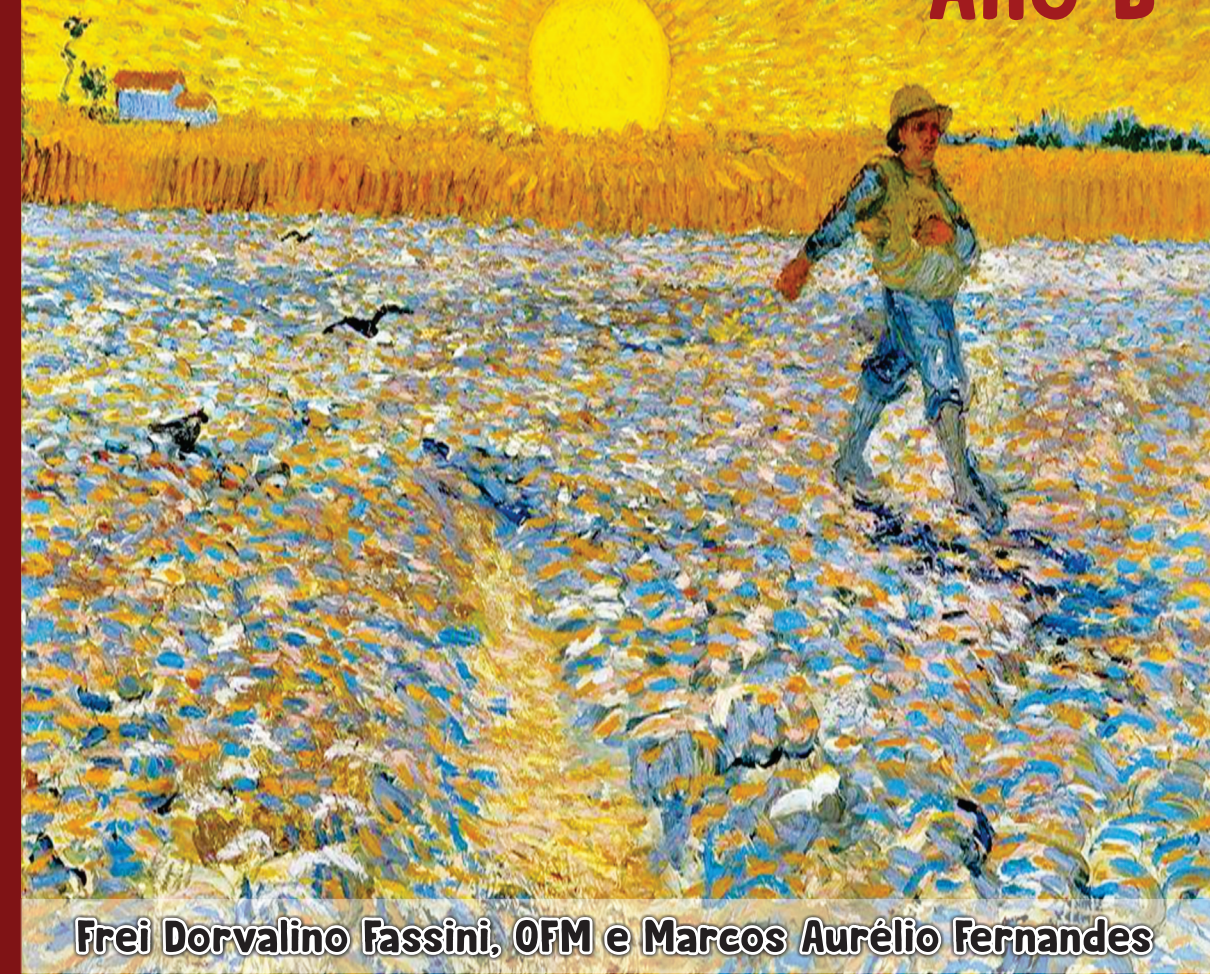
DOMINGOS COM SÃO FRANCISCO DE ASSIS - Ano B

DOMINGOS

com

São Francisco de Assis

Ano B



Frei Dorvalino Fassini, OFM e Marcos Aurélio Fernandes



O Domingo é o dia da Ressurreição, o «primeiro dia» da nova criação, que tem suas primícias na humanidade ressuscitada do Senhor, garantia da transfiguração final de toda a realidade criada. Além disso, esse dia anuncia “o descanso eterno do homem, em Deus”. Desse modo, a espiritualidade cristã integra o valor do repouso e da festa. ... E o dia de descanso, cujo centro é a Eucaristia, difunde sua luz sobre a semana inteira e encoraja-nos a assumir o cuidado da natureza e dos pobres (Papa Francisco, LS).



DOMINGOS
com
São Francisco de Assis
Ano B

Todos os direitos reservados à Província São Francisco de Assis, OFM
91770-000 – Av. Juca Batista, 330
Porto Alegre - RS – Brasil

Capa:

O Semeador, de Vincent van Gogh

Contra Capa:

São Francisco, de Cimabue

Produção Gráfica e Impressão:

Evangraf (51) 3336.2466

Frei Dorvalino Fassini, OFM
e
Marcos Aurélio Fernandes



DOMINGOS
com
São Francisco de Assis
Ano B

EDIÇÃO FAMILIAR FRANCISCANA

EDITORA
Evángraf
LTD.A

Porto Alegre, 2020

Siglas e Abreviaturas

SAGRADA ESCRITURA

Ag	Ageu	Gl	Gálatas
Am	Amós	Gn	Gênesis
Ap	Apocalipse	Hb	Hebreus
At	Atos dos Apóstolos	Jo	João
Cl	Colossenses	1Jo	1ª João
1Cor	1ª Coríntios	Lc	Lucas
2Cr	2 Crônicas	Mal	Malaquias
Ct	Cântico dos Cânticos	Mc	Marcos
Dn	Daniel	Mt	Mateus
Dt	Deuteronômio	Os	Oséias
Ecl	Eclesiástico	Rm	Romanos
Ef	Eféssios	2Sm	2 Samuel
Es	Esdras	Sl	Salmos
Ex	Êxodo	1Tm	1ª Timóteo
Ez	Ezequiel	1Ts	Tessalonicenses
Fl	Filipenses	Tt	Tito
Fm	Filêmon	Zc	Zacarias

FONTES FRANCISCANAS

Ad	Admoestações
AP	Anônimo Perusino
Atos	Atos do Bem-aventurado Francisco e dos seus Companheiros
1B	Legenda Maior de São Francisco de São Boaventura
1C	Primeira Vida de São Francisco de Tomás de Celano
2C	Segunda Vida de São Francisco de Tomás de Celano
CAs	Compilação de Assis
CCE	Cinco Considerações sobre os sagrados Estigmas
CIS	Cântico do Irmão Sol
1CCI	1ª Carta de Santa Clara a Inês de Praga
2CCI	2ª Carta de Santa Clara a Inês de Praga
3CCL	3ª Carta de Santa Clara a Inês de Praga
4CCL	4ª Carta de Santa Clara a Inês de Praga
CDP	Carta aos Dirigentes dos Povos
CE	Carta de Frei Elias
1CF	Carta aos Fiéis, (Primeira redação)
2CF	Carta aos Fiéis, (Segunda redação)
CM	Carta a um Ministro
CO	Carta a toda a Ordem

DE..... Ditos do Bem-aventurado Egídio de Assis
EP..... Espelho da Perfeição
EPN Exposição do Pai Nosso
Fi..... I Fioretti de São Francisco
FRNB .. Fragmentos de outra Regra não Bulada
LH..... Louvores para todas as Horas
LP..... Legenda Perusina
LTC..... Legenda dos Três Companheiros
OC..... Oração diante do Crucifixo
OP Ofício da Paixão
RB..... Regra Bulada
RNB..... Regra Não Bulada
ROFS ... Regra da Ordem Franciscana Secular
RTOR... Regra e Vida dos Irmãos e das Irmãs da Terceira Ordem
 Regular de São Francisco
SMV Saudação da Bem-aventurada Virgem Maria
SV Saudação das Virtudes
VE..... Vida do Bem-aventurado Frei Egídio
T..... Testamento
SC *Sacrum Commercium*

OUTROS DOCUMENTOS

AL *Amoris Laetitia*
DV *Dei Verbum*
EG *Evangelii Gaudium*
FF..... Fontes Franciscanas
GS *Gaudium et Spes*
LS *Laudato Si*
OFIR Orientações sobre a Formação nos Institutos Religiosos da
 Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as
 Sociedades de Vida apostólica, Paulinas, 1990.
OFM..... Ordem dos Frades Menores
OFS..... Ordem Franciscana Secular
ROFS ... Regra da Ordem Franciscana Secular
RTOR... Regra e Vida dos Irmãos e das Irmãs da Terceira Ordem Regular
 de São Francisco
TOR Terceira Ordem Regular de São Francisco
VC..... *Vita Consecrata*, Exortação apostólica pós-sinodal de João
 Paulo II, Paulinas, 1996
VD *Verbum Domini*
VFC..... A Vida Fraterna em Comunhão, da Congregação para os
 Institutos de Vida Consagrada, Vozes, 1994.

Índice

Apresentação	9
Introdução Geral	11
Introdução ao Ano B	21
1º Domingo do Advento.....	25
2º Domingo do Advento.....	32
3º Terceiro Domingo do Advento	39
4º Domingo do Advento.....	46
Solenidade da Natividade do Senhor - Missa da Noite.....	55
Natividade do Senhor - Missa do Dia	62
Sagrada Família de Jesus, Maria e José	69
Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus	74
Solenidade da Epifania do Senhor	81
Batismo do Senhor	88
Quaresma	94
Quarta-Feira de Cinzas	97
1º Domingo da Quaresma	104
2º Domingo da Quaresma	111
3º Domingo da Quaresma	119
4º Domingo da Quaresma	125
5º Domingo da Quaresma	132
Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor.....	140
Tríduo Pascal e Tempo da Páscoa	154
Quinta-Feira Santa	156
Sexta-Feira da Paixão do Senhor	168
Sábado Santo.....	174
Vigília Pascal	176
Domingo de Páscoa.....	186
2º Domingo da Páscoa	192
3º Domingo da Páscoa	203
4º Domingo da Páscoa	211
5º Domingo da Páscoa	218
6º Domingo da Páscoa	224
Solenidade da Ascensão do Senhor.....	231
Pentecostes.....	239
Solenidade da Santíssima Trindade	246
Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo	255

2º Domingo do Tempo Comum.....	259
3º Domingo do Tempo Comum	265
4º Domingo do Tempo Comum	272
5º Domingo do Tempo Comum	278
6º Domingo do Tempo Comum	283
7º Domingo do Tempo Comum	289
8º Domingo do Tempo Comum	296
9º Domingo do Tempo Comum	302
10º Domingo do Tempo Comum	309
11º Domingo do Tempo Comum	317
12º Domingo do Tempo Comum	324
13º Domingo do Tempo Comum	332
14º Domingo do Tempo Comum	341
15º Domingo do Tempo Comum	347
16º Domingo do Tempo Comum	354
17º Domingo do Tempo Comum	361
18º Domingo do Tempo Comum	368
19º Domingo do Tempo Comum	375
20º Domingo do Tempo Comum	382
21º Domingo do Tempo Comum	389
22º Domingo do Tempo Comum	396
23º Domingo do Tempo Comum	403
24º Domingo do Tempo Comum	410
25º Domingo do Tempo Comum	417
26º Domingo do Tempo Comum	425
27º Domingo do Tempo Comum	431
28º Domingo do Tempo Comum	438
29º Domingo do Tempo Comum	445
30º Domingo do Tempo Comum	452
31º Domingo do Tempo Comum	458
32º Domingo do Tempo Comum	463
33º Domingo do Tempo Comum	469
Solenidade De Cristo Rei.....	476
Solenidade de São Pedro e São Paulo.....	485
Assunção de Nossa Senhora	491
Santa Clara - 11 de Agosto.....	499
Solenidade do Seráfico Pai - São Francisco - 4 de Outubro	505
Solenidade de Todos os Santos	510
Solenidade da Imaculada Conceição	522

Apresentação

Este livro é uma compilação dos subsídios semanais que, em anos passados, sob o título de *Pistas homilético-franciscanas*, elaboramos e que, através das redes sociais, enviamos a diversas pessoas interessadas. Agora, depois de revistas e melhoradas, decidimos publicá-las em forma de livro, possibilitando, assim, seu acesso a um público ainda maior. Seus objetivos continuam os mesmos, inspirados no Papa Francisco:

- propor São Francisco de Assis como modelo de reconstrução da Igreja, da humanidade e da criação (Cf. LS 10);
- recuperar o Domingo como o Dia da Festa, da Alegria, da Ressurreição do Senhor; como o dia de cura das relações do ser humano com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo (Cf. Idem).
- tornar-nos cada vez mais evangelizadores com espírito (Cf. EG 259).

Nesse sentido, *Domingos com São Francisco de Assis* deseja ser convite ao aprofundamento do mistério crístico, celebrado de modo especial nos Domingos e Solenidades.

Por tudo isso, inspirado em São Francisco, quer também oferecer a Irmãos e Irmãs, individualmente como a grupos, Comunidades eclesiais e ou Fraternidades religiosas, subsídios para a celebração de retiros e encontros de reflexão e aprofundamento de nossa vocação e missão evangélica.

Introdução Geral

1. O Domingo

Desde os primórdios da Igreja, o Domingo vem profundamente imbuído da experiência e da mística da presença do Cristo vivo, ressuscitado. Aliás, a própria palavra já o indica, pois “Domingo” vem de *Dies Dominicus*: Dia do Senhor. Assim, no elenco dos dias da semana, o primeiro, chamado de “Dia do Sol” entre os pagãos, passa a ser “Dia do Senhor”, “Domingo”. Com efeito, para o cristão, Cristo é *a luz do mundo* (Jo 9,5); é *o Sol nascente que nos veio visitar* (Lc 1,78); o princípio de uma nova criação – um novo céu e uma nova terra (Ap 21,1).

Quem, de fato, oficializou a instituição desse nome foi a Igreja apostólica. Aos poucos, através das reuniões e celebrações semanais, ela foi experimentando toda essa riqueza, até então desconhecida, do mistério central de sua vida, vocação e missão. A primeira foi a experiência de que o maior de todos os acontecimentos da humanidade - a Ressurreição do Senhor - se dera não no sábado (dia sagrado dos judeus), mas no primeiro dia da semana. Também a maioria de suas aparições se dera nesse dia. Descobriu, também que, no Antigo Testamento, os profetas já haviam revelado que Deus, muitas vezes, havia-lhes aparecido no primeiro dia da semana (Cf. Ez 1,1; 3,15; 8,1; 20,1; Ag 1,1; Zc 1,7). Também as aparições de Deus a Abraão e a Moisés se deram no primeiro dia da semana. Da mesma forma, João, em seu Apocalipse, atesta que foi no primeiro dia da semana – o Domingo – que ele foi agraciado com a aparição do Senhor (Cf. Ap 1,10).

Assim, aos poucos, os primitivos cristãos se recordaram que também a criação tivera início no primeiro dia da semana. Por isso, Domingo, Dia da Ressurreição, Dia do Senhor, passa a ser, agora, o dia da nova e definitiva criação, da nova humanidade, da nova história.

Assim, na celebração do Dia do Senhor, mais que comemoração de eventos passados, trata-se da alegre graça de, como os Apóstolos, poder tocar no mistério do Cristo Ressuscitado, sempre vivo, atual e atuante; da graça de poder prová-lo, comungá-lo, numa experiência de profunda intimidade, principalmente através da celebração eucarística.

Portanto, através de sinais, e principalmente da Palavra, nos é colocada à disposição aquela experiência do encontro do Senhor com seus discípulos, principalmente na Última Ceia, na Cruz e na Ressurreição. Como eles, nós também podemos ver Jesus, tocar seu corpo, um corpo verdadeiro, chagado, mas liberto das ligações terrenas.

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos tocaram a respeito da Palavra da Vida... Sim, o que vimos e ouvimos, isso vos proclamamos para que também vós tenhais comunhão conosco e nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo (1Jo1,1-3).

O Domingo, portanto, não é mais um dia da semana, que vem se somar aos demais seis. É o dia de todos os dias, o dia que dá o início, o sentido aos demais, e ao mesmo tempo, o dia que resume toda uma caminhada feita durante os seis dias precedentes. Assim, viver-se-á a semana como se viveu e se celebrou o Domingo e, por sua vez, celebrar-se-á o Domingo como se viveu a semana. É o dia que nos introduz na eternidade. No Domingo celebra-se o que se viveu durante a semana e nos demais dias da semana vive-se o que se celebrou no Domingo.

Isso nos leva a esperar que também para nós um dia vai chegar o grande Domingo, a consumação de todos os Domingos, o definitivo Dia do Senhor. Então estaremos com o Senhor não mais através de palavras, sinais e ritos, mas de modo direto, imediato, definitivo e pleno. Em *nosso Pai e Irmão São Francisco* esse mistério se manifestou de modo admirável. Ele teve a graça de *passar para Cristo na primeira hora da noite que precedeu o Domingo, dia 04 de outubro* (CE 25).

Quem nos ajuda para uma frutuosa celebração do Domingo em nosso tempo é o Papa Francisco:

Este dia, à semelhança do sábado judaico, é-nos oferecido como dia de cura das relações do ser humano com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo. O Domingo é o dia da Ressurreição, o «primeiro dia» da nova criação, que tem suas primícias na humanidade ressuscitada do Senhor, garantia da Transfiguração final de toda a realidade criada. Além disso, este dia anuncia «o descanso eterno do homem, em Deus». Assim, a espiritualidade cristã integra o valor do repouso e da festa. O ser humano tende a reduzir o descanso contemplativo ao âmbito do estéril e do inútil, esquecendo que, deste modo, se tira à obra realizada o mais importante: o seu significado. Na nossa atividade, somos chamados a incluir uma dimensão receptiva e gratuita, o que é diferente da simples inatividade. Trata-se de outra maneira de agir, que pertence à nossa essência. Assim, a ação humana é preservada não só do ativismo vazio, mas também da ganância desenfreada e da consciência que se isola buscando apenas o benefício pessoal. A lei do repouso semanal impunha abster-se do trabalho no sétimo dia, «para

que descansem o teu boi e o teu jumento e tomem fôlego o filho da tua serva e o estrangeiro residente» (Ex 23,12). O repouso é uma ampliação do olhar, que permite voltar a reconhecer os direitos dos outros. Assim o dia de descanso, cujo centro é a Eucaristia, difunde a sua luz sobre a semana inteira e encoraja-nos a assumir o cuidado da natureza e dos pobres (LS 237).

Por tudo isso, a Eucaristia se torna o coração do Domingo, como podemos ver nesta outra página de nosso Papa Francisco:

A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo em nosso próprio mundo. Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus. Com efeito a Eucaristia é, por si mesma, um ato de amor cósmico. «Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar duma igreja da aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo». A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico, «a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador». Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira (LS 236).

2. A Palavra de Deus

Dentro da mística do Domingo, ocupa lugar de destaque o mistério da Palavra de Deus. Após séculos de esquecimento, a Igreja, hoje, retoma com todo vigor, alegria, insistência e amor o papel e a importância da Palavra de Deus tanto nas celebrações eucarísticas como nas demais celebrações e, também, no cultivo da leitura pessoal que se faz principalmente através da *Lectio Divina*.

Bento XVI, em sua Exortação apostólica *Verbum Domini*, insiste para que continuemos na busca e na redescoberta da Palavra Divina porque ela é *fonte de constante renovação*. E expressa, então, uma esperança: *que a mesma*

se torne cada vez mais o coração de toda a atividade eclesial (VD 1). Bento XVI fala em esperança. Isso significa que a Palavra de Deus ainda não é tomada e assumida como fonte de toda a vida e renovação da Igreja.

Por vezes, esquecemos que a Palavra de Deus está na origem de tudo, desde a criação até o dia de sua consumação, no final dos tempos. Sem o “Faça-se!” de Deus no Gênesis não teríamos nada, nenhuma criação; sem a Encarnação do Verbo eterno (Palavra) do Pai, ainda não estaríamos deificados, ainda não seríamos filhos de Deus; sem a Palavra do Senhor na Última Ceia “Isto é o meu Corpo... Isto é o meu sangue”, não teríamos a Eucaristia. E a razão dessa sua iniciativa vem muito bem explicitada nesta frase da *Dei Verbum*: *Deus, invisível na riqueza de seu amor, fala aos homens como a amigos e convive com eles para os convidar e admitir a comunhão com Ele* (DV 2). E, enfim, sem o *Sim, eu venho em breve!* (Ap 2,20) do Esposo para sua esposa, a humanidade e a criação toda não chegariam jamais à sua consumação no fim dos tempos.

Foi através e ao redor da Palavra que nasceu a vocação e a missão dos patriarcas, dos profetas e de todos os vocacionados do Antigo Testamento e do novo Povo de Deus. Foi pela palavra, pela ordem do Senhor que, *no dia de Pentecostes, todos os discípulos estavam reunidos no mesmo lugar* (At 2,1) e, assim, receberam o Espírito Santo, dando início à Igreja.

Também cada um de nós veio a este mundo graças a uma palavra, a um *sim* que se disseram ou se deram nossos pais. Foi, também, graças a uma palavra (“Francisco”, “Clara”, “Domingos”, “Inácio”, etc.) que teve origem a vocação religiosa de um Franciscano, de uma Clarissa, de um Dominicano, Jesuíta, etc.

Portanto, se na raiz de cada criatura está a Palavra de Deus, conhecer essa Palavra é o melhor – o único - caminho para se conhecer cada criatura, acontecimento e pessoa, como o explica muito bem Bento XVI:

De fato, se todas as coisas têm sua subsistência n’Aquele que existe antes de todas as coisas (Cl 1,17), então quem constrói a própria vida sobre a sua Palavra edifica de modo verdadeiramente sólido e duradouro. A Palavra de Deus impele-nos a mudar nosso conceito de realismo: realista é quem reconhece o fundamento de tudo no Verbo de Deus (VD 10).

Mas, sempre é bom e importante realçar que esta Palavra Divina é uma Pessoa – a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, como o expressa de modo simples, admirável, concreto e profundo nosso pai São Francisco:

Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e gloriosa, o altíssimo Pai anunciou do Céu, por meio do seu santo anjo Gabriel, no útero da

Santa e gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade. Sendo rico, acima de todas as coisas, Ele mesmo, juntamente com a beatíssima Virgem Maria, sua Mãe, quis no mundo escolher a pobreza (2CF 4-5).

Ouçamos mais uma vez o Papa Bento XVI:

Aqui a Palavra não se exprime primariamente num discurso, em conceitos ou regras; mas vemo-nos colocados diante da própria pessoa de Jesus. A sua história, única e singular, é a palavra definitiva que Deus diz à humanidade. Daqui se compreende por que motivo, no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo. A renovação deste encontro e dessa consciência gera no coração dos fiéis a maravilha pela iniciativa divina, que o homem, com suas próprias capacidades racionais e imaginação, jamais teria podido conceber. Trata-se de uma novidade inaudita e humanamente inconcebível: ‘O Verbo fez-Se carne e habitou entre nós’ (Jo 1,14a) (VD 11).

3. São Francisco e a Palavra de Deus

O que se deu na História Sagrada e na História da Igreja primitiva também se deu com São Francisco e sua Ordem.

Foi no caminho de Espoleto, que começou sua conversão. Através do encontro com um misterioso personagem, que lhe apareceu durante um sonho, Francisco sentiu-se obrigado a voltar para trás a fim de procurar seu verdadeiro senhor (Cf. LTC 6). Pouco tempo depois, ouvindo do Crucificado de São Damião a famosa ordem: *“Francisco não vês que minha casa está se destruindo? Vai, pois, e restaura-a para mim”* (LTC 13), despojando-se de tudo, largou o mundo e começou a seguir Jesus Cristo crucificado. Finalmente, ouvindo e meditando o Evangelho do Envio dos Apóstolos, na igrejainha da Porciúncula, viu-se tão iluminado, acerca do rumo de sua Vida e de seus companheiros, que exclamou e disse: *“Irmãos, esta é a Vida e a nossa Regra e a de todos os que quiserem juntar-se à nossa companhia. Ide, pois, e realizai plenamente como ouvistes”* (LTC 29).

Há, pois, uma admirável semelhança entre a origem de toda a criação bem como do Antigo Povo de Deus, da Igreja e da nossa Ordem. Todos nasceram e cresceram a partir da Palavra de Deus. Não é de estranhar, então, a veneração e o cultivo que esse Santo prestava à Palavra de Deus. Ouçamos este testemunho:

Embora este Bem-aventurado homem não fosse favorecido por nenhum estudo científico, contudo, aprendiz das coisas que são do alto, da sabedoria de Deus e iluminado pelos fulgores da luz eterna, não era pouco o que entendia das Sagradas Escrituras. Sua inteligência purificada penetrava os segredos dos mistérios e, onde ficava fora a ciência dos mestres, entrava seu afeto cheio de amor. Lia os livros sagrados, de quando em quando, mas o que punha uma vez no espírito ficava indelevelmente escrito em seu coração. Tinha a memória no lugar dos livros, porque o que o ouvido captava uma só vez não ficava em vão, pois permanecia refletindo com afeto e em contínua devoção. Dizia que era muito mais frutuoso esse modo de aprender e de ler do que ficar folheando milhares de tratados (2C 102).

Por tudo isso:

Queria que os ministros da Palavra de Deus fossem tais que se entregassem totalmente aos estudos espirituais, sem ser impedidos por outros cargos. Dizia que tinham sido escolhidos por um grande rei para transmitir aos povos os editos que captavam de sua boca. E afirmava: ‘O pregador deve haurir primeiro nas orações, feitas em segredo, aquilo que depois vai derramar em palavras sagradas. Tem de se aquecer primeiro por dentro, para não proferir para fora palavras frias’. Afirmava que esse ofício devia ser respeitado e que todos deviam venerar os que o exercem. Dizia: ‘Eles são a vida do corpo, eles é que combatem os demônios, eles são a luz do mundo’ (2C 163).

Finalmente, não podemos deixar de considerar este precioso testemunho que ele mesmo traça acerca de sua vocação-missão:

Em nome do Senhor Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. A todos os cristãos, religiosos, clérigos e leigos, homens e mulheres, a todos que habitam no mundo inteiro, Frei Francisco, seu servo e súdito, o obséquio reverente, a verdadeira paz do Céu e a sincera caridade no Senhor. Sendo servo de todos, tenho de servir e administrar a todos as odoríferas palavras do meu Senhor. Por isso, considerando em minha mente não poder visitar pessoalmente a cada um, por causa da enfermidade e debilidade do meu corpo, propus-me pela presente Carta e mensageiros, dirigir-vos as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o verbo do Pai, e as palavras do Espírito Santo, que ‘são espírito e vida’. Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e gloriosa, o altíssimo Pai anunciou do Céu, por meio do seu santo anjo Gabriel, no

útero da Santa e gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade. ‘Sendo rico’, acima de todas as coisas, Ele mesmo, juntamente com a beatíssima Virgem Maria, sua Mãe, quis no mundo escolher a pobreza (2CF 1-5).

4. O Ano Litúrgico

Os Domingos e as Solenidades, celebrados pela Igreja, formam o assim chamado Ano Litúrgico. Ele se fundamenta na necessidade que os primeiros cristãos sentiam de se reunir para celebrar jubilosamente e cada vez mais e de novo, com mais profundidade, a Ressurreição do seu Senhor. Aos poucos, essa necessidade os levou a perceber que o maior acontecimento da História da humanidade está relacionado a outros momentos ou mistérios do seu Senhor, principalmente ao mistério da sua Paixão e Morte na Cruz, bem como ao seu inaudito e misterioso Nascimento, conhecido hoje como Natal e, finalmente, também sua breve, mas intensa Vida pública.

Assim, movidos pelo espírito desses mistérios, recordaram-se, também, tanto do ensinamento como da prática de Jesus. Aos seus discípulos Ele ensinara *que é preciso orar sempre, sem jamais deixar de fazê-lo* (Lc 18,1-18). Quanto à prática, se lembraram que Ele mesmo era visto seguidamente dirigindo-se às sinagogas para ouvir e proclamar a Palavra de Deus e louvando através do cântico dos salmos, bem como se retirando para encontrar-se sozinho com o Pai. Por isso, depois, São Paulo vai recomendar que é preciso *orar, sempre, sem cessar* (1Ts 5,17).

Assim, a Igreja sabe que não há melhor oração do que a celebração do mistério do próprio Cristo, ou melhor, que Ele é o sacrifício perfeito, a única oração, a oração em pessoa. Assim, fiel ao seu mandato, procura tornar presente, no decorrer de cada ano, todo mistério de Cristo, desde seu Anúncio até sua consumação, no fim dos tempos, quando retornará para a festa da congregação de todos os homens, povos e nações e demais criaturas na grande Ceia do Amor.

Falando do sentido ou objetivo maior do Ano Litúrgico, assim se expressa o Concílio Vaticano II: *Com esta recordação dos mistérios da Redenção, a Igreja oferece aos fiéis as riquezas das obras e merecimentos do seu Senhor, a ponto de os tornar como que presentes a todo o tempo, para que os fiéis, em contato com eles, se encham de graça* (SC 103).

Por isso, e para isso, a Igreja criou o Ano Litúrgico, que é diferente do ano civil, através do qual todo este Mistério de Cristo, de nossa salvação, é explicitado e comungado aos poucos, como que em pequenas porções, ao longo dos

doze meses de cada ano. Como Cristo iluminou os doze Apóstolos, primícias do novo povo de Deus na história, também ilumina os doze meses do ano, santificando todo o tempo desse povo com sua Palavra e com seu Corpo e Sangue, dados em comida e bebida. Sua celebração começa com o mistério da Encarnação e Natividade do Senhor e se estende até a Ascensão-Pentecostes na expectativa da feliz esperança da Vinda definitiva do Senhor.

Assim, o Ano Litúrgico se desenvolve através de três grandes Tempos: Advento-Natal-Epifania; Quaresma-Páscoa-Pentecostes e Tempo Comum.

a. Advento-Natal-Epifania

É muito difícil estabelecer em que época a Igreja ou os cristãos começaram a celebrar de modo especial e específico o mistério natalício de Jesus. De qualquer forma, o coração deste tempo, evidentemente, é a Natividade do Senhor, precedido por um tempo de quatro semanas de preparação, denominado de Advento.

Advento

“Advento” significa, propriamente, “ato de chegar”, de advir, bem como de retornar, de reaparecer. Iniciar quer dizer, ir para dentro de, isto é, submeter-se ao processo da iniciação. Na iniciação nós estranhamos sempre e cada vez mais o que nos é familiar – o mundo cotidiano que costuma nos absorver e nos tornar indiferentes – e nos familiarizamos sempre e cada vez mais com o mistério. Iniciação é, pois, aprender a morar, a habitar no mistério.

Mas, qual é esse “mistério familiar” ou “cotidiano” para dentro do qual devemos sempre de novo aprender a morar? O mistério do *Deus adveniens*, do Deus que é, que era e que virá (Ap. 1,8), que está sempre se dando em todo o vir e advir da realidade; o Deus que, pelos homens, está sempre vindo à sua procura para fazer com eles uma Aliança, um *Sacrum Convivium*.

O Deus que prometeu vir, que veio e que virá, perpassa toda a História dos cristãos e da humanidade. Eis o coração que move o Tempo do Advento. Assim, a Igreja, enquanto peregrina neste mundo, vive a contínua tensão da salvação prometida e já realizada em Cristo e por Cristo, mas ainda não completada e não consumada em seu corpo que é a humanidade e a criação toda. Essa maravilha só se dará no fim dos tempos, quando Jesus Cristo será tudo em todos. Enquanto isso, *a criação geme e sofre como que em dores de parto até o presente dia. Não só ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo* (Rm 8,22-23).

Neste sentido o Advento é também o tempo de os cristãos renovarem seus compromissos sociais, a fim de que, por sua pertença ao Corpo de Cristo, O

ajudem a apressar a Vinda de seu Reino na luta pelos bens essenciais, principalmente os da fraternidade, da justiça e da paz. Por isso, o Advento se caracteriza como um tempo de vigilância alegre e esperançosa porque o Senhor, como prometera, há de vir como Messias e Salvador. Assim, os fiéis, através de exercícios de penitência, de caridade e, acima de tudo, de misericórdia, a modo de uma noiva que se enfeita para seu noivo, durante quatro semanas, procuram preparar-se para a chegada de seu Esposo amado.

As quatro semanas, porém, se dividem em dois grupos. Nas duas primeiras, a expectativa da Igreja volta-se para a segunda vinda, a vinda definitiva e gloriosa de Jesus Cristo como Salvador e Senhor da História, o resumo, a consumação de todos os tempos.

As duas últimas semanas, isto é, de 17 a 24 de dezembro, a Igreja se volta mais para a preparação próxima do Natal, recordando especificamente a Primeira Vinda. Merece destaque nestas duas semanas as famosas Antífonas “Ó” (atribuídas por muitos ao Papa Gregório Magno (+ 604)). Cada invocação começa com um “Ó” e pede ao Senhor para Ele vir para junto de seu povo. Lidas de traz para frente, as iniciais das invocações formam, em latim, a expressão: *ero cras* (virei amanhã), que é a resposta do Senhor mesmo a estas invocações. Nelas, Jesus Cristo é invocado como *Sapientia* (Sabedoria), como *Adonai* (Senhor), como *Radix Jesse* (Raiz de Jessé), como *Clavis David* (Chave de Davi), como *Oriens* (Sol nascente), como *Rex Gentium* (Rei das Nações), e, enfim, como *Emmanuel* (Deus conosco).

Vale realçar, ainda, que o Advento faz a memória de três grandes personagens da História Sagrada.

Isaias, o profeta que anuncia o nascimento do Emanuel (Is 7,14). O livro (que em verdade se compõe de três livros) que leva seu nome, é o livro do Antigo Testamento que, junto com os Salmos, é o mais citado no Novo Testamento. Isso granjeou-lhe o honroso título de “o quinto evangelista”. Sua mensagem, na primeira parte (Primeiro Isaiás), evoca o Deus Santo, conclamando a ficar de pé na força da fé, para compreender seus desígnios (Is 7,9); na segunda (Dêutero-Isaiás), prevê uma reviravolta na vida dos exilados, a restauração de Sião, e a conversão das nações ao Deus de Israel, que se tornará o Deus de todos, além de pôr diante de nossos olhos o Servo Sofredor; na terceira parte (Trito-Isaiás), incentiva o povo a se refazer, voltando-se para o rosto de Deus, o incomparável (64,3), o eterno (57,15), que vai criar céus novos e uma terra nova (65,17).

João Batista, o precursor que tocou, viu e apontou o Messias presente no meio de seu povo (Jo 1,29-34); aquele que fixou os olhos em Jesus e pediu a seus discípulos (de João) que o deixassem a fim de seguir o novo Mestre; aquele que exigia uma mudança radical na mente “*o machado já está posto na*

raiz” (Lc 3,9) e nos costumes do povo, tanto individual (*confessavam seus pecados*) (Mc 1,5) como social (“*quem tiver duas túnicas dê uma a quem não tem*”) (Lc 3,11).

Nossa Senhora, a Virgem que, de tanto desejar e meditar a vinda do Messias tem a graça de, a partir da escuta na obediência da fé, vê-lo, senti-lo encarnar-se em seu próprio corpo.

Em resumo, Advento é o tempo de Vigilância, Esperança, Conversão porque o Senhor que veio e que agora vige latente, escondido, há de vir uma segunda vez, como o Esposo que atende ao anseio da Esposa, que diz: “Vem!”.

Quem costumava levar muito a sério o Advento era São Francisco. Uma vez que o Natal era para ele “a Festa das Festas”, determinou na Regra que *todos os Irmãos devam jejuar desde a Festa de Todos os Santos até o Natal* (RNB 3 e RB 3).

Introdução ao Ano B

Durante o Ano B, para os Domingos e semanas do Tempo Comum, leremos o Evangelho de Marcos, cujo nome em grego, evoca o “bom combate” do guerreiro e o uso do “martelo”. Poderíamos dizer que o modo como Marcos escreve é o de quem dá golpes de martelo. Aos poucos, de martelada em martelada, a mensagem de suas palavras vai sendo cravada no fundo da alma de seus ouvintes ou leitores.

Qual mensagem? Que a figura de Jesus, que se deslinda diante de nossos olhos, a modo terra a terra, humano, demasiado humano, que insiste sempre de novo em declarar-se e ser o “Filho do Homem” é, também, o “Filho de Deus”, embora na aparência humilde do Crucificado. Um mistério, portanto, que nos possibilita tornar-nos comungantes e testemunhas da humanidade de Jesus Cristo, de suas emoções, seus sofrimentos, sua fraqueza, sua esperança. No cume de toda esta Boa Nova está o clamor do Crucificado no último momento de sua vida terrestre: “*Meu Elohim (Deus), meu Elohim, por que me abandonaste?*” (Mc 15,34). Um grito de horror, mas, acima de tudo, de amor! Um amor tão limpo e profundo que levou o centurião romano, que estava aos pés da Cruz, como representante de toda a humanidade, a exclamar: “*Verdadeiramente, este homem era o filho de Deus!*” (Mc 15,39). Aqui está o princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc.1,1), a saber, a revelação de que este homem, que se fez verdadeiramente homem, é, ao mesmo tempo, o “Filho de Deus”. Eis sua identidade – quem ele é. Eis o princípio, a origem, a fonte da nova história e da nova humanidade.

Recordemos ainda que até, mais ou menos, o ano de 150 quando se falava em “Evangelho” não se pensava num livro, mas na grande, bela e boa notícia deste novo início ou princípio da Criação e da história que surge a partir de Jesus Cristo. Enfim, Ele é o Evangelho, a Palavra definitiva de Deus, o *Primeiro e o Último* (Ap 1,17). A teofania em sua sumidade! Nele, Deus disse-nos tudo de uma vez e para sempre (Cf. VD 14).

Natal-Epifania

Enquanto no Advento a Igreja se concentra no anúncio da segunda Vinda de Jesus e na sua preparação para rememorar a primeira, no Natal-Epifania celebra sua realização e concretização.

Inicialmente, Natal e Epifania estavam reunidas ou resumidas numa única festa que tinha como objetivo a celebração do mistério da Encarnação, mas com acentuações, denominações e datas diferentes. Assim, enquanto na Liturgia oriental se celebrava a Encarnação como Epifania no dia 06 de

janeiro, no Ocidente o mesmo mistério era celebrado como Natal, no dia 25 de dezembro.

Natal

Historicamente, a celebração do Natal tem seu início entre os fins do século IV e o começo do século V em Roma no dia 25 de dezembro. Evidentemente, não é a data histórica do nascimento de Jesus, mas a Igreja romana a escolheu a fim de aproveitar e suplantiar uma grande festa pagã: *Natalis Solis Invicti* (Nascimento do Sol Invicto ou Vencedor). A estratégia era de convocar os fiéis a substituir seu deus Sol, por Jesus Cristo, o *Sol nascente que nos veio visitar do alto* (Lc 1,78-79).

As narrativas que cercam este inaudito evento no Novo Testamento são diversas, mas todas elas convergem para um único mistério: a vinda do Filho de Deus na carne de nossa humanidade e seu nascimento do seio da Virgem Maria. Quem, porém, nos conduz mais profundamente para o interior deste mistério é São João: *No princípio era a Palavra e a Palavra estava com Deus e a Palavra era Deus... e a Palavra se fez carne e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória, glória que recebe do Pai como Filho unigênito, cheio de graça e de verdade* (Cf. Jo1,1-14).

Quem, hoje, nos dá um belo e profundo resumo deste mistério é o Papa Bento XVI:

O Filho do Homem resume em Si mesmo a terra e o céu, a criação e o Criador, a carne e o Espírito. É o centro do universo e da história, porque Nele se unem, sem se confundir, o Autor e sua obra. Por meio de tudo isto, a Igreja exprime a consciência de se encontrar, em Jesus Cristo, com a Palavra definitiva de Deus; Ele é ‘o Primeiro e o Último’ (Ap 1,17). Deu à criação e à história o seu sentido definitivo; por isso somos chamados a viver o tempo, a habitar na criação de Deus dentro deste ritmo escatológico da Palavra. ‘Portanto, a economia cristã, como nova e definitiva aliança, jamais passará e não se há de esperar nenhuma outra revelação pública antes da gloriosa manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo’ (Cf. 1Tm 6,14; Tt 2,13). De fato, como recordaram os Padres durante o Sínodo, ‘a especificidade do Cristianismo manifesta-se no acontecimento que é Jesus Cristo, ápice da Revelação, cumprimento das promessas de Deus e mediador do encontro entre o homem e Deus. Ele, ‘que nos deu a conhecer a Deus’ (Jo 1,18), é a Palavra única e definitiva confiada à humanidade’. São João da Cruz exprimiu esta verdade de modo admirável: “Ao dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua

Palavra, e não tem outra, Deus disse-nos tudo ao mesmo tempo e de uma só vez nesta Palavra única e nada mais tem para dizer (...). Porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo que é o seu Filho. E por isso, quem agora quisesse consultar a Deus ou pedir-Lhe alguma visão ou revelação não só cometeria um disparate, mas faria agravo a Deus, por não pôr os olhos totalmente em Cristo e buscar fora Dele outra realidade ou novidade” (VD 13-14).

O centro do Natal é o Deus-Menino, ou melhor, o Menino-Deus. O Filho eterno de Deus Pai assumiu nossa humanidade e tornou-se Filho do homem. A partir de seu nascimento, tudo mudou para nossa humanidade. O homem não é mais só homem, mas homem-Deus: ele é, com a Encarnação, convidado a, na graça, tornar-se divino, isto é, deificado, deiforme. Com outras palavras, ele é convidado a ser filho de Deus. O mistério da Encarnação envolve toda a humanidade e todo o universo criado na dinâmica da dádiva e tarefa da filiação divina. Todos os seres e todos os homens são convidados a se tornar irmãos, membros de uma só família, na qual Jesus Cristo é o Primogênito; e seu Pai, nosso Pai comum.

Quem compreendeu e experimentou com imensa alegria, gratidão, fé e amor esse mistério foi São Francisco. Chegou a intitulá-la de *A Festa das Festas* (2C 199). E ele mesmo dava a razão: porque neste dia *O Pai O (Jesus Cristo) fez nascer como verdadeiro Deus e verdadeiro homem da gloriosa sempre Virgem Maria* (RNB 23,3). Por isso, também, *festejava com mais solenidade o Natal do que outras festas do Senhor*. E dava a razão: *porque no dia em que Ele nasceu, tivemos a certeza de que iríamos ser salvos* (LP 110).

Além do mais, Francisco gostava muito de acentuar as dimensões sociais e cósmicas deste evento. Por isso,

queria que, nesse dia, os pobres e os esfomeados fossem saciados pelos ricos, e que se concedesse ração e feno mais abundante que de costume aos bois e aos burros. Até disse: ‘Se eu pudesse falar com o imperador, pediria que promulgasse esta lei universal: que todos, que pudessem, jogassem pelas ruas trigo e outros grãos para que nesse dia, tão solene, estivessem na abundância até os passarinhos e, principalmente, as irmãs cotovias’ (2C 200).

O protagonismo do Menino-Deus, que toma conta de todo o Natal, não obscurece em nada, pelo contrário, só vem enaltecer, de igual modo, a presença e o papel de sua Mãe. Maria, é aquela que com seu “Sim” soube acolher a Palavra eterna do Pai, oferecendo-lhe como primeira morada e pátria seu seio virginal, do qual Ele *recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e*

fragilidade. E, sendo rico... preferiu escolher, com sua bem-aventurada Mãe, a vida de pobreza (2CF 4-5). O Natal sela, assim, o destino único e eterno do Filho e de sua Mãe. A história de um será a história da outra. Onde um estiver, estará também a outra; quando se pensar num, a mente logo tornará presente também a outra.

Por isso, a Igreja não podia fazer um melhor encerramento da oitava do Natal do que celebrar a significativa “Solenidade de Maria, Mãe de Deus”. Santa Clara, na sua *Terceira Carta a Inês de Praga*, lhe recomendava: *Apegate à sua dulcíssima Mãe, que gerou tal grande Filho, que o próprio céu não pode compreender e, no entanto, ela o carregou no pequeno recinto de seu sagrado ventre e o gestou no seio de uma jovem mulher (3 CCL).*

O tempo do Natal encerra-se com o Tempo da Epifania.

Epifania

O termo Epifania vem do grego e significa o movimento de luzir, brilhar, aparecer a partir do alto. A palavra era muito usada para indicar a chegada em público de um rei ou imperador, como também a manifestação de uma divindade. Por isso, não é de estranhar que essa palavra, principalmente no Oriente, tenha sido usada para designar a festa da Encarnação, pois com ela o Senhor fez sua aparição na carne, no mundo e para o mundo.

Por isso, primeiramente, no Oriente, o objetivo dessa festa era celebrar ora o Nascimento de Jesus, ora seu Batismo. Quando a festa veio para o Ocidente, adquiriu um objetivo bem específico: a revelação de Jesus ao mundo pagão, com seus representantes mais expressivos, os Reis Magos. A esse evento associava-se, também, o Batismo de Jesus e seu primeiro milagre nas Bodas de Caná. Por isso, e com razão, a Igreja encerra todos esses episódios no tempo Natal-Epifania com a Festa do Batismo do Senhor.

Assim, a Epifania serve para celebrar, de modo explícito e específico, a universalidade do mistério da Encarnação e a consequente universalidade da Igreja e de sua missão evangelizadora, como podemos ver neste expressivo verso do Prefácio da Epifania: *Hoje, revelastes o mistério de vosso Filho como luz para iluminar todos os povos no caminho da salvação. Quando Cristo se manifestou em nossa carne mortal, vós nos recriastes na luz eterna de sua divindade.*



1º Domingo do Advento

Leituras: Is 63,16b-17.19b; 64,2b-7; Sl 79/80; 1Cor 1,3-9; Mc 13,33-37

Tema-mensagem: Vigieiros porque não sabemos nem o dia e nem a hora em que o Senhor voltará.

Introdução

Damos início, hoje, não apenas à celebração de mais um Ano Litúrgico, mas também do Tempo do Advento. Fazendo a memória da primeira Vinda de Jesus, nosso Salvador, se acende em nós, de novo, a alegria da espera, a certeza da fé e a vigilância para a sua segunda Vinda que é certa, embora não saibamos nem seu dia, nem sua hora, muito menos como virá. É a graça, o espírito do “Advento”, do espírito da espera e da preparação de mais um santo Natal.

1. A necessidade de gritar: nosso Pai (Is 63,16b-17.19b; 64,2b-7)

Advento é o tempo que dá início a um novo Ano Litúrgico. Seu principal objetivo é colocar-nos, de novo, dentro do princípio de nossa história e de nossa vida; de acordar-nos para o Deus e Pai de Jesus Cristo e de tomar consciência de nossa dignidade de filhos seus. Enquanto no mundo ao nosso redor, os homens adormecem no frenesi do ídolo do consumo natalício, nós somos chamados a tomar consciência de quem somos e a ser como discípulos de Jesus Cristo. E quem nos ajuda para isso é o espírito de Isaías e de sua linhagem através de uma incomparável e tocante oração, uma verdadeira joia da literatura e da Teologia Bíblica, considerada como “o primeiro Pai Nosso” ou “o Pai Nosso do Antigo Testamento”.

1.1. Pecar é romper com Deus

Quando essa oração era feita, o Povo de Deus estava saindo e se libertando de uma de suas mais dolorosas experiências religiosas: o exílio, a deportação para o meio dos pagãos, onde perdera toda a sua identidade, sua origem religiosa, divina. Era hora de voltar para casa, para a Terra Prometida e começar tudo de novo. A degradação religiosa do povo não podia ser pior: *Nos tornamos imundície, e todas as nossas boas obras são como um pano sujo; murchamos todos como folhas e nossas maldades nos empurram como o vento* (Is 63,5). O desalento não podia ser mais grave: *Não há quem invoque teu nome, quem se levante para encontrar-se contigo; escondeste de nós tua*

face e nos entregaste à mercê de nossa maldade (Is 63,6). O povo chegara assim a mais profunda experiência e consequência de seu pecado. Como sair dessa situação?

Foi então que o profeta, em nome do povo exclama: *Vós, Senhor, sois nosso Pai e nosso Redentor; desde sempre, é o vosso nome!* (Is 64,7).

Certamente, não há títulos mais expressivos e belos para nosso Deus do que estes: “Senhor”, “Pai”, “Redentor”! O de Pai, inclusive, será o mesmo que, mais tarde, o próprio Filho do homem usará abundantemente para designar sua origem, sua pertença e também para indicar o rumo de toda verdadeira oração. Além do mais, o termo Pai, muito mais que criador, nos transporta para a proximidade, a familiaridade, a intimidade de Deus.

“Pai” quer dizer princípio do ser, fonte da vida, proteção e cuidado pela sua casa (senhorio). “Redentor” (*goel*) quer dizer aquele que se faz próximo para defender, para libertar, para proteger e fazer justiça. São Francisco, na sua “Exposição do Pai-Nosso”, assim comenta a invocação: *Ó Santíssimo Pai nosso: criador, redentor, consolador e salvador nosso!* (EPN 1).

O Pai é criador, princípio e doador do ser a tudo o que é e existe; é redentor e salvador, especialmente pelo envio do Filho, que pela sua santa Cruz nos redimiui; é Deus de misericórdia que se compadece de nós, se compromete em socorrer-nos em nossa miséria; é nosso conforto, isto é, a força em nossa fraqueza, consolação em toda a nossa desolação. São Francisco nos ensina, assim, a agarrar-nos, a confiar-nos ao Pai, desde a obra da criação, desde a obra da redenção e salvação, e desde a obra de nossa eleição e santificação.

De um coração tomado pela angústia, mas também pela fé dos repatriados de todos os tempos, brota então, através do profeta, esta humilde e belíssima prece: *Porque nos deixaste andar tão longe de teus caminhos e endureceste nossos corações para não termos o teu amor?* (Is 63,16). Aqui está a mais clara e expressiva consciência e experiência teológica da origem do pecado: o rompimento com Deus, não buscando mais sua vontade, seu bem-querer de Pai. Tal rompimento transforma a existência humana em errância, desvio, perda de vigor e ruína. Mas, Deus vem ao encontro de seu povo arruinado. Por isso, o profeta diz: *É nestes caminhos de outrora que seremos salvos* (Is 64,4). A obra de argila, que somos nós, racha, se despedaça e se arruína pelo pecado. Mas ela é restaurada e recobra nova consistência quando se entrega nas mãos do seu Oleiro e deixa-se modelar por ele. A árvore que somos nós, murcha sem Ele. Mas, com Ele, ela recobra novo viço.

1.2. A necessidade de uma nova vinda de Deus

Diante de tamanha desgraça e de tão amarga angústia de outrora – a perda de sua própria origem, da fé, da religião e do próprio Deus – e de hoje – a

desertificação da natureza e do coração do homem, causada pela “morte de Deus” no mundo da religião, pela perda da moral, pela corrupção da política, da economia, do trabalho, da família, etc.; diante de tantas esperanças que estão sendo enterradas, o profeta de ontem e de hoje sabe que a salvação só pode vir de Deus, e não pode fazer outra coisa senão gritar: *Oh, se rasgásseis os céus e descêsseis! Ante a vossa face estremeceriam os montes!* (Is 63,19). Eis o grande desejo da Igreja no tempo do Advento, anseio que se renova a cada ano!

Hoje, renovamos este anseio: que Deus rasgue os céus e desça, que ele venha das alturas de sua majestade à baixeza de nossa condição e faça misericórdia para conosco. Com, e como o profeta, este grito vem recheado de fé e de esperança pois outrora *Vós descestes e, perante a vossa face estremeceram os montes* (Is 64,2). De fato, toda a história sagrada não passa de um grande testemunho do quanto Deus veio se inserindo na baixeza de nossa condição, culminando com a Encarnação de seu Filho amado no seio da Virgem Maria (Cf. Fl 2,6-11). Os montes, então, se estremeceram de uma vez por todas: isto é, os grandes e poderosos da humanidade se viram estremecidos diante da grandeza que se revela nesta pequenez e simplicidade de um Deus-homem, um Deus-criança, crucificado e transubstanciado em pão. E conclui o profeta com esta magistral indicação para nossa salvação: é colocando-nos para dentro *dos caminhos de outrora que seremos salvos* (Is 64,4). Eis o sentido da primeira leitura de hoje e de todo o Ano Litúrgico.

2. Cantar o desejo da vinda do Salvador (Sl 79/80)

Fazendo eco à entranhada prece do profeta Isaias, o Salmo de hoje lança, também, a súplica, cheia de desejo ardente, a Deus, para que nos dê a graça de consumir a nossa conversão ou retorno: *Senhor nosso Deus, fazei-nos voltar, mostrai-nos o vosso rosto e seremos salvos!* (Refrão).

Mostrar o rosto significa, aqui, ser benevolente, favorável, gracioso, sorridente. É o contrário de desviar o rosto (ser desfavorável). O fundamento desta confiança está no pertencimento deste Povo a este Deus. Afinal, ele é Pastor e os membros deste Povo são suas ovelhas.

Deus-Pastor e Deus-Agricultor, Povo-grei e Povo-vinha: imagens que o Evangelho irá resgatar de maneira delicada para mostrar a relação de amor e cuidado entre Deus e seu Povo. Esse Povo pode sempre confiar na vinda de Deus, em suas parusias (Adventos, Chegadas), na história: o Pastor não deixará abandonada sua grei, o agricultor não deixará abandonada sua vinha...

3. Necessidade da vigilância e do cuidado (Mc 13,33-37)

Toda a História da Salvação vem perpassada pelo mistério de um Deus que vem para visitar os seus, sua gente, seu povo a fim de libertá-lo e salvá-lo. Daí, também, a insistência dos profetas e do próprio Jesus, como no Evangelho de hoje, para que sejamos atentos, vigilantes e cuidadosos, na espera do Deus que vem.

3.1. Vigilância: cuidar do cuidado no tempo oportuno

No Evangelho, Jesus nos convoca com as palavras: *“Ficai de sobreaviso e vigiai, porque não sabeis quando será o tempo oportuno”* (Mc 13,33). Adormecemos na indolência, na displicência, na negligência. Essas atitudes são o descuido do cuidado. Ora, a vida do homem nasce, cresce e amadurece cercada e enraizada no mistério do cuidado. Por isso, o maior desafio da maturação humana é dispor-se a aprender a cuidar do cuidado da vida no tempo oportuno. O cuidado com a vida é também o cuidado com o tempo e com a morte. Faz parte da condição humana ignorar o futuro. Também os últimos tempos de que nos fala o Evangelho não são manifestos a nós. O mistério a respeito disso nos é salutar. Isso faz com que caminhemos todos os dias como convocados por Deus, na direção das coisas que são mais importantes, essenciais, definitivas, últimas, as coisas do seu Reino e do seu seguimento, sem que nos esqueçamos das coisas secundárias, provisórias, penúltimas. Assim, cada tempo, cada dia, se nos torna tempo oportuno de perseverar na espera do tempo oportuno, do encontro definitivo com Cristo.

Para expressar esse cuidado com o cuidado, o Evangelho de hoje usa o verbo *gregoréo*, que significa: vigiar, velar; ver, olhar, observar, estar atento, como faz o guarda, a sentinela, que, do alto, custodia, guarda a cidade. Neste tempo de tanto descuido com tudo e com todos, principalmente o cristão de hoje, precisa aprender a ser guardador, sentinela atenta, no cuidado da vida – em sua pureza e inocência originária - soante em cada criatura, principalmente, nas mais frágeis e desprotegidas. Por isso, tanta insistência de Jesus na exortação de hoje: *Cuidado! Ficai em guarda, velai! Velai!*

No meio da noite do mundo, com seus sonhos vãos e seus pesadelos demoníacos, é necessário que o discípulo vele. É preciso que seu espírito desperte e se mantenha vigilante, atento, na diligência e solicitude, antes que lhe sobrevenha o sono da morte. Por isso, já alertava São Francisco: *“Os meus irmãos, que se deixam arrastar pela curiosidade da ciência, vão se encontrar de mãos vazias no dia da retribuição. Gostaria que se reforçassem mais com virtudes para que, vindo os tempos de tribulação, tenham o Senhor consigo na angústia”* (2C 195). Aqui, São Francisco adverte não contra a ciência (o

saber), mas contra a curiosidade da ciência, que é o desejo vão de um conhecimento sem compromisso com o bem-viver, a cobiça de “ver” e de se “informar”, que leva a uma dispersão e à perda de si mesmo. O contrário da curiosidade da ciência é o estudo da ciência, isto é, o empenho concentrado e comprometido com a verdade e com o bem, com a transformação e a maturação de si mesmo. E, além de alertar, os exortava: *E recordem-se do que diz o Senhor: ‘Estai atentos, pois, para que vossos corações não se tornem pesados pela crápula e embriaguez e pelos cuidados desta vida e vos sobrevenha repentinamente aquele dia; pois, cairá como um laço sobre todos que habitam a face da Terra’* (RNB 9,14).

3.2. Não o quando, mas o como

A questão essencial desta exortação de Jesus, portanto, não está no *quando* de sua vinda, mas no *como* da sua espera por parte dos discípulos. O cristão precisa aproveitar o momento oportuno da graça que lhe é concedido agora, - neste tempo que vai da Ressurreição até a Vinda definitiva de Cristo - para ir se preparando para o momento do encontro definitivo com Ele. Por isso, para o cristão, a morte se reveste de uma significação grave e decisiva, mas também cheia de esperança: o último dia de sua vida o põe em relação com o “último dia” do encontro definitivo com o Senhor. A partir daí, para o cristão, cada dia, cada instante, cada crise ou acontecimento é momento oportuno (*kairós*) da graça, “momento favorável”, “dia da salvação” (2Cor 6,3). Para tornar mais concreta e explícita a necessidade e a importância de como devemos portar-nos neste tempo de espera de sua segunda Vinda, Jesus, com a brevidade de mestre, cria a parábola do homem que parte para o estrangeiro.

Nessa comparação, o Senhor da casa é, evidentemente, Ele mesmo. A casa é a Igreja. A autoridade que o Senhor dá aos seus servidores é o Espírito Santo. De fato, é ele que faz aumentar e crescer e amadurecer a vida em nós. O porteiro e os servos são os discípulos. Com efeito, todos precisam estar de guarda à porta de seu coração, contra os assaltos do Adversário, isto é, dos espíritos enganosos e impuros dos vícios e dos pecados. Todos precisam velar na espera do inesperado do Advento de Cristo. Todo o momento guarda a iminência do encontro definitivo de cada um com Cristo, na morte.

A espera do fim, porém, se transforma, para o cristão, numa esperança alegre e paciente. Paciente, pois a certeza de que a esperança não decepciona dá firmeza para sustentar os sofrimentos do tempo presente. Alegre, pois, a exemplo dos primeiros cristãos, a expectativa de encontrar Cristo como o Bem-amado da própria alma é alvissareira e concede a jovialidade da vida. Esta esperança é vivida como serviço à Casa de Cristo, isto é, à sua Igreja. Cada um se empenha em realizar seu trabalho, segundo a autoridade que lhe

foi dada sobre a Casa, isto é, o dom do Espírito Santo e seus carismas. Cada um, segundo as capacidades que lhe foram dadas e segundo o serviço de que foi incumbido, solícito no cuidado de tudo e de todos, se prepara, assim, para, como servo bom e fiel, entrar na alegria do seu senhor.

4. Perseverar num procedimento irrepreensível (1Cor 1,3-9)

Toda expectativa, toda esperança, anunciadas pelo profeta acerca da nova libertação dos tempos messiânicos e consumadas por Jesus Cristo, são vividas intensamente como graças pelos primeiros cristãos. É o que proclama São Paulo aos coríntios: *Dou graças a Deus sempre a vosso respeito por causa da graça que Deus vos concedeu em Jesus Cristo. Nele fostes enriquecidos em tudo* (1Cor 1,4).

Para Paulo, cristãos são aqueles que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo como “Senhor” deles e nosso. Por isso, para ele, Jesus Cristo é o único responsável pelos inúmeros dons com os quais a comunidade se vê enriquecida. Por isso, a Comunidade deve estar sempre aberta ao seu Senhor, reconhecendo que a fé lhe foi concedida do alto como dom puramente gratuito. Por isso, insiste: *Assim, não tendes falta de nenhum dom, vós que aguardais a revelação do Senhor nosso, Jesus Cristo* (1Cor 1,7).

A comunidade cristã, porém, está inserida na história e empenhada no seu andamento e progresso, mas está sempre atenta a algo maior, que a transcende. Por isso, às vezes, parece ser até um corpo estranho no meio dela. Vive de uma nostalgia e de uma esperança que não podem ser encaixadas nos organogramas e planos da busca de um simples bem-estar ao nível ou dimensão da sociedade meramente humana. Por isso, o cristão deve *perseverar num procedimento irrepreensível até o fim, até o dia de nosso Senhor Jesus Cristo* (1Cor 1,8).

Conclusão

A graça de mais um Ano Litúrgico, de mais um Advento, nos leva à disposição de acolher o dom do nosso princípio, que não é outro senão o mistério do Filho de Deus. Ele vem fazer-se Filho do homem para que nós, pobres humanos, Nele nos tornemos filhos de Deus, filhos de seu Pai e nosso Pai.

Também nisto, São Francisco, o *homem escatológico*, o *novo evangelista deste último tempo* (1C 89), o *profeta do nosso tempo* (2C 54), o *homem novo e do outro mundo* (1C 82), nos deixa um belo e admirável exemplo. Diz um de seus hagiógrafos:

Embora já consumado em graça diante de Deus e resplandecendo em obras diante dos homens deste mundo, o santo pai estava

sempre pensando em empreender coisas mais perfeitas e, como soldado veterano das batalhas de Deus, provocava o adversário para novos combates. Propunha-se a grandes proezas, sob a orientação de Cristo e, mesmo semimorto pela falta de saúde, esperava triunfar do inimigo numa nova refrega... Ardia, por isso, em um desejo enorme de voltar aos primórdios da humildade, e seu amor era tão grande e alegremente esperançoso, que queria reduzir seu corpo à primitiva servidão, embora já estivesse no limite de suas forças. Precisando moderar seu rigor antigo por causa da doença, dizia: “Vamos começar a servir a Deus, meus Irmãos, porque até agora fizemos pouco ou nada” (1C 104).



2º Domingo do Advento

Leituras: Is 40,1-5.9-11; Sl 84 (85); 2Pd 3,8-14; Mc 1,1-8

Tema-mensagem: Preparemos o caminho do Senhor e endireitemos suas estradas porque sua vinda está próxima.

Introdução

Domingo passado, com a abertura de mais um Advento e do ciclo de mais um novo Ano Litúrgico, celebrávamos o princípio de nossa vida, de nossa origem, de nossa história: Deus, nosso Pai, que deseja enviar-nos seu Filho para ser o Deus-conosco e o protótipo de todo homem, de toda a humanidade. Hoje, no segundo Domingo do Advento, o profeta Isaías e João Batista vêm nos anunciar que este *Deus, nosso Salvador e Consolador, está para chegar!* (Cf. Mt 3,3). Por isso, logo acrescenta: *Preparai seu caminho e endireitai suas estradas! Confessai vossos pecados e convertei-vos!* (idem).

1. O anúncio da grande teofania do perdão e da redenção (Is 40,1-5.9-11)

A Palavra que nos introduz no mistério deste Domingo é uma pequena perícopete do livro da Consolação do profeta Isaías, cujo nome, “Yesá éyah”, significa, justamente, “Aquele que salva”. O momento era de esperança para os israelitas. O famigerado império babilônico, que os escravizara, estava entrando num célere processo de declínio e decadência. Por outro lado, Ciro, rei dos persas, que estava em prodigiosa Ascensão, começou a ser visto como um enviado de Deus para ser seu futuro libertador. Assim, a volta para a Terra abençoada, para o templo sagrado e para suas famílias parecia estar chegando.

Reacende-se no coração dos exilados a chama do mistério da eleição divina, de um Deus que continua amando seu povo, apesar de seus pecados e infidelidades; um Deus-Pai misericordioso e Pastor, disposto a libertá-lo novamente da escravidão e reconduzi-lo, de volta, para à Terra da promessa.

1.1. Consolai, consolai

O Livro da Consolação, atribuído a Isaías, começa assim: “*Consolai, consolai, meu povo! Falai ao coração de Jerusalém e dizei em alta voz que sua escravidão terminou e a expiação de suas faltas foi cumprida!*” (Is 40,1-2a). Estamos diante do anúncio da melhor, da mais bela e clara expressão dos

sentimentos de Deus em relação ao seu povo perdido: o perdão e a redenção. Por isso, o Senhor pede ao seu mensageiro, Isaías, que grite bem alto e por duas vezes, a fim de que ninguém deixe de ouvir. Deus deseja perdoar, Deus quer redimir seu povo.

A desolação havia assolado o coração daquele Povo. Seu coração tornara-se árido como o deserto. As fontes da esperança haviam secado. Minguara-se o viço e o vigor da vida. O povo estava abatido, aniquilado. Os homens costumam temer a destruição, mas não percebem a ameaça da aniquilação. A destruição acaba com o que é. A aniquilação, com o que pode ser. A aniquilação traz a desertificação das fontes criativas da vida, espalha o deserto dentro dos homens, nos seus corações. Enfim, acaba com o alento da esperança.

Em nosso tempo, com todo seu niilismo que nos rodeia e cujo espírito respiramos, a desertificação da vida tem crescido e se espraiado nos corações humanos. Onde se dá o deserto, ali se dá uma solidão negativa, que é desolação e assolamento de toda esperança. Aumentam, assim, os tormentos dos homens. Mas, hoje, para este coração desolado e atormentado, Deus envia a palavra da consolação, por meio do profeta: *“Falai ao coração de Jerusalém e dizei-lhe em alta voz que terminaram os seus trabalhos e está perdoada sua culpa porque recebeu da mão do Senhor duplo castigo por todos os seus pecados”* (Cf. Is 40,2).

A palavra da consolação deve ser dita ao coração, isto é, ao âmago, ao centro do ser humano, onde pulsa a vida, a cadência de seu existir. Deus fala ao coração de seu Povo como o amado fala à amada, a mãe ao filho, o pastor à ovelha. O viço e o vigor do coração, então, retornarão, pois, o perdão anula os pecados do passado e abre a esperança para o futuro, *porque a boca do Senhor falou* (Is 40,6).

1.2. Rebaixemos os montes e endireitemos o que está torto

Uma voz clama! A voz é de Isaías, mas a palavra, a mensagem é a vontade, o desejo de Deus, nosso Pai. Qual vontade, qual desejo? *“Preparai no deserto o caminho do Senhor!”* (Is 40,3). “Deserto”, na tradição bíblica sempre teve o significado de lugar dos grandes desafios, encontros e alianças com Deus; teve, também, o significado de “caminho” como um estilo, um modo de viver, uma forma de vida, boa ou má, em relação a Deus ou de Deus em relação aos homens.

É nesse sentido que João Batista, no Evangelho de hoje, fala em *preparar o caminho do Senhor*, e Jesus, mais tarde, dirá que Ele é o “caminho”, isto é, o modo, o projeto, o estilo de viver que leva à Vida, à salvação. Nos primórdios do Cristianismo, ser cristão não significava tanto seguir uma religião, uma doutrina e, muito menos, um sistema religioso. Significava, antes, um cami-

nho, um percurso, uma aventura: o caminho, o percurso, a aventura do Filho de Deus que deixa a condição de Deus para, desde a concepção no seio da Virgem Maria até a morte na Cruz, percorrer o caminho humano da humildade e da subalternidade. Mais tarde, no século XIII, também São Francisco retoma esse sentido de ser cristão, proclamando que a Vida e a Regra da Ordem dos Frades Menores é esta: seguir Jesus Cristo, observando seu santo Evangelho (Cf. RNB 1).

Para o profeta, diante de uma teofania tão grandiosa e estupenda, não basta falar. É preciso subir a um alto monte e gritar. Gritar tem um quê de soprar alto, exclamar – soltar para fora o ar, o espírito profético, a convocação de Deus. E, de nossa parte, é preciso ouvir o clamor desta voz que convoca de novo, como outrora no Egito, no deserto. Ouvir, bem ali, onde a desolação do consumismo, da globalização e do despotismo do paradigma tecnocrático (Cf. LS 106), bem como do antropocentrismo moderno (idem, 115), do absolutismo da economia, movida pela cobiça do lucro, da política sem compromisso com o bem comum e com a coisa pública, nos assolam e desolam. E, bem aí mesmo, preparar o caminho do Senhor, que nos conduz da escravidão à liberdade, do tormento à paz.

A Palavra do Senhor convoca a sair da depressão e encoraja a erguer o ânimo e se dispor a trilhar o caminho: todo o vale será elevado! Convoca à humildade, à minoridade, à pobreza, à cruz: toda colina será rebaixada. Promete, ao mesmo tempo, que a graça do Senhor tornará fácil aquilo que parece difícil aos olhos humanos: “A sinuosidade será endireitada e as sendas escarpadas, suavizadas”. E o Senhor promete revelar-se em seu esplendor: *A glória do Senhor se descobrirá* (Is 40,5). O homem fraco revigorar-se-á com esta manifestação do brilho do Senhor! Toda carne, isto é, todos os homens, mortais, frágeis, juntos verão o Senhor.

1.3. O sumo da teofania

Além do mais, se outrora Deus se servia de intermediários, agora é Ele mesmo que vem em sua verdade mais verdadeira e pura, a ponto de se poder apontar e dizer: *Eis aí vosso Deus!* (Is 40,9). Virá como um pastor que cuida de seu rebanho e dá sua vida pelas suas ovelhas, um rei que realiza sua realeza como serviço; um rei tão amoroso a ponto de, como pastor, carregar as ovelhas em seu próprio colo, a fim de guiá-las da escravidão à liberdade, da desolação à consolação, da esterilidade do deserto à fecundidade da terra boa da promessa. Eis a boa nova que o evangelista de Jerusalém tem a dizer. Essa boa nova se tornará realidade com o Advento de Jesus Cristo, que foi preparado por João Batista. Ora, como não se consolar diante de tão bela e auspiciosa mensagem!? Como não esperar de novo a salvação!?

2. Jesus Cristo, o Filho de Deus, Princípio da Boa Nova (Mc 1,1-8)

Em tom solene, a modo dos apresentadores de grandes espetáculos, Marcos começa assim sua missão de evangelista: *Início do Evangelho – da Boa, da Grande, Alegre Notícia – de Jesus Cristo, Filho de Deus!* (Mc 1,1).

Início, aqui, tem o significado de fonte, origem. Na origem, portanto, de toda sua Boa Notícia está alguém que é de origem divina: Filho de Deus, mistério dos mistérios, Jesus Cristo.

2.1. João Batista, o preparador do caminho do Senhor

Feito o anúncio de sua obra, Marcos faz questão de assentar a autoridade de sua mensagem no grande profeta Isaías¹: *Vou enviar à tua frente o meu mensageiro, que preparará o teu caminho. Uma voz clama no deserto: ‘Preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas!’* (Mc 1,2).

João é apresentado por Marcos como o mensageiro (*ángellos*) que vem para convocar o Povo a preparar as vias da chegada do Messias, numa via de retidão, isto é, de justiça. Alguns Padres da Igreja (Ambrósio, Remígio) identificam ou comparam Marcos com a figura do leão, pois ele começa sua narrativa evangélica com a voz de João Batista, que clama no deserto, como o rugido de um leão no ermo, manifestando seu poder.

João Batista é chamado “anjo” (*ángellos*) pela dignidade do seu ofício, a saber, de ser mensageiro da boa nova de Deus. Todo aquele que é mensageiro do Evangelho é anjo de Deus, por ofício. Este mensageiro está ante à face do Senhor, caminha na sua proximidade, como seu precursor: aquele que abre o caminho para Ele.

Ele é também chamado de “voz”. A obra da voz é servir de veículo para deixar chegar a palavra aos ouvidos dos homens. João era a voz. Cristo, a palavra de Deus, que se encarnou e veio habitar entre os homens. É uma *voz que clama*, isto é, voz potente, destinada a romper a surdez dos homens e a chegar aos que estão longe de Deus. É uma voz que clama *no deserto*: convoca os homens a uma nova travessia para a liberdade, através do embate e combate, da prova, do perigo, da escassez, da penúria, da indigência, da desolação, como outrora aconteceu no deserto, sob a guia de Moisés, com o Povo da antiga aliança. A missão desta voz é preparar os caminhos do Senhor, para que Ele possa chegar aos corações dos homens. Ele o faz pela pregação da penitência, isto é, da mudança de mente, de pensamento, de orientação de vida.

¹ No entanto, a citação é um mosaico de várias passagens (Ex 23,20; Is 40,3 e de Mal 3,1).

Temos nós, hoje, clareza de que este é, certamente, o âmago de nossa missão, da missão da Igreja: Preparar os caminhos do Senhor e não os da Igreja, muito menos os nossos!? Falando dessa distorção, o Papa Francisco nos alerta para o fato de que muitos cristãos se preocupam mais com o prestígio da Igreja do que com o Evangelho e de sua real inserção no povo e nas necessidades concretas da história (Cf. EG 95).

2.2. O Batismo de conversão

À semelhança de Jesus, também de João Batista nada sabemos de sua juventude. Filho da linhagem sacerdotal, devia estar no templo! No entanto, num dado momento de sua vida, abandona sua família, sua terra natal e, principalmente, seu sacerdócio para exercer outro ofício, bem mais eficaz que aquele exercido por seu pai Zacarias, e se retira para o deserto, às margens do rio Jordão a fim de *pregar um Batismo de conversão*. Tudo o que faz e prega revela ser um homem inspirado e arrebatado pelo Espírito, *um profeta e mais que um profeta* (Lc 7,26). Por isso, as multidões acorrem a ele, depositando nele toda sua confiança e esperança.

Com seu olhar de profeta vê claramente que na raiz de toda aquela decadência há somente uma causa: o pecado. Israel havia trocado Deus, seu Deus, por si mesmo. Se no passado havia adorado ídolos de barro ou de ouro, agora adorava a si mesmo, suas leis e tradições, sua religião, esquecendo o Senhor da lei, das tradições, da Religião e do próprio Templo.

Para sair deste pecado, o homem precisava de uma purificação radical. Só depois poderia sair de seus pecados e refazer sua aliança com Jahvé, através de um “Batismo de conversão”. O rito de purificação, adotado por João, também é inteiramente novo. Não era a pessoa mesma que se banhava e se purificava, mas ele, o batizador, é que, em nome de Deus, mergulhava inteiramente o penitente para o profundo das águas do rio Jordão. O significado era simples e provocante: para refazer ou inaugurar uma nova aliança com Deus, deve haver uma conversão, uma volta radical para o projeto de Deus; uma conversão que deve nascer, portanto, do âmago mais profundo da pessoa.

Aqui, tudo é simbólico, a começar pelo próprio nome “João”. São Jerônimo lembra que este nome significa “graça de Deus”. Eis, portanto, que João aparece no deserto anunciando a graça de Deus. Deserto, por sua vez, é o lugar onde nasceu o antigo Povo de Deus através de sua aliança; lugar para onde sempre deve retornar a fim de fortalecer e restabelecer a aliança, rompida pela infidelidade a Deus. Além do mais, lá no deserto não chegavam as interferências das autoridades religiosas, dos mestres da lei, dos fariseus com suas condenações. Pode-se, sim, ouvir Deus no silêncio e na solidão. O rio Jordão, por sua vez, nos recorda e refaz a alegria e o vigor da passagem

definitiva da escravidão do Egito para a liberdade dos eleitos e protegidos de Deus.

O homem que tinha dado as costas para o mistério de Deus, precipitando-se no mundo do pecado, agora dá as costas para as preocupações mundanas e pecaminosas, e se volta para Deus. Eis o retorno! João é o amigo do esposo que leva a esposa ao encontro do esposo, como outrora um criado levava Rebeca a Isaac (Cf. Gn 24), nos sugere São Jerônimo. E todas as gentes das redondezas (Judeia, Jerusalém) iam ao seu encontro no rio Jordão. A esposa vai ao encontro do Esposo. Ela se dispõe a este encontro pela confissão de seus pecados. Assim se dispõe a se tornar pura para o seu Esposo.

João, porém, sabia que seu Batismo era provisório, apenas uma preparação para o definitivo. Por isso, proclamava: *“Depois de mim, virá alguém mais forte que eu... Eu vos batizei com água, mas Ele vos batizará com o Espírito Santo”* (Mc 1,7-8). João anunciava que, depois dele, vinha o *mais forte* do que ele. Eis sua humildade. Ele era o maior entre os nascidos de mulher (Lc 7,28) por causa de sua humildade, isto é, por fazer-se menor. A graça, que seria comunicada na pessoa de Jesus Cristo, seria imensamente, sim, infinitamente, maior e mais potente! Na verdade, ele nem pode ser comparado com o Messias. Por isso, dizia: “Eu não sou digno, em me abaixando, de desatar as correias de suas sandálias”. Isto quer dizer: não era digno nem mesmo de ser considerado servo do Cristo. Que ele seja o amigo do Esposo é pura graça. João era o mensageiro; Jesus, o Rei. João era a voz; Jesus, a Palavra. João era o amigo do esposo; Jesus, o Esposo.

Quando acontece esse retorno da mente – dá-se uma transformação no intelecto, isto é, no modo de compreender a realidade como um todo e na vontade, isto é, no modo de querer. São Beda ensina: a imersão no Espírito Santo aconteceu não só em nosso Batismo, mas acontece cada dia, quando somos inflamados pelo seu fogo divino. Quando isso acontece, então dá-se o feliz encontro, cantado pelo salmista hoje: encontraram-se a misericórdia e a fidelidade, abraçaram-se a paz e a justiça; a fidelidade germina da terra e a justiça desce do céu.

3. Uma vinda demorada, mas certa (2Pd 3,8-14)

A esperança acerca da segunda vinda de Jesus e, com ela, a possibilidade de encontrar-se com Ele, pessoalmente, era muito forte e vivamente desejada entre os primeiros cristãos. Como, no entanto, ela parecia tardar ou não acontecer, muitos fiéis começaram a desanimar e a perder a fé. Para combater este perigo São Pedro escreve a 2ª Carta, da qual a Liturgia de hoje escolheu um pequeno trecho para a segunda leitura.

Pedro insiste: *O Senhor não tarda a cumprir sua promessa, como pensam alguns, achando que demora. Está apenas usando de paciência para convosco. Pois não deseja que alguém se perca* (2Pd 3,9). E o argumento é muito simples: o tempo de Deus não é o nosso tempo. Ele se rege pelo tempo da eternidade, isto é, da paciência infinita e nós pela pressa da caducidade. Além do mais, os cálculos acerca da parusia são anti-evangélicos, pois o Senhor virá quando menos o sabemos e menos o esperamos. Por isso, conclui com esta bela exortação: *Caríssimos, vivendo nessa esperança, esforçai-vos para que Ele vos encontre numa vida pura e sem mancha e em paz!* (2Pd 3,14). Ou seja, a questão não é quando, mas como nós aguardamos a vinda do nosso Senhor, nosso amado esposo.

Conclusão

Também a penitência ou conversão, princípio e caminho de toda a salvação - ao longo de toda a História do Povo de Deus e da Igreja - conheceu tempos de maior ou menor pureza. Se, muitas vezes, foi compreendida e exercitada apenas em sua dimensão ascética, moralista ou jurídica, com o Vaticano II, está sendo retomada a partir de sua essência: *a fidelidade a Jesus Cristo* (EG 26). Neste mesmo sentido, também fala o Papa Francisco: *Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: 'Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar minha aliança convosco. Preciso de vós. Resgatai-me de novo, Senhor. Aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redentores!'* (EG 3).

Também aqui São Francisco pode nos ajudar. Ouçamos o que diz São Boaventura a este respeito: *Sendo igualmente ele anjo de verdadeira paz, foi destinado por Deus, segundo também à imagem e semelhança do Precursor, a preparar no deserto o caminho da mais alta Pobreza e a pregar a penitência, tanto pelo exemplo como pela palavra* (1B Pró).

Para ele, fazer penitência não era uma coisa de momento, dias, semanas ou meses, mas uma forma de vida: viver a Vida de nosso Senhor Jesus Cristo, observando seu Evangelho (Cf. RNB e T). Por isso, para si e seus primeiros companheiros, no princípio da Ordem, escolhera a denominação de: “penitentes” (Cf. LTC 37). Do mesmo modo, para ele, seguindo seu Mestre, a penitência evangélica, a exemplo do filho pródigo, era a alegria perfeita de poder estar no caminho de retorno à sua origem, ao paraíso perdido, à casa do Pai; caminho inaugurado por Jesus Cristo quando se encarnou no seio da Virgem Maria, e foi consumado na Cruz quando gritou: “*Meu Elohim (Deus), meu Elohim (Deus), por que me abandonaste?!*” (Mc 15, 34).

Por tudo isso, não deixemos que nos roubem o júbilo da penitência evangélica!



3º Terceiro Domingo do Advento

Leituras: Is 61,1-2ª.10-11; Sl Lc 1,46-54; 1Ts 5,16-24; Jo 1,6-8.19-28

Tema-mensagem: Alegrai-vos porque o Senhor está para chegar e, com Ele, sua paz

Introdução

Ao acendermos, hoje, a terceira vela da coroa do Advento, acende-se em nós, com mais intensidade ainda, a alegria evangélica. Isso porque o Senhor está para chegar e com ele sua paz. Por isso, o Domingo de hoje é chamado “Domingo da Alegria” e a antífona que nos introduz neste mistério reza: *Alegrai-vos: Ele está bem perto. Sim, alegrai-vos sempre mais no Senhor!* (Fl 4,4.5). A alegria, aqui, portanto, não é um sentimento apenas, mas uma pessoa: o Senhor, o *Dominus*, Jesus Cristo, a “Alegria dos homens” (Bach).

1. O profeta Isaías e seu anúncio acerca do futuro Messias (Is 61,1-2ª.10-11)

Quem nos introduz no mistério da alegria cristã, celebrada hoje, é o profeta Isaías: *O espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos pobres...* (Is 61,1).

O mistério da unção, marca toda a caminhada da História sagrada do povo de Deus, do Antigo e Novo Testamento. Desde Jacó - que aspergiu óleo sobre a pedra que lhe servira de travesseiro na noite em que o Senhor lhe apareceu em sonho – até o dia de hoje, a unção sempre expressa uma presença especial e marcante de Deus, principalmente quando se trata de pessoas.

Porém, todas as unções, tanto do antigo como do novo Testamento, têm como único objetivo: preparar o ungido para acolher o Senhor, o Ungido por excelência, o Messias. Por isso, a relação entre o mensageiro e o Espírito é toda própria: o Espírito sobrevém a ele e dispõe dele para si.

A experiência que os homens bíblicos fazem do Espírito não se expressa apenas em forma de quietude, mas, também e principalmente, em forma de força, de entusiasmo como se pode ler nestas passagens: *Sobre ele repousará o Espírito do Senhor...* (Is 11,2); *Eis o meu servo que eu apoio, o meu eleito, ao qual minh'alma quer bem, pus sobre ele o meu Espírito* (Is 42,1); *O Espírito do Senhor está sobre mim...* (Is 61,1). E, diante de tão grande efusão do

Espírito, o ungido não se contém: *Exulto de alegria no Senhor e minh'alma regozija-se em Deus!* (Is 1,10).

2. O profeta que viu, batizou e testemunhou o Ungido por excelência (Jo 1,6-8.19-28)

Mas, quem é esse ungido, anunciado pelos profetas e tão esperado e desejado pelo Povo de Deus? A resposta começa a ser-nos dada por João Batista na perícope do Evangelho de João, proclamada na Missa de hoje.

2.1. João, o gracioso de Deus

No Evangelho de hoje, João, ao contrário de Lucas, por exemplo, faz questão de começar sua narrativa ignorando a origem de João Batista. A ascendência de João não importava. O que importava era sua missão. Com isso, fica bem claro que ele *era um enviado de Deus* para dar testemunho de Jesus Cristo. Esse sim, mesmo sendo verdadeiramente homem, era, todavia, mais do que um simples homem: *era o Verbo* (Jo 1,1), *o Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade* (Jo 1,14).

Seu nome, João, tem a ver com seu envio: "*Johanán*" significa, "*o Senhor Deus é gracioso*". Ele foi enviado para dar a conhecer ao mundo a graça, que era oferecida aos homens no Messias, o Ungido de Deus: Jesus; veio para dar testemunho da luz, que era o Filho unigênito de Deus, Jesus Cristo. Não que Ele, o Cristo, necessitasse de tal testemunho. Antes, eram os homens que precisavam deste testemunho a fim de que crendo Nele, isto é, em aderindo ao seu amor, pudessem se tornar, também eles, *filhos de Deus* (Jo 1,13). João era apenas o mensageiro, aquele que não falava a partir de si, mas Daquele que o enviou para anunciar, Daquele que virá depois dele, mas que já existe, bem antes dele. Eis seu ofício, seu ministério.

2.2. A série de "nãos" no testemunho de João

O Evangelho nos faz ver *o testemunho ("martyria") de João, quando os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para o questionar: 'quem és tu?'* (Jo 1,19). Eles estranhavam o seu aparecimento no deserto, longe do Templo e da capital sagrada. Por isso, se perguntavam sobre a autoridade a partir da qual ele, João, batizava e propunha um Batismo de conversão.

João pertencia a uma família sacerdotal. Mas não agia como sacerdote. Parecia mais um profeta e até mesmo o próprio Messias. Em face a esta expectativa, ele faz uma declaração sem restrição: *Eu não sou o Messias* (Jo

1,20). São Gregório comenta: João negou claramente o que não era, porém, não negou o que era. Disse, pois, a verdade a respeito de si mesmo. São João Crisóstomo considera que os judeus manifestavam certo respeito por João, o que não acontecia em relação a Jesus. João era da Judeia, de família sacerdotal, um religioso, portanto. Jesus não! Era, simplesmente, filho de um carpinteiro e, ainda mais, da Galileia (Cf. Mt 13,55), terra de pagãos e de judeus degenerados. Por isso, para interrogar a João eles não enviam quaisquer uns, mas pessoas ilustres, da capital, Jerusalém, e ligadas ao Templo: sacerdotes e levitas. Não entendiam como João se colocasse abaixo de Jesus. Por isso, a Jesus enviam simples servos e herodianos.

Começa, então, o diálogo, mais precisamente, o questionamento: “*Quem és tu?*” “*És Elias?*” Ele respondeu: “*Eu não sou Elias*” (Jo 1,21). Como conciliar, então, essa palavra de João, aqui, com esta de Cristo, que diz: “*Se quiserdes compreender-me, ele é o Elias que deve voltar*” (Mt 11,15)? São Gregório Magno esclarece, evocando a menção do pai de João, o sacerdote Zacarias, que disse: *E ele mesmo caminhará à sua frente, sob os olhos de Deus, com o espírito e o poder de Elias* (Lc 1,17). João, pois, não era a pessoa de Elias, mas agia com o modo de ser e com a virtude profética de Elias. De fato, esperava-se que o profeta Elias, às vésperas do Juízo Final, viesse fazer aos homens uma última exortação penitencial (Cf. Mt 3,23; Ecl 48,10-11). João nega que fosse Elias em pessoa, em carne e osso. Pois o entendimento deles era carnal. Mas, realizava, em sentido espiritual, a missão de Elias: a exortação à penitência em face dos últimos tempos.

Eles, porém, não entendem e não se dão por satisfeitos. Por isso, seguem questionando azedamente: “*És tu o Profeta?*” Ele respondeu: “*Não!*” A pergunta fazia sentido, pois no livro do Deuteronômio escutamos a fala do Senhor que diz a Moisés: “*É um profeta como tu que suscitarei do meio dos teus irmãos; porei minhas palavras em sua boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar*” (Dt 18,18). João, no entanto, reconhece que esta missão de mediador não pertencia a Ele, mas sim ao Cristo. E, por isso, diz seu último “*Não!*” (Jo 1,21).

1.3. A identidade de João na dinâmica na História da Salvação

Perturbados, interiormente, porque na verdade eles não estavam interessados na verdade e, sim, apenas em condenar a pessoa e em impugnar o trabalho do Batista, os enviados dos maioraes de Jerusalém prosseguem: “*Quem és tu? (...). Quem és, então? (...) Quem és afinal?*” (Jo 1,19-22). E João responde: “*Eu sou a voz daquele que clama no deserto: ‘aplanai o caminho do Senhor’, como disse o profeta Isaías!*” (Jo 1,23).

João era a voz; Cristo, a Palavra, o Verbo de Deus, *que estava voltado para Deus, que era Deus* (Jo 1,1). A voz soa para que se possa ouvir a Palavra. João era a voz, que precedia a Palavra, o precursor cuja missão era preparar os homens para ouvir a Palavra, o Verbo encarnado de Deus. Orígenes observa que João não era a voz que clama no deserto, mas, antes, a voz Daquele que clama no deserto. João era a voz que ressoava em favor de Cristo: “*Endireitai o caminho do Senhor*” (Jo 1,23). São Gregório esclarece: o caminho do Senhor é endireitado em direção do coração quando se ouve com humildade a Palavra da verdade e se a põe em prática na vida.

Os enviados dos judeus, indagam, então, a João, pela autoridade com que ele batiza: “*Se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o Profeta, por que batizas?*” (Jo 1,25). O escopo deles não era colher a verdade, mas impedir que João seguisse batizando. O Batismo de João parecia-lhes, pois, um atrevimento. Com mansidão e humildade, mas com firmeza e clareza, João responde: “*Quanto a mim, eu batizo na água. No meio de vós está aquele que vós não conheceis; ele vem depois de mim e eu nem sou digno de desatar a correia da sua sandália*” (Jo 1,26-27). Ele era um precursor (aquele que corre antes) do Cristo, no anúncio em favor da graça e do Batismo.

Como precursor, João não aponta para si, mas para a excelência do Cristo. Nem pode haver comparação entre ele, João, e este, Cristo. O “não ser digno de desatar a correia da sua sandália” quer dizer: João nem mesmo pode se colocar entre os seus servidores mais humildes. A humildade de João é, então sua grandeza. Quanto mais humilde, quanto menor um homem se fizer, tanto maior ele é diante de Deus. No entanto, aqueles que, uma vez inaugurado o Reino, na ordem da graça e por causa da graça, seguem o Menor dos menores, o Máximo que se faz mínimo, o Senhor que se faz servo, Jesus Cristo, são maiores do que ele (Cf. Mt 11,11). Por isso, depois, São Francisco, quando desejou escolher um nome que identificasse a ele e a seus irmãos, disse e escreveu na Regra: “*Quero que esta Fraternidade seja chamada Ordem dos Irmãos Menores*” (1C 38).

No quarto Evangelho, o Batista é reduzido ao essencial... Sua voz não nasce da estratégia política nem dos interesses religiosos. Vem do que o ser humano escuta quando se aprofunda no essencial. O pressentimento do Batista pode resumir-se nesta forma: ‘Há algo maior, mais digno e esperançoso do que o que estamos vivendo. Nossa vida deve mudar radicalmente. Não basta frequentar a sinagoga todo sábado, não adianta nada ler rotineiramente os textos sagrados, e é inútil oferecer regular-

mente os sacrifícios prescritos pela lei. A religião, por si só, seja qual for, não dá vida. É preciso abrir-se ao mistério do Deus vivo'.²

3. Uma alma que exulta de alegria (Lc 1,48-54: Salmo responsorial)

A Liturgia de hoje, não podia ter escolhido melhor texto para meditar e aprofundar a alegria do anúncio da proximidade da Vinda do Ungido e Salvador dos homens – a alegria evangélica - do que o famoso “Magnificat” de Maria.

Também sobre ela, proclama São Francisco, *eleita pelo santíssimo Pai do céu, a quem consagrou com seu santíssimo dileto Filho, pousou o Espírito Santo Paráclito* (SVM). Diante de tão inaudito mistério não podia fazer outra coisa senão proclamar, alto e bom som: “*A minha alma engrandece o Senhor e se alegrou o meu espírito em Deus meu salvador, pois Ele viu a pequenez de sua serva...*” (Lc 1,46-48).

Engrandecer a Deus significa pensar grande somente Dele e de ninguém mais, e não pedir nada para nós mesmos. Disso se pode concluir que Maria teve muitos motivos para cair e pecar, como comenta Lutero:

Assim ter escapado da arrogância e da vaidade não é um milagre menor do que ter recebido esses bens. Você não percebe o quanto é maravilhoso esse coração? Como mãe de Deus, Maria se vê elevada acima de toda as pessoas. Mesmo assim ela continua tão simples e serena, que não teria considerado nenhuma empregada inferior a si. Somos gente pobre! Por isto é lamentável que usemos esse precioso cântico de modo completamente destituído de força e graça. Cantamos apenas quando estamos bem; mas quando as coisas vão mal, termina o canto. Em seu relacionamento com Deus, há uma grande diferença entre o rico e o pobre. Enquanto o segundo é capaz de louvar a Deus, quando nada tem, o primeiro não é capaz de louvá-lo, mesmo quando cheio de bens. (*Magnificat, o louvor de Maria*, Lutero, Sinodal, Santuário, pp. 34 e 36).

Maria torna-se, assim, o protótipo dos pequeninos, dos pobrezinhos, dos humildes e humilhados (*anaviîms*), isto é, dos desprovidos de poder. São os que estão fora de todo esquema, de todo o plano, do poder. Da gratuidade e da graciosidade de Deus em favor destes é que surge um mundo

2 PAGOLA, José Antônio. *O caminho aberto por Jesus - João*. Petrópolis, Vozes, 2013, p. 27.

próprio, um novo mundo, uma nova humanidade, o “reino de Deus”. Deus tem uma especial predileção por este ser humano, este *vivente*, vulnerável, que estremece, que se aflige, que tem que suportar e padecer agruras, necessidades, privações, desamparos, que *caminha curvado e enfraquecido, com o olhar desfalecido e a alma faminta*³. Ele ama os humildes com ternura. Aqueles que conhecem o frêmito da vida. Os de “substância vexada”⁴. Os que caminham em “temor e tremor”. Eles se tornam o templo, a morada, o habitáculo onde repousa o Espírito do Senhor. O estremecimento, aqui, é *fraqueza e ternura*. É o toque do *nada* do *mistério* e do *mistério* do *nada*, o *sentido do ser*, que, na experiência da fé, como em São Francisco, se dá com o nome de *Senhora Pobreza*.

4. Uma exortação à alegria (1Ts 5,16-24)

A Comunidade dos tessalonicenses andava um tanto perturbada e desapontada. Perturbada, porque o Senhor, que tanto desejavam ver e encontrar, estava tardando; desolada, porque alguns de seus membros haviam morrido sem a graça do encontro com seu Senhor.

É nesse contexto que Paulo procura exortá-los: *Irmãos: estai sempre alegres! Rezai sem cessar. Dai graças em todas as circunstâncias... que tudo aquilo que sois – espírito, alma e corpo – seja conservado sem mancha alguma para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo! Aquele que vos chamou é fiel* (1Ts 16-24).

“Espírito” significa, aqui, aquela dimensão de nossa pessoa, a mais elevada, nobre e profunda, digamos, assim, a mais próxima de Deus, e que, por isso, nos capacita a compreendê-Lo, a admirar suas maravilhas e seus mistérios. Em resumo, espírito é a casa onde nasce e mora Deus, a fé, e onde ouvimos sua voz e lhe respondemos. “Alma”, por sua vez, é o mesmo espírito, mas na função de dar vida ao corpo, ao mundo. E “corpo”, por fim, é a alma enquanto executa, dá forma, dá corpo àquilo que ela, a alma, reconhece e o espírito crê. Por isso, na Encarnação, quem recebe o Verbo eterno do Pai é o espírito de Maria e quem o gera é sua alma, mas quem lhe dá forma e faz aparecer é seu corpo.

3 Cf. Br 2,13-18

4 Cf. As falas de Riobaldo, o herói de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa: *pobre tem de ter um triste apego à vida. São árvores que pegam poeira... Não me envergonho de ser de obscuro nascimento... órfão de conhecença e de papéis legais ... Quem é pobre, pouco se apega, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas*. Ele fala de sua *substância vexada*, de sua vida *sem apego nenhum, sem pertencência*.

Conclusão

Uma nova etapa evangelizadora, marcada pela alegria do Evangelho

Na caminhada que a Igreja vem fazendo, desde o Vaticano II, toda empenhada em retornar à beleza e ao vigor de suas origens, chegamos hoje à seguinte exortação do Papa Francisco:

A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Todos quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos (EG 1).

É evidente que não se trata de qualquer alegria, muito menos da alegria do mundo e nem mesmo da alegria do mundanismo religioso, espiritual (Cf. EG 93-97), mas da alegria que nasce da visita e do encontro com Cristo. Por isso, logo acrescenta: *Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar, hoje mesmo, seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar* (idem, 3).

Além do mais, atendendo ainda o apelo do mesmo papa para que façamos de São Francisco nosso modelo de evangelização, não podemos esquecer o legado que este santo nos deixou. Nos impressiona por quantas vezes vem referida a palavra alegria em seus Escritos e nas Fontes Franciscanas. Nas “Concordâncias Franciscanas”, editadas pelos Franciscanos da Guatemala, por exemplo, essa palavra ocupa nada mais e nada menos que 8 páginas, perdendo apenas pela palavra “pobreza” com 11 páginas. Mas, principalmente, não podemos deixar de recordar o famoso *fioretto* da “Perfeita Alegria”, também conhecido como “Ensino de São Francisco a Frei Leão que só na cruz seja a perfeita alegria” (Fi 8; Atos 7).



4º Domingo do Advento

Leituras: 2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16; Sl 88 (89); Rm 16,25-27; Lc 1,26-38

Tema-mensagem: Pelo anúncio do Anjo à Maria, consumam-se todos os anúncios do Messias

Introdução

Através da assim chamada História da Salvação, o anúncio do Messias veio se dando aos poucos e se mostrando cada vez mais claramente e mais próximo dos homens. Hoje, último Domingo do Advento, através do anúncio do anjo e do sim de Maria, celebramos o fim, a consumação, de todo este processo. No limiar da festa da Natividade (nascimento) do Senhor, somos convidados a contemplar o mistério de sua concepção no seio da Virgem Maria, a entrada do Filho no mundo, na história, assumindo nossa humanidade.

1. O desejo de construir uma habitação para Deus (2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16)

Quem, nesse Domingo, nos introduz nesse mistério é um trecho do Segundo Livro de Samuel, no qual se registra um dos mais importantes momentos da história do Antigo Testamento: a união das tribos do Norte (Israel) à tribo do Sul (Judá) em torno de um único rei (Davi) e de uma capital comum – Jerusalém - (fim do século XI e início do século X a. C.). Depois que a cidade de Jerusalém havia sido conquistada por Davi, a “arca da aliança” foi transportada para lá. Davi disse, então, ao profeta Natã: *Vê, eu residio num palácio de cedro, e a arca de Deus está alojada numa tenda* (2Sm 7,2).

Aparentemente, uma boa iniciativa. O profeta Natã, porém, inspirado por Deus, se opõe a esse projeto. Como Davi daria uma casa, isto é, uma morada estável ao Deus que caminhara como peregrino com Israel, até então, na sua saga de libertação?! O que estava acontecendo era o contrário: Deus mesmo é quem daria a Davi uma casa, isto é, uma dinastia estável. Trata-se da aliança de Jahvé com Davi. Mais uma vez, porém, como no passado, com Noé (Cf. Gn 9), com Abraão (Cf. Gn 17) e com Moisés e o Povo no deserto (Cf. Ex 19-24), através dessa sua aliança de amor com os hebreus, Deus quer chegar a uma aliança com toda a humanidade.

Mas, talvez, se possa, também, ver na resposta de Deus um leve sorriso de brincadeira, como que dizendo: “Que pretensão essa a tua, hein, Davi, simples

criatura minha, de querer construir uma casa para mim que sou a Casa, o guardião de todos os povos e de todas as criaturas? Como poderás tu me assentar num templo, por mais sagrado e amplo que seja, se nem o universo inteiro é capaz de me conter? Como posso eu ficar preso num pequeno lugar, se meu viver é ser peregrino e estar no meio de todas as pessoas, povos e nações do mundo inteiro?”

Além do mais, esta aliança davídica não tem sentido em si. Ela aponta para uma Nova Aliança, aquela que seria eterna e que seria selada no sangue do Cristo, o “Filho de Davi”. Assim, a profecia de Natã, e a promessa que ela contém, serviu como aviamento de uma nova esperança, que vai perpassar o Antigo Testamento, a saber, a esperança do Messias (Cristo = Ungido), em que o Reino de Deus se consumaria num reinado de justiça e de paz para todos os povos e todos os tempos.

2. A Igreja canta a Deus sua eterna aliança com os homens (Sl 88/89)

Os cristãos sempre viram e veem a aliança davídica concretizar-se em Jesus de Nazaré. Nele, incomparavelmente, são realizadas as palavras da profecia de Natã. Jesus é o “descendente”, o “Filho de Davi”, em que o reinado de Deus se consuma na história de maneira consolidada. Ele é a habitação definitiva de Deus com os homens. Nele se cumprem e se plenificam as palavras de Deus: *Serei para ele um pai e ele será para mim um filho!* – palavras essas que ecoam no salmo da Missa de hoje (88/89): *Ele Me invocará: ‘Vós sois meu Pai, meu Deus, meu Salvador’. Assegurar-lhe-ei para sempre o meu favor, a minha aliança com ele será irrevogável.* A aliança de Deus com Davi era, na verdade, apenas a prefiguração da aliança de Deus com Jesus de Nazaré e, através desta, com toda a humanidade, envolvendo todas as tribos e línguas, povos e nações da terra.

3. Na Anunciação, a consumação de todos os anúncios (Lc 1,26-38)

O Evangelho escolhido para o encerramento do Advento – última preparação para o Natal - é tirado do evangelista Lucas, mais precisamente, do “Evangelho da Infância”, usualmente conhecido como “Evangelho da Anunciação”. O termo já diz que estamos diante de um grande anúncio: “anunciação”. Na verdade, estamos diante de uma confissão (profissão de fé e louvor) e uma celebração do cumprimento, o resumo de todas as profecias do antigo Testamento: o Advento de Jesus, seu nascimento e sua irrupção na história.

3.1. No sexto mês – a origem de João Batista e de Jesus

“No sexto mês...” O texto litúrgico de hoje começa proclamando: *naquele tempo*. No original, porém, está *no sexto mês*. Ao falar em *sexto mês*, Lucas, certamente, tem em mente traçar um paralelo entre João Batista e Jesus. Por isso, começa falando do sexto mês da gravidez da mãe de João Batista.

O anúncio da concepção do Batista se dá em Jerusalém, centro político, econômico e religioso de todo o Povo de Israel. Já o de Jesus se dá longe, fora, num povoado desconhecido: “Nazaré”, do qual nada de bom se pode esperar (Cf. Jo 1,46). Novamente o contraste. Enquanto, para João, a infância e a juventude são vividas nos arredores do templo, junto com os sacerdotes, especialmente com seu pai Zacarias, a infância de Jesus é passada em Nazaré, junto com sua gente sofrida, humilde, marginalizada e rejeitada pelos grandes.

O anúncio da concepção do primeiro acontece no templo, no “santuário do Senhor”, durante solene celebração litúrgica e a um dos anciãos mais veneráveis da hierarquia sacerdotal, Zacarias. O de Jesus, porém, é feito a uma mocinha, de nenhum significado, no cotidiano anonimato de Nazaré, na sua hora mais silenciosa.

Além do mais, se o anúncio de João Batista é grande, por ser extraordinário, ele ainda está dentro da possibilidade da natureza humana. O de Jesus é coisa de outro mundo, absolutamente novo e inaudito, inteiramente impossível, a partir dos homens e assim anunciado pelo Arcanjo: “*O Espírito virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra*” (Lc 1,35).

Ora, o que pensar de todos esses paralelismos senão uma indicação do caminho da nova história que se está sendo inaugurado com o Advento do Senhor e assim assinalado por São Francisco: ‘*Sendo rico*’, *acima de todas as coisas, Ele mesmo, juntamente com a beatíssima Virgem Maria, sua Mãe, quis no mundo escolher a pobreza* (2CF 5).

3.2. O Arcanjo Gabriel foi enviado a uma virgem de nome Maria

O Arcanjo Gabriel foi enviado a uma virgem, desposada (núbil, prometida) de nome *Miriâm* (Maria), com um homem de nome José, da casa de Davi. O Arcanjo, porém, não vem em forma de sonho, mas de visão solene.

Primeiramente, em Maria, mãe é expressão da origem da nova humanidade, que se mantém aberta ao mistério de Deus, na qual se concretiza não só a esperança de Israel, mas também de todos quantos lutam e sofrem pela sua verdade e pelo seu futuro. Segundo Beda, o Venerável, o diálogo do Arcanjo, enviado por Deus, com Maria é o início de nossa salvação, assim como o diálogo da serpente, enviada pelo Inimigo, fora o início de nossa perdição. Maria é, pois, a Nova Eva, a nova Mãe dos viventes, a saber, daqueles que

são vivificados pelo Espírito Santo. O nome *Maria*, em aramaico *Maryâm*, em hebraico, *Miriâm*, significa *Senhora Soberana*⁵. Ela é a esposa prometida de um homem da casa de Davi, chamado *Iosseph* (José), que significa “Ele acrescentará”. Este foi dado a ela de acréscimo, como um custódio, um guardador e um cuidador. O casamento com ele daria a ela a proteção necessária para o mistério que ela trazia velado consigo mesma. E o seu filho, graças a José, seria da estirpe real de Davi. Nele, a profecia de Natã poderia realizar-se.

3.2.1. Enviado por Deus

O terceiro personagem deste evento, na verdade o primeiro, é Deus. É Ele que, com sua paterna providência, age no fundo de tudo e de todos na história dos homens, e se revela como Alguém forte que comunga, se alia e se compromete de novo com a história de Israel e que, agora, age de modo decisivo e definitivo através da graça do “Sim” de Maria. É um Deus que fala e se faz presente através do seu Arcanjo, que opera de modo criativo através do seu espírito (*o Espírito virá sobre ti*) e que se “atualiza” no Filho, que nascerá de Maria.

3.2.2. Alegria-te, cheia de graça!

A primeira palavra que soa da boca do Arcanjo, na verdade, de Deus, é *Alegria-te!* O texto grego traz: “*Chaire, kecharitoméne, ho kyrios metà sou*” (“Alegria-te, agraciada, o Senhor está contigo”). Na interpretação de Mestre Eckhart, a saudação latina *Ave!*, significa ‘âne wê’, isto é, ‘sem dor’, sem ai⁶. Independente da correção ou não desta etimologia, o importante é que ela alcança o verdadeiro, isto é, o essencial. A saudação *Ave!* fala da plena alegria e do pleno vigor da vida (saúde). Aquele que é agraciado por Deus vive a vida sem “ai”, isto é, sem lamúria, na plena cordialidade de ser. Mestre Eckhart dizia que quando a alma humana se desprende do mundo, do que é criatural, vive a vida sem ai: *nela não há sofrimento, nem pena. Para ela, até mesmo a desventura torna-se alegria*⁷.

Quem, cheio de encanto, também canta esta saúde em Maria, é São Francisco:

Ave, ó Senhora, santa Rainha,
Santa Mãe de Deus, Maria,
que és virgem feita Igreja...
Ave, ó palácio do Senhor,
Ave, ó tabernáculo do Senhor,
Ave, ó casa do Senhor,

5 Este era o nome da irmã de Moisés (Cf. Nm 26,59).

6 Sermões Alemães, V. 1, n. 38, p. 227.

7 Idem, p. 228.

Ave, ó vestimenta do Senhor,
Ave, ó serva do Senhor,
Ave, ó mãe do Senhor!” (SVM)

Na saudação do Arcanjo, Maria é evocada como *cheia de graça*. O que nela acontecerá é obra da graça. A obra da graça é maior do que se Deus criasse um mundo novo, diz Agostinho, recordado por Eckhart⁸. O atuar da graça é seu ser. É simples! Mas, em que consiste este ser? *A graça é isto: uma interioridade, uma inerência e uma união com Deus*⁹. *Cheia de graça*, significa, então, o mesmo que: “Deus é contigo!”. Santo Agostinho emenda: *Mais que contigo, Ele está em teu coração, se forma em teu seio, enche teu espírito, enche teu ventre*. A bênção de Maria é o início da bênção dos homens e das mulheres no seu Filho, Jesus.

Por isso, todos os dias, principalmente ao entardecer, a tradição cristã nos leva a exclamar ou cantar jubilosos: “Ave Maria!”

3.3. **Maria ficou perturbada**

Ao escutar essa saudação, Maria fica perturbada, e se põe a refletir sobre seu sentido. Ela parece entrever uma interpelação e uma vocação singular. Ela procura penetrar o mistério desta revelação inesperada. Os Padres da Igreja ressaltam como Maria não se comporta de modo ligeiro, leviano, como um ser humano que não tem sentido para o pudor do mistério, nem de modo resistente, incrédulo, como o sacerdote Zacarias, pai de João Batista. Diante de sua perturbação, o Arcanjo a chama pelo nome, mostrando-lhe, assim, familiaridade: *Não temas, Maria! Sim, tu encontraste agraciamento junto de Deus!* São João Crisóstomo comenta: quem encontra graça diante de Deus nada tem a temer. E recorda que aquele que é humilde encontra graça diante de Deus.

3.4. **Eis que conceberás e darás à luz um filho**

E o mensageiro segue dizendo: “*Eis que conceberás no ventre e darás à luz um filho...*” (Lc 1,31). Ela já tinha concebido o Messias no seu espírito, principalmente através da meditação das grandes promessas messiânicas. Agora, o conceberia no corpo, no seu ventre. Ela já o gerava na alma; agora o geraria no seu útero. Ela já estava disposta a dá-lo à luz espiritualmente; agora lhe cabia a incumbência de dá-lo à luz corporalmente. Ela, que estava sempre de prontidão na espera do Deus que vem, agora o traria em seu corpo e o mostraria ao mundo, unido à carne de nossa humanidade. Nela, o Filho

8 Ibidem.

9 Idem, p. 229.

de Deus tomaria carne, a carne de nosso ser. Santo Ambrósio recordava aos cristãos de sua comunidade (em Milão) que era preciso, espiritualmente, dar à luz a Cristo. Já São Francisco costumava exclamar para seus companheiros e seguidores seculares: *Somos mães, quando O 'levamos no' coração e em nosso 'corpo', por amor divino e de 'consciência pura' e sincera; O damos à luz pela santa operação que deve 'brilhar', em exemplo, para os outros... Oh, quão santo e dileto, benfazejo e humilde, pacífico e doce, amável e, sobre todas as coisas, desejável ter tal irmão e filho: Nosso Senhor Jesus Cristo!* (1CF I,10-13).

3.5. E lhe porás o nome de Jesus

O Arcanjo diz, também, a Maria, o nome que ela deveria dar ao menino: *'Téshoua'* (Jesus). Este nome quer dizer: *Jahvé salva*. Salvar não é só livrar do perigo, pôr a salvo, no sentido de pôr no seguro. Salvar é, também, conduzir alguma coisa ao seu vigor essencial. É tornar são, isto é, sarar, no sentido de restituir a saúde, o vigor originário da vida. Salvar é ser como médico que se empenha todo em guardar, proteger, conservar e preservar o vigor originário da vida; é não permitir que a vida se corrompa. E, mais do que isso, é cuidar para que a vida encontre a plenitude de seu vigor essencial. Por isso, Beda diz que o nome Jesus quer dizer “Salvador”, ou ainda, “O saudável”. Nele, o vigor da saúde, que vem de Deus, se comunica para tornar saudável, como ele, todo homem, toda criatura do universo.

São Boaventura testemunha que São Francisco, sempre que ouvia o nome “Jesus”, passava a língua nos lábios como quem saboreasse um favo de mel (Cf. LM 10,6). Já, Tomás de Celano faz o seguinte relato:

Estava todos os dias e a toda hora falando sobre Jesus. E como seu jeito de falar era doce, suave, bondoso e cheio de amor! Falava da abundância do coração, e estava sempre transbordando a fonte de amor iluminado que lhe enchia todo o interior. Tinha Jesus de muitos modos: levava sempre Jesus no coração, Jesus na boca, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus em todos os outros membros... Também muitas as vezes, ao viajar, ficava pensando em Jesus ou cantando para ele. Esquecia-se, então, do caminho e convidava todas as criaturas a louvar a Jesus (1C 115).

3.6. E Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo

O Arcanjo prossegue com o anúncio: *“Ele será grande e será chamado 'Bèn Élion' – 'Filho do Altíssimo'”* (Lc 1,32). Se, antes, o Arcanjo dissera a Maria que ela devia dar ao seu filho o nome de Jesus, agora, diz que este seu

filho *será chamado filho do Altíssimo* pelo próprio Deus. E o Arcanjo prossegue: “*O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a família de Jacó, e o seu reino não terá fim!*” (Lc 1,33). Isto é: o filho de Maria seria o Messias anunciado previamente pelos profetas. O seu reino seria indissolúvel, eterno!

3.7. A grande pergunta

Segue, então, a famosa pergunta de Maria: “*Como se fará isso, já que não conheço varão?*” (Lc 1,34). Uma pergunta bem diferente daquela de Zacarias. Esse perguntou: “*Como terei certeza disso? Já sou velho e minha mulher é de idade avançada*” (Lc 1,18). Essa pergunta revela descrença e fuga (tirar o corpo fora). A pergunta de Maria revela engajamento, envolvimento, na humildade, confiança e fé. Ela deseja captar o como da doação do mistério que está lhe advindo, a fim de poder cooperar com ele. Por isso, pergunta *Como se fará isso?* Ela estava interessada em saber o como da realização da graça do mistério, para saber o modo de sua cooperação com ela.

Inicia-se, assim, uma admirável e benfazeja cooperação entre os dois, Maria e Deus, que jamais terminará, vindo a ser considerada, mais tarde, pela Igreja, como redentora ao lado, junto de Jesus: corredentora. Por isso, o Arcanjo declara: “*O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; e, por isso aquele que vai nascer será santo e será chamado Filho de Deus*” (Lc 1,35). Teofilato vê, aqui, a ação da Santíssima Trindade: o Altíssimo, seu Poder (o Filho) e o Espírito Santo.

3.8. A Deus tudo é possível

Maria está frente ao inusitado e incompreensível da suma obra de Deus. Mas, acolhe seu mistério na fé. Graciosamente, o Arcanjo lhe concede um sinal: *E eis que Elisabete, tua parenta, está também para dar à luz um filho em sua velhice e já está no sexto mês, ela que era chamada estéril, pois nada é impossível a Deus!* (Lc 1,36-37). O nome “*Elisabete*” (Isabel) evoca o nome da esposa de Aarão: “*Elisheba*” (Gn 6,23). Assim, na história de Maria e de Elisabete (Isabel) se entrelaçam as tradições régia e sacerdotal, através das quais foi transmitida de geração em geração a esperança do Messias. A gravidez miraculosa de Elisabete é indicada pelo Arcanjo como um sinal do poder de Deus a fim de realizar sua vontade salvífica. A Deus tudo é possível. Ele é o Senhor da natureza, o Senhor da vida. Por seu poder e bondade, também uma mulher anciã e estéril pode engravidar. Do mesmo modo, uma mulher virgem.

O milagre não diz respeito a Deus, mas à nossa visão habitual sobre as coisas da natureza. Pois, para Ele, que do nada criou todas as coisas, isso não é

difícil. Mestre Eckhart dizia: *Pois a Deus, é tão fácil everter céu e terra como o é a mim virar uma maçã na minha mão*¹⁰.

3.9. Eis aqui a serva do Senhor!

O texto termina a modo de um *gran finale* com as exclamações de Maria: *“Eis aqui a serva do Senhor! Que me aconteça segundo a tua palavra!”* (Lc 1,38).

“Serva do Senhor”: um título de humildade, mas, também, de glória, grandeza. A glória de Maria está na sua humildade. Com efeito, é pela sua humildade que ela dá à luz o Humilde: o Máximo, que se fez Mínimo; o Maior que se fez o menor; o Filho de Deus, que se fez filho do homem, e que, sendo Senhor do universo, assumiu a condição de servo de tudo e de todos. Chamando-se a si mesma de serva, diz Santo Ambrósio, Maria não se apropriava da graça especial que lhe fora concedida, muito menos de qualquer vanglória. A grandeza de Maria está na sua humildade operativa, isto é, na sua disposição e empenho de deixar vir a cumprimento as palavras do Senhor: *Faça-se!* (Fiat).

Com a humilde resposta de Maria ao Arcanjo – que a saudou como *plena de graça* e lhe anunciou o mistério da Encarnação do Filho do Altíssimo e a dádiva de sua participação nele pela maternidade – deu-se abertura à obra da redenção de toda a humanidade e, por conseguinte, também, de toda criatura. Abriu-se de novo a porta do paraíso que Eva fechara.

4. O mistério desta aliança revelado em plenitude (Rm 16,25-27)

Quem sempre exultou de alegria e gratidão diante da revelação deste mistério da universalidade da salvação operada por Deus, através de Cristo, é São Paulo, como se pode ver no epílogo da Carta aos Romanos, escolhido para a segunda leitura de hoje: *Irmãos: Glória seja dada àquele que tem o poder de vos confirmar na fidelidade ao meu Evangelho e à pregação de Jesus Cristo, de acordo com a revelação do mistério mantido em sigilo desde toda a eternidade* (Rm 16,25). Mistério este manifestado na Encarnação do Filho de Deus como Filho do homem, e, assim, dado a conhecer a todos os povos, sim, a todos os gentios, para que todos os homens fossem conduzidos à obediência (pertença na escuta) da fé.

Na primeira Carta a Timóteo este Mistério é celebrado como o *mistério da piedade* (no grego: *‘tò tes eusebeías mystérion’*). Ele é chamado de “gran-

¹⁰ Sermões Alemães, Vol. 1, n. 38, p. 228.

de” e celebrado a modo de hino: *Ele foi manifestado na carne, / justificado no Espírito, / contemplado pelos anjos, / proclamado entre os gentios, / crido no cosmo, / arrebatado na glória* (1Tm 3,16).

Conclusão

Podemos chamar este Domingo como o decisivo “Domingo do Sim de Maria”, mas também, de nosso SIM. Um sim que expressa alegria, desejo e decisão de permitir que Deus realize, também em nossa alma, o milagre da concepção e da Encarnação do seu Filho querido. Pois ser cristão é ser cristóforo: portador de Cristo.

Mas, para isso precisamos percorrer o caminho inaugurado por Ele e vivido por Maria: olhar para baixo, para nossa pequenez, nossa “criaturalidade”, nosso pecado, sair de nós mesmos, descer para o meio dos pequenos, pobres, abandonados, doentes e pecadores. Pois, como diz São Francisco:

Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e gloriosa, o altíssimo Pai anunciou do Céu, por meio do seu santo Arcanjo Gabriel, no útero da Santa e gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade. ‘Sendo rico’, acima de todas as coisas, Ele mesmo, juntamente com a beatíssima Virgem Maria, sua Mãe, quis no mundo escolher a pobreza como caminho (2CF 4-5).



Solenidade da Natividade do Senhor

Missa da Noite

Leituras: Is 9,1-6; Sl 95 (96); Tt 2,11-14; Lc 2,1-14

Tema-mensagem: Nasceu-nos um Menino, do céu um filho nos foi dado para que também nós, aqui na terra, tenhamos a graça de sermos meninos e filhos de Deus.

Introdução

“Solenidade da Natividade do Senhor!” É assim que a Igreja anuncia e celebra a festa de hoje, *a festa das festas*, dizia São Francisco (2C 199). Solenidade que nos reconduz à “originariedade”, à “nascividade” da vida, tão bem demonstradas neste recém-nascido: o “Menino Pobrezinho”, nascido da *pobrezinha Virgem Maria*, sua Mãe (São Francisco, 2C 200).

1. Alongínqua promessa de um Menino que será o príncipe da Paz (Is 9,1-6)

Quem faz a abertura da celebração do mistério desta noite santa é Isaías, tido como o “evangelista do Antigo Testamento”.

1.1. Em meio à escuridão, a esperança de uma luz em um menino, em um filho...

Como o toar da corneta da paz, ao término de uma grande guerra, Isaías, falando enraizado no passado, mas em vista do futuro, anuncia: *O povo que andava na escuridão, viu uma grande luz, para os que habitavam na sombra da morte uma luz resplandeceu* (Is 9,1).

Um pouco antes, já havia proclamado que estava para chegar uma *luz no meio das trevas* (Is 8,23). Essa fala não expressa tanto expectativas humanas, mas esperança. Uma esperança posta em Deus, melhor, no seu Cristo (o Ungido). A terra devastada e desolada, entregue à escuridão da escravidão, vê a luz: a libertação que vem de Deus. As tribos do norte (o lugar da meia-noite, da escuridão) serão as primeiras a ver a luz. Mais tarde, na Galileia das Nações, esta luz atenderá pelo nome de “Jesus de Nazaré”, Aquele que veio para ser a luz de todas as nações, povos, tribos e línguas de toda a terra.

1.2. Um menino: o príncipe da Paz

A segunda parte do texto começa dando a razão, a causa deste auspicioso anúncio: *Porque nasceu para nós um menino, foi-nos dado um filho, ele traz a paz nos ombros...* (Is 9,5). Isaías nada diz acerca da origem deste menino. Diz, apenas que nasceu para nós... um menino misterioso, portanto, com um quádruplo nome. *O nome que lhe foi dado é: ‘Conselheiro admirável’, ‘Deus forte’, ‘Pai dos tempos futuros’ e ‘Príncipe da paz’* (Is 9,5). Nesse nome quádruplo se evoca a ação de Deus nos principais heróis do povo de Israel: no ‘conselheiro admirável’ é evocada a sabedoria de Salomão; no ‘Deus forte’, a coragem de Davi; no ‘Pai dos tempos futuros’, a piedade de Moisés e dos patriarcas. E será o ‘Príncipe da Paz’, porque nele Deus atuará como Princípio que conduz todas as coisas à unidade, à harmonia, à tranquilidade da ordem, à quietude da consumação. Por isso, esse menino só poderá ser o verdadeiro Emanuel. Emanuel é o nome de uma missão recebida de Deus, do Pai: Nesse menino Deus se tornará, com propriedade, de modo pleno e íntimo, o que Ele sempre quis ser para nós: o “Deus conosco”. Na dinâmica da ação salvífica da Trindade, por sua vez, o Pai é o Deus **para** nós, o Filho encarnado é o Deus **conosco** e o Espírito Santo é o Deus **em nós**.

2. Uma Igreja de todos e para todos (Tt 2,11-14)

A segunda leitura da Missa dessa noite é tirada da Carta de São Paulo a Tito, e começa com este belo anúncio, um verdadeiro Evangelho: *A graça de Deus se manifestou, trazendo salvação para todos os homens!* (Tt 2,11). É a marca do Evangelho de Paulo: “a salvação é para todos”. Longe de Paulo uma Igreja de santos ao lado de outra de pecadores, de judeus ao lado de outra de gregos, de senhores ao lado de outra de escravos, etc.

O Natal, portanto, diz respeito a todos os homens e a toda a criação como um todo, uma única família, uma “Casa comum” (Cf. *Laudato Si’*, do Papa Francisco). Ou seja, a partir dessa iniciativa de Deus, o homem e mesmo as criaturas todas são regeneradas, isto é, recriadas, a partir do alto, do espírito, da graça misericordiosa de Deus. Pois, *Ele se entregou por nós para nos resgatar de toda maldade e purificar para si um povo que lhe pertença e que se dedique a praticar o bem* (Tt 2,11). É o mistério da misericórdia, da piedade (Cf. Tt 3,5), isto é, do amor visceral, entranhado, matricial, de Deus pelos humanos. Por isso, Paulo proclama alto e bom som: *Manifestou-se a graça de Deus, fonte de salvação para todos os homens!* (Tt 2,11).

Para participar desta regeneração ou recriação, recebendo a salvação, isto é, a saúde, o vigor essencial da vida, o cristão precisa orientar sua conduta,

segundo a Boa Nova. Por isso, Paulo instrui os cristãos para a ética do discípulo, ensinando-lhes a:

- abandonar a impiedade e as paixões deste mundo;
- viver com equilíbrio, justiça e piedade;
- esperar, confiar, sempre, em nosso grande Deus, entregando-se inteiramente ao Senhor e Salvador Jesus Cristo.

3. Salmo (Sl 95)

Por isso, dentro desta mensagem de uma salvação para todos os homens, o salmista convida todos os povos à exultação festiva *universal*, católica, isto é, cósmica e ecumênica: *Alegrem-se os céus, exulte a terra, ressoe o mar e tudo o que ele contém, exultem os campos e quanto neles existe, alegrem-se as árvores das florestas (...). Anunciai dia a dia sua salvação, publicai entre as nações sua glória, em todos os povos, suas maravilhas (Sl 95).*

4. Um novo Homem no humano de toda a humanidade (Lc 2,1-14)

A perícopé evangélica desta noite, tirada de Lucas, se ordena em três momentos sucessivos, mas intimamente unidos e ligados pela mesma lógica: testemunhar que Deus vem do alto, sim, mas, através do seio de Maria, irrompendo de dentro das entranhas do humano. Além da Boa Nova, anuncia-se, assim e também, seu caminho: a interioridade, o recolhimento, a solidão do encontro.

4.1. Nos dias e no meio da história dos homens

Lucas começa por assinalar o tempo da redenção: o império universal e a paz romana de César Augusto, um simulacro do verdadeiro reino universal, ecumênico: o Reino de Deus e da verdadeira paz, a paz do seu Cristo. A dinâmica, porém, de seu reino, ao contrário dos imperadores deste mundo, não é a da conquista, do empoderamento e da dominação, mas a da humildade, mansidão e misericórdia de um menino deitado no presépio.

José e Maria vão, por ocasião do censo, de Nazaré da Galileia a Belém da Judeia, “cidade de Davi”, à qual ambos pertenciam; a cidade da qual o jovem pastor, filho de Jessé, ungido rei de Israel, saiu; a cidade na qual teve suas humildes origens. Cumprira-se assim o oráculo anunciado pela boca do profeta Miqueias, que situava a origem do príncipe messiânico em Belém: *E tu, Bet-Lehem de Éfrata, pequena demais para ser contada entre os clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que deve governar Israel. Remontam à antigui-*

dade suas origens, aos dias de antanho. Por isso, Deus os abandonará até o tempo em que dará à luz aquela que deve dar à luz (Mq 5,1-2). O nascimento de Jesus, assim, se dá envolvido em mistério, vinculado carnalmente à tribo de Judá, mais precisamente, à ascendência davídica (Cf. Mt 1,2; Lc 3,33; Hb 7,14; Ap 5,5; etc.).

O nome “Belém” (*Bet-Lehem*) significa “casa do pão”. De fato, ali aquele que é o Pão descido do céu, o Pão que dá a vida ao mundo, o Pão da vida eterna, inicia sua bela aventura de fazer-se o Emanuel, o Deus conosco, o pão eucarístico.

4.2. O Senhor do universo reclinado na pobreza de uma manjedoura

A sobriedade com que Lucas faz a narrativa do Nascimento de Jesus é surpreendente: *Enquanto estavam em Belém, completaram-se os dias para o parto, e Maria deu à luz seu filho primogênito. Ela envolveu-o em faixas e o deitou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na sala de hóspedes* (Lc 2,7). Os grandes mistérios, mais que amplas explanações ou extensas narrativas e discursos, precisam de silêncio, de poucas palavras, para deixar lugar e espaço para a admiração e a contemplação. Uma grande palavra exige sempre um grande silêncio e vice-versa, um grande silêncio exige sempre uma grande palavra.

O título de primogênito remete a exigências de observância da lei mosaica (Ex 13,2.12.15; Lc 2,23). Mas, além disso, traz uma sonância e ressonância de mistério. Na meditação de Paulo, Cristo aparece destinado a ser *o primogênito de uma multidão de irmãos* (Rm 8,29). Jesus Cristo não nasce de uma semente de varão. Ele é a primícia de tudo, o segundo Adão, a raiz da nova criação, do homem novo, da nova humanidade: *o primeiro entre todos* (Cl. 1,18). Belém abriu o Éden. O nascimento de Jesus Cristo abre-nos as portas do paraíso que Adão, o primeiro homem, havia fechado. Ali jorrou para nós a fonte da graça que sacia nossa sede de Deus.

Assim, o primogênito de Maria (Lc 2,7) torna-se também o primogênito de todas as criaturas (Cl 1,15), isto é, o sentido, a origem e o fundamento do ser de toda a criação. Ele é, como dizia o teólogo franciscano João Duns Scotus, *o summum opus Dei* (a suma obra de Deus). Ora, o responsável pela suma obra, pela obra perfeita de Deus, dizia ele, não pode ser o pecado, que é um defeito nascido da criatura, mas só pode ser o amor absolutamente livre e gratuito, superabundante, sem o porquê nem o para quê, de Deus: o mistério da *Cháris*: da graça, quer dizer, do favor livre, imerecido e indevido, da benevolência, da gratuidade e da graciosidade do Deus Amor.

Maria o enfaixa. Jesus Cristo é envolvido em faixas, para que nós possamos ser desatados dos laços da morte (Santo Ambrósio). Humilhou-se para que pudéssemos alcançar o bem, a integridade, como seres humanos. *Ele, sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de que sua pobreza vos enriqueça!* disse o Apóstolo (2 Cor 8,9).

O Filho de Deus nasce em verdadeira carne. Não se trata de uma aparência. É mais que toda teofania dada em visões imaginárias. É Deus mesmo, “em carne e osso”, o verdadeiro Deus nascendo em verdadeira carne humana. É Deus colocado em um coxo, como se expressa de modo comovente São Francisco: *Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó humildade sublime, ó sublimidade humilde!* (CO 26). Santa Clara, escrevendo a Inês de Praga convida-a a contemplar este mistério: *Refiro-me ao Filho do Altíssimo que a Virgem deu à luz e permaneceu virgem mesmo depois do parto. Apega-te à sua dulcíssima Mãe, que gerou tal grande Filho, que o próprio céu não pode compreender e, no entanto, ela o carregou no próprio recinto de seu sagrado ventre e o gestou no seio de uma jovem mulher!* (3CCL).

Em vez de vir impondo-se, como os poderosos deste mundo, Ele é colocado numa manjedoura, num coxo, indicando assim, que estava destinado a ser alimento, pão do céu, corpo da vida (São Cirilo de Alexandria). Nasce no meio do excremento e do bafô dos animais, num estábulo, não no “santo dos santos”, no Templo de Jerusalém, para dizer que veio para conviver com a mixórdia humana. Assim, nasce no meio do esterco aquele que *ergue do esterco o pobre* (Sl 113,7), recorda São Jerônimo.

Não havia lugar para eles na hospedaria (Lc 2,7). A Luz do céu posta à margem numa pousada terrena, achou apenas um lugarzinho nos fundos da pensão. Foi, é e sempre será assim: o Senhor do universo, mal tem onde nascer no meio dos homens. E quando encontrar um lugar, será sempre o último, o mais baixo como aconteceu em Belém.

O contraste acerca da acolhida do Menino-Deus na terra dos homens, que é a terra Dele – na cidade e na gruta de Belém, é gritante: enquanto entre os grandes do mundo, os moradores da cidade de Belém, *não havia lugar para eles*, Ele encontra uma dócil, calorosa e amorosa acolhida por parte da mãe, a humilde virgem Maria *que o enfaixou e colocou na manjedoura* (Lc 2,7) e junto dos animais que habitavam aquele estábulo.

Dizia Mestre Eckhart que, se um rei se casa com uma plebeia, toda a família da plebeia se torna nobre. Nós, isto é, toda a família humana, nós pobres plebeus, fomos enobrecidos e enriquecidos, nessa noite santa, pela pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo.

4.3. Um nascimento cuja alegria se expande, difunde e infunde

A última parte desse Evangelho, mais extensa que as duas primeiras, é destinada a mostrar o verdadeiro objetivo de todo este evento: *Nas proximidades havia pastores que estavam nos campos e que durante a noite cuidavam dos seus rebanhos... Todavia o Arcanjo lhes revelou: “Não temais; eis que vos trago boas notícias de grande alegria, e que são para todas as pessoas: Hoje nasceu para vós um Salvador que é o Cristo Senhor”* (Lc 2,10-11). O céu e a terra, os imortais e os mortais se confraternizam com a Encarnação e com a Natividade do Deus-Menino.

Frente ao mistério da Encarnação todos somos rudes pastores. Frente à delicadeza e nobreza do amor divino toda nossa resposta e correspondência aparece rude e vil. Deus, porém, não despreza nossa rudeza e vileza, e vem habitar entre nós. O Bom Pastor revela a nossa vocação humana ensinando-nos a ser pastores, isto é, cuidadores de tudo o que é, de tudo o que vive, de todo o real, de todas as realizações, de toda a realidade, enfim, de toda a Casa comum e de toda a História.

Os pastores de Belém fizeram o que o anjo lhes propusera. Foram apresadamente à cidade e encontraram Maria e José, e o recém-nascido deitado na manjedoura. *Depois de ter visto, deram a conhecer o que lhes tinha sido dito a respeito desse menino. E todos os que os ouviram ficaram espantados com o que lhes diziam os pastores* (Lc 2,17-18).

Os pastores tornam-se, assim, os primeiros a anunciar o Evangelho. O que viram e experimentaram não puderam guardar para si, em segredo. Revelaram, comunicaram os mistérios divinos que experimentaram e testemunharam. E os que ouviram seu testemunho se maravilharam. Eis a dinâmica da evangelização. Todos os que experimentam e testemunham os mistérios divinos tornam-se tais pastores.

4.4. O nascimento de Deus no coração

Proclama ainda nosso evangelista: *Quanto a Maria, ela retinha todos estes acontecimentos procurando-lhes o sentido* (Lc 2,19). Em Maria vigora o silêncio, o pudor do mistério. Ela acolhe e recolhe os acontecimentos e lhes sonda o sentido. Entrelê em tudo o toque divino.

O sublime e admirável do Natal não é apenas o nascimento de Deus em nossa carne, mas o nascimento de Deus em nosso coração, na mente, isto é, no mais humano de todo homem, não importando suas condições. Por isso, essa Noite é uma Noite feliz! Noite de Paz! De Luz! De Júbilo! Reconciliação e Misericórdia.

O Natal de Deus é silencioso e sub-reptício. Ele acontece no fundo do coração daqueles que, como os pastores, são homens de boa vontade e que

vigiam na calada da noite. Vigiar significa estar atento para não se permitir a substituição do Natal *do Menino pobrezinho nascido da pobrezinha Virgem Maria* (São Francisco, 2C 199), *por nós nascido a caminho e posto no presépio* (OP SI 15,7), por celebrações pomposas, sem mistério, que não são Natal porque buscam apenas suas aparências.

Que São Francisco de Assis seja nosso exemplo! Quando inventou este *admirável sinal* - o presépio em Gréccio (Papa Francisco) - tinha em mente que este mistério fosse recordado e re-despertado nos corações dos próprios cristãos. Foi o que aconteceu. No término daquela celebração, *um homem de virtude teve uma visão admirável. Pareceu-lhe ver deitado no presépio um bebê sem vida, que despertou quando o Santo chegou perto. E essa visão veio muito a propósito, porque o menino Jesus estava de fato esquecido em muitos corações, nos quais, por sua graça e por intermédio de São Francisco, ele ressuscitou e deixou a marca de sua lembrança. Quando terminou a vigília solene, todos voltaram contentes para casa* (1C 86).

Conclusão

Num mundo dessacralizado, em que o homem perdeu sua vida simbólica e misteriosa, talvez seja preciso redescobrir, no santuário do fundo de nossas almas, o “meio-silêncio”, a “noite-alta”, em que o Filho de Deus quer nascer em nós. Pois, como dizia Orígenes, um dos padres da Igreja, retomado por Mestre Eckhart (Sermão 101): *em que me ajuda que esse nascimento (do Filho de Deus em natureza humana) aconteça sempre, se não acontecer em mim?* É como o nascer do sol. De que adianta o sol nascer hoje, de novo, se eu ficar trancado em meu quarto sem pelo menos abrir-lhe as janelas. Assim, de que me adianta celebrar o Natal todos os anos, se eu não abrir o coração do bem-querer, da boa vontade, à geração do Filho de Deus em mim, dia após dia, sempre mais e sempre de novo?

Natal é o início da Boa Nova, do *Evangelion*, a alegre Mensagem anunciada aos pastores pelos mensageiros celestes: *“Não temais, porque vos anuncio uma grande alegria para todo o povo: nasceu-vos hoje, na cidade de Davi, um Salvador, que é Cristo Senhor”* (Lc 2,11). É “a festa das festas” dizia São Francisco, porque nela tem origem nossa redenção e o fundamento de todas as demais festas e solenidades.

Por isso, há algo de inaudito nesse Dia: a criação toda, os homens todos, a exemplo de Maria, engravidam de Deus. *Na nova humanidade, que é engendrada hoje, o Verbo prolonga sem fim o ato de seu nascimento e, pela força de sua imersão no seio do mundo, (...) toda matéria agora é encarnada...* (Teilhard de Chardin).



Natividade do Senhor

Missa do Dia

Leituras: Is 52,7-10; Sl 97 (98) (R/.3cd); Hb 1,1-6; Jo 1,1-18

Tema-Mensagem: A Palavra, que era Deus, veio morar entre nós para que nós nos pudéssemos tornar filhos de Deus

Introdução

O Natal, assim como a Páscoa, é celebrado tanto na noite quanto no dia, com leituras e textos diferentes ou próprios para cada Missa. A graça de poder comungar desse mistério é tão superabundante, que a Igreja quer exultar e rejubilar em Deus, tanto no recolhimento e no segredo da noite quanto na expansão e na comunicação do dia.

1. Os mensageiros da paz e do reino de Deus (Is 52,7-10)

Todos vivemos ansiosos por notícias. Por isso, sempre na história da humanidade tiveram grande destaque os anunciadores e mensageiros, principalmente os pregoeiros, os evangelizadores, isto é, os anunciadores de boas notícias, como, por exemplo, Isaías, o evangelista do Antigo Testamento. Com muitos séculos de antecedência, em sua visão profética, exaltava: *Como são belos os pés de quem anuncia e prega a paz, de quem anuncia o bem e prega a salvação, e diz a Sião: 'Reina teu Deus!'* (Is 52,7).

O oráculo refere-se, à primeira vista, ao momento histórico do retorno do exílio. Acena para um novo êxodo: a nova passagem da servidão para a liberdade, da terra estrangeira e hostil para a terra familiar e acolhedora. Por esta libertação o profeta havia implorado ardentemente: *Desperta, desperta, reveste-te de força, braço do Senhor* (Is 51,9ss.). E o Senhor respondeu com sua misericórdia, revelando a força de seu braço (de sua ação): *desnudou seu santo braço*, demonstrando sua maior prova de amor para com seu povo, tirando-o do exílio *diante dos olhos de todas as nações*.

Tudo o que fora predito pelo profeta se cumprirá de modo ainda mais pleno a partir da Igreja primitiva, tomada por novos mensageiros de boas notícias: Apóstolos e evangelistas, que anunciam não mais uma ventura futura ou próxima, mas a presença atual e atuante do Reino de Deus. São os pioneiros da Boa Nova da salvação que vêm de Deus e que começa a soar para “todos os confins da terra”. Pioneiros de outrora, que precisam ser encarnados em nós, hoje.

2. Em seu Filho Jesus, Deus disse-nos tudo de uma só vez (Hb 1,1-6)

Para a segunda leitura da Missa do dia do Natal a Igreja escolheu os primeiros versos da Carta aos Hebreus. O autor não podia fazer uma abertura mais auspiciosa do que esta: *Muitas vezes e de modos diversos, falou Deus outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, ele nos falou por meio de seu Filho, a quem Ele constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual ele também criou o universo* (Hb 1,1). É a Boa Notícia acerca da História da Salvação inaugurada por Deus através de seu Filho Jesus.

A revelação de Deus, na história, é paciente e paulatina, mas ela só se consuma na vinda de seu Filho na carne, isto é, na fraqueza e fragilidade de nossa humanidade. Com o mistério da Encarnação, a Palavra de Deus não se expressa mais num discurso profético, mas torna-se um homem, *nascido de mulher* (Gl 4,4). Jesus Cristo, no evento da Encarnação, é a Palavra definitiva de Deus, confiada à humanidade. Nos diz o seu Sim gracioso – diz a nós, que, antes, havíamos dito o nosso rude e grosseiro “Não”. E Deus não tem outra Palavra a nos dar. É só essa. É o seu Tudo de uma só vez e para sempre. *Deus disse-nos tudo ao mesmo tempo e de uma só vez nesta Palavra única e já nada mais tem para dizer. Porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo, que é seu Filho* (VD 14).

3. O verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,1-18)

Como se deu essa revelação definitiva de Deus nos é mostrado pelo Prólogo do Evangelho de São João, escolhido para essa Missa do Dia do Natal. Na apresentação, que o evangelista faz da Palavra do Pai, aparecem três fases, ou melhor, um triplice nascimento do Filho de Deus.

a. O nascimento eterno

O primeiro nascimento dá-se na eternidade: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus* (Jo 1,1).

Antes de mais nada, João quer convidar-nos a um grande ato de contemplação acerca do nascimento eterno do Filho de Deus em Deus. Por isso, seu prólogo tem a forma de um hino. Agostinho, falando de São João, diz que ele *supera os outros evangelistas na profundidade dos mistérios divinos*, e que pode ser comparado à águia, que põe o ninho nos cumes, entre as rochas, e se entoca numa agulha de rocha inacessível.

Mas, de onde lhe vem toda essa virtude? De onde ele haure a sua sabedoria? Resposta: ele bebeu da fonte do peito do Senhor (Cf. Jo 13,23). Por isso

é que ele nos comunica algo da divindade de Cristo e do arcano da Santíssima Trindade: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, Ele estava com Deus. Tudo se fez por meio Dele, e sem Ele nada foi feito. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a receberam* (Jo 1,1-5).

Essas palavras estão entre os anúncios mais grandiosos e sublimes que foram proclamados acerca de Deus. Agostinho dizia que, se o evangelista São João falasse de modo mais elevado, nenhum dos mortais o compreenderia. No entanto, Frei Egídio de Assis, num diálogo com dois frades dominicanos, exímios teólogos, ousou afirmar que São João *nada diz de Deus*. Isso escandalizou esses frades. Quando esses iam embora, Frei Egídio, homem de grande contemplação, fê-los chamar de volta e mostrou-lhes um monte. E propôs-lhes uma parábola:

Se houvesse um monte de sementes de milho tão grande como esse, e mais embaixo, ao pé do monte, houvesse um passarinho a comer dele: quanto diminuiria num dia, ou num mês, ou num ano, ou quanto comeria este passarinho em cem anos? Os freis dominicanos responderam: ‘Quase nada diminuiria, mesmo em mil anos’. Então frei Egídio lhes disse: ‘Tão imenso e tão grande é o monte da sempiterna divindade que o bem-aventurado João, que foi como um passarinho, nada diz a respeito da grandeza de Deus’ (VE 49,7-10).

Assim foi que São João Evangelista, de águia, se transformou em passarinho, no pensamento de Frei Egídio. Ele disse isso, não para diminuir o santo evangelista, mas para mostrar a grandeza do mistério ao qual o evangelista se refere, como que balbuciando.

O Filho de Deus é chamado aqui de *Lógos*, em grego. A tradução latina diz: *verbum*. “Verbo” é palavra que tem uma força operativa, isto é, que é capaz de pôr em obra alguma coisa, diz Agostinho. O Filho de Deus nasce do Pai como a Palavra nasce daquele que a concebe. Nascer é vir à luz. O Filho é luz e imagem, isto é, expressão do Pai: o *esplendor da sua glória e imagem da sua substância* (Hb 1,3). O Filho, embora sendo outro, não é outra coisa do que o Pai. Isto quer dizer: ele é o mesmo, segundo a natureza, e é outro, segundo a pessoa. É chamado de “Palavra” ou “Verbo” porque diz, anuncia e enuncia, Aquele de quem procede, o Pai. Jesus Cristo é o revelador do Pai e é a Sabedoria criadora do universo. É chamado de “Filho” porque, embora sendo outro enquanto pessoa, é da mesma natureza de quem procede, isto é, do “Pai”. O Pai é o princípio sem princípio. O Filho está, desde sempre, nesse Princípio, que é o Pai, e desde sempre dele procede, isto é, é gerado, nasce.

Nele, o Pai se pronuncia a si mesmo de modo completo e perfeito. O Pai é como uma fonte oculta do ser. É a doação do ser. O Filho é como o manancial que jorra dessa fonte. É a recepção do ser. Eternamente, num processo sem mutação, num devir sem tempo, o Filho nasce do Pai. Este Filho é, pois, o mesmo que o Pai (enquanto é Deus).

b. O nascimento no tempo

O segundo nascimento dá-se dentro da História: *E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós* (Jo 1,14). Por ser força operativa, o Filho, o Verbo, é que põe em obra a vontade, o bem-querer do Pai: tudo que existe, o visível e o invisível. Ele abraça tudo, conserva tudo, do mais elevado, um anjo, ao mais baixo, um vermezinho. Ele é a Sabedoria, a Arte, com a qual Deus projetou e criou todas as coisas.

Esta Sabedoria criadora é a luz dos homens (Cf. Jo 1,4). Viver na sua clareza e transparência é nossa destinação. Por isso, ser criatura, principalmente ser homem, significa participar desta luz, deixar-se banhar em sua beleza e clareza para também ser beleza e luz.

O Natal mostra que a obra suma do Verbo, à qual toda a criação está ordenada, é a sua própria Encarnação e, por conseguinte, nossa geração como filhos no Filho. O sumo, pois, de toda a História da Salvação, de toda a obra de Deus no tempo, é indicado com as palavras: *E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós* (Jo 1,14). O homem só pode nascer de Deus se Deus nasce do homem.

O Filho de Deus se fez filho do Homem e os filhos dos homens, por isso, puderam se tornar filhos de Deus. Assim como nossa palavra se faz voz, do mesmo modo também a Palavra do Pai se faz carne, isto é, toma uma forma pela qual ele pode se dar a conhecer aos homens. O Verbo invisível toma a forma visível de nossa humanidade. *Fez-se carne*: estas palavras indicam a perfeita união pessoal do Filho de Deus com nossa natureza humana toda, inteira, em corpo e alma. Esse evento central e, ao mesmo tempo, final, isto é, definitivo, derradeiro, da história – a Encarnação do Verbo – mostra o amor terno, visceral, humilde de Deus para conosco, os humanos. São Francisco viu e captou algo da ternura desse amor entranhado na figura da “Senhora Pobreza”.

São Boaventura, no “Itinerário da Mente para Deus” se admira com esse mistério da humanidade de nosso Deus:

O eterno uniu-se com o homem temporal, nascido duma Virgem, na plenitude dos tempos. O Ser simplicíssimo uniu-se com o ser essencialmente composto. O ser soberanamente em ato uniu-se

com aquele que extremamente sofreu e morreu. O ser perfeíssimo e imenso uniu-se com o insignificante. O ser sumamente uno e soberanamente tudo uniu-se com uma natureza individual, composta e distinta das outras, isto é, com o homem Jesus Cristo (VI, 6).

c. O Natal em nossa mente

O terceiro nascimento acontece em nós, porque, à medida que Ele se torna para nós um *filho que nos foi dado* (Is 9,5), nós nos tornamos para Deus filhos seus muito amados. Pois, *àqueles que O receberam e acreditaram em seu nome, deu-lhes o poder de se tornar filhos de Deus* (Jo 1,12).

Assim como Maria, cada alma, “naturalmente cristã” (Tertuliano), é chamada a gerar o Cristo em si mesma. Como Maria, a alma (o humano), que gera o Cristo em si mesma, há de ser virgem. “Virgem” quer dizer “solteira”, isto é, “solta”, “livre”. Livre para quê? Para servir. Isto quer dizer: a alma, que gera Cristo, tem que ser “serva do Senhor”, na disponibilidade que diz: “Eis-me aqui!”, “Presente!”, “Fiat!”, isto é, “faça-se em mim segundo a tua palavra!” É dessa disponibilidade virginal que vem a fecundidade para deixar Deus atuar em nós e fazer de nós “mães” do Senhor Jesus Cristo. Segundo São Francisco, na “Primeira Carta aos Fieis”, aqueles que entram na “penitência”, isso é, na revolução da mente, que faz o homem voltar-se para Deus, se tornam “mães de Nosso Senhor Jesus Cristo”. E explica: *Somos mães, quando O levamos no coração e em nosso corpo, por amor divino e consciência pura e sincera; O damos à luz pela santa operação, que deve brilhar em exemplo para os outros* (1CF 10).

Ao gerar Deus em si mesmo, o homem é também gerado em Deus. Torna-se filho no Filho de Deus, com o Filho de Deus, como o Filho de Deus. João, cujo nome significa “filho da graça”, diz: *Os que O receberam (a Jesus) e acreditaram no seu nome, deu-lhes o poder de se tornar filhos de Deus* (Jo 1,12). A essa graça os cristãos gregos chamam de *theiosis* e os latinos de *deificatio*: deificação.

Conclusão

E a Palavra se fez carne e veio morar no meio de nós (Jo 1,14) não é apenas a culminância de todo o prólogo, mas também a culminância e a consumação de toda a história da humanidade: seu princípio e seu fim. A partir de então, os homens, sua caminhada e a criação toda, não são mais os mesmos, como também Deus não é mais o mesmo, o que poderia parecer uma heresia. Mas, não é! Pois, os primeiros foram divinizados, tornando-se “deuses” e

Deus torna-se um de nós: um Deus “humanado”. Por isso dizia a franciscana secular, Bem-aventurada Ângela de Foligno: *Não há maior amor do que Deus fazer-se carne para tornar-me Deus* (Ofício da Leituras).

Tão profunda e gloriosa é esta transformação que o Novo Testamento não tem receio de chamá-la, com toda a razão, de “nova criação”, “novo céu” e “nova terra”. Na contemplação de tão admirável e santa comunhão, tão sublime casamento e sagrado convívio, São Francisco foi levado a compor e a proclamar este Salmo:

Este é o dia que o Senhor fez / exultemos e nele nos alegremos.
Porque o santíssimo Pai do Céu, nosso Rei antes dos séculos, /
enviou do alto seu dileto Filho / e nasceu da bem-aventurada vir-
gem santa Maria (...). Porque nos foi dado um menino santíssimo
e dileto / e nasceu a caminho por nós e posto no presépio / porque
não havia lugar na estalagem (OP Sl. XV).

Todo este profundo mistério foi admiravelmente contemplado e vivido por São Francisco e por todo o povo do vale de Rieti, no famoso “Presépio de Grécio”. Nosso Papa Francisco, falando deste “Admirável Sinal”, depois de afirmar que ele *é como um Evangelho vivo*, nos exorta a *colocar-nos espiritualmente a caminho, atraídos pela humildade Daquele que se fez homem, a fim de se encontrar com todo o homem, e a descobrir que nos ama tanto, que Se uniu a nós para podermos, também nós, unir-nos a Ele* (Carta Apostólica *Admirabile Signum* do Santo Padre Francisco sobre o significado e valor do presépio).

São Francisco via como uma só realidade o mistério da Encarnação-Cruz-Ressurreição e o mistério da Eucaristia. É o mesmo amor, a mesma humildade de Deus, a mesma forma de vida, que se dão na criança nascida no estábulo em Belém (que significa “casa do pão”), no Crucificado e no Pão eucarístico. Na segunda Carta aos Fiéis, São Francisco chama a atenção para estes mistérios:

Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e gloriosa, o altíssimo Pai anunciou do Céu, por meio do seu santo anjo Gabriel, no útero da Santa e Gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade. Sendo rico, acima de todas as coisas, Ele mesmo, juntamente com a beatíssima Virgem Maria, sua Mãe, quis no mundo escolher a pobreza. Próximo da Paixão celebrou a Páscoa com seus discípulos. E tomando o pão deu graças, o abençoou e o partiu dizendo: ‘Tomai e comei, isto é o meu corpo’. E tomando o cálice disse: ‘Este é o meu sangue do novo testamento que será derramado por vós e

por muitos para a remissão dos pecados'. Em seguida, orou ao Pai dizendo: 'Pai, se for possível, que passe de mim este cálice!' Seu suor se fez como gotas de sangue, escorrendo na terra. Contudo, pôs sua vontade na vontade do Pai, dizendo: 'Pai, faça-se a tua vontade; não como Eu quero, mas como Tu queres!' (2CF 4-10).

Aquilo que São Francisco diz da Eucaristia poderia ser dito também do mistério da Encarnação. Assim como o Filho de Deus se apresentou, um dia, como criança, em Belém, a cada dia ele se apresenta na Eucaristia como pão, na mesma humildade sublime e sublimidade humilde:

Pasme o homem todo, estremeça o mundo inteiro e exulte o Céu, quando, sobre o altar, na mão do sacerdote, está o Cristo, o Filho do Deus vivo! Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó humildade sublime! Ó sublimidade humilde! O Senhor do universo, o Deus e o Filho de Deus, assim se humilha e se oculta sob a módica fórmula de pão para a nossa salvação! (CO 26-27).

Esta mesma visão é compartilhada por Santa Clara em sua quarta Carta a Inês de Praga. Clara convida Inês a olhar para o espelho, que é Cristo. Ela diz: *Neste Espelho, porém, refulge a sagrada pobreza, a santa humildade e a inefável caridade, tal como poderás contemplar por todo o Espelho com a graça de Deus* (4CCL 19). No princípio do Espelho está o mistério da Encarnação do Filho de Deus, com sua humildade e pobreza. No meio do Espelho está sua vida vivida segundo a dinâmica da terra dos homens, com suas lutas e labutas, que demonstram sua pobreza. E no fim do Espelho está sua morte de cruz, que revela sua caridade. E, sobre o princípio e o mistério da Encarnação, diz: *Escuta, digo, a pobreza, princípio deste Espelho, colocado no presépio e envolto em panos. Ó humildade admirável, ó pobreza estupenda! O Rei dos anjos, Senhor do Céu e da Terra, deitado num presépio!* (idem 20). Que contemplemos, pois, este Espelho com o desejo de nos tornarmos como Ele, marcados pela humildade e pobreza e caridade. Em louvor de Cristo! Amém!



Sagrada Família de Jesus, Maria e José

Leituras: Gn 15,1-6;21,1-3; Sl 104; Hb 11,8.11-12.17-19; Lc 2,22-40)

Tema-Mensagem: No espírito da alegria e da gratidão de Maria e José, que hoje sobem a Jerusalém para oferecer e consagrar ao Senhor o Menino Jesus, ofereçamos nós também nossas famílias ao Pai de toda a Família humana e de toda a criação.

Introdução

Logo após, ou melhor, dentro da solenidade do Natal, celebramos hoje a apresentação do Menino Jesus no templo e, com ela, a festa da “Sagrada Família: Jesus, Maria e José”. A família é a primeira experiência que fazemos de ser uns com os outros e de ser uns para os outros. Nossa primeira experiência de vida não é a de indivíduos, mas de estar ou melhor de sermos relacionados. É a partir dela – a família - que se dá nossa Encarnação no mundo. Assim, também, a família é a primeira realidade humana na qual Cristo quis encarnar-se e na qual viveu os trinta anos da sua vida, escondido do mundo.

1. Na fé de Abraão, o princípio de toda aliança religiosa (Gn 15,1-6; 21,1-3)

A Liturgia da Palavra de hoje começa com um pequeno trecho do Livro das origens. A narrativa apresenta um momento de profunda crise de fé, de confiança de Abraão em Jahvé. Esse lhe havia prometido grande descendência; que se tornaria pai de uma grande tribo ou nação – o benefício mais apreciado naquela época, aquilo que mais realizava e tornava feliz um varão, um pai de família (Cf. Gn 12,2). Ora, os anos estavam se passando. Sara, sua esposa, avançando cada vez mais em idade, continuava estéril e ele cada vez mais velho e nenhum sinal de que a promessa se realizasse.

É então que, *naqueles dias*, (isto é, naquela situação conflitiva) *o Senhor falou a Abraão, dizendo: “Não temas, Abraão! Eu sou o escudo que te protege; tua recompensa será muito grande...”* (Gn 15,1).

Abraão, porém, insiste apontando para a raiz de sua crise. Se as coisas continuarem desse jeito, em vez de um filho – uma bênção - terá como herdeiro de seus bens, de sua nova terra, um de seus servos, o que lhe seria uma vergonha perante todos os povos. Jahvé, porém, retoma sua promessa, dizendo-lhe: *“Olha para o céu e conta as estrelas, se fores capaz... Assim será tua*

descendência” (Gn 15,5). Vem, então, a frase mais importante de toda esta narrativa e de todo o Antigo Testamento: *Abraão teve fé no Senhor, que considerou isso como justa* (Gn 15,6).

Temos, pois, aqui, nesta resposta de Abraão, o vigor que é a origem, o princípio e a sustentação de toda e qualquer aliança religiosa como Igreja, família, etc.; o vigor que nasce da graça de uma resposta à graça da honra da visita e do chamado de Deus. *Abraão teve fé no Senhor*, isto é, deu-lhe uma resposta justa, uma resposta à altura, adequada ao chamado e à promessa de Deus. Ou seja, a um Deus que o procurou, o visitou e confiou nele gratuitamente; a um Deus que acreditou nele sem nenhum motivo ou razão, também ele - Abraão - não podia fazer diferente senão dar-lhe, também ele, uma resposta sem medidas, sem porquê, nem para quê. Por isso, Abraão passa para a história como o “Pai dos crentes”, o protótipo, o exemplo sobre o qual deve erguer-se a vida de todo aquele que queira dar uma resposta à altura a Deus que lhe vem de encontro e o chama para uma aliança; o protótipo do antigo e do novo Povo de Deus, da Igreja, da família.

2. O consagrado por excelência é levado ao templo para ser consagrado (Lc 2,22-40)

O Evangelho de hoje faz a proclamação da apresentação do Menino Jesus no templo, por parte de seus pais, José e Maria.

1.1. Os pais, Maria e José, levam o menino ao templo

O Evangelho começa narrando a subida de José e de Maria a Jerusalém - a primeira de Jesus para a capital sagrada, a cidade onde se esconde a vontade do Pai. No fundo, o que move esta primeira cena está a velha lei judaica, à qual Ele, Jesus, quis submeter-se a fim de redimi-la e recriá-la. Lei essa, segundo a qual todo primogênito é sagrado, pertencente a Deus. Consequentemente devia ser oferecido a Deus e sacrificado. Todavia, como era proibido o sacrifício humano, este devia ser substituído por um animal puro (ovelha ou pomba).

Mas, Lucas, ao descrever essa cena, provavelmente queira dizer que Jesus é o primogênito não apenas de Maria e José, mas também do próprio Deus: o Filho Unigênito do Pai; que esta oferta ou consagração só ficará plenamente esclarecida e consumada no Calvário, onde Jesus não será mais substituído por nenhuma outra oferta, porque Ele mesmo, em pessoa, se oferecerá ao Pai como seu Filho primogênito, para a salvação dos homens. E lá, no Gólgota, na cruz, junto ao novo templo de Deus, para todo o povo, para toda a humanidade, ao consumir seu amor, sua entrega ao Pai, de novo, estará presente sua mãe como aqui no velho templo de Salomão.

1.2. O velho Simeão e sua profecia

No centro da narrativa, porém, está uma importante revelação. Jesus é oferecido ao Pai, que, por sua vez, responde enviando a força do Espírito ao velho e misterioso Simeão (Cf. Lc 2,25-35) que, tomando o Menino nos braços, faz a famosa e enigmática profecia: *“Agora, Senhor, conforme tua promessa, podes deixar vosso servo ir em paz, porque meus olhos viram a tua salvação”* (Lc 2,29-30). Ora, o que representa este velho Simeão senão o antigo Israel que agora pode repousar tranquilo, pois sua luta, sua história, sua esperança não terminam em vão?! Ele viu a salvação de seu povo e sabe que sua meta, agora, é o triunfo da vida presente naquele Menino. Na vida desse Menino, filho da promessa, todos aqueles que lutam, buscam e esperam, enfim, a humanidade toda, os novos filhos de Adão, a história toda, encontrarão sentido.

Tomando, então, o menino nos braços, com poucas, mas belas e emotivas, palavras, proclama o conhecido hino de louvação, que a Igreja recorda, assume e canta na Oração das Completas, todos as noites ao findar suas lides diárias. Vistas, porém, a partir de um olhar um pouco mais profundo, essas palavras encerram um destino de dor e de luta: *“Este Menino vai ser causa de queda e de reerguimento para muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição... Quanto a ti (Maria) uma espada te traspassará a alma”* (Lc 2,34-35). Assim, desde o princípio de sua vocação até o Gólgota, Maria aparece como sinal da Igreja que carrega em si toda a graça salvadora de Jesus, mas que, também ela, por isso, se transforma em sinal de divisão e desencontro. Começa a abrir-se, assim, uma clareira de vida e esperança, que culminará no Calvário e se estenderá para toda a Igreja e para toda a humanidade, até o fim dos tempos.

Assim, quando o Evangelho diz que Jesus foi levado a Jerusalém, ao templo, a fim de ser apresentado e consagrado ao Senhor, Lucas não está falando num sentido apenas físico e geográfico, mas nos dá um ensinamento existencial, espiritual: o caminho do Primogênito de Deus é o da humildade, o da sujeição aos homens e ao seu Pai, caminho que, depois, encanta São Francisco a ponto de fazer dele sua Regra e forma de vida: seguir a Pobreza, a humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo (Cf. RNB).

3. A fé exemplar dos antigos pais (Hb 11,8.11-12.17-19)

O capítulo 11 da Carta aos Hebreus, do qual é tirado o trecho proclamado como segunda leitura na Missa de hoje, nos recorda os antigos mártires da fé; nos põe em comunhão com a herança maior de seu testemunho: que *a fé é o fundamento do que se espera e a prova das realidades que não se veem* (Hb 11,1). Fé é o vigor daqueles que buscam aquilo que não veem com os olhos

carnais, mas o sentem e o veem presente em forma de promessa, de amor. A fé é uma visão enigmática. Porém, embora enigmática, não deixa de ser uma visão, uma ótica, uma perspectiva e prospectiva que nos direciona para Deus e que nos conduz a uma entrega confiante a Ele, de modo absoluto, incondicional.

Por isso, a fé implicará sempre numa escolha entre dois caminhos: ou viver atento e preso às realidades que vêm do alto, do Senhor, ou atento e preso às realidades de seu egocentrismo, particular ou grupal, social. No segundo caso, a vida é vivida e construída a partir dos dons e recursos humanos ou das chances que as circunstâncias históricas lhe oferecem. Já, no primeiro caso, a vida se apresenta como peregrinação rumo à pátria melhor, embora ainda desconhecida. Daí a conclusão que o autor faz acerca de Abrão, o Pai da fé: *Ele estava convencido de que Deus tem poder até de ressuscitar os mortos. Assim recuperou o filho – o que também é um símbolo!* (Hb 11,19). Símbolo de Jesus Cristo!

Conclusão

Nosso Papa Francisco, ao falar da “Família à luz da Palavra”, assim começa:

A Bíblia, em suas inúmeras páginas, vem recheada de famílias, gerações, histórias de amor e de crises familiares, desde as primeiras páginas, onde entra em cena a família de Adão e Eva, com o seu peso de violência, mas também com a força da vida que continua (Cf. Gn 4) até às últimas páginas em que aparecem as núpcias da Esposa e do Cordeiro” (Cf. Ap 21,2.9) (*Amor Laetitiae*: AL 8).

Seja de que tamanho, origem, status ou forma for, continua o Papa:

No centro, de toda família, encontramos o casal formado pelo pai e a mãe, com toda a sua história de amor. Neles se realiza aquele desígnio primordial que o próprio Cristo evoca com decisão: «Não lestes que o Criador, desde o princípio, fê-los varão e mulher?» (Mt 19,4). E retoma o mandato do livro do Génesis: «Por esse motivo, o varão deixará pai e mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne» (Gn 2,24). Por isso, o casal que ama e gera a vida é a verdadeira «escultura» viva (não a de pedra ou de ouro, que o Decálogo proíbe), capaz de manifestar Deus criador e salvador (idem 9).

Que a Sagrada Família, protótipo da nova família, que veio substituir a velha família de Adão e Eva, ajude os atuais pais, as mães e os filhos a ser cristãos leigos e leigas, sal da Terra e luz do Mundo. E conclui nosso Papa:

Que saibam que a ‘ALEGRIA DO AMOR’, que vivem nas famílias, é também o júbilo da Igreja; que apesar dos numerosos sinais de crise no matrimônio, ‘o desejo de família permanece vivo’, especialmente entre os jovens; que, o anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia (AL 1).

Terminemos com uma recordação da *Regra da Ordem Franciscana Secular*. Trata-se de uma passagem que ilumina a vida em família dos que foram tocados pelo exemplo de São Francisco e que participam de seu carisma no cotidiano da vida familiar:

Em sua família, vivam o espírito franciscano de paz, de fidelidade e de respeito à vida, esforçando-se para fazer dela o sinal de um mundo já renovado em Cristo. Os esposos, em particular, vivendo as graças do matrimônio, testemunhem, no mundo, o amor de Cristo por sua Igreja. Mediante uma educação cristã simples e aberta de seus filhos, atentos à vocação de cada um, caminhem alegremente com eles em seu itinerário humano e espiritual (ROFS 17).

Que nossas famílias sejam verdadeiras Igrejas domésticas. Que nelas, a caridade, o dom mais excelente, e o caminho mais perfeito, seja vivido na pequena via do cotidiano. Assim seja!



Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus

Leituras: Nm 6,22-27; Sl 66; Gl 4,4-7; Lc 2,16-21

Tema-mensagem: Maria, a santa Mãe de Deus, gera e oferece ao mundo o Príncipe da paz

Introdução

“Solenidade de Maria, Mãe de Deus!” É assim que a Igreja, hoje, dentro da oitava do Natal, expressa e celebra, jubilosa, a identidade mais profunda, misteriosa e encantadora, mas, também dramática de Maria. Com Maria, a Mãe de Jesus, a Mãe de Deus e, por extensão, nossa Mãe, a Mãe do Príncipe da Paz universal, temos também, juntamente com o início de um novo ano civil, a alegria de podermos celebrar a graça do mistério do tempo, da existência humana e de toda a criação.

1. A grande bênção patriarcal (Nm 6,22-27)

A primeira leitura de hoje traz a bênção aarônica, bênção sacerdotal da Antiga Aliança, de cuja invocação foram incumbidos Aarão e seus filhos: “*Invocarão o meu nome sobre os filhos de Israel e Eu os abençoarei*” (Nm 6, 27). Como dádiva divina graciosa, dispensada pelo Senhor, em sua liberdade soberana, a bênção nasce sempre de seu bem-querer. Por isso, sempre se expressa num relacionamento de intimidade de um “Tu” para outro “tu”: “O Senhor (o grande TU) *te abençoe e te guarde...*” (Nm 6,24).

A invocação do nome do Senhor sobre o povo é como a garantia de uma assinatura, de um selo ou carimbo de pertença. Por três vezes ela se repete:

- “*Que o Senhor te abençoe e te **guarde!***” (Nm 6,24). Literalmente, te doe proteção. No homem, Deus vê seu Filho muito amado – seu *alumnus*, seu pupilo. Por isso, o Senhor o protege como a menina de seus olhos;

- “*O Senhor faça resplandecer sobre ti seu olhar e te conceda sua **graça!***” (Nm 6,25). Literalmente, te doe perdão, misericórdia. Deus quer que nós comunguemos de sua identidade mais profunda, de sua benevolência, de seu amor, através de um rosto sorridente, alegre e misericordioso, como o rosto do Pai do Filho pródigo;

- “*O Senhor volte para ti o seu olhar e te dê a **paz!***” (Nm 6,26). Literalmente: “Que o Senhor levante seu rosto para ti e te dê a paz!” Levantar o

rosto significa acolher. Que o Senhor te acolha! Que ele não desvie o rosto de ti! Essa é a vontade paterna de Deus: acolher o homem que se volta para Ele.

A primeira leitura termina com esta orientação: *Assim, invocarão seu nome*. O Nome do Senhor é secreto, maravilhoso (Cf. Gn 32,30; Jz 13,18). É nome inominável, inefável, porque acena, guarda e comunica tudo aquilo – o mistério - que Deus, *Jahvé*, quer ser para o seu povo: Deus que quer marcar presença, caminhar com seu povo e ser dele.

2. Filhos no Filho (Gl 4,4-7)

A segunda leitura, tirada da Carta aos Gálatas, começa com o anúncio do cumprimento do tempo messiânico: *Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho...* (Gl 4,4).

O desafio que nos incumbe essa mensagem é experimentar essa plenitude no meio das vicissitudes do dia a dia; de dispor-nos para acolher o mistério da humanidade e da humildade de Deus, do Deus Menino, em nossas vidas. Só então acontecerá também para nós a plenitude de nosso tempo. Isso se dará se fizermos cada dia de nossa vida um dia de Natal; se vivermos sempre de novo, a cada amanhecer, o irromper da plenitude de nosso tempo. Celebrar o Natal significa dispor-nos a abrir o coração para que ela, essa plenitude – a presença do Menino Deus - se dê nas mais diversas vicissitudes, nos apertos e nos alívios, nas alegrias e tristezas de cada dia.

A vinda de Cristo na história humana, porém, antes de uma chegada repentina, a modo de um meteorito, vem de dentro, num processo de gestação: *nascido de uma mulher, nascido sujeito à lei* (Gl 4,5). Neste processo, Jesus vai comungando de todas as consequências e reverses da condição humana decadente desde a queda de Adão. Para o apóstolo Paulo é de suma importância insistir na mensagem de que o Filho de Deus é homem como todo e qualquer homem, homem inteiramente humano e, por isso, plenamente inserido naquele estado da maldição da lei, no qual e pelo qual se tornou *maldito a ponto de ser suspenso no madeiro* (Cf. Gl 3,13).

A importância desta insistência de Paulo é para mostrar que só assim o homem é libertado, de modo radical e inteiramente, de sua condição de escravo da lei; só assim ele – o homem - passa, como Ele, a ser filho do Pai. Esta identificação libertadora segue o caminho da *kénosis*, isto é, do abaixamento, através da qual Ele imerge inteiramente na miséria humana até a morte mais vergonhosa, que é a morte de cruz; atraindo, assim, a si todos os que comungam dessa miséria.

Estamos diante de um novo princípio de salvação para todas as relações humanas, sociais, políticas, econômicas e religiosas. Por isso, todos aqueles

que, realmente, proclamam esta fé de filhos do único Pai, devem considerar a si e a todos como verdadeiros irmãos, não podendo admitir nenhuma discriminação seja de que tipo ou nível for, social ou religioso, econômico ou político. Bem dizia São Francisco:

‘Todos vós sois irmãos! Por isso, não vos chameis de pai sobre a Terra, pois, um só é vosso Pai, que está nos Céus. Nem vos chameis de Mestre. Pois um é o vosso Mestre’ que está nos Céus. ‘Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e vos será dado. Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou Eu no meio deles’ (RNB 22,33-36).

3. Maria, fazendo-se Mãe de Deus, faz-se também Mãe da nova humanidade e nos dá o Príncipe da Paz (Lc 2,16-21)

Entre os diversos aspectos (mistérios), que envolvem o nascimento de Jesus, está o de Maria, sua Mãe, e dos pastores.

3.1. Os pastores, sua louvação e anúncio

O Evangelho de hoje começa com a visita dos pastores. Na origem desse evento está uma bela notícia, um verdadeiro Evangelho vindo do céu, através do Anjo do Senhor: “*Hoje, nasceu para vós um Salvador!*” (Lc 2,10-11). O anúncio exige uma dupla resposta: que o sinal seja verificado e que seu significado aceite. Por isso, os pastores vêm pressurosos e, de fato, encontram tudo como fora anunciado pelo Anjo: Maria e José, e o Menino deitado no coxo (Lc 2,20). Ato contínuo, entoando glória e louvores a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, à semelhança dos Apóstolos, mais tarde, diante da Ressurreição, saíram a anunciar a Boa Nova desse nascimento, cheio de mistério, a todos quantos encontravam, tornando-se, assim, os primeiros evangelizadores.

Usualmente a tradição cristã vê nestes pastores a figura dos pobres da terra que vivem à margem da segurança e das benesses do estado, da sociedade e da Religião, uma gente fora da lei, envolvida, muitas vezes, em brigas internas por causa de furtos e outras desavenças comuns neste gênero de vida. Mas, não podemos esquecer, principalmente, que esses pastores estão ligados a Belém, a cidade de origem do menino Davi, pequeno pastor, escolhido para ser o grande rei, um segundo fundador do Povo eleito, imagem do futuro Messias; devemos também recordar Abraão e demais patriarcas, humildes e simples pastores que, também, souberam dar sua resposta de fé à visita e ao chamado do Senhor.

Mas, acima de tudo, o evento dos pastores nos coloca, já de saída, diante do paradoxo fundamental de todo Cristianismo: o Salvador vem em forma de um menino, indefeso, deitado numa manjedoura, envolto em faixas pobres, em meio a animais. Um Menino que se tornará o Cordeiro de Deus. E eles, ao contrário dos poderosos deste mundo, creram, botaram fé, se fiaram neste sinal, que é a Senhora Pobreza, como dirá mais tarde São Francisco. Assim, neles, os mais humildes, pequenos e marginalizados de Israel começou a brilhar, como outrora em Abraão, a nova luz acerca da verdade de Deus e que brilhará em plenitude, mais tarde, no Gólgota: o Crucificado, o Cordeiro de Deus que, ao morrer entre ladrões, dá sua vida pelos homens.

3.2. Maria, Mãe de Deus

Em seguida, Lucas nos mostra Maria recolhida e recolhendo (*sympálloussa*) em seu coração todas as coisas que via e ouvia, buscando nos acontecimentos-palavras (*tà rhémata*) um sentido divino. Esse era seu empenho maior (Cf. Lc 2,19), seu alimento diário. Ser mãe, mais que gerar, é buscar, colher e recolher o sentido desse milagre da vida - o filho – a fim de poder ser-lhe, cada vez mais, o mais fiel possível. Nele está seu tudo. Um mistério que a acompanhará por todos os dias de sua vida: um menino que tem sangue de seu sangue, osso de seus ossos, mas que é de origem misteriosa, divina. Como entender esta união divina e humana?

Estamos diante do outrora (século IV) tão discutido e famoso mistério, dogma, da “união hipostática”. Este mistério significa que Jesus é uma única pessoa, portadora de duas naturezas: a divina e a humana, que, sem se confundir, encontram-se unidas intimamente. Conseqüentemente, Maria não é simplesmente a mãe do varão Jesus, mas também do Deus-homem, do Verbo encarnado, ou, como a saudou Isabel: *Mãe do Senhor* (Lc 1,43), verdadeira *Theotokos*, isto é, verdadeira genitora de Deus. Eis o título com o qual nós a saudamos hoje e em todas as “Ave Marias”: “Mãe de Deus”. É o título mais nobre que uma mulher mortal poderia receber. Todos os seus outros títulos, como água de uma vertente, emanam dessa sua dignidade de mãe de Deus, “Mãe do Senhor”.

Segundo Santo Efrém, o Sírio (+ 373), com o título *Theotokos* (Mãe de Deus), a Igreja antiga quis manifestar para com ela toda sua devoção, reverência e amor:

Mas, ó Virgem Senhora, imaculada Mãe de Deus, minha Senhora gloriosíssima, minha Senhora beneficentíssima, mais sublime do que o céu, muito mais pura do que os esplendores, os raios, os fulgores solares, ... Vara germinante daquele Aarão, vara que

verdadeiramente apareceste, e mostraste a flor, teu Filho, nosso Cristo verdadeiro, meu Deus e meu autor. Tu, segundo a carne, geraste Deus e Verbo, antes do parto, servindo na virgindade, virgem permaneceste após o parto, e nós fomos reconciliados com Deus, o Cristo, teu Filho!

3.3. **Maria, Mãe da Igreja**

Maria, por ser a Mãe de Jesus, torna-se também a Mãe de todos os seguidores de seu Filho, a Mãe da Igreja. Costumamos argumentar que Maria se torna Mãe da Igreja quando no auge da Cruz, Cristo, se dirigindo a ela, indica o discípulo que Ele amava e diz: “*Mulher, eis aí teu filho!*”; e depois dirigindo-se ao discípulo, diz: “*Eis aí tua mãe!*” (Jo 19,26-27). Mas, talvez, Jesus esteja dizendo que, agora sim, pela participação dela na paixão da Cruz, Maria consumara sua Maternidade, iniciada com a anunciação do Arcanjo: que agora, sim, Maria acabava de se tornar verdadeiramente Mãe Dele – Jesus, dele João e de todos quantos O seguirem.

Quem compreendeu bem essa exclamação foi São Francisco, quando redigiu a seguinte saudação: *Salve, Senhora, santa Rainha, santa genitora de Deus, que és virgem feita Igreja!* (SVM).

Segundo essa saudação, Maria e a Igreja fundem-se na mesma alma, vocação e missão: a maternidade divina. Assim, quem vê Maria vê a Igreja e quem vê a Igreja vê Maria. Na maternidade de Maria, a Igreja contempla e vive sua maternidade. Na maternidade da Igreja, Maria vê prolongar-se sua Maternidade divina.

Assim, o mistério da maternidade divina de Maria, em vez de restringir-se apenas a ela, estende-se a toda a Igreja e a toda a Humanidade, a toda a Terra. Ela é a mãe dos homens da terra e da terra dos homens. Sim, a *nossa irmã, a mãe terra* (CIS 9) também participa deste mistério da maternidade divina, gemendo em dores de parto (Cf. Rm 8,22). Sim, todos nós humanos, com todas as demais criaturas, somos chamados a ser em Jesus filhos de Maria e filhos de Deus, como também chamados a ser em Maria, mães de Jesus.

Maria torna-se assim a Nova Eva (Mãe da vida e dos viventes), assim como Cristo, seu Filho, se tornou o Novo Adão. Deles nos advém a Nova Criação: o Natal do Novo Céu e da Nova Terra, a Paz e a Fraternidade universal.

3.4. **Deram-lhe o nome de Jesus**

O Evangelho de hoje termina dizendo: *Quando se completaram os oito dias para a circuncisão do menino, deram-lhe o nome de Jesus, como fora chamado pelo próprio Arcanjo, antes de ser concebido* (Lc 2,21).

Estamos diante do sumo da bênção de Deus, atestado na primeira e segunda leitura de hoje. Essa bênção nos vem em seu Filho Jesus, porque Ele é o próprio Deus-conosco, o “Emanuel”, assim decantado por São Paulo: *Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a bênção espiritual nos céus, em Cristo Jesus* (Ef 1,3). Se neste mundo receber um filho, ganhar um irmão é uma grande bênção, o que não dizer quando este filho e irmão é o Filho de Deus!?

Por isso, para nós o nome “Jesus” é tudo. É nosso caminho, nossa verdade, nossa vida. Disso souberam e provaram os cristãos do ocidente e do oriente. Os que escreveram sobre São Francisco, por exemplo, falavam de como o nome de Jesus era doce ao paladar espiritual desse Santo. Tomás de Celano, ao mostrar a devoção de Francisco para com a “Natividade do Menino Jesus”, fez questão de anotar como ele pronunciava este nome com singular afeto, *balbuciando doces palavras como uma criancinha, e como, para ele, esse nome (Jesus) era como favo de mel em sua boca* (1C 86). Santa Joana D’Arc, por sua vez, quando ia se encaminhando para a fogueira, não cessava de balbuciar “Jesus!”, “Jesus!”, “Jesus!”.

Conclusão

A alegria da Solenidade de Maria, Mãe de Deus, coincide com a alegria da chegada do Ano Novo, evento que nos leva a bendizer a graça do mistério do tempo, da existência, do ser.

Além do mais e, principalmente, por mais secularizada que hoje esteja, esta festa ainda traz, no ocidente, as marcas do mistério da Encarnação. Nosso calendário, dizendo “depois de Cristo”, sempre proclama que estamos reiniciando o Tempo de Cristo, que todo o ano é *ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo*. Neste sentido, o novo ano pode significar a graça de começar, de nascer de novo, como recomendava São Francisco, no fim de sua vida: *“Meus irmãos, comecemos a servir, de novo e com humildade, ao Senhor, porque até agora bem pouco fizemos”* (1C 103).

Por tudo isso, vem muito a propósito a Igreja iniciar o novo ano, o dia da Paz e da Fraternidade universal, e, celebrar a solenidade de Maria Mãe de Deus, com a proclamação da primitiva bênção de Aarão, o dia em que *Deus fez Maria sorrir porque ela deu à luz o sorriso de Deus, Jesus Cristo* (*Tesouros da Literatura e da História, Santo Antônio de Pádua*, volume II, 1987; pág. 625 - III Sermão *in Nativitate Domini*).

Contemplando este mistério, assim se expressa Santo Anselmo:

Toda a criação é obra de Deus, e Deus nasceu de Maria. Deus criou todas as coisas, e Maria deu à luz Deus! Deus que tudo fez,

formou-se a si próprio no seio de Maria. E, deste modo, refez tudo o que tinha feito. Ele, que tudo pode fazer do nada, não quis refazer em Maria o que fora profanado. Por conseguinte, Deus é o Pai das coisas criadas, e Maria é a Mãe das coisas recriadas. Deus é o Pai da criação universal, e Maria a Mãe da redenção universal... (Ofício das Leituras, 8 de dezembro).

Como os pastores, nós também, terminada a Oitava do Natal, voltemos jubilosos para as casas de nosso cotidiano, de nosso tempo, de nossa “Casa Comum” glorificando e louvando a Deus por ter-nos concedido a graça de ver, celebrar e testemunhar, mais uma vez, o Mistério divino-humano de Jesus e de Maria, a Mãe de Deus.

Por intercessão de Maria, a Mãe de Deus, que durante todo este novo Ano:

*O Senhor te abençoe e te guarde!
O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face, e se compadeça de ti!
O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz (Nm 6, 23-26).*



Solenidade da Epifania do Senhor

Leituras: Is 60,1-6; Sl 71; Ef 3,2-3^a.5-6; Mt 2,1-12

Tema-mensagem: Aos magos e, com eles, a toda humanidade, a todos nós e a toda criação, Jesus se revela para que, de joelhos, O veneremos e O adoremos como a Estrela que nos orienta e salva.

Introdução

Após sua manifestação aos judeus, Jesus, hoje, ao encerrarmos o Tempo do Natal, faz sua manifestação também para todos os povos e nações, representados pelos Três Reis Magos. Guiados por uma misteriosa estrela que lhes apareceu no oriente, se põem a caminho para encontrar seu verdadeiro guia e rei: o Menino Jesus, deitado no presépio.

1. A Epifania na visão dos profetas (Is 60,1-6)

Desde tempos antigos, a Igreja chama esta manifestação de “Epifania”. Mais que manifestação, Epifania expressa o movimento de Deus que, irrompendo do alto de sua grandeza, glória e majestade, se humilha, se apequena a fim de ingressar no horizonte e na história dos homens, tornando-se assim a estrela de seus passos e o sentido de sua vida.

Quem, ao longo da história judaica, vê com clareza o movimento desta paixão são os profetas. Na primeira leitura de hoje, Isaías fala de Jerusalém, que é iluminada por Deus e que, por sua vez e por isso, ilumina todo o mundo. Se, antes os habitantes de Jerusalém se queixavam porque esperavam a luz, e, no entanto, só encontravam as trevas ou porque buscavam a claridade, e, no entanto, tinham que caminhar na escuridão (Cf. Is 59,9b), agora ouvem a exortação: *Põe-te de pé e torna-te luz, Jerusalém, por que está chegando a tua luz: a glória do Senhor se levantou sobre ti* (Is 60,1). Assim, a partir de Jerusalém, a glória do Senhor passa a iluminar toda terra, nações, povos e reis (Cf. Is 60, 2-3). Deus será o esplendor de Jerusalém e sua luz perene. Seus filhos e filhas retornam do exílio. Mas, com eles, atraídos para o Monte Santo e o Templo, vêm as nações, que afluem a Jerusalém, trazendo consigo seus tesouros, *ouro e incenso* (Is 60,6a). Assim, também os gentios *se tornarão mensageiros dos louvores do Senhor* (Is 60,6b).

2. Um reino de justiça e de paz (Sl 71)

Quem saúda e canta o reinado universal do futuro Rei, o Messias (o Ungido), que rege com justiça, paz e cuidado em favor dos pobres e fracos, rejei-

tados e excluídos, é o salmista da Missa de hoje. Proclama que o Reino Dele será eterno e universal, que *todos os reis se prosternarão diante dele, todas as nações o servirão*. Agostinho, meditando esse salmo, pensa na paz que emana da força do Cristo. Paz, que significa não tanto ausência de conflitos, mas empenho na busca da unidade, da comunhão. Assim, a paz de uma cidade é o empenho de seus cidadãos todos, santos e pecadores, fracos e fortes, a fim de viverem concordes e unidos nas e com suas diferenças. Da mesma forma a paz de uma alma é a unidade, a harmonia, o acordo de suas forças, a fraternidade entre o lobo e o cordeiro que existem dentro de nós (Cf. *Lobo de Gúbio*, Atos 23, Fi 21). Por isso, a potência do Rei-Menino não é outra do que a não-violência, a não-coação, a vigência da graça da doação, da *charis*. Seu reino eterno e universal é a regência e a vigência da potência do amor, da misericórdia, que faz ressurgir a cordialidade da vida, o Reino dos céus.

3. O mistério de Deus acerca dos pagãos (Ef 3,2-3^a.5-6)

Na epístola de hoje, Paulo fala com alegria, gratidão, e até com emoção, da honra com a qual Deus o distinguiu, chamando-o para a graça de realizar o plano Dele a respeito dos efésios: que eles e todos os pagãos *são admitidos à mesma herança, são membros do mesmo corpo, são associados à mesma promessa em Jesus Cristo, por meio do Evangelho* (Ef 3,6). Este é o mistério, o plano, o desígnio, o desejo que Deus guardou desde toda a eternidade e que, agora, depois de revelado por Cristo, é confiado a ele, Paulo, e aos demais santos Apóstolos e profetas. Que honra, que dignidade, que responsabilidade, pensa e sente Paulo!

Trata-se de reunir numa unidade as duas porções da humanidade inteira. então cindida entre judeus (os santos, os eleitos) e gentios (os impuros, os “cães”, os “porcos”). Agora, Paulo, com a aparição de Jesus Cristo, vê todos os homens, de todos os povos da terra, reunidos pela fé, como herdeiros da mesma bênção que fora confiada a Abraão; também eles são herdeiros do Reino de Deus, por se tornarem, também eles, filhos de Deus, formando, assim, todos juntos, o único Povo de Deus.

Paulo, tocado pela luz do Evangelho, começa a ver o que então – pela cegueira do seu fanatismo pela lei e pelas suas tradições – não podia ver: que os pagãos são seus irmãos, outrora prometidos por Jahvé a Abraão, uma descendência incontável, *gerada não segundo a carne, mas pela fecundidade da fé, e por isso, comparada à multidão das estrelas* (São Leão Magno, Segunda Leitura do Ofício das Leituras da Solenidade da Epifania).

Quem, 13 séculos mais tarde, também se comove ao contemplar este mistério foi São Francisco. Movido por este mesmo espírito - a universalidade

da fé e do amor de Cristo - se sentiu levado a inaugurar a “Vida consagrada ativa”, uma Vida mendicante, peregrina, que faz do mundo o seu convento. Foi o júbilo, o fogo do querigma cristão que o levou a empreender inúmeras viagens apostólicas, destacando-se entre elas a viagem ao norte da África e à Terra Santa. Foi nesta viagem que se deu o famoso encontro com o Sultão e o início da Cruzada do Amor, em substituição às Cruzadas do ódio e das armas contra os sarracenos, fazendo-os de inimigos em amigos e irmãos.

4. Os misteriosos magos e sua mensagem (Mt 2,1-12)

Todo este insondável mistério, que tanto encantara Paulo e toda a Igreja primitiva, nos chega de modo diverso e admirável pelo Evangelho de São Mateus, com a narrativa da misteriosa visita dos não menos misteriosos magos ao Menino Jesus. O Grande Rei, que o universo não pode conter, quis caber como menino deitado numa manjedoura de estrebaria, longe de Jerusalém e do Templo sagrado. Tudo muito estranho! Não se manifesta aos escribas e sacerdotes, aos maiores e poderosos, mas aos menores, pobres e rudes pastores da Judeia, a estrangeiros e gentios, que o Evangelho chama de “Magos” (*mágoi*).

4.1. Judeus e gentios reunidos num único e novo Povo de Deus

Segundo a narrativa do nascimento de Jesus, os pastores representam o povo judeu, os que são de perto, os familiares; enquanto os magos representam os povos gentios, os que são de longe, os estranhos. Dessas duas humanidades, a judaica e a pagã, Cristo veio fazer, inaugurar, uma só humanidade. É o que podemos perceber numa das famosas antífonas intituladas de “Ó”, recitada na semana que antecede ao Natal: *Ó rei das gentes e desejado das nações e pedra angular delas, que fazes de judeus e gentios uma unidade: vem e salva o homem que formaste do limo* (Vésperas, 22 de Dezembro).

Os judeus buscavam o poder de Deus. Já os gentios – os gregos – queriam a sabedoria. Mas, ambos precisavam converter-se. Os judeus precisavam converter-se para a fraqueza do Crucificado como o verdadeiro poder de Deus. Já os pagãos precisavam acolher a loucura da Cruz como a verdadeira sabedoria, muito mais sábia que a sabedoria dos homens. Desse modo, como observa Agostinho, o caminho da salvação, para os judeus, passava por assumir o ser pecador e, para os gregos, pelo assumir a própria ignorância, ao dar o salto da fé. Judeus não podiam confiar na sua justiça e gregos na sua sabedoria. Tudo isso, para que nenhum poderoso se ensoberbecesse e nenhum fraco se desesperasse, disse Agostinho.

Distantes e estrangeiros, tornam-se os primeiros “apóstolos” do Messias junto aos seus próximos e compatriotas. Agostinho vê neles o espírito que anima o verdadeiro crente: anunciam, mas também questionam, creem, mas também buscam, caminham na fé, mas também desejam ver. O nascimento do verdadeiro Rei deste mundo fez brilhar a estrela que até então estava escondida no coração de cada homem: *a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo* (Jo 1,9).

4.2. O alvoroço e a pseudo união dos anti-Cristos

Ao contrário dos magos, que desejavam encontrar e ver o Redentor, Herodes temia encontrar e ver um concorrente e adversário dele e de Roma (do Mundo). Por isso, quando ouve falar do nascimento daquele Menino, não apenas se perturba, mas, de imediato, decide exterminar ainda criança, este Rei intruso, e estranho. Mas, os temores de Herodes são vãos, diz São Leão Magno. O reino de Herodes, a Judeia, sim, mesmo o império romano, era por demais pequeno e estreito para que o Cristo, o Rei do Universo, o ambicionasse e quisesse disputá-lo com ele.

O nascimento do Menino Deus, da Paz e da humildade, embaraça os poderosos e soberbos desse mundo. Dá-se então o inusitado. Temerosos todos esses de perderem o mando, eles, que antes se combatiam, agora se unem. Se até então estavam em lados opostos, estão, agora, juntos a fim de combater o indefeso, esboçando-se, assim, a cena da paixão: os inimigos se deram as mãos para combater o pseudo inimigo comum – o Cristo, o inerte e inocente Jesus.

Ambíguo é o comportamento de Herodes, dos sacerdotes e dos escribas. Consultam as Escrituras. Mas, creem nelas? Se creem, por que não a tomam a sério? Se não creem, por que as consultam? O Pseudo-Crisóstomo esclarece: os pecadores nunca creem totalmente naquilo que creem. Creem, descrendo. Creem, mas não vivem segundo a fé que professam. Agostinho compara os sacerdotes e escribas com as placas das estradas. Elas apontam o caminho, mas elas mesmas permanecem paradas e, por vezes, sujas e deterioradas. São homens que trabalham e se doam muito para a salvação dos outros, mas que, na verdade, eles mesmos não creem e por isso põem-se a perder a si mesmos. São apenas funcionários, mas não fiéis, crentes, religiosos.

O diálogo de Herodes com os magos é cheio de soberba e de astúcia. Fala com eles em segredo, temendo que os escribas e sacerdotes se alegrassem com a mensagem do nascimento do Messias. Finge-se piedoso, mas debaixo do manto da piedade afia o punhal para matar o *rei dos Judeus recém-nascido*.

4.3. A estrela

Ao entrar nesse ambiente, a estrela se apagou e só voltou a mostrar seu brilho quando os magos saíram de Jerusalém, a cidade-luz que se tornara trevas. E assim, aos poucos, ela foi conduzindo-os a Belém. Louvável é a obediência destes magos! Deixaram-se conduzir pelo maravilhoso, mas ao mesmo tempo emblemático sinal celeste. Levados a Belém, ali se depararam com o mistério. Pelos argumentos da razão nada compreendiam, mas pela luz da fé sentiam e viam que estavam diante de um novo Sol, proclamado, depois, por Zacarias como o Sol Nascente, *o Sol de Justiça, que nos veio visitar*, para nos iluminar, para nos tirar das trevas da ignorância e do pecado e da sombra da morte (Lc 1,67ss). Assim, como o astro rei da natureza é precedido pela Estrela da Manhã, também o verdadeiro Sol da humanidade se manifesta precedido de uma estrela. O deter-se da estrela diz claramente: não precisam mais procurar! Eis aqui o Rei desejado, esperado, amado! Agora bastava reverenciá-lo e adorá-lo.

A majestade do menino resplandecia em seus corações. Eles viam com os olhos não da carne, mas do espírito. Em vez de se escandalizarem, creram. Os antigos chamavam o Menino Jesus de “Divino Infante”. Infante, literalmente, significa, “aquele que não fala”, ou melhor que fala pela “não-fala”, pelo silêncio, como já profetizara Isaías: *Não vociferará nem levantará a mão e não fará ouvir sua voz* (Is 42,2). E será assim, pelo silêncio que depois apaziguará o vento impetuoso do mar bravio, salvará a pecadora pública das garras dos fariseus, morrerá na Cruz e entrará para a Vida eterna.

4.4. Os magos e seus dons

Os dons dos magos querem significar que ali, na pobreza, na pequenez e humildade do Menino estava um grande mistério, maior que todas as riquezas deste mundo. O ouro, a realeza do Menino, o incenso, a santidade divina e a mirra, sua mortalidade. Enquanto abrem os seus tesouros, deixam sair do fundo de seus corações a confissão de fé, diz uma glosa medieval. Confessam-no Rei, Deus e homem. Nós também podemos oferecer-lhe ouro se, e quando, deixarmos resplandecer em nós e através de nós a sabedoria (Cf. Pr 21,20); incenso, se e quando, pela oração, deixarmos exalar o odor de suave fragrância da adoração de Deus; mirra, se e quando assumirmos a finitude de nossa mortalidade, como finitude agraciada e não como finitude desgraçada.

Em “Das cinco Considerações sobre os Estigmas de São Francisco de Assis” (Consideração 3), lemos como Frei Leão testemunhou, à meia distância, um misterioso encontro entre São Francisco e Jesus Cristo, sobre o Monte Alverne. Frei Leão fora sorrateiramente espiar o que acontecia com São

Francisco no meio da selva. Ouvia, então, São Francisco dizer várias vezes: *'Quem és tu, ó dulcíssimo Deus meu? E quem sou eu, verme vilíssimo e inútil servo teu?'* (CCE 3,16). Leão, embora severamente advertido por Francisco, por causa de seu atrevimento, ousou pedir-lhe que explicasse o sentido dessas palavras. O Pobrezinho, então, lhe disse:

Sabe, Frei ovelhinha de Jesus Cristo, que quando eu dizia aquelas palavras que ouviste, então eram mostrados à minha alma dois lumes: um da inteligência e conhecimento do Criador e outro do conhecimento de mim mesmo. Quando eu dizia: 'Quem és tu, dulcíssimo Deus meu', então eu estava num lume de contemplação, no qual via o abismo da infinita bondade e sapiência e poder de Deus: e quando dizia: 'Quem és tu, Senhor de infinita bondade e sapiência e poder, que te dignas visitar-me a mim que sou um vil verme abominável?' E naquela flama que viste estava Deus; o qual naquela espécie me falava, como antigamente tinha falado a Moisés. E entre outras coisas que me disse, pediu-me que lhe fizesse três dons, e eu lhe respondia: 'Senhor meu, sou todo teu: tu sabes bem que só tenho o hábito e a corda e os panos das bragas, e ainda estas três coisas são tuas: que posso, pois, oferecer e dar à tua majestade?' Então, Deus me disse: 'Procura no regaço e oferece-me o que encontrares'. Procurei e encontrei uma bola de ouro e ofereci a Deus; e assim fiz por três vezes, segundo Deus me ordenou por três vezes: e depois me ajoelhei três vezes e bendisse e agradei a Deus, o qual me havia dado o que ofereci. E imediatamente me foi dado a entender que aquelas três oferendas significavam a santa obediência, a altíssima pobreza e a esplendidíssima castidade; as quais Deus, por sua graça, me concedeu observar tão perfeitamente, que de nada me acusa a consciência. E como me viste meter as mãos no regaço e oferecer a Deus estas três virtudes, significadas por aquelas bolas de ouro, as quais Deus me tinha posto no regaço; assim Deus deu virtudes à minha alma, que por todos os bens e por todas as graças que me concedeu pela sua santíssima bondade, eu sempre com o coração e com a boca o louvo e engrandeço. Estas são as palavras as quais ouviste, e o levantar três vezes as mãos, que tu viste' (Idem, 19-28).

Como os Magos e São Francisco, também nós somos convidados a dar, sempre de novo, a Cristo, as virtudes e dons e frutos mesmos do Espírito Santo, que ele nos deu. Tudo o que damos a Ele é em forma de restituição. E

somos convidados a restituir todo o bem que ele nos concede com louvor e gratidão. Assim, também nós podemos dizer à sua Majestade: *Quem és tu, ó dulcíssimo Deus meu? E quem sou eu, verme vilíssimo e inútil servo teu?*

Conclusão

A malícia de Herodes não levou a melhor. Os magos voltaram às suas terras, passando por outro caminho. Quem tem a experiência do encontro com o Menino se transforma. Não caminha pelos mesmos caminhos de outrora. Não conhece outro caminho do que o Menino mesmo. Tudo isso porque a estrela do Menino não estava mais fora, diante de seus olhos, mas no coração deles, iluminando-os interiormente, até o fim, até chegarem à verdadeira Pátria, a Pátria celeste.

A visão de Isaías, acerca da universalidade do Reino de Deus, tonou-se realidade com o nascimento do Menino Deus, encontrado pelos Reis Magos, no presépio de Belém. Assim, Ele passou a ser reconhecido como a Luz dos povos. E é assim – como a “Luz dos Povos” (Cf. *Lumen Gentium*) - que também a Igreja se compreende hoje. A luz da Igreja, porém, é uma luz recebida, não gerada por ela, como o explicou muito bem o Papa Francisco com a comparação do sol e da lua: a Igreja é *mysterium lunis* e Jesus Cristo *mysterium solis*. Ou seja, se a Igreja, a exemplo da lua, possui uma grande luminosidade é porque ela a recebe do Sol Jesus Cristo.

Nos últimos séculos era muito comum a Igreja ver e tratar os ateus e membros de outras Igrejas e Religiões como inimigos, com os quais não devíamos manter nenhuma relação ou, pior ainda, que devíamos combatê-los e exterminá-los como inimigos. Desde o Vaticano II, inspirado pelo franciscano São João XXIII, o espírito e a prática estão mudando. Talvez, possamos ou devamos parafrasear nosso atual Papa Francisco: Saíamos, saíamos não para combater quem quer que seja, mas, a exemplo de São Francisco, para ver, encontrar o Menino Deus e Rei escondido no coração de cada humana criatura, mesmo aqueles ou aquelas que nos ofendem e agridem a modo de inimigos, pois, na verdade, são nossos verdadeiros amigos e irmãos porque também eles nascidos do *mesmo Pai* (São Francisco).



Batismo do Senhor

Leituras: Is 55,1-11; Sl 28; 1Jo 5,1-9; Mc 1,7-11

Tema-mensagem: No Batismo do Senhor cada um e todos os homens e toda a criação, somos batizados no Espírito do Senhor, tornando-nos todos, como Ele, filhos muito amados do seu Pai.

Introdução

O Batismo de Jesus é a festa que encerra o Tempo do Natal-Epifania e, ao mesmo tempo, a festa que dá o princípio, faz o aviamento do Tempo Comum, em que seguimos Jesus em sua missão no meio do povo.

1. Um convite ao banquete escatológico-messiânico (Is 55,1-11)

O profeta, por ser um homem de Deus, vivendo em profunda comunhão e intimidade com Ele e com seu desígnio, vê tudo como Ele vê e sente; vê, até à raiz, o sentido dos acontecimentos e das pessoas, um sentido que está para além do tempo e do espaço.

Isaías, do qual se proclama a primeira leitura de hoje, estava no meio de uma multidão de israelitas, repatriados; gente que, sem um vintém no bolso, suspirava pelo dia em que de novo teria uma mesa farta, cisternas cheias de água. É então que ele – o profeta – é convidado a emprestar sua voz à terna e promissora palavra do Senhor: *Ouvi-me com atenção e alimentai-vos bem, para deleite e revigoração do vosso corpo. Inclinaí vosso ouvido e vinde a mim, ouvi e tereis vida: farei convosco um pacto eterno, mantereí fielmente as graças concedidas a Davi* (Is 55,2).

Isaías, porém, em profunda sintonia com tudo o que estava acontecendo, vê não apenas os judeus e os pagãos, mas todos os famintos e sedentos de todos os tempos sendo convidados para o grande banquete escatológico. Por isso, na Bíblia, o banquete nupcial é sempre a imagem preferida para expressar a profunda degustação do amor de Deus, de sua presença e convívio, que se dará no fim ou na consumação de todos os tempos.

A única exigência é a aceitação livre. Daí a insistência amorosa de Deus: *‘Vinde’, ‘Apressai-vos’, ‘Vinde e comei, vinde comprar sem dinheiro, tomar vinho e leite sem nenhuma paga’, ‘ouvi-me’, ‘inclinaí vosso ouvido, vinde a mim, vinde e tereis vida!’* Aí – nessa palavra do Senhor que se faz compaixão, misericórdia, aliança e, enfim, que se fará, posteriormente, homem – é que

está ou é a fonte da vida, a “vida eterna”, “vida em Deus”. *Pois, Nele está a vida e a vida era a luz dos homens* (Jo 1,4).

A liberdade física ou política e social dos exilados era um ótimo indício para pensar na busca da libertação de todas as escravidões, resumidas na escravidão do pecado, isto é, na escravidão do egocentrismo que leva ao esquecimento, afastamento e abandono do banquete de amor-doação que é Deus.

Era, portanto, preciso ouvir o que o Senhor lhes dizia. Pois, só assim, sua palavra, à semelhança da chuva, que só retorna ao céu depois de ter fecundado a terra, não retornará a Ele sem antes ter produzido o efeito de sua bondade e amor. Sua palavra significa seu plano de congregar e reunir todos os homens e criaturas ao redor de seu amor, mais tarde, expresso de modo admirável no banquete eucarístico.

2. Tu és meu Filho muito amado, em ti ponho todo meu bem-querer! (Mc 1,7-11)

O Evangelho de Marcos, referente ao Batismo de Jesus, divide-se em duas partes. Primeiramente, vem o anúncio e a descrição que o Batista faz de Jesus, e, depois seu Batismo.

2.1. João Batista, o anunciador de Jesus

Marcos começa com a figura enigmática de João Batista. Enigmática tanto pelo nascimento como pelo nome e pela sua vocação e missão. Pelo nascimento porque foi concebido através de uma promessa de Deus a um casal de idosos e incapazes de gerar um filho; pelo nome porque, fugindo à tradição judaica, em vez de ser registrado com o nome de seus antepassados, foi-lhe imposto por parte de Deus o nome de João que significa *o amado, o querido de Deus*; pela vocação e missão porque, em vez de, como membro da dinastia sacerdotal, servir ao templo a exemplo de seu pai Zacarias, sentiu-se chamado a romper com o templo e sua religião para retirar-se para o deserto a fim de convocar todos à conversão porque *o reino de Deus está próximo* (Mt 3,2).

O grande objetivo de Marcos é responder à pergunta “Quem é Jesus?” Por isso, o trecho de hoje começa proclamando: “*Depois de mim virá alguém que é mais forte do que eu. Eu não sou digno de me abaixar para desamarrar suas sandálias*” (Mc 1,7). Logo, os ouvintes não devem ficar olhando para ele, mas preparar-se para olhar, ver, ouvir e seguir aquele que virá depois dele. Por isso, também, não é mais tempo de esperar, mas de agir. Como? Através do Batismo com a água, um Batismo que se apresenta como um rito de iniciação ou inauguração da comunidade messiânica.

O Batismo de conversão, proposto pelo Batista, porém, é algo inédito, à margem, fora da lei e das tradições judaicas, longe do Templo e da Religião. Ser submergido nas águas vivas do rio Jordão, bem lá onde outrora seus ancestrais haviam concluído o êxodo, deixando para trás a terra da escravidão e entrando na graça da terra da libertação como povo de Deus, significava dispor-se para acolher o dom de uma nova libertação e da inauguração de um novo povo de Deus. Trata-se, portanto, de uma conversão radical a Deus. Ele mesmo fala em “*machado posto à raiz das árvores*” (Mt 3,10); conversão que significa abandono do pecado e retomada da aliança com Deus e, acima de tudo, uma conversão que se traduza numa mudança radical também nos comportamentos comunitários e sociais: quem tiver duas túnicas dê uma a quem não tem, quem tiver comida, compartilhem-na com o famintos; os cobradores de impostos não cobrem nada além da taxa estabelecida; e os soldados não maltratam ninguém, não façam acusações falsas, e fiquem contentes com seu salário (Cf. Lc 3,10-14).

João, porém, tem evidência de que seu Batismo, embora muito importante, era ainda e apenas com água, isto é, provisório. Por isso, aponta para o definitivo, dizendo: “*mas ele vos batizará com o espírito*” (Mc 1,8).

2.2. No rio Jordão, o princípio do Batismo de Jesus e de toda a humanidade

A segunda parte desse trecho, a mais importante e fundamental, começa dizendo que *naqueles dias, Jesus veio de Nazaré para a Galileia e foi batizado por João no rio Jordão* (Mc 1,9).

Sempre impressiona que, em dado momento de sua vida, sem nenhuma explicação, Jesus tenha ido ao rio Jordão para também ele receber de João o Batismo de penitência. Isto significa que, também ele, a exemplo de todas aquelas multidões, ansiava por uma mudança radical. Essa, de fato, aconteceu, pois *logo ao sair da água, viu os céus se abrirem e o Espírito, como pomba, descer sobre Ele. E do céu veio uma voz: “Tu és meu Filho muito amado, em ti ponho meu bem-querer!”* (Mc 1,10-11).

O misterioso anúncio caiu como um raio em seu coração. Nunca, em nenhuma página do Antigo Testamento, nem aos patriarcas, nem mesmo a Moisés, Deus falara assim para uma pessoa, com tanta familiaridade e afeição. Por isso, agora, Deus, que se revela desse modo, só pode ser compreendido, visto e amado como Pai. Este Pai e sua vontade passam a ser, agora, a paixão, a vida e a Boa Nova – a salvação - que Ele precisa anunciar para todos os homens. Por isso, nem mais voltou para casa, a ponto de deixar seus familiares perturbados. Chegaram até mesmo a pensar que estava ficando louco (Cf. Mc 3,21).

A partir de então, Jesus não era mais o mesmo. Viver anunciando a todos que Deus é Pai torna-se seu pão de cada dia, o fogo que devorava seu coração. Ele estava inteiramente voltado para o Pai e seu Reino. Mas, bem diferente dos penitentes ou convertidos do Antigo Testamento e do próprio João Batista. Diferente, porque sua penitência vinha recheada da alegria da presença do Pai e não do temor frente à ameaça do juízo.

O Batismo torna-se, assim, o princípio a partir do qual Jesus como Filho muito querido de Deus Pai começa a manifestar-se e a expandir-se publicamente pelos povoados, cidades e aldeias da Galileia e da Judeia. O beijo de amor de Deus dado à humanidade na noite do Natal começa a tornar-se público. É a salvação anunciada durante séculos, começando a acontecer na pessoa de Jesus e através Dele no coração dos cegos que começam a ver, dos coxos que começam a andar, dos leprosos que são purificados, dos surdos que começam a ouvir, dos mortos que são ressuscitados, dos pobres e pecadores para os quais o Evangelho e o perdão são anunciados (Cf. Mt 11,5).

O Batismo de Jesus, porém, sempre nos deixa intrigados, pensativos. Porque Ele se fez batizar se era uma pessoa divina, isenta de todo pecado? A resposta é simples, embora muito emblemática: é que Ele veio para beijar, abraçar e comungar a condição mais dura e pesada de toda a humanidade: a de pecadores. Por isso, dirá mais tarde São Paulo: *Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus* (2Cor 5,21).

Jesus, Deus e homem, o inocente que se faz pecado, eis a mais importante chave para compreender tanto a Cristologia como a Eclesiologia do segundo Evangelho. Em Marcos o divino não deve jamais ser apreciado às custas do humano, como também o humano não pode jamais ser apreciado às custas do divino. A partir deste princípio dialético, também a Igreja deverá compreender-se e aprender a encetar sempre de novo sua caminhada de santa e pecadora: aprender a compartilhar com os demais humanos essa triste e pesada história de pecado, procurando sempre de novo o vigor da pureza originária do beijo do amor de Deus, a fim de que possa lutar eficazmente contra o pecado em si e no mundo.

3. Amar a Deus é observar seus mandamentos (1Jo 5,1-9)

A segunda leitura é da 1ª Carta de São João. Mais do que uma declaração de fatos ou ocorrências, estamos diante de fervorosa exortação aos fiéis de diversas comunidades acerca do fundamento mais seguro e importante da fé cristã: *Caríssimos: 'Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, nasceu de Deus!'* (1Jo 5,1).

Nessa exortação está implícita a fé em Jesus Cristo como o Filho do Deus vivo, de modo que todo aquele que nele crê nasce de Deus, tornando-se também ele, por participação, verdadeiro filho de Deus. Crer, aqui, significa amar, entregar-se a Ele, jogar-se para dentro Dele, como ele se entregou, se jogou para dentro de nossa humanidade e para dentro do Pai por nós; significa amar os filhos de Deus, nossos irmãos, entregar-se a eles como Ele os ama e a eles se entrega. Lembremos, apenas, como Ele se entrega na Eucaristia, nos doentes e pecadores. A argumentação ou conclusão é simples: *Por isso, sabemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos seus mandamentos. Pois, isso é amar: observar seus mandamentos* (1Jo 5,2).

Nós costumamos dizer que sabemos que amamos a Deus quando amamos os irmãos. João parece inverter o dito: sabemos que amamos os irmãos quando amamos a Deus. Discutir qual das duas versões é a mais acertada é de somenos importância, pois que a comunhão fraterna e a comunhão com Deus andam sempre juntas, porque ambas estão sob o vigor do novo mandamento, isto é, do novo ordenamento dos homens inaugurado por Cristo: amar-nos como Deus nos ama. Assim, não há comunhão com o Pai sem a comunhão com os seus filhos, a começar pelo Filho primogênito, Jesus, o Cristo. Da mesma forma não há comunhão com os irmãos sem a comunhão com o Pai. Pelo Batismo todos formamos uma grande Família na qual o que acontece num de seus membros acontece no seu todo.

Enfim, o amor nasce da fé. Por isso, quem ama é porque está sendo movido pela fé, isto é, pela fidelidade de Deus e quem está sendo movido pela fé é porque nasceu de Deus.

Conclusão

O Batismo de Jesus, mais que um evento particular Dele, adquire e se reveste de dimensões universais. Com Jesus é a humanidade e a criação toda que são mergulhadas nas profundezas do rio das águas puras do Amor infinito de Deus, a fim de, libertadas das amarras do pecado da soberba, que nos prende a nós mesmos, ser conduzidos para dentro da pátria da liberdade dos filhos de Deus.

Essa força originária do bem-querer de Deus, trazida ao mundo na Noite do Natal, e manifestada solene e publicamente na Pessoa de Jesus no seu Batismo, é uma realidade que acompanha os homens séculos afora. Em alguns, como São Francisco, ela se manifesta de modo admirável. Deste santo assim fala São Boaventura: *O Senhor mostrou sua complacência com o bem-aventurado Francisco, pois quis falar-lhe não como se fala a um estranho, mas como a um amigo do coração ('sicut amici speciali': como a um amigo especial), como se deu na Igreja de São Damião quando lhe falou com voz*

humana ('sermone vocali') o Crucificado... E conclui São Boaventura: Se nós também estivéssemos dispostos ao que agrada ao Senhor, Deus nos revelaria sua vontade (São Boaventura, Opera Omnia, IX, 580b).

Por isso, neste santo, a exemplo de Cristo, o vigor da doçura deste bem-querer do Pai não ficou sem resposta. É o que podemos ver e admirar em seus inúmeros e famosos *I Fioretti* ou *Atos do Bem-aventurado Francisco e de seus Companheiros*, bem como nestes seus belos *Louvores ao Deus Altíssimo*:

Tu és o santo, Senhor Deus único, que fazes maravilhas.
Tu és o forte,
Tu és o grande,
Tu és o altíssimo,
Tu és o rei onipotente,
Tu, Pai santo, o Rei do Céu e da Terra,
Tu és o Trino e Uno,
Senhor Deus dos deuses,
Tu és o bem, todo o bem, o sumo bem, Senhor Deus
vivo e verdadeiro...
Grande e admirável Senhor, Deus Onipotente,
misericordioso Salvador (LDA).

Mas, o vigor da doçura do beijo do bem-querer do Pai que, a partir do Batismo, começou a tomar conta do coração de Jesus e, através Dele, a expandir-se mundo afora, não se atem a um pequeno grupo de privilegiados. *Pode ser visto nos pais que criam seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir (GE 7).*



Quaresma

O tempo litúrgico, denominado Quaresma, tem sua origem na necessidade que os primeiros cristãos estavam sentindo, aos poucos, de fazer uma boa preparação da celebração da nossa Festa maior: a Páscoa, a Ressurreição do Senhor Jesus.

No princípio, essa preparação consistia em três dias de oração, meditação e jejum. Aos poucos, a mesma necessidade levou-os a aumentar ainda mais a preparação, chegando ao número de quarenta dias. Daí, *Quadragesima*, nome latino que significa, justamente, um tempo de quarenta dias. Isso foi acontecendo pelos meados do século IV. Esse tempo era destinado, também e sobretudo, para preparar os catecúmenos para o Batismo, preparação essa marcada principalmente por uma série de exercícios penitenciais que tinham como escopo a conversão dos futuros e novos membros da Igreja.

Hoje, esse tempo tem seu início na Quarta-feira de Cinzas e termina nas primeiras vésperas da Quinta-feira Santa, antes da Missa da Ceia do Senhor.

Ao estabelecer o número quarenta, a Igreja foi inspirada por toda uma mística que, ao longo da História Sagrada, foi surgindo e se concretizando ao redor desse número. Assim, por exemplo, quarenta foram os dias de dilúvio da Arca de Noé, através do qual Deus pôs fim a uma humanidade que havia se pervertido e que, através do justo Noé, deu início à nova humanidade, e a um novo mundo, à nova criação; quarenta foram, também, os dias em que Moisés esteve retirado no alto do monte Sinai, preparando-se para receber de Deus as tábuas dos mandamentos sagrados que iriam formar e ordenar o Povo eleito; quarenta anos foi também a peregrinação do Povo de Deus, que saiu da escravidão do Egito em busca da terra da libertação; quarenta dias foi, também, o tempo que o próprio Senhor Jesus destinou para, através do jejum e da oração, marcar indelevelmente sua adesão à vontade do Pai, no deserto da Judéia.

Quaresma é, pois, o tempo oportuno da graça para o homem recolher-se para dentro do “íntimo de seu íntimo” (Santo Agostinho), para aí poder encontrar-se com seu eu mais profundo e verdadeiro e com o próprio Senhor; tempo para reflexão e oração a fim de esvaziar-se de seu egocentrismo e isolamento; tempo de travar grande batalha contra seus defeitos, vícios e tudo o que o afasta de Deus. É tempo de acompanhar Jesus em sua caminhada de sofrimento, morte e Ressurreição, comungando mais de perto o sofrimento das pessoas que nos cercam. Por isso, a Igreja, seguindo a instrução do próprio Mestre, assinala este tempo com três grandes exercícios: jejum, esmola e oração.

O jejum nos leva ao desprendimento de nós mesmos e das coisas deste mundo, afim de nos libertar, de fazer espaço interior para Deus e para os ir-

mãos; a oração nos leva à escuta da Palavra, da vontade, do bem-querer do Senhor e da disposição de cumprí-lo; a esmola nos leva a sermos misericordiosos como o Pai é misericordioso, abrindo nosso coração ao nosso semelhante necessitado. Por isso, também, a Igreja do Brasil, desde 1962, marca esse tempo com uma campanha de solidariedade mais intensa e profunda para com os pobres: a Campanha da Fraternidade.

Mas, jamais estes atos ou exercícios podem ser vistos separados do sentido originário da Quaresma: celebrar, de modo mais vivo, intenso e profundo o mistério pascal; tempo para aprender a viver sempre mais junto de Jesus Cristo a fim de poder imitá-lo *participando de seus sofrimentos e comungar, assim, de sua glória* (Rm 8,17).

Mestre na busca desse sentido sumamente evangélico da Quaresma é São Francisco. Desde o início de sua vocação “chorar a paixão do seu Senhor” (Cf. LTC 14), “seguir sua doutrina e seus vestígios” (Cf. RNB 1,1) era seu tudo. Fora desse princípio, nada, nem fraternismo, minorismo, contemplação, vida apostólica, etc., nem mesmo a própria pobreza, por si só não teria nenhum sentido. Nesse sentido, o seguimento de Jesus Cristo crucificado era, para ele, a raiz de todas as coisas. Por isso, para ele, o centro, o coração da Quaresma, bem como de toda sua vida, era a pessoa de Jesus Cristo. Imitá-lo, “copiá-lo”, até em seus pormenores, era sua maior paixão. Foi movido por esse amor que inventou o Presépio de Gréccio e, por isso também, idealizou e celebrava “suas” cinco Quaresmas.

Podemos, pois, fazer nossos os sentimentos daquela primeira geração de frades e clarissas, assim descrita:

Sem sombra de dúvida, a pedra angular de todo o edifício religioso, de toda a vida espiritual de Clara e de suas Irmãs, é de estar ligadas com afeto pessoal a Jesus Cristo, amor esse ardente e apaixonado. Por causa de Cristo, perto de Cristo, junto de Cristo, se realizam todas as suas experiências e se constrói sua vida em sua totalidade. Essa realidade, aqui denominada afeto pessoal a Jesus Cristo, podemos talvez vislumbrar nas palavras do Cântico dos Cânticos: ‘Coloca-me como marca de ferro, queimado sobre teu coração, como marca sobre teu braço! Porque o amor é forte como a morte, e a paixão é implacável como a sepultura: suas centelhas são centelhas de fogo, labaredas divinas. Águas torrenciais não conseguem apagar o amor, nem rios podem afogá-lo’. Hoje, não conseguimos perceber que tal afeição não é propriamente nenhuma realidade sentimental, subjetivo-psicológica, sim, pessoal, privativa, mas como que uma fenda de entrada para a realidade universal, através da qual se anuncia o abismo de

uma realidade ‘realíssima’, oculta aos nossos sentidos embotados em ‘interesses’ dispersivos, pragmáticos, imediatistas. Essa realidade ‘realíssima’ é o que denominamos ‘Reino de Deus’ ou, segundo São Francisco, ‘o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar’ (*Fontes Franciscanas*, p. 1330).

Quaresma, nesse sentido, é mais que um tempo. É o tempo, a alma, o espírito de todos os tempos do cristão: a busca *do ardente desejo do Pobre crucificado, que por nós suportou a Paixão da cruz, arrancando-nos do poder do príncipe das trevas, ao qual estávamos presos pela transgressão dos primeiros pais, reconciliando-nos com Deus Pai* (1CL 13-14).



Quarta-Feira de Cinzas

Leituras: Jl 2, 12-18; Sl 50; 2Cor 5,20-6,2; Mt 6, 1-6.16-18

Tema-Mensagem: Quaresma, Tempo para, através da penitência e da conversão, preparar-nos com Jesus Cristo para a renovação e reatualização do mistério de sua Paixão e Morte na cruz.

Introdução

Desde o século IV, os cristãos adotaram o costume de preparar a festa anual da Páscoa com uma Quaresma (*Quadragesima*), isto é, com quarenta dias de penitência. Assim, com esta Quarta-feira de Cinzas, iniciamos hoje, de novo e mais uma vez, nossa caminhada, junto com a caminhada de Jesus, para dentro do mistério de sua Paixão-Morte e Ressurreição.

1. Voltai para o Senhor vosso Deus (Jl 2,12-18)

A Liturgia abre as celebrações desse tempo com a exortação do próprio Senhor: *Voltai para mim com todo o coração, com jejuns, lágrimas e gemidos!* (Jl 2,12). Sendo um retorno em nome do Senhor, jamais em nosso próprio nome, a Quaresma ganha contornos de uma reviravolta, de uma aventura cheia de percalços com suas tristezas e alegrias, avanços e recuos, mas sempre animada pelo vigor do chamado do Senhor.

1.1. Tristeza segundo Deus e segundo a carne

Tristeza, lágrimas, gemidos, choros e jejuns por causa de nosso afastamento de Deus, nosso Pai e Criador, por causa de nossas ofensas a Ele e às suas criaturas, nossas irmãs. Alegria porque é Ele quem está sempre no início desta convocação; é Ele quem está sempre, ansiosa e amorosamente, se voltando para nós, para nos acolher, perdoar e abençoar; é Ele quem pelo profeta exclama, grita e implora: *Tocai a trombeta em Sião, prescrevei o jejum sagrado, convocai a assembleia, congregai o povo, realizai cerimônias de culto, reuni anciãos, ajuntai crianças e lactentes!* (Jl 2,15).

Por isso, nossa Quaresma, graça divina e tarefa humana, se move entre sombra e luz, e guarda sempre um misto de perda e recuperação, culpa e expiação, morte e renascimento. Assim, quanto mais profunda, serena e quieta for essa tristeza, tanto mais alta, vivaz e jovial será a alegria do louvor, da gratidão na Páscoa. Nessa caminhada, portanto, não se trata apenas de “en-

cenar” o mistério crístico, anunciado já pelo profeta, mas, acima de tudo, de celebrá-lo, isto é, de afinar-se com ele na mistura de sua tristeza e alegria, de contrição e gratidão, pois *o Senhor encheu-se de zelo por sua terra e perdoou ao seu povo* (Jl 2,18).

Há, portanto, uma tristeza que é “segundo Deus”, diferente da tristeza que é *segundo esse mundo* (Cf. 2 Cor 7, 9-11). A tristeza segundo esse mundo é danosa porque conduz à ruína da vida, ao desespero, à morte uma vez que nasce do fechamento nos próprios interesses, deixando de fazer espaço para Deus e para os outros, principalmente para os pobres (Cf. EG 2). A tristeza segundo Deus, no entanto, conduz ao arrependimento que nasce da graça do reencontro com Ele e, assim, à salvação. Por isso, a tristeza que nasce por ter pecado e de seu arrependimento, para nós, sempre vem acompanhada da doce alegria e de um novo fervor e entusiasmo para fazer o bem.

Lembremo-nos, como exemplo, de São Francisco chorando pelas florestas. Quando interpelado sobre o motivo de seu choro, dizia: *“Choro a Paixão do meu Senhor e por causa dela não devo envergonhar-me de andar pelo mundo inteiro chorando em alta voz”* (LTC 14). Mas, também, logo em seguida, *jubiloso, munindo-se com o sinal da cruz*, foi a Foligno, vendeu todos os seus bens e distribuiu o dinheiro aos pobres (Cf. LTC 15)

Santa Catarina de Siena, em seu livro, intitulado “Diálogo da Divina Providência”, chegou até mesmo a escrever uma “doutrina das lágrimas!” Há as lágrimas dos homens iníquos do mundo: são lágrimas de danação. Essas não têm lugar na vida do cristão. Aqui vale a observação de Santo Agostinho, em suas Confissões: *os outros bens desta vida, tanto menos se deveriam chorar, quanto mais os choramos; e tanto mais se deveriam chorar, quanto menos os choramos* (X, 1)... Mas, há, também, as lágrimas que já pertencem à vida de encontro com o Senhor Jesus Cristo; lágrimas, por vezes, imperfeitas porque nascem do temor da pena, e não do amor propriamente dito. Depois, há as lágrimas de um amor ainda imperfeito. Melhores, porém, as lágrimas de um amor perfeito, e excelentes as lágrimas de quem está unido ao Senhor na sua dor. Essas são doces e de grande suavidade.

O Papa Francisco, num encontro com jovens, nas Filipinas (2015), disse: *Certas realidades da vida só se veem com os olhos limpos pelas lágrimas*. Hoje, considera o Papa, choram os últimos dos homens, mas os outros não choram. Permanecem indiferentes. Os homens da antiguidade não consideravam as lágrimas como sinal de fraqueza. Pelo contrário. No Antigo e Novo Testamento, também foi assim. Jesus mesmo chorou como, por exemplo, quando da morte de Lázaro e pela impenitência de Jerusalém. Em outro momento, o Papa disse: *Se Deus chorou, também eu posso chorar, ciente de que sou compreendido. O pranto de Jesus é o antídoto contra a indiferença face*

ao sofrimento dos meus irmãos. Aquele pranto ensina-me a assumir a dor dos outros, a tornar-me participante do incômodo e do sofrimento de quantos vivem nas situações mais dolorosas (Vigília de Oração, Para enxugar as lágrimas, 5/5/2016)¹¹.

1.2. Rasgai o coração e não as vestes

Por tudo isso, o profeta Joel convida a esta penitência radical e salutar: *Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos!* (Jl 2,13). Uma veste inteira, sem rasgos, é melhor do que uma veste rasgada. Todo o mundo sabe. Mas, o que todo o mundo não sabe é que um coração rasgado é melhor do que um coração inteiro. O rasgo do coração é começo de uma conversão verdadeira porque o homem vê que é Deus mesmo quem vem à sua procura, como na história de Adão, depois de sua queda, quando havia fugido e se escondido na escuridão do egocentrismo de sua própria vontade. Daí a primeira pergunta, a interpelação básica, sempre nova e atual, de Deus ao homem: “*Onde estás?*” (Gn 1,9) E a confissão do homem: “Eu fugi, eu me escondi de ti”. Fugimos, nos escondemos de Deus quando só sabemos ou só queremos usufruir, explorar e degradar seus bens, sua criação, em vez de ver neles o brilho, a glória da presença cuidadora de um Pai misericordioso e paciente.

Mas, essa fuga é em vão, pois jamais poderemos deixar de estar em face dele, uma vez que Deus, em tudo e em todos, é como um espelho que está sempre em nossa frente. É preciso, pois, deixar que nosso coração se rasgue: que os entulhos, a proteção, que colocamos sobre nosso coração para não nos expor a Ele, se rompam; que, como um doente diante do médico, fiquemos inteiramente nus diante Dele, inteiramente expostos em nossa própria culpa; que nos entreguemos ao seu cuidado amoroso, que quer tratar de nossas feridas até chegarmos à plenitude da salvação, isto é, da saúde originária da vida. Assim, da fuga passaremos ao encontro, do encontro à transformação e da transformação à conversão, e da conversão à identificação com o próprio Senhor, o sumo bem, o bem inteiro, o único bem, o *Meu Deus e Tudo* (Atos 1)

1.3. Conversão universal

Nascida da gratuidade e da alegria do encontro, a conversão é uma guinada, uma virada de todo o coração, com repercussões transformantes e transformadoras de toda nossa pessoa: de nossos pensamentos, palavras e ações; de nosso relacionamento com Deus, com os outros homens e com as criaturas. A

¹¹ Cf. artigo de Maria Milvia Morciano, intitulado “A graça das lágrimas”. Acesso em 02 de abril de 2020 em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-chorrar-lagrimas-graca.html>.

conversão é a resposta, isto é, a correspondência, pessoal e existencial, dada com todo nosso ser, viver e pensar, ao apelo que Deus nos dirige, assim testemunhado pelo profeta: *Voltaí a mim com todo o vosso coração!* Diante de tão extremoso apelo, não há quem não deva confiar na bondade e na misericórdia Dele. Assim, todos - anciãos, varões e mulheres adultas, jovens esposos, crianças - ao se voltar para Ele, ao se reunir em assembleia para celebrar a reconciliação com Ele, são encobertos pela sua misericórdia. Com essa reconciliação interior e exterior, individual e social, fica posto o princípio de um novo Povo de Deus, de uma nova humanidade e de uma nova criação.

2. Tempo de arrependimento (Sl 50/51)

Toda conversão, porém, nasce do toque da graça do encontro ou reencontro. Por isso, sempre vem acompanhada do arrependimento como o testemunha muito bem Davi no seu salmo penitencial, cantado e meditado hoje (50/51). O pecado de Davi era duplo e gravíssimo. Além do adultério com *Bat-Sheba* (Cf. 2 Sm 12), havia se tornado, também, cúmplice, como mandante, no assassinato do marido dela, Uriá. Prosternado diante da face do Senhor, confessa sua culpa, reconhece seu pecado, implora perdão, misericórdia e purificação: *Tira meu pecado com hissopo e estarei puro; lava-me, e serei mais branco do que a neve* (Sl 50,9).

Davi, porém, somos todos nós. Por isso, a Igreja, em cada oração e celebração eucarística, começa sempre com um *miserere*, um ato penitencial, incluindo, muitas vezes, também o gesto de bater no peito e o rito da aspersão. Só assim, depois de recebermos *um coração novo e um espírito decidido* (Sl 50,12), é que poderemos ouvir a palavra e comer do pão, do Corpo do Senhor.

A tristeza do arrependimento aspira, então, pela alegria do perdão: *Faze com que eu ouça a alegria, e que dançam os ossos que trituraste ... restitui-me a alegria de ser salvo, e que me sustente o espírito generoso!* Generoso é o espírito de Deus, o “espírito de santidade”, que passa por cima de nossa culpa, que não nos rejeita; antes, nos acolhe e nos dá a graça e a alegria de começar sempre de novo. Com a alegria, vem o louvor do verdadeiro sacrifício nascido de um coração contrito: *O sacrifício que Deus quer é um espírito contrito; um coração despedaçado e triturado, ó Deus, não rejeitarás!* (Sl 50,19).

3. Tempo de reconciliação (2Cor 5,20-6,2)

A reconciliação, nascida do arrependimento acolhido por Deus, transforma o pecador e fariseu Paulo em embaixador de Deus, o grande Rei do universo. Fiel a esse envio e encargo, Paulo dirige aos cristãos de Corinto, e hoje a nós, o caloroso apelo, o insistente pedido da reconciliação: *em nome de*

Cristo, nós vos suplicamos, deixai-vos reconciliar com Deus (2Cor 5,20). A reconciliação que Deus nos oferece gratuitamente, sem nenhum merecimento nosso, segue um caminho nunca antes visto, quase inacreditável: Aquele que não conheceu pecado, foi feito pecado por nós, para que nós nos tornássemos, nele, justiça de Deus (2Cor 5,21). O Grande Rei, o Pai, teve que entregar ao sacrifício da morte de cruz seu Filho amado, o herdeiro de todas as coisas (Hb 1,2), para poder oferecer anistia a todos os homens de todos os povos da terra e, assim, recomeçar nova história no relacionamento com os homens, ou melhor, começar novo céu e nova terra. Jesus Cristo sofreu, pois, a rejeição e o abandono na cruz, sofreu a ira e a recusa divina em relação ao pecado, por amor do amor do Pai pelos homens. Deus fez o Cristo pecado por nós. Ora, o pecado não pode e nem deve existir; pelo contrário, deve e precisa ser aniquilado. Por isso, Cristo tinha que ser aniquilado na cruz, ser reduzido a nada. Ele morre a morte de um rejeitado, de um banido, de um bandido. Na cruz, sua justiça foi anulada. E, admiravelmente, a anulação da sua justiça e a assunção de nossa culpa foi por si mesmo a anulação da nossa culpa e, por conseguinte, a doação de nossa justificação. Com efeito, toda nossa culpa foi assumida por ele, como não sendo mais nossa, mas dele. Só assim pudemos ser desculpados, justificados, “tornados justiça de Deus, Nele”.

A graça de Deus, portanto, custou-lhe caro. Foi preciso que o Homem-Deus morresse para que nós vivêssemos. E essa graça que, com tanta dor e tanto amor, nos foi concedida, não podemos, não devemos, se formos nobres, deixá-la sem frutos em nós. É preciso deixá-la agir em nós, sem demora. Daí a exortação de Paulo: *É agora o tempo favorável, é agora o dia da salvação!* (2Cor 6,2). Sejamos, pois, como Santo Expedito. Conta-se que, esse santo, enquanto hesitava na conversão, um corvo sempre de novo lhe aparecia e lhe gritava “*Cras! Cras!*” (Amanhã! Amanhã!). Até que um dia, Expedito, importunado com essa insolência, resolveu acabar com a demora em sua conversão. Pisou o corvo e, decididamente, disse: “*Hodie! Hodie!*” (“Hoje! Hoje!”). Ele se tornou, então, “expedito”, isto é, ágil, rápido, no seu caminho no seguimento de Cristo.

4. Atentos à hipocrisia (Mt 6,1-6.16-18)

O Evangelho de hoje nos conduz para o coração de toda a Quaresma, de todo o sentido de nossa vida, de toda a aventura humana: a penitência evangélica, isto é, a alegria de, a exemplo de Cristo, poder lutar a fim de chegar à fonte de nossa existência: o Pai. Há, porém, um inimigo a ser combatido nessa batalha: a hipocrisia.

Originariamente *hypokrites*, em grego, significa intérprete, ator, declamador. Em sentido pejorativo, porém, passou a significar simulador, fingido,

mascarado. O hipócrita é, no fundo, um narcisista, ocupado e preocupado unicamente com sua imagem e aparência: querer mostrar o que não se tem ou não se é. Agostinho anota: todo aquele que quer aparentar o que não é chama-se hipócrita. Sua glória é vã: pois o brilho de sua aparência não se funda na consistência do ser. Daí a exortação de Jesus: *Ficai atentos para não praticar vossa justiça diante dos homens, só para serem vistos por eles!* (Mt 6,1).

Contra esse nosso inimigo número um, Jesus não apenas propõe três grandes exercícios, mas também dá o espírito com o qual devem ser praticados: o espírito da gratuidade de um filho que sabe, se vê e se experimenta radicalmente amado e cuidado pelo Pai. Pois, ser cuidado pelo Pai é a única realidade, a única verdade de nós mesmos.

Por isso, no seguimento do Cristo crucificado:

- a **esmola**, a beneficência, a genuína caridade cristã tende a tornar-se um gesto “natural”, esquecido de si mesma; um amor que se volta diretamente para o outro e para a sua necessidade. Torna-se como o olho que, esquecido de si, olha, serve sem saber que está olhando, servindo. É como *a mão esquerda que não sabe o que faz a direita* (Mt 6,1).

- a **oração**, em vez de uma vivência sentimentalista, toda centrada no prazer de si mesmo e de suas conquistas ou na tristeza de seus pecados, tende a tornar-se a simples e singela entrega confiante do filho nas mãos cuidadosas do Pai, que, para ele, o filho, é seu tudo, sua única recompensa, o Reino dos Céus;

- o **jejum**, deixa de ser, para o discípulo, uma disciplina autocentrada, e passa a ser o morrer cotidiano para si mesmo, para viver para Cristo, no amor. Deixa de ser *passio activa* para ser *passio passiva*. Não tem nada de autocomiseração nem de auto exaltação. É alegria da renúncia porque na raiz desta renúncia está o anúncio da graça do encontro com a origem de todo o bem; está a experiência mística ou misteriosa de que nós, de nossa parte, não somos nada, *a não ser vícios e pecados* (São Francisco, RNB 17,7). Por isso, o discípulo de Cristo não pode desejar ou ter outra glória senão a glória de Cristo, isto é, sua luta, sua batalha, suas feridas, sua aventura, sua Cruz: *Nisto podemos nos gloriar: em nossas fraquezas e em carregar todos os dias a santa Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo* (Ad 5).

Conclusão

Penitência evangélica, portanto, tem sentido de luta, de aventura, semelhante aos quarenta anos vividos pelo povo de Israel, quando fez sua travessia no deserto, a caminho da Terra prometida; mas, semelhante, também e acima de tudo, à grande aventura, viagem ou luta de Jesus que atravessou o deserto da história dos homens, fecundando-o com a Paixão de um Filho de Deus que

quis viver em tudo como filho do Homem; semelhante aos seus quarenta dias de jejum passados no deserto até ser tentado pelo Adversário e vencê-lo por sua obediência amorosa ao Pai.

São Francisco, depois de ter descoberto esse admirável sentido da penitência evangélica, abraçou-a como o sentido maior de sua vida e de todos os seus seguidores. Por isso, quando interrogados acerca de sua identidade, os frades respondiam: *Somos os penitentes de Assis* (LTC 37). Por isso, também, é que Francisco tinha uma grande devoção à penitência quaresmal, a ponto de praticá-la cinco vezes ao ano. Ele se impunha esta prática para jamais esquecer que, para ser seguidor de Jesus Cristo, é preciso imbuir-se de seu espírito de luta, de combate contra o Maligno que quer nos afastar e separar do amor do Pai. Daí, sua devoção ao Arcanjo São Miguel, o lutador de Deus. Por isso, também gostava de intitular-se *Cavaleiro de Cristo* (Atos 22), e sua Ordem de *exército de Cavaleiros de Deus* (1B 5,1). Trata-se, pois de um combate que ninguém pode fazer ou esperar pelo outro. Por isso, se retirava sozinho para lugares desertos, para montanhas ou ilhas para aí, sozinho, lutar contra o inimigo do gênero humano até vencê-lo.

Hoje, para fazer esta experiência de penitência não precisamos ir ao deserto, pois o fenômeno da tristeza e da angústia, da desertificação da natureza e do próprio homem grassa em toda a parte. Não apenas as fontes da natureza, mas, também e principalmente as fontes do sentido da vida estão secando e se poluindo. A “de-solação” assola o íntimo dos homens. No meio de tanta “comunicação”, corações vazios e desolados alastram-se por toda a parte. Sinal sinistro dessa desolação são os suicídios, as depressões. Por isso, hoje, importa que ordenemos, sempre mais e melhor, toda nossa vida, nosso coração, nossos sentimentos e atitudes com este espírito da penitência quaresmal.

A desumanização dos homens acompanha toda nossa história. Por isso, o espírito e os exercícios da Quaresma, em vez de se limitarem a um tempo, devem estar presentes no tempo de todos os tempos; uma penitência que, agraciada pela penitência de Jesus, seja capaz de suscitar, de novo, no coração dos homens, o desejo da alegria de serem bons, generosos, prestativos e, acima de tudo, solidários com os mais fracos, desprotegidos, abandonados e desamparados; uma penitência imbuída da jovialidade evangélica, capaz de fazer crescer a cordialidade da *nossa mãe e irmã terra que nos sustenta e governa e produz frutos diversos e coloridas flores e ervas* (CIS 9); ela que, depois de acolher todas as nossas agressões e maldades, no-las devolve puras, inocentes e benfazejas. Eis o que significa cultivar e guardar a criação.



1º Domingo da Quaresma

Leituras: Gn 9,8-15; Sl 24 (25); 1Pd 3,18-22; Mc 1,12-15

Tema-mensagem: Convertamo-nos ao Evangelho e creiamos nele porque o Tempo da nova criação já se completou e o Reino de Deus está próximo.

Introdução

Na quarta-feira de Cinzas, celebrávamos o sempre novo e antigo convite de Deus, anunciado pelo seu profeta: *Voltaí, voltaí para mim!* (Jl 2,12-13). Hoje, primeiro Domingo da Quaresma, Jesus vem anunciar-nos que não basta voltar para Ele. É preciso também crer Nele e converter-nos para o seu Evangelho. Só assim, na noite da Páscoa, estaremos em condições de renovar nossa aliança batismal, fazendo, solenemente, mais uma vez e com mais ardor, nossa profissão de fé.

1. Com Noé, o prenúncio de uma nova criação e de uma nova humanidade (Gn 9,8-15)

Para introduzir-nos na celebração do mistério deste primeiro Domingo da Quaresma, a Igreja proclama um pequeno trecho do livro das origens – o Gênesis.

1.1. Uma nova criação

Antes de analisar a primeira leitura de hoje, importa recordar que a primeira humanidade, segundo o Gênesis, começa com um fratricídio - a morte de Abel por Caim - e termina com o dilúvio. Esta corrupção – um homem matando outro homem – é tão profunda e grave que torna amaldiçoado também o chão da terra que ele pisa, terra que fora tão bem criada e abençoada por Deus no ato da criação. É, então, dentro desse contexto, que Deus decide acabar com aquela criação para fazer surgir “uma nova humanidade”. Para mostrar esse objetivo, o autor sagrado chega a usar expressões idênticas às do primeiro capítulo do Gênesis, como, por exemplo: *‘Sede fecundos’, ‘multiplicai-vos’ e ‘enchei a terra...’* (Gn 1,28 e 8,1-7).

Noé assume assim a figura do novo Adão, tirado para fora da água, assim como outrora as criaturas todas foram tiradas para fora das águas primordiais e Adão, do barro. Assim, aquela humanidade corrupta, corruptora e corrompi-

da, precisava ser resgatada pela raiz. Só assim também a criação recuperaria sua beleza e bondade originária, e o desígnio de Deus, acerca da humanidade, retomaria sua continuidade. Para isso, Deus escolheu Noé, *um homem justo e perfeito* (Gn 6,9), entregando-lhe a missão de preparar e conduzir a barca salvadora no meio das águas purificadoras do dilúvio. Portanto, se de um lado Noé representa o velho Adão, por outro, também, podemos e devemos ver nele o futuro e novo Adão, Jesus Cristo. Com ele Deus inicia a recriação, a restauração do homem e, assim, de toda a criação. Em lugar da arca de madeira, o madeiro da cruz será o lenho sagrado através do qual Jesus Cristo vai salvar os homens das águas da morte e resgatá-los do abismo aniquilador. As águas da morte vão se transformar em águas de vida (Cf. Batismo). Novo nascimento do homem e de toda a criação virá deste novo Noé: Cristo Crucificado e Ressuscitado.

1.2. A primeira aliança

Como centro deste pequeno texto, não só pelo número de vezes – cinco ao todo – mas, principalmente, pela ênfase com que vem expressa, está a promissora e misericordiosa aliança de Deus, não apenas com Noé e seus familiares, mas também *com todas as criaturas que estão na terra* (Gn 9,10).

O pecado corrompera e corrompe não apenas os homens, mas também todos os viventes, toda a terra, sim, todo o universo, como escreve o Papa Francisco em sua Carta *Laudato Si: Nestas narrações tão antigas, ricas de profundo simbolismo, já estava contida a convicção atual de que tudo está inter-relacionado e o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros* (n. 70).

Assim, o caminho de salvação que Deus abre através de Noé - homem íntegro e justo (prefiguração de Jesus Cristo) - faz renascer a esperança para todos os homens, para todos os viventes, para a terra toda, como o recorda com muita ternura São Francisco em seu famoso Sermão às aves de Roma: *Aproximai-vos de mim para ouvirdes a palavra de Deus em nome Daquele que vos criou e libertou das águas do Dilúvio por meio da arca de Noé* (TM 7). Portanto, como diz nosso Papa Francisco: *Basta um homem bom para haver esperança!* (LS 71).

Como em todas as demais alianças do Antigo Testamento, também nessa, ressalta-se a iniciativa gratuita de Deus. Além do mais, diferentemente das demais, “a Aliança de Jahvé com Noé não implica nenhuma adesão ou reconhecimento da parte do homem, nem mesmo alguma promessa, no sentido de não voltar a percorrer caminhos de corrupção e de pecado. Ela aparece,

assim, como puro dom de Deus, fruto do seu amor e da sua misericórdia. É uma Aliança incondicional e sem contrapartidas, que resulta exclusivamente da bondade e da generosidade de Deus”¹².

1.3. O sinal do arco nas nuvens

Deus, porém, além de estabelecer sua aliança entre Ele e a terra, também faz questão de expressá-la através de um maravilhoso sinal: “*ponho meu arco nas nuvens*” (Gn 9,13)¹³.

Jahvé depõe, joga para os ares, o arco de guerra – da sua guerra contra os homens – e, assim, aquilo que significava ameaça de morte, destruição, torna-se sinal da paz, da vida - de sua vida, de sua paz com os homens¹⁴. Aquilo que antes dividia, agora une, aproxima, tornando-se ponte que une céu e terra, os mortais, por um lado, e os imortais e o divino por outro lado. Enfim, o arco fala de renovação, das mudanças transformadoras do coração e do amor que une o divino e o humano. Esta narrativa nos remete, também aqui, para Jesus Cristo. É nele, pelo sangue de sua Cruz – o verdadeiro e único arco da paz - que se dá a reconciliação definitiva e, assim, a paz eterna de Deus e do homem (Cf. Ef 2,14-16).

2. A arca, figura do Batismo (1Pd 3,18-22)

Quem intuiu um vínculo muito precioso e belo do dilúvio, de Noé e sua arca com o mistério da vida cristã, com a nossa salvação, foi São Pedro. Na 2ª leitura da Missa de hoje, ele recorda que *Cristo ... no Espírito, foi pregar aos que foram desobedientes, antigamente, quando nos dias de Noé, Deus esperava com paciência, enquanto se construía a arca, na qual poucas pessoas, oito ao todo, se salvaram através da água* (1Pd 3,20)¹⁵. E completa:

Esta era a figura do Batismo, que atualmente vos salva: não se trata de purificar as manchas do corpo, mas do engajamento para com Deus de uma boa consciência; ele vos salva pela Ressurrei-

12 <http://www.dehonianos.org/portal/01o-domingo-do-tempo-da-quaresma-ano-b0/>. Pesquisa em 29.02.2018.

13 Chamamo-lo de arco-íris. Nas nossas terras, os antigos o chamavam de “arco da velha”, em referência, talvez, à velha aliança.

14 “Em hebraico, a mesma palavra (“qeshet”) é usada para designar tanto o “arco-íris” como o “arco de guerra”. Assim, o autor sagrado, usando e jogando com esta duplicidade, sugere que Jahvé pendurou na parede do horizonte o seu “arco de guerra” a fim de demonstrar ao homem suas intenções pacíficas”: <http://www.dehonianos.org/portal/01o-domingo-do-tempo-da-quaresma-ano-b0/>. Pesquisa em 29.01.2018.

15 Acerca da vinculação entre dilúvio e Batismo, na história cristã antiga e medieval, pode ser vista em Eninger, Edward F. *Anatomia da Psique – O simbolismo alquímico na psicoterapia*. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 90.

ção de Jesus Cristo, que, tendo partido para o céu, está à direita de Deus, e a quem foram submetidos os anjos, as autoridades e poderes (1 Pd 3,21-22).

Não parece difícil, como já dissemos, ver em Noé uma figura de Jesus Cristo. Esse, sim, é, na verdade, o “Justo” por antonomásia (Cf. At 3,14), enquanto que aquele, digamos, o foi apenas por transferência ou concessão. Justo, aqui, não quer dizer apenas “reto”, “direito”, “ereto”, mas, acima de tudo e mais propriamente, comprovado, experimentado; aquele homem que, em seu caminho, isto é, na travessia ou viagem de sua história é posto à prova e, sendo provado, mostra-se firme, consistente, sólido em sua fé (fidelidade), isto é, é comprovado, e, assim, bem-aventurado. Ora, em quem isso se aplica, de modo perfeito e consumado, senão em Jesus Cristo crucificado, o Justo por excelência!?

3. Jesus em sua preparação para a Vida apostólica e para a Cruz (Mc 1,12-15)

A perícopre evangélica de hoje se move em torno de dois momentos muito distintos, mas profunda e intimamente unidos: as tentações de Jesus no deserto e o início de sua Vida pública.

3.1. Impelido pelo Espírito, Jesus é levado ao deserto para ser tentado

Depois de ter falado da pregação de João Batista e do Batismo de Jesus, Marcos fala muito concisamente: *E imediatamente o Espírito lançou Jesus para dentro do deserto* (Mc 1,12-13).

Jesus é, pois, lançado, arrojado (*ekballei*), pelo Sopro de Deus, para dentro do deserto¹⁶. São João Crisóstomo faz notar que este modo de dizer do evangelista torna explícita a primeira lição que Jesus devia aprender: a docilidade ao Espírito. Uma vez que ele fora declarado *Filho muito amado do Pai* não competia a Ele escolher o caminho a ser seguido. E graças à aprendizagem desta primeira lição é que poderá depois seguir o caminho do despojamento total à vontade do Pai, o caminho do Calvário, da cruz.

O deserto é, aqui, não só o lugar da solidão (éremão) e da desolação, da experiência - no sentido de ser posto à prova - da tentação, no confronto com o mal - o nada negativo e destrutivo – mas, também o lugar do encontro solitário, limpo, único com Deus; o lugar do aprendizado de “sofrer Deus”¹⁷.

¹⁶ São Lucas diz: *Jesus, repleto do Espírito Santo, voltou do Jordão e estava no deserto, conduzido pelo Espírito, durante quarenta dias, e era tentado pelo diabo* (Lc 4,1).

¹⁷ Expressão de Dionísio Areopagita.

E ele esteve no deserto quarenta dias e aí foi tentado por Satanás (Mc 1,13). Mais ou antes que a dimensão meramente cronológica, os quarenta dias de tentação significam, aqui, todo o tempo da vida do homem, que, segundo Santo Agostinho, ecoando a palavra de Jó, não passa de uma constante tentação: *Não é uma tentação a vida humana – sem folga? ('Numquid non tentatio est vita humana – sine ullo interstitio?')*¹⁸.

Assim, no deserto, Jesus dá início à sua grande experiência de fé, de ser *filho muito amado do Pai*. Ou seja, começa a ser colocado entre possibilidades opostas, de vida ou morte, do Pai ou do demônio, de Deus ou do mundo. Eis o risco, a prova, a tentação...

3.2. **Vivia com as feras e os anjos o serviam**

A primeira parte do Evangelho de hoje termina dizendo que Jesus *vivia com as feras e os anjos o serviam* (Mc 1,13). Para além do significado histórico, temos aqui uma clara alusão ao novo (último) Adão, o novo (definitivo) homem paradisiaco. Jesus, diferentemente de Adão, vence o pecado, isto é, a desarmonia e a ruptura que se instala entre o homem e Deus e no homem mesmo, e, por conseguinte, entre o homem e os outros homens e, por extensão, entre o homem e demais criaturas, entre o céu e a terra. Eis o mistério da redenção e da salvação: a restituição da unidade e da harmonia com Deus e com tudo e todos. Quem segue Jesus Cristo, e a ele se conforma, entra nesta condição do homem paradisiaco, mesmo entre as ruínas da condição humana ameaçada pelo pecado.

Comentando este mistério, assim fala nosso Papa Francisco:

Por isso, é significativo que a harmonia vivida por São Francisco com todas as criaturas tenha sido interpretada como uma sanção daquela ruptura. Dizia São Boaventura que, através da reconciliação universal com todas as criaturas, Francisco voltara, de alguma forma, ao estado de inocência original (LS 66).

São Jerônimo lê esta passagem do Evangelho também como pacificação entre a carne e o espírito: assim como Noé estava à vontade entre animais puros e impuros, assim também, aqui, os desejos da carne e os desejos do espírito não se opõem, mas se compõem uns com os outros. O homem que participa do combate da tentação e, do mesmo modo, da vitória de Cristo, recebe, além disso, o ministério (*diakonía*) dos anjos. *Não são todos eles (os anjos) espíritos cumpridores de funções (leitourgiká pneúmata) e enviados a serviço ('eis diakonían apostellómēna')* em proveito daqueles que devem receber a salvação como herança? (Hb 1,14).

¹⁸ Confissões X, n. 28.

3.3. Depois que João fora entregue

Marcos, depois de relatar a estada de Jesus no deserto, escreve: *Depois que João fora entregue...* (Mc 1,14). Essa constatação está aí para dizer que o destino de Jesus não será outro senão o de seu precursor: a entrega. Uma entrega que começa já, agora, no deserto, com as tentações e que culminará, no fim da vida, na cruz.

Continuando diz o evangelista que *Jesus veio para a Galileia...* (Mc 1,4). Chama a atenção o fato de Jesus começar sua obra evangelizadora não em Jerusalém e nem mesmo na Judéia, mas sim na Galileia dos pagãos e dos israelitas decadentes e impuros. Isso manifesta desde logo o caráter misericordioso e universal de sua evangelização, bem de acordo com o que profetizara Isaías: *O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam nas sombras da morte, uma luz começou a brilhar* (9,1).

Ali, mais precisamente, em Cafarnaum, junto do mar, é que Jesus começou sua pregação, dizendo: *“Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus se aproximou”* (idem 15). O tempo da espera deu lugar ao tempo da realização. O tempo das figuras deu lugar ao tempo da realidade em sua verdade. O tempo do merecimento da Lei deu lugar ao tempo da graça do Evangelho. O tempo do temor cede sua vez ao tempo do amor. O tempo de ser servo, ao tempo de ser filho. O tempo da plenitude da graça chegou. Deus veio para dizer sua última e definitiva palavra ao homem. E esta palavra é um Sim definitivo, de pura fé. Um Sim que brilha no não do abandono da Cruz.

3.4. Converti-vos e crede no Evangelho

Jesus começa, então, sua grande exortação: *“Converti-vos e crede no Evangelho!”* (Mc 1,15). Conversão (gr.: *metánoia*) é a guinada da mente, na qual e pela qual o homem realiza seu retorno (hebr.: *Teshuvá*) para Deus; é deixar tudo para seguir o Senhor para onde quer que vá. É adesão a Deus, de todo o coração. Fé cristã é seguimento de Cristo e, em última instância, é manter-se na fidelidade do amor àquele que nos amou por primeiro.

Evangelho, portanto, não é um livro, uma doutrina ou Religião, mas a própria Pessoa de Jesus Cristo, que veio anunciar, revelar o Pai. Ele é a própria Mensagem do Pai, a Alegria do Pai e dos homens. Alegria que começa a invadir o coração de cada pessoa humana e de cada criatura, fazendo-os caminhar na liberdade, como filhos de Deus. Eis a salvação do homem (Cf. Rm 1,16), que começa a se expandir pela terra inteira: *A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Todos os que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria,* diz o Papa Francisco no início de sua exortação *Evangelii Gaudium* (EG 1).

Para entrar nessa alegria, para participar e comungar dessa jovialidade, é preciso, porém, atender à exortação de Jesus: “*Convertei-vos e crede no Evangelho!*” (Mc 1,15).

Conclusão

Na Quarta-feira de Cinzas, o Senhor Deus exclamava: “*Voltai, voltai para mim!*” (Jl 2,12-13). Hoje, primeiro Domingo da Quaresma, Jesus vem nos anunciar o caminho desta volta: “*Convertei-vos e crede no meu anúncio: Deus, que é meu Pai, é também vosso Pai!*” Ora, poderia haver Palavra, Notícia mais alegre, alvissareira, bela e melhor do que essa!?

Crer, porém, nada tem a ver com acreditar e, muito menos, fé com crença. Enquanto esta se assenta em motivações e interesses, aquela, a fé, o crer, tem a ver com o nascer e o crescer a partir do vigor e do entusiasmo da graça do encontro com Jesus Cristo. Por isso, sempre que rezamos o “Credo”, poderíamos proclamar: “*Eu nasço e cresço em Deus Pai... eu nasço e cresço em Jesus Cristo... eu nasço e cresço no Espírito Santo... eu nasço e cresço na Igreja...*”.

Noé foi salvo, ele e sua gente e toda a criação, das purificadoras e fatais águas do dilúvio porque botou fé na Palavra do Senhor, construindo a arca da salvação e da aliança. Jesus Cristo foi salvo do abismo infernal porque botou fé no Pai que o abandonou até na vergonhosa condenação e dolorosa morte na Cruz. Por isso, a fé em Jesus Cristo e em seu anúncio de que seu Pai é também nosso Pai, um Pai cheio de misericórdia, é tudo para nós seus seguidores.

Por isso, nós cristãos costumamos proclamar inúmeras vezes, principalmente aos Domingos, este que é o mais profundo, o mais belo e benfazejo mistério de nossa vida: a fé de Jesus Cristo. É também por isso que São Francisco, sedento por tornar conhecido este mistério, em sua primeira Regra, ordenou aos frades que, no meio dos sarracenos e outros infiéis, em vez de entrar em litígio com eles, simplesmente anunciassem *a palavra de Deus para que cressem em Deus Onipotente, Pai e Filho e Espírito Santo, Criador de todas as coisas, no Filho redentor e salvador, e que se deixassem batizar e se fizessem cristãos, porquanto quem não renascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no Reino de Deus* (RNB 16,7-8). E, em outra passagem da mesma Regra, redigiu um inusitado, mas simples, breve e fervoroso “Ato de Fé” que podia e devia ser anunciado a todos os fiéis, através de todos os frades, também pelos simples irmãos leigos, que não sabiam ler e não tinham o “múnus” da pregação: *Temei e honrai, louvai e bendizei, rendei graças e adorai o Senhor Deus Onipotente na trindade e na unidade, Pai e Filho e Espírito Santo, o Criador de todas as coisas. Fazei penitência, fazei dignos frutos de penitência, pois logo morreremos. Dai e vos será dado. Perdoai e vos será perdoado* (RNB 21).



2º Domingo da Quaresma

Leituras: Gn 22,1-2.9a.10-13.15-18; Sl 115 (116); Rm 8,31b-34; Mc 9,2-10

Tema-mensagem: No mistério da Transfiguração, o Pai nos revela que não há outra glória para seu Filho e seus seguidores senão seguir o caminho de sua Paixão e Cruz

Introdução

Domingo passado, Jesus nos exortava: *Convertei-vos e crede no Evangelho!* Hoje, vem nos ensinar que crer Nele significa trilhar o caminho glorioso de sua Cruz, revelado e testemunhado no famoso milagre da Transfiguração.

1. Abraão, movido pela fé, sobe o monte Moriá para o sacrifício do filho (Gn 22,1-2.9a.10-13.15-18)

O caminho de Jesus e seus seguidores, o glorioso e luminoso caminho da cruz, já havia sido prenunciado inúmeras vezes e de muitas formas no Antigo Testamento.

1.1. Abraão, o Pai dos crentes

A Liturgia da Palavra inicia, hoje, com o livro do Gênesis. Livro que nos introduz no mistério das origens, isto é, das gerações. Primeiramente, a origem **do céu e da terra** (o universo); depois, **da geração do homem e das gerações provenientes de Adão e de Noé**; por fim para coroar todas as gerações, **a geração do Povo crente**, proveniente da fé de Abraão. E é justamente dessa misteriosa e enigmática figura, que nos fala a primeira leitura de hoje. Ela começou com este dramático pedido de Jahvé a seu servo Abraão: *Toma teu filho único, Isaac, a quem tanto amas, dirige-te à terra de Moriá e oferece-o aí em holocausto sobre um monte que eu te indicar* (Gn 22,2).

Adão, Noé e Abraão são princípios da humanidade. São os grandes pais, nos quais o vigor e o frescor “princípial” ou fontal da vida humana se manifesta de modo exemplar. Em Abraão esse vigor e frescor originário se manifesta como a esperança de uma humanidade vindoura, nova, que vive da fé de Deus e que, por esta mesma fé, vê Deus. Toda a história de Abraão, de sua vocação em Ur Kasdim e Haran, até a prova do monte Moriá, narra como ele se tornou um vidente de Deus. Desse mesmo modo, todo aquele que crê vê o invisível

e, assim, em meio às vicissitudes e peripécias da vida, com suas provações e tentações, permanece inabalável (Cf. Hb 11,27).

Bom vidente não é aquele que vê o visível, mas aquele que, movido pelo vigor da graça do encontro, vê o invisível, isto é, aquele que, sempre de novo, abandonando tudo, se dispõe a “sofrer Deus” (Dionísio Areopagita). Ou seja, como ensinou São Francisco, em sua primeira Admoestação: só se pode ver a Deus, o inacessível, se nos dispusermos a olhá-Lo não a partir de nós mesmos, carnalmente, mas a partir Dele mesmo, espiritualmente. Espiritualmente significa movidos pelo vigor da gratidão humilde, generosa, sem “por quê” nem “para quê”; vigor que nasce da gratuidade do encontro, isto é, do amor puro com o qual Ele nos amou por primeiro. Por isso, logo que o Senhor chamou: “Abraão!”, sem pestanejar, ele se apresenta: “Aqui estou!”

1.2. Fé provada e comprovada

Toda fé, porém, precisa ser provada e comprovada. É o que segue na segunda parte da primeira leitura de hoje. Outrora, Abraão provara sua fé, obedecendo ao mandato de sair, de ir embora, de deixar para trás a terra conhecida, o passado. Agora, no fim, ele deve se desprender também do seu futuro. Abraão leva seu filho amado, penhor da descendência numerosa que Deus lhe havia prometido, para o alto da montanha. Contemplamos, atônitos, Abraão tomando a lenha para o holocausto e colocando-a sobre os ombros de seu filho Isaac. Abraão carregava a pedra-de-fogo e o cutelo, “mas cadê o cordeiro para o holocausto?” pensa e pergunta o filho. Abraão responde: *Deus saberá ver o cordeiro para o holocausto, meu filho* (Gn 22,8).

No entanto, quando estava para consumir o sacrifício do filho amado, o Senhor o interrompeu. E, eis que, de repente, Abraão vê um carneiro que estava preso pelos chifres num denso espinheiro. E lemos: *Ele foi apanhá-lo para oferecê-lo em holocausto, em lugar de seu filho. Abraão chamou aquele lugar ‘o Senhor vê’; por isso se diz hoje em dia: ‘É sobre a montanha que o Senhor foi visto’* (Gn 22,14).

É evidente que estamos aqui diante de um texto profundamente teológico e não humano. Por isso, o interesse maior e decisivo de toda essa história é mostrar que é a fé que determina cada um dos movimentos e das ações de Abraão. Consequentemente, se alguém quisesse lê-lo com outros olhares, veria apenas um Deus terrível, monstruoso e, em Abraão, um pai cruel e assassino.

Consumada a fé, Abraão recebe de volta o filho que intencionava oferecer ao seu Senhor. Ali, no alto daquela montanha, Deus vê e é visto. Ali o olhar de Deus se cruza com o olhar de Abraão. O olhar de Deus é graça e misericórdia. O olhar de Abraão, fé e gratidão. Ali Abraão consumou sua existência de profeta, de vidente de Deus. A fé não é cega. A fé é visão, mas, uma visão enigmática que

vê, para além das aparências, a verdade mais verdadeira e real das coisas, pessoas e acontecimentos. Ali, naquela montanha, tornaram-se um, não só o céu e a terra, mas também o humano e o divino. Ali o ver e o ser visto já não eram dois, mas um. Estava consumada a história, a vocação e a fé de Abraão, que se tornarão a história, a vocação e fé de todos os crentes e, através desses, de toda a humanidade.

1.3. Pai de muitas gerações

O Senhor, então, a partir dessa fé, renova seu compromisso com Abraão e com sua descendência (no singular!). E, a partir dessa descendência, promete a bênção para todas as nações da terra, como escreve Paulo em sua Carta aos Romanos (Cf. Rm 4,17-18).

Para Paulo, a verdadeira descendência de Abraão, o verdadeiro Israel (cujo nome, segundo certa interpretação etimológica, significa “Aquele que vê Deus”), é constituída pelos que, como ele, caminham com Deus na fé, esperando contra toda esperança. Esses são os verdadeiros herdeiros de Abraão, sejam eles judeus ou gentios (*goim*). Para fazer parte dessa nova humanidade, a condição primeira é aprender, como Abraão, a crer e a esperar contra toda a esperança. No século XIX, o pensador da existência crente, Kierkegaard, escrevera contra a banalização da fé na cristandade, que arruinava, segundo ele, o vigor do ser cristão. No livro dedicado a Abraão, intitulado “Temor e Tremor”, ele escreve:

Em nosso tempo, ninguém para mais na fé, mas vai além. Perguntar aonde estes chegam, seria talvez uma estupidez, enquanto é sinal de cortesia e de educação admitir que todo o mundo tem fé, porque, de outro modo, não teria sentido o dizer que vão além. Nos tempos antigos, a situação era diferente: então a fé era uma tarefa para toda a vida, porque se estava convencido de que a prática do crer não se adquiriria em poucos dias e em poucas semanas.

1.4. Abraão, protótipo de Jesus Cristo

A mesma aprendizagem da fé e da espera, que se faz esperança contra toda esperança, precisa ser feita pelo discípulo de Jesus Cristo, “filho de Abraão”, aquele que, segundo diz o Evangelho de João, foi visto por Abraão e cuja visão lhe ofereceu grande alegria¹⁹. Todo discípulo, com efeito, há de

19 Jesus, no Evangelho de João, atribui a Abraão a visão messiânica, isto é, a visão profética do Cristo, sua descendência por excelência, quando diz: “*Abraão, vosso pai, exultou na esperança de ver o meu Dia; ele o contemplou e ficou cheio de alegria*” (Jo 8,56). Assim, a maior visão de Abraão fora a visão do Cristo, do seu Dia. E, à objeção dos judeus, que com ele discutiam, a saber: “*Nem sequer tens cinquenta anos e viste Abraão?*” - Jesus responde: “*Em verdade, em verdade, eu vos digo, antes que Abraão fosse, Eu Sou*” (Jo 8,58).

aprender a condição fundamental para seguir Jesus (Cf. Lc 14,26-27).

D. Bonhoeffer lê assim a experiência religiosa, fiducial de Abraão, à luz dessa experiência crística:

Ele teve de abandonar amigos e casa paterna, Cristo se interpôs entre ele e os seus. Neste caso, a ruptura se fez visível. Abraão se fez estrangeiro por amor da terra prometida. Este foi seu primeiro chamado. Sucessivamente, Abraão é chamado por Deus a sacrificar o filho Isaac. Cristo se põe entre o pai da fé e o filho da promessa. Aqui não é só a imediatez natural, mas também a imediatez espiritual a ser infringida. Abraão deve aprender que a promessa não está ligada nem mesmo a Isaac, mas justamente, somente, a Deus.

[...] Abraão fica totalmente só. De novo é em tudo e por tudo um indivíduo, como quando saiu da casa. Abraão tinha abandonado tudo e se tinha posto no seguimento de Cristo e, agora, na plenitude do seguimento, pode retornar a viver no mundo em que vivia já antes. Exteriormente, tudo permanece como no passado. Mas, o passado passou, e tudo foi feito novo. Tudo precisou passar através de Cristo (D. BONHOEFFER, *Sequela*, p. 91).

2. No caminho da cruz, Jesus se transfigura (Mc 9,2-10)

O Evangelho de hoje está intimamente ligado ao Evangelho do Batismo de Jesus. E tanto naquele como neste, o centro e o móvel está na voz do Pai: “*Este é meu Filho amado. Escutai-o!*”

2.1. A Transfiguração

Marcos, no Evangelho de hoje, em vez da conhecida expressão litúrgica “naquele tempo”, começa com: *Seis dias depois...* (Mc 9,1). Esse “seis dias depois”, se refere ao primeiro anúncio que Jesus fizera de sua paixão e de ter dito expressamente: “*Se alguém quiser vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me*” etc. (Mc 8,34b-35). Os “seis dias” (*Hexaemeron*) apontam para a nova criação do novo homem (novo Adão), que se dará no mistério pascal de Jesus Cristo. O esplendor de Jesus Cristo, revelado no monte da Transfiguração, é a glória Dele e de todo homem que, Nele, participa dessa sua Paixão.

É então que *Jesus toma consigo Pedro, Tiago e João...* (Mc 9,2). Por que esses três? As razões podem ser várias. Primeiramente, porque eram os mais íntimos de Jesus. Pedro, o discípulo que muito amou a Jesus Cristo, e

que, depois de renegá-lo durante sua paixão, o confessa após sua Ressurreição; João, o discípulo amado, que se reclinou no lado do peito, do coração de Jesus Cristo, na Última Ceia, e que, junto com Pedro, testemunhou o sepulcro vazio; Tiago, o patriarca e mártir da Igreja de Jerusalém, que, em testemunho de Jesus, derramou seu sangue por ordem de Herodes, segundo os Atos dos Apóstolos. Em todo o caso, eles representam todos nós, com a dificuldade de conciliar em nossa visão o “Filho de Deus” glorioso no “Filho do homem” humilhado, crucificado.

Era, pois, necessário e até imprescindível, que aprendessem sempre mais e melhor e em definitivo que não apenas não há nenhuma oposição entre o ser Filho de Deus e o ser Filho do homem, mas, até, que essa era sua nova condição. Ou seja: que Deus estava, enfim, realizando em definitivo seu desígnio de unir-se, fazer parte, comungar de nossa condição marcada por uma fragilidade mortal; que esse caminho, longe de constituir-se numa vergonha, num escândalo ou ignomínia, era sua maior honra, grandeza, dignidade, magnificência e glória. Enfim, era necessário que começassem a conviver com esse caminho divino, o mais admirável e inaudito que há desde a criação do mundo. É o que dirá Paulo: *Assim, vos suplicamos em nome de Cristo que vos reconcilieis com Deus. Deus fez daquele que não tinha pecado algum a oferta por todos os nossos pecados, a fim de que nele nos tornássemos justiça de Deus* (2Cor 5,20-21). Por isso, mais adiante, dirá aos gálatas: *Longe de mim querer gloriar-me a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo...* (Gl 6,14).

2.2. A fala de Pedro

Jesus os leva, então, a uma alta montanha. Sempre a montanha! Sim, porque ela representa o lugar do encontro entre a terra e o céu. É, também, na Escritura, o lugar da revelação de Deus aos homens. E então *apareceu-lhes Elias com Moisés; eles se entretinham com Jesus* (Mc 9,4). Para além do sentido histórico-literal, São João Crisóstomo interpreta essa passagem no sentido de que a lei e a doutrina dos profetas são uma iniciação ao Evangelho de Jesus Cristo. O testemunho dos profetas uniu-se com o testemunho dos Apóstolos, o Antigo Testamento se uniu ao Novo, e ambos saúdam o Cristo em seu mistério de Paixão, Morte e Ressurreição.

Segue a narrativa: *Intervindo, Pedro disse a Jesus: “‘Rabi’, é bom estarmos aqui; ergamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés, outra para Elias”. Ele não sabia o que dizer, pois estavam transidos de temor* (Mc 9,5). O pasmo frente ao esplendor divino de Jesus! Um sentimento vivo de alegria se mistura com o de temor, de reverência e estranheza, face ao mistério do Outro, do radical-Outro, do não-Outro! Pedro entrevê o despontar de um novo

êxodo, de uma nova travessia, no deserto. Por isso, fala de tendas. Para além do sentido literal, Beda interpreta a palavra de Pedro sobre as três tendas no sentido de que não se há de separar a Lei, os Profetas e o Evangelho, mas há de se receber os seus testemunhos e compreendê-los numa nova unidade.

Outros intérpretes, porém, veem hesitação em seguir com Cristo pelo caminho da Cruz – prenúncio do escândalo frente ao destino da Cruz, que levaria Pedro a negar a Jesus Cristo em sua paixão. Por isso a insistência de permanecer lá no Tabor, morando comodamente em três tendas, com aquelas figuras divinas e celestes, longe da vileza e baixaria dos homens. Enfim, Pedro, até aquele momento, não estava entendendo nada. Estava equiparando Jesus com Moisés e Elias, cada um em sua tenda. Continuava insistindo em afastar Jesus do caminho de Jerusalém, da Paixão, da Cruz, mantendo-o no glorioso e esplendoroso consolo do Tabor.

Podemos recordar aqui, o que diz nosso Papa Francisco acerca da necessidade de uma Igreja encarnada nas limitações humanas e “em saída”: que ela jamais pode fechar-se em suas próprias seguranças ou optar pela rigidez da autodefesa; que saiba fazer-se fraca com os fracos *e tudo para todos* (1Cor 9,22), *ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada* (Cf. EG 45).

2.3. A nuvem e a voz do Céu

Na penúltima parte desse Evangelho, Marcos escreve: *Veio encobri-los uma nuvem...* (Mc 9,7). Ah, novamente, a famosa nuvem que sempre acompanha a história do Antigo Testamento como sinal da presença velada de Deus! Agora, é desta nuvem que soa uma voz: *“Este é meu Filho bem-amado! Ouvi-o!”* (Mc 9,7)

Mais tarde, Pedro irá recordar o significado deste evento não apenas para ele, mas também para todos os fiéis:

De fato, não foi por termos ido atrás de fábulas sofisticadas que vos demos a conhecer a vinda poderosa de nosso Senhor Jesus Cristo, mas sim por tê-lo visto com nossos próprios olhos em todo o seu esplendor. Porque ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando a voz saída do magnífico esplendor de Deus lhe disse: ‘Este é o meu Filho muito amado, a quem me aprouve escolher’. E esta voz nós a ouvimos, vinda do céu quando estávamos com ele no monte santo (2Pd 1,16-18).

Os Padres da Igreja veem nessa passagem, como na do Batismo de Jesus, uma manifestação do mistério e ministério trinitário de Deus. Veem na nuvem o próprio Espírito Santo, fonte da sabedoria celeste, o Amor de Deus que se derrama sobre nós. No envolvimento do Espírito Santo, do esplendor de

Deus, a voz do Pai que se manifesta, dando testemunho de Jesus como sendo seu “Filho bem-amado”. Finalmente, a morte de Cruz de Jesus manifestará o Amor que une Pai e Filho. Assim, e em resumo, Deus envolveu-nos, a nós, homens, pecadores, no mistério, na caligem supraluminosa, desse mistério enlouquecido, extático, de paixão, de amor.

Paulo, na segunda leitura de hoje, nos recorda: *Se Deus está por nós, quem estará contra nós? Deus, que não poupou seu próprio Filho, mas O entregou à morte por todos nós, como não havia de dar-nos, com Ele, todas as coisas?* (Rm 8,31b-32). Ou seja, Aquele que nos deu tudo, inclusive seu único e amado Filho, como haverá de nos negar qualquer outra coisa? Não seria, por acaso e até mesmo, uma ofensa grave querer ou pedir-lhe algo a mais?! A insistência do Pai é que “ouçamos seu Filho”, ou seja: que a esperança da glória não pode jamais esconder ou bloquear a mensagem da Boa Nova de que Ele, seu Filho, veio para morar, habitar conosco, de modo crucificado, todos os dias de nossa vida. Esta é e deve ser a sua luz e nossa luz, seu poder e nosso poder, sua glória e nossa glória.

A narrativa termina com a recomendação de Jesus para que *não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem ressurgisse dos mortos* (Mc 9,9).

Jesus está só. Ele é o Único. Nele e por Ele, pelo mistério de sua paixão e Ressurreição, Deus se tornará tudo em todos. Ele é o segredo, o arcano do cristão. Por isso, precisava e precisa sempre ficar, morar no oculto do coração de todo seu seguidor. Esse mistério é grande demais para ser compreendido por outros caminhos, senão por ele mesmo. Por isso ele só será compreendido depois que os discípulos começarem a beber do mesmo cálice da paixão e da cruz, isto é, só com a experiência do caminho da cruz, que eles começaram a percorrer após a Ressurreição, é que, com efeito, terão condições de compreender, isto é, de suportar o sentido desta revelação. Segredo de amigo só se compreende experimentando-o, caminhando com ele, repartindo e comendo o mesmo pão.

3. Deus entregou seu Filho por todos nós (Rm 8,31b-34)

Paulo, na segunda leitura de hoje, nos recorda: *Se Deus está por nós, quem estará contra nós? Deus, que não poupou o seu próprio Filho, mas O entregou à morte por todos nós, como não havia de nos dar, com Ele, todas as coisas?* (Rm 8,31b-32). Ou seja, Aquele que nos deu tudo, inclusive seu único e amado Filho, como haverá de nos negar qualquer outra coisa? Não seria, por acaso e até mesmo, uma ofensa grave querer ou pedir-lhe algo a mais?!

Conclusão

O milagre da Transfiguração, a exemplo da própria Ressurreição, não pode jamais, ser visto fora ou à parte do misterioso caminho da paixão e da cruz. Vem ensinar-nos, isto sim, que este caminho, antes de escuridão, ignomínia ou vergonha, é de honra, luz e glória.

Quem compreendeu, assumiu e consumou com perfeição este caminho foi São Francisco. Segundo uma tradição antiga, Frei Silvestre chegou a ver em sonho *uma cruz de ouro saindo da boca de Francisco, tão comprida que ia até o céu e tão larga que ia até os confins do mundo* (2C 109,9). Por isso, quase em todos os seus escritos, somos exortados a que palmilhemos este caminho, como, por exemplo, neste:

Atendamos, Irmãos, o Bom Pastor, que para salvar suas ovelhas, suportou a Paixão da cruz. As ovelhas do Senhor seguiram-no na tribulação e na perseguição, na vergonha e na fome, na enfermidade e na tentação e em tudo o mais; e disso receberam do Senhor a vida sempiterna. Por isso, é grande vergonha para nós, servos de Deus, que os santos tenham feito obras e nós queiramos receber glória e honra apenas por citá-las (Ad 7).



3º Domingo da Quaresma

Leituras: Ex 20,1-17; Sl 18 (19); 1Cor 1, 22-25; Jo 2,13-25

Tema-mensagem: Pelo mistério de sua Encarnação-Morte-Ressurreição não só Ele - Jesus Cristo - mas também todos nós nos tornamos um Templo vivo de Deus, princípio da fraternidade universal e da não-violência.

Introdução

O desejo de Deus de morar com os homens, e, vice versa, de os homens providenciar-Lhe uma habitação digna, um templo, atravessa toda a História da Salvação. Nesse terceiro Domingo da Quaresma, Jesus vem dizer-nos que esse desejo de ambos se consumará plenamente Nele, em seu próprio corpo.

1. Um Povo de Deus e para Deus (Ex 20,1-17)

A primeira leitura, tirada do livro do Êxodo, Jahvé, através do famoso “Decálogo”, isto é, das Dez Palavras, conhecidas como os “Dez Mandamentos”, começa apontando para esse seu desejo.

1.1. A primeira palavra

A narrativa começa com o famoso testemunho e mandato do próprio Deus: “*Eu sou o Senhor teu Deus ... Não terás outros deuses além de mim... pois Eu sou o Senhor teu Deus*” (Ex 20,1-5). É preciso ler e sentir bem de perto o fervor e o peso com que Deus proclama essa sua primeira palavra a Israel, isto é, esse “sou teu Deus!”

Por isso, as Dez Palavras devem ser compreendidas a partir do fervor desse desejo de encontro íntimo, amoroso, apaixonado entre Jahvé e seu Povo Israel. Por isso, as Dez Palavras, assim, são a regra através da qual o Povo de Israel se deixa guiar; o caminho pelo qual ele vai empenhar-se em vir a ser o que ele é: um povo livre, protótipo e modelo para todos os povos que desejem lutar pela verdadeira libertação e assim chegar à plenitude da liberdade.

São palavras muito fortes, densas e cheias de paixão, zelo e ciúme: *Eu serei teu Deus e tu serás meu Povo predileto!* Por isso, se e enquanto observadas, vão garantir a Israel tornar-se, de fato, um *povo consagrado*, uma *propriedade eleita de Jahvé* (Ex 19,5), uma *shekináh* - uma presença gloriosa de Deus - no meio da humanidade e do universo. Ser sinal da *shekináh* era, sem dúvida nenhuma e certamente, a honra maior, a dignidade mais elevada, a responsabilidade mais expressiva, perigosa e dramática de Israel.

Assim, esta palavra “Eu sou o Senhor teu Deus” é a primeira em todos os seus sentidos, isto é, tanto como enumeração, bem como, também, no sentido de origem, fonte, raiz de todas as demais. Sem ela nada feito e nada sucederá. Por isso, na leitura de hoje, ela ocupa praticamente todo o espaço da página, do verso 1º ao 11º.

1.2. A segunda palavra semelhante à primeira

O decálogo ordena-se em dois movimentos ou direções distintas: Deus e o próximo. Uma dualidade, porém, que não se separa jamais uma vez que estamos diante de dois ordenamentos – Deus e próximo - peremptórios, indivisíveis e inseparáveis. Não se observa um se não se observa o outro e vice versa.

É devido a essa unidade que a primeira palavra, o primeiro mandamento, agora vai estender-se nos demais, explanados na segunda parte. Nessa, bem menor que a primeira, vem o ordenamento do respeito e da honra às pessoas, começando por aquelas que nos são mais próximas, na linha do nascimento, isto é, da família pequena até a grande: a família humana. A soberania absoluta de Jahvé como *Senhor e Deus*, leva-O a proibir aos israelitas qualquer dano, não apenas às pessoas, mas também aos seus bens, mesmo que seja só na intenção, como é o caso da cobiça.

A lógica do decálogo é muito simples, clara e pedagógica: que os israelitas pudessem ter sempre diante de si, em seus corações, em seu espírito, as grandezas e prodígios do seu Senhor. Assim, animados por essa sua infinita misericórdia, poderiam permanecer sempre fiéis ao seu amor eterno, vivendo livres e felizes, testemunhando a glória de Deus no meio dos demais povos.

2. Para o Pai, um templo vivo e puro (Jo 2,13-25)

Para expressar a glória de seu Deus e ser seu Povo eleito, desde o tempo de Salomão, os israelitas tinham construído o famoso Templo de Jerusalém, a máxima glória do judaísmo, o centro da unidade e quase a encarnação mais representativa de Israel e de sua História. No Evangelho de João a atividade de Jesus girará quase unicamente ao redor desse Templo e seu significado.

No tempo de Jesus, porém, o Templo não era apenas o local de culto e das festas litúrgicas, principalmente dos sacrifícios de animais, mas também um grande conjunto com inúmeras “lojas” ou dependências “comerciais” que visavam atender às necessidades dos fiéis que vinham de longe e precisavam comprar suas oferendas, como bois, ovelhas e pombas. É nesse local que se passa a cena do Evangelho da Missa de hoje, conhecido como o Evangelho da expulsão dos vendilhões ou, simplesmente, o Evangelho da purificação do Templo.

2.1. Jesus e a Páscoa

O Evangelho começa dizendo que *estava próxima a Páscoa dos judeus e Jesus subiu a Jerusalém* (Jo 2,13).

Diferentemente dos demais evangelistas, que colocam esta cena no fim da vida de Jesus, João, que é o último, a coloca no início. A intenção é muito clara. Mostrar, desde logo, o “por quê” ou “para quê” Jesus, o Verbo eterno do Pai, o próprio Deus, veio a este mundo: substituir e levar ao máximo, ao sumo, o Antigo Testamento. Enfim, mostrar que tudo o que se realiza em Jesus é para substituir as figuras e as promessas pela realidade. Ou seja, anunciar que o Templo antigo, com toda sua história e glória de Israel está sendo não apenas superado e substituído, mas também consumado para sempre e para toda a humanidade por um novo Templo, uma nova glória: o Templo, a glória do seu próprio corpo, *glória que lhe vem do Pai, como Filho único, cheio de graça e de verdade* (Jo 1,14).

Pouco antes dessa cena, o Evangelho narra que, depois do sinal operado em Caná da Galileia, Jesus descera a Cafarnaum, junto com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos (Cf. Jo 2,12). Agora, diz que Jesus subiu a Jerusalém. Segundo os Padres da Igreja, mais que meros informes histórico-geográficos, aqui se esconde um significado espiritual. Isso porque no termo “Cafarnaum” encontramos a palavrinha “Naum” que significa conforto, “consolação”. A mensagem, então, é simples: que todos aqueles que creram em Jesus desceram com ele ao “campo da consolação” - uma prefiguração da verdadeira consolação que adviria com sua Páscoa, isto é, com sua morte na Cruz e Ressurreição. Os discípulos também sobem com Ele a Sião (“Cume”) para aí alcançar Jerusalém (“Visão da Paz ou da Harmonia”).

2.2. A expulsão dos vendilhões do Templo

Vem, então, a cena da expulsão dos *vendedores de bois, de ovelhas e de pombas*, etc. (Cf. Jo 2,14-16). Com essa cena, o sentido que o evangelista quer dar à narrativa é muito claro: a ordem do antigo culto, exercida no Templo de Jerusalém, será desfeita e transformada. Se no passado esse culto realizara a importante missão de impedir que os israelitas se atelassem ao culto dos ídolos, agora, não precisavam mais desse recurso, porque, com sua Páscoa, Jesus inauguraria o novo e definitivo culto, do qual o antigo e provisório era apenas prefiguração, embaçada sombra.

Mestre Eckhart, meditando esse mistério, diz: *o templo, no qual Deus, seguindo sua vontade, quer poderosamente reinar, é a alma do homem*²⁰. Era nesse mesmo sentido que São Francisco exortava os Ministros a que tivessem

20 Sermões Alemães 1, p. 39.

o máximo de cuidado com suas almas e com as almas dos Irmãos, porque é terrível cair nas mãos do Deus vivo e verdadeiro (Cf. RNB 4,6).

Quanto àqueles mercadores, ainda, segundo Mestre Eckhart, representam aquele tipo de religiosos que, em tudo, esperam ou procuram *que Nosso Senhor lhes dê algo em troca ou que Deus lhes faça algo que seja do agrado deles: todos esses são mercadores*²¹. São pessoas boas, mas de uma “*grosseira descortesia*”²² com Jahvé; não são nobres no espírito, mas mesquinhos burgueses, porque, no fundo, querem negociar com Nosso Senhor, um grosseiro insulto à fineza do amor de Jesus Cristo (e do Pai), cuja tônica é sempre, em toda a História da Salvação, pura gratuidade humilde, simples e pobre.

No fim vem a cena dos “vendedores de pombas”. Mestre Eckhart recorda que a estes Jesus não expulsa com o chicote, mas apenas diz: “*Levai isso embora, retirai-o para longe*”! (Jo 2,16). Até fala com bondade, como que procurando educá-los para um culto mais perfeito, libertando-os de sua própria vontade. Ainda não adoram a Deus de modo livre, solto, sem condicionamentos, sem impedimentos, sem imagens, sem cessar e sem tempo, isto é, a todo o tempo, em “espírito e verdade”.

2.3. O zelo que devora o coração

A cena da expulsão dos vendilhões fora de tão grande impacto que, mesmo passados vários anos, seus discípulos *lembraram-se do que a escritura diz: ‘o zelo por tua casa me consumirá’* (Jo 2,17). Temos aqui aquilo que se poderia dizer: o coração de todo esse Evangelho, a boa nova. Qual? O desejo de Jesus transformar em obra sua Paixão, isto é, de fazer de seu corpo uma *shekináh*, uma tenda para o Pai, para que assim Ele - o Pai - pudesse habitar de modo limpo, puro, verdadeiro no coração dos homens e de toda a criação e, também, para que desse mesmo modo, também o homem e toda a criação pudessem morar no coração do Pai.

Seu zelo, ou seja, seu fervor de alma, pela morada de Deus entre os homens, enfim, o fez oferecer-se a si mesmo, no sacrifício da Cruz. Eis o zelo que o devorava e consumia. Ele foi comido e consumido por este zelo. O verbo colocado no futuro indica que os discípulos viram no gesto de Jesus uma antecipação do que seria sua Paixão. Seu fervor de alma, o zelo de seu amor pelo Pai e pelos homens, seus irmãos, o levaria a dar sua carne em comida, seu sangue em bebida e a entregar seu espírito na Cruz.

21 Idem, p. 40.

22 Idem, ibidem.

2.4. Discussão com os judeus

Vem, então, a cena da discussão dos judeus que, escandalizados e enfurecidos, exigem de Jesus uma explicação, um sinal acerca da origem do poder e da autoridade daquela sua fala e atitude. Essa exigência eles já a tinham manifestado várias vezes (Cf. Mc 8,11; Mt 12,38; 16,1; Lc 11, 16.29-30). Ora, o sinal estava à sua frente, limpo, inocente e puro: suas obras e sua pessoa. Bastava olhar e crer. Esse sinal brilhará com toda a intensidade, mais adiante, na sua Cruz e Ressurreição.

Jesus, porém, não responde diretamente aos judeus, mas aponta para sua Páscoa: “*Destruí este templo e, em três dias, eu o reerguerei*” (Jo 2,19). Jesus fala, aqui, por comparação, por analogia. A destruição do templo está para sua paixão e morte de cruz assim como o reerguer do templo está para sua Ressurreição. O templo de Jerusalém era apenas sombra e pré-figuração da verdadeira morada de Deus entre os homens: o próprio corpo de Jesus Cristo.

Eles, porém, não a compreendem porque ele *falava do templo do seu corpo*. Por isso, depois que Jesus foi ressuscitado dentre os mortos, seus discípulos lembraram-se de que ele falara assim, e creram na Escritura, bem como na palavra que ele havia dito (Jo 2,21-22). O perdão, que jorra da cruz, tem como fruto a misericórdia, que é confirmada pela Ressurreição: eis a glória de Jesus, do Pai, sinal do seu poder e de sua autoridade. O poder de não somente vencer o temor de morrer, mas, também e muito mais, de triunfar da própria morte. Ora, isso não pertence ao homem enquanto homem, mas somente ao “arqui-Filho” da Vida, que é Deus e, por extensão, a todos os que Nele creem, isto é, que o recebem e que, por isso, se tornam filhos do Pai Nele, com Ele e como Ele.

A glória da Ressurreição, porém, que agora os discípulos contemplam como que em um espelho e vislumbram como que através de um enigma, então, se revelará, dando-se a conhecer como realidade verdadeira e própria.

2.5. Jesus sabe o que há no homem

Depois de narrar o episódio da purificação do templo, o evangelista João conclui: *Enquanto Jesus permaneceu em Jerusalém pela festa da Páscoa, muitos, ao verem os milagres que fazia, acreditaram no seu nome. Mas, Jesus não se fiava deles, porque os conhecia a todos e não precisava de que Lhe dessem informações sobre ninguém: Ele bem sabia o que há no homem* (Jo 2,23-25).

Que estranho! Aqui, os homens creem em Jesus e Jesus não crê nos homens! Que tipo de crentes são esses em quem Jesus não crê? São aqueles que creem por ter visto sinais, milagres, prodígios. São de novo os mercadores, vistos acima, aqueles que estão presos ao que é sensível e interesseiro. Creem

no nome, nas palavras e até nas obras, mas não na pessoa mesma de Jesus. Acreditam, mas não creem, por isso não aderem a Jesus, muito menos procuram encontrar-se com Ele a fim assumir sua Cruz, sua Doutrina, seu Evangelho e segui-lo, imitá-lo em sua Paixão e Cruz.

Santo Agostinho anota: *Isto é grande e admirável! Os homens creem em Jesus Cristo, e Jesus Cristo não se confia aos homens, especialmente quando diz que é o Filho de Deus, e quando quer padecer; porque se não tivesse querido, não teria experimentado a paixão.* Por isso, diz Orígenes: *Deve-se advertir também que Jesus não se fia dos que creem em seu nome, e sim dos que creem Nele. Creem nele os que caminham pela estreita senda que conduz à vida; os que creem em seus milagres, não creem Nele, mas somente em seu nome.* São apenas fãs, mas não seguidores.

3. Cristo crucificado, escândalo e salvação (1Cor 1,22-25)

A segunda leitura é da Carta aos Coríntios de São Paulo, o escolhido por Deus para evangelizar os gentios, anunciando-lhes *Cristo Crucificado, escândalo para os judeus e insensatez para os pagãos.* O amor humilde é o único modo de ter acesso ao mistério de Cristo. Mas, Paulo anota: *essa palavra, esse Cristo, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, torna-se poder de Deus, Sabedoria, salvação de Deus (1Cor 1,24).*

Conclusão

Quem, mais tarde, além dos Apóstolos e dos primeiros cristãos, teve o coração incendiado, tomado e devorado pelo zelo da “Casa do Senhor” foi São Francisco. A partir do encontro com o Crucificado, em São Damião, e com o Evangelho do Envio dos Apóstolos, na Porciúncula, até o fim de sua vida, não cessou de percorrer aldeias e povoados, exortando e suplicando a todos para que cuidassem bem da salvação, isto é, da saúde, da pureza de suas almas. Por isso, muitas vezes, depois de ter pregado ao povo, reunia todos os sacerdotes que lá se encontrassem, num lugar à parte, e pregava-lhes sobre a salvação das almas e, sobretudo, para que tivessem cuidado e solicitude para manter limpas as Igrejas, os altares e tudo o que serve para celebrar os divinos mistérios (Cf. Atos 60).

Assim, se outrora o templo de Jerusalém era apenas uma figura da presença de Deus, agora ela se tornou realidade plena, consumada na pessoa, no corpo de Jesus Cristo: Ele e Nele, a beleza, o louvor e a glória do Pai; Ele e Nele, a oração e a contemplação; Ele e Nele, a oferenda, o sacrifício de todos os sacrifícios!!!



4º Domingo da Quaresma

Leituras: 2Cr 36,14-16.19-23; Sl 136 (137); Ef 2,4-10; Jo 3,14-21

Tema-mensagem: Deus amou tanto o mundo que lhe deu seu Filho Único para que todos aqueles que Nele crerem tenham a vida eterna.

Introdução

Encontrar-se com Jesus Cristo para caminhar e viver com Ele e como Ele, eis o primeiro e o último sentido de nossa vida. Hoje, 4º Domingo da Quaresma, vamos celebrar o princípio, o coração de todo este mistério: *Deus amou tanto o mundo que lhe deu seu Filho Único* (Jo 3,16).

1. Como amar um Povo infiel (2Cr 36,14-16.19-23)

Toda a história sagrada, além do anúncio do amor de Deus, não passa de um grande testemunho de que esse seu amor é sempre muito concreto e pessoal; um amor que se encarna sempre novo e de novo na história de cada Povo e de cada um de seus eleitos. Hoje, um pequeno trecho do 2º Livro das Crônicas nos introduz e confirma nessa história.

1.1. Um Povo infiel e de práticas abomináveis

A mensagem central desta passagem diz respeito ao **COMO** Deus julga ou salva o povo eleito de suas infidelidades e da ruína que ele mesmo se constrói. O relato não podia ser mais doloroso e entristecedor: *Todos os chefes dos sacerdotes e o povo multiplicaram suas infidelidades, imitando as práticas abomináveis das nações pagãs e profanaram o templo que o Senhor tinha santificado em Jerusalém* (2Cr 36,15). O cronista está falando da situação de corrupção generalizada do Povo de Israel imediatamente anterior à sua vergonhosa, merecida e dolorosa deportação por ocasião do famigerado exílio babilônico. Mas, o mesmo cronista faz questão, ainda, de registrar esta comovedora condescendência de Deus: *O senhor Deus de seus pais dirigia-lhes frequentemente a palavra por meio de seus profetas, admoestando-os com solicitude e compaixão todos os dias... Mas, eles zombavam dos enviados de Deus* (2Cr 36,15-16).

A decadência e a rebelião cresceram tanto que chegaram a despertar a “ira do Senhor”. Essa é a expressão que as Escrituras usam para revelar como Deus manifesta sua justiça no decorrer da História. Uma justiça que, nesse

caso, tem de usar dos remédios mais amargos e dos castigos mais severos e dolorosos: percorrer o caminho da vergonhosa deportação e da perda da liberdade, tendo que servir como escravos a um povo estranho e de conviver com cultos dos seguidores e adoradores de ídolos.

1.2. Castigo, o caminho da volta

Entre as infidelidades do Povo, o cronista recorda explicitamente a “profanação do templo” e a falta da “observância do repouso sabático”. São pecados que atingem diretamente a sagrada aliança com Jahvé, pecados semelhantes à infidelidade “matrimonial”.

A justiça divina, porém, se identifica com sua própria misericórdia. Assim como a justiça se manifestara no exílio, sua misericórdia se manifestou no retorno do Povo para sua pátria. Se a justiça divina castiga o homem, sua misericórdia sana suas feridas. Todo castigo tem sentido e valor pedagógico. Visa não a ruína, mas a correção e o aperfeiçoamento do punido. Como bom Pai sabe que toda doença precisa ser tratada, todo erro deve ser corrigido, todo pecado necessita de concerto, toda malícia exige que seja extirpada. Por isso, todo castigo, na Sagrada Escritura, é proclamado como graça, jamais como desgraça, como bênção, nunca como maldição.

Quem compreendeu muito bem a importância, a necessidade e os benefícios do castigo foram os primeiros frades franciscanos. Para eles, todo pecado, principalmente o da infidelidade à santa Regra, nos torna *filhos do diabo* (RNB 21,8). Por isso, o castigo devia ser amado e procurado por todos e de imediato. Ninguém ficava esperando que viesse de fora, dos ministros. Frei Junípero, por exemplo, depois de ter estragado toda a comida que preparara para 15 dias, só porque desejava ficar desfrutando unicamente do consolo da oração, sem precisar trabalhar, reconheceu imediatamente sua culpa; envergonhado e humildemente, retirou-se para longe dos frades e passou o resto do dia exclamando: “*Sou um péssimo frade!*” (VJ 11).

Por isso, ou seja, para testemunhar que em seus castigos Deus está sendo tão compassivo e misericordioso quanto em seus benefícios, o cronista sagrado faz questão de realçar que, no fim: *O Senhor moveu o espírito de Ciro, rei da Pérsia...* (2Cr 36,22) a fim de ordenar a todo povo judaico a que se pusesse a caminho de retorno para sua pátria (Cf. 2Cr 36,23), a fim de reerguer o templo sagrado, retomar os costumes da sagrada aliança e reassumir sua condição de Povo de Deus. O exílio, de sete semanas de anos, acabou sendo um descanso sabático para a terra de Israel, e uma chance de conversão para o Povo exilado. Remédio duro e amargo, mas remédio. Enfim, quem ama sempre encontra um caminho de misericórdia e compaixão para a pessoa amada.

2. O amor inaudito de Deus (Jo 3,14-21)

A compaixão de Deus provada, e comprovada tantas vezes no Antigo Testamento, é anunciada em sua plenitude e explicitamente na perícopre do Evangelho proclamado na Missa de hoje: *Deus amou tanto o mundo que lhe deu seu Filho Único...* (Jo 3,16).

Eis, pois, a grande mensagem, a boa nova que precisamos ouvir e aprender sempre de novo, principalmente nesse Tempo da Quaresma e nesse mundo de violências. O trecho proclamado hoje é a segunda parte da famosa conversa ou diálogo de Jesus com Nicodemos (Cf. Jo 3,1-15).

2.1. É necessário que o Filho do Homem seja levantado

Nicodemos era um dos mais expressivos dirigentes judaicos. A ideia de encontrar-se com Jesus, à noite, por medo dos colegas, nasceu, provavelmente, da forte impressão que o jovem mestre da Galileia lhe causara por ocasião da expulsão dos vendilhões do templo (Cf. Jo 2,13ss) e pela autoridade com que Jesus falava e realizava seus milagres (Cf. Mc 1,22). Por isso, passa a considerá-lo não apenas como um mestre que vem da parte de Deus, mas está convicto, também, de que Deus estava com ele - o que era testemunhado pelos sinais que ele realizava. Jesus, porém, parece não considerar isso como suficiente para que ele, Nicodemos, passe a ser seu seguidor. Para isso é preciso nascer de novo, *do alto (anothen)*²³ (Jo 3,3). Trata-se do nascimento que vem da fé, sobrenaturalmente, a partir da graça do toque, do encontro e não de mera crença, gosto e da adesão que estão ao alcance da natureza humana.

E, para explicar como se dá esse novo nascimento, Jesus inicia essa segunda parte de seu discurso argumentando: *“E assim como Moisés levantou a serpente no deserto, é necessário que o Filho do Homem seja levantado, a fim de que todo aquele que crê tenha nele a vida eterna”* (Jo 3,15). Beda comenta: *O Senhor, com essas palavras, convida o mestre da Lei mosaica para que compreenda seu sentido espiritual, recordando-lhe a história antiga e demonstrando-lhe que essa era a figura de sua paixão e da salvação humana.*

O arquétipo da serpente é um dos mais profundos e primordiais na alma humana. Ainda mais quando se trata da serpente-dragão. É ambíguo: diz vida e morte, ser e não-ser, salvação e perdição, sabedoria e astúcia. Ora, Jesus sabia muito bem que estava diante de um mestre na fé mosaica, sabedor da história da serpente erguida na haste a fim de salvar o povo de suas murmurações contra Jahvé, na travessia do deserto, em busca da terra da promessa e da

23 A palavra grega “anothen”, do texto original, pode significar tanto “do alto” como “de novo”, do “começo”.

libertação. A intenção de Jesus é muito clara: é necessário que Ele também, o Filho do Homem, seja levantado na Cruz a fim de salvar o Povo; que, a modo da serpente-médico, da serpente que, morrendo, serve o remédio que cura e salva, vai tornar-se nosso Salvador, perecendo; que vai dar-nos a saúde assumindo nossas enfermidades, transformando o veneno do pecado em antídoto da graça. Mais tarde, dirá Paulo: *Aquele que não conhecera pecado, Deus o fez pecado por nós, a fim de que por ele, nos tornássemos justiça de Deus* (2Cor 5,21).

O que impressiona é esta afirmação categórica de Jesus: “é necessário”. Certamente, esta necessidade é assumida por Jesus Cristo, não como um constrangimento, mas como necessidade livre. Trata-se de uma imposição que Ele se pôs a si mesmo por puro amor. João Duns Scotus dizia que Deus poderia nos redimir de outro modo. Mas, então, por que Ele o fez pela Encarnação do Filho – e mais, pela sua paixão e morte na Cruz? Resposta: por pura gratuidade e pela superabundância de seu amor. Jesus Cristo quis sofrer na carne – nesta carne que é a nossa – os efeitos do veneno do pecado, mesmo sendo inocente, puro. Mostrou-nos, assim, que o amor é o antídoto contra o veneno do pecado. O maior mal não está na dor, no sofrimento, na morte que o homem padece. O maior mal está no pecado: não amar quem nos ama. Cristo, sem constrangimento e livremente, quis assumir a necessidade da dor, do sofrimento e da morte e quis assumir sobre si nossas culpas. Assim, ele nos fez encontrar uma pérola no fundo do cálice da dor e, ao mesmo tempo, nos justificou a todos, reconciliando-nos com Deus. Sua boa vontade – a boa vontade de um amor humilde – tornou-se fonte de salvação, isto é, de saúde plena, para todos nós.

Trata-se, portanto, de uma necessidade não de coação, vinda de fora, mas, de livre oferta, de ardente sacrifício, isto é, de obra sagrada, em que consuma seu amor abrasado e abrasador pelos homens, de um amor superabundante, livre e gratuito. É como na natureza. Para a fonte ser fonte deve jorrar água sem jamais pretender segurá-la para si; o sol deve emitir seus raios para que não se consuma em si mesmo, etc. Recordemos o início de seu discurso na Última Ceia: *“Como desejei ardentemente comer convosco esta Páscoa!”* (Lc 2,15). Quem mais tarde sentiu e viveu intensa e ardentemente a necessidade de percorrer esse mesmo caminho do amor-doação, caminho da Cruz, até sua consumação, foi São Francisco como podemos ver na terceira Consideração sobre os Sagrados Estigmas (Cf. CCE 3,38).

Sofrer, dar a vida pela pessoa amada, que para Deus inclui, também e principalmente, o “inimigo”, eis a necessidade maior, o alimento de cada dia de nosso Deus, o Pai de Jesus Cristo e nosso Pai. Daí o famoso anúncio de Jesus, sua grande Boa Nova: *“Deus, com efeito, amou tanto o mundo que deu seu Filho, seu único Filho, para que todo homem que Nele crê não pereça,*

mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Vejamos bem: Deus amou tanto o mundo que lhe deu seu Filho.... Nisso vemos a grandeza, a imensidão do amor de Deus.

Segundo São João Crisóstomo, este “seu único” ou “unigênito” não se trata de uma qualidade, mas da essência desse amor. Deus não ofereceu, como salvador, um seu servo, um Anjo, um Arcanjo ou qualquer outro espírito angélico, mas ofereceu seu próprio Filho, seu único. Deus ofereceu a pupila de seus olhos. Eis o desprendimento de Deus – o despojamento de seu amor por nós. Ele entregou à morte por nós seu “bem-amado”. Deus, por assim dizer, “se matou”, se crucificou por amor de nós. Ao entregar seu Filho, ele entregava-se a si mesmo em nossas mãos pecadoras, para nos curar, nos sanar, nos salvar.

2.2. Quem crer não será condenado, quem não crer já está condenado

Vem, então a segunda parte desse discurso que se inicia com esta frase categórica: *“Quem Nele crê, não é condenado, mas quem não crê, já está condenado” (Jo 3,18).*

Fé, antes de crença é alegria, vigor, entusiasmo que nasce e floresce da experiência de ser visto, acolhido, aceito e amado. É aceitar que se é aceito, mesmo sendo inaceitável. Nesse sentido, ela sempre se constitui ou se transforma em novo nascimento. Ora, quando, na origem dessa experiência, está o Filho de Deus, que se humilha e se apequena, fazendo-se “Filho do Homem”, tão somente para que nós O pudéssemos receber, é evidente que sua filiação ou condição divina também passam para aquele que O acolhe, para aquele que a Ele se entrega e confia. Eis a fé. Por isso, quando nós cristãos falamos em fé, sempre temos em mente a iniciativa, a fé de Deus em nós que se doa, confia a nós seu único e amado Filho até a morte e morte de cruz.

Assim, aquele que recebe o Deus crucificado é atingido pelo mistério do amor-doação, começando a tomar parte na obra salvadora da Cruz. Quando, então, isso acontece, mais do que nunca, nosso humano sente o peso de ser pecador, de haver abandonado e esquecido Aquele que o ama. E é, justamente, esse nosso humano pecador que, pela graça do encontro, é condenado e morto na carne do Filho inocente. Por isso, também, como Madalena, chora, pede perdão e agradece. Assim, ao mesmo tempo, este mesmo humano é recolocado na sua origem tornando-se um renascido, um nascido de Deus, nascido do alto, nascido de novo: salvo.

2.3. O homem é quem se condena

Após ter anunciado a necessidade da fé Nele, no caminho de sua Cruz, a fim de ser salvo, Jesus começa a concluir seu discurso advertindo que a causa

da condenação é uma só: “*A luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque eram más suas obras...*” (Jo 3,19).

João gosta de identificar Jesus Cristo, mais precisamente, sua crucificação, seu amor-doação, como luz, como glória. Como Luz, veio para iluminar e salvar. Jamais para condenar. É assim, como luz, que seu corpo foi representado na famosa imagem do Crucificado de São Damião que falou a São Francisco. Uma luz que subjuga e domina sobre as trevas da morte, representada pela escuridão negra do túmulo. Por isso, se houver alguma condenação ela procede do próprio homem, jamais de Deus. Mantendo-se afastado da luz, do amor, ele se mantém nas trevas e se danifica. Segundo São Francisco ele se torna um “danado”, isto é, um prejudicado, um coitado que arruína a si mesmo uma vez que se exclui da mesa do amor (Cf. Ad 1). Tudo isso se dá porque no discipulado cristão o pecado não se dá na dimensão moral, mas da fé, ou melhor, do amor.

Nessa dimensão, pecado é esquecimento de que Deus é amor, caridade; é falta de fineza para com este que nos amou com tanta nobreza; é *não amar aquele que tanto nos amou* (2C 196), diz São Francisco. Ora, é evidente que, nesse caso, é o homem mesmo que, pela própria natureza desse tipo de pecado – teimosia, soberba, má vontade, grosseria - se condena e se “co-rrompe”. É como se um médico cheio de boa vontade viesse ao encontro de um enfermo – tomado de doença “mortal” – e esse recusasse tanto o médico como seu tratamento e sua medicina. Por isso, dizia Santo Agostinho: *A si mesmo se mata aquele que não quer cumprir os preceitos do médico ou os despreza*. Aquele, porém, que adere a Cristo, na fé do amor; aquele que assim se torna um com Ele, que se identifica com Ele, não poderá jamais ser julgado ou condenado, pois nele o Pai vê seu Filho muito querido.

Esse é o verdadeiro renascimento, pelo qual o homem nasce do encontro que vem do alto: nasce de novo, de Deus, da água e do Espírito Santo. E assim, nascido dessa luz, suas ações também serão luz no meio das trevas.

3. Misericórdia, riqueza de nosso Deus (Ef 2,4-10)

A Boa Nova da misericórdia é também a mensagem sempre repetida e anunciada por São Paulo, como na 2ª leitura da Missa de hoje: *Deus é rico em misericórdia. Por causa do grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos por causa de nossos pecados, restituiu-nos à vida em Cristo* (Ef 2,4-5). Essa misericórdia, portanto, tem nome, é uma pessoa: Jesus Cristo, o Deus crucificado. Nele é que nós fomos salvos. Nele fomos perdoados, justificados, inocentados, por pura gratuidade, por iniciativa livre do Pai, cujo amor paternal nos gera como filhos no seu Unigênito. É nesse amor de mãe que so-

mos gerados e nutridos graciosamente para que possamos alcançar a estatura e a maturidade plena de Cristo.

Conclusão

O anúncio “Deus amou tanto o mundo...” foi posto no meio da caminhada da Quaresma porque é o coração de toda a Boa Nova que, por sua vez, é o próprio Jesus Cristo crucificado. Diante de um amor-doação tão inaudito não nos cabe outra resposta senão de nos ajoelhar para desejá-lo e adorá-lo *de todo coração, de toda alma e mente e com todo o vigor*, a fim de que Ele se transforme em Regra ou forma de toda nossa Vida cristã (ROFS Pró).

Eis o princípio do combate a toda e qualquer violência e de toda a reconstrução da Igreja e da humanidade; a obra maior e primeira, sem a qual nossa fé seria vã, nossas pregações e obras, meros arrazoados sem nenhuma consistência; a verdade, que urge ser buscada, a luz que precisa ser seguida e erguida em cima do candeeiro a fim de que nossas “boas obras sejam realizadas em Deus”.



5º Domingo da Quaresma

Leituras: Jr 31,31-34; Sl 50 (51); Hb 5,7-9; Jo 12,20-33

Tema-mensagem: Aos gregos, que desejam vê-Lo e conhecê-Lo, Jesus responde de forma enigmática: que Ele é e deve ser como um grão de trigo, que deve ser tragado pela terra a fim de produzir muitos grãos.

Introdução

Há quatro semanas, viemos nos empenhando para nos aproximar sempre mais de Jesus. Queremos vê-lo, segui-Lo e servi-lo cada vez mais e melhor. Esse desejo não é só nosso, mas, também, de todos os homens, queridos e amados por Deus, mesmo que O desconheçam. Desejo escondido em tantos ateus ou a-religiosos, que em vez de muros lutam para erguer pontes; que se doam em favor da paz, da justiça, da não-violência, da não-marginalização, etc. Eis o mistério que celebramos hoje, 5º Domingo da Quaresma.

1. A história de um povo assentado numa aliança sagrada (Jr 31,31-34)

Quem nos introduz nesse mistério é o profeta Jeremias com seu anúncio acerca da nova aliança, que Jahvé haverá de estabelecer com seu povo eleito, denominado com este honroso e admirável título: “Povo da Aliança!”

1.1. Uma experiência dolorosa e dramática

O texto escolhido para a primeira leitura de hoje é muito breve, denso e sintomático, pois em apenas três versos, repete por quatro vezes, com profunda afeição: *Diz o Senhor!* Sim, este *Diz o Senhor!* revela que estamos diante de um homem que entrou e vive na intimidade de Deus, um homem que vê, fala e sente Deus: um verdadeiro profeta.

E a primeira coisa que ele via e sentia era uma história de dor e vergonha. De um lado, um Deus que, por pura afeição e iniciativa própria, estabeleceu com seu povo uma aliança de amor, selada com sacrifícios e gravada em pedras para que todos, presentes e futuros, a pudessem ver, amar, entender e observar. Mas, o que o profeta estava vendo eram mil anos de contínuas violações apenas de uma das partes: justamente, o Povo eleito. Assim de “Povo da Aliança”, os israelitas só tinham mesmo apenas o título, nada mais. Tornara-se o “Povo da infidelidade”, “Povo da desolação”.

De outro lado, Jeremias via os esforços da misericórdia de Deus, que, a modo de um dedicado e amoroso esposo, não conseguia eliminar a cegueira, muito menos comover o coração endurecido de sua esposa amada. Por isso, sentia necessidade de proclamar, alto e bom som, o sentido de toda riqueza daquela experiência divina de ser o “Povo da Aliança”. Ou seja, que a aliança celebrada no Sinai, e tantas vezes violada e renovada, devia ser vivida de modo inteiramente oposto ao que estavam vivendo e praticando até então. Ou seja, era urgente uma conversão interior, um retorno ao júbilo de uma observância de leis, nascida da liberdade do amor de Deus e não do medo do poder, da escravidão.

1.2. A Promessa de uma nova Aliança

Os israelitas haviam esquecido que a essência da aliança é pacto de amor. E, vice-versa, que o amor, em sua essência, é sempre um pacto, um vínculo de mútua disponibilidade e de mútua entrega entre parceiros livres. Em grego, “aliança” se diz *diathêkê*: disponibilidade.

Se, até então, a aliança ficara reduzida apenas a tradições e ritos meramente exteriores e jurídicos, escritos em pedras, agora “virão dias” em que a Religião será algo pessoal, interior, vivida de modo sobrenatural; uma lei impressa no íntimo da alma, no coração, no âmago do ser, isto é, no centro pulsante da vida, de onde provêm o viver e o sentir, o pensar e o querer, o compreender e o amar. A relação Eu-Tu, Deus-Povo, poderá ser aperfeiçoada, completada, sim, mas jamais rompida ou anulada. É o que promete o Senhor: *Eu mesmo imprimirei minha lei em suas entranhas e hei de inscrevê-la em seu coração* (Jr 31,33).

O conhecimento de Deus será, pois, a marca dessa nova aliança, dessa nova disposição. Por isso, aqui, conhecimento significa comunhão, participação vital, que tem sua origem na graça do encontro, do enamoramento; significa “nascer com”, confiar, crer, isto é, ser transformado, assimilado, assemelhado, igualado, identificado, com Aquele que nos ama. Enfim, significa uma aliança que, mais tarde, Cristo assinalará com seu sangue no alto da Cruz; uma aliança que, depois, a partir dos Apóstolos, milhões e milhões de pessoas também verteram o seu sangue para vivê-la; e outras milhões e milhões continuam a dedicar-se a ela a fim de abrir caminhos à instauração do Reino de Deus em todas as partes do mundo.

2. Na cruz, glória e princípio da nova humanidade (Jo 12,20-33)

Jesus estava prevendo que seu fim estava próximo. Precisava, pois, preparar seus discípulos e certificá-los, com a *voz vinda do céu* (Jo 12,28), que

sua morte na Cruz não será vergonha, derrota, mas glória, vitória; que, em vez de morte, será princípio de nova vida para eles e para toda humanidade.

2.1. Os gregos que desejam ver Jesus

O Evangelho começa com a cena dos gregos piedosos, que tinham subido a Jerusalém com outros judeus, como peregrinos, para adorar a Deus. É a partir desse desejo que se dirigem a Filipe, de Betsaida da Galileia (terra em que os judeus se misturavam com os gentios): “*Gostaríamos de ver Jesus!*” (Jo 12,21). O desejo de ver não é, aqui, mera curiosidade, um ver sem compromisso. Trata-se, antes, de um anseio de conhecer pessoalmente a Jesus e se deixar transformar por ele nesse conhecimento. Em resposta a esse desejo, Jesus lhes fala de sua glorificação na Cruz.

É muito evidente o sentido que o evangelista quer dar à entrada em cena desses gregos: que os gentios, representados por eles, isto é, todos os não judeus, têm sede de Jesus; que Jesus é o Filho do Homem que se revela a todos os homens, a Fonte de água viva, o Deus que todos desejam, esperam e procuram. Ou seja, que está chegando ao mundo, à humanidade toda, “a Hora”, o tempo de Jesus, a hora, o tempo da sua paixão-glorificação; a hora da universalidade de seu Evangelho; uma Boa Nova para judeus e gregos, ou seja, para todos os homens; a hora, enfim, em que Jesus será proclamado *o Salvador do mundo (ho sotér tou kósmou)* (Jo 4, 42).

Segundo Santo Agostinho, a Cidade de Deus, a Igreja, é formada por duas muralhas (a dos gentios e a dos judeus), que se encontram e *se reúnem por um ósculo de paz na mesma fê de Cristo*, a pedra angular.

2.2. Está chegando a hora

A resposta de Jesus é direta, enxuta e essencial: É chegada a hora em que o Filho do homem deve ser glorificado (Jo 12,23). Ou seja, só poderão vê-lo se olharem para a Cruz e o aceitarem como “Filho do Homem” crucificado. Fato que ainda estava por acontecer. No fundo, trata-se de uma exortação ardorosa para si mesmo e para seus discípulos. Pois, estava chegando a hora de consumir o serviço, a obra, a missão que o Pai lhe confiara. Era preciso reunir todas as forças a fim de não voltar atrás, cedendo às tentações do demônio do deserto, mas beber até a última gota do cálice da vontade do Pai. Era preciso não perder de vista o momento histórico de Deus e de toda a humanidade: a implantação do Reino de Deus – pela sua morte na cruz - no coração do mundo e de cada homem e de cada criatura. Eis o princípio, a força originária do novo “Povo da Aliança”: o gérmen da Cruz.

Por isso, ele continua dizendo: “*Em verdade, em verdade, eu vos digo, se o grão de trigo que cai em terra não morrer, ele ficará só; se, ao contrário,*

ele morrer, produzirá fruto em abundância” (Jo 12,24). Ou seja, o modo tão radicalmente inocente, limpo e puro de Jesus entregar-se aos seus malfeitores e inimigos, implorando em favor deles o perdão do Pai, faz tremer o céu e a terra. Diante de tão inaudito amor, os corações empedernidos pelo egoísmo, a exemplo das rochas da sexta-feira santa, terão que se fender e comover; os olhos, tomados pela cegueira dos ídolos desse mundo, terão que se abrir; os mortos, tomados pela tristeza individualista de um coração comodista e mesquinho (Cf. EG 2), haverão de ressuscitar.

2.3. Perder a alma para ganhá-la

Segue, então, e logicamente, outra admoestação: *“Quem ama sua alma perde-la-á; e quem a odeia neste mundo guardá-la-á para a vida eterna”* (Jo 12,25).

O segredo para a compreensão desse dito está na palavrinha “mundo”. Não se trata, pois, de odiar a própria alma, o vigor originário da própria vida, em si mesma, mas de odiá-la tal como ela é “neste mundo”. Pois, ela foi criada para ser segundo à imagem de Deus, para crescer na igualdade com Deus - segundo Deus e não contra Deus; para crescer na sua semelhança, isto é, na identidade com Ele, no amor e não para se perder nas aparências enganadoras e enganosas das realidades fugazes e passageiras construídas pelos homens – o mundo.

2.4. Servir é seguir

A seguir, Jesus se volta para aqueles que o querem servir (*diakonein*) e seguir (*akolouthein*): *“Quem quiser me servir, siga-me; e lá onde eu estiver, lá também estará o que me serve (diákonos). Se alguém me servir, o Pai o honrará”* (Jo 12,26). Ser servo, aqui, significa ser seguidor, isto é, ser discípulo. Entrar para o serviço de Deus quer dizer dispor-se a segui-lo na escuta diária do aprendiz; de pôr os ouvidos, as mãos, a cabeça, o coração na dinâmica da graça do discipulado de Cristo.

Jesus toca aqui na mais expressiva compreensão que a Sagrada Escritura faz de alguém que entra na esfera da experiência de Deus e se dispõe a abraçá-la: tornar-se servo (*diákonos*) de Deus. Servir, ou ser servo, aqui, antes de alguém que desempenha tarefas a modo de escravo, empregado ou funcionário, indica o modo de ser de quem está no vigor, na alegria da graça do encontro, de ser eleito e amado. Serve como, por exemplo, a mãe serve ao filho recém-nascido ou como os esposos que se amam, se servem um ao outro, acima de tudo, o próprio corpo, a alma. Quem, a exemplo de Abraão, Nossa Senhora, São Francisco, etc. está nessa experiência, sente a necessidade de servir e seguir.

Para servi-Lo e segui-Lo, porém, no discipulado, é preciso despreendimento: deixar para trás tudo, principalmente a própria vontade para alcançar o único desejado: o Pai celeste e sua vontade, seu bem-querer. Seguir Jesus significa e implica, então, fazer a vontade e as coisas do Pai, como Ele o fez. Isso significa, sem mais e nem menos, servir. Por isso, quem segue, serve e quem serve, segue; todo verdadeiro seguidor deveria ser sempre um servidor e todo servidor um seguidor.

São Francisco de Assis compreendeu bem a dinâmica do discipulado de Jesus Cristo Crucificado. *Servi-o com grande humildade* canta e exorta em seu famoso Cântico do Irmão Sol. Servir é a chave para decifrar a existência cristã de Francisco de Assis. O desejo de servir ao grande Senhor marca o sonho de Espoleto. Ali Francisco mostrava ter a ambição de servir não a um pequeno senhor, que no fundo é apenas mais um servo, um vassalo, mas de servir ao grande Senhor. Assim, deixou de servir ao próprio eu, para servir a Cristo. Nosso pequeno eu, (o eu egoísta) é um tirano que ocupa o lugar do grande Senhor em nosso coração. Francisco, porém, descobriu que esse grande Senhor é não por dominar tudo e todos, mas por servir a tudo e a todos. Por isso, Francisco quis seguir esse grande Senhor, que se fez o Servo de tudo e de todos, fazendo-se menor e serviçal com Ele e com todas as criaturas; quis que seus irmãos de carisma fossem súditos de todos os homens e de todas as criaturas; que eles se servissem como a mãe ama, nutre e serve seu filho carnal; servos sem nenhuma reivindicação de recompensa, superioridade ou poder... Uma Fraternidade de servidores seria, assim, o testemunho da vida evangélica para os homens, da identidade de discípulos de Jesus Cristo.

2.5. A voz do céu: “*Eu o glorifiquei e o glorificarei ainda*”

Chegamos assim ao coração não apenas dessa perícopes, mas de todo o Evangelho: “*Agora minha alma está perturbada. Que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas é precisamente para esta hora que eu vim! Pai, glorifica o teu nome!*” (Jo 12,27-28a). Servir, resume, assim, a vida, a missão de Jesus e de todos os seus seguidores: “*Assim é que o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir (diakonésai) e dar sua alma (psyché: vida) em resgate pela multidão*” (Mt 20, 28).

A glória do Pai é o tudo de Jesus, sua vida, seu coração, sua paixão. Mas, é também seu receio, sua angústia pela magnanimidade da Obra e de seu significado: a salvação dos homens. Em ambos os casos não pode haver o mínimo de qualquer falha. Daí sua perturbação, sua angústia. No Getsêmani, essa perturbação chegará ao paroxismo. Sua angústia diante da morte – do abandono dos homens e, pasmemos (!), do Pai – chegará ao extremo.

2.6. O julgamento do mundo

Finalmente, vem a primeira conclusão do discurso: “*Agora é o julgamento deste mundo, agora o príncipe deste mundo será lançado fora*” (Jo 12,31).

É da lei da natureza que toda obra passe ou termine numa prova, num julgamento. Mas, na verdade, todo julgamento é sempre recíproco. Por isso, recomenda o próprio Senhor: “*Não julgueis para não serdes julgados*” (Mt 7,1-5).

Assim, o mundo (os homens que amam o mundo a ponto de se esquecerem de Deus ou de se voltarem contra Ele) pensa estar processando, julgando, condenando Jesus. Na verdade, ele – o mundo - é que está sendo julgado por Jesus e por sua morte na Cruz; é ele, o mundo, que está se condenando a si mesmo, mostrando-se indigno da luz, da verdade e da vida...

2.7. Então atrairei todos a mim

Vem, então, a segunda frase da conclusão: “*Quanto a mim, quando eu for elevado da terra, atrairei a mim todos os homens*” (Jo 12,32).

Quem fez uma bela interpretação desse dito foi Kierkegaard. Segundo ele, Cristo atrai o homem a partir do alto, isto é, do Pai, da sua origem. A partir do Pai, ergue-o, torna-o reto, ereto, justo. E isso acontece a partir da consciência do pecado – do esquecimento de Deus em que ele, o homem, jaz: do seu ser encurvado para o que é baixo. É essa ‘via’ pela qual ele atrai para si o homem arrependido²⁴.

Acerca dessa asserção, ouçamos, ainda, o que diz nosso Doutor evangélico, Santo Antônio:

Cristo, que é tua vida, está suspenso diante de ti para que tu te contemples na cruz como num espelho. Aí poderás conhecer quão mortais são tuas feridas, que nenhuma medicina tem poder de a sarar, senão aquela que brota do sangue do Filho de Deus. Se olhares bem, poderás dar-te conta de quão grande são tua dignidade e teu valor... Em nenhum outro lugar, o homem pode melhor dar-se conta do quanto ele vale, do que olhando-se no espelho da Cruz (*Sermones dominicales et Festivi III*, pp. 213-214).

²⁴ Este versículo do Evangelho segundo João é tema dos discursos do “*magister Kierkegaard*” – ou melhor, de Anti-Clímacus (um de seus pseudônimos), o qual por sua vez, confessa ter praticamente plagiado o *magister* – na terceira parte de sua obra intitulada “Exercícios de Cristianismo”.

3. Jesus Cristo, sofredor e obediente, o novo e verdadeiro sacerdote (Hb 5,7-9)

A grande preocupação do autor da Carta aos Hebreus é de encorajar os novos cristãos, vindos do judaísmo, um tanto desiludidos e desanimados porque não tinham mais o esplendor das Liturgias e dos sacerdotes do glorioso Templo de Jerusalém. Agora, tinham que se contentar com cultos sem sacerdotes, sem pompas. Era preciso levar, portanto, os novos cristãos para dentro das profundezas e riquezas do novo e único Sacerdote, da nova e única Vítima, do novo e único Sacrifício: Jesus Cristo que, *nos dias de sua vida terrestre, dirigiu preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas Àquele que era capaz de salvá-lo da morte...* (Hb 5,7).

Em nenhuma passagem do Novo Testamento, se fala de modo tão impressionante acerca da humanidade de Cristo, de modo tão pleno, rico e profundo e de sua fraqueza ou pobreza de modo tão radical como esta: *Mesmo sendo Filho aprendeu o que significa a obediência a Deus por aquilo que sofreu* (Hb 5,8). Refere-se à obediência (abertura para a escuta) própria de discípulo (aprendiz) e de filho. Jesus, como homem, em tudo igual a nós, menos no pecado, pôs-se num caminho de aprendizagem, de escuta, de deixar-se conduzir, de amadurecimento de si, até consumir seu sacrifício na Cruz. Esse foi seu ato supremo de amor ao Pai e aos homens, seus irmãos. Tornou-se assim o sumo Sacerdote misericordioso que, desde o trono da graça (Cruz), fez-se ponte de passagem (pontífice) dos homens para Deus.

Acabaram-se, assim, todas as intermediações porque agora um Sacerdote, que é verdadeiramente homem, verdadeiramente um de nós e, ao mesmo tempo, verdadeiramente Deus, é nosso Sacerdote; agora uma só é a Vítima, um único Cordeiro imolado, Jesus Cristo, que, *na consumação de sua vida, tornou-se causa de salvação eterna para todos os que lhe obedecem* (Hb 5,9).

Conclusão

O sentido da vida é um tesouro escondido que só fará sua aparição completa no fim e apenas para aqueles que o desejam, o buscam, o seguem e por ele dão sua vida. Para nós esse tesouro é uma pessoa: Jesus e sua glória, como para Ele é o Pai e sua glória. Por isso e para isso, precisamos *caminhar com alegria na mesma caridade que O levou a entregar-se à morte e morte de cruz, no seu amor pelo mundo* (Oração desse Domingo).

Quem compreendeu com toda clareza e abraçou com todas as suas forças este caminho foi Santa Clara como podemos ver nesta exortação à sua Irmã Inês:

Abraça, virgem pobre, o Cristo pobre. Eis que Ele se faz desprezível por ti. Segue-o, tornando-te desprezível neste mundo por Ele. Rainha, acima de toda nobreza, vê, considera e contempla, desejando imitar teu esposo, ‘o mais belo entre os filhos dos homens’, que se fez o mais vil dos varões para tua salvação, desprezado, abatido e bem flagelado em todo o corpo, morrendo entre as angústias da cruz.

Se com Ele ‘sofreres’,

com Ele reinarás;

se com Ele chorares,

com Ele exultarás;

‘se com Ele morreres’ na cruz da tribulação,

com Ele habitarás ‘na glória dos santos’,

na mansão celeste,

e teu ‘nome’ glorioso será gravado no ‘livro da vida’.

E para sempre glorificado entre os homens (2CCL).



Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor

Leituras: Mc 11,1-10 (Ramos); Is 50,4-7; Sl 21(22),8-9; Fl 2,6-11; Mc 14,1-15,47

Tema-mensagem: Da consumação do mistério da Paixão de Jesus - o Filho do Homem - pela qual ele veio a ser e a se manifestar como Aquele que era desde o princípio: o Filho do Deus vivo.

Introdução

Depois de 40 dias de penitência quaresmal, dedicados em acompanhar mais de perto os últimos passos de Jesus, chegamos à grande Semana, à Semana de sua Paixão. Hoje, Domingo de Ramos, Jesus entra em Jerusalém montado num burrinho, quando então foi aclamado, pelos discípulos e pelo povo simples, como o novo Rei de Israel, o Príncipe da Paz. É também o dia em que tem início sua Paixão, que vai culminar na sua condenação à morte e crucificação. Então, alguns dos que o aclamaram como Rei, insuflados pelos maioriais de Jerusalém, vão pedir sua crucificação, mesmo que seu sangue viesse a cair sobre eles. Mais tarde, estes mesmos, ao anúncio da Ressurreição de Jesus, feita por Pedro, vão se arrepender e entrar no discipulado pelo Batismo (Cf. At 2,14-41; 3,26).

Estes são, portanto, os dias em que as ações de Deus na história irrompem de um modo todo singular, admirável e inaudito, dias da consumação de sua ação salvadora e misericordiosa na história dos homens.

1. Um Rei que vem na alegria, na paz e na humildade (Mc 11,1-10 - Ramos)

Como abertura da Semana Santa, na comemoração da entrada de Jesus em Jerusalém, a Igreja proclama o Evangelho no qual é aclamado pelo povo como seu novo Rei e Messias. A cena parece muito estranha. Durante toda sua vida pública, Jesus passou insistindo que ele é Filho do Homem e refutando toda ideia de um Messias triunfalista e todas as iniciativas de torná-lo um rei desse mundo. Por que agora aceita e até incentiva tal empreendimento?

Na audiência geral do dia 8 de abril de 2020, o Papa Francisco, em plena pandemia do Covid-19, dizia:

Nestas semanas de apreensão devido à pandemia que está fazendo o mundo sofrer tanto, entre as muitas perguntas que nos fa-

zemos, pode haver também algumas sobre Deus: o que faz Ele face à nossa dor? Onde está Ele quando tudo corre mal? Porque é que Ele não resolve nossos problemas rapidamente? Estas são perguntas que fazemos sobre Deus.

Somos ajudados pela história da Paixão de Jesus, que nos acompanha nestes dias santos. Também nela, de fato, as questões são tantas. O povo, depois de ter acolhido Jesus triunfantemente em Jerusalém, perguntou-se se ele finalmente o libertaria dos seus inimigos (Cf. Lc 24,21). Esperavam um Messias poderoso, triunfante, com uma espada. Em vez disso, chega como um manso e humilde de coração, convidando à conversão e à misericórdia. E foi precisamente a multidão que o tinha aclamado quem bradou: «Seja crucificado!» (Mt 27,23). Aqueles que o seguiam, confusos e assustados, abandonaram-no. Eles pensaram: se este é o destino de Jesus, Ele não é o Messias, porque Deus é forte, Deus é invencível.

Mas, se continuarmos a ler a história da Paixão, encontramos um fato surpreendente. Quando Jesus morre, o centurião romano, que não era crente, não era judeu, mas pagão, que o tinha visto sofrer na cruz, o tinha ouvido perdoar a todos, que tinha constatado seu amor sem medida, confessa: «Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus» (Mc 15,39). Ele diz exatamente o oposto dos outros. Ele diz que Deus está ali, que é verdadeiramente Deus²⁵.

A Paixão que, para a maioria do povo ocultava quem era verdadeiramente Jesus, foi o que o revelou àquele centurião... Ela o revela também a nós? Nisso se decide se somos crentes ou não, isto é, abertos ou fechados ao mistério de Deus em Jesus Cristo, o Crucificado.

1.1. Um Rei que vem montado num jumentinho

O evangelista, além de registrar um acontecimento histórico, tem em mente recuperar e oferecer uma imagem do Messias, insólita e esquecida por parte da maioria dos israelitas, principalmente de suas lideranças. Já o profeta Zacarias, por exemplo, havia acenado para um Messias bem distante da imagem de um rei triunfalista e poderoso, que seus conterrâneos e contemporâneos, exilados na Babilônia, aspiravam e suspiravam quando estavam prestes a retornar de seu exílio para a pátria querida: *Alegra-te muito, ó filha de Sião;*

²⁵ Acesso em 16 de abril de 2020: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200408_udienza-generale.html

exulta, ó filha de Jerusalém: eis que aí vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta. Destruirei os carros de Efraim e os cavalos de Jerusalém, e o arco de guerra será destruído. Ele anunciará paz às nações... (Zc 9,9-10).

O novo rei virá, portanto, não só na humildade e na paz, mas também para a humildade e para a paz. Por isso, vem montado num jumentinho, símbolo do homem que se submete carregando os fardos de seu senhor. Um rei que, pelo seu silêncio, irá carregar os fardos e pecados de seu povo; que, pela sua paixão e morte na cruz irá destruir os carros, os arcos e cavalos da soberba e da guerra; uma morte que será o princípio da morte de todas as vinganças, violências, ódios e soberbas.

Assim, Jesus, aclamado como novo Rei, mas montado num jumentinho, expressa muito bem e em imagem muito significativa o que Ele mesmo dirá, mais tarde, explicitamente: “*Eu sou rei sim, e para isso vim ao mundo, mas o meu reino não é deste mundo*” (Jo 18,37). Assim, deste modo, está dado o tom com o qual vai se comportar nos próximos e últimos dias de sua vida, bem como o princípio sobre o qual vai assentar o novo reino que está para instaurar com sua Paixão e morte na Cruz.

1.2. Hosana ao Filho de Davi

A cena termina com este grito de aclamação: “*Hosana, bendito o que vem em nome do Senhor! ... Bendito o reino de nosso pai Davi*” (Mc 11,9-10). Tudo é júbilo, festa, alegria porque Jesus se mostra rei de um reino universal de paz; um rei-pastor, cuidador, um novo Davi, o Ungido (Messias, Cristo) prometido, que haveria de reinar sem força e sem violência, apenas com a autoridade do amor-caridade, que se faz serviço. Um Rei que não apenas implantará a paz, mas onde ele mesmo será a paz porque é o “Princípio da Vida” (Cf. At 3,15). Nele, por sua imensa Boa Vontade (Bem-querer), por sua insondável misericórdia e Amor, expressos em sua Paixão e Morte na Cruz, a aliança de Deus com seu Povo se espalhará para toda a humanidade, envolvendo todas as tribos e línguas, povos e nações de toda a terra e de toda a criação.

A saudação do povo diz: *Hosana!* Aquilo que era, na origem, um grito de socorro (*Te rogo, Senhor que me salves!*), agora se torna um grito de júbilo, que aclama o seu Salvador. Esse grito quer subir ao mais alto dos céus, pois do mais alto, Deus desce ao encontro do homem e da terra, para conceder a salvação universal. No latim, *salus* – saúde – tem o sentido de “vigor essencial, originário da vida”. Uma salvação não só para o homem, mas para todo o universo.

2. A missão profética do Servo sofredor (Is 50,4-7)

A profecia acerca da missão do Servo sofredor, descrita pelo profeta Isaías, proclamada como primeira leitura da Missa de hoje, é uma bela descrição antecipada da missão de Jesus. O trecho inicia proclamando a característica mais significativa dessa figura enigmática: *O Senhor abriu-me os ouvidos* (Is 50,4). Eis o segredo, o princípio que move a alma e toda resposta desse servo que o leva a cantar e poetar em meio, ou justamente por causa de seus sofrimentos e padecimentos. Ele é um discípulo – um escutador e aprendiz – de Deus, a fonte da alegria, da festa, do canto.

A ele o profeta entrega, confia, não apenas sua obra, vocação e missão, mas, principalmente, sua pessoa, sua vida, sua sorte, seu destino. Por isso, proclama: *O Senhor Deus é meu Auxiliador, por isso não me deixei abater o ânimo, conservei o rosto impassível como pedra porque sei que não serei humilhado* (Is 5,7). Ele não tira o corpo fora. Enfrenta, com serena coragem e corajosa serenidade, o combate que está para chegar. Essa será a disposição de Jesus, que, embora sendo Filho, aprendeu a obediência por meio do que sofreu.

3. A Paixão e a Morte (Mc 14,1-15,47)

O momento alto da celebração deste Domingo é, certamente, a narrativa da Paixão do Senhor que culmina com sua Morte na Cruz, narrada por Marcos.

3.1. A conspiração (Mc 14,1-2)

Marcos inicia sua narração, testemunhando a conspiração dos chefes judaicos. A história da hipocrisia é sempre a mesma. Quando não se tem motivos para condenar alguém, buscam-se, inventam-se. A verdade pouco importa, pois, antes e acima de tudo, o que interessa é a eliminação, principalmente quando se trata de um inocente. É que no inocente eles veem a covardia deles mesmos que os incomoda e condena. E é bem assim, que começa a história da Paixão e morte do Inocente dos inocentes, Jesus Cristo: *Os sumos sacerdotes e os escribas procuravam uma ocasião para prender Jesus à traição e matá-lo* (Mc 14,1).

3.2. A unção do amor (Mc 14,3-9)

Em seguida, vem a cena da unção de Jesus por parte de uma mulher que, inesperadamente, entra na casa de Simão, dito “o leproso”, por ocasião de uma ceia. O gesto, mais que insólito e impróprio para aquele tempo e aquele momento, é sumamente simbólico. Marcos não diz quem seria aquela mulher,

justamente para significar, provavelmente, a Igreja peregrina ou, quem sabe, a alma humana que reconhece em Jesus o Ungido de Deus que veio, como esposo, para ampará-la como sua esposa desolada e perdida. O Ungido, que precisa ser ungido, amado por aqueles que experimentam seu amor.

O gesto desperta calorosa discussão entre os comensais, tendo como centro o desperdício, pois, argumentavam eles, com o valor daquele perfume se poderia alimentar muitos pobres. Jesus, porém, e de novo, põe em realce o “seu tempo”, isto é, o tempo de o esposo estar com sua esposa; o tempo em que, por isso, os deveres religiosos do jejum (Mc 2,19), da esmola (Mc 14,5) e da oração não podem sobrepor-se a Ele, uma vez que Ele é o Senhor do sábado, do jejum, da esmola e da oração.

Assim, esta mulher, também ela, está proclamando que Jesus, o Filho do Homem, não é o Messias triunfalista, tão sonhado e desejado por muitos, até mesmo por alguns dos seus discípulos mais próximos, principalmente pelo ecônomo do grupo. Por isso, ela não sabe demonstrar sua fé, expressar seu amor e sua gratidão com outro gesto, senão derramando sobre a cabeça de Jesus aquele precioso perfume, proclamando, assim, sem o saber, que Aquele Jesus é o “ungido” com um óleo de alegria (Sl 45,8), o Salvador, o rei e sacerdote esperado por todos.

3.3. A traição do amigo (Mc 14,10-11)

Segue, então, a emblemática traição de Judas, um dos mais próximos seguidores de Jesus.

Numa pregação de 14 de março de 1937, D. Bonhoeffer convida a meditar sobre o enigma de Judas²⁶. A traição de um amigo foi um segredo que Jesus escondera até chegar o momento oportuno, na Última Ceia. Os inimigos sozinhos não foram capazes de condenar Jesus à morte. Foi preciso a ajuda de um amigo - Judas. As coisas mais temíveis e terríveis não vêm de fora, mas de dentro. Na sua “hora” decisiva, os amigos dormem, abandonam, negam, fogem... Judas trai. Jesus vai se entregar, por livre decisão, às mãos de quem o trai.

Quem é Judas? Eis uma das perguntas mais antigas e difíceis da cristandade. É um enigma! Ele é um dos Doze. Ele foi chamado e escolhido por Jesus. Desde o início, Jesus sabia a quem estava chamando e escolhendo. E Jesus o amou. Honrou-o com a confiança do serviço de administrador da bolsa. Amando Judas, Jesus está amando a vontade do Pai. Judas, por seu turno, ama e, ao mesmo tempo, odeia o Mestre. Isso espelha um outro mistério: o mal

26 D. BONHOEFFER. *Lo straordinario se fa evento. Croce e risurrezione*. Brescia: Queriniana, 1007, p. 44-53.

tem origem no bem. O mal se aproxima do bem e, a seu modo, o imita. Sem o querer, o mal serve ao bem. Judas pertence a Jesus, como o mal pertence ao bem. Jesus não recusa Judas. Deixa crescer a pertença entre ambos. Deixa selar esta pertença com um beijo. Insondável é o encontro entre Judas e Jesus. O beijo de Judas assinala a mistura de um amor e de um ódio apaixonados. Esse encontro vem de profundezas abissais. Também o mistério da iniquidade é abissal. Mas, na Cruz, o abismo do amor de Deus abraça o abismo do mistério da maldade humana. Judas, depois de entregar Jesus, é tomado não pelo arrependimento como o de Pedro, mas pelo remorso. O arrependimento abre caminho à vida. O remorso, à morte.

3.4. A nova Páscoa (Mc 14,12-25)

Vem, então, a cena da Última Ceia. A iniciativa de celebrar aquela que era a maior festa religiosa dos judeus, expressa claramente que Jesus não veio abolir, mas levar à plenitude a lei, os profetas e, acima de tudo, a antiga aliança. Por isso, e agora, faz questão de reunir-se com seus discípulos para, no dia em que se *imolava o cordeiro pascal, comer a Páscoa* (Mc 14,12).

Feitos os preparativos, a cena da Última Ceia começa com esta desconcertante afirmação de Jesus: “*Em verdade vos digo que um de vós, que come comigo, vai me trair*” (Mc 14,18). Parece concretizar-se, assim, o que salmista já havia profetizado: *Até mesmo o amigo em quem eu confiava, até ele, que comia pão comigo, levantou contra mim seu calcanhar* (Sl 41,10).

Todavia, como ponto de partida, a fim de pôr em evidência o profundíssimo significado daquela ceia especialíssima – a última, a tão esperada e desejada por parte de Jesus – nossos olhos não podem se distanciar desta sua enigmática afirmação: “*O Filho do Homem segue seu caminho...*” (Mc 14,21).

Seguir seu caminho não é, evidentemente, uma expressão comum para dizer que ele vai morrer. Com essa expressão fica claro que Jesus está entendendo sua morte, não propriamente como uma morte, mas como um caminho, um princípio ou forma de vida, um momento para *seguir o que está escrito*. Ora, o que está escrito para Ele, em seu coração, não é a Lei mosaica, e nenhuma outra coisa senão a vontade do Pai, sofrer, carregar a Cruz de sua Paixão. Isto, porém, não tira a culpa do homem – Judas, no caso - que livremente intermedia a traição. Daí a afirmação: “*Mas, ai daquele que trair o Filho do Homem...*” (Mc 14,28). Sim, “Ai”, isto é, coitado, que infeliz, que pena! Como pode alguém abandonar, atraiçoar o amigo, o amor de sua vida, por outros interesses vãos e desprezíveis!? Como pretender apagar a marca indelével da alegria e da graça do chamado?!

Tudo isso se dá, porém, por causa da Paixão do Pai, que não é outra, senão inaugurar uma nova aliança com os homens, a humanidade toda. Por isso, no meio da ceia, Jesus introduz um gesto, um rito inédito e uma surpreendente

novidade: *Tomou o pão e tendo pronunciado a bênção, partiu-o e entregou-lhes, dizendo: “Tomai, isto é meu corpo!”* (Mc 14,22).

Certamente, perplexos, os discípulos não têm palavras para expressar o espanto diante de um gesto tão misterioso, inusitado. Já tinham assistido a milagres admiráveis e estrondosos, como o da multiplicação dos pães, da cura de doentes, da libertação de enfermos de suas doenças e de seus demônios, da ressurreição de mortos, mas esse supera a todos por sua inaudita novidade.

A novidade é muito clara, embora, provavelmente, na hora, os discípulos não a tenham entendido: agora, tinham uma nova Páscoa, na qual Ele mesmo – seu Senhor e Mestre - é o cordeiro, a vítima. Em seu sangue se estabelecerá um pacto, que não será mais e apenas com o povo de Israel, mas com “muitos”, isto é, com a humanidade toda. Assim, a nova ceia pascal desenvolve-se não apenas numa ceia de confraternização, mas também na entrega aos discípulos da missão de lutar contra tudo aquilo que discrimina os indivíduos e os grupos humanos, até mesmo os traidores, como Ele não discriminou Judas.

3.5. A caminho da solidão e do abandono total (Mc14,26-42)

Terminada a Ceia, Jesus, acompanhado por seus discípulos, se dirige para o monte das Oliveiras, onde lhes anuncia sua dispersão e profetiza a negação de Pedro. Pedro, no caso, se parecerá com um daqueles pastores insensatos e selvagens do profeta Zacarias (Zc 11,15-17), que se escondiam porque tinham medo de serem descobertos em suas safadezas e falsidades. Fica então a pergunta: Como pode Jesus escolher, para exercer o cargo de vice Pastor de seu Rebanho, alguém que o negue, que se esconde de medo, de vergonha e foge? De novo, estamos diante do mistério do “abaixamento” (kénosis) de Deus. Deus não tem vergonha de se fazer representar em pessoas frágeis, humildes e pecadoras como Pedro e cada um de nós.

Chegando ao Getsêmani, Jesus se afasta do grupo. *Levando consigo apenas Pedro, Tiago e João, começou a sentir pavor e angústia* (Mc 14,33). *Então lhes disse: “Minha alma está triste até a morte. Ficai aqui e vigiai”* (Mc 14,34). Dada essa ordem, se retira mais ainda, a fim de ficar totalmente só. Prostrando-se por terra, implora ao Pai para que, se possível, lhe seja afastado aquele cálice.

Jesus não enfrenta a morte como um herói ou como um sábio impassível, a exemplo do filósofo Sócrates. A descrição de medo e angústia diante da morte, porém, é coerente com a Cristologia do Filho do Homem, presente em todo o segundo Evangelho. Jesus não veio para dar uma de herói, mas de um homem bem humano, como todos e cada um de nós. Quer nos amar como somos, pois só assim poderá nos salvar a partir de dentro, de nossa fragilidade e não de uma pretensa superioridade ou competência.

3.6. A Prisão (Mc 14,43-52)

Segue, então, a cena da prisão proporcionada com o beijo da traição do discípulo e amigo Judas. Mais que tudo, o que importa contemplar aqui é o ensinamento que nos vem da atitude de Jesus. Não só não se defende, mas repreende até mesmo aqueles que querem fazê-lo, como no caso Pedro, que puxou da espada ferindo o empregado do sumo sacerdote. Desconcertante, o gesto e a atitude de Jesus! Como compreendê-los? O segredo está na palavra “amigo”, em cuja raiz encontramos a palavra “amor”. Ora, tudo o que vem do amor, mesmo o que, aparentemente, nos contraria ou ofende, só pode ser benéfico e, por isso, deve ser bem aceito. Só não deverá ser aceito, se vier a prejudicar nossa alma, dirá, mais tarde, São Francisco. Num fragmento de uma versão não bulada da Regra franciscana, nós lemos:

Irmãos, atendamos todos ao que diz o Senhor: “Amai vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam”, pois, Nosso Senhor Jesus Cristo, cujos vestígios devemos seguir, chamou de amigo a seu traidor, e se ofereceu livremente aos que o crucificavam. Por isso, são nossos amigos todos os que, injustamente, nos infligem tribulações e angústias, vergonha e injúrias, dores e tormentos, martírio e morte. A esses devemos amar muito, pois, disso que nos infligem temos a vida eterna (FRNB).

3.7. O julgamento pelo Sinédrio (Mc 14,53-65)

O desenvolvimento do processo movido contra Jesus, assim como vem apresentado pelo nosso evangelista, expõe uma série de irregularidades, até mesmo em relação à legislação judaica. Tudo porque, acima de tudo e antes de mais nada, importava chegar a uma sentença rápida, severa e exemplar: a morte e morte de Cruz. Sim, pois nenhuma outra pena ou castigo podia demonstrar mais claramente ao povo a falsidade da filiação divina de Jesus, uma vez que estava escrito na Lei que se deveria considerar *maldito todo aquele que fosse suspenso no madeiro* (Gl 3,15; Dt 21,23).

Depois de arroladas inúmeras testemunhas que tentaram incriminar falsamente a Jesus, entra em jogo a questão essencial de todo o processo: “*Tu és o Messias, o Filho de Deus bendito?*” (Mc 14,61), pergunta-lhe o sumo sacerdote. Se até então Jesus permanecera calado diante de todas as acusações agora responde claramente: “*Eu sou...*” (Mc 14,62). Novamente, a resposta de Jesus é coerente com toda a Cristologia do Filho do Homem, que impregna todo o Evangelho de Marcos: Ele é, de fato, o Messias. Não pode e nem deve negá-lo. Mas, não o Messias triunfalista, político, com o qual sonhavam os líderes do movimento anti-romano. Era, antes, o Messias pacífico, humilde,

misericordioso e paciente, profetizado por Isaías *como tão desfigurado que não parecia ser um homem ou ter aspecto humano* (Is 52,24).

Aos ouvidos do sumo sacerdote, porém, a resposta soava como blasfêmia a ponto de levá-lo a um dos mais expressivos gestos de protesto e condenação: rasgar suas vestes sagradas de sumo sacerdote! Sim, como podia aquele leigo, um simplório nazareno, filho da terra dos pagãos, macular o sagrado nome de Messias, pretendendo encarnar ridiculamente em sua pessoa as esperanças que o Povo de Deus vinha cultivando, através dos séculos, acerca da grandeza do Messias?

3.8. O pranto de Pedro (Mc 14,66-72)

Vem, então, a negação de Pedro, seguida de seu pranto copioso. Chama-nos a atenção o paralelo entre a confissão de Jesus e a negação de Pedro. Enquanto Jesus se declarava pública e solenemente o Messias, Pedro o renega vilmente, não pela força de um tribunal, mas de uma simples e inócua pergunta de uma pobre e humilde criada curiosa. Não há nenhuma ameaça de prisão ou morte! Somente a vergonha de ser tido como companheiro e discípulo de um mestre que começava a ser considerado, pelas autoridades e pela opinião pública, ridículo, vergonhoso e maldito. Não esqueçamos que esse Pedro somos todos nós!

Para a comunidade cristã do Evangelho de Marcos, a partir da qual ele escreve, Pedro era certamente uma “pedra” e o “Pastor-vigário” do Sumo Pastor Jesus Cristo. E é esta, justamente, a razão de ser apresentado em sua fraqueza: a negação de sua fé. À Comunidade cristã não haverá jamais de faltar a fé em Pedro pelo fato de ter se mostrado tão frágil, de ter caído e renegado o mestre. Para que continue sendo a “pedra”, o que se espera dele é algo mais importante e essencial: que chore sua fraqueza, seu pecado. Assim, os pastores da Igreja são aceitos e reconhecidos como tais não por seus atos heroicos ou por serem santos, mas justamente porque eles não têm a pretensão de sê-lo; porque estão dispostos a reconhecer sua fraqueza na confissão da própria fé. E se, muitas vezes, os pastores da Igreja não são aceitos é justamente porque não são capazes de se humilhar para reconhecer que erraram e que continuam pecadores.

3.9. O tribunal romano (Mc 15,1-15)

A partir de então, Jesus é conduzido perante o tribunal do representante do império romano, uma vez que os judeus, submetidos aos romanos, não dispunham de nenhuma autoridade para condenar à morte quem quer que fosse. Pilatos se defronta, então, com um fato novo e inusitado: as autoridades dos

judeus, apoiadas pela multidão (certamente de alguns que gritaram o Hosana!), em vez de proteção estavam pedindo a condenação de alguém que se apresentava como o Messias, o rei de Israel. Mas, Pilatos percebe logo que a razão da intriga dos chefes religiosos não era outra senão o medo da perda de sua autoridade perante o povo. Por isso, ele não se perturba perante a pretensão messiânica e régia de Jesus, uma vez que esse não oferece nenhum perigo de insurreição. A autoridade dele, de Pilatos, ou de Roma, não está em jogo. Por isso, simplesmente O interroga: “*Tu és o rei dos judeus?*” (Mc 15,2). Pilatos, porém, se maravilha porque, após ter recebido a resposta afirmativa de que Ele é realmente Rei, Jesus permanece em silêncio. Não se defende diante das inúmeras e falsas acusações que as autoridades religiosas judaicas lhe arrogam. Jesus responde com a fala da inocência, a fala de Deus: o silêncio.

A essa altura, o Procurador romano já estava seguro de que Jesus não viria causar-lhe qualquer transtorno. Mas, procurando, então satisfazer a multidão, *mandou flagelar Jesus e o entregou para ser crucificado* (Mc 15,15). Mais uma vez o evangelista Marcos faz aparecer, com muita clareza, o princípio teológico, ou melhor, cristológico de seu Evangelho. Jesus jamais se preocupou ou disse algo contra os zelotes. Mas, ao contrário, contra os fariseus, escribas, saduceus e sacerdotes, sim, contra esses falou muitas coisas, muitas vezes, muito claramente e com muita aspereza. Mas, também, é verdade, jamais compartilhou com a ingenuidade dos zelotes, que pensavam que, com seu poder nacionalista, uma vez desmantelada a ocupação romana, haveriam de transformar em fartura de bens materiais a pobreza daquele seu povo oprimido e escravizado. Pois, Jesus era só um profeta e um profeta, cedo ou tarde, é e será sempre um incômodo para todo e qualquer tipo de poder.

3.10. A crucificação (Mc 15,21-32)

Chegamos ao ponto mais alto de toda a *Via Crucis: Levaram-no para fora a fim de crucificá-lo* (Mc 15,20). Mais que um fato, estamos diante de um ato único, insólito, cujas consequências e benefícios vão se estender do monte Calvário para o céu e para todos os recantos do mundo, da criação, da história e da humanidade, até o fim dos tempos. A partir da crucificação, o mundo, a criação, o céu e a terra não serão mais os mesmos.

Expressando o mistério dessa nova existência humana, Santa Clara exortava sua co-Irmã Inês a *fortalecer-se no santo serviço, iniciado pelo ardente desejo do Pobre Crucificado, que, por todos nós, suportou a Paixão da cruz, arrancando-nos do poder do príncipe das trevas, ao qual estávamos presos pela transgressão dos primeiros pais, reconciliando-nos com Deus Pai* (1CCL 13-14).

A cena da crucificação, narrada por Marcos, é muito simples. Antes de chegar ao topo do monte, Jesus, já inteiramente desfalecido, precisou de ajuda para carregar a cruz. Não nos parece difícil ver naquele desconhecido, Simão Cirineu, escolhido para ajudar Jesus a carregar sua Cruz. A tradição cristã sempre viu nesse Cirineu a humanidade toda, convidada para, a modo de um grande mutirão, unir-se a Ele nesta sua missão de carregar a cruz redentora e salvadora. Notemos, porém, que não são os mandantes e comandantes, mas os simples, os “joão-ninguém”, que realizam esse sagrado ministério.

Na cruz, seguindo um costume judaico, os soldados oferecem a Jesus uma bebida narcótica a fim de aliviar-lhe a dor e a consciência. Jesus, porém, negando-a, mostra claramente que sua decisão é de beber, saborear conscientemente, sem nenhuma dissimulação e até a última gota de seu sangue, o cálice da vontade, do amor, da paixão do Pai.

No alto da cruz, a inscrição *O Rei dos judeus* chamava à chacota, à gozação, embora fosse essa a verdadeira razão pela qual, hipocritamente, as autoridades romanas como as judaicas, agiam com tanta diligência, veemência e crueldade. Mas, foi e é assim sempre, e por toda a parte: até para isso, para o nosso deboche, nossas brincadeiras, Deus nos serve e se deixa manipular por nós. Quanta pobreza e despojamento!

Vem, então, mais uma confirmação da Cristologia de Marcos, assentada na fragilidade. Diante da provocação: “*Tu que destróis o Templo e o reedificas em três dias, salva-te a ti mesmo, desce da Cruz!*” (Mc 15,30). Jesus permanece em silêncio. Não salvando a si mesmo, salvava os homens.

3.11. **Enfim a solidão da morte** (Mc 15,33-36)

Enfim, a prova maior de todas as provas, a cruz de todas as cruzes: *Pelas três horas da tarde, Jesus gritou com voz forte: “Eloi, Eloi, lama sabactani?”*, que quer dizer: “*Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*” (Mt 27,46). É o abandono de tudo e de todos, até mesmo do Pai. Agora, Ele está só. Ele e sua Paixão. As trevas que se abatem sobre o monte Calvário indicam a solene presença do julgamento de Deus, frente ao manancial messiânico da presença do Filho do Homem.

A narração da Paixão de Jesus segundo Marcos, como vimos, culmina neste clamor: “*Eloi, Eloi, lamá sabactáni? Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*” (idem). Quem aqui clama é o abandonado. Nesse clamor ressoa algo da sua intimidade com o Deus que o abandona, ao qual ele chama de *meu Deus*.

No Evangelho de Marcos, o abandonado é Jesus Cristo, o Filho de Deus. E o Deus do abandonado é o próprio Pai. A cruz é o cume da revelação da vida íntima de Deus. Ela penetra, como uma espada, na íntima relação entre Filho e Pai, bem no cerne dessa intimidade, que é amor, e, portanto, entrega, doação.

Penetra, distanciando-se. Mas, na distância, cria-se proximidade. Penetra, separando. Mas, na separação, criam-se intimidade e comunhão. Na ausência, cria-se uma vigência. A dor da separação, do abandono, paradoxalmente, cria comunhão entre o abandonado e o seu Deus. Assim a cruz torna-se elo. Revela unidade. É o ponto de salto da nova criação, do novo Céu e da nova Terra. É o vir à luz da unidade primordial entre o Divino e o Humano. A cruz é a fenda, onde tudo se entrecruza. Percussão que repercute em todas as coisas, mostrando que tudo é Um. Assim, a haste vertical, nascida da terra, sobe até o céu e penetra o íntimo de Deus. A haste horizontal, cruzada e sustentada pela vertical, percorre toda a terra e invade os horizontes de toda a humanidade, de toda a história e de todo o universo, levando a todos e a tudo a salvadora jovialidade do novo Adão.

O grito em forma de pergunta *meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* revela, na dor do amor, a vida íntima de Deus em Deus: a relação entre Pai e Filho no Espírito Santo (o Sopro Santo do Amor!).

1.12. **Jesus deu um forte grito e expirou** (Mc 15,37-47)

Para Marcos, quem está gritando é um Deus que se fez homem, um Deus humanado, que chega ao extremo de sua fragilidade e de sua angústia. Lembremos que na Sagrada Escritura a morte é sempre apresentada como um mal que nos separa de Deus. Pois bem, agora, Cristo, com esse seu grito, com sua morte, vem derrubar também esse abismo. Por isso, exclamará, depois, São Paulo: *A morte foi tragada pela vitória. Ó morte, onde está tua vitória? Ó morte, onde está teu aguilhão?* (1Cor 15,55).

Enfim, o momento mais solene e decisivo de toda essa Paixão, momento solene e decisivo tanto para a humanidade como para Deus mesmo! E como convém a tais momentos, também esse vem descrito de modo muito simples e resumido: *Então, Jesus deu um forte grito e expirou* (Mc 15,37). Enfim, de tudo, até mesmo o que tinha de mais sagrado: seu ar, seu espírito, sua alma, seu hálito, seu sopro vital.

Expirou significa que ele soprou para fora, para o mundo, para a história, para a humanidade, para a criação toda, o vigor de sua Paixão, de seu Amor, o vigor da Paixão e do amor de seu Pai. Dá-se, assim, o início à nova criação, ao novo céu e à nova terra. Os sinais são evidentes. As cortinas que, no templo, protegiam, separavam o sagrado do resto do mundo, do profano, se abrem, se rasgam de alto a baixo. Assim, com a morte de Jesus, o Santo dos santos não apenas se torna acessível a todos, mas começa a invadir o universo, transformando o Deus de Israel no Deus de todos os povos, de todos os homens. Eis porque, logo em seguida, o oficial romano, representante de todos os impérios da época, exclama e testemunha, até mesmo antes dos Apóstolos: *“Verdadei-*

ramente, este homem era o Filho de Deus!” (Mc 15,39). Enfim, o verdadeiro milagre: a Paixão do Pai, assumida pelo Filho do Homem, desde que veio a este mundo até o último suspiro, tornou-o Filho de Deus.

Tudo isso, esse total abandono e fracasso, na visão da Fé, nos mostra totalmente outra paisagem: tudo de repente se vira pelo avesso: o extremo abandono é, na realidade, plenitude de amor: a profunda solidão se converte em unidade total. No momento em que parece mais desamparado, está mais do que nunca identificado com o querer divino, transparente ao Pai. Nessa fraqueza sem fim, Jesus se acha, sem reserva, ‘entregue’ ao Poder do Pai, totalmente aberto ao ato criador da Ressurreição²⁷.

Agora, só resta a Jesus deixar que retirem seu corpo da cruz para ser levado para dentro do seio de nossa irmã, a mãe terra, a fim de que, à semelhança do grão de trigo, possa nascer de novo e dar muitos frutos. Ou seja, a fim de que essa história se renove e frutifique no coração de cada criatura e de cada comunidade.

4. Os sentimentos de Jesus, nossos sentimentos (Fl 2,6-11)

Assim é nosso Deus. É como Jesus descrito nessa narrativa da sua Paixão. É a esse Jesus que os cristãos devem imitar e cujos sentimentos de humildade, concórdia e amor devem cultivar (Fl 2,1-5). Eis a razão da Carta de São Paulo aos Filipenses, cujo trecho é proclamado na segunda leitura de hoje.

Paulo é muito incisivo em sua argumentação: *Jesus Cristo, existindo em condição humana, não fez do ser igual a Deus uma usurpação, mas ele esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição humana de escravo, tornando-se igual aos homens* (Fl 2,6-7).

De rico que era, fez-se pobre, de santo se fez pecador e pecado para nos enriquecer com sua pobreza e santidade (Cf. 2Cor 8, 9). É o mistério da pobreza, da humildade, da simplicidade do Filho de Deus, que se fez Filho do homem – mistério que apaixonara e enternecera São Francisco de Assis a ponto de fazer dele o sentido de todo seu viver e morrer (Cf. LTC 14).

Conclusão

O Domingo de hoje quer introduzir-nos no mistério central e mais profundo, no sentido maior, primeiro e último, de nossa vida: a Paixão de Jesus Cristo que é, por sua vez, a Paixão de Deus nosso Pai e que, por conseguinte,

27 HARADA, FREI HERMÓGENES, *Em comentando I Fioretti: reflexões franciscanas intempestivas*. Bragança Paulista / Curitiba: EDUSF, Faculdade São Boaventura, 2003, p. 164-165.

deve tornar-se também nossa Paixão. Paixão é certamente o sentimento maior e mais profundo de uma pessoa. Há quem mate, mas também quem dê sua vida movido por esse sentimento.

Falando da frieza e banalização com que, muitas vezes, nós cercamos ou comentamos este mistério, assim se questionou Bonhoeffer, um dos mártires da segunda guerra mundial, numa carta endereçada a E. Bethge, da cela da prisão, na época da Páscoa de 1944:

Pela segunda vez vivo aqui o tempo da Paixão. Revolto-me interiormente, porém, quando leio nas cartas (...) as expressões que falam do meu ‘padecer’. Isso se me apresenta como uma profanação.

Não se devem dramatizar essas coisas. Tenho mais de uma dúvida quanto a ‘sofrer’ hoje mais do que tu ou, em geral, do que a maior parte dos homens. Naturalmente, há muito de atroz, mas onde não há? Talvez, a respeito deste ponto, temos, geralmente, tomado certas coisas de modo por demais importante e grave. No passado, eu me admirava do silêncio com que os católicos passam por cima destes casos. Mas, talvez, não é justamente esta a força maior deles? Talvez, pela sua história, eles sabem melhor o que são realmente o sofrimento e o martírio e calam-se diante de enfados e repressões insignificantes. Creio, por exemplo, que ao ‘padecer’ pertençam decididamente também o sofrimento do corpo, a dor autêntica e assim por diante. Nós, de bom grado, insistimos sobre o sofrimento espiritual; e, todavia, próprio desse sofrimento, do qual deveríamos ter sido liberados por Cristo, não encontro vestígio no Novo Testamento ou também nas atas dos mártires veterocristãos. Há de verdade uma grande diferença se é a ‘Igreja que sofre’ ou se é a um de seus servos que acontece esse ou aquele sofrimento. Creio que aqui alguma coisa tenha de ser corrigida; sim, para dizer sinceramente, às vezes quase me envergonho do quanto nós falamos do nosso sofrimento pessoal. Não, padecer deve ser algo de totalmente diverso, deve ter uma dimensão totalmente diversa, em relação àquilo que vivi até agora.



Tríduo Pascal e Tempo da Páscoa

O Tríduo pascal também conhecido como *Triduum Sacrum* (Tríduo Sagrado), tem seu início na tarde da Quinta-feira santa com a Missa da Ceia do Senhor e termina com as Vésperas do Domingo da Páscoa. São três dias destinados à celebração do mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus, coração ou fonte, bem como o ápice de toda a vida cristã e, conseqüentemente, de todo o Ano Litúrgico. Já o Tempo pascal vai desde essa tarde até a Solenidade de Pentecostes.

Primitivamente, os cristãos se reuniam semanalmente, *no primeiro dia da semana para partir o pão* (At 20,7), isto é, para celebrar a Ressurreição, a Páscoa do Senhor. Aos poucos, passaram a celebrá-la anualmente, com mais ênfase e através de uma vigília. Celebração essa que se caracterizava com longas memórias – leituras – ao término das quais celebrava-se o Batismo dos catecúmenos, concluindo tudo com o memorial da Ceia do Senhor.

Ao longo dos primeiros séculos, começou-se a sentir a necessidade de, além da Vigília, se debruçar também sobre o mistério da Paixão do Senhor, que se iniciou na Quinta-feira e teve sua culminância com sua Morte, na Sexta-feira. Estava assim criado o arcabouço do Tríduo Pascal, como nós o temos e celebramos hoje.

Nada melhor para nos introduzir no coração de todo o mistério pascal do que esta frase com a qual o evangelista João dá início à narrativa da Última Ceia de Jesus e de todo o seu longo discurso de despedida: *Foi antes da festa da Páscoa. Jesus sabia que tinha chegado a sua hora de deixar este mundo a fim de ir para o Pai. E ele, que amou sempre os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim* (Jo 13,1-2).

Segundo outras traduções em vez de “até o fim”, Jesus amou os seus “até o extremo”. Segue, então, a cena do Lava-pés e da Ceia.

Tudo indica que a angústia de Jesus era de como levar adiante sua Paixão, de como continuar com aqueles que o Pai lhe confiara, permanecendo com eles, a fim de sentir o que sentem, sofrer o que sofrem, alegrar-se com aquilo com o qual se alegram, enfim, de poder viver e morrer com e como eles. Para isso, precisava descobrir, inventar nova forma, diferente da figura humana que recebera da humanidade através do útero de sua mãe, a Virgem Maria. E essa apareceu com a invenção e instituição da Última Ceia.

Última, portanto, aqui, em vez da dimensão cronológica, significa o sumo, o máximo, a consumação de uma “Ceia” (leia-se “comunicação”, convívio) desejada, buscada, suada e amada por Deus desde toda a eternidade e introduzida no tempo através da Encarnação de seu Filho.

Na verdade, o que Cristo fez foi antecipar para a véspera – Quinta Feira Santa – o “fim”, isto é, o mistério da consumação de sua Encarnação e paixão redentora.

Naquele seu ato supremo, consuma-se Nele a morte do primeiro Adão, que é todos os homens e que todos os homens são, e principia-se Nele, o último Adão, a nova humanidade.

A *Sacrosanctum Concilium* assim expressa esse admirável e benfazejo mistério: *Jesus Cristo, assumindo a natureza humana, trouxe para este exílio terrestre aquele hino que é cantado por todo o sempre nas habitações celestes. Ele associa a si toda a comunidade dos homens e une-a consigo na celebração deste divino cântico de louvor* (SC 83).

O centro – o sentido – da História não é, pois, nenhuma ideologia ou visão de mundo, política ou religiosa, enfim, nenhum ou qualquer outro “ismo”. É o Homem e, no centro do Homem, Jesus Cristo, o *Summum Opus Dei* (a suma obra de Deus). É, para Francisco, Jesus Cristo crucificado que *todos os dias se humilha descendo do seio do Pai sobre o altar nas mãos do sacerdote, a fim de ser Deus-conosco até o fim dos séculos* (Ad 1). Por isso, ao dizer: *Tomai e comei...*, Ele está dizendo que é para tomar e comer seu Corpo, tomar e beber seu Sangue, assumir e encarnar sua pessoa, sua obra, sua história; enfim, toda a sua Paixão e sua Cruz.

A Paixão-Cruz-Morte-Ressurreição constituem o cerne, o coração do mistério de Cristo e, conseqüentemente, da Páscoa. Quem compreendeu e vivenciou de modo admirável esse mistério foi São Francisco. Para ele, a exemplo de Cristo, morte não é uma improvisação, mas o ápice, a retomada, a recapitulação de uma caminhada toda; também não é um fim, mas o início de uma nova missão, que precisa ser assumida com todo o vigor como assumira um dia o chamado do Crucificado de São Damião. Por isso, ao receber a revelação de que os dias de sua vida terrestre estavam contados, pediu para ser levado para a Porciúncula, onde havia dado início à sua vida de pobreza, demonstrando, assim, que não há penitência e despojamento maior do que morrer como Cristo morreu. Por isso, a exemplo do Mestre, quis, também ele, morrer *nu sobre a terra nua para lutar nu contra o adversário nu* (2C 214). Da mesma forma, para recordar a Última Ceia, *o pai santo mandou trazer um pão. Abençoou-o, partiu-o e deu um pedacinho para cada um comer. Finalmente, convidou também todas as criaturas ao louvor de Deus por meio de palavras que compusera em outros tempos, exortando-as, ele mesmo, ao amor de Deus. Chegou a exortar para o louvor até a própria morte, terrível e aborrecida para todos, e, correndo alegre ao seu encontro, convidou-a a ser sua hóspede: ‘Bem-vinda seja, minha irmã morte!’* (2C 217).

Enfim, o mistério pascal é de tal envergadura que, para ser compreendido e assimilado, não basta uma noite, um dia, uma semana ou uma oitava. É uma festa de sete semanas ou de cinquenta dias. Por isso, não se fala mais como antigamente, antes do Vaticano II, em Domingos depois da Páscoa, mas em Domingos da Páscoa.



Quinta-Feira Santa

Leituras: Ex 12,1-8.11-14; Sl 115; 1Cor 11,23-25; Jo 13,1-13

Tema-mensagem: Para nosso exemplo, Jesus, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o extremo.

Introdução

Jesus, *antes da festa da Páscoa, sabia que tinha chegado a hora de passar deste mundo para o Pai* (Jo 13,1), que soara a hora de consumir sua missão: consolidar o início da nova criação, da nova história e da nova humanidade, nascida, agora, não mais da lei, das tradições e nem mesmo da decisão dos homens, mas do desígnio nascido da Paixão do Pai e que Ele deverá testemunhar até a morte e morte de Cruz. Por isso e para isso, desejava ardentemente encontrar e instituir um modo novo, através do qual pudesse entregar e confiar aos seus discípulos, e até o fim do mundo esse Mistério de salvação.

Esse modo Ele o encontrou na véspera da Páscoa, de sua passagem desse mundo para o Pai, quando confiou aos seus discípulos os três grandes Atos ou Mistérios de sua nova e eterna presença na Igreja e no mundo: o mandamento de **amar** como Ele os amou, de fazer o **memorial de sua Ceia** e de **pastorear** seu rebanho através do sacerdócio ministerial. Por formar o coração de cada uma das três leituras de hoje nossas reflexões, diferentemente de outras vezes, em vez de se agruparem cada vez ao redor de cada uma delas vão se concentrar nesses três grandes mistérios. Além do mais, nos serviremos basicamente de algumas passagens de São Francisco, um dos místicos que mais bela, simples e profundamente contemplou e viveu esses mistérios.

1. Do novo e inaudito mandamento do amor

A primeira obra ou mistério de Jesus, atualizado e confiado aos Apóstolos, foi o mandamento do amor. Por isso, João começa a narrativa do grande discurso de despedida de Jesus proclamando que *tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim* (Jo13,2). Na verdade, esse mandamento já existia e era muito conhecido, tanto pelos pagãos como pelos judeus. Os limites desse mandamento, porém, não iam além do compatriota ou do prosélito (Cf. Lv 19,18). Jesus, porém, como já o havia anunciado por diversas vezes durante seus três breves anos de vida pública, ele viera para inaugurar um novo mandamento do amor. Por isso, agora, na despedida, ele o entrega e o confia a modo de testamento, solene e oficial: *“Como o Pai me amou, assim*

também eu vos amei. Permaneecei no meu amor... Este é o meu mandamento: 'amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos!' (Jo 15,9-13). Esse parece ser o sentido da expressão “até o fim”. Ou seja, um amor que vai até o extremo, um amor perfeito (feito do início ao fim), que se consuma dando tudo de si, sem reservas e, que assim, faz aparecer o princípio de sua própria história.

1.1. Na Paixão do Pai, o princípio do novo mandamento

Na verdade, duas são as novidades que Jesus introduz no velho mandamento do amor, ambas inauditas. A primeira é a de amar como Ele ama. Isso inclui também e, principalmente, os inimigos, como Ele o fez durante toda sua vida e, agora, mais claramente na Cruz. A segunda – coisa de pasmar céu e terra – é que não é mais um cordeiro ou bezerro que é sacrificado a Deus em favor dos homens, nem mesmo um homem ou anjo, mas Ele, o próprio Filho de Deus. Sim, Ele é que toma a iniciativa de se dar, de se entregar até a morte e morte de Cruz. Se os pagãos adoravam e serviam a deuses, sacrificando seus filhos por e para eles, o que vemos aqui é o oposto: o Filho de Deus se sacrifica pelos filhos dos homens, tornando-se o último dos homens. É desfeita a distinção: próximos-distantes, amigos-inimigos, consagrados-profanos, eleitos-rejeitados. É algo nunca visto, inaudito que o Criador deseje e se faça comer por sua criatura (Cf. LS 236). Eis o sentido da exclamação: “*Desejei ardentemente comer convosco esta Ceia da Páscoa, antes de sofrer...*” (Lc 22,15).

Mas, qual a razão de tão inédito e inaudito gesto e atitude? Por que tanto desprendimento? Resposta: esse gesto tem a radicalidade e a originalidade da gratuidade do sem porquê. Sem porquê é o amor. Como mãe, diante de seu filhinho, muito mais Deus, diante de nós, seus filhinhos prediletos, tem a necessidade de fazer tudo para estar conosco e para que nós tenhamos a possibilidade de estar com Ele. Quem compreendeu muito bem e sentiu de modo muito intenso e profundo a nobreza humilde desse mistério foi São Francisco, como lemos nesta passagem: tomado pelo espírito da Paixão do Senhor, *logo que ouvia falar do amor do Senhor, ele se empolgava, ficava comovido e inflamado, como se a voz, que ressoava exteriormente, fosse um arco a fazer vibrar internamente as cordas do seu coração e exclamava: 'Eis por que é necessário amar muito o amor daquele que muito nos amou'* (1B IX,1).

Essa é, também, a razão pela qual nós devemos nos amar e amar aqueles que julgamos ou costumamos chamar de “inimigos”, mas que, na verdade, são nossos melhores amigos, uma vez que nos ajudam a ver e a encontrar neles, muito mais que nos amigos, o próprio Deus, vivo e verdadeiro, que é Amor, Caridade, Doação. Por isso, dizia o Senhor Jesus: “*Amai vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam*” (Mt 5,44).

Vendo esse dito e meditando-o diligentemente, dizia São Francisco: *Atendamos todos, Irmãos, ao que diz o Senhor: 'Amai vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam!'* Pois Nosso Senhor Jesus Cristo, cujos vestígios devemos seguir, chamou de amigo o seu traidor e livremente se ofereceu aos que o crucificariam. Por isso, são nossos amigos todos os que injustamente nos infligem tribulações e angústias, vergonha e injúrias, dores e tormentos, martírio e morte. A esses devemos amar muito, pois, disse que nos infligem, temos a vida eterna (RNB 22,1-4).

1.2. Para amar o inimigo é preciso odiar a si mesmo

Eis, pois, o princípio da nova ordem, do novo ordenamento da Humanidade, o tão falado novo céu, nova terra, de São João (Cf. Ap 21). Há, porém, uma exigência para que ele aconteça: odiar o pai, a mãe ... e a própria vida (Cf. Lc 14,25-27). São Francisco, em vez de “própria vida”, fala assim: *E tenhamos em ódio nosso corpo com seus vícios e pecados; pois, quando o corpo vive carnalmente, o diabo quer nos tirar o amor de Jesus Cristo e a vida eterna e perder-se a si mesmo com todos no inferno. Pois, por nossa culpa, somos fêtidos, míseros e contrários ao bem; prontos, porém, e voluntariosos para o mal* (RNB 22,1-6).

Quando Francisco, juntamente com os medievais, fala em corpo, não está evidentemente pensando no corpo físico-biológico, mas sim em nosso mesquinho e tirânico eu carnal, centrado em si mesmo, inimigo do grande Eu. O grande Eu, entendemos aqui, aquela nova pessoa que nasceu em nós e começou a tomar conta de nós com a graça do encontro com Cristo no Batismo e, depois, para nós franciscanos, com o vigor, o entusiasmo, a alegria da gratuidade do encontro com Francisco e do chamado à Ordem. Santo Agostinho chama esse novo Eu de “Homem interior” e São Paulo, de “Homem espiritual”, “Homem celeste”.

Nós nos denominamos seguidores de Jesus Cristo, mas, ignoramos ou não queremos fazer o que Ele ensinou e fez. Esquecemos que Ele nunca deu vez ao seu pequeno eu. Lembremos como, desde o começo de sua vida pública, a partir das famosas tentações no deserto, até seu último suspiro, nunca cedeu ao seu pequeno eu, mas sempre assumiu e fez tão só e unicamente a vontade do Pai.

Para seguir a Jesus Cristo, o discípulo precisa erguer seu corpo e carregar sua cruz, como diz São Francisco no salmo VII do Ofício da Paixão. Carregar a própria cruz significa, pois, labutar e lutar consigo mesmo, para se superar, para dizer não ao homem adâmico, carnal, exterior e velho, a fim de poder dizer sim ao homem crístico, pneumático, interior e novo. A cruz se nos apresenta inevitável, inexorável, por que a nossa cruz somos nós mesmos. Na

“Imitação de Cristo” nós lemos: *A cruz, pois, está sempre preparada, e em qualquer lugar te espera. Não lhe podes fugir, para onde quer que te voltes, pois em qualquer lugar a que fores te levarás contigo e sempre encontrarás a ti mesmo*²⁸. Mas, esse ódio ao pequeno eu se vira e se revela como o verdadeiro amor a si mesmo. Para amar o próximo, incluindo nisso o inimigo, é preciso odiar a si mesmo, isto é: é preciso amar-se a si mesmo, dando-se para si mesmo uma medida muito maior do que aquela de nosso pequeno e tirânico eu, isto é, dando a si mesmo a medida do Grande Eu (do homem interior, novo, pneumático, crístico).

1.3. O Lava-pés como exemplo e lição

Antes de partir, Jesus quis pôr à disposição de todos o caminho do seguimento, instituindo o novo e inédito mandamento do amor, juntamente com o mistério da Eucaristia: *“Tomai e comei, isto é o meu corpo! ... Tomai e bebei, isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança que será derramado em favor de muitos!”* (Mc 14,23-24). Jesus não diz, este é meu ideal, minha moral, minha doutrina! Ou seja, nesse pão e neste vinho santificados pela sua Palavra está Ele mesmo.

É digno de nota que, antes do anúncio desse novo mandamento (Jo 13,34), Jesus *sabendo que o Pai tinha colocado tudo em suas mãos e que de Deus tinha saído e para Deus estava voltando ... começou a lavar os pés dos discípulos* (Jo 13,3-5).

Jesus não apenas ensina, mas também exemplifica com gestos concretos e atitudes pessoais. O ato de lavar os pés era muito conhecido naquele tempo e indicava, primeiramente, a condição de submissão, humilhação e escravidão. Mas, por outras vezes, apontava, também, para o espírito de hospitalidade, de acolhida e amizade. Assim, era costume que o chefe da casa lavasse os pés de seus visitantes.

Mas, talvez, Jesus quisesse dar também a este gesto um novo sentido. Por isso, a Pedro, tomado de espanto e surpreso, Jesus diz: *“Agora não entendes o que estou fazendo; mais tarde compreenderás”* (Jo 13,7). E quando Pedro se nega terminantemente a ter os pés lavados pelo seu Mestre e Senhor, este lhe responde categoricamente: *“Se eu não te lavar não terás parte comigo”* (Jo 13,8).

A mensagem de Jesus é muito clara. Para poder tomar parte da vida, da pessoa Dele e de sua missão, de seu Reino, é necessário antes ser lavado, purificado por Ele. Essa purificação, porém, tem uma condição, ou melhor uma fonte de água pura: a Cruz. Na verdade, tudo o que Jesus faz na Quinta-feira santa, isto é, o Lava-pés, a purificação, a ceia e a entrega do novo mandato do amor, se constitui numa presencialidade real e verdadeira antecipação do que irá rea-

28 Tomás de Kempis. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 61.

lizar no dia seguinte: o sacrifício da Cruz. É pela força da Cruz que se aniquila toda inimizade, se derrubam todas as barreiras, se removem todos os obstáculos, aproximando estranhos a conhecidos e confraternizando inimigos com amigos numa única refeição, cujo pão é o próprio Corpo de Cristo. É assim que *ele estabeleceu a paz, reconciliou ambos os povos com Deus, num só corpo pela cruz e matou em si mesmo a inimizade* (Ef 2,16). É só então que acontece seu grande desejo: *ut unum sint*, isto é: *que todos sejam um* (Jo 17,21).

O Papa Francisco, na Missa da Ceia do Senhor, de 2020, fez uma importante reflexão sobre esse momento do lava-pés, em que Pedro tem dificuldade de deixar o Senhor lavar-lhe os pés:

O serviço: procedimento que é condição para entrar no Reino dos Céus. Servir, sim; servir a todos. Mas, o Senhor, na troca de palavras que teve com Pedro (Cf. Jo 13, 6-9), faz-lhe compreender que, para entrar no Reino dos Céus, devemos deixar que o Senhor nos sirva, que o Servo de Deus seja nosso servo. E isso é difícil de compreender. Se não deixo que o Senhor seja o meu servo, que o Senhor me lave, me faça crescer, me perdoe, não entrarei no Reino dos Céus”²⁹

Conclusão

Nunca é demais insistir: o novo mandamento do amor não é competência do homem, mas graça que nasce e jorra da Cruz de Cristo, como a água viva, fecundante e purificadora jorra da fonte. Amar como Ele ama é sacrifício, ou seja, uma obra sacra, um fazer sagrado e divino: o mistério operante do próprio Deus de Jesus Cristo. É isso que sempre de novo precisamos compreender para que nosso amor de cristãos não se perca nem se desvie em desejos vãos e projetos inócuos, carregados de nossas subjetividades e de mundanismos espirituais (Cf. EG 93). É graça que Cristo nos merece por lavar-nos inteiramente de nosso egoísmo com a pureza de seu amor, capaz de ir até o derramamento de sua última gota de sangue, na Cruz.

2. Eucaristia, nossa vida - nossa vida, nossa Eucaristia

Além do mandamento do Amor, Jesus na Última Ceia entrega a seus discípulos o memorial de sua Paixão. É o que nos assegura São Paulo por duas vezes no trecho da sua Carta aos Coríntios, lido hoje. Depois de anunciar que Cristo, na Última Ceia, através de seu Corpo e de seu Sangue dados por

²⁹ Acesso em 25 de abril de 2020: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200409_omelia-coenadomini.html.

nós, inaugura a nova Páscoa, repete por duas vezes a ordem de Jesus: *Fazei isto em minha memória* (1Cor 11,24-25). E conclui: *Assim, de fato, todas as vezes, que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, estareis proclamando a morte do Senhor, até que Ele venha* (1Cor 11,26).

Na mesma Missa, referida acima, o Papa Francisco dizia:

O Senhor quer ficar conosco na Eucaristia, e nós tornamo-nos tabernáculos permanentes do Senhor. Trazemos conosco o Senhor, a ponto de Ele próprio nos dizer que, se não comermos o seu Corpo e não bebermos o seu Sangue, não entraremos no Reino dos Céus. Este é o mistério do Pão e do Vinho, do Senhor conosco, em nós, dentro de nós³⁰.

2.1. A Eucaristia na origem da Igreja e da Ordem Franciscana

Assim, pode-se e deve-se dizer da Eucaristia o que a tradição da Igreja diz de toda a Liturgia: *é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte de onde emana toda a sua força* (SC 10).

Quem compreendeu o profundo significado desse memorial foi São Francisco. A Eucaristia está para ele e para os primitivos frades – para a Ordem, enfim – como a fonte está para o rio. De fato, como a Igreja nasceu da Eucaristia, na Última Ceia, também a Ordem nasceu desse mistério. Pois, foi durante a Missa, na igreja da Porciúncula que, Francisco e seus dois primeiros companheiros – desejosos de saber como seguir Jesus Cristo crucificado - ouviram o anúncio que Jesus fez aos Apóstolos: que deviam observar seu Evangelho, indo pelo mundo sem nada de próprio, desprendidos de tudo a fim de anunciar a Paz e o Reino de Deus (Cf. LTC 26).

Foi então que Francisco, exultante de alegria, levantando-se, cheio de júbilo, exclamou: *“É isso o que eu quero, é isso o que eu procuro, é isso o que eu desejo fazer com todas as fibras do coração!”* (1C 22). E, depois, voltando-se para os dois companheiros, acrescentou: *“Irmãos, esta é a vida e a nossa Regra e a de todos que quiserem juntar-se à nossa companhia. Ide, pois, e realizai plenamente como ouvistes”* (LTC 29). Portanto, assim como outrora, da Última Ceia (Missa) nasceu a Igreja apostólica, agora da mesma Ceia (Missa) nasceu a Ordem seráfica.

Acerca da primeira, temos, por exemplo, este testemunho de Plínio, o jovem governador romano da Bitínia, na Ásia Menor. No ano 111, da nossa era, escrevia: *Os cristãos estão habituados a se reunirem em determinado dia, antes do nascer do sol, para cantar um cântico a Cristo que eles têm como Deus. De tarde, se reúnem de novo em uma ceia em comum em favor dos mais pobres, chamada ágape* (Epístola a Trajano 10,96).

30 Idem, ibidem.

Também, em relação à nossa Ordem, os testemunhos referentes à Missa como a alma, o coração, a regência, o sentimento maior do dia a dia daquela primitiva geração de frades, são muito frequentes. Vejamos apenas este, referente a Francisco:

Do mais profundo de todo o seu ser, ardia com fervor para com o sacramento do Corpo do Senhor, pois ficava absolutamente estupefato diante de tão cara condescendência e de tão digna caridade. Achava que era um desprezo muito grande não assistir, pelo menos, a uma Missa cada dia, se pudesse. Comungava com frequência e com tamanha devoção que tornava devotos também os outros. Como tinha toda reverência para com aquilo que se deve reverenciar, oferecia o sacrifício de todos os seus membros e, ao receber o Cordeiro imolado, imolava o espírito com aquele fogo que sempre ardia no altar do coração (2C 201).

2.2. A Eucaristia como Regra e Vida de nosso cotidiano

Por isso, também, na Igreja primitiva a Eucaristia sempre foi colocada como o ato primeiro e mais significativo dos primeiros cristãos. Era ao seu redor que nasciam e floresciam as primeiras comunidades de fiéis. Surpreendentemente, o mesmo se dá treze séculos mais tarde com São Francisco e seus seguidores. A Eucaristia era a Regra, o princípio, que animava, orientava e formava aqueles frades no seu dia a dia tanto na vida fraterna como na vida apostólica. Conta-se, por exemplo, que Frei Egídio partia para suas lides diárias somente depois de ter ouvido a Missa. Certo dia, depois de ter levado lenha para uma senhora, essa quis pagar-lhe mais do que o combinado porque descobrira que ele era frade. Ele, então, disse: *‘Não quero que me vença a avariza!’ E assim, não só recusou o que ela queria dar-lhe, mas até deixou-lhe a metade do preço combinado* (VE 11).

E essa é a fé do nosso povo, como se pode ver neste canto tão conhecido: “As lições que melhor educam, na Eucaristia é que nos dais”. A esse respeito, nos lembramos ainda de um fato marcante de nossa infância. O pai de uma família vizinha fora a pé à Missa fazer a primeira sexta-feira do mês na Igreja distante três quilômetros. Na volta, próximo de casa, foi atacado e agredido violentamente por outro vizinho. O motivo era desavenças por causa de animais que haviam invadido as terras e estragado as plantações. Perguntado pela esposa e filhos porque não reagira, não se defendera, respondeu: “Não podia, pois estava voltando da Missa, da comunhão”.

De fato, toda a vida de Francisco, no seu dia a dia, foi uma vida vivida no júbilo, no vigor e no espírito da Missa, isto é, da missão evangélica. Lembre-

mos aquela pérola de oração que inventou a fim de, com ela recordar sempre de novo seu encontro com o seu Senhor: *Nós vos adoramos...* Lembremos ainda que, a exemplo do Senhor, também ele, na véspera de sua partida para o Pai, quis ouvir o Evangelho da Última Ceia (1C 110).

Para Francisco, portanto, a Eucaristia não era uma devoção da piedade particular, onde ele podia estar sozinho diante de Deus, desejando e procurando satisfazer-se em consolações pessoais; não era somente um ato litúrgico, onde Cristo se torna presente para ser por nós adorado e honrado. Era, antes, a presença real, viva e concreta de Cristo com seu ardente desejo de amar-nos até o extremo. Daí, sua comovente exortação aos seus Irmãos:

Pasme o homem todo, estremeça o mundo inteiro e exulte o Céu, quando, sobre o altar, na mão do sacerdote, está ‘o Cristo, o Filho do Deus vivo!’ Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó humildade sublime! Ó sublimidade humilde! O Senhor do universo, o Deus e o Filho de Deus, assim se humilha e se oculta sob a módica fórmula de pão para a nossa salvação! Vede, Irmãos, a humildade de Deus e ‘derramai diante Dele os vossos corações; humilhai-vos também vós para que sejais exaltados’ por Ele (CO 26-28).

2.3. Eucaristia, último degrau do mistério da Cruz

Como e quão longe estamos nós desse sentimento! Diante de um Deus que não apenas se deixa, mas também pede, ordena à sua criatura que o espolhe, que o coma; que se abaixa a modo de servo e escravo para lavar-lhe os pés, que a ama ao ponto de morrer na cruz por ela, sim, tudo isso não nos espanta, não nos estremece, não nos engasga mais!

Se antes, o Filho de Deus não se envergonhara de assumir e viver nossa condição humana, finita, limitada, vil e pecadora – tornando-se um desconhecido e menosprezado nazareno - agora quer ir mais longe. Para levar sua Paixão a todos os homens de todos os tempos, bem como a todas as criaturas, também às mais ínfimas, como um grãozinho de areia, transubstancia-se num pedaço de pão e num pouco de vinho; vira “matéria”, a realidade mais baixa ou vil entre todas as criaturas, a menos poderosa e expressiva, mas, também, a mais obediente e disponível para que pudesse ser recebido. Que se transformasse pelo menos numa flor, numa pomba ou, quem sabe num inocente cordeirinho! Mas, não! Se outrora viera como criança, como um nazareno, como Cruz, agora vem como pão e vinho. a fim de poder ser tomado e comido.

Compreende-se, então, a convocação de São Francisco:

Ó filhos dos homens, até quando tereis o coração pesado? Por que não reconheceis a verdade e não ‘credes no Filho de Deus’? Eis que todos os dias, Ele se humilha, assim como quando desceu ‘do trono real’ para o útero da Virgem; cada dia, vem a nós, sob a aparência humilde; cada dia desce do “seio do Pai” sobre o altar, nas mãos do sacerdote. E como se mostrou aos Santos Apóstolos em verdadeira carne, assim, de igual modo, se mostra a nós no pão sagrado. E assim, vendo a sua carne, eles viam apenas a carne Dele, mas contemplando-O com os olhos espirituais, criam ser Ele o próprio Deus; assim também nós, vendo o pão e o vinho com os olhos corporais, vejamos e creiamos firmemente ser Dele o santíssimo corpo e sangue vivo e verdadeiro. E, desse modo, o Senhor está sempre com seus fiéis, como Ele mesmo diz: ‘Eis que estou convosco até a consumação do século’ (Ad 1,14-22).

Conclusão

Devemos reconhecer, hoje, que a Eucaristia não é mais a primeira Regra, a principal Forma de Vida do nosso dia a dia, capaz de nos libertar da busca ensimesmada do nosso pequeno eu, impedindo que cheguemos ao grande EU. Talvez, ainda não tenhamos despertado para essa grande troca ou intercâmbio, que nos é oferecido quando vamos comungar. O ministro proclama: *Eis o Corpo de Cristo!* e cada um responde *Amém!*, isto é, “Sim, Senhor!” “Eu te recebo, te quero, te acolho, te comungo para que o teu Eu, tua história, sejam meu eu, minha história; sim, te comungando, estou comungando a nova humanidade, a nova criação; te comungando estou e quero assumir tua missão, tua nova humanidade, tua nova criação em mim, em todos e em tudo!”

3. Do ministério sacerdotal

Além do mistério do novo mandamento do seu Amor e do seu Corpo e Sangue, na sua despedida, Jesus também instituiu o mistério, o sacramento do sacerdócio ministerial, ordenando seus Apóstolos a ser pastores, ministros e guardiães do novo Povo de Deus.

3.1. Nos sacerdotes, a nova Cruz de Cristo

São Francisco, de novo, como sempre, também aqui, é surpreendente. Em seu Testamento, por exemplo, fala em *sacerdotes pobrezinhos* (T 7).

A quem estaria se referindo? Aos membros do baixo clero, bastante numeroso em seu tempo? Talvez. Mas, provavelmente, esteja vendo muitos sa-

cerdotes que, naquela época, levavam uma vida irregular, amancebados, medidos em negócios desonestos, falcatruas, etc. Mas, então, por que os chama de pobrezinhos e não de mercenários? No contexto da frase encontramos a resposta: *O senhor me deu tal fé nos sacerdotes...* (idem).

“Tal”, aqui, além de significar uma qualificação, diz também intensidade e medida, equivalendo, pois, a “tanta”, imensa, sem medida. E sua reflexão acerca desse mistério continua de modo surpreendente. Basta conferir, de novo seu Testamento (Cf. T 6-11). Mas, aqui, para nosso assunto, é suficiente esta conclusão: *E neles não quero considerar pecado, porque neles diviso somente o Filho de Deus* (T 9).

Divisar significa ver em separado, distinguir. Ou seja, o atingimento de Francisco pela presença do mistério do Senhor, na pessoa do sacerdote, é tão diligente, limpa, cristalina e profunda que nele não consegue *considerar pecado*. Considerar é uma maneira de olhar que vê e enxerga longe, fundo; um ver que vai para além das aparências; um olhar que procura ver, discernir, contemplar a essência, o coração, e que, por isso, ignora todo o resto, tudo o que não venha ou não pertença ao caso. É, por exemplo, o olhar do bom e experiente garimpeiro que vai além do olhar dos ignorantes e inábeis consumidores; o olhar do bom educador ou confessor, que procura ver o coração do educando ou do penitente. Não importa, para eles, que a pedra preciosa esteja no meio da lama ou do estrume; que o educando ou pecador cometa erros e falhas. Seu olhar limpo vê a bondade originária. Dessa visão é que surgem para Francisco algumas conclusões e atitudes lógicas e arrojadas como estas, testemunhadas em seu Testamento:

- *Mesmo se me perseguirem, quero recorrer a eles;*
- *Não quero jamais pregar para além da vontade deles;*
- *Neles só quero ver o santíssimo Corpo e Sangue do Senhor, que só eles recebem e administram;*
- *E esses santíssimos mistérios quero honrar e venerar acima de todas as coisas...*

3.2. No sacerdócio de Cristo, a cruz dos sacerdotes

Mas, além desse argumento, profundamente ligado à pessoa de Cristo pobre e crucificado, que “tem” que viver na pessoa do sacerdote decadente, Francisco, talvez, esteja também pensando e vendo a vida, a missão dura, difícil e angustiante desses sacerdotes que ou quando, além de carregar o peso dos pecados dos fiéis, de sua Igreja, do seu rebanho a eles confiado, têm de carregar a vergonha, a ignomínia de seus próprios pecados. Sim, como, nestes casos, é duro e doloroso para um coração que faz a experiência de ser o querido, o amado, o consagrado de Deus e por Deus, proclamar *Introibo ad altare*

Dei, isto é: Vou entrar no altar, no santuário de Deus, ou ainda, fazendo a vez Dele, exclamar: Isto é o meu Corpo! Isto é o meu Sangue! Tomai e comei! Tomai e bebei!

Por isso, a expressão “pobrezinhos”, agora, brota de seu coração como sentimento de uma mãe que, cheia de dó e compaixão, diante de um filho, já adulto e doente ou perdido nas drogas, não tem outra coisa a fazer senão exclamar: “pobrezinho!”

Vale a pena ouvir, a respeito desse sentimento, o relato de Estêvão de Bourbon:

Ouvi, ainda, que o Bem-aventurado Francisco, ao entrar em certa vila na Lombardia e ali se espalhasse a fama de sua santidade, um herege, julgando-o um homem simplório e querendo confirmar sua seita e seus adeptos que para aí haviam ocorrido, ao ver o sacerdote da vila aproximando-se, gritou bem alto: ‘Olha, bom homem, o que dizes deste sacerdote que cuida desta paróquia e, no entanto, mantém uma concubina, ficando claro a todos que ele está cheio de pecados? Pode, por acaso, ser puro o que ele trata e administra com suas mãos?’

Percebendo a malícia do herege, o Santo perguntou: ‘É do sacerdote desta vila que dizeis tais coisas?’ Como respondesse que sim, Francisco dobrou os joelhos no lodo e beijando as mãos do sacerdote disse: ‘Estas mãos tocaram o meu Senhor. Seja o que for, nada pode tornar imundo o Senhor ou diminuir-Lhe a virtude. Em honra do meu Senhor, eu honro o seu ministro. Para ele pode ser mau, para mim, no entanto, é bom’. Diante disso, os hereges ficaram completamente confundidos (TM 14,10-14).

O mesmo sentimento, fraterno, mas rigoroso, ele o manifesta em sua Carta a toda a Ordem, dirigindo-se então e explicitamente a todos os sacerdotes:

Ouvi, Irmãos meus: Se a Bem-aventurada Virgem é honrada, como é digno, por ter trazido no seu santíssimo útero o próprio Filho de Deus; se o Bem-aventurado Batista estremeceu e não ousou tocar a santa cabeça de Deus; se o sepulcro no qual ficou por algum tempo é venerado, como deve ser santo, justo e digno aquele que ‘toma nas mãos’, recebe na boca e no coração e dá o Senhor aos outros para tomar, o qual já não mais morrerá, mas viverá glorificado na eternidade e a quem os anjos desejam contemplar (CO 21-22).

E, seguindo, um pouco além, exorta:

Vede a vossa dignidade, irmãos sacerdotes! Sede santos porque Ele é Santo! E, como o Senhor Deus vos honrou acima de todos, por causa deste ministério, assim também vós, amai-O, reverenciái-O e honrai-O. É uma grande miséria e uma lamentável fraqueza, quando O tendes assim presente, e vós cuidais de outra coisa em todo o mundo. (CO 23-25).

Conclusão

A fé nos “sacerdotes pobrezinhos” levava Francisco a expressar um dos mais nobres e fecundos sentimentos humanos: a compaixão, a dor, vertida, às vezes, em prantos e lágrimas. Sim, diante de um Filho de Deus que se faz e quer ser Filho do homem a fim de comungar da alegria de nossa fragilidade, como outrora Pedro, Francisco chora o amor que não é amado.

Talvez seja essa uma das lições, profundamente evangélica e franciscana, que nós hoje precisamos aprender, de novo. Não importa (!?) que neguemos nosso Mestre e Senhor, fato quase sempre inevitável, devido nossa fragilidade. Importa, sim, que o lamentemos com lágrimas e prantos que brotam da experiência de um coração tocado por um mistério tão gracioso e inaudito.

Assim, os pastores da Igreja são aceitos e reconhecidos como tais não por seus atos heroicos ou por serem santos, mas justamente porque não têm a pretensão de sê-lo; porque estão dispostos a reconhecer sua fraqueza na confissão da própria fé. E se, muitas vezes, os pastores da Igreja não são aceitos é justamente porque não são capazes de se humilhar para reconhecer que erraram e que continuam pecadores.



Sexta-Feira da Paixão do Senhor

Leitura: Jo 18,1-19,42

Tema-mensagem: Eis o Homem: Jesus Cristo crucificado

Introdução

Nossas reflexões, para a celebração do mistério de hoje, o maior de todos, vão se ater apenas a três pontos, a nosso ver, os mais significativos, da Paixão segundo São João.

A exemplo da Igreja que, através do celebrante, inicia a celebração desse mistério prostrando-se por terra, iniciemos, também nós, com esse sentimento de São Francisco:

Ó Senhor meu Jesus Cristo, duas graças te peço que me faças antes que eu morra: a primeira é que em vida eu sinta na alma e no corpo, quanto for possível, aquela dor que tu, doce Jesus, suportaste na hora da tua acerbíssima Paixão; a segunda é que eu sinta no meu coração, quanto for possível, aquele excessivo amor do qual tu, Filho de Deus, estavas inflamado para de boa vontade suportar tal Paixão por nós pecadores (CCE 3,38).

1. Ecce Homo

Já, quase no final da Paixão, depois de ser submetido às mais atrozes exprobrações, Jesus é exposto aos olhos de todos como um espetáculo ridículo: um rei cujo diadema é uma coroa de espinhos e cujo manto é um farrapo purpúreo, embebido em sangue. A cena termina com a famosa exclamação de Pilatos: *Idou ho anthros! – Ecce Homo! (Eis o homem!)*.

Meditando sobre essa passagem, D. Bonhoeffer diz:

A figura do reconciliador, do Deus-homem Jesus Cristo, se põe ao centro entre Deus e o mundo, entra no meio de todo evento. Nela se desvela o mistério do mundo, assim como nela se desvela o mistério de Deus. Nenhum abismo do mal pode permanecer escondido àquele mediante o qual o mundo é reconciliado com Deus. E o abismo do amor de Deus abraça também a impiedade mais abissal do mundo. Com uma eversão incompreensível de todo modo justo e pio de pensar **Deus se declara culpado em relação ao mundo** e cancela assim a culpa do mundo. Deus mes-

mo empreende o caminho humilhante da reconciliação e absolve assim o mundo; ele quer ser culpado da nossa culpa, toma sobre si o castigo e o sofrimento que a culpa nos jogou sobre as nossas costas. Deus responde pela impiedade, o amor pelo ódio, o santo pelo pecador. Agora não existe nenhuma impiedade, nenhum ódio, nenhum pecado que Deus não tenha tomado sobre si, sofrido e expiado. Agora não existe mais nenhuma realidade, nenhum mundo, que não esteja reconciliado e em paz com Deus. Isso, Deus o fez no seu dileto filho Jesus Cristo. *Ecce homo!*

A fúria dos que recusam Jesus não se aplaca. A acusação muda do plano político – de sedição ou subversão – para o plano religioso – de blasfêmia, pois ele se faz Filho de Deus. A blasfêmia merecia pena de morte (Cf. Lv 24,16). Diante desta acusação, Pilatos fica assustado. É como se pressentisse que algo de estranho – de extraordinário, inaudito – fora da ordem humana habitual estivesse em jogo: o sacrifício de alguém que se declara Filho de Deus.

2. Junto da Cruz está, de pé, sua mãe, Maria

Junto da cruz de Jesus, estavam de pé, sua mãe, a irmã da sua mãe, Maria de Cléofas e Maria Madalena... e o discípulo que ele amava (Jo 19,22).

É a Igreja do Amor, que permanece de pé, na Hora de Jesus. A Hora, a que Jesus se referia, ao falar com sua mãe em Caná, chegou (Cf. Jo 2, 4). Nessa hora, Jesus mostra solicitude pela sua mãe. Entrega-a aos cuidados do discípulo predileto. Maria estava à altura da sua dignidade de Mãe de Deus. Também ela, nessa hora, passa de mãe do Filho do Homem para a consumação de Mãe do Filho de Deus. Como tal não podia deixar de estar presente, de pé, junto da Cruz. Ela se com-forma ao Crucificado. Por isso, recebe a missão de cuidar do filho predileto de Jesus, João, a Igreja.

No famoso hino *Stabat Mater*, Frei Jacopone de Toddi, poeta franciscano, pôs em poesia a experiência de compaixão da Virgem-Mãe. Depois dele, vários musicistas compuseram melodias para esta poesia³¹:

De pé, a mãe dolorosa
junto da cruz, lacrimosa,
via o filho que pendia

Na sua alma agoniada
enterrou-se a dura espada
de uma antiga profecia

31 Acesso em 28 de abril de 2020: <https://www.stabatmater.info/portugese/>

Oh! Quão triste e quão aflita
entre todas, Mãe bendita,
que só tinha aquele Filho

Quanta angústia não sentia,
Mãe piedosa quando via
as penas do Filho seu!

Quem não chora vendo isso:
contemplando a Mãe de Cristo
num tão enorme suplício?

Quem haverá que resista
se a Mãe assim se contrista
padecendo com seu Filho?

Por culpa de sua gente
Vira Jesus inocente
ao flagelo submetido

Vê agora o seu amado
pelo Pai abandonado,
entregando seu espírito

Faze, ó Mãe, fonte de amor
que eu sinta o espinho
da dor para contigo chorar

Faze arder meu coração
do Cristo Deus na paixão
para que o possa agradar

Ó Santa Mãe dá-me isto,
trazer as chagas de Cristo
gravadas no coração.

Do teu filho que por mim
entrega-se a morte assim,
divide as penas comigo.

Oh! Dá-me enquanto viver
com Cristo compadecer
chorando sempre contigo.

Junto à cruz eu quero estar
quero o meu pranto juntar
às lágrimas que derramas

Virgem, que às virgens aclara,
não sejas comigo avara
dá-me contigo chorar.

Traga em mim do Cristo a morte,
da Paixão seja consorte,
suas chagas celebrando.

Por elas seja eu rasgado,
pela cruz inebriado,
pelo sangue de teu Filho!

No Julgamento consegue
que às chamas não seja entregue
quem por ti é defendido

Quando do mundo eu partir
dai-me ó Cristo conseguir,
por vossa Mãe a vitória

Quando meu corpo morrer
possa a alma merecer
do Reino Celeste a glória. Amém.

3. Tudo está consumado

A última palavra de Jesus na Cruz é: *“tudo está consumado”* (Jo 19,30). A entrega, a oferenda de si, estava completa. Ele se doou totalmente. Inclinando a cabeça, entregou o Espírito. João não diz que ele expirou e então inclinou a cabeça. Diz o contrário: ele inclinou reverentemente a cabeça e expirou. Ele tinha o poder de dar a vida e de retomá-la. Na sua morte coincidem a necessidade da vontade do Pai e a soberana liberdade do Filho de se doar, de se entregar, de dar a vida, pela expiação do pecado do mundo. A morte de Cristo na Cruz não é nenhum assassinato, nenhuma tragédia ou fatalidade nem mesmo um ato heroico, mas um sacrifício no verdadeiro sentido da palavra: uma **obra sagrada de amor**, uma doação absoluta, total e radical. É esse sacrifício que implanta, funda o Reino de Deus sobre a terra. Assim, *um novo povo será conquistado para a obediência da fé e para o perfazer da caridade, conforme o Canto do Servo proclamado na primeira leitura* (Cf. Is 52,13-53.12).

Jesus entregou o Espírito. Podemos interpretar: ele expirou. Mas, também podemos entender que o dom do Espírito – que é o Dom de Deus para todos os homens de todos os povos da terra, aludido no diálogo de Jesus com

a Samaritana (Cf. Jo 4,10) – emana do Crucificado. Sinais desse dom são a água e o sangue que irrompem do lado de Cristo. Como Eva, a primeira mãe, surgiu do costado de Adão, agora, do costado do Cristo crucificado e morto, nasce a Igreja, a mãe da nova Humanidade.

As pernas de Jesus não foram quebradas. Cumpre-se, assim, nele, o desígnio previsto para o Cordeiro Pascal (Cf. Ex. 12,46), o Cordeiro, o Traspasado (Cf. Zc 12,10) que dá início ao novo Céu e a nova Terra.

No sepultamento, atuam José de Arimateia e Nicodemos, dois justos entre os judeus, que tendiam a se tornar discípulos de Jesus. O grão de trigo é escondido no seio da terra da qual virá a nova vida, que celebraremos na vigília pascal.

Conclusão

Nosso Doutor evangélico, Santo Antônio, que, a exemplo de São Francisco, carregava com muita devoção, a memória da Paixão de seu Senhor, assim se expressa acerca do mistério de hoje:

Cristo, que é tua vida, está suspenso diante de ti para que tu te contemples na cruz como num espelho. Aí poderás conhecer quão mortais são tuas feridas, que nenhuma medicina tem poder de sarar, senão aquela que brota do sangue do Filho de Deus. Se olhares bem, poderás dar-te conta de quão grande são tua dignidade e teu valor... Em nenhum outro lugar o homem pode melhor dar-se conta do quanto ele vale do que olhando-se no espelho da Cruz (*Sermones dominicales et Festivi* III, pp. 213-214).

Pode-se e deve-se, ainda, acrescentar que nesse espelho estamos frente a frente, cara a cara, olho no olho, com a mais alta, primeira e última vocação do homem: o máximo de empenho, até a morte e morte de Cruz, para entrar em “comunicação” com nossa origem, representada pela haste vertical e em “comunicação” com todas as demais criaturas, principalmente os homens, representados pela haste horizontal.

Acerca da importância dessa contemplação, ouçamos ainda, o que diz São Leão Magno (sec. V):

Quem realmente venera a Paixão do Senhor, deve contemplar de tal modo com os olhos do coração Jesus crucificado, que reconheça na carne do Senhor a sua própria carne. Trema a criatura perante o suplício do seu Redentor, quebrem-se as pedras dos corações infieis e saiam para fora, vencendo todos os obstáculos (Ofício das Leituras, 5ª feira da 4ª Semana da Quaresma).

Segundo o Vaticano II, toda a atividade humana precisa ser purificada pelo mistério da cruz:

Quando a hierarquia de valores é alterada e o bem com o mal são misturados, os homens e os grupos consideram somente seus próprios interesses e não os dos outros. Deixa assim o mundo de ser um lugar de verdadeira fraternidade... Por isso, se alguém quer saber de que maneira se pode superar esta situação miserável, os cristãos professam que todas as atividades humanas, constantemente ameaçadas pela soberba e amor próprio desordenado, devem ser purificadas e levadas à perfeição pela cruz e Ressurreição de Cristo (GS 37).

Por tudo isso, diz nosso Papa Francisco: *Quando caminhamos sem a Cruz, edificamos sem a Cruz ou confessamos um Cristo sem Cruz, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres cardeais, papas, mas não discípulos do Senhor!* (GE 26).

Semelhantemente, num poema composto na cela da prisão, D. Bonhoeffer assim escreveu:

Homens na sua angústia se chegam a Deus,
imploram auxílio, felicidade e pão;
que salve de doença, de culpa e de morte os seus.
Assim fazem todos, todos: cristão e pagão.
Homens se aproximam de Deus, quando Ele em dor,
acham-NO pobre, insultado, sem agasalho, sem pão.
Veem-NO por nosso pecado vencido e morto, o Senhor;
cristãos permanecem com Deus na paixão.
Deus está com todos na sua angústia e dor.
Ele dará de corpo e alma o eterno pão.
Morre por cristãos e pagãos como Salvador,
e a ambos perdoa em sua paixão³².

Mais que em outros dias ou ocasiões, hoje, a exemplo de São Francisco, é o dia *rezar e dizer simplesmente assim*:

*Nós vos adoramos, santíssimo senhor Jesus Cristo,
aqui e em todas as vossas Igrejas
que estão no mundo inteiro e vos bendizemos
porque pela vossa santa Cruz remistes o mundo* (T 4-5)

32 BONHOEFFER, D. *Resistência e submissão*. Rio de Janeiro / São Leopoldo: Editora Paz e Terra / Sinodal, 1980, p. 176-177.



Sábado Santo

Tomando o corpo de Jesus, José de Arimateia envolveu-o num lençol limpo e o sepultou em seu próprio túmulo ... Depois de rolar uma grande pedra à entrada do túmulo, retirou-se (Mt 27,59-60).

É o dia do silêncio da palavra e da palavra do silêncio!

Se o grão de trigo não morrer fica só! (Jo 12,24).

Jesus havia sido sepultado! A Palavra de Deus se calara! Um profundo silêncio cobrira e abraçara todas as coisas! Por isso, *ao fim da paixão, quando a Palavra de Deus está morta, a Igreja já não tem mais palavras* (Von Balthasar). É a “Hora” do silêncio! Aparentemente, o mistério da vida parece ter sucumbido e sido tragado pela morte. Por isso, hoje, exceto a Liturgia das Horas, a Igreja não faz nenhuma outra celebração senão guardar silêncio, pois a Palavra de Deus calou profundamente no abismo da condição humana e se deixou envolver no meio-silêncio em que a existência humana tem o seu ponto de salto. É a hora da espera do inesperado.

Por mais paradoxal que pareça, o sono da morte vem também para o novo Adão, o Príncipe e o Princípio da Vida. Desse sono nascerá a nova Eva: a Igreja, portadora de uma nova vida, Mãe da nova humanidade. Nesse Filho Unigênito, a morte infeliz, suscitada pelo egocentrismo da vontade própria do pecado, é tragada pela morte graciosa da boa vontade do amor. Na Cruz Ele entrega seu espírito ao Pai e, sepultado, desce aos infernos da condição humana. Ele, assim, se torna o segundo Adão, que não é, como o primeiro, simples alma vivente, mas espírito vivificante (1Cor 15,45). Por isso, com o Apóstolos, toda a criação exclama: *Ó morte, onde está tua vitória? Ó morte, onde está teu aguilhão?* (1Cor 15,55).

A percussão desse evento, porém, repercutirá por todo o universo. Tudo ressoará a partir da sonância que emergirá desse silêncio e dessa descida. Silêncio que, antes de ausência de palavras, significa profundo e amoroso recolhimento na quietude da atenção e escuta do mistério insondável da Vida que a tudo e a todos contém, decantado por São Francisco *como o onipotente, santíssimo, altíssimo e Sumo Deus, que é todo o bem, o sumo bem, o bem inteiro, o único bem* (LH).

Assim, do nada do abismo infernal é que irromperá a nova criação: o novo céu e a nova terra, de que nos fala o Apóstolo Pedro (2Pd 3,13), as *coisas novas* de que nos falam Isaías (Is 65,17) e o Apocalipse (Ap. 21,1). O descenso

de Cristo aos infernos é seu triunfo sobre a segunda morte. É a morte da morte segunda, o triunfo sobre o desespero infernal. O *status exinanitionis* (estado de exinanição) se revela, pois, como *status exaltationis* (estado de exaltação).

Do mesmo modo, para o discípulo de Cristo, não há outro caminho para ascender a Deus a não ser descendo para o profundo silêncio do nada, do vazio de cada coisa, a não ser seguindo o caminho da humildade, isto é, o descenso até o abismo da própria condição de homem mortal e pecador, que, num salto, deixa para trás o desespero e se confia ao Cristo como Libertador e Salvador, como Vida da própria vida, como a Ressurreição em pessoa.

Conclusão

Sábado Santo, dia do recolhimento, do silêncio, dia para descer humildemente, mas também valentemente, até ao mais profundo abismo de nossos infernos, e de lá saltar para os braços do Pai, porque, agora, é lá que mora o Filho de Deus; no qual o Princípio da vida nos espera para associar-nos à sua vitória, à sua Ressurreição.

Quem viveu intensa e jubilosamente esse mistério foi São Francisco. Ouvindo que a hora de sua morte estava para chegar, *estendeu as mãos para o Senhor com grande devoção e respeito, exclamando com renovada alegria de corpo e de alma: 'Seja bem-vinda, minha irmã morte!'* (Espelho da Perfeição 123). E, assim, *entregou sua santa alma nas mãos do Senhor, a quem havia amado com todo seu coração, com toda sua alma, com todas as suas forças, com ardente desejo e com todo seu afeto. Seguindo-O com toda perfeição, correndo atrás de suas pegadas, chegou, por fim, à glória Daquela que reina com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém* (EP124).

Enfim:

Uma grande Palavra nasce de um grande silêncio!

Como também:

Um grande silêncio nasce de uma grande palavra!

Mas, ambos têm que passar pelo mistério da morte!



Vigília Pascal

Introdução

A maior festa da Igreja – a Páscoa do Senhor – se abre com uma Vigília que poderia ser chamada, também, de “Vigilância”: a “Vigilância pascal”. A vigilância da passagem, do êxodo, da visita do seu Senhor e Esposo. Ora, sempre que aguardamos alguém de suma importância, precisamos, como Ele mesmo disse, *andar com as cinturas cingidas, as lâmpadas acesas e os calçados nos pés* (Lc 12,35).

Para criar esse estado de vigilância contínua, pois o Ressuscitado, o novo esposo da humanidade, pode chegar a nós e passar à hora em que menos esperamos, é que a Igreja se reúne nessa noite santa. E, para que seja ou façam uma vigilância adequada, jubilosos, os fiéis ouvem e meditam as obras admiráveis das inúmeras e maravilhosas passagens de Deus na história da humanidade e renovam suas promessas batismais.

1. O grande anúncio da exultação universal

A Vigília começa fora da Igreja com a bênção do fogo novo, o fogo do *desejo* (Cf. Oração), da Paixão de Deus, pelos seus amados filhos, revelado em seu Filho muito querido que deu sua vida por nós morrendo na Cruz. Por isso, à bênção do fogo segue a preparação do círio, símbolo maior de todo o tempo pascal. Para configurar Cristo e seu mistério pascal o sacerdote incide no círio os traços da Cruz com cinco cravos, recordando as cinco chagas, com estes expressivos anúncios: *Cristo ontem e hoje, Princípio e Fim, Alfa* (primeira letra do alfabeto grego) e *Ômega* (última letra do alfabeto grego), *a Ele o tempo e a eternidade, a glória e o poder pelos séculos sem fim*.

Tem início, então, a procissão. Nesta noite santa, a Igreja, que entra no templo escurecido, faz a experiência de passar da escuridão das trevas do pecado, da perdição, para a alegria e o júbilo de poder participar do fulgor da graça da Ressurreição do Senhor, da graça do encontro, da salvação. Como outrora no êxodo a nuvem misteriosa ia à frente, guiando e conduzindo o povo que marchava para a Terra prometida, agora a luz luminosa desse círio, que é Cristo, vai à frente, guiando, conduzindo o novo povo de Deus, a Igreja, para a nova Terra prometida, o Paraíso celeste. É o novo sentido de nossa vida e de toda a humanidade irrompendo do sepulcro da escuridão da morte; morte de uma vida dominada pela tristeza do isolamento individualista, egocêntrico para a alegria da “comunicação” com Deus e com todas as suas criaturas. É a

noite em que a humanidade, perdida e isolada, ensimesmada, de Adão e Eva, começa a experiência da familiaridade universal, do Céu e da Terra, de sua pertença à Casa comum recriada por Deus através de seu Filho Jesus Cristo crucificado-ressuscitado.

A abertura da Vigília se conclui com o famoso e não menos maravilhoso canto do *Exultet*. A Igreja canta, proclama alto e bom som que em vão teríamos nascido, se não fôssemos redimidos. Admirável é a misericórdia do Pai, inestimável seu amor, sua caridade: para salvar os servos, entregou à morte o Filho. Coisa nunca vista! Na alegria e na luz desta noite até mesmo o pecado aparece como necessário e a culpa como ditosa: *Ó feliz culpa que nos mereceu tal e tão grande Redentor! Verdadeiramente bem-aventurada é esta noite, pois somente ela mereceu saber a hora, em que Cristo ressurgiu da morte (Exultet)*.

Cristo, vencendo as forças infernais, inaugura o dia eterno, o dia da nova criação, do novo céu e da nova terra; um mundo, uma humanidade de irmãos porque se assenta num Deus que, para ser “Deus conosco”, não poupou seu próprio Filho. A benção do fogo novo e da água, nessa Liturgia, celebra a novidade e o frescor da nova humanidade e do novo céu e da nova terra. Jesus Cristo Ressuscitado, que é o mesmo Crucificado – ele traz as chagas em seu corpo como sinais indeléveis dessa identidade (de que o Crucificado é o Ressuscitado e o Ressuscitado é o Crucificado) – é o Homem novo da nova criação:

Ecce homo (eis o homem) – olhai o homem assumido por Deus, julgado por Deus, por Ele despertado a nova vida, olhai o Ressuscitado! O sim de Deus ao homem chegou à sua meta através do juízo e a morte. O amor de Deus pelo homem foi mais forte do que a morte. Um homem novo, uma nova vida, uma nova criatura foi criada pelo milagre de Deus. ‘A vida recobrou a vitória, venceu a morte!’ O amor de Deus se tornou morte da morte e vida do homem. Em Jesus encarnado, crucificado e ressuscitado a humanidade se tornou nova. O que aconteceu a Cristo aconteceu a todos, porque ele era o homem. O homem novo foi criado³³.

2. Liturgia da Palavra

Em nenhuma outra celebração, a Igreja se mostra tão pródiga em proclamar as maravilhas do Senhor como na celebração desta noite. Além do Evangelho, oito leituras, sete do Antigo e uma do Novo Testamento, vão lançando

33 BONHOEFFER, D. *Lo straordinario si fa evento: croce e risurrezione*. Brescia: Queriniana, 1997, p. 75.

aos poucos sementes da Boa Notícia da nova Vida – o Evangelho - na mente dos fiéis e no mundo inteiro. As leituras do Antigo Testamento podem ser agrupadas assim: as três primeiras tratam da primeira criação do homem, do primeiro Povo de Deus e da primeira aliança de Deus com seu Povo eleito. As quatro seguintes testemunham a fidelidade de Deus diante das contínuas e inúmeras infidelidades de seu Povo.

Leituras do Antigo Testamento

a. A primeira criação (Gn 1,1-2,2)

As grandes leituras desta noite começam com a mais importante de todas as páginas do Antigo Testamento: a narrativa da Criação. Dois insistentes testemunhos, a modo de um leitmotiv de uma grande sinfonia ou epopeia, passam todos os versos deste capítulo. Primeiramente, por oito vezes, o autor testemunha: *Deus disse: 'Faça-se!'* e as criaturas e o próprio homem foram aparecendo do nada. A cada vez, depois de cada criação, outro testemunho: *E Deus viu que era bom*. E, quando termina, com a criação do homem, a admiração do próprio Deus chega ao auge: *E viu que era muito bom* (Gn 1,31).

O objetivo da narrativa é muito claro. Primeiramente proclamar que o mundo, a criação toda, portanto, não é fruto do acaso, muito menos do homem ou de possíveis leis da natureza, mas de uma ação bem pensada, desejada querida e amada por Deus. Tudo o que existe, ainda que seja um grãozinho de areia só, vem do e está no pensamento de Deus.

Em segundo lugar, é também para proclamar que nosso Deus é como fonte. Como essa, cuja essência é jorrar e fazer aparecer a água pura, cristalina e fecunda, assim é também nosso Deus: de sua essência ou identidade todas as criaturas nascem limpas, puras, boas. Se alguma maldade aparecer não pode jamais ser atribuída a Deus, mas aos homens.

Assim, desde o princípio, no coração de cada criatura, principalmente do homem, está gravada a imagem de um Criador que a ama. Esta marca deve, pois servir, também, como seta que dá o rumo, o sentido de toda sua história, como primeiro e único ato de fé do homem: crer que somos desejados, amados, criados por Deus e que tudo o que sai deste seu desejo é bom porque Ele é bom.

Mas, apesar de tudo isso, na Oração que segue, a Igreja pede *a graça de compreender* que a nova criação inaugurada pelo sacrifício de Cristo na Cruz ultrapassa em grandeza a criação do mundo realizada no princípio (Cf. Oração). Ou seja, o tão grandioso e admirável espetáculo da primeira criação é apenas sombra, esboço da nova criação inaugurada pelo sacrifício de Cristo.

Meditando sobre o elo misterioso entre a criação e a Ressurreição, D. Bonhoeffer escreveu:

O Deus da criação, do princípio sem condições, é o Deus da Ressurreição. Desde o princípio o mundo está sob o signo da Ressurreição de Cristo dos mortos. Antes, porque sabemos da Ressurreição, sabemos da criação de Deus no princípio, do fato de que Deus cria desde o nada. O Jesus Cristo morto da sexta-feira santa – o Senhor ressuscitado do Domingo de Páscoa: eis a criação do nada, a criação a partir do princípio. A morte de Cristo não é aquilo que tornou possível a sua Ressurreição; ao contrário era a impossibilidade, o nada como tal, o *nihil negativum* (nada negativo). Não há alguma passagem, alguma continuidade entre o Cristo morto e ressuscitado, se não a liberdade de Deus que cria no princípio a sua obra desde o nada. Se fosse possível reforçar ainda o *nihil negativum*, se deveria dizer, diante da Ressurreição, que com a morte de Cristo na cruz o *nihil negativum* fez irrupção em Deus mesmo – Oh desventura imensa, Deus morreu! – mas que ele, o princípio, está vivo, aniquila o nada e realiza a nova criação no ressurgir. É graças à sua Ressurreição que nós sabemos da criação; se de fato não tivesse ressuscitado, o criador estaria morto e não poderia dar demonstração de si; graças à Ressurreição, vice-versa, sabemos *a posteriori* que há a criação, porque ele permanece senhor do nada³⁴.

São Francisco, contemplando o inaudito espetáculo diário da primeira criação recriada, ainda mais bela e grandiosamente por Jesus Cristo, através de seu mistério salvífico da cruz, não se continha. Por isso, compôs e rezava em todas as Horas do dia e da noite os “Louvores para todas as Horas”, começando assim:

*Ó santíssimo Pai-nosso, que estás nos Céus...
Santo, santo, santo Senhor Deus todo-poderoso,
que és, que era e que virás:
E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos.*

....

*Digno é o Cordeiro, que foi imolado, de receber
a virtude e a divindade, a sabedoria e a honra,
a glória e a bênção:
E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos (LH).*

34 Bonhoeffer, D. *Lo straordinario si fa evento: croce e risurrezione*. Brescia: Queriniana, 1997, p. 86-87.

b. Da origem do primeiro Povo de Deus (Gn 22,1-18)

A segunda leitura nos leva a recordar e a celebrar o princípio do primeiro ou antigo Povo de Deus. Princípio como raiz, fonte e não apenas como dado histórico. Segundo essa leitura, o Povo de Deus nasce de um inaudito ato de fé e de obediência de Abrão ao chamado de Deus. Por isso, Abraão é posto aqui como o grande pai de todos os crentes. Isso significa que seu ato de fé deverá definir o futuro de todos aqueles que irão pertencer à sua descendência. Entre esses, o descendente maior e definitivo, será o Filho único de Deus, Jesus Cristo, prefigurado no filho único de Abraão, Isaac e, nele, todos os seus seguidores.

Por isso, na Oração que segue essa leitura, a Igreja reza: *Ó Deus, pai de todos os fiéis, vós multiplicais por toda a terra os filhos de vossa promessa...*

São Francisco, quando da visão do futuro de sua Ordem, fruto também ela desta antiga Promessa, se rejubila assim: *Vi uma enorme multidão de homens, vinda a nós e querendo viver conosco este gênero de vida e esta Regra de santa Religião... Vi que os caminhos pareciam apinhados de gente, vinda de quase todas as nações: vêm franceses, apressam-se espanhóis, correm alemães e ingleses e se adianta uma multidão enorme de outras línguas diversas (1C 27).*

c. Da graça da libertação nasce e se forma o antigo Povo de Deus (Ex 14,15-5,1)

A terceira leitura, tirada do livro do Êxodo, recorda e celebra a grande libertação dos israelitas da escravidão do Egito, denominada de êxodo, saída, ou mais precisamente de Páscoa, passagem. Israel, com essa narrativa, não pensa em apenas conservar uma simples lembrança histórica, mas expressar a nota essencial de sua auto compreensão: um Povo que foi salvo e será sempre salvo da escravidão por obra admirável e inaudita de Deus. Por isso, se compreenderá sempre como Povo de Deus. Daí, também, a conclusão: *Então, Moisés e os filhos de Israel cantaram ao Senhor este canto... (Ex 15)*

Israel sempre se considerou como nascido, formado no momento, isto é, a partir dessa intervenção especial e extraordinária de Deus: a passagem da terra estranha e da escravidão egípcia para a terra da gratuidade, da libertação e, conseqüentemente, chamado para continuar lutando por ela, sabendo que só assim completará e consumará a obra de Deus. Assim, Israel de “Não-Povo”, passou a ser Povo: Povo de Deus.

Também São Francisco, mais tarde, ao ver-se rodeado de seguidores, ele, que não passava de um humilde e pobre pecador, implorava ao seu Deus compaixão. Arrebatado em êxtase, renovado em espírito, aparecia transformado em um novo homem. *Voltou, então alegre, e disse aos irmãos: ‘Consolai-*

vos, caríssimos, e alegrai-vos no Senhor. Não vos entristeçais por parecerdes poucos nem vos desanime a minha simplicidade ou a vossa, porque, como o Senhor me mostrou na verdade, Deus nos vai fazer crescer como a maior das multidões e vai propagar-nos até os confins da Terra' (1C 28).

d. Da infidelidade da esposa e da fidelidade do esposo (Is 54,5-14)

Enquanto as três primeiras leituras fazem a memória da fé e da obediência ao chamado de Deus, como princípio do antigo Povo de Deus, as quatro que seguem, principalmente esta de Isaías, recordam a atitude, ou melhor, a resposta do Senhor à inconstância de Israel: *Podem os montes recuar e as colinas se abalar, mas a minha misericórdia não se apartará de ti, nada fará mudar a aliança da minha paz, diz o teu misericordioso Senhor (Is 54,10).*

e. Da necessidade de voltar-se sempre de novo para o Senhor (Is 55,1-11)

A quinta leitura tem como pano de fundo a situação de desgaste, de desmoralização dos israelitas, devido à sua generalizada degradação. Degradação que, por causa do longo exílio em meio aos pagãos, tem sua origem nas contínuas infidelidades à aliança de Deus. Esta situação, porém, em vez de uma vingança ou de um repúdio, encontra um Deus que, a modo de esposo fiel e amado, não cessa de implorar a Israel, sua esposa amada, para que volte o quanto antes para Ele. Exclamações como: *Vinde! Apressai-vos! Ouvi-me! Buscai o Senhor! Abandonai vossos caminhos! Voltai-vos para o Senhor!* perpassam toda essa leitura.

f. Aprender a viver da sabedoria como fonte da vida (Br 3,9-15.32-4,4)

O plano de fundo da sexta leitura continua sendo as consequências sofridas por Israel no exílio ou por causa do exílio que, por sua vez, tem origem no seu desprezo e abandono ao carinho, ao amor e à fidelidade de Deus. A pergunta que, então, o profeta se faz: *Que se passa contigo, ó Israel?* Ele mesmo dá a resposta: *Abandonaste a fonte da sabedoria!*

A partir de então, o profeta passa a uma série de exortações para que Israel volte a buscar a sabedoria, a fortaleza, a inteligência. No fim, com toda ênfase e quase explicitamente, passa a proclamar que a Sabedoria é o próprio Deus; uma Sabedoria inserida em cada uma de suas criaturas bem como no livro dos mandamentos de Deus, na sua lei dada a Moisés e que permanece para sempre. Isso para os israelitas do exílio. Para nós, esta sa-

bedoria será o Espírito Santo, que Cristo soprou sobre todas as criaturas no alto da Cruz, quando deu seu último suspiro em profunda obediência e reverência à vontade do Pai.

g. **Uma água pura e um coração novo** (Ez 36,16-17^a.18-28)

Das leituras do Antigo Testamento, a última é tirada do profeta Ezequiel. Ela vem fechar com chave de ouro o memorial da História da Salvação do Antigo Testamento. Ezequiel, como nenhum outro profeta, nos conduz para as entranhas mais profundas de Deus. Israel havia *manchado, com sua conduta e suas más ações* (Ez 36,16), a terra que o Senhor lhe havia dado, profanando seu santo nome.

Vem, então, a resposta de Jahvé. Novamente, em vez de arrasar e acabar com aquela raça, manda dizer pelo profeta: *vou mostrar a santidade do meu grande nome que profanastes no meio das nações para onde fostes* (Ez 36,23). Tudo o que, então, segue pode ser visto como belíssima visão profética da Oração do Pai Nosso, ensinada, mais tarde, por Jesus a seus discípulos.

A profecia encerra-se com a promessa de uma purificação feita por uma água pura e de um espírito novo, capaz de trocar um coração de pedra por um coração de carne. Ora, essa promessa terá sua realização plena com a vinda do Espírito Santo, doado por Jesus na Cruz e manifestado publicamente no dia de Pentecostes.

A partir de então, o convite à penitência ou conversão passa a ser a melodia que vai soar no coração de todos os fiéis até o dia de hoje. Foi a partir do vigor dessa mensagem que São Francisco e seus companheiros, por exemplo, *iam pelo mundo como 'peregrinos e forasteiros', nada levando consigo a não ser Cristo* (Atos 4).

Também hoje, essa mensagem, a mais importante de toda a revelação e de toda a História da Salvação, esquecida, por muitos séculos, não por todos, mas por uma grande parte dos cristãos, está sendo redescoberta e retomada pela Igreja, a começar pelo Vaticano II:

O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: 'Toda renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. (...) Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem «fidelidade da Igreja à própria vocação, toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo' (EG 26).

Leituras do Novo Testamento

a. Incorporados em Cristo para uma vida nova (Rm 6,3-11)

Tudo o que se anunciou no Antigo Testamento acerca do surgimento de uma nova criação, de um novo Povo de Deus, realiza-se em plenitude e definitivamente em Cristo, mais precisamente pelo seu sacrifício, pela sua fé e obediência ao Pai na Cruz e pela graça da Ressurreição que o Pai lhe concede. Neste mistério, o Pai reúne todo o passado, todo o presente e todo o futuro. Ele, o Filho do Homem e o Filho de Deus, o crucificado-ressuscitado, é o ontem, o hoje e o sempre (Cf. Hb 13,8). Nele está o segredo, o desígnio do Pai de reunir todas as coisas as do céu e as da terra (Cf. Ef 1,10). Ele é o Reino da graça, de modo que todo aquele que o aceita na fé e nas obras, incorpora-se, também ele, nesse novo Reino, nesse novo Povo de Deus, nessa nova criação. É o que vem anunciado por Paulo na sua Carta aos Romanos, proclamada nesta Vigília. Seu Corpo torna-se nosso corpo; sua alma, nossa alma; sua vida, nossa vida. *Ou ignorais, pergunta ele, que todos nós, batizados em Cristo, é na sua morte que fomos batizados?* (Rm 6,3). E conclui: *Assim, também vós, considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Jesus Cristo* (Rm 6,11).

Assim, quem está incorporado a Cristo torna-se com Ele e como Ele “senhor” e não mais escravo. Senhor, porém, com o não-poder da humildade e da inocência da cruz e não do poder soberbo do mundo. Aqui, na sabedoria do mundo, reina o poder da justiça e da lei humana do “dou para que me dêis” ou, pior ainda, a “lei” do mais forte e do opressor, enquanto que no Reino de Cristo, da Cruz, impera a norma da gratuidade absoluta. Deus, Jesus Cristo e agora o cristão são senhores, filhos, irmãos e, por isso, não obrigados a mais nada e a mais ninguém a não ser tão somente ao amor mútuo. Aqui não há pagamento, muito menos remuneração, porque a própria pertença um ao outro é sua recompensa. É a lei do amor: *O amor basta-se a si mesmo, em si e por sua causa encontra satisfação. É seu mérito, seu próprio prêmio.* (São Bernardo, Ofício das Leituras, 20 de agosto).

b. O Anjo anuncia às mulheres que o Nazareno está vivo (Mc 16,1-7)

O Evangelho para esta solenidade, nesse ano B, é tirado da narrativa de São Marcos. As mulheres, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e Salomé, que vão ao sepulcro para ungir o corpo de Jesus, são as primeiras testemunhas de que algo de extraordinário acontecera. Na aurora do Dia do Sol, elas foram surpreendidas por um raio de luz, que clareou a escuridão da história humana. O sepulcro estava vazio e um jovem, com veste branca, como mensageiro do mistério, anuncia-lhes a Boa Nova, a mensagem da Jovialidade divina: “*Não*

temais! Buscáis a Jesus, o Nazareno, o Crucificado: ressuscitou, não está aqui!” (Mc 16,6).

O centro da narrativa, porém, não está na constatação de que o sepulcro estava vazio. A fé não nasce de um sepulcro vazio, mas da graça de uma presença. Por isso, o Anjo logo acrescenta: *“Ide, dizei aos discípulos e a Pedro que ele irá à vossa frente, à Galileia. Lá o vereis como ele mesmo tinha dito!”* (Mc 16,7). O Papa Francisco, na celebração da Vigília pascal de 2020, em plena pandemia, dizia:

O Senhor precede-nos. É bom saber que caminha diante de nós, que visitou nossa vida e nossa morte para nos preceder à Galileia, isto é, no lugar que, para Ele e para seus discípulos, lembrava a vida diária, a família, o trabalho. Jesus deseja que levemos a esperança para lá, para a vida de cada dia. Mas, para os discípulos, a Galileia era também o lugar das recordações, sobretudo do primeiro chamado. Voltar à Galileia é lembrar-se de ter sido amado e chamado por Deus. Precisamos retomar o caminho, lembrando-nos de que nascemos e renascemos a partir dum chamado gratuito de amor. Este é o ponto donde precisamos recomeçar sempre, sobretudo nas crises, nos tempos de provação.

Mais ainda. A Galileia, onde estavam, era a região mais distante de Jerusalém. E não só geograficamente: a Galileia era o lugar mais distante do caráter sacro da Cidade Santa. Era uma região habitada por povos diferentes, que praticavam vários cultos: era a «Galileia dos gentios» (Mt 4,15). Jesus envia para lá, pede para recomeçar de lá. O que nos diz isso? Que o anúncio da esperança não deve ficar confinado nos nossos recintos sagrados, mas ser levado a todos. Porque todos têm necessidade de ser encorajados e, se não o fizermos, nós que tocamos com a mão «o Verbo da vida» (1Jo 1,1), quem o fará? Como é belo ser cristãos que consolam, que carregam os fardos dos outros, que encorajam: anunciadores de vida em tempo de morte! A cada Galileia, a cada região desta humanidade a que pertencemos e que nos pertence, porque todos somos irmãos e irmãs, levemos o cântico da vida! Façamos calar os gritos de morte: de guerras, basta! Pare a produção e o comércio das armas, porque é de pão que precisamos, não de metralhadoras. Cessem os abortos, que matam a vida inocente. Abram-se os corações daqueles que têm, para encher as mãos vazias de quem não dispõe do necessário³⁵.

35 Papa Francisco. Homilia da vigília pascal: 11 de abril de 2020. Acesso em 05.05.2020: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-04/integra-homilia-papa-francisco-missa-vigilia-pascal.html>.

Eis a mensagem, a Boa Nova, que é confiada aos discípulos, principalmente a Pedro que, apesar de suas infidelidades, nunca deixou de merecer a confiança do próprio Mestre. Assim o Nazareno – o Filho de Deus - é ressuscitado para continuar como nazareno, como o Deus que continua sendo humano com todos os humanos, principalmente com os nascidos no fim do mundo e que continuam tendo de viver no fim do mundo por causa da soberba excludente dos maiores da política, da economia e, muitas vezes, até mesmo da religião.

Conclusão

A Vigília pascal não é apenas uma noite e a Páscoa um dia, um tempo de sete semanas ou de cinquenta dias, mas o dia de todos os dias, o tempo de todos os tempos, ou quem sabe, o vigor do eterno fortalecendo a fugacidade de nossa temporalidade e a luz celeste iluminando as trevas das fugas e infidelidades de nossa caminhada diária. Enfim, é o Cristo peregrino sempre passando pelos caminhos de nossa existência, de nossa história, como muito bem exclama o rito da preparação do Círio: “Jesus Cristo, ontem e hoje, Princípio e Fim, Alfa e Ômega”.

Segundo Bento XVI, o Filho do Homem compendia em si mesmo a terra e o céu, a criação e o Criador, a carne e o espírito. É o centro do universo e da história, porque nele se unem, sem se confundir, o Autor e sua obra (Cf. VD 13).

Em tempos em que o niilismo grassa em quase toda a parte, proclamar que no “nada” – no sepulcro vazio - há um Senhor nobre que, em vez de dominar serve, sim, que serve não apenas todos os bens de que o homem necessita, mas, acima de tudo, serve-lhe sua própria Pessoa, seu próprio Corpo e Sangue como comida e bebida. É certamente uma grande e Boa Notícia, um auspicioso Evangelho.

São Francisco rejubila com ou por causa desse mistério através deste Salmo do seu Ofício da Paixão, composto para o dia da Ressurreição:

*Cantai ao Senhor um cântico novo * porque fez maravilhas. A sua mão direita sacrificou * seu dileto Filho e seu braço santo. O Senhor tornou notável a sua salvação * e diante das nações revelou sua justiça. Naquele dia, enviou o Senhor a sua misericórdia * e à noite a sua canção. Este é o dia que o Senhor fez * exultemos e Nele nos alegremos. Bendito o que vem em nome do Senhor * e o Senhor Deus nos iluminou. Alegrem-se os Céus e exulte a Terra, comova-se o mar e sua vastidão * Alegrem-se os campos e tudo o que neles existe. Trazei ao Senhor, ó famílias das nações, * trazei ao Senhor glória e honra, * trazei ao Senhor glória ao seu nome.*



Domingo de Páscoa

Leituras: At 10,34^a,37-43; Sl 117; Cl 3,1-4; Jo 20,1-9

Tema-mensagem: Na Páscoa do Senhor, o princípio da nova criação, da nova humanidade e da nova história.

Introdução

Quando, diante da Cruz e da sepultura de Jesus, tudo parecia haver subcumbido; que a morte havia sepultado para sempre a vida, e o ódio tragado o amor sobre a face da terra, a auspiciosa surpresa: os Apóstolos e as mulheres viram o túmulo vazio e creram que *o Senhor devia ressuscitar dos mortos!* (Jo 20,9). *A vida, arrancada, destruída, aniquilada na Cruz, despertou e voltou a palpitar* (R. Guardini).

1. O sepulcro vazio

Para a celebração da Missa da Páscoa, a Igreja proclama o Evangelho de João, mais precisamente, o trecho que fala como os três discípulos que mais amavam Jesus - Maria Madalena, João e Pedro - vendo o sepulcro vazio, chegaram à fé da Ressurreição.

1.1. No primeiro dia da semana, o início da nova criação

À semelhança de Mateus e Lucas, também João começa a narrativa da Ressurreição assinalando que *no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus, bem de madrugada, quando ainda estava escuro e viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo* (Jo 20,1)

Há aqui um certo paralelismo proposital com o livro do Gênesis. Naquela, a Vida surgiu do nada; aqui, a nova Vida, a nova criação, surgiu do sepulcro vazio. Se lá, por detrás de cada criatura, está o poder criador de Deus, aqui está a mão poderosa do Pai que não abandona seu Filho querido, que morre entregando-se nos braços Dele.

A fé, porém, nesse mistério, não brotou de modo natural e espontâneo. Dizemos brotou porque na verdade ela já havia sido lançada como semente no coração daqueles discípulos, homens e mulheres. Tudo teve início com a graça do encontro, a partir do qual começaram a segui-Lo, enquanto vivo carnalmente entre eles. Não fosse assim, Maria Madalena e os dois discípulos, citados nesse Evangelho, não teriam ido ao túmulo tão cedo, quando ainda estava tudo escuro. A semente da afeição, da fé, da confiança, da entrega, cre-

pitava em seus corações talvez sem o notarem e mais forte e justamente, agora, quando parecia ter desaparecido. Ela, Madalena, não consegue esquecer o como e o quanto fora acolhida, amada, perdoada pelo Mestre. Foi o calor, o fervor desta experiência – desta fé - que a levou até o túmulo.

A fé, porém, não é uma clareza de ideias, mas uma luz que cintila no meio da escuridão da noite de muitas incertezas, interrogações, dúvidas; no meio dos muitos medos e sofrimentos, e até mesmo de infidelidades. É o que o Evangelista parece dizer quando assinala que Maria foi ao sepulcro quando ainda estava escuro. A mensagem é muito transparente: a fé em Jesus Cristo ressuscitado, como já foi acentuado, não é algo de espontâneo e automático, como se bastasse ouvir o relato de sua Ressurreição nas catequeses, cursos e pregações. Como Madalena, precisamos, também nós, fazer nosso percurso para buscá-Lo em meio à escuridão de nossas dúvidas, incertezas, angústias e pecados. Sem o sofrimento dessa obra, a fé é morta, dirá posteriormente o patriarca dos Apóstolos São Tiago (Cf. Tg 2,14-26).

Assim, de repente, tudo se vira pelo avesso: o extremo abandono é, na realidade, a plenitude da presença do amor; a profunda solidão converte-se em unidade universal e total. No momento em que parece desamparado, está mais do que nunca identificado com o querer divino, transparente ao Pai. Nessa fraqueza sem fim, Jesus se acha, sem reserva, “entregue” ao poder do Pai, totalmente aberto ao ato criador da Ressurreição (Harada).

Tem início, enfim e assim, a nova e definitiva Páscoa de Jesus, do homem novo, da criação nova e de toda a história.

Falando desse princípio, assim se expressou São João Paulo II:

O fato de Cristo «ter ressuscitado ao terceiro dia» constitui o sinal que indica o remate da missão messiânica, o sinal que coroa toda a revelação do amor misericordioso no mundo, submetido ao mal. Tal fato constitui, ao mesmo tempo, o sinal que preanuncia «um novo céu e uma nova terra», quando Deus «enxugará todas as lágrimas dos seus olhos; e não haverá mais morte, nem pranto, nem gemidos, nem dor, porque as coisas antigas terão passado» (*Dives in Misericordia*, 8).

Em Jesus Ressuscitado revela-se o Homem Novíssimo, definitivo, escatológico. De Jesus Ressuscitado vale o mesmo que foi dito do Jesus Crucificado: *Ecce Homo!* O Ressuscitado é o mesmo Crucificado, o mesmo Encarnado. É o Homem! Jamais devemos esquecer que, no coração da nossa fé na Ressurreição, está um Crucificado ao qual o Pai deu seu Sim.

O *Ecce homo* de Pilatos – “Olhai o homem” - foi tomado por Deus, julgado por Deus e por Deus despertado à nova vida! Olhai o Ressuscitado! Em Jesus Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado, a humanidade se tornou nova. O que aconteceu a Cristo, aconteceu a todos, porque ele era o homem. O homem novo foi criado: “Eis o Homem!” (D. Bonhoeffer).

1.2. Para crer é preciso ver?

Para testemunhar o mistério da Ressurreição de Jesus, João se utiliza do verbo “ver”. Para ele crer é ver. Nossa língua, porém, se mostra um tanto pobre para indicar ou expressar o processo da fé. Todo ele é resumido com o único verbo: crer. No original grego, porém, esse processo vem apresentado com três verbos diferentes.

Primeiramente, temos o ver de Madalena. Ela *vê que a pedra fora retirada do túmulo*. Também o discípulo amado, o próprio evangelista João, *vê as faixas deitadas ali* (Jo 20,5). “Ver”, aqui, em grego, é *blépein*: olhar, ver, no sentido de descobrir a coisa, assim como ela se apresenta em sua visibilidade imediata: uma cadeira, uma flor, uma casa, por exemplo. No caso eles viram o sepulcro vazio e nada mais.

Pedro, porém, chega e entra no sepulcro. Certamente, também ele, num primeiro momento, vê como Madalena e João. Mas, logo em seguida, com um olhar mais atento, observa as faixas que envolveram o corpo de Jesus e o pano que cobrira sua cabeça, enrolado à parte. Para este olhar ou ver de Pedro, agora e aqui, o grego usa o verbo *theorein*. Trata-se de um olhar que vê mais que o visível imediato. Ou seja, vê que o sepulcro vazio escondia uma realidade então desconhecida, misteriosa, que precisa ser investigada, analisada.

Depois de Pedro, é a vez do discípulo amado entrar no sepulcro. *Ele viu e creu* (Jo 20,8). Agora, para esse ver a língua de Homero usa o verbo *ideîn*, que significa: perceber, captar o aspecto essencial (*eidos*: ideia), o coração de alguma coisa; é ter a evidência essencial do fato, da realidade. É ver o visível no invisível e o invisível no visível. Na verdade, esse ver é fruto da graça do encontro. Nesse momento é que se dá o conhecimento, no sentido de “conhecimento”, de nascer com e de novo: a conversão, a virada.

Por isso, diz a narrativa: *Com efeito, eles ainda não tinham compreendido a Escritura segundo a qual Jesus devia ressuscitar dentre os mortos* (Jo 20,9). A dificuldade de crer na Ressurreição de Jesus, da parte dos discípulos, só mostra que estamos diante de um evento extraordinário, fora do poder do homem e das leis da natureza.

2. A Fé, em vez de provas, exige testemunho (At 10,34^a.37-43)

A primeira leitura da Missa de hoje, tirada dos Atos dos Apóstolos, nos coloca diante do querigma cristão, do primeiro anúncio dos Apóstolos, que brota da graça do encontro com o ressuscitado. Anúncio que não é apenas uma informação, mas o testemunho fervente e fervoroso do novo sentido da humanidade, que nasce a partir do encontro com o Homem novo e definitivo, que é Jesus Cristo ressuscitado. Pois, aquele Jesus de Nazaré, que eles, os judeus, haviam crucificado, *foi ungido por Deus com o Espírito Santo e com poder. Ele andou por toda a parte, fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo demônio; porque Deus estava com Ele* (At 10,38).

Há uma correlação muito significativa entre o testemunho do Pai por parte de Jesus e o testemunho de Jesus por parte dos Apóstolos. Assim como Jesus, a partir daquele inaudito encontro com o Pai, no Batismo do rio Jordão, em toda sua vida, principalmente na cruz, passou dando testemunho do poder e do amor do Pai; agora, os Apóstolos fazem o mesmo em relação a Jesus Cristo. Por isso, a insistência de Pedro em afirmar, por três vezes, que eles, os Apóstolos que comeram e beberam com Jesus, foram escolhidos e ordenados por Ele para serem suas testemunhas. Testemunhas de tudo quanto os homens fizeram a Ele – pregando-o na cruz – mas, acima de tudo o quanto Deus fez por Ele, ressuscitando-o ao terceiro dia. Por isso, *todo aquele que crê em Jesus recebe, em seu nome, o perdão dos pecados* (At 10,43). Sempre é bom acentuar de novo que pecado, na Sagrada Escritura, não se refere apenas a atos morais, mas àquela atitude de querer viver a partir de si, sem Deus e sem os outros.

3. Uma vida escondida que precisa ser buscada (Cl 3,1-4)

Na segunda leitura de hoje, Paulo, falando aos colossenses, volta a insistir numa de suas mensagens preferidas acerca da vida de um cristão: *Se ressuscitastes com Cristo, esforçai-vos por alcançar as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Aspirai as coisas celestes e não as terrestres* (Cl 3,1).

Quem nos ajuda a compreender como se dá a Ressurreição de Cristo em nossa vida, já agora, neste mundo, é mestre Eckhart³⁶. Segundo ele, muitas pessoas ressuscitam só pela metade. Refere-se a quem orgulhosamente se envaidece na busca de uma única virtude e não às demais. Essas pessoas não entendem a comunhão das virtudes: que todas se inerem necessariamente uma na outra.

36 Sermão 35. Mestre Eckhart. *Sermões Alemães*. Volume 1. Petrópolis / Bragança Paulista, 2006, p. 208-211.

Quem sabia bem disso é São Francisco. Ele diz: *Não há, em absoluto, homem algum no mundo que possa ter uma de vós (as virtudes) sem que morra primeiro. Quem tem uma e às outras não ofende, a todas possui. E quem a uma ofende, nenhuma possui e a todas ofende* (SV 5-7). Da mesma forma, também Mestre Eckhart insiste que é preciso que o homem ressuscite inteiramente, isto é, segundo e seguindo a dinâmica das virtudes como um todo.

Segundo Eckhart, ressuscita inteiramente, e de modo perfeito, aquele que se reergue e caminha não mais a partir de suas forças pessoais, mas do vigor da alegria e da gratuidade do encontro ou do encontro com a gratuidade, que se dá em e com Cristo. Quem ressuscita assim, diz Eckhart, não pode jamais morrer. Sua Ressurreição é irreversível. E, chega a apontar três sinais que revelam esse nível ou grau de Ressurreição. O primeiro aparece quando a pessoa se empenha na busca das coisas do alto, do Reino de Deus; o segundo, quando ela encontra sabor nestas coisas e, terceiro, quando as coisas terrenas não lhe apeteçam mais. É como acontece com um bom enólogo. Depois que aprendeu saborear os melhores vinhos, não consegue mais apreciar vinhos de segunda ou terceira categoria.

Paulo gosta de contrapor sempre o ressuscitar com o morrer: ressuscitar com Cristo, o homem novo, e morrer ao velho homem - Adão; a nova criação oposta à antiga, o homem velho, ao homem novo. O primeiro nasceu de baixo, da carne, da terra, enquanto que o segundo, o novo nasceu do alto, do céu, do espírito. Por isso, enquanto o primeiro vive a partir da lei, do merecimento, o novo vive da graça do encontro, da fé, da entrega, da doação, do amor. Em suma, Paulo expõe para os cristãos o caminho de luta que ele percorreu e travou arduamente: morrer ao velho homem, dominado pelo pecado do egocentrismo – simbolizado pela observância da lei e das tradições humanas – para que das cinzas de seu egoísmo surja, qual incandescente fênix, o homem novo, aberto, cheio de comunhão e comunicação.

Por isso, insiste: *vossa vida está escondida, com Cristo, em Deus. Mas, quando Cristo, nossa vida, aparecer, então também nós iremos aparecer com ele na glória* (Cl 3,3-4). A mesma vida, que agora germina em graça, florescerá e esplenderá em glória.

Conclusão

A Páscoa é uma nova Encarnação de Jesus como também uma nova crucificação. Se antes esses dois mistérios se deram no corpo, na carne, no tempo, agora se dão no espírito. Por isso, eles são espirituais, universais e eternos, como Ele mesmo havia prometido: *“Eis que estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo”* (Mt 28,20).

Por isso, a Páscoa não é um dia, mas um estado de alma, de espírito que deve atualizar-se em nós e por nós, todos os dias e em todas as situações. Mas, para isso é preciso que olhemos *para além do sol*, diz nosso Papa Francisco. Pois,

Estamos a caminhar para o sábado da eternidade, para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu. Diz-nos o próprio Jesus: ‘Eu renovo todas as coisas’ (Ap 21,5). Na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu. Juntamente com todas as criaturas, caminhamos nesta terra à procura de Deus, porque, se o mundo tem um princípio e foi criado, procura quem o criou, procura quem lhe deu início, aquele que é seu Criador. Caminemos cantando que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança (LS 243-245).

E, concluindo, o Papa nos recorda que a Páscoa é, acima de tudo, uma presença: *No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Ele se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado!* (idem).



2º Domingo da Páscoa

Leituras: At 4,32-35; Sl 117 (118); 1Jo 5,1-6; Jo 20, 19-31

Tema-mensagem: Da fé e da paz que nascem do toque das chagas do Senhor crucificado-ressuscitado, frestas de esperança no Deus misericordioso.

Introdução

À semelhança dos raios de um grande sol, muitos são os mistérios que envolvem e perfazem o Mistério de Cristo, como se pode ver, por exemplo, na reza do santo Rosário. No entanto, tudo e todos convergem para o *Mysterium Paschale* (Mistério Pascal). Ou seja, o Mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo é o sumo da obra suma de Deus, iniciada no mistério da Encarnação. Hoje, no oitavo dia da Páscoa, como em todos os Domingos, até o Pentecostes, a Igreja continua a se debruçar sobre esse mistério. D. Bonhoeffer, numa carta a Ebehard Bethge (11 de abril de 1944), escrevia: *Há muito tempo, gosto particularmente do período que intercorre entre a Páscoa e a Ascensão. Também nesse tempo há uma grande tensão. De que modo os homens podem suportar bem as tensões terrenas, se não sabem nada da tensão existente entre o céu e a terra?*³⁷.

Já, nesse Domingo, podemos sentir um pouco dessa tensão. Na aparição que Jesus faz aos Apóstolos, desta vez, está presente também o não crente, crítico e exigente Tomé, ao qual Jesus pede que toque em suas chagas e que não seja infiel, mas homem de fé. Recorda-se, assim e mais uma vez, a compaixão do Senhor, sua suave ternura e seu ardente amor para com o homem real, com toda sua fraqueza. Por isso, esse Domingo é também chamado “Domingo da Misericórdia”.

1. Do testemunho dos Apóstolos e de sua eficácia (At 4,32-35)

O texto que nos introduz na celebração do mistério desse Domingo é dos Atos dos Apóstolos.

1.1. O protagonismo do Espírito

Atos, são gestas, feitos notáveis, heroicos, façanhas admiráveis que envolvem os Apóstolos em sua missão de testemunhar Jesus Cristo Crucificado,

³⁷ BONHOEFFER, D. *Lo straordinario si fa evento: croce e risurrezione*. Brescia: Queriniana, 1997, p. 108.

que ressuscitou, e seu Evangelho, como vem expresso na leitura de hoje: *Com grandes sinais de poder, os Apóstolos davam testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus. E os fiéis eram estimados por todos* (At 4,35).

O protagonista desses Atos, porém, não são os Apóstolos, mas antes, a potência do Espírito Santo que se infundia em seus corações através da presença do Espírito de Jesus Cristo ressuscitado. O júbilo pelo re-encontro com o Mestre, agora ressuscitado, vivo, transformara os Apóstolos em testemunhas, cada vez mais ardorosos, desse mistério. O entusiasmo deles era tanto que muitos achavam que estivessem bêbados e, por isso, zombando, diziam: “*Estão cheios de mosto!*” (Atos 2,13).

Sempre é importante realçar que é sobre o testemunho dos Apóstolos, acerca do Cristo Crucificado, que foi ressuscitado pelo Pai, na força do Sopro Santo, que se funda o nascimento e o florescimento da fé dos fiéis e da própria Igreja, pelos séculos afora, como se reza no Credo ainda hoje: *Creio na santa Igreja católica e apostólica.*

Assim, o princípio que transformara os Apóstolos em testemunhas da Ressurreição do Senhor é o mesmo que move e transforma uma multidão numa comunidade. Por isso, a nova humanidade inaugurada por Cristo não é, apenas, para o pequeno grupo de Apóstolos e de seus primeiros seguidores, mas, para todos os povos e nações de todos os tempos.

1.2. Do mistério da unanimidade, que funda nova economia na convivência entre os homens.

Assim, aos poucos, a graça da tradição do entusiasmo da Ressurreição passava dos Apóstolos para seus ouvintes, e destes para outros e destes outros para outros, proporcionando em todos uma transformação radical: *a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma.* É o milagre da tradição apostólica fazendo surgir a unanimidade dos cristãos. Essa unanimidade não é soma, muito menos mera uniformidade e igualdade de opiniões, de costumes, de condutas. É, antes, a identidade comum que reúne as diferenças, ou os diferentes, na comunhão (*koinonía*, no grego) do amor desprendido. O vigor que nascia dessa graça – o mesmo ânimo, a mesma alma - era tão expressivo que *entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas, vendiam-nas, levavam o dinheiro e o colocavam aos pés dos Apóstolos. Depois, era distribuído de acordo com a necessidade de cada um* (At 4,34-35). O Evangelho, portanto, funda uma outra economia, baseada no desprendimento e na gratuidade, uma economia para a vida e não para a morte; uma economia ecumênica, que globaliza a generosidade, a cooperação e o cuidado pelos outros, pela Casa comum.

O propósito de uma experiência de vida em comum, já fora recomendado no Antigo Testamento: *Dentre vós não deverá haver nenhum necessitado*

(Dt 15,4), e até mesmo entre os gregos. Aristóteles, por exemplo, fala que *os amigos têm todas as coisas em comum*. Os Atos dos Apóstolos mostram que esse “ideal”, desejado por judeus e gregos, enfim, por todo o homem, se torna realidade, sempre que a força do amor-gratuidade (caridade) atua na nova vida dos cristãos. A comunidade cristã realizava plenamente, e em definitivo, o que o Antigo Testamento proclamava para os judeus, e o que os gregos esperavam dos amigos. Na homília do segundo Domingo da Páscoa de 2020, durante a pandemia que paralisava os povos da terra, o Papa Francisco disse:

O risco é que nos atinja um vírus ainda pior: o da *indiferença egoísta*. Transmite-se a partir da ideia que a vida melhora se vai melhor para mim, que tudo correrá bem se correr bem para mim. Começando daqui, chega-se a selecionar as pessoas, a descartar os pobres, a imolar no altar do progresso quem fica para trás. Essa pandemia, porém, lembra-nos que não há diferenças nem fronteiras entre aqueles que sofrem. Somos todos frágeis, todos iguais, todos preciosos. Oxalá mexa dentro conosco o que está a acontecer: é tempo de remover as desigualdades, *sanar a injustiça* que mina pela raiz a saúde da humanidade inteira! Aprendamos com a comunidade cristã primitiva, que recebera misericórdia e vivia usando de misericórdia, como descreve o livro dos Atos dos Apóstolos: os crentes «possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (At 2, 44-45). Isso não é ideologia; é Cristianismo³⁸.

Estava colocado, assim, o princípio que iria nortear a relação da Igreja e dos cristãos com os pobres, através dos séculos, até o dia de hoje: a preferência, a inclusão. Isso conduz a uma nova economia (no grego: *oikonomia*), isto é, a um novo modo de habitar a terra, e a um novo modo de cuidar da casa comum e dos seus bens (grego: *oikos*). Trata-se de uma economia eco-lógica (respeitosa da terra) e ecu-mênica (que não exclui ninguém, antes, inclui tudo e todos no cuidado pela identidade comum que reúne as diferenças). Hoje, em tempos de globalização de uma economia inimiga da terra, da vida e dos pobres, e de uma política necrófila, totalmente avassaladora, a terra, os povos, os pobres gemem na espera e na esperança de que a força libertadora da pobreza do espírito, que reside no amor, transforme o modo de habitar a terra e de os homens conviverem entre si em doação e recepção mútuas (Cf. LS).

38 Acesso em 12 de maio de 2020: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200419_omelia-divinamisericordia.html .

2. Da filiação divina à vitória sobre o mundo (1Jo 5,1-6)

Quem aprofunda o mistério de nossa filiação divina é São João. Num pequeno trecho de sua Primeira Carta, tomado hoje como segunda leitura, diz: *Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, nasceu de Deus...* (1Jo 5,1).

Trata-se, aqui, da floração da graça do encontro, isto é, da experiência de ser amado por Jesus Cristo e, conseqüentemente, da graça de poder amar a Deus e os irmãos. E João dá o sinal dessa pertença: *Podemos saber que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos seus mandamentos* (1Jo 5,2).

A frase soa um tanto estranha porque nós costumamos dizer o contrário, isto é, sabemos que amamos a Deus se e quando amamos os irmãos. João parece dizer o contrário: só podemos saber se amamos os irmãos quando amamos a Deus. Ou seja, só podemos amar os irmãos no amor de Deus que nos amou por primeiro e até a morte e morte de Cruz de seu Filho unigênito.

Essa é a grande Novidade que funda a nova humanidade, o Evangelho trazido por Jesus! Em outras palavras, só há verdadeiro amor aos irmãos se esse vier do alto, e não de baixo, da carne, isto é, se for de Deus e de como Ele ama. O mesmo João dirá: *Deus nos amou por primeiro*. Ou seja, se, e quando amamos, é sempre no e pelo amor que Deus derramou em nossos corações. Por isso, mesmo que alguém não o saiba, como no caso de um pagão ou ateu, sempre que amar, no espírito da gratuidade, ele o está fazendo movido por Deus. Sempre que o homem é inspirado, no seu agir, pela verdade e pelo amor, é pelo Espírito de Deus que ele é animado.

Nossa filiação divina, porém, não é apenas fato dado, graça pronta, mas luta. É dom de conquista. É o que se pode entender quando diz que *Jesus Cristo veio pela água e pelo sangue* (1Jo 5,6). Pela água, significa pela graça do Batismo, quando, extasiado e comovido, Jesus ouviu do Céu o Pai chamá-lo de *Meu Filho muito querido!* Pelo sangue, significa que essa filiação divina lhe custou caro: a morte e morte de Cruz. E esse será o caminho de todo seu seguidor.

3. Do amor misericordioso mais forte do que o pecado e a morte (Jo 20,19-31)

Mais que em outros tempos, o tempo da Páscoa nos revela como, a partir da Ressurreição, o mistério da misericórdia e da paz do Cristo Crucificado começa a se expandir e a ganhar corpo no coração das pessoas, começando pelos Apóstolos. Essa maravilha é celebrada hoje através do conhecido Evangelho de Tomé, o Dídimo.

3.1. O mistério da misericórdia veio para ficar

O Evangelho de hoje leva-nos para dentro do coração dos Apóstolos, no *anoitecer daquele dia, o primeiro da semana*: por medo dos judeus, estavam fechados e trancados dentro de casa. O motivo é muito claro e consequente: se os maioraes de Jerusalém fizeram tudo aquilo com o mestre, com certeza, aos poucos fariam o mesmo com eles, seus seguidores.

Contudo, além do medo, havia também o desânimo, a frustração, a desorientação, pois de tudo o que esperavam, não apenas nada aconteceu, mas, o que foi bem pior, saiu pelo contrário: em vez de altos e importantes cargos, a vergonhosa e ignominiosa condenação do mestre à morte de Cruz. Só um raio de luz, de jovialidade, tinha raiado, de improviso, nas trevas dos corações dos Apóstolos. Uma insignificante testemunha, uma mulher, Maria Madalena, anunciava que o sepulcro estava vazio e que o Senhor lhe teria aparecido. Tudo tão improvável e incrível, tão inusitado, que parecia inacreditável, impossível.

No entanto, a força do mistério pascal acaba com todas as portas fechadas. Jesus veio e se pôs no meio deles para cumprir sua promessa: *“Não vos deixarei órfãos, eu voltarei para vós. Ainda um pouco e o mundo não me verá mais; vós, porém, me vereis vivo, e também vós vivereis”* (Jo 14,18-19). Para João, “aquele dia”, significa o último dia, dia que começa com a Ressurreição de Cristo e vai até o fim dos tempos; dia que é re-petido (pedido, buscado de novo) a cada primeiro dia da semana, o Domingo, o “Dia do Senhor”, o “Dia eterno”, o “Dia de todos os dias”.

Assim, pondo-se no meio deles, como o fizera tantas vezes, os saúda: *A paz esteja convosco!* É como se lhes dissesse: não fiquem atordoados, alarmados, desesperados; que cessem as dúvidas, os temores e os medos em vossos espíritos. E, para confirmar que era Ele mesmo, o Crucificado, e que a Cruz em vez de desgraça era uma graça; que Ele estava bem, salvo e em paz, mostra-lhes *as mãos e o lado*. Isto é: este que lhes fala é o mesmo que por eles se deixou crucificar, aquele cujas mãos e pés foram trespassados pelos cravos, aquele cujo lado foi aberto pela lança. O Ressuscitado é o Crucificado mesmo, em “carne e osso”. É o Filho de Deus encarnado, a misericórdia encarnada. Ele está vivo! É o vencedor, o homem (*Ecce Homo!*) e não uma fantasia. Por que temer? Nas palavras que o Papa Francisco disse na bênção *Urbi et Orbi* da Páscoa de 2020: *O Ressuscitado é o Crucificado; não outra pessoa. Indelével no seu corpo glorioso, traz as chagas: feridas que se tornaram frestas de esperança. Para Ele, voltemos o nosso olhar para que sare as feridas da humanidade atribulada!*

3.2. Com a misericórdia, a Paz e a missão

Jesus, então, pela segunda vez, insiste: “*A paz esteja convosco!*” Era necessário repetir para confirmar o que estavam vendo, e assim pudessem crer no que estava acontecendo. Ou seja, assim como Ele estava na paz no meio dos opróbrios da cruz, eles também, em suas perseguições e tribulações, seriam envoltos pela graça do mesmo mistério: a misericordiosa acolhida do Pai. Era preciso que cressem que Ele, em vez de abandonado, fora salvo, acolhido pelo Pai. Por isso, a paz que nasce desse reencontro Dele com o Pai - em vez da fragilidade da paz estabelecida pelos homens e pelo mundo - é duradoura, eterna e para todos, universal. **É essa paz que agora Ele veio conceder-lhes.**

À confirmação da paz, segue a confirmação da vocação e da missão apostólica: “*Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio*”. Ele cumprira sua missão. Agora, chegara a vez deles. Se até então fora o tempo Dele, agora estava se iniciando o tempo e a missão deles, da Igreja. A presença Dele, com as gloriosas chagas, é sinal claro de que o caminho de todos os seus seguidores não será outro senão o da santa Cruz; que também eles deverão segui-Lo no meio de tribulações, ódios e perseguições; que também eles, animados pela mesma fé Dele no Pai, saberão ou aprenderão a ser portadores e construtores da Paz (Cf. São Francisco).

Foi por isso, e para isso, que *soprou sobre eles e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo! A quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados! A quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos!”* Jo 20,22-23). Trata-se, aqui, do Espírito Santo que foi liberado da Cruz, na hora de seu último respiro, para ser infundido sobre a Igreja. Agora, o Crucificado, ressuscitado, sopra esse mesmo Espírito sobre seus Apóstolos para que eles, por sua vez, comuniquem o sopro da misericórdia divina a todos os homens, cuja expressão máxima é a remissão dos pecados em toda a terra.

Entretanto, Deus jamais arromba a porta da liberdade humana. Mas, estará sempre esperando que ela se abra, para poder entrar e celebrar o banquete do amor que nasce da cruz.

3.3. Tomé, o Dídimo

A segunda parte do Evangelho, com o famoso episódio de Tomás ou Tomé, chamado de “Dídimo”, tem um objetivo muito claro e específico: ajudar os que não viram o Cristo ressuscitado a aderir ao testemunho dos que O viram. “Dídimo” significa “duplo”. E “duplo” aqui pode ter dupla interpretação.

Duplo, pela dúvida, que é sinal de incredulidade, isto é, de infidelidade; e “duplo”, pela fé, isto é, pelo seguimento de Cristo. Tomé fora duplo pela

dúvida, pelo medo. Mas, num segundo momento, e isto é o que mais importa, pela fé, recuperando sua unidade interior em seu Mestre e Senhor, se tornou um duplo de Cristo, algo assim como um “gêmeo” (Dídimo) de Cristo, igual a Ele. Ou seja, pelo seguimento Dele, se fez conforme a Ele, até o martírio.

Tomé é, pois, um belo exemplo do processo da fé. Ele queria acreditar, mas não podia. O que seus companheiros narravam era extraordinário demais, inusitado demais, inesperado demais, para que ele aderisse com todo seu ser, com todo seu coração. Tomé, pelo menos, era sincero. Não era dado a uma credulidade imatura. Queria medir-se com a verdade. Era exigente e crítico. A veracidade, e a busca pela verdade real e pela realidade verdadeira, era uma virtude de Tomé. Por isso, dizia: *Se eu não vir em suas mãos a marca dos cravos, se eu não enfiar o meu dedo no lugar dos cravos e não enfiar a minha mão no seu lado, não acreditarei!* (Jo 20,25). Tomé não é o homem da banalidade do cotidiano. Não é o homem que se entrega ao que “ouviu dizer” e às aparências e pareceres humanos quaisquer. É um homem que busca a verdade. Ele exige algo atestável, justificado, fundamentado. Tomé, porém, se engana numa coisa. A verdade última não se submete ao critério e à medida do homem. Para alcançar a verdade última, o contrário é que há de acontecer: o homem abrir-se e vincular-se a ela, sabendo que ela o ultrapassa, o transcende. Tomé dá esse passo quando vai além da exigência crítica do verdadeiro à confissão da verdade. Confissão é experiência da verdade última. É o homem que deixa ser a verdade enquanto verdade. Não é estar de posse, mas na posse da verdade deixando-se possuir por ela.

Foi o que, então, aconteceu. Assim, dizia o Papa Francisco, na mesma mensagem: *nesta festa da Divina Misericórdia, o anúncio mais encantador chega através do discípulo mais atrasado. Só faltava ele, Tomé. Mas, o Senhor esperou por ele. A misericórdia não abandona quem fica para trás.* Oito dias depois, Jesus aparece de novo no meio dos Onze, novamente os saúda desejando-lhes a paz, e, então, faz-lhe o convite: *“Tomé, aproxima o teu dedo aqui e olha as minhas mãos”* (Jo 20,27). A ele seria dada a graça de não somente reconhecer o Senhor, isto é, o homem Jesus que ele seguira desde a Galileia, mas também de penetrar na profundidade do abismo do coração do próprio Deus. Ao enfiar sua mão na pleura de Cristo, aberta pela lança, pôde ver, sentir e provar quão profunda e próxima é sua misericórdia.

O Papa Francisco comenta:

Voltemos aos discípulos... Durante a Paixão, tinham abandonado o Senhor e sentiam-se em culpa. Mas Jesus, ao encontrá-los, não lhes prega um longo sermão. A eles, que estavam feridos dentro, mostra suas chagas. Tomé pode tocá-las, e descobre o amor: descobre quanto Jesus sofrera por ele, que O tinha abando-

nado. Naquelas feridas, toca, com mão, a terna proximidade de Deus. Tomé, que chegara atrasado, quando abraça a misericórdia, ultrapassa os outros discípulos: não acredita só na Ressurreição, mas também no amor sem limites de Deus. E faz a profissão de fé mais simples e mais bela: «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20, 28). Eis a Ressurreição do discípulo: realiza-se quando sua humanidade, frágil e ferida, entra na de Jesus. Aqui, dissolvem-se as dúvidas; aqui, Deus torna-Se *o meu Deus*; aqui, recomeça a aceitar-se a si mesmo e a amar a própria vida (Homilia do Papa Francisco, 19 de abril de 2020).

Os Padres da Igreja alegram-se com a ausência e com a dúvida de Tomé. São Gregório Magno diz algo assim: quando o discípulo incrédulo (leia-se: infiel) apalpava as feridas do Mestre, eram curadas em nós as feridas de nossa própria incredulidade (leia-se: de nossa própria infidelidade). A incredulidade é sempre uma cegueira. Não somos capazes de ver o invisível do visível. No caso de Tomé, e de cada um de nós, a incredulidade sempre impede que vejamos a imensidade do amor misericordioso de Cristo. Mas, Cristo não se deixa vencer por essa cegueira de seu amado discípulo. Por isso, permite-lhe um gesto de profunda intimidade: *“Vem, Tomé, põe o teu dedo aqui e olha as minhas mãos. Estende a tua mão e coloca-a no meu lado. E não sejas incrédulo, mas fiel!”* (Jo 20,27). Poderia haver gesto mais condescendente e misericordioso do que esse!?

Tudo isso, para nosso bem, diz o mesmo Gregório Magno, pois a incredulidade de Tomé foi mais proveitosa a nós do que a credulidade de todos os outros discípulos juntos. Pois, sua incredulidade tornou-se ocasião para nós depormos nossa dúvida, isto é, nossa divisão de alma no seguimento de Cristo, para confirmar nosso espírito no amor uno do Mestre. Tanto a Tomé, como a nós, o Senhor faz questão de exhibir suas chagas para que vejamos que tanto elas como sua cruz, em vez de vergonha ou deformidades, segundo Agostinho, são marcas da dignidade do combatente; que, aparentemente, foi derrotado, mas cuja derrota transmutou-se em vitória, pois sua morte tornou-se a morte da morte, a negação da negação.

Ao ver e tocar o Senhor, Tomé conclui agora seu seguimento, que iniciara na Galileia, com este ato de fé: *“Meu Senhor e meu Deus!”* (Jo 20,28). O alcance desse ato de fé, porém, ultrapassa todos os limites de espaço e de tempo. Pois, logo em seguida, o Senhor mesmo acrescenta: *“Porque me viste, creste; bem-aventurados os que não viram e, contudo, creram!”* (Jo 20,29). Gregório Magno, com alegria, diz que nós estávamos compreendidos nessa bem-aventurança. Essa bem-aventurança nos pertence! Não pertence aos Apóstolos! Nós somos, pela fé, os que não viram e creram. Claro, desde que a nossa seja

verdadeira fé, não banal credulidade; desde que seja entrega, envolvimento e engajamento de toda nossa vida, no amor e no seguimento de Cristo, e não mera adesão a uma doutrina ou visão de mundo. Fé é, sempre, uma visão do invisível. Vê sempre demais, não vê de menos. Agostinho, por sua vez, nota que Cristo fala no pretérito, mas se refere ao futuro. Ou seja, por mais incrível que pareça, a maior bem-aventurança do seguimento de Cristo é oferecida mais a nós, que cremos sem termos visto, do que aos Apóstolos, que puderam vê-lo e tocá-lo em seu corpo com suas santas chagas.

Como eco à fé de Tomé, a Tradição franciscana apresenta aquele famoso *Fioretti* no qual Bernardo, desejoso de descobrir o segredo da nova vida de Francisco, convida-o a passar a noite com ele. Após o jantar, vão repousar, mas, ambos fingem estar dormindo. Francisco para esconder e Bernardo para descobrir o segredo. Assim, quando Francisco julgou que Bernardo estivesse dormindo, levantou-se, e:

com a face voltada para o céu, as mãos e os olhos elevados para Deus, todo ele atenção e fervor abrasado, orava com toda a devoção, dizendo: ‘Meu Deus e Tudo!’ E com tantas lágrimas repetia ao Senhor estas palavras e com tanta insistência devotamente as renovava que, até o amanhecer, não dizia outra coisa senão: ‘Meu Deus e Tudo!’ Essas coisas, dizia, pois, São Francisco, admirando a excelência da majestade divina que se dignava condescender com o mundo periclitante e se dispunha a lhe providenciar um remédio de salvação através dele mesmo. Por isso, invocava o Senhor, não dizendo outra coisa, a noite toda, senão ‘Meu Deus e tudo’ (Atos 1).

Conclusão

A celebração do “Domingo da Paz” ou “Domingo da Misericórdia” nos leva a importantes conclusões, umas em referência à vida fraterna, comunitária, e outras referentes à nossa missão “ad extra”, para fora.

Quando se procura fraternização, assentados na jovialidade originária da Cruz, fonte de toda a vida cristã, as consequências entre aqueles que assim o fazem são imediatas. As diferenças dos indivíduos, como inteligência ou estultice, sabedoria ou ignorância, força ou fraqueza, santidade ou pecaminosidade, já não contam mais como motivo ou causa de escândalos, julgamentos, falatórios, condenações e bajulações. Ao contrário, tornam-se sempre nova convocação para a mútua fraternização, alegria, perdão e louvor ao Pai de todas as graças. Segundo o Evangelho, a comunidade que não sabe o que fazer com seus pobres, seus menores, seus inúteis e pecadores, terá neles mesmos

sua própria ruína. Bem se expressa Bonhoeffer: *toda comunhão cristã há de saber que não apenas os fracos necessitam dos fortes, mas que também os fortes necessitam dos fracos. A exclusão dos fracos é a morte da comunidade* (Bonhoeffer, Dietrich, *A Vida em Comunhão*, pág. 65).

O Papa Francisco, ao anunciar o último Jubileu extraordinário da Igreja, exortava os fiéis a retomar o tema da misericórdia como o princípio básico da renovação que a Igreja se propôs a partir do Vaticano II. E, mais adiante, perguntado porque insistia nesse tema, respondeu: ***É porque a humanidade de hoje é uma humanidade ferida, uma humanidade que possui feridas profundas*** (*O Nome de Deus é misericórdia*, pág. 45).

Enfim, as chagas de Jesus são as credenciais do amor tresloucado de Deus, de sua misericórdia para conosco. Por isso, o fiel seguidor de Cristo além de carregar sua Cruz em seu peito, além de expô-la na parede de suas casas, batallará para, a exemplo de São Francisco e de seus companheiros, trazê-la e gravá-la em sua alma e em sua vida como falam as Fontes Franciscanas: *Carregando a cruz no vestir e no comer, e em todos os seus atos, desejavam mais os opróbrios de Cristo do que as vaidades do mundo e as lisonjas enganosas; por isso, alegravam-se pelas injúrias e entristeciam-se pelas honras* (Atos 4).

Finalmente, mais esta palavra do Papa Francisco:

Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas, Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura. Quando o fazemos, a vida complica-se sempre maravilhosamente e vivemos a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo (EG 270).

É preciso que nos entreguemos a Cristo com a nossa inteira realidade humana, inclusive, melhor e sobretudo, com a nossa fraqueza e miséria. É o que nos lembra um diálogo reportado por Santa Faustina com Jesus, diálogo este recordado pelo Papa Francisco:

À Santa Faustina disse Jesus: «Eu sou o amor e a misericórdia em pessoa; não há miséria que possa superar a minha misericórdia» (*Diário*, 14/IX/1937). Outra vez, quando a Santa confidenciava feliz a Jesus que Lhe oferecera toda a sua vida, tudo o que tinha, ouviu Dele uma resposta que a surpreendeu: «Não me ofereces-te aquilo que é verdadeiramente teu». Que teria então guardado

para si a santa freira? Diz-lhe amavelmente Jesus: «Filha, dá-me a tua miséria» (*Diário*, 10/X/1937). Podemos, também nós, interrogar-nos: «Dei a minha miséria ao Senhor? Mostrei-Lhe as minhas quedas, para que me levante?» Ou há algo que conservo ainda dentro de mim? Um pecado, um remorso do passado, uma ferida que trago dentro, rancor contra alguém, mágoa contra uma pessoa em particular... O Senhor espera que Lhe levemos as nossas misérias, para nos fazer descobrir a sua misericórdia.



3º Domingo da Páscoa

Leituras: At 3,13-15.17-19; Sl 4 (5); 1Jo 2,1-5; Lc 24,35-48

Tema-mensagem: Arrependei-vos, voltai para Deus e sede testemunhas do mistério de seu Filho Jesus Cristo crucificado e ressuscitado.

Introdução

Nada melhor para introduzir-nos no mistério desse Domingo do que ouvir esse pequenino verso do salmista, usado pela Liturgia como Canto de Entrada da Missa de hoje: *Aclamai a Deus, toda a terra, cantai a glória de seu nome, rendei-lhe graça e louvor!* E a razão dessa louvação vem porque, graças à morte e Ressurreição de seu Filho Jesus Cristo, recuperamos a condição de filhos de Deus (Cf. Oração). Eis o sentimento com o qual a Igreja inicia a celebração do mistério pascal deste terceiro Domingo da Páscoa.

1. Do anúncio primordial - o Querigma apostólico (At 3,13-15.17-19)

A primeira leitura da Missa de hoje apresenta o discurso de Pedro no Templo de Jerusalém, germinado de seu coração, logo após o milagre da cura de um paralítico. Pedro aproveita a admiração, despertada nos corações dos circunstantes pelo milagre que fora feito em nome de Jesus, e anuncia-lhes: *“O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus de nossos antepassados glorificou o seu servo, Jesus”* (At 3,13). A única chave de interpretação, válida daquele milagre, consiste no fato de que apareceu um poder novo, inaudito, capaz de reerguer e salvar o homem que, desde Adão, havia se perdido e afastado de Deus, fechando-se no pecado da soberba e do egoísmo. Pedro dirige ao povo um grande discurso, a pregação que será a origem de toda a pregação eclesial, o anúncio primordial apostólico, impregnado do poder transformador de Cristo-crucificado-ressuscitado – denominado na tradição da Igreja de “Querigma” (em grego: *Querigma* – anúncio, proclamação). O Apóstolo procura mostrar aos israelitas, e a todos seus ouvintes, que Deus acabara de cumprir suas promessas, feitas aos seus antepassados, ao glorificar Jesus, que foi rejeitado por eles e entregue a Pilatos, que estava decidido soltá-lo (Cf. At 3,13).

1.1. O nome Jesus

O lugar de destaque do anúncio de Pedro está no **nome Jesus**. E ele o faz com o testemunho claro, cristalino, de tudo que havia acontecido com Ele nos últimos dias. O milagre, que acabavam de assistir, era apenas sinal do mistério de sua Paixão-Morte-Ressurreição. Ou seja, foi pelo nome de Jesus que aquele paralítico ficou curado.

Assim, falar e agir em nome de Jesus significa ter a graça de poder contar com essa força nova, capaz de curar e salvar; um poder que Deus acabava de dispor em favor dos homens e para os homens. Diferentemente da História do Antigo Testamento, na qual Deus, para agir e intervir, tinha de servir-se de patriarcas, reis e profetas, agora sua intervenção salvadora é direta e imediata, sem intermediários e para todos e para todos os tempos: basta que se anuncie e se acolha este nome que Deus exaltou sobremaneira; um nome, que *está acima de todo nome... um nome ao qual se dobre todo joelho, nos céus e na terra...* (Fl 2,9-10). Trata-se do nome daquele que, sendo Deus, igual a Deus, se esvaziou e se rebaixou, tornando-se homem igual aos homens, assumindo a condição de servo: Jesus, o Nazareno, o Crucificado, que Deus ressuscitou. Um nome que realiza o que diz, pois “Jesus” significa: “Deus Salva!” (Cf. Mt 1,21 e Lc 1,77).

O modo de Pedro referir-se a Jesus, recorrendo a títulos messiânicos do Antigo Testamento e de sabor arcaico na Igreja, revelam que Jesus é justamente a consumação de toda aquela sua história de bênção e salvação. Por isso, ele acentua: *“Vós rejeitastes o Santo e o Justo, e reclamastes para vós o agraciamento de um assassino!”* (At 3,14). O primeiro título é, em grego, *ho hágios*, “o Santo”. É a aclamação dos anjos testemunhada por Isaías (Cf. Is 6).

Pedro associa Jesus, “O santo”, a Jesus, “O Justo”. “O Santo e o Justo” parecem remeter à figura profética do *Servo do Senhor*, de Isaías (Is 52,13 – 53, 12). Enfim, estamos diante deste insondável mistério: O Senhor das alturas, o transcendente, o esplendente que se encarna na realidade humana e se transforma em servo da baixeza humana; o santo e justo, que nunca conheceu o pecado, se fazendo pecado, maldito, para se tornar fonte de graça e de bênção para nós. Eis o nome daquele que salva. Eis o primeiro anúncio de Pedro, da Igreja, ontem, hoje e sempre.

1.2. Príncipe da Vida

No entanto, o acento maior do discurso de Pedro, recai sobre este testemunho claro e incisivo: *Mas, o Príncipe da Vida que vós havíeis matado, Deus o ressuscitou dos mortos – disso nós somos testemunhas* (At 3,15).

Jesus, agora, isto é, pelo que fez por toda a humanidade e por toda a criação, mostra-se como o Princípio (em grego: *arché*) da Vida: Aquele que

doa uma nova vida, uma vida vinda do alto, do Espírito, a todo vivente, à toda criatura terrestre e celeste, como se pode ler na Carta aos Hebreus: *O iniciador e o consumidor da fé, Jesus, o qual, renunciando à alegria que lhe era devida, sofreu a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus* (Hb 12,2).

Assim, Jesus é o Princípio e o Príncipe da vida, primeiramente porque é Dele que nasce nossa nova vida, mas, também, porque Ele é o pioneiro, aquele que vai à frente a fim de abrir, através de sua obediência ao Pai até à morte e morte de cruz, a porta, do paraíso perdido, fechada outrora pela desobediência de Adão. Nesse sentido ele é aquele que, a modo de mestre, introduz à vida todos aqueles que o seguirem na fé desse seu caminho: a Cruz.

1.3. A fé

O discurso de Pedro visa, também, realçar o papel e a importância da fé, que é a resposta positiva ao querigma (anúncio): *“Pela fé em seu nome é que este mesmo Nome curou este homem que vocês veem e conhecem. A fé que vem por meio Dele lhe deu esta saúde perfeita, como todos podem ver”* (At 3,16). É um tanto estranho que, para a leitura desse Domingo, os liturgistas deixaram fora essa frase tão significativa. Em todo caso, sem a fé o milagre não teria acontecido. Trata-se da fé de Jesus, isto é, da confiança que Ele desperta no paralítico; fé que vem por meio dele, Jesus, e que se comunica aos seus seguidores e aos que aderem ao seu anúncio; fé que é pura positividade da doação do amor; que se manifesta como firmeza da fidelidade do amor que ama por primeiro. Fé que também é graça, alegria, vigor do mistério do encantamento do encontro, do toque, que leva a pessoa a entregar-se, a confiar-se à pessoa que a toca, procura e ama.

1.4. Apelo ao arrependimento e à conversão

O anúncio (*Querigma*) e o testemunho (grego: *Martyrion*) acerca de Jesus Crucificado e Ressuscitado, feito por Pedro, terminam com este apelo: *“convertei-vos, portanto, e voltai a Deus”* (At 3,19).

A conversão (grego: *metánoia*) é a reviravolta da mente que, movida pelo toque da graça do encontro, do amor, passa da ignorância (desconhecimento dos desígnios de Deus na história [At 3,17]) para a clareza da fé e do conhecimento de sua ação salvífica em Jesus Cristo, o Crucificado, que ressuscitou. É, também, retorno para Deus (grego: *apostrophéin*), voltar a Ele e voltar-se a Ele (em hebraico: *teshuvá*); agora, em vez de viver “de costas” a Ele, como fizera Adão, começa a viver face a face com Ele na correspondência do amor.

2. O Paráclito e o conhecimento de Deus (1Jo 2,1-5)

Na segunda leitura de hoje, São João chama Jesus de “Paráclito”. Paráclito é defensor (advogado) e consolador. Jesus é nosso Paráclito, à medida que ele, o Justo, cunha em nossos corações as marcas das chagas, da cruz do seu amor-doação. Ora, como haveria o Pai de nos condenar vendo impresso em nós tão inaudito mistério de amor de seu Filho muito amado?! Por isso, já na abertura do trecho de sua Carta, proclamada hoje, podemos vislumbrar o sentimento amoroso da experiência do seu encontro com Jesus. Ele, que se via e se experimentava como *aquele que Jesus amava*, agora transfere esse mesmo sentimento para seus ouvintes e leitores: *Meus filhinhos...*, isto é, filhinhos, amados e queridos, por causa de Jesus Cristo, o nosso defensor e consolador.

Entretanto, ter Jesus como defensor e consolador, encorajador e admo-estador, enfim, como paráclito, exige que caminhemos na vida em comunhão com ele; exige que queiramos o que e como ele mesmo quer, levando à consumação, por palavras e ações, seus mandamentos, suas recomendações, que se resumem no amor-caridade-doação.

Esse será, também, o novo caminho para o conhecimento de Deus. Se, até então, os judeus primavam o caminho do saber e da observância da lei, agora, o caminho novo é o inaugurado pelo próprio Cristo, que vai em busca do Pai através do caminho estreito da “loucura” da Cruz, que traz em si uma sabedoria “misteriosa, escondida” (Cf. 1Cor 2,7).

3. As provas da Ressurreição (Lc 24,35-48)

No Evangelho desse Domingo, Lucas volta ao testemunho da Ressurreição de Jesus. As dificuldades acerca da veracidade desse mistério sempre se fizeram presente entre judeus e homens de fé. Não seria, invenção ou mera fantasia? A realidade, a verdade, da Ressurreição só se abre a partir da fé, na fé e para a fé. O Ressuscitado não se manifestou ao mundo, mas sim aos que se abriram à graça do encontro e Nele creram (Cf. At 10,40s). Se o tivesse feito, o mundo seria coagido a reconhecê-lo. E isso não seria nem encontro e muito menos fé. Por isso, Ele não quis se impor. Quis, antes, ser livremente crido, a partir do testemunho dos seus Apóstolos e dos primeiros discípulos; daqueles que fizeram a experiência de sua presença viva, em carne e osso, como Ressuscitado. O mundo, porém, pode ver sinais terrenos (o sepulcro vazio, a alegria dos discípulos, as conversões, etc.). Mas, como não creem são sinais sem significado, um enigma. Para os que creem, porém, são marca divina, ação de Deus na história.

3.1. Eucaristia, a primeira e grande prova

O Evangelho começa com o final da narrativa da maravilhosa aparição de Jesus aos discípulos de Emaús: *E eles contaram o que se passara no caminho e como o haviam reconhecido na fração do pão* (Lc 24,35). A Eucaristia, ou fração do pão – que Cristo instituiria e confiara aos Apóstolos na Última Ceia - sempre foi, e é, o momento privilegiado do encontro com o mistério Dele, com sua Pessoa. Ela é o melhor e maior sinal da sua presença na comunidade dos discípulos. Nela, Jesus misteriosamente renova, re-atualiza, re-presencia-liza sua entrega, sua doação iniciada na Encarnação e consumada na Cruz. Por isso, ela é chamada de “o sacramento dos sacramentos”. *Sacramentum* é tradução latina do grego *mysterion*, mistério. Mistério é o que se dá, subtraindo-se; o que se abre e se manifesta, escondendo-se.

3.2. A prova da Paz

Os discípulos de Emaús *ainda estavam falando* (da aparição que tiveram de Jesus e como o reconheceram ao partir do pão), *quando o próprio Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: “A Paz esteja convosco!”* (Lc 24, 36).

O contraste com o clima da sexta-feira santa, estampado no rosto dos discípulos e dos judeus – desencontro, desgraça, injustiça, dor, sofrimento, desolação, frustração, derrota, ódio e vingança – é evidente. Agora, no rosto de Jesus, em seus gestos, sua presença é só paz. Uma paz que veio para invadir o coração de todos os homens de boa vontade. Por isso, aqui Ele se mostra como o “Paráclito”, no sentido de “consolador”: aquele que retira o homem do assolamento da desolação e da solidão. Por isso, a saudação, nascida de sua nova presença: *A paz esteja convosco!*; uma presença que os liberta de todo aquele medo, angústia e tristeza, conduzindo-os para dentro do vigor, da saúde, da salvação originária.

Trata-se de uma paz nova, que vem ao encontro de homens *espantados e cheios de medo* porque vazios, afastados, ainda que momentaneamente, do seu Senhor. Ora, não é, por acaso, o medo (espanto, pavor) do vazio que atinge os homens de hoje e de sempre? Tomados pelo consumismo, pelo niilismo tornam-se carentes de uma vida em transcendência, sem Deus e sem os outros. Cristo, com o mistério de sua cruz e Ressurreição, vem ao nosso encontro como um raio de luz jovial que corta e ilumina a escuridão do vazio de nossa desolação: a Paz.

Os discípulos recebem essa paz e se tornam artífices dela no mundo, como nos recorda a bem-aventurança dos pacíficos (Cf. Mt 5,9). Tornam-se fazedores da paz no mundo, como nos recorda São Francisco em sua Admo-estação 27: *Das Virtudes que afugentam os vícios:*

Onde há “caridade” e sabedoria, não há “temor” nem ignorância. Onde há paciência e humildade, não há ira nem perturbação. Onde há pobreza com alegria, não há cobiça nem avareza. Onde há quietude e meditação, não há afã nem divagação. Onde o temor de Deus “guarda o seu átrio”, o inimigo não encontra por onde entrar. Onde há misericórdia e discrição, não há superfluidade nem dureza.

A evangelização é também mais que anúncio (*Querigma*), ou melhor, é o querigma em sua consumação. É testemunho no sentido de martírio (*Martyrion*): difusão, realização da Paz. Por isso, os verdadeiros evangelizadores serão sempre, de uma ou de outra forma, mártires. Um martírio que vai se consumando no dia a dia, pelo sacrifício da própria vontade, para, a exemplo do Mestre, cumprir sempre a vontade de Deus fazendo a vontade do outro.

3.3. O toque nas chagas, prova das provas

A paz, porém, não chega assim, tão facilmente, como que ao toque de uma vara mágica, ao coração dos discípulos. Resquícios daquele julgamento atroz - Jesus declarado pública e oficialmente pelas autoridades máximas da Religião e do Império romano, como blasfemador, inimigo de Deus e do Povo – ainda permaneciam arraigados em seus corações. Como, pois, crer Nele? Como segui-Lo, como testemunhá-Lo? O que acontecera naquela sexta-feira fora para além de todas as medidas. Por isso, ainda estavam perplexos, assustados e com medo.

Jesus, então, recorre à sua última prova: mostra-lhes as mãos e os pés, com suas chagas. *Nas suas chagas encontrava-se a cura para nós*, já dizia o profeta Isaías (Is 53,5). Mostrando-as, Jesus curava-lhes as feridas que a dúvida deixava nas almas dos seus discípulos. Na celebração da Vigília pascal, a Igreja, ao preparar o Círio Pascal, proclama: *Por suas santas chagas / suas chagas gloriosas / o Cristo Senhor / nos proteja e nos guarde!* Somos guardados pelas chagas de Jesus como a mãe guarda em seu seio o filhinho querido.

Jesus mostra suas mãos e seus pés chagados para dizer a eles: “Sou eu mesmo”. Aquele que lhes aparecia era o mesmo que outrora, na Galileia, os havia escolhido e chamado para sua companhia; o mesmo que foi crucificado e que foi sepultado. Não era outro. Era ele em pessoa, em carne e osso. Só então, eles começam a se alegrar. Mas, paradoxalmente, com aquela alegria, eles ainda hesitam: era bom demais para ser verdade!

Jesus não quis que suas chagas desaparecessem com sua Ressurreição. Primeiramente, porque a Ressurreição não acabou com a Cruz. Depois, também, porque elas são as marcas, as credenciais de seu amor pelos homens, que

Ele carrega para sempre em seu corpo glorioso. Portanto, em vez de vergonha, são chagas de glória; glória e esplendor de seu amor, de sua misericórdia pelos homens. Por isso, ou seja, para recordar e testemunhar esse mistério é que nos persignamos com o Sinal da Cruz nos principais momentos do nosso dia a dia.

3.4. A refeição, consumação das provas

Ainda, para provar-lhes que era Ele mesmo em carne e osso e não um fantasma, uma fantasia, Jesus lhes pede que lhe deem algo de comer. Seu alimento foi o peixe assado (alguns manuscritos acrescentam um favo de mel). Tudo tem seu sentido alegórico. Em sua paixão e morte de Cruz, Ele mesmo fora como um peixe assado no fogo do sofrimento e do amor. O anagrama *Ichtys*, que em grego significa “peixe”, evoca esse mistério e transforma em declaração o que é, ou esconde seu nome. Com efeito, as letras do nome se transformam em iniciais da declaração, em grego: *Iesus Christos Theou Yuios Soter* (Jesus Cristo, Filho de Deus Salvador). Se o peixe grelhado era, para os padres da Igreja, símbolo da Paixão de Cristo, o favo de mel seria sinal da doçura e alegria da Ressurreição. Já, a refeição pascal judaica recordava a mistura de amargo e doce. Não há, pois, como fazer a Páscoa sem experimentar a tristeza como um retraimento da alegria (*Bem-aventurados os que choram!*) e sem experimentar a alegria como a abertura e desvelamento do que se ocultava na tristeza.

3.5. Vós sereis testemunhas de tudo isso

A última parte do Evangelho de hoje termina com este grandioso e solene ordenamento: *E vós sereis testemunhas de tudo isso* (Lc 24,48). Mas, para que isso acontecesse, era necessário, ainda, conduzir os discípulos para o conhecimento da plenitude da mensagem da Ressurreição; que entendessem que tudo o que Lhe acontecera está contido nas Escrituras; que Ele, enfim, é a realização, o cumprimento de tudo o que fora anunciado e esperado por Israel, desde Abraão até João Batista. Ou seja, o evento da Cruz-Ressurreição, e sua repercussão universal entre os povos da terra a partir de Jerusalém, está no centro de todas as Escrituras. É o que Jesus expressa citando Isaías 53: “*Assim está escrito: ‘O Cristo sofrerá e ressuscitará dos mortos ao terceiro dia’*” (Lc 24,46). E eles, agora, deverão ser os mensageiros, as testemunhas desse mistério, desse ato iniciado na e pela Cruz.

Os Apóstolos e seus sucessores são, assim, ordenados e constituídos como testemunhas primordiais do evento Cruz-Ressurreição. Seu anúncio e testemunho, pelas palavras e pelas obras (atos), é que daria o arranque inicial da re-percussão do mistério pascal de Cristo em toda a terra. O testemunho

deles seria animado e amparado pelo Prometido do Pai, pelo Poder do Alto, o Espírito Santo.

Conclusão

Poderíamos chamar o Domingo de hoje – terceiro da Páscoa – o Domingo do Primeiro Anúncio, do Querigma cristão.

Hoje, isto é, desde o Vaticano II, a Igreja está se empenhando em recuperar cada vez mais consciente e ardorosamente sua dimensão querigmática. Falando da importância e do papel do vigor do Primeiro anúncio, assim se expressa nosso Papa Francisco: *Querigma é o fogo do Espírito... que nos faz crer em Jesus Cristo, que, com sua morte e Ressurreição, nos revela e nos comunica a misericórdia infinita do Pai* (EG 164). Esse deve ser o ponto de partida, o princípio, o fogo que deve arder no coração de cada pregador que anuncia e de todo fiel que escuta a Boa Nova da Igreja: *Jesus Cristo te ama, deu sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar* (idem, 164).

“Primeiro”, portanto, aqui não se refere ao primeiro de uma série de outros princípios que viriam depois, mas, sim, ao básico, ao fundamental, ao originário, isto é, aquele do qual ainda hoje nasce e deve nascer, crescer e amadurecer todo fiel em seu seguimento de Jesus Cristo, toda a Igreja e toda sua obra evangelizadora.

Quem nos faz uma bela recordação e exortação desse querigma é santa Clara. Dirigindo-se à sua coirmã Inês assim escreve: *confortai-vos no santo serviço, iniciado pelo ardente desejo do Pobre Crucificado, que, por todos nós, ‘suportou a Paixão da cruz’, arrancando-nos do poder do príncipe das trevas, ao qual estávamos presos pela transgressão dos primeiros pais, reconciliando-nos com Deus Pai* (1CCL 13-14).



4º Domingo da Páscoa

Leituras: At 4, 8-12; Sl 117 (118); 1Jo 3,1-2; Jo 10,11-18

Tema-mensagem: Ovelhas do Cordeiro imolado e pastores e servos do único e bom Pastor.

Introdução

Em seu zelo e desejo de conhecer e viver sempre mais profundamente o mistério pascal, a Igreja, através da Liturgia desse 4º Domingo da Páscoa, nos põe, de novo, na proximidade do Cristo ressuscitado, o verdadeiro Cordeiro sem mancha e o único Bom Pastor.

1. De novo, o nome de Jesus (At 4,8-12)

Na primeira leitura de hoje, depois da cura do paralítico, enquanto Pedro ainda discursava, ele e João foram presos e levados para interrogatório diante do Sinédrio: “*A que poder ou a que nome recorrestes para fazer isso?*” (At 4,7). O embate dá a Pedro a oportunidade de testemunhar o Nome de Jesus.

1.1. Jesus cumpre sua promessa

O primeiro ato dos Apóstolos, e o mais significativo de todos, vem descrito com muita brevidade e com este princípio: *Pedro, cheio do Espírito Santo, disse...* (Cf. At 4,8-12). Realizava-se, assim, a promessa que Jesus lhes fizera: que, ao serem levados diante das sinagogas e outros tribunais, não deveriam se preocupar porque, naquela hora, o Espírito Santo haveria de dizer-lhes o que e como deveriam responder (Cf. Lc 12,11-12). Assim, o processo ou acusação, que no princípio lhes parecia uma desventura ou desgraça, transforma-se na preciosa ocasião, alegria e honra de poder fazer o anúncio do Nome de Jesus, isso é, da vigência de sua pessoa e de sua obra.

Portanto, verdadeiro protagonista e ator dos Atos não são eles, os Apóstolos, mas o Espírito Santo, o Espírito que ressuscitara Jesus dentre os mortos, e que ele prometeu enviar-lhes como outro Paráclito. É Ele que se manifesta, dando a Pedro - que, no momento da Paixão havia fracassado e O havia negado - a coragem de, agora, testemunhar sua fé no Nome de Jesus.

Como diz São João numa de suas Cartas, lida no segundo Domingo da Páscoa: *É o Espírito quem dá testemunho, porque o Espírito é a verdade* (1Jo 5,6). Pedro, o Apóstolo, e todo apóstolo, portanto, torna-se porta-voz do tes-

temunho do Espírito Santo. E esse testemunho versa a respeito do Nome de Jesus.

1.2. Jesus ressuscitado, o centro e a essência do querigma cristão

Assim, movido pelo Espírito de Deus, Pedro proclama: “*É pelo nome de Jesus Cristo, o Nazareno, crucificado por vós, ressuscitado dos mortos por Deus que este homem se acha aí, diante de vós, curado!*” (At 4,10). No centro dessa fala, portanto, está o Nome de Jesus. Eis o querigma que eles, israelitas, deviam acolher porque predito pela Sagrada Escritura, principalmente pelo profeta Isaías. Anteriormente, no seu discurso no pórtico de Salomão, Pedro, em tom de testemunho, já tinha feito à multidão esse anúncio (Cf. At 3,16).

Nome, aqui, nada tem a ver com rótulo ou etiqueta. É, antes, a evocação e invocação da proximidade, da presença da pessoa mesma nomeada. No caso, a pessoa mesma é Jesus. Para o discípulo, Jesus é nome sagrado, precioso, porque evoca e “presencializa”, sempre de novo, a alegria e o encantamento, a doçura e a ternura da graça do encontro e do chamado. De São Francisco, por exemplo, diz São Boaventura: *Ao ouvir, porém, o nome de Jesus, enchia-se internamente de certo júbilo, e externamente parecia transformar-se todo, como se um sabor de mel lhe mudasse o gosto ou um som harmonioso lhe mudasse a audição* (1B 19,6). Na tradição franciscana, temos o apostolado de São Bernardino de Siena, que se concentrou todo na difusão da força, do calor, do brilho, do Nome de Jesus. Na Rússia, os monges peregrinos concentravam toda sua oração na invocação do Nome de Jesus. De Joana d’Arc se conta que, ao encaminhar-se para o cadafalso, ia repetindo somente *Jesus! Jesus! Jesus!*

Que esse Nome é fonte de salvação, isto é, de plena, vigorosa, essencial saúde, estava sendo provado, primeiramente, pela cura daquele paralítico e, posteriormente, pela conversão e fé dos próprios Apóstolos, Pedro e João, que, de simples e humildes pescadores, medrosos e incrédulos, se tornaram ardorosas testemunhas de Jesus.

1.3. Jesus, a pedra angular

Em seguida, Pedro, servindo-se de novo da Sagrada Escritura, proclama: “*Ele é a pedra que vós, os construtores, tínheis rejeitado e que se tornou a pedra angular*” (Sl 118,22).

Ora, se até então Israel havia se edificado, construído sobre a pedra angular da lei, dos profetas, etc., agora, diz Pedro, a edificação do novo Israel e da Nova Humanidade, da nova história, se dá graças a Jesus. É Ele quem começa a reunir os dois lados da humanidade, judeus e gentios, num único Povo de Deus, na única Família do Pai. Ele – o rejeitado, o recusado, o deixado de lado

pelos homens – por sua oferenda sacrificial expiatória, consumada na cruz, foi acolhido por Deus, ressuscitando-o dentre os mortos. Essa é a maravilha, o grande e estupendo ato que Deus fez na Páscoa, manifestando que *eterna é sua misericórdia* (Sl 135).

Os maiores de Jerusalém, porém, em vez de aproveitar da graça dessa pedra para se reerguerem, nela tropeçaram, caíram, isto é, se escandalizaram. Pedro, ao testemunhar o Nome de Jesus, lança, corajosamente, na face desses homens – aparentemente zelosos pelo Templo e pelo culto de Jahvé – a verdade do seu tropeço.

A essência da pregação apostólica consiste, portanto, na revelação e no anúncio universal – católico - desse Nome; em abrir caminhos para que os homens de toda a terra, de todos os povos, nações e línguas possam acessar à salvação do Pai, que age em toda a parte através do anúncio do nome de seu Filho Jesus; em congregar, sob o brilho e o vigor desse Nome, os homens novos, que, jubilosos, cantam o canto novo de renascidos em seu amor, cujo sacramento (sinal visível do mistério) é a Igreja. Consequentemente, o desafio contínuo dessa Igreja é ser, de fato, o que ela é a partir do nome de Jesus: **una** porque unida pelo vigor da caridade Dele; **santa** porque, desprendida dos interesses mundanos, está ligada unicamente a Ele; **católica** porque, aberta a todos os seres humanos de toda a terra em suas diferenças, a todos acolhe como mãe amorosa e misericordiosa; e **apostólica** porque se funda no testemunho dos Apóstolos que, por sua vez, se fundamenta no testemunho do Espírito Santo.

2. Filhos de Deus, nossa nova identidade (1Jo 3,1-2)

A segunda leitura de hoje toca na raiz de nossa identidade: *Vede que grande amor nos outorgou o Pai, que sejamos chamados filhos de Deus, e nós o somos!* (1Jo 3,1).

O cristão é, verdadeiramente e de fato, filho de Deus. Ele vive no e do encontro com Deus, num relacionamento de pura recepção e de agradecida doação. Trata-se de uma realidade nova no coração, isto é, na raiz do nosso humano, uma realidade que antes não existia. Graças a essa nova realidade radical, estabelece-se uma nova relação com Deus, tornada possível pela obra de Cristo, isto é, pela sua Encarnação-Paixão-Morte-Ressurreição: “um presente de Deus”, isto é, uma presença do amor do Pai (Cf. 1Jo 3,1). Daí a ousadia de podermos chamar Deus de “nosso Pai” (Cf. Introdução ao Pai Nosso, na Missa)

Nossa filiação divina, porém, não é um dado pronto, feito, mas a se fazer. Por isso, João continua falando dessa filiação: *Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas o que seremos ainda não se manifestou. Sabemos que,*

quando ele aparecer, seremos semelhantes a ele, já que o veremos, tal como ele é (Jo 3, 2). O nosso conhecimento de Deus no amor, isto é, nossa “asemelhamento” com Ele é, aqui, incoativa. Está em devir, como já dissemos. Estamos sendo gerados, gestados, elaborados por Deus. Ele já sabe o que seremos, mas a nós, esse mistério ainda nos está oculto. A única coisa que sabemos é que, na aparição definitiva de Jesus Cristo, nós apareceremos como seus irmãos, como seus semelhantes. No rosto de cada um de nós, a exemplo de São Francisco, resplandecerá o ser e as marcas – as chagas do amor - do Filho de Deus.

3. Ovelhas do cordeiro imolado e pastores do único e bom pastor (Jo 10,11-18)

A Liturgia de hoje, se empenha em mergulhar no mistério pascal, proclamando a parábola do Bom Pastor, usada pelo próprio Jesus para transmitir aos seus discípulos a identidade da pessoa Dele e de sua missão.

3.1. Jesus, o bom pastor

Jesus começa se autodenominando: *Eu sou o bom pastor: o bom pastor se despoja da própria vida por suas ovelhas* (Jo 10,11).

É importante notar que, se até então, o fiel pertencia ao rebanho de Deus, que era a Casa de Israel, pela observância da Lei e de suas tradições, agora, para se entrar no novo rebanho, o novo Povo de Deus, é preciso *ouvir sua voz* (do Pastor, de Jesus) (Jo 10,3). Estabeleceu-se, assim, um novo princípio de pertencimento ao rebanho, bem como entre o pastor e as ovelhas, Deus e seu Povo.

Para revelar a admirável sublimidade, altura e profundidade dessa nova comunhão entre Ele e suas ovelhas, Jesus explica que se trata da mesma comunhão que existe entre Ele e o Pai. Uma comunhão de fé e alegria que enche o céu e a terra e que se traduz na mútua obediência: assim como o Filho obedece ao Pai e o Pai ao Filho, assim também é o novo relacionamento de Jesus com suas ovelhas: enquanto essas ouvem e obedecem à sua voz, Ele ouve, escuta e obedece à suas ovelhas.

Jesus se intitula “bom pastor”. Pastor significa cuidador, protetor, condutor. O texto grego diz, literalmente: *ho poimén, ho kalós* – “o pastor, o belo”. Para a língua grega, *kalós* é tanto “bom” quanto “belo”. O belo é, aqui, o esplendor, o brilho da auto manifestação, da verdade do ser. Jesus é o belo pastor, pois nele brilha o esplendor da verdade, da essência do ser pastor. Bom é aquilo que é segundo o Todo. Jesus, portanto, é o bom pastor porque é o pastor “segundo o todo”, isto é, segundo Aquele Bom originário, que é o único bom, que, em sua benignidade difusiva, comunica todo o bem aos seres, Deus Pai,

proclamado por São Francisco como *todo o bem, o sumo bem, o bem inteiro, o único bom* (LH 11).

3.2. O bom, o belo pastor expõe sua vida

Segundo a parábola, o bom (belo) pastor *põe sua alma* por suas ovelhas. Isto é: ele se expõe à morte, se despoja de sua vida por elas porque o sentido de sua vida, o tesouro de seu coração, são elas, as ovelhas. Por isso, amá-las, cuidar delas até a morte é sua honra, grandeza e dignidade. Enfim, o pastor se torna Cordeiro imolado, alimento, comida e bebida, para a vida de suas ovelhas, as criaturas todas.

Entretanto, nota Santo Agostinho: se Jesus podia fazer de sua vida um sacrifício sem precisar de nós, nós não podemos fazê-lo sem Ele. “*Sem mim, nada podeis fazer...*” (Jo 15,5). Sem a caridade, o amor-gratuidade, que vem de Cristo, todo sacrifício de si é vão (Cf. 1 Cor 13,3), todo martírio é “falso testemunho”.

3.3. Jesus e os maus pastores

O bom pastor distingue-se do mercenário, isto é, daquele que não é movido pelo vigor da graça do encontro, do toque do enamoramento, da caridade, mas pelo interesse do ganho, do lucro, do prestígio, do carreirismo, clericalismo, gnosticismo, elitismo (Cf. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade*, CNBB, 49), etc. Nesse caso, estamos diante de um falso pastor. Por isso, Jesus insiste: *O mercenário, que não é verdadeiramente pastor, e a quem as ovelhas não pertencem, ao ver chegar o lobo, abandona as ovelhas e foge; e o lobo se apodera delas e as dispersa* (Jo 10,12). Na verdade, o mercenário quer e busca apenas o lugar, o *status* de pastor, mas não sua vocação e missão; não imita seus gestos, obras, sua doação.

3.4. O bom pastor conhece suas ovelhas

Jesus diz, ainda: “*Eu conheço minhas ovelhas, e minhas ovelhas me conhecem, como meu Pai me conhece e eu conheço meu Pai*” (Jo 10,15). Conhecer, aqui, indica o processo de, movido pela graça do encontro, assemelhar-se no co-pertencimento, como costuma se dar, por exemplo, entre dois cônjuges. Todavia, se o conhecimento – o amor – nasce da gratuidade do encontro, ele só floresce e amadurece na e pela graça da solicitude e do cuidado pelas ovelhas. Por isso, dizia a sábia Raposa ao Pequeno Príncipe: *Foi o tempo que perdeste com tua rosa que fez tua rosa ser tão importante!*

Jesus continua dizendo: “*Eu tenho outras ovelhas que não são deste redil, e também a estas é preciso que eu conduza; elas ouvirão minha voz, e haverá*

um só rebanho e um só pastor” (Jo 10,16). É a recordação da vocação-missão original de Israel: ser o Povo de Deus que iria e deveria congregiar ao seu redor os povos todos do universo inteiro. Mas, por causa de seu proselitismo sectarista e soberbo, Israel perdeu-se a si mesmo como Povo de Deus, e impediu, também, que os povos chegassem a essa graça. Seus mestres e pastores apoderaram-se da chave do conhecimento. Por seu orgulho, eles mesmos não entraram no mistério da Casa do Pai e impediram a outros de entrar (Cf. Lc 11,52) – o que é o risco de todo sectarismo e clericalismo – principalmente do clericalismo cristão. O clericalismo sempre se rege pela lógica da exclusão. O bom pastor se rege, porém, pela catolicidade, isto é, pelo vigor do universal, do amor-cuidado por tudo e por todos.

3.5. A morte na Cruz, uma necessidade livre de Jesus

Por fim, Jesus conclui: *“O Pai me ama, porque eu me despojo da vida, para a retomar em seguida”* (Jo 10,17-18). A morte de Jesus na cruz não é a concreção de uma necessidade fatal nem da mera iniquidade humana que o teria constrangido. Ela é concreção de uma necessidade livre, advinda da gratuidade do amor. Seu amor pelo Pai haveria de se concretizar no seu amor pelos homens. Seguindo o mandamento do Pai, isto é, sua recomendação, Jesus não teve sua vida tirada, mas, como filho muito amado, ele a dá, livre e espontaneamente, por todos os filhos do Pai, dispersos pelo mundo inteiro e por todo o sempre.

Jesus, o bom pastor, inaugurava, assim, o princípio, a regra de ouro para todas as suas ovelhas. Ser discípulo de Jesus, participar de sua grei, é segui-Lo em dando a vida por Ele e para os seus, a partir da gratuidade Dele e não a partir do próprio poder.

Disso nos fala esta admoestação de São Francisco:

Atendamos, irmãos, o Bom Pastor, que para salvar as suas ovelhas, suportou a Paixão da cruz. As ovelhas do Senhor seguiram-no na tribulação e na perseguição, na vergonha e na fome, na enfermidade e na tentação e em tudo o mais: e disso receberam do Senhor a vida sempiterna. Por isso, é grande vergonha para nós, servos de Deus, que os santos tenham feito obras e nós queiramos receber glória e honra apenas por citá-las (Adm VI).

Conclusão

O anúncio querigmático de Jesus, por parte de Pedro, que, no sínédrio, falou *cheio do Espírito Santo*, nos remete à exortação do Papa Francisco a que sejamos *evangelizadores com Espírito* (EG 259). Somos evangelizadores

com Espírito, diz ele, quando vivemos e evangelizamos a partir do amor que recebemos de Jesus, *daquela experiência de sermos amados por Ele e que nos impele a amá-Lo cada vez mais. Um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de torná-la conhecida, que amor seria?* (EG 264). Consequentemente, a essência de toda nossa vida e evangelização não pode ser outra senão o anúncio de Jesus, o Salvador.

Já, com a parábola do Bom Pastor, Jesus nos exorta a sair de nossa zona de conforto, de nossa *própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho* (idem 20); de ser evangelizadores que contraem o *cheiro* de suas ovelhas, pois só assim essas escutarão sua voz (idem).

Foi a partir desse princípio evangélico que o mesmo Papa, em 19 de setembro de 2013, falando a um grupo de Bispos ousava chamar-lhes a atenção para que evitassem o escândalo de serem “Bispos de aeroporto!”, isto é, amando mais as viagens e as reuniões do que a presença cuidadosa e compassiva no meio de suas ovelhas. *Sejam, antes, dizia, pastores acolhedores em caminho com o vosso povo, com afeto, com misericórdia, com doçura e firmeza paterna, com humildade e discricção, capazes de olhar também para seus limites e de ter uma dose de bom humor.*

Precisamos recordar, ainda, que todo o homem foi criado para ser pastor – isto é – cuidador de si e de toda a criação. Essa foi sua primeira vocação-missão, recebida já no paraíso através de Adão: *Enchei a terra e cuidai dela* (Gn 1,28). Nunca, talvez, como hoje, se faz tão necessária a recordação dessa vocação, pois *o ambiente natural e social está cheio de chagas, causadas pelo nosso comportamento irresponsável* (LS 6). Cada criatura é uma ovelha pela qual seu Senhor, o Bom Pastor, nos exorta a que, com Ele e como Ele, dispensem nossos cuidados e, a seu exemplo, demos nossa vida para que ela tenha vida e a tenha em abundância.



5º Domingo da Páscoa

Leituras: At 9,26-31; Sl 21 (22); 1Jo 3,18-24; Jo 15,1-8

Tema-mensagem: Chamados-enviados para ser ramos unidos à verdadeira videira do Pai, Jesus Cristo crucificado-ressuscitado, a fim de poder produzir muitos e bons frutos.

Introdução

A Igreja continua solenizando, jubilosa e agradecida, os insondáveis benefícios do mistério pascal. Hoje, 5º Domingo da Páscoa, somos levados a celebrar a alegre e frutuosa união com Jesus Cristo. Uma união tão estreita, íntima e profunda como a que existe, por exemplo, entre a videira e seus ramos.

1. Paulo, de perseguidor a perseguido e testemunha de Jesus ressuscitado (At 9,26-31)

A primeira leitura de hoje, tirada, novamente, dos Atos dos Apóstolos, começa falando de um dos ramos mais expressivos do Cristianismo e de sua ação evangelizadora: *Saulo chegou a Jerusalém e procurava ajuntar-se aos discípulos de Jesus. Mas, todos tinham medo dele...* (At 9,26). A causa desse medo é muito simples e compreensível: a repentina e surpreendente conversão de Saulo. Como confiar naquele que até pouco só respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor? Chegara a pedir cartas de recomendação ao sumo sacerdote para as sinagogas de Damasco, a fim de poder levar presos para Jerusalém os varões e mulheres que encontrasse seguindo Jesus (Cf. At 9,1-2). Agora, estava pregando o Nome de Jesus, proclamando e testemunhando que Jesus era o Messias. Isso era demais! (Cf. At 9,21-22).

O fato provocou tanta ira nos judeus de Damasco que chegaram a tramar a morte de Paulo. Esse, com a ajuda dos discípulos, teve que fugir da cidade de noite, descendo pela sua muralha, por um cesto (At 9, 25). Eis o preâmbulo da primeira leitura de hoje.

1.1. Paulo busca a comunhão com a Igreja mãe

Paulo, então, volta a Jerusalém. Saíra de lá como inquisidor e perseguidor dos discípulos de Jesus, isto é, de Jesus mesmo (Cf. At 9,5); voltava, agora, como sua testemunha. Muitos dos discípulos hesitavam em confiar em Paulo que, de um dia para outro, mudara “da água para vinho”. Barnabé, figura

notável da primitiva comunidade de Jerusalém, a ponto de receber o título de *apóstolo* (At 14,4), isto é, enviado, e, por isso, compreendendo muito bem a situação, tomou Paulo consigo e levou-o aos Doze, os *Enviados* por excelência.

Assim, com a ajuda de Barnabé, Paulo, *que havia pregado em nome de Jesus, publicamente, em Damasco... permaneceu com os Apóstolos em Jerusalém* (At 9,25-26). O objetivo dessa viagem e dessa estada em Jerusalém, intermediada por Barnabé, é muito claro: pô-lo imediatamente em comunhão com a Igreja Mãe. Ou seja, Paulo não podia iniciar e levar adiante sua missão apostólica sem receber o envio dos dirigentes da Igreja, isto é, sem estar em comunhão com os doze Apóstolos.

O autor de Atos diz que Paulo pregava com firmeza o nome do Senhor. Paulo sempre fora um homem de Deus movido fortemente pela graça de um fogo interior. Antes de sua conversão o fora, seguindo à risca a lei de Moisés e suas tradições. Agora, após sua conversão, seguindo Jesus Cristo e seu Evangelho. Foi e é, certamente, um dos homens mais geniais e mais corajosos que o Cristianismo já teve. E, por isso, um homem que sempre incomodou, tanto os de fora como os de dentro da Igreja, tanto ontem como hoje. Tinha ideias bem próprias e uma interpretação bem pessoal acerca do evento “Cristianismo”.

Assim, a missão de Paulo, recebida diretamente do encontro com o Senhor ressuscitado no caminho de Damasco, deixou de ser particular. Passou a ser eclesial porque, como diríamos hoje, estava em plena comunhão com a máxima autoridade da Igreja – Pedro, ao nível de Igreja universal – e Tiago, ao nível de Igreja local de Jerusalém.

1.2. Paulo pregava com firmeza em nome do Senhor

Esse modo de falar, franco, isso é, aberto e firme (Cf. At 9, 27), que em grego se chama *parresía*, e que poderia ser traduzido por franqueza, é virtude do testemunho apostólico de Paulo, mas que deve ser também de toda Igreja, de todo cristão. É o que nos recorda o Papa Francisco: *o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (parresía), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contra a corrente* (EG 259). Isso significa que, sem o ardente desejo desse fogo interior, nascido do júbilo da graça do toque, do encontro, toda evangelização não passa de um *conjunto de tarefas vividas como uma obrigação pesada, que quase não se tolera, ou se suporta como algo que contradiz nossas próprias inclinações e desejos* (EG 261). O mesmo apelo ele o repete aos Bispos na abertura do Sínodo extraordinário sobre a família: *Falai com franqueza e escutai com humildade*.

Assim, sem ignorar outras características, a *parresía* não é uma fala polêmica, opressiva ou ofensiva contra outros, que não nos aceitam. Ela é, antes,

uma fala aberta, franca, livre, ousada, mas, ao mesmo tempo, marcada pela candura e pela suavidade para com a pessoa e a fragilidade humana, unindo a verdade com a caridade.

A *parresía* dos Apóstolos não vinha de uma habilidade retórica. Não era uma estratégia de poder de persuasão. Era uma fala sem poder, mas imbuída da autoridade do Espírito Santo. Essa *parresía* era, e foi, fundamental no testemunho apostólico (Cf. At 14,3). Foi graças a ela que se operou o milagre de tantas conversões, primeiramente no mundo judaico e, depois, no mundo pagão, principalmente no mundo romano, tornando-se a força originária da Igreja primitiva. Hoje, quando há tantas dificuldades de comunicação e evangelização entre cristãos na Igreja, e de cristãos em relação ao mundo que nos cerca, evocar a força (virtude) da *parresía* é, segundo nosso Papa, uma das tarefas mais prementes e urgentes da Igreja.

2. Amar com obra e em verdade (1Jo 3,18-24)

A segunda leitura é tirada do terceiro capítulo da Primeira Carta de São João, cujo princípio diz: *Vede, irmãos, com que grande amor o Pai nos amou, para sermos chamados filhos de Deus* (1Jo 3,1). Por isso, a exortação do verso 18, com o qual se inicia a 2ª leitura de hoje, não podia ser outra: *Filinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e em verdade* (1Jo 3,18).

O amor de Deus, ou melhor, o amor que é Deus, proposto por João como o novo sentido de nossa vida, diferentemente do nosso amor, é obra pura, palavra verdadeira, isto é, um modo de amar no qual não há nenhuma distância ou separação entre o pensar, o desejar, o querer e o fazer, entre o ser e o agir. Tudo Nele é um e uno. A fala é obra e a obra é fala, como se vê nitidamente no Gênesis por ocasião da criação e, depois, com a fala e as obras de Jesus. Deus “diz” e a obra aparece, Jesus “fala” e os demônios fogem, os doentes são curados e os mortos ressuscitam.

Por isso, também, o amor fraterno que herdamos de Cristo tem o modo de ser da obra, do bem fazer, da operação. Notemos que o original latino fala, justamente, em ações no sentido de “opera” (obras) e não em ações no sentido de atividades. Fazer obra significa empenho, trabalho artesanal, processo cuidadoso e rigoroso de formação ou criação que, a exemplo da maternidade, deixa ou faz aparecer a obra, a vida, o filho. É algo como um dar à luz, um gerar e um parturir.

É desse amor, que se faz obra, que nasce a Igreja, tão bem testemunhado pelos Atos dos Apóstolos. O mesmo processo, isso é, o amor evangélico que se faz obra, podemos ver nos *Atos do Bem-aventurado Francisco e de seus Companheiros*, dos quais, no século 13, nasce a Ordem de São Francisco.

A obra, ou o fazer do cristão, portanto, não é outro senão amar no Amor que é o próprio Deus. Por isso diz São Francisco: *Quem ama, pois, de verdade, seu inimigo não se dói pela injúria que lhe é feita, mas se abrasa pelo amor de Deus por causa do pecado de sua alma. E mostra-lhe dileção 'em obras'* (Ad 9).

3. Chamados e enviados da videira e para a videira (Jo 15,1-8)

A obra do amor fraterno - ou o amor fraterno feito obra - anunciada e prometida por Jahvé, durante todo o Antigo Testamento, foi introduzida e realizada plenamente por Jesus Cristo, mediante o mistério de sua Encarnação-Morte-Ressurreição.

Para ilustrar o mistério dessa obra, Jesus recorre a inúmeros exemplos, parábolas e alegorias. Entre essas está a da videira e dos ramos: *"Eu sou a verdadeira videira, e meu Pai é o vinhateiro"* (Jo 15,1).

3.1. Jesus, a nova e a verdadeira videira

Para os antigos, a videira era árvore sagrada. Para os israelitas, junto com a oliveira, uma árvore messiânica (Cf. Mq 4,4; Zc 3,10). Ambas evocam a "Árvore da Vida", plantada no meio do jardim originário (paraíso), isto é, no coração da boa vontade, do bem-querer de Deus.

No Antigo Testamento, a videira é o povo de Israel, propriedade de Deus. É o vinho que O enche de alegria. Por isso, dele o Senhor cuida continuamente e espera seus frutos. E, no entanto, seu amor não é correspondido. *Dela esperava inocência e veio sangue; retidão e veio grito de pavor* (Is 5,7). Ela deu espinhos, frutos maus e degenerados (Cf. Jr 2,21). Mostrou-se videira falsa, corrompida, má e degenerada.

A fala de Jesus é muito clara e precisa: porque Israel deixou de ser a videira de Jahvé, agora Ele se tornou "a verdadeira videira". Ele é a verdadeira árvore da vida que o Pai plantou em seu antigo jardim - o coração do homem e de toda a criação; a nova árvore da vida, que se manifestou nos novos tempos da Nova Aliança (Novo Testamento). Ele é a fonte da vida e dos crentes e de todas as boas obras, principalmente da fé e da caridade. Assim, como a seiva é a fonte da vida dos ramos e das uvas das quais se extrai o vinho que dá saúde, vida e longevidade ao homem, do mesmo modo, Jesus é a alma, o ânimo dos novos membros do novo Povo de Deus.

3.2. O Pai, o agricultor

A seiva dessa videira é o Espírito Santo e o Pai seu agricultor. No Evangelho de João, Jesus fala com muita frequência e fervor de sua intimidade, união e dependência do Pai (Cf. Jo 10,30, por exemplo). Na alegoria de hoje,

o Pai aparece como agricultor, isto é, como aquele que cuida do campo, no caso, da videira e dos ramos que é Jesus e seus fiéis, a Igreja, a fim de que produzam frutos.

Primeiramente, o Pai cuidou do tronco de sua videira, Jesus, seu Filho muito amado. Não permitiu, jamais, que sucumbisse às tentações do Maligno. Por isso, permaneceu sempre unido a Ele através de sua santa vontade, seu bem querer até à morte e morte de Cruz.

Mas, o viticultor cuida, também e principalmente, dos ramos. Para isso, ele os poda e limpa por meio da palavra exortativa (Jo 15,7) e das obras de seu servo Jesus. Nessa sua operação, merecem destaque seus atos de perdão e misericórdia, que culminam com o grande ato de sua morte na Cruz e que se prolongam através da Eucaristia e demais sacramentos.

Agostinho relaciona o culto (Eucaristia) com o cultivo. Assim, ao darmos culto a Deus, seja pela oração seja pelas obras de caridade, estamos cultivando nosso relacionamento com Ele.

Nesse culto, não Deus, mas nós é que somos mudados. Ele é quem nos cultiva, nos torna melhores, divinos. É, pois, necessário, como cantamos nos prefácios da Missa, que recebamos a cultura, isto é, o cultivo de Deus, do Pai de Jesus. Do contrário, somos lançados fora do relacionamento com Jesus, principalmente, quando a modo de ramos secos, por causa, principalmente, do esquecimento e da acídia, não se dá fruto de amor fraterno. Agora, o cultivo do Pai, diz João Crisóstomo, se volta não para a cepa, que não precisa mais desse cultivo, mas para nós, os sarmentos.

3.3. Permanecer Nele

Tocamos, assim, no coração da parábola: *“Permanecei em Mim e eu permanecerai em vós”* (Jo 15,4). É tão claro esse desejo, e tão forte essa exortação, que nesse pequeno trecho de apenas 8 versos Jesus usa por onze vezes o verbo permanecer. Essa sua aspiração, apesar das inúmeras infidelidades daqueles seus discípulos, expressa um pouco antes de sua partida, não podia ser mais contundente e cordial. Ele sabia muito bem que, sem Ele, haveriam de sucumbir imediatamente.

Vem, então, a explicação de Jesus: *“Do mesmo modo que o sarmento não pode produzir fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim”* (Jo 15,4).

A diferença é gritante. Enquanto os sarmentos estão na cepa e dela recebem a seiva, a vida; eles, os sarmentos, em nada contribuem para a vida da cepa. É assim que nós estamos em Cristo e Ele em nós. Nós, como recebedores, Ele como doador da Vida, do Amor. Consequentemente, toda a obra de amor que produzimos é fruto da vida, da graça de sua presença que atua em

nós. Por isso, não diz: *pouco*, mas *nada podeis fazer sem Mim*. Mais ainda, separados Dele, nos tornamos ramos secos. Só em Cristo nossas obras alcançam sentido e vigência de eternidade. Era a evidência desse mistério que levava São Francisco a exclamar, repetindo, muitas vezes: *Meu Deus e Tudo* (Atos 1,21-22).

3.4. A necessidade de produzir frutos

Jesus termina sua alegoria dizendo: “*O que glorifica meu Pai é que produzais fruto em abundância e vos torneis meus discípulos*” (Jo 15,8). A glória do Pai, que se revela em Jesus, manifesta-se, também, em seus discípulos, quando, em virtude de sua permanência Nele, produzem frutos de graças e virtudes, principalmente de caridade, perdão, misericórdia, justiça e paz. E isso, como dirá mais adiante, será fonte de alegria indizível: “*Eu vos disse isso para que minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja perfeita*” (Jo 15,11).

Assim, como no matrimônio, também nesse *Sacrum Convivium*, (São Francisco fala em *Sacrum Commmercium*), Jesus Cristo e seu discípulo serão uma só carne, uma só vida, uma só alma, um só corpo: o Corpo de Cristo, a grande e consumada obra, o grande e consumado fruto, a sua Igreja.

Conclusão

Hoje, depois de séculos de uma Igreja voltada mais para si mesma e para a doutrina cristã e para a ascese, desde o Vaticano II, estamos sendo acordados e nos dando conta de que o centro e o coração de nossa vida é **o encontro com Jesus Cristo e a permanência com Ele**. Só Jesus é a videira e nós seus ramos. Consequentemente, o decisivo é permanecer Nele e com Ele. Por isso, já dizia nosso Papa Francisco, quando ainda era Cardeal, que a Igreja deveria deixar a pretensão de *ser mysterium solis (mistério do sol) voltando a ser o que de fato é: mysterium lunae (mistério da lua)*. A imagem quer dizer que o brilho da lua não é dela, mas do sol, e que o mesmo se dá com a Igreja: sua luz vem de Jesus Cristo, o *Sol nascente que, vindo do alto, ilumina todos os homens que vêm a este mundo* (Cf. Jo Pró). Por isso, uma Igreja “senhora”, triunfante, dominadora, mundana, que vive de si e para si, não condiz com sua natureza e origem, vocação e missão.

Belo testemunho desse admirável e jubiloso mistério, além dos Apóstolos e muitos outros, encontramos em São Francisco e seus primeiros frades. Dizem as fontes: *E iam pelo mundo como peregrinos e forasteiros*, nada levando consigo a não ser Cristo. Pelo que, onde quer que fossem, faziam grandes frutos nas almas, pois eram **verdadeiros ramos da verdadeira videira** (Atos 4).



6º Domingo da Páscoa

Leituras: At 10,25-26.34-35.44-48; Sl 97 (98); 1Jo 4,7-10; Jo 15,9-17

Tema-mensagem: Chamados e ordenados para amar como o Pai e seu Filho se amam e nos amam, e permanecer nessa ordenação a fim de que nossa alegria seja perfeita.

Introdução

O tempo da Páscoa, tempo da celebração das aparições de Jesus ressuscitado, está chegando ao seu término. A volta de Jesus para o Pai está próxima. Por isso, a Igreja começa a recordar e celebrar as últimas e mais importantes exortações de Jesus aos seus discípulos. Assim, neste 6º Domingo, ela retoma o grande discurso de despedida de Jesus, no qual, mais uma vez, Ele repete e insiste, como, no Evangelho do Domingo passado: *“Como o Pai me amou, assim também eu vos amei. Permanecei no meu amor”* (Jo 14,19).

1. A universalidade da Igreja começa a se manifestar (At 10,25-26.34-35.44-48)

A primeira leitura de hoje, como em todos os Domingos da Páscoa, é tirada dos Atos dos Apóstolos. Seu objetivo é celebrar sempre de novo o nascimento da Igreja; nascimento que se dá a partir da ação do Espírito Santo e do anúncio e do testemunho da Palavra de Deus através dos feitos – Atos - dos Apóstolos. O trecho apresenta-nos a conversão e o Batismo de um gentio, isto é, de um *goy* (não-judeu), Cornélio, chefe de uma legião de soldados romanos.

A conversão desse pagão foi de uma importância decisiva para a identidade, não só da Igreja nascente, mas, também, para toda a Igreja de todos os tempos: a de ser católica, universal. Para isso, tinha de começar a tornar possível a convivência entre judeus e gentios. Muitos judeus, porém, queriam assimilar o Evangelho, mantendo a identidade étnico-religiosa do judaísmo, exigindo, para si e para os gentios, a observância das numerosas prescrições de pureza levítica (puro versus impuro). Nesse caso, os gentios ficariam excluídos pois não estavam em condições de assumir os costumes dos judeus.

Mas, o Espírito Santo impeliu Pedro, Paulo e demais Apóstolos, a compreender que a identidade cristã era universal; que, para ingressar e permanecer nela, judeus e gentios, precisavam, tão somente, renascer para a novidade do Evangelho através do Batismo e pela prática da caridade universal (mandamento do amor).

1.1. As visões de Cornélio e de Pedro

Esse Cornélio, *um homem muito religioso e temente a Deus... que fazia muitas esmolas e rezava constantemente* (At 10,1-2), vivia em Cesareia. Recebera, misteriosamente, de um anjo, que o visitara em forma de visão, a ordem de que mandasse buscar *um certo Simão, chamado Pedro* (At 10,5). Enquanto isso, Pedro, que estava em Jope, também tivera uma visão misteriosa. Num êxtase, viu uma toalha abarrotada de animais impuros e profanos que descia do céu acompanhada de uma voz que lhe ordenava: *“Pedro, levanta-te, mata e come!”* (At 10,13). Ao recusar-se, terminantemente, por ser uma comida impura, a voz voltou com mais insistência, e por três vezes: *“Não chames de impuro o que Deus purificou”* (At 10,15). Pedro, desconcertado, procurava saber o significado de tudo aquilo quando chegaram à sua casa os mensageiros do centurião que lhe narraram, ordenadamente, tudo o que tinha acontecido com seu chefe. Pedro, então, partiu com eles.

Esse é o pano de fundo da cena, que vem relatada nessa leitura. Aparentemente, o acontecido em Cesareia é um pequeno fato, restrito ao grupinho do gentio Cornélio e sua família e de Pedro e seus companheiros. Mas, na verdade, estamos diante de um grande ato que, à semelhança da irrupção de uma fonte, aos poucos, vai se transformando num grande rio – a Igreja – cujas águas fecundantes do Espírito Santo irão fecundar os corações dos habitantes de inúmeras aldeias, povos e nações. É o mistério do poder da Boa Nova, do Espírito de Deus, pulsante no mistério da Encarnação, Morte e Ressurreição de Jesus, rompendo barreiras e irrompendo no coração dos homens e na história de toda a humanidade.

De novo, a iniciativa é de Deus; o protagonista, o Espírito e não os Apóstolos e discípulos, muito menos os judeus e gentios. Aqueles, no começo, até se mostravam muito hesitantes e avessos à singular e misteriosa mensagem vinda do céu. Chegaram até a recriminar Pedro, dizendo: *“Tu entrastes na casa de pagãos e comeste com eles”* (At 11,3). Por isso, a narrativa termina testemunhando a admirável transformação da mente – conversão – de todos, principalmente de Pedro e demais judeus que o acompanhavam: *“Quem seria eu”* – exclama Pedro – *“para me opor à ação (Ato) de Deus?”* Ao ouvir isso, os fiéis de origem judaica se acalmaram e glorificavam a Deus, dizendo: *“Também aos ‘goyim’ (às nações, aos povos gentios) Deus concedeu a transformação do espírito (metánoia) para entrar na Vida”* (At 11,18).

1.2. Pedro começa a compreender a universalidade da Igreja

Assim, a misteriosa visão em Jope veio para revelar que a discriminação entre sagrado e profano, puro e impuro fora anulada com a Encarnação do Filho de Deus, culminando com o mistério de sua paixão, morte e Ressurreição. Portanto, como não há discriminação de alimento puro e impuro, também não

se deve fazer discriminação entre “raça pura” e “raça impura”. Deus tornou tudo puro pela Encarnação do Filho e santificou todas as coisas pela efusão do Espírito Santo. Pedro, começa então a dar-se conta desse inusitado e surpreendente dom de Deus: “*Agora estou compreendendo que Deus não faz distinção entre as pessoas*” (Jo 10,34).

A visão de Jope veio, assim, devolver, de novo, a religiosidade – que é amor-caridade-doação – para dentro da Religião. Sem a religiosidade a Religião fenece e a discriminação cresce. Faz-se, ou melhor, cria-se a “separação-seccção” de puro e impuro, de sagrado e profano, de escolhidos e não escolhidos (gentios para os judeus; pagãos para os cristãos), de clérigo e leigo, de justos (santos) e pecadores, etc... A religiosidade, porém, *não faz discriminação* (no grego: *prosopolémptes*) *entre as pessoas*, isto é, não olha para as “máscaras” (*prósopa*) que os homens usam, não se rege pelos rótulos que eles se aplicam a si mesmos e uns aos outros, mas, ama a todos, igualmente, e do mesmo modo.

Religião, enquanto exercício do ter, do saber, do poder, no que diz respeito ao domínio do sagrado, discrimina e exclui. A religiosidade, enquanto caridade, vive do esvaziamento (grego: *kénosis*), da pobreza de todo ter, de todo saber, de todo poder; para, assim, no não-ter, no não-saber, no não-poder, deixar ser a jovialidade da caridade. Ela se transforma, assim, em comunhão (grego: *koinonía*), verdadeira *religio* (religação e recolhimento) de todos os homens na unidade da caridade.

Esse é o sopro da novidade (*kainótes*) do Evangelho: a Boa Nova da Nova Humanidade, que irrompe do vigor da caridade, que o Jesus histórico da fé testemunhou até a morte de Cruz. O grande risco da Religião cristã é perder o vigor de raiz da religiosidade e, assim, não deixar o mistério ser mistério, e, deste modo, perder a jovialidade da Cruz. Por isso, a Religião cristã, para ser verdadeira Religião, precisa, sempre e de novo, libertar-se das amarras dos formalismos para a liberdade dos filhos de Deus, isto é, para o vigor e o frescor da religiosidade (o ser do religioso), que é Caridade.

1.3. A religiosidade da Religião

Ser cristão é tornar-se seguidor de uma Pessoa, Jesus Cristo, o Filho de Deus Pai, constituído por Ele como nosso Caminho, nossa Verdade e nossa Vida; é dispor-se continuamente a libertar a Religião de suas tendências totalitárias, discriminatórias, excludentes, para convertê-la à religiosidade da caridade católica, isto é, da doação universal.

Simone Weil é uma judia apaixonada por Cristo, que se converteu a Ele na capela da Porciúncula. Numa “Carta a um Religioso”, reflete a dificuldade do judaísmo de acolher as diferenças dos povos na identidade da Fé, mas, também, a dificuldade do Cristianismo, mais precisamente da Igreja de ser

católica não só de nome, mas de fato. Ela recorda o conflito de Pedro em Jope e de sua perplexidade no caso de Cornélio. Sua Carta é um desafio e uma provocação também para os cristãos de hoje.

O desafio e a provocação que os discípulos de Jesus encontraram nos primórdios de sua história, narrada nos Atos dos Apóstolos, continuam sendo os mesmos. A intolerância e o fundamentalismo fundam-se num espírito em que a verdade é reduzida ao correto da ortodoxia e da ortopraxia. Em nome do “correto” e da “pureza” da doutrina e da ação, age-se violentamente contra o “incorreto” e o “impuro”. Cristo anunciou, porém, a necessidade de pôr em obra a verdade que liberta, o amor-caridade que a tudo e a todos acolhe em sua pureza originária (Cf. Jo 3,21 – Diálogo com Nicodemos). E, não há verdade maior neste mundo, depois de Deus, do que a pessoa em sua situação existencial, concreta. Por isso, diz Lutero: *Quando a verdade em si é melhor do que os seres humanos nos quais mora, tanto piores são os sábios do que os poderosos e ricos. Com razão Deus resiste a eles (Magnificat, pág. 90).*

1.4. O Espírito Santo desceu sobre todos

A narrativa segue com esta grande surpresa: *Pedro estava ainda falando quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a palavra (At 10,44).* A intenção da narrativa é muito clara: mostrar que o Espírito Santo, o Dom de Deus, o Amor de Deus, se difunde também sobre os pagãos como havia se difundido sobre os fiéis judeus de Jerusalém e da diáspora, no dia de Pentecostes. Assim, paralelamente ao Pentecostes judaico, temos, igualmente, o Pentecostes das nações gentias, pagãs.

Fica claro, mais uma vez, que a iniciativa é de Deus e não do Apóstolo. Tanto é que Pedro mal tinha acabado de falar e o Dom de Deus (a água viva a que se referia Jesus no diálogo com a Samaritana), o Amor de Deus que Ele derrama como Força do Alto, é infundido sobre os ouvintes gentios. Por isso, a Igreja não está, jamais, **de** posse, mas **na** posse dessa catolicidade (universalidade). Seu desafio é ser, de fato, o que de nome, por vocação e iniciativa divina ela é: católica, isto é, virada, voltada, aberta para todos na unidade da caridade: **universal**.

2. Amar no amor que nos amou por primeiro (1Jo 4,7-10)

A segunda leitura da Missa de hoje, tirada da Primeira Carta de São João, é um desdobramento da segunda leitura da Missa do Domingo passado, toda ela centrada no “dever” de amar os irmãos: *Caríssimos: amemo-nos uns aos outros porque o amor vem de Deus...* (1Jo 4,7).

A origem do amor fraterno cristão não podia ser mais e melhor expressa do que através deste *porque o Amor vem de Deus* e, mais ainda, *porque Deus*

é Amor. Ou seja, devemos amar os irmãos porque estamos diante de uma nova origem comum, um novo nascimento e ordenamento. Se o primeiro homem, Adão, era nascido da carne, de baixo, agora somos todos nascidos do alto, de Deus, de um único e mesmo Pai comum a todos os homens e que é Amor. Se, na observância da lei, o vigor vinha de fora, por imposição, agora, nesse novo mandamento – do amor - ele vem de dentro, como necessidade interior e por atração.

A insistência de João, acerca da origem do amor fraterno dos cristãos, é muito contundente, clara e precisa, e tem como objetivo precaver os fiéis de falsas interpretações, como a que já estava acontecendo, por exemplo, por parte dos gnósticos. Os gnósticos consideravam-se uma classe privilegiada, uma espécie de elite intelectual e espiritual, no meio do povo simples e comum. Isso porque acreditavam e proclamavam que eles podiam conhecer e amar a Deus a partir de si, de seus conhecimentos elevados, mais sutis que o comum dos fiéis, dispensando, por vezes, até mesmo a Palavra de Deus, a graça. Esqueciam o grande rastro de toda a História Sagrada do Antigo e do novo Testamento: o Amor de Deus sempre veio até nós porque Ele tomou a iniciativa, culminando com o envio de seu Filho unigênito. Assim, o amor que há no homem, se realmente for amor, é coisa vinda, nascida de Deus e não do homem.

João conclui sua explicação dizendo que “nisto consiste o amor: *Não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou por primeiro* (1Jo 4,10). Por isso, o amor que o homem pode ter por Deus será sempre uma resposta e não uma iniciativa sua, como o demonstra toda a História Sagrada, culminando com o Envio de seu Filho único *como reparação pelos nossos pecados* (idem).

3. Mais que ser amado por Deus, importa permanecer em seu amor (Jo 15,9-17)

O mistério central da celebração desse Domingo vem claramente assinalado pelas duas primeiras frases do Evangelho de hoje: “*Como meu Pai me amou, assim também eu vos amei. Permanecei no meu amor*” (Jo 15, 9).

Eis o anúncio da fonte, do mistério originário, do novo ordenamento, do novo vigor que vai reger, governar e sustentar a nova humanidade, a nova criação! Um ordenamento que, nascendo do Pai – *Como o Pai me ama...* - passa ou vem pelo Filho - *assim também Eu vos amei...* - e vai, agora, se estender para os discípulos: *Permanecei no meu amor!*

Há, pois, primeiro e originariamente, o movimento, o amor que vem do alto. Somente assim, isto é, a partir dessa origem, é que pode ter início o percurso inverso: de baixo para o alto, do homem para Cristo e de Cristo para o Pai. Ou seja, só podemos amar o Pai, se amarmos, antes, a Cristo, amando-nos

uns aos outros. Eis, em duas pequeninas frases, o resumo, o coração da nossa fé, do nosso discipulado e de toda a evangelização cristã.

Mas, porque tanta insistência no amor fraterno? A razão é simples: o amor fraterno é a forma que, na Última Ceia, através do mandato do Amor, Jesus instituiu para que façamos circular (evangelizar) no mundo o amor-caridade das Três Pessoas Divinas; fazer circular a água viva da Fonte da qual tudo nasce, cresce e floresce. Por isso, o ordenamento: *Permaneçei no meu amor...* Em outras palavras, diz Jesus: permaneçei comigo e tereis meu Pai como vosso Pai. E isto será o vosso tudo. “*Meu Deus e Tudo*” dizia São Francisco (Atos 1).

Por isso, diz Jesus: “*Eu vos disse isso para que minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena*” (Jo 15,11). Assim, Nele, por Ele e com Ele, como diz o Apóstolo, podemos *ouvir, ver, tocar e contemplar* o Princípio da Vida (1Jo 1,2-3). Por isso, também, exclama nosso Papa Francisco: *Enche-me de vida reler este texto: O Senhor teu Deus está no meio de ti como poderoso Salvador! Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renovará. Ele dança e grita de alegria por tua causa* (Sof 3,17) (EG 4). Ora, se Deus se sente assim tão jubiloso por poder morar com sua criatura, como nós, suas criaturas prediletas, a exemplo do filho pródigo, não haveríamos de rejubilar por podermos morar com Ele, em sua casa!?

Por isso, diante dessa graça de poder participar de tão jubiloso mistério, exclamava São Francisco: *Onipotente, santíssimo, altíssimo e Sumo Deus, que ‘és’ todo o bem, o sumo bem, o bem inteiro, o ‘único bem’, a Ti rendamos todo o louvor, toda ‘a glória’, toda a graça, toda a ‘honra’, toda ‘a bênção’ e todos os bens. Faça-se. Faça-se. Amém* (LH).

Assim, com o reinado, com o mandamento do novo Amor, inaugura-se um novo relacionamento entre Jesus e os discípulos. A partir da Última Ceia e da Cruz, eles se tornam comensais de seu amor, de sua Eucaristia e, conseqüentemente, do amor do Pai. Por isso, não serão mais servos, mas seus amigos, irmãos. Assim, Jesus estava dando por encerrado o ordenamento antigo entre Deus e o homem, que, através da observância da lei e a modo de senhor/escravo, soberano/servo, se assentava no merecimento. Agora é do vigor da graça do Pai/Filho, irmão/irmão, amigo/amigo.

Comentando a graça deste novo ordenamento, Mestre Eckhart diz:

O Pai deu ao seu Filho unigênito tudo que ele pode oferecer – toda sua deidade, toda sua bem-aventurança – não guardando nada para si (...). Em verdade, no igual nascimento, em que o Pai gera seu Filho unigênito e que lhe dá a raiz e toda a sua deidade e toda sua bem-aventurança, sem reter nada para si mesmo, nesse mesmo nascimento ele nos chama amigos.

Na última sessão desse Evangelho, Jesus proclama a graça e o mistério do chamado: “*Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi...*” (Jo 15,16). O acento está, aqui, no *Eu vos escolhi*. Isso significa: eu me encantei, me enamorei, me apaixonei e por isso vos selecionei, dentre todos os seres criados do mundo todo, para serdes testemunhas do amor-caridade para com todos os homens. Ora, se no mundo qualquer escolha, que nasce da graça do encontro, nos deixa alegres, felizes e nos transforma a partir de dentro, da raiz de nosso ser, o que não dizer quando estamos diante de uma escolha que vem do Senhor dos Senhores, do enviado do próprio Pai do Céu e da Terra?!

Conclusão

Muitas poderiam ser as conclusões do mistério desse Domingo. Vamos apenas ater-nos a duas. Primeiramente, ao caráter da universalidade do ser cristão, expresso na ordem dada a Pedro, vinda do céu: “*Pedro, come e não chames de impuro o que Deus purificou!*” (Cf. At 10,13).

A História das Religiões, também do Cristianismo, testemunha o quanto se faz presente a tentação da Religião pela Religião, da autossatisfação do “católico praticante”. Como, então, tornar-se cada vez mais religioso, católico (universal, aberto a todos e a tudo)? Eis a questão que sempre devemos perseguir. O Papa Francisco, depois de alertar-nos acerca do perigo de *pretender reduzir o ensinamento de Jesus a uma lógica fria e dura, que procura dominar tudo, de querer domesticar o mistério de Deus e de sua graça, bem como o mistério da vida dos outros* (Cf. GE 39-40), de novo, nos aponta o caminho franciscano, expresso na famosa obra prima de São Boaventura: *Itinerarium mentis in Deum: É necessário que se deixem todas as operações intelectivas e que o ápice mais sublime do amor seja transferido e transformado totalmente em Deus. (...) Dado que, para se obter isso, nada pode a natureza e pouco pode a ciência, é preciso dar pouca importância à indagação, muita à união espiritual; pouca à língua e muita à alegria interior; pouca à palavra e aos livros e toda ao dom de Deus, isto é, ao Espírito Santo; pouca ou nenhuma à criatura e toda ao Criador: ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo»* (GE nota 37).

Em segundo lugar, numa época em que tudo se comercializa e se consome, é grande a tentação de transformar o amor – fonte da vida – em meras vivências que se produzem e se consomem ao bel prazer da subjetividade de cada um. Cristo nos chama para ser não produtores nem consumidores, mas servos do seu amor, chamados e consagrados para fazer circular no mundo a regra de ouro, a forma de vida das Três Pessoas divinas: a caridade mútua, fraterna. Por isso, São Francisco, quando estava elaborando a Regra, escreveu: *Quero que esta Fraternidade seja chamada – convocada – Ordem dos Irmãos Menores* (1C 38).



Solenidade da Ascensão do Senhor

Leituras: At 1,1-11; Sl 46 (47); Ef 4,1-13; Mc 16,15-20.

Tema-mensagem: Terminada a Missão que o Pai lhe confiara aqui na Terra, Jesus a entrega aos discípulos e, elevando-se, retorna para junto do Pai

Introdução

O mistério da Ascensão do Senhor, que celebramos neste Domingo, não podia ser melhor resumido do que pelo canto do Prefácio da Missa: *Jesus, o Rei da Glória, nossa cabeça e princípio, subiu hoje, ante os anjos maravilhados, ao mais alto dos céus, não para afastar-se de nossa humanidade, mas para dar-nos a certeza de que nos conduzirá à glória da imortalidade.*

1. Jesus prepara sua partida (At 1,1-11)

O evento da Ascensão é descrito em detalhes na primeira leitura da Missa de hoje, tirada do primeiro capítulo dos Atos dos Apóstolos. Duas partes formam essa narrativa. Na primeira, a mais longa (verso 1-9), temos o discurso de despedida de Jesus, com suas últimas instruções aos seus discípulos e, na segunda, a descrição de sua Ascensão.

1.1. Os últimos anúncios

O autor começa falando do ministério que Jesus desenvolveu, junto aos seus discípulos, durante o período dos quarenta dias que se seguiram à sua Ressurreição. Estamos de novo, diante do misterioso número 40. Quarenta dias ou anos, é sempre o tempo de Deus, isto é, de sua ação ou obra nas gerações humanas. Assim, os quarenta dias da Ressurreição até a Ascensão é o tempo em que Jesus, animado pelo poder de Deus, através de inúmeras aparições e reencontros, vai fortalecendo a fé dos discípulos na pessoa Dele e na sua obra que, logo em seguida, eles deverão levar adiante.

1.1.1. Permaneçam em Jerusalém

Lucas recorda que, *durante uma refeição, a Última Ceia, Jesus havia ordenado a seus discípulos que não se afastassem de Jerusalém...* (Cf. At 1,4). A razão dessa ordem é muito simples: a expansão do Evangelho, a obra da evangelização, deve nascer lá onde tudo se consumou, onde o Antigo e o Novo Testamento se entrecruzam: o mistério da Crucificação e Ressurreição

que se deu em Jerusalém. Assim, tudo vai realizar-se segundo a promessa de Jesus: “*Sereis minhas testemunhas em Jerusalém... até os confins de toda a terra*” (At 1,8). Eis, pois, porque, segundo Lucas, a evangelização deve começar em Jerusalém, e daí expandir-se progressivamente pelo mundo dos gentios até, com a pregação de Paulo, chegar a Roma, capital do mundo de então.

1.1.2. Sereis batizados no Espírito Santo

O segundo anúncio é, sem dúvida, o mais importante de todos: “*Esperai a realização da promessa do Pai... vós sereis batizados com o Espírito Santo, dentro de poucos dias*” (At 1, 4-5).

Os quarenta dias de presença e assistência de Jesus Cristo ressuscitado, junto aos Apóstolos e à comunidade originária dos discípulos, fecham os anos de sua missão aqui na terra e abrem os anos, os séculos, da missão da Igreja - a Assembleia dos eleitos – a serviço do Reino do Pai. Esse fora o grande e único tema de suas conversas durante aqueles quarenta dias de suas aparições.

A compreensão dos discípulos, porém, a respeito do Reino de Deus, à serviço do qual eles serão enviados, era ainda muito estreita. Basta ver esta pergunta: *Senhor, será que é agora o tempo em que vais restabelecer o Reino para Israel?* (At 1,6). Eles esperavam, ainda, uma iminente restauração política do Reino de Israel. Escapava-lhes o sentido escatológico e universal do Reinado de Deus.

Por isso, com sua resposta, Jesus procura, em primeiro lugar, ampliar-lhes a visão acerca da **História**. A partir de sua Morte e Ressurreição, a História não pertence mais aos homens, mas a Deus; a História não está mais nas mãos da inteligência, da lógica e do poder dos homens, com seus projetos e planejamentos, mas nas mãos da regência do “não-poder” da Cruz e Ressurreição Dele, isto é, na lógica da misericórdia e do perdão do Pai.

Em segundo lugar, a resposta de Jesus amplia a visão dos discípulos acerca do **espaço** do Reino de Deus. Esse espaço não é mais só e unicamente o território e o Povo de Israel. Ele é ecumênico, isto é, abrange todos os povos, pois a alegre Mensagem (Evangelho) é universal: é para toda a criação. A Jovialidade de Cristo crucificado - a Perfeita Alegria – em vez de particularidade de um grupo humano é dom que é oferecido e comunicado a todos os humanos, de todos os povos e nações.

1.2. Jesus foi levado ao céu.

Terminado o discurso de despedida, com suas recomendações, *Jesus foi levado para o céu à vista deles* (At 1,9) e sentou-se à direita de Deus Pai.

Estamos diante do momento mais significativo e importante de toda a história, pois de nada teria adiantado tudo o que Deus já realizara no passado,

de nada teria valido ter-nos entregue seu Filho até à morte e morte de cruz, de nada teria valido sua Ressurreição se esse seu Filho humanado não tivesse retornado à direita do Pai. Seríamos ainda filhos perdidos, prisioneiros do Maligno, longe, banidos da Casa do Pai, um Povo sem pátria e sem Rei.

Assim, a culminância do destino de toda humanidade, de toda sua história e de toda criação se dá na culminância do destino de Jesus, mais especificamente, com sua reentrada na glória de Deus, na comunhão com o Pai, que o enviara. Este retorno é misterioso. Por isso, ele se dá envolto por uma **nuvem**. A nuvem, simultaneamente, esconde e manifesta. Diz, ao mesmo tempo, presença e ausência. O céu e a terra, o divino e o humano - agora que nossa carne subiu ao céu, no Corpo exaltado de Jesus Cristo ressuscitado - são um.

Assim, fazendo-se nosso precursor, Ele mesmo prepara o caminho de nosso arrebatamento para junto do Pai. No Corpo de Jesus elevado ao céu, sentado “à direita de Deus”, isto é, entronizado no Reino do Pai, se dá a maior exaltação de nossa natureza humilde, baixa, terrena, finita, criada. Com Ele, nossa natureza é elevada acima dos céus, isto é, das virtudes celestes (Anjos). Ser nosso humano, em corpo e alma, tão exaltado, é motivo de grande admiração e alegria! São João Crisóstomo diz: *teu corpo será igualmente levado aos céus, porque teu corpo é da mesma natureza que o corpo de Jesus Cristo.*

A Ascensão de Cristo consuma, assim, o mistério da Encarnação. Segundo Santo Agostinho, para Jesus Cristo *ir para o Pai e distanciar-se de nós significava mudar em imortal quanto de mortal. Ele tinha assumido de nós, e elevar ao mais alto do céu a natureza terrena da qual, por nós, Ele tinha se revestido.* São Cirilo de Alexandria, por sua vez, diz que, com sua Ascensão, Cristo inaugura um caminho novo e vivo, um caminho que antes era intransitável, isto é, o caminho que dá acesso ao céu, ou melhor, ao Santuário Celeste, como diz a Epístola aos Hebreus (Cf. Hb 9,24). Os Padres da Igreja, por sua vez, gostam de meditar no espanto dos anjos, ao ver algo tão extraordinário: um homem, um mortal, ascender às esferas celestiais, e sentar-se à direita de Deus Pai.

Vem, então, o anúncio final de toda essa narrativa: *Apareceram dois homens de vestes brancas que lhes disseram: “Homens da Galileia, porque ficais aqui parados, olhando para o céu? Este Jesus, que vos foi arrebatado para o céu, há de vir do mesmo modo como o vistes partir”* (At 1,11).

Duas considerações merecem nossa atenção. Primeiramente, os dois homens de branco, os anjos, mensageiros da Jovialidade divina, estão despertando a consciência dos discípulos acerca de sua hora, de sua vez. Competia a eles, agora, levar, até os confins do universo e até o fim dos tempos, tudo o que eles tinham visto, ouvido e experimentado.

Em segundo lugar, esse Jesus Cristo, que foi arrebatado ao céu e que

foi entronizado junto ao Pai, consumará a história com sua segunda vinda (parusia). Sua vinda, mais que uma “volta”, será a manifestação plena de sua presença. Ele está no meio de nós, em meio às vicissitudes da história, numa presença latente, numa vigência velada. Confiar no mistério dessa presença velada; saber que, ao subir para o céu, Ele não nos abandonou; que Ele está conosco todos os dias, até a consumação dos tempos e o cumprimento de todos os momentos, isso tudo é fonte de alegria e de jovialidade para todos nós, seus discípulos. Sua volta ao Pai é uma nova forma de estar junto de nós e de nos acompanhar na missão que nos entregou.

2. Como a Igreja deve viver o mistério de Cristo (Ef 4,1-13)

Nos primeiros três capítulos de sua Carta aos Efésios, Paulo, de sua prisão em Roma, faz uma catequese sobre a Igreja, nascida do alto, anterior, portanto, aos cristãos (Cf. Ef 1-3). No trecho proclamado hoje, desce para o terreno concreto do dia a dia da vida dos cristãos. Começa recordando que o ponto de partida é e será sempre o mesmo para todos: *caminhar de acordo com a vocação que recebemos*. Da graça de um chamado comum nasce, então, a primeira exortação de Paulo: *Com toda a humildade e mansidão, suportai-vos uns aos outros com paciência, no amor* (Ef 4,2). O caráter divino da vocação cristã, porém, não dispensa, pelo contrário, exige a inserção na comunidade, na assembleia dos chamados, dos eleitos.

Estamos diante de um pequeno, mas denso tratado que poderia ter como título: “Os cristãos, uma comunidade eclesial”. Sobre esses dois pilares é que se deve sempre edificar o novo Povo de Deus, dando, porém, e sempre, a prioridade ao Espírito. Por isso, ele insiste em afirmar que a unidade e a paz nascem porque *há um só Corpo, um só Espírito, como também uma só esperança à qual fostes chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só Batismo, um só Deus e Pai de todos* (Ef 4,4-5).

Assim, os cristãos formam um só Corpo, mas esse Corpo não é um simples resultado da decisão de uma coletividade. A Igreja é anterior a qualquer decisão de quem quer que seja. Por isso, o Batismo será sempre uma graça através da qual somos enxertados nesse Corpo. Como no corpo humano, também na Igreja, todos os membros guardam a mesma dignidade vinda de sua pertença ao Corpo, embora cada um com sua função diferente. Por isso, acrescenta: *Cada um de nós recebeu a graça na medida em que Cristo lha deu* (Ef 4,10). Essa medida, evidentemente, está fora de qualquer valorização humana.

Coloca-se, assim e também, o princípio que impede toda a tentação do cultivo da personalidade. De fato, Jesus deu à sua Igreja *alguns como Apóstolos, outros como profetas, outros ainda como evangelistas e mestres...* (Ef

4,11). Por isso, todo e qualquer cargo na Igreja só tem sentido se for para servir, jamais para ser servido. Finalmente, e também, a busca da construção da Igreja não pode jamais pensar num modelo pronto, ou conquistado para sempre e em definitivo. Por isso, conclui: *até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus...* (Ef 4,13).

3. Do mandato missionário e da Ascensão do Senhor (Mc 16,15-20)

A dinâmica do Evangelho de hoje vem estruturada assim: primeiramente nos encontramos com o mandato missionário e, depois, com a Ascensão do Senhor.

3.1. Do mandato missionário

É admirável como o evangelista inicia a narrativa da Ascensão: *“Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda a criatura”* (Mc 16,15). Um mandato simples, breve e, ao mesmo tempo, denso, rico, profundo, amplo e solene, dirigido aos discípulos todos, aos de ontem, de hoje e de sempre: *“Ide!”*.

Aí está a identidade de todo cristão. Somos, como gosta de falar o Papa Francisco, “chamados-enviados”. Não existe um sem o outro. É impossível ser chamado sem ser enviado, como não é possível ser enviado sem ser chamado. Chamado e resposta andam tão juntos quanto o verso e reverso de uma única e mesma moeda. Isso porque na origem desse mistério está a graça do encontro com Jesus Cristo. Na verdade, Jesus não chama os discípulos para tê-los egoisticamente junto de si, para sua própria satisfação e conforto. Além do mais, Ele estava imbuído do mesmo espírito do Pai que é sempre um “Deus em saída” (Papa Francisco). Por isso, Ele não podia, naquela sua despedida, proclamar outro mandato senão este: *“Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda a criatura”* (Mc 16,15).

Fica claro, também e em segundo lugar, que o mandato é para todos os discípulos. Acabou o tempo em que se considerava ou se pensava que o chamado e o envio na Igreja era responsabilidade e honra apenas para alguns privilegiados, os clérigos. Quem compreendeu bem que esse mandato é para todos os batizados foi São Francisco. Logo após ter ouvido o Evangelho do Envio dos Apóstolos, ele, que era simplesmente um leigo e sem nenhuma autorização eclesial, começou a percorrer aldeias e povoados, anunciando a todos a perfeição evangélica e a pregar a penitência (Cf. LTC 25). Além do mais, chegou a escrever um capítulo na Regra destinado a orientar como, também os frades leigos e iletrados, podiam *exortar os fiéis ao temor de Deus e à adoração do Pai e do Filho e do Espírito Santo* (Cf. RNB 21).

Finalmente, devemos recordar que no coração do mandato missionário está o anúncio do Evangelho. E, quando se diz Evangelho, a exemplo dos primeiros cristãos e de São Francisco, não se trata apenas de um livro, de uma doutrina, um ideal, mas da própria Pessoa de Jesus Cristo com sua obra, principalmente com o mistério de sua Encarnação, Paixão, Morte. Por isso, nosso Papa lamenta quando, segundo ele, há pregadores, padres e Bispos que gastam o precioso tempo da pregação falando mais da Igreja, da organização, das obras, da teologia, da moral, do pecado, e até mesmo do Papa, do que de Jesus Cristo (Cf. EG 38).

Segue, então, o anúncio do sentido último de toda a evangelização: a fé e o Batismo: “*Quem crer e for batizado será salvo. Quem não crer será condenado*” (Mc 16,16). Fé, porém, aqui, nada tem a ver com crença. A fé cristã é a alegria, o vigor, o entusiasmo que nasce e floresce da experiência de ser acolhido, aceito e amado pelo Deus e Pai de Jesus Cristo. É acolher, humilde e alegremente, com profunda gratidão, que se é aceito e amado, mesmo sendo inconstante e infiel. E, então, quando isso acontece, a pessoa é transformada, nasce de novo. É o dom do Batismo! Em nosso caso, o Batismo significa ser mergulhado para dentro do “nome”, isto é, do vigor do Pai e do Filho e do Espírito Santo, o mistério originário, fontal e insondável da vida. Por isso, esses estão salvos, isto é, estão com a saúde originária. O que não acontece com aqueles que, fechados à graça do encontro com Jesus Cristo, que lhes é oferecida, preferem viver mergulhados na tristeza individualista de um coração comodista e mesquinho, ocupados, unicamente, com seu conforto e bem-estar pessoal.

3.2. Os sinais

A seguir, Jesus fala dos *sinais que acompanharão aqueles que crerem Nele* (Mc 16,17). Em primeiro lugar, eles expulsarão demônios. Ora, que seriam esses demônios senão as potências anímicas e espirituais que tolgem do homem a liberdade, os “espíritos do engano”, que seduzem os homens para os vícios. Alguns destes demônios, hoje, vêm muito bem elencados pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* e no famoso discurso aos Cardeais, quando fala dos “vícios curiais”:

- “a busca da glória humana e do bem-estar pessoal”;
- “a ânsia de “dominar o espaço da Igreja”;
- “o fascínio pelo poder” (EG 93-95);
- “sentir-se imortal”, “imune” ou até mesmo “indispensável”;
- “a rivalidade, a soberba, a vanglória, a divinização dos chefes”, etc. (Cf. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*, Doc. CNBB, 105, 48).

Todos esses demônios fogem quando o cristão, de fato, segue, mergulha no poder de Cristo e de seu Evangelho.

Um segundo sinal, diz Jesus, “*Falarão línguas novas*” (Mc 16,17). Santo Antônio elucida o dito, dizendo que os verdadeiros evangelizadores são aqueles que, renascidos em Jesus Cristo, O testemunham com obras novas. E ele mesmo enumera algumas dessas obras: a humildade, a pobreza, a paciência e a obediência (Cf. Sermão de Santo Antônio em Ofício das Leituras, 13 de junho).

Outro sinal, diz Jesus: “*Pegarão serpentes com a mão*” (Mc 16,18) e não lhes farão mal algum. Isso significa que jamais haverão de sucumbir frente às *serpentes* da vã e astuta ciência dos homens e de sua sabedoria mundana e carnal. Não serão intoxicados pelos venenos dos vícios humanos. Ao contrário, comunicarão saúde, isto é, o vigor da vida, que brota da sabedoria de Cristo crucificado, a todos os enfermos e desvalidos. Por isso, lhes diz: *imporão as mãos a doentes e estes serão curados* (idem). São Gregório Magno tem um belo ensinamento acerca desse sinal:

Quando os sacerdotes impõem as mãos sobre os crentes e, com a graça que lhes é dada de exorcizar, se opõem à permanência do espírito maligno no coração daqueles, não fazem outra coisa do que expulsar deles os demônios. E o fiel que abandona o espírito mundano e canta os santos mistérios, falará novas línguas; dominará as serpentes, se com suas exortações tirar a malícia do coração de seu próximo; beberá licor venenoso e não lhe fará dano se ouve conselhos maus e não se deixa levar por eles; porá, enfim, as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão curados todas as vezes que, vendo vacilar o seu próximo no caminho do bem, o fortifica com o exemplo das boas obras. E seus milagres são tanto maiores, quanto são espirituais, e quanto mais por eles despertam do sono não os corpos, mas as almas.

3.3. A Ascensão e seus benefícios

A narrativa do mistério da Ascensão conclui: *Então, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao céu e sentou-se à direita de Deus* (Mc 16,19). Santo Agostinho nota que, em latim, estar sentado significa o mesmo que habitar. Ora, habitar significa ocupar espaço, cuidar e cultivar o lugar, o ambiente sobre o qual a pessoa se estabelece. Segundo essa interpretação, podemos dizer que Jesus Cristo está assentado na morada do Pai; que Ele habita junto à fonte, ao princípio da deidade, na bem-aventurança. E isso, não para deleite e encanto próprio, mas, para continuar a obra do cultivo do

humano de todos os homens. E é assim, isto é, como Aquele que está sentado à direita do Pai, que está conosco todos os dias até a consumação dos séculos. Só assim todos chegarão à unidade da fé e ao conhecimento Dele como Filho de Deus; só assim todos se tornarão homens perfeitos, alcançando a *estatura* completa Dele mesmo (Cf. Ef 4,13). Por isso, a grande conclusão de todo o Evangelho de Marcos: *O Senhor ajudava os discípulos e confirmava sua palavra por meio dos sinais que a acompanhavam.* (Mc 16,30).

Conclusão

O mandato missionário de Jesus, por ocasião de sua Ascensão, desperta em todos os seus discípulos, sempre de novo, duas importantes questões: a universalidade da missão do Cristianismo, da Igreja e o caráter missionário de todos os batizados.

Ora, assim como outrora os discípulos de Jesus tinham imensa dificuldade de abrir-se à compreensão católica (universal) da fé, também hoje nós – cristãos, Igreja - apresentamos a mesma dificuldade. Sem a pobreza que se abre ao Espírito Santo, a Igreja de Cristo se divide, se quebra e se espatifa em milhares de seitas, e, ali onde ela se quer ainda como católica, corre o risco de não conseguir ser de fato o que ela é de nome, ou ainda corre o risco de entender mal esta universalidade... O título “Igreja Universal”, então, passa a ser um triste arremedo, uma caricatura extremamente desfigurada, da catolicidade da Igreja.

A universalidade do mandato missionário de Jesus nos faz lembrar que o mundo, como nos lembra São Francisco, é o primeiro lugar da presença e da missão da Igreja, isto é, de todos os batizados, principalmente dos leigos e leigas. Todavia, percebe-se que é ainda muito forte a *tendência de valorizar, exclusivamente ou quase, a evangelização no interior da Igreja (Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na sociedade, 40)* e dos ministros sagrados. Consequentemente, e por isso, segundo o mesmo documento, constata-se que *é ainda insuficiente e até omissa sua ação evangelizadora nas estruturas e realidades do mundo, nos aréopagos da universidade, da comunicação, da empresa, do trabalho, da polícia, da cultura, da medicina, do judiciário e outros (Idem, 39).*

Hoje, felizmente, a Igreja, depois de alguns séculos de esquecimento, está despertando de novo para essa sua dimensão missionária. Por isso, diz nosso Papa: *Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG 20).*



Pentecostes

Leituras: At 2,1-11; Sl 103 (104); Gl 5,16-25; Jo 20,19-23

Tema-Mensagem: Este é o dia em que o Espírito do Senhor foi derramado definitivamente e em toda sua plenitude sobre toda humanidade e sobre todo universo.

Introdução

Muitas são as manifestações ou vindas do Espírito Santo ao longo da história. Em todas elas, manifesta-se sempre o milagre da vida, do ser, do existir, da criação ou da recriação. Hoje, porém, dia de Pentecostes, celebramos a consumação de todas as suas manifestações ou vindas; dia em que o Espírito do Senhor foi derramado de modo definitivo, pleno e consumado sobre todo orbe da terra e sobre toda humanidade.

Duas, e bem diferenciadas, são as narrativas do Novo Testamento que evocam esse mistério. Uma é do evangelista João e outra de Lucas, autor dos Atos dos Apóstolos. Ambas são proclamadas na Missa de hoje.

1. O dom do Espírito Santo – a Boa Nova da Ressurreição (At 2,1-11)

Os primeiros cristãos não podiam ignorar, e muito menos negar, a presença do Espírito Santo como uma realidade que começou a marcar radical e definitivamente a vida deles, de todos aqueles homens e mulheres, a ponto de transformá-los por dentro e por fora. Todo livro dos Atos dos Apóstolos tem como único objetivo mostrar o protagonismo da presença do Espírito do Senhor e de sua santa e admirável operação.

Se, por um lado, o Espírito é o Incompreensível, por ser o totalmente Outro, por outro lado, é o Mistério mais próximo, mais íntimo e originário de cada um de nós. Nós não o compreendemos, mas Ele nos compreende.

1.1. O dia de Pentecostes

Assim, talvez, possamos compreender a maneira lacônica com a qual Lucas começa sua narrativa: *Quando chegou o dia de Pentecostes....* (At 2,1) “Pentecostes”, cujo nome significa o quinquagésimo dia após a Páscoa, era uma festa judaica (*Shavuot*), cujo objetivo era celebrar e agradecer os frutos recebidos da terra e de Deus. Por isso, era chamada, também, “Festa das Colheitas” ou “Dia das Primícias”, ou seja, dos primeiros frutos colhidos (*Yom Habikurim*).

Era, também, a festa da “Torá”, que tinha como objetivo celebrar a graça da redescoberta da Lei, que selara a antiga aliança de Deus com seu povo predileto; uma lei prene de sabedoria e de espírito, como se lê no livro da Sabedoria (Cf. Sb 7,22).

Por isso, não foi muito difícil para os primitivos cristãos-judeus ver a Vinda do Espírito Santo como um novo Pentecostes, que veio selar uma nova Aliança. Uma Aliança não mais selada com uma lei escrita em pedras, mas com o derramamento do Espírito de Deus no coração dos homens. Assim, o Ensino (Torá) de Deus se tornaria íntimo no homem e o conhecimento de Deus – tão esperado pelos Profetas – se espalharia pela terra. Por isso, segundo Lucas, o mistério de todo esse dom se realiza cinquenta dias depois da Ressurreição de Jesus: o novo Pentecostes

1.2. De repente veio do céu um barulho

Assim, logo após anunciar a Festa de Pentecostes, Lucas acrescenta: *os discípulos estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho, como se fosse uma ventania...* (At 2,1)

O objetivo parece-nos claro e simples: mostrar que os discípulos em vez de embriagados, como os acusavam os chefes judeus (Cf. At 2,15), eram movidos por uma força vinda de fora, do alto, de Deus, “do céu”. O Espírito, como um vinho divino, traz, realmente, uma embriaguez sóbria e uma sobriedade ébria. Ou seja, conduz o discípulo de Jesus para fora-de-si, a fim de torná-lo cheio de fervor e de entusiasmo³⁹ por causa da graça do reencontro com o Senhor. Ao mesmo tempo, deixa-o lúcido e todo iluminado, ciente e consciente do que realmente está se passando.

Além do mais, esse Espírito tinha endereço certo: os discípulos. Por isso, Ele se deu no lugar, na casa onde eles estavam reunidos. Por outro lado, era preciso, também, mostrar, aos judeus das diversas regiões, que estavam diante de um novo e grande poder vindo do céu. Por isso, para mostrar sua potência e soberania, não vem em forma de brisa, mas de barulho, semelhante a uma grande ventania, e, soprando misteriosamente, sem que ninguém pudesse saber de onde vinha e nem para onde ia.

1.3. Línguas de fogo que se repartiam

São Lucas, como já dissemos, coloca a Vida do Espírito Santo dentro da Festa judaica de Pentecostes, com nítida intenção de realçar que esse dom não é apenas para um pequeno grupo de pessoas, os judeus, mas para todas as raças, povos e nações de todo orbe terrestre e de todos os tempos. Pois, naquela

39 “Entusiasmo”, em grego: “èn” (cheio, pleno) + “teós” (Deus: cheio de Deus).

feita se reuniam em Jerusalém judeus vindos de todas as partes do mundo. O sinal, escolhido para manifestar o poder maravilhoso desse dom, foi o milagre da universalidade das línguas, assim descrito por Lucas: *então lhes apareceu algo como línguas de fogo, que se repartiam, e pousou sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e se puseram a falar outras línguas* (At 2, 2-3). Assim, a partir de Jerusalém, o Evangelho de Jesus Cristo, a modo de um fogo alastrante e incendiário, iria se difundir por toda a terra e ser pregado em todas as línguas. De seu poder de atração, se reuniriam todos os povos na comunidade universal da caridade, que é a Igreja. A difusão da centelha divina levaria esse Povo novo a cantar os louvores de Deus, por toda a face da terra, transformando suas vidas num contínuo ofício divino. As línguas dos homens, em sua diversidade, iriam se reunir na Identidade e Unidade da Linguagem do Amor jovial, formando um só canto de louvor.

O milagre das línguas, no Pentecostes, traz consigo, pois, o poder maravilhoso do Espírito-Caridade que reúne, numa identidade comum, todos os homens, com suas diferenças, sem discriminações étnicas, culturais, religiosas, etc. O amor que produz comunhão (*koinonía*)!

2. O dom do Espírito Santo, primeira experiência dos Apóstolos e da Igreja (Jo 20,19-23)

Entre as diversas aparições de Jesus, a que é proclamada hoje, tirada do Evangelho de João é, certamente, a mais importante porque nos põe em contato com a primeira experiência que os Apóstolos fazem do ressuscitado.

2.1. O primeiro dia da semana

João gosta de chamar o dia da Ressurreição de “primeiro dia da semana” porque vê nele uma relação muito expressiva com o primeiro dia da semana da criação. Em outras palavras, se outrora, na primeira criação, o homem foi criado a partir do barro, da terra, de baixo, desse mundo, agora, na segunda, isto é, com o mistério pascal, o novo homem é nascido do alto, do espírito, do sopro expirado do peito de Jesus, na cruz. Se o primeiro homem era terrestre, o novo é celeste, divino; se o primeiro se regia pelas leis da natureza, este se regerá pelo espírito de Jesus crucificado-ressuscitado, a misericórdia do Pai.

Fica claro, portanto, que os discípulos ainda não haviam recebido o Espírito Santo em sua plenitude, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado (Cf. Jo 7,39). Isso quer dizer que o dom da plenitude do Espírito Santo nasce da glorificação de Jesus, do mistério pascal, mais precisamente, quando, na cruz, *ao consumir toda a sua obra, inclinando a cabeça, entregou o espírito* (Jo 19,30).

2.2. O dom da paz

Chama-nos a atenção a insistência de Jesus em conceder aos discípulos a paz, e isso antes do dom do Espírito Santo. A explicação é simples e dada pelo próprio evangelista: *por medo dos judeus, as portas do lugar onde os discípulos se encontravam estavam fechadas* (Jo 20,19).

Embora os discípulos já tivessem recebido, por parte de Maria Madalena, a notícia do sepulcro vazio, ainda não conseguiam crer na Ressurreição do mestre; continuavam perturbados, com medo, atribulados e envergonhados por causa de sua fuga e traição, por ocasião da prisão do Mestre. Consequentemente, ainda não tinham se reencontrado e reconciliado com Ele. Ora, Jesus sabe muito bem que sem isto, ou seja, sem o reencontro com Ele – o crucificado-ressuscitado - não há como receber o seu Espírito, muito menos sua missão. Por isso, e para isso, era necessário, primeiro, pôr ordem na casa, isto é, paz no coração, reconciliá-los com a cruz, libertá-los da vergonha e do medo de abraçar e seguir o caminho da cruz, palmilhado por Ele. Daí a insistência e a repetição: *A paz esteja convosco!* Não se trata, portanto, da paz dos contratos humanos, cheios de desconfianças; nem da paz como serenidade psicológica ou ausência de conflitos e contrariedades, no sentido do pacifismo ou da pacificação oriundos do mundo; muito menos da paz nascida da egoísta fuga do mundo. A paz que Cristo veio trazer ao coração dos homens e da humanidade é processo, trabalho, luta a fim de permitir que se introduza no coração do homem a fé, a confiança Naquele pelo Qual Jesus deu sua vida, o Pai; a paz que já tinha sido anunciada na noite do Natal como dom do Céu *aos homens queridos de Deus* (Lc 2,14); uma paz, portanto, que nasce da mesma fé, da mesma confiança ou fidelidade que Ele testemunhou até a morte e morte de cruz.

Portanto, ao dom do Espírito Santo tem de preceder o dom da paz. Sem esse não há como receber aquele. Por isso, a Igreja, mãe amável e mestra sábia, sempre, no início de cada celebração eucarística, bem como no momento da comunhão, antes de receber o Corpo do Senhor, renova e reatualiza para seus fiéis este gesto e esta saudação de Jesus com os Apóstolos: *A paz do Senhor esteja sempre convosco!* O dom da Paz concretiza-se logo em seguida, com o perdão dos pecados, com a reconciliação com Deus e com os irmãos. Só então, pode-se partir para o reencontro com o Senhor na Palavra e na Eucaristia. São Francisco, fazendo eco a esse dom, tanto em seu Testamento como em sua Regra, exorta os frades para que sempre ao iniciarem uma pregação, ou entrarem numa casa, dissessem primeiro: *“O Senhor te dê a paz”* (T 23).

2.3. Jesus soprou sobre os Apóstolos

Continuando, o evangelista escreve: *E depois de ter dito isso, soprou sobre eles e disse: “Recebei o Espírito Santo”* (Jo 20,22).

Estamos diante da primeira e mais significativa experiência crística da Igreja primeva: a presença criativa do Espírito. Pode-se discutir muita coisa acerca desta sua Vinda, inclusive, de sua natureza. Mas, quanto à sua presença, como realidade que começou a marcar, radical e definitivamente, toda a vida daqueles homens e daquelas mulheres, a ponto de transformá-los por dentro e por fora, não há como duvidar. Todo livro dos Atos, tem, como único objetivo, mostrar o protagonismo do Espírito do Senhor e seu santo modo de operar.

Trata-se de uma realidade misteriosa que não pode ser vista e explicada por argumentos e razões humanas, mas tão somente através de imagens, como estas do sopro, do ar, do vento, do fogo. Se em João, o sopro desce em forma de brisa suave, para expressar sua ternura, já em Lucas, vem como forte ventania, para mostrar sua potência.

A alegoria do vento leva o leitor e o ouvinte para o princípio da criação, quando o Espírito de Deus pairava sobre as águas abismais (Cf. Gn 1,2) a fim de fecundá-las, tornando-as assim, princípio da vida terrestre. Agora, um novo sopro irá adejar sobre os povos do mudo inteiro, de estirpes diferentes, e congregá-los na unidade de um único e novo povo, de uma nova nação, sem fronteiras geográficas, sem diferenças de raça ou cultura. Realizou-se, assim, a profecia que viera à fala pela boca de Joel (Cf. Jl 2,8).

Há na vida, mais precisamente, na conversão de São Francisco, um evento admirável e maravilhoso. A imagem do Cristo Crucificado, da Igrejinha de São Damião, que o tocou e comoveu profundamente, aparece com o peito inteiramente luminoso, pleno do Espírito Santo. Desde então, a experiência da presença cuidadora, amorosa e maternal do Espírito Santo era tão clara e evidente para Francisco que chegou a afirmar que o verdadeiro Ministro geral da Ordem é o Espírito Santo (Cf. 2C 193).

2.4. O perdão dos pecados

Ao dom do Espírito Santo, segue o dom do perdão dos pecados: *“A quem perdoardes os pecados...”* (Jo 20,23). Trata-se do fruto maior de toda a obra de Cristo, sua grande Boa Nova, repetida inúmeras vezes, em todas as suas pregações, gestos e atitudes, culminando no supremo ato de misericórdia, a Cruz: o perdão, a reconciliação com o Pai. Estamos diante do supremo poder do amor-caridade: o perdão dos pecados, maior que curar enfermos e paralíticos, sim, maior até mesmo que ressuscitar mortos. *Nos atos de perdoar reverbera e repercute a presença de Deus. Em Deus, perdoar não é ato, é ser* (E. Carneiro Leão). Ou, como se expressou nosso Papa Francisco: *o nome de Deus é Misericórdia.*

3. Quem se deixa mover pelo Espírito promove a Unidade (1Cor 12,3b-7.12-13)

A segunda leitura é da Primeira Carta aos Coríntios. A Comunidade, aí fundada por Paulo, desde cedo, enfrentava o grave problema de divisões. Uma das causas era a influência de alguns pseudo carismáticos. Movidos pelo espírito pagão, buscavam mais o espetacular, o milagroso do que a pureza da simplicidade e da humildade evangélica. Por isso, a advertência de Paulo: *Ninguém pode dizer: 'Jesus é o Senhor' a não ser no Espírito Santo* (1Cor 12,3).

A mensagem é clara. Um crente só pode ser carismático, verdadeiro e autêntico, se, em vez de buscar aplausos, elogios e a promoção de si mesmo, se dedicar única e tão somente a exaltar a pessoa de Jesus Cristo. Vale aqui o dito de João Batista: *Importa que Ele cresça e eu diminua*.

A partir desse princípio, Paulo começa a ministrar-lhes uma bela catequese acerca da origem, da diversidade e do uso dos dons. Primeiramente, importa que saibam que os dons procedem de um único e mesmo Espírito. Daí sua insistência: *mas, um mesmo é o Espírito... mas, um mesmo é o Senhor... um mesmo é o Deus que realiza todas as coisas em todos* (1Cor 12,4ss). Por isso, também, como dons, devem estar sempre a serviço da Comunidade, jamais para seu rompimento ou divisão.

Vem, então, o exemplo tão caro a Paulo: *Como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo* (1Cor 12,12). Por isso, finaliza exortando os coríntios para que se espelhem no comportamento dos membros do corpo: *embora muitos, no entanto, todos, esquecidos de si mesmos, se põem à serviço da unidade, do corpo, da vida. E conclui: Assim também acontece com Cristo. De fato, todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num único Espírito para formar um único corpo, e todos nós bebemos de um único Espírito* (1Cor 12,12-13).

Quando numa Comunidade vige esse espírito, o veneno da discórdia, que nasce do cultivo de um “eu” mesquinho e egoísta, desaparece. O crente que é verdadeiramente carismático, nem sabe que tem esse dom. Ele simplesmente é. Como Maria, simplesmente engrandece o Senhor. Em vez de querer *dominar pessoas e espaços da Igreja* (EG 95); em vez de querer fazer guerra com outros cristãos ou membros da comunidade por invejas e ciúmes, prestígios, poder e prazer (Cf LS 98); em vez, enfim, do espírito de contenda, está sempre disposto, como os membros do nosso corpo, a olhar pelas necessidades dos outros e a fazer o bem, principalmente para os mais fragilizados e necessitados.

Conclusão

A partir do Domingo da Ressurreição ou de Pentecostes, através do júbilo e do fogo do encontro com Jesus Cristo crucificado-ressuscitado, seus discípulos, os homens e as criaturas não são mais os mesmos. Tomados pelo poder do Espírito Santo, que invadiu o universo inteiro, agora são mais que homens e mais que criaturas: tornaram-se ‘deuses’, seres espirituais, da estirpe de Deus (Cf. At. 17,29), filhos de Deus. Começa a surgir, assim, de fato e de maneira nova, a nova humanidade dentro das humanidades, uma nova criação dentro da criação, uma nova história dentro da história: o Reino de Deus, assentado não mais no poder da lei ou da carne, isto é, de contratos ou decisões humanas, mas, na paz que brota da reconciliação e do perdão dos pecados, que nos mereceu o Cordeiro imolado, Cristo crucificado-ressuscitado.

As maravilhas que então começaram a surgir, a partir desse processo de transformação, gerado e incendiado pela presença contínua desse Espírito, podem ser contempladas ainda hoje nos famosos Atos dos Apóstolos.

Hoje, depois de alguns séculos, a Igreja, um tanto ou muito esquecida do fogo do Espírito Santo, como o protagonista de toda sua vida e missão, volta a sentir a necessidade de *evangelizadores com Espírito* (Papa Francisco, em EG 259). E, como exemplo de tais evangelizadores, ele nos recomenda São Francisco e seus primitivos companheiros (Cf. LS). De fato, poucas vezes na história, depois dos primeiros séculos, se pode ver tão bem o ressurgimento da Igreja primitiva, a Igreja dos Apóstolos, animada pelo Espírito Santo, como em São Francisco e seus companheiros. Jacques de Vitry, por exemplo, chega a afirmar que a Vida e a Regra daqueles frades não era outra senão a Vida e a Regra da Igreja primitiva, uma Igreja que estava moribunda e que, então, estava se reavivando (Cf. Jacques de Vitry, em *Fontes Franciscanas*, pág. 1306). Tudo isso, porque, como os primitivos cristãos, também esses tiveram no Espírito Santo seu primeiro e principal protagonista. Por isso, como aqueles, também esses possuem os seus “Atos do Bem-aventurado Francisco e dos seus Companheiros”, seus *Fioretti*, isto é, seus feitos heroicos, seus prodígios e milagres. Mas, tanto lá como cá, em tudo e com todos, era sempre o mesmo Espírito o autor de tantas maravilhas, a ponto de Francisco exortar seus Irmãos que, ao comungarem, estivessem muito atentos, pois, dizia ele, *quem comunga, quem recebe o santíssimo corpo e sangue do Senhor não somos nós, mas o Espírito do Senhor que habita nos seus fiéis* (Ad I,12).

Enfim, evangelizadores com Espírito, diz o Papa Francisco, são *evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo* (EG 259).



Solenidade da Santíssima Trindade

Leituras: Dt 4,32-34.39-40; Sl 32 (33); Rm 8,14-17; Mt 28,16-20

Tema-mensagem: *Bendito seja Deus Pai, bendito o Filho unigênito e bendito o Espírito Santo! Deus foi misericordioso para conosco!* (Ant. da Entrada)

Introdução

Com a solenidade de Pentecostes, Domingo passado, concluímos as celebrações do mistério da presença histórica de Cristo em nosso mundo e em nossa História. Hoje, com a solenidade da SS. Trindade, iniciamos o assim chamado Tempo Comum, Tempo da presença mística de Cristo. É, também, o início do Tempo da Igreja e de sua Ação evangelizadora. Por isso, a Igreja ao colocar esse Mistério no princípio desse Tempo, está proclamando que os protagonistas de toda sua vida e de toda sua obra missionária não são outros senão o Pai e o Filho e o Espírito Santo, a Trindade divina: Comunidade do Amor-Doação (Cf. Ant. da Entrada).

1. Uma História movida pelo amor do Deus único e verdadeiro (Dt 4,32-34.39-40)

Um pequeno trecho do livro do Deuteronômio, uma espécie de Testamento de Moisés, nos introduz nesse mistério. Prestes a morrer, Moisés quis deixar sua última palavra, sua última vontade ao Povo que Deus lhe confiara para tirá-lo da escravidão do Egito: que, ao entrar na terra prometida, não se esquecessem e não abandonassem jamais a aliança de seu Deus porque Ele é o único Deus, vivo e verdadeiro.

1.1. As provas de Deus

Para fortalecer e fundamentar sua exortação, Moisés começa, assim, dirigindo-se a todo o Povo: *Interroga os tempos antigos que te precederam...* (Dt 4,32). É um convite à memória, tendo como objetivo esta conclusão final: *Reconhece, pois, hoje e grava-o em teu coração que o Senhor é Deus lá em cima do céu e cá embaixo na terra e que não há outro além Dele* (v. 39).

Quem está exortando é o maior de todos os servos de Jahvé do Antigo Testamento, a maior autoridade religiosa depois de Abraão, o homem que viu a glória de Deus e que falava com Ele de amigo para amigo, que testemunhou

as maravilhas que Ele operara em favor de seu povo; o homem escolhido para libertar seu Povo da escravidão do Egito; que recebera Dele, Jahvé, os mandamentos a partir dos quais pôde organizar aquele Povo de cabeça dura, e conduzi-lo à terra da promessa. Por isso, prestes a morrer, não podia pedir-lhes outra coisa senão que olhassem bem para trás, admirassem e guardassem bem na memória os inúmeros e admiráveis feitos de seu Senhor; que não esquecessem jamais que Jahvé é a única origem da humanidade e de todas as coisas; que Ele sempre os amou, os tratou com amor misericordioso e compassivo e que, por isso, podia confiar em sua presença salvadora para o futuro, principalmente, nos momentos de fraqueza e de infidelidade, uma vez que: *O Senhor teu Deus é um Deus misericordioso. Ele não vai te abandonar... nem esquecerá jamais a aliança que jurou a teus pais (Dt 4,31)*. Enfim, o que Moisés pede é que esse seu Povo não esqueça jamais as provas do quanto o Senhor já o amara.

1.2. Convite à profissão de fé

É sobre esses grandes marcos que se fundamenta toda a História de Israel. Marcos recolhidos em suas antigas tradições religiosas e que culminarão com a expressiva “profissão de fé”, isto é, com o “credo histórico” que o próprio Deuteronômio irá propor mais adiante (Cf. Dt 26,1-10).

O objetivo da ordem de se fazer a memória de todos esses eventos não é outro, portanto, senão o de despertar, sempre de novo, a consciência do Povo para o fato de que Deus, em vez de viver alheio, distante das alegrias, angústias, conquistas e derrotas de seu Povo, é um Deus que, a modo de esposo, entrou na vida de Israel como o Deus único, como o “seu” Deus e ele, o “seu” povo predileto.

Por isso, mais que de um historiador, teólogo ou mestre, o discurso de Moisés é de um profeta, pastor e pai que procura fortalecer no coração de seu povo a fé, a confiança e a esperança em seu Deus; que não se permita jamais desanimar, muito menos desesperar diante de suas contínuas quedas, abandonos e repetidas infidelidades, desviando sua esperança para os ídolos escravizadores, em vez do Deus vivo e libertador. A memória não é, pois, uma lembrança que se volta para trás, para um passado que passou e não retorna. É, antes, uma recordação, que, por ter de enfrentar o presente e o futuro, leva a perceber um passado que, tendo sido, se recolheu e, recolhido, encoberto, marca sua presença em nosso presente.

Enfim, Moisés, no final de sua missão, não podia deixar de recordar ao seu Povo sua vocação eterna de Povo eleito, “Povo de Deus”. Recordemos, porém, que a história da criação, a história de Abraão e de Israel é também a nossa história. Ou seja, Deus se comprometeu conosco, deu-nos sua Palavra, que é seu próprio Filho. Ele é e deve ser nosso único Deus vivo e verdadeiro,

exigindo, pois, que abandonemos, também nós, todos os possíveis ídolos. Enfim, *é preciso que o ser supremo seja de fato único, isto é, sem igual. Pois, se Deus não fosse único não seria Deus* (Tertuliano).

A unidade de Deus, porém, traz diversos aspectos do seu mistério, que podem ser admirados e contemplados por nós. Deus é um. Mas ser um não é, em Deus, número. Deus não é um entre outros. Mestre Eckhart, que foi um apaixonado do Um que é Deus, dizia: *nisso, que Deus é Um, realiza-se a deidade de Deus*. Unidade significa, aqui, pureza de ser. O ser de Deus é puro enquanto é indivisível. Onde não há divisão não pode haver guerra. Em Deus há paz. Sua unidade é paz: a serenidade da unidade. Unidade significa também simplicidade. Simples é o que é sem enrotação e sem dobra. Deus é simples, significa: inteiramente doado, exposto, expropriado, pobre-rico no seu amor. Nele o “ensimesmamento” não tem vez. Ele é puro amor e pura comunicação, pura doação de si.

Proclamar que Deus é o único Deus significa proclamá-Lo como fonte da qual provém sua doação em superabundância; que mostra sua riqueza essencial, abissal. Dessa doação efluem todas as diferenças. Mesmo o capim, tenro e frágil, efêmero, ao existir, emerge do abismo dessa Bondade. São Francisco foi um homem que viu todas as coisas, cada uma na sua singularidade, emergindo do abismo dessa unidade-bondade de Deus. Via, assim, todas as coisas como irmãs. Via-as, a cada momento, saindo, emergindo da Bondade de Deus. Esta Bondade, para ele, estava além do bem e do mal, divisão que nós trazemos no coração, e que projetamos sobre as coisas. Em todo o criado, Francisco via e saudava e louvava o Bem sumamente difusivo de si mesmo, Deus: *Meu Deus e Tudo* (São Francisco).

2. Batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mt 28,16-20)

No Evangelho de hoje, nos encontramos com a última perícopé do Evangelho de Mateus. Jesus reúne, pela última vez, os onze discípulos na Galileia. “Prostrados”, a modo de discípulos atentos e prontos, recebem, então, de Jesus o mandato missionário: *“Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Portanto, ide e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”* (Mt 2818-19).

2.1. No último anúncio, o primeiro e o mais importante

Novamente, todos os elementos que formam essa cena guardam ou escondem um significado misterioso. A cena se dá lá onde tudo começou, onde Jesus teve com eles o primeiro encontro, do qual nasceu o primeiro chamado

e a primeira resposta. Além do mais, a Galileia era também a região na qual os moradores, muitos de origem pagã, ao contrário da Judeia, melhor acolheram Jesus e sua Boa Nova.

E é lá, na Galileia dos pagãos, que se dá a última fala e o último encontro de Jesus com seus discípulos. Na despedida, a última palavra é sempre a mais pesada, a mais significativa, a que deve permanecer para sempre. Parece que Jesus deixou para o fim o auge, o sumo de toda a sua Boa Nova. É a primeira vez que se refere tão explícita e claramente a esse que é o mistério central dos cristãos. Pois, *a fé de todos os cristãos consiste na Trindade*, já dizia São Cesário de Arles.

Estamos, pois, diante do resumo, do sumo, da fórmula número um, o princípio, a raiz a partir da qual deverá se erguer o novo Povo de Deus, formado, agora, não apenas de israelitas, mas dentre todos os povos do mundo inteiro. Assim, a última revelação, o último anúncio de Jesus, passa a ser o primeiro, o originário, porque é a partir dele que, agora, vão nascer seus novos discípulos. Por isso, o mistério da Santíssima Trindade passa a ser o princípio e o fim de toda a ação evangelizadora da Igreja, bem como o princípio de todas as ações e de todos os empreendimentos da vida de um cristão. É com ele que começamos e terminamos o dia, a noite, as orações, principalmente a Missa, o Ofício Divino, os Sacramentos, etc.; é com ele que nos persignamos com o sinal do crucificado quando passamos na frente de uma igreja. Assim, a Santíssima Trindade passa a ser o resumo da Boa Nova, a forma de vida, a regra que deve animar, a luz que deve orientar e conduzir o dia a dia do cristão.

Assim, antes de deixar este mundo, para que sua obra – o reinado de seu Pai – fosse adiante, criasse raízes e florescesse, Jesus envia seus discípulos pelo mundo inteiro não apenas para anunciar a Boa Nova, mas, também e principalmente, para imergir e banhar a todos no mistério da Trindade Santíssima.

2.2. Batizados em nome do...

Jesus, além do anúncio da Boa Nova, inclui, nesse mandato, a grande novidade: *batizando-os em nome...*

“Batizados” significa, literalmente, “mergulhados”, inseridos, enxertados. E, “em nome”, por sua vez, significa no vigor da presença, da confiança, da fé, do amor Delas.

Não diz no plural “nos nomes”, indicando, claramente, pois, que se trata de um único Deus. Por outro lado, diz claramente o nome próprio de cada uma das Três Pessoas, indicando que esse único Deus se constitui Comunidade: O Pai que ama e doa a deidade, o Filho que a recebe do Pai e que a Ele corresponde no amar de volta, e o Espírito Santo que é o Dom do Amor, a força da Vida divina em que vivem o Pai e o Filho, o Sopro que eles respiram.

Por isso, em um assunto de tão grande importância, convém recordar que a evocação de um *nome* pessoal e próprio está sempre ligada à experiência do encontro, da amizade, da intimidade ou familiaridade. Por isso, quando duas pessoas começam a se relacionar, a primeira coisa que fazem é conhecer e guardar seus nomes. Deus conhece cada ser humano pelo nome e pelo nome próprio o chama. Assim, o homem, para Deus, deixa de ser uma criatura qualquer. Passa a ser-lhe companheiro, amigo com o qual reparte a missão de criar, guardar e cultivar a criação toda.

2.3. Em nome da Trindade Santa

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, em tom de exclamação (!), como fez Jesus e como sói acontecer no Batismo e em nossas orações é bem mais que uma ocorrência, verdade ou dogma de nossa fé; significa a positividade primordial, *a priori*, anterior a tudo o mais; significa a presença da Trindade na vida dos discípulos, bem como a disposição desses de nascer e para nascer, crescer e florescer a partir da raiz mais profunda, a Boa Nova, agora revelada por Jesus em toda a sua plenitude: a Comunhão das Três Pessoas divinas. Além do mais, no anúncio do nome de cada Pessoa, não segue vírgula que tem a função de separar, mas um “e” para dizer que estamos diante de uma unidade, comunhão ou familiaridade.

Quem compreendeu muito bem o significado e o vigor desta mensagem de Jesus, além dos Apóstolos e dos primeiros cristãos, foi São Francisco de Assis. É surpreendente que ele inicie e termine quase todos os seus Escritos, principalmente sua primeira Regra, de modo tão simples e expressivo, com essa fórmula batismal tirada diretamente do Evangelho: *Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo! Essa é a Vida do Evangelho que Frei Francisco pediu ao Senhor Papa...* (RNB Pró).

Na verdade, toda a vida dele, desde as primeiras manifestações do Espírito e de seus primeiros ensaios de conversão, até sua morte, vem perpassada pelo mistério trinitário. Por isso, também, sua pregação vem sempre marcada pela doxologia trinitária: *Que creiam no Deus todo poderoso: Pai e Filho e Espírito Santo* (RNB 16,9).

Colocar a Trindade Santa como fonte originária, como regra ou forma de vida, implica em compreender que todos os nossos afazeres diários não estão aí, soltos, nascidos a partir de um mero acaso ou de um destino inexorável, ou ainda, porque assim nós os dispusemos, mas ligados e dançando sempre ao ritmo e ao sabor do amor intra-trinitário.

Assim, *Em nome da Trindade Santa* indica que somos todos da mesma estirpe divina e chamados à comunhão, à fraternidade universal, à Igreja católica.

2.4. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo

Assim, a última revelação da Boa Nova, a mais expressiva, profunda e radical, vem expressa com os nomes mais caros, familiares e significativos que nós, humanos e cristãos, temos: Pai, Filho e Espírito Santo. Deus é Pai e Deus é Filho e Deus é Espírito Santo.

Pai

No Catecismo da Igreja Católica encontramos esta colocação acerca do mistério do Pai:

Ao designar a Deus com o nome de ‘Pai’, a linguagem da fé indica principalmente dois aspectos: que Deus é origem primeira de tudo e autoridade transcendente e que, ao mesmo tempo, é bondade e solicitude de amor para com todos os seus filhos. Esta ternura paterna de Deus pode também ser expressa pela imagem da maternidade, que indica mais a imanência de Deus, a intimidade entre Deus e sua criatura. A linguagem da fé inspira-se, assim, na experiência humana dos pais (genitores) que são, de certo modo, os primeiros representantes de Deus para o homem. Mas, essa experiência humana ensina que os pais humanos são falíveis e podem desfigurar o rosto da paternidade e da maternidade. Convém, então, lembrar que Deus transcende a distinção humana dos sexos. Ele não é nem varão e nem mulher, é Deus! Transcende também à paternidade e à maternidade humanas, embora seja a sua origem e medida: ninguém é Pai como Deus o é (Catecismo da Igreja Católica, 239).

Assim, antes de sermos filhos de nosso pai e nossa mãe, somos filhos de Deus desde toda eternidade. Foi esse mistério que São Francisco anunciou, como sua Boa Nova, quando deixou os bens, a herança, o nome e tudo o mais, que recebera de seu pai terreno, Pietro di Bernardone. Então, nu, pôde proclamar em toda a liberdade e leveza, *Pai nosso que estais nos céus!* (Cf. LTC 20).

Filho

A segunda Pessoa da Santíssima Trindade nos é revelada não tanto como “servo”, “senhor” ou “rei”, mas primeiramente com este expressivo e carinhoso nome da esfera da família: “Filho”.

Jesus Cristo é o Filho, a Palavra, a Imagem, a Verdade do Pai, a Revelação de sua deidade, o rosto de sua unidade, de sua bondade, de sua misericórdia. Jesus Cristo é o caminho pelo qual Deus vem para dentro da finitude de

nossa existência humana. É, também, o caminho pelo qual o Homem ascende a Deus, comungando com Deus, como filho no Filho, de sua deidade. É, enfim, como Ele mesmo se declara: *o Caminho, a Verdade e a Vida* (Jo 14,6). Tudo em maiúsculo! Este Filho unigênito do Pai quis, pois, se fazer Filho primogênito dentre as criaturas, como princípio da criação, e dentre os mortos, como princípio da Ressurreição e do novo céu e da nova terra. Ele não se envergonhou de assumir nossa carne e nosso sangue, tornando-se nosso Irmão. Assim, Ele possibilitou a realização de nossa vocação eterna: sermos filhos no Filho. Nele, com Ele, por Ele, nós podemos, pois, ser gerados e nascer, como filhos bem amados do Pai. A partir Dele também nós nos tornamos irmãos uns dos outros e irmãos de todas as criaturas. Pois o que é a criação, senão a ressonância e a repercussão da geração do Filho, através de todo o universo?!

Espírito Santo

Como em relação às duas primeiras Pessoas, também o nome da terceira é sumamente belo: “Espírito Santo”. Literalmente, espírito significa “Sopro” “Hálito”, “Alento vital”, e “santo” diz “sagrado”, “divino”. Quem ou o que é, pois este que leva tão belo nome? É o Espírito Santo, assim denominado porque eflui do Pai e do Filho como o Amor-Doação do Pai e do Filho.

O Espírito Santo é Amor desprendido, puro, de Deus. É o contentamento, a alegria, a festa da plenitude de ser como desprendimento-doação, pura gratuidade. Por isso, Dante o decanta com este significativo nome, “Sorriso de Deus”:

O luce eterna, che sola in te sedi - Ó luz eterna, que, só, repousas em ti mesma

Sola t'intendi, e da te intelletta - Só, te entendes, e por ti mesma entendida

Ed intendente te ami ed arridi! - E “entendente”, te amas e sorris!

40

Assim:

- O **Pai**, transbordância fontal da Vida: generosidade sem medida, sem fundo; gratuidade difusiva de si mesmo: Ser em sua própria jovialidade, princípio gerador do universo e de cada criatura;

- O **Filho**, acolhida da jovialidade que, qual lactente, na cordialidade jovial da sucção do leite materno, toma o corpo da sua existência, como fruto prenhe e perfeito da obra;

40 Dante Alighieri, *A Divina Comédia*, Paraíso, canto XXXIII, n. 124-126. Tradução do autor. Cf. Alighieri, Dante. *A Divina Comédia*. Introdução, tradução e notas de Vasco Graça Moura. São Paulo-SP: Landmark, 2005, p. 886-887.

- O *Espírito Santo*, que não é o terceiro de uma série, ou de um e mais um, mas a convocação do uno, da comum-união do Pai-e-do-Filho como a identidade da diferença do Pai e Filho na jovialidade do dar e receber, no empenho da acolhida.

A Igreja é a Comunidade trinitária por excelência. Ela é chamada a re-alizar, no mundo, algo da comunhão-convivência das pessoas divinas, no amor-doação. Onde há caridade, ali Deus está. Onde se dá uma comunhão-convivência de pessoas humanas, acontecendo à imagem e semelhança da comunhão-convivência das pessoas divinas, ali se realiza o mistério da Igreja. Ali há uma única identidade, que não é de maneira alguma uniformidade, mas fonte de diferenças. Ali as diferenças efluem da identidade comum e afluem a ela de volta. Ali a igualdade vive desta dinâmica de identidade e diferença e não é, de maneira alguma, mero nivelamento. Onde os homens, em sua convivência, segundo e seguindo o Sopro do Amor, cuidam da identidade comum que os une; onde os homens não só respeitam e acolhem suas diferenças, mas também as promovem; onde a igualdade não vem de fora como nivelamento, mas, segundo e seguindo o Sopro do Amor, ali, na dinâmica da identidade e das diferenças, se dão os vestígios e os sinais da Trindade, quer os homens saibam, quer não. Eis o Céu! A Bem-aventurança eterna! A perfeita alegria!

3. A graça da filiação divina (Rm 8,14-17)

Quem, na Missa de hoje, proclama alto e bom som a graça maior, o benefício mais precioso nascido do mistério trinitário é São Paulo: *Vós não recebestes um espírito de escravos, para recairdes no medo, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, no qual todos nós clamamos: ‘Abbá!’ – ‘Ó Pai!’* (Rm 8,15).

Assim, se comungarmos da identidade divino-humana de Jesus, se participarmos de seus sofrimentos, seremos introduzidos e mergulhados no mistério da Trindade, como o expressa muito bem o rito do Batismo. E, certamente, a mais bela de todas as prerrogativas dessa filiação – nascida do Espírito e não da carne – é que nos faz próximos, íntimos, familiares de Deus, podendo chamá-lo, simplesmente, de “Abbá”: “Pai”, ou melhor ainda: “Paizinho”.

Conclusão

Com essa solenidade estamos dando início a uma nova caminhada. Pela mistagogia das celebrações do mistério de Cristo, na Liturgia, somos conduzidos “por paulatinas aproximações ou subidas”, como diz São Gregório Nazianzeno (séc. IV), à contemplação do mistério de Deus Uno e Trino. À medida que vamos *avançando e progredindo, de glória em glória, brilha a*

Trindade com luz cada vez mais resplandecente, diz ele. A própria revelação de Deus aos homens na História da Salvação, que as Escrituras nos expõem, é paulatina e ascendente. É uma verdadeira anagogia (subida).

O Papa Francisco convida-nos a contemplar esse Mistério maior de nossa vida com a obra da criação:

O Pai é a fonte última de tudo, fundamento amoroso e comunicativo de tudo o que existe. O Filho, que O reflete e por Quem tudo foi criado, uniu-Se a esta terra, quando foi formado no seio de Maria. O Espírito, vínculo infinito de amor, está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos. O mundo foi criado pelas três Pessoas como um único princípio divino, mas cada uma delas realiza esta obra comum segundo a própria identidade pessoal. Por isso, «quando, admirados, contemplamos o universo na sua grandeza e beleza, devemos louvar a inteira Trindade»” (LS 238-239).

E, continuando nesta contemplação, o Papa nos leva a algumas conclusões:

Para os cristãos, acreditar num Deus único que é comunhão trinitária, leva a pensar que toda a realidade contém, em si mesma, a marca propriamente trinitária. São Boaventura chega a dizer que o ser humano, antes do pecado, conseguia descobrir como cada criatura «testemunha que Deus é trino». O reflexo da Trindade podia-se reconhecer na natureza, «quando esse livro não era obscuro para o homem, nem a vista do homem se tinha turbado». Este santo franciscano ensina-nos que toda a criatura traz em si uma estrutura propriamente trinitária, tão real que poderia ser contemplada espontaneamente, se o olhar do ser humano não estivesse limitado, obscurecido e fragilizado. Indica-nos, assim, o desafio de tentar ler a realidade em chave trinitária” (idem).

Por tudo isso, como São Francisco, no final de sua Regra, exclamemos: *Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém!* (RNB 24,5).



Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo

Leituras: Ex 24,3-8; Sl 115; Hb 9,11-15; Mt 14,12-16.22-26

A solenidade de *Corpus Christi* retoma a Quinta-feira Santa, com uma novidade, porém. Nela, a Igreja não só celebra o mistério da Última Ceia, mas também agradece e louva a Cristo por estar presente a cada dia conosco, através do sacramento de seu Corpo e Sangue. Cristo caminha conosco, assim, ao longo de toda nossa história. É nosso pão e nosso companheiro, na caminhada. O Pão dos Anjos, isto é, o Pão da Verdade e Pão da Vida, se faz, assim, pão dos homens, Pão dos peregrinos, como lembra a Sequência desta Missa, escrita por Santo Tomás de Aquino (*Lauda Sion*).

Diferentemente dos Domingos, na solenidade de hoje, em vez de comentar as leituras, uma por uma, nossas reflexões vão girar em torno de três temas, os mais significativos, ao nosso ver.

1. Eu sou o Pão vivo descido do céu

O *pão* é alimento elementar, essencial, no cotidiano de quase todos os povos. Indica o necessário, o imprescindível, para a vida do homem.

O trigo, transformado em pão, é certamente um dos simbolismos mais expressivos do mistério salvador que Deus realiza em nós através de Jesus Cristo, que é, ao mesmo tempo, Rei, Sacerdote e Sacrifício. Isso é inédito! Nunca em outras Religiões, o rei e o sacerdote se fazem a vítima ou o sacrifício pelo seu povo. É sempre o contrário: o povo é sacrificado pelo e para seu rei, pelo ou para seu deus. Por isso, com razão, Jesus que se encarna e se deixa triturar em sua vontade própria, até a morte e morte de Cruz, para fazer a vontade do Pai e que, após sua Ressurreição, assume a forma de pão comível e de vinho bebível, é chamado com razão de *Pão vivo e verdadeiro descido do Céu* (Jo 6,41), *Pão nosso de cada dia* (Mt 6,12).

À simbologia do trigo, da farinha e do pão, se acrescenta a do fermento que, nesse caso, a simbologia é ambígua. Se, por um lado significa transformação espiritual, por outro lado, por provir da putrefação, pode significar também corrupção. Por isso, dizia Jesus aos discípulos: “*Cuidai-vos do fermento dos fariseus!*” (Lc 12,1). Paulo, aproveitando desse significado do fermento, lembra aos discípulos de Cristo – os cristãos – que devem ser massa sem fermento (1Cor 5,7); que precisam se tornar o que são (Rm 6,11-12; Cl 3, 3-5): *pães sem fermento*, isto é, pessoas que nutrem a vida dos outros e que são, ao

mesmo tempo, íntegros, inteiros, simples, sem nenhuma corrupção no seguimento de Cristo, na vida nova que Ele inaugurou com sua morte sacrificial.

Semelhante ao pão, também a simbologia do vinho elaborado pelo esmagamento da uva originada da videira, nos transporta para realidades que são a raiz, o fundo de nossa existência. A primeira, e mais significativa de todas, é o amor. Assim, como o vinho é, por assim dizer, o sangue da uva, o Amor que é Deus, que é Jesus Cristo, tudo suporta, carrega e sustenta; um Amor-Doação, amor de profunda e mútua entrega, semelhante ao amor dos esposos, capaz de levar o fiel a sair de si, desprendendo-o de tudo para elevá-lo até o mais alto êxtase, como se pode ver em alguns místicos. São Francisco, por exemplo, movido pela dulcíssima melodia desse amor, costumava tomar nas mãos dois gravetos e, como se fossem violinos (Cf. 2C 127), fazia ressoar a música da criação, tão bem decantada, depois, no Cântico do Irmão Sol.

Para os antigos, pão e vinho eram símbolos, também e respectivamente, da vida ativa e da vida contemplativa, dos pequenos e dos grandes mistérios. Assim, o milagre da multiplicação dos pães impressiona pela quantidade, isto é, a superabundância dos pães; já o milagre da transformação da água em vinho, em Caná da Galileia, impressiona pela qualidade, isto é, pelo sabor excelente do vinho “melhor”. Cristo, no Novo Testamento, apresenta-se tanto como Pão da Vida, Pão do Céu (cfr. Jo 6), dimensão ativa, quanto como verdadeira Videira (Jo 15,1-5), dimensão contemplativa.

2. Tomai e comei, isto é meu corpo, tomai e bebei, isto é meu sangue

Nunca é demais insistir que Jesus instituiu a Eucaristia para ser “comida” e “bebida”: *Tomai e comei... Tomai e bebei...* Isso é muito forte, quase não dá para acreditar! Deus se fazendo pão e vinho (“coisa”, “matéria”) e pedindo para que nós o comamos e o bebamos! Ele não diz: “Olhai, para mim, eu sou um espírito, me contemplai, me adorai!”. Romano Guardini atentava para o fato de que, antes de uma devoção religiosa, a Eucaristia é **ação** sacra em que o evento da Cruz, que foi antecipado e prenunciado na Última Ceia, atua em seu vigor e em sua vigência. Eucaristia não é representação, encenação, simbolização, mas a própria realidade, a Pessoa mesma de Cristo se doando, sempre e de novo, na Cruz. Foi essa a razão que, depois de muitos séculos de mera assistência à Missa, levou o Papa São Pio X, em 1903, a lançar a famosa exortação à participação ativa nos sacrossantos mistérios, condição indispensável para uma frutuosa renovação da vida cristã. Foi a semente desse espírito que, cinquenta anos depois, inspirou o Papa João XXIII a propor, em 1959, um Concílio para voltar às origens (Vaticano II).

Por isso, São Francisco costumava contemplar a Vinda de Cristo na Eucaristia como uma atualização de sua Vinda na Encarnação, recordando-nos que *todos os dias (Ele) se humilha descendo do seio do Pai sobre o altar nas mãos do sacerdote*, a fim de *ser Deus-conosco até o fim dos séculos* (Ad I). Nesse sentido, também, se expressava São João Crisóstomo: Ó tremendo mistério! Ó inefável desígnio do divino conselho! Ó inefável bondade! O Criador se oferta como alimento à criatura, a própria vida se oferece aos mortais como comida e bebida.

A Sequência da Missa de hoje expressa a maravilha da Igreja ante esse mistério (sacramento). O Pão dos Anjos se fez Pão dos homens. É o mesmo que canta o famoso canto *Panis Angelicus*, que é a penúltima estrofe do hino *Sacris solemniis*, escrito por São Tomás de Aquino para a Festa de *Corpus Christi*:

Panis Angelicus (O Pão dos Anjos),
Fit panis hominum (Se faz Pão dos homens),
Dat panis caelicus figuris terminum!
(O Pão do céu põe fim às prefigurações!)
O Res mirabilis! (Ó coisa admirável!)
Manducat Dominum, (Consome a Deus),
Pauper, pauper servus et humilis!
(Pobre, pobre servo e humilde!)

A solenidade de hoje se caracteriza, também, como um ato de grande e profunda adoração. Adoração, porém, não como quem se coloca diante de uma realidade fixa, estática ou quase física, mas, antes, como quem vê Deus “se matando”, se desdobrando, se sacrificando todo, em mil e uma forma, para poder ser recebido, e assim poder estabelecer conosco um *Sacrum Convivium*. Daí, a necessidade de também nós respondermos a tão inaudita iniciativa, pelo menos com o desejo de adorá-lo com um profundo ato de fé, isto é, crendo que é assim que Ele quis e quer *estar sempre conosco, até a consumação dos séculos* (Mt 8,26). Aliás “adorar”, significa, justamente, o ato de “levar à boca” aquilo que se ama ou do que se necessita como, por exemplo, o alimento, a exemplo da criança que leva à boca o seio de sua mãe a fim de sugar-lhe o leite da vida; ou, melhor ainda, como os amantes trocam o beijo do mistério do amor que lhes feriu o coração e se tornou o sentido de sua vida.

Conclusão

Como conclusão para essa solenidade vale a pena refletir esta passagem da *Laudato Si*, do Papa Francisco:

A criação encontra sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo em nosso próprio mundo. Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus. Com efeito, a Eucaristia é, por si mesma, um ato de amor cósmico. «Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar duma igreja da aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo». A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico, «a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador». Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira (LS 236).

Enfim, “Corpus Christi” é o dia em que, mais que em outros, imitando São Francisco, prostrados, devemos *rezar e dizer simplesmente, assim*:

*Nós vos adoramos, santíssimo senhor Jesus Cristo,
aqui e em todas as vossas Igrejas, que estão no mundo inteiro
e vos bendizemos porque pela vossa santa Cruz remistes o mundo (T).*



2º Domingo do Tempo Comum

Leituras: 1Sm 3,3b-10.19; Sl 39; 1Cor 6,13c-15^a.17-20; Jo 1,35-42

Tema-mensagem: Seguidores-missionários, chamados-enviados por Cristo - a antiga e sempre nova identidade do cristão.

Introdução

Este Domingo, segundo do Tempo Comum, se destina a celebrar, de modo especial, o mistério da vocação-missão de Cristo que se atualiza no mundo e na história através da vocação-missão da Igreja e de cada cristão.

1. Na vocação de Samuel, o modelo de todo vocacionado bíblico (1Sm 3,3b-10.19)

Chamado e resposta é o leito sobre o qual se desenrola toda a História Sagrada. Deus chama e o homem, bem ou mal, se aventura em dar-lhe uma resposta que o dignifique. Entre esses está o chamado de Samuel, um dos mais belos e expressivos de todo o Antigo Testamento, proclamado na primeira leitura de hoje. A narrativa começa dizendo que *naqueles dias, Samuel estava dormindo* (1Sm 3,3).

A cena desenrola-se à noite. Noite, como a oração, a contemplação, principalmente, são os momentos mais propícios para a ação de Deus. É a hora em que cessa o barulho das coisas do mundo, descansam os sentidos do corpo e despertam os da alma. Assim, enquanto o homem repousa na escuridão da noite do poder, do querer, do fazer e do saber de sua subjetividade, entra em cena o poder e o saber da luz do alto. No sono, estamos entregues à inocência e à pureza originária. Nos tornamos crianças nas mãos do Pai. É então, e somente então, que Deus pode fazer alguma coisa em nós e por nós. É o Reino de Deus acontecendo. É então, e somente então, que o homem poderá responder também de modo inocente, digno e justo: *“Fala, Senhor que teu servo escuta”* (1Sm 3,10). Foi assim, também com São Francisco quando, semi-dormente, no famoso sonho de Espoleto, ouviu de um personagem misterioso, que o chamava pelo nome, a não menos famosa pergunta: *“Francisco, para onde tendes ir?”* E, Francisco, em sua inocência originária, acolhe a pergunta com a arriscadíssima resposta: *“Senhor, que queres que eu faça?”* Cf. LTC 5-6)

O chamado de Deus, em vez da lógica dos poderosos desse mundo, que chamam impondo-se com a autoridade de seu *status*, poder ou saber, segue a lógica do respeito, da reverência, da paciência. Chama como que sussurrando,

sugerindo, interrogando, jamais exigindo ou impondo-se. É a lógica da graça do encontro, da intimidade e não das exigências ou necessidades interesseiras ou das qualidades ou funções da pessoa. Por isso, o Senhor chamou pelo nome próprio e por quatro vezes, repetindo, sempre, a modo de mãe: “Samuel, Samuel!” Isso significa, também, que, a exemplo de Samuel, não se conhece o Senhor de vez e que só se penetra no mistério de sua vocação aos poucos.

Além do mais, nosso texto diz, ainda, que toda essa cena se desenvolve *no templo do Senhor, onde se encontrava a arca de Deus* (1Sm 3,3). Trata-se da tenda na qual se guardava a arca da Aliança, isto é, o lugar junto ao qual o Senhor tinha prometido a Moisés que se encontraria com ele e com seu povo a fim de revelar-lhe sempre suas ordens (Cf. Ex 25,22). Isso significa que o chamado sempre tem em vista o ordenamento, a estruturação do Povo segundo os ditames de Deus e não dos homens. Por isso, todo chamado se dá, sempre, dentro de um contexto social-político-econômico-religioso muito concreto e, conseqüentemente, com uma missão também muito concreta e real. Assim, por exemplo, quando a criação ainda estava desprotegida, Deus cria e chama Adão para cuidar dela; quando Deus não tinha para si um povo, Deus chama Abraão para ser pai de uma grande nação; posteriormente, quando os israelitas viviam a triste sorte da escravidão no Egito, Deus convoca e dá a Moisés a missão de libertar o Povo da escravidão. Agora, Samuel está sendo chamado para dar início à dolorosa ruptura ou desmoronamento de todo um período muito amado da História de Israel – o tempo dos Juizes – e começar a lançar os fundamentos, as raízes da realeza judaica, cujo expoente máximo se dará com Davi.

2. A quem buscar, a quem seguir (Jo 1,35-42)

O que aconteceu com Samuel e todos os vocacionados do Antigo Testamento, se renova e se consuma com o chamado de Cristo pelo Pai e dos Apóstolos por Jesus Cristo, como podemos ver no Evangelho de hoje.

2.1. Seguir é buscar - buscar é seguir

Diferentemente das demais narrativas, que tratam do chamado dos Apóstolos, nas quais a iniciativa é de Jesus, aqui a iniciativa é de João Batista, o precursor, o resumo de todos os vocacionados e profetas e de todas as promessas do Antigo Testamento. Vem, então, no Evangelho de hoje, um dos últimos atos de sua missão: *João estava de novo com dois de seus discípulos. Fixou o olhar em Jesus que passava e disse: “Eis o Cordeiro de Deus!”* (Jo 1,35).

Aqui podemos dizer que o evangelista põe nos lábios de João a confissão de fé mais preciosa, profunda e originária dos primeiros cristãos: que Jesus,

à semelhança do cordeiro pascal, é o novo e verdadeiro Cordeiro de Deus, o *Filho único de Deus vivo* (Jo 1,18). Por isso, é Nele que se fixaram os olhos do Batista; é Nele que se fixam agora os olhos de todo o Antigo Testamento e de toda a humanidade. É a Ele, portanto, que se deve seguir e a ninguém mais. Sai o precursor e entra em cena o Anunciado e, por isso, *os dois discípulos de João, ouvindo essas palavras seguiram Jesus* (Jo 1,36).

O seguimento tem sua origem na sede natural que todo homem tem de Deus, como nos diz Santo Agostinho: *Trinta anos estive longe de Deus. Mas, durante esse tempo, algo se movia dentro do meu coração. Eu era inquieto, alguém que buscava a felicidade, buscava algo que não achava.*

Buscar é, certamente, o verbo que o homem mais deve conjugar durante toda sua vida. O homem é aquilo ou aquele que ele busca. Se buscar as coisas desse mundo tornar-se-á um mundano, se procurar as do alto ele se eleva e se torna semelhante as estrelas, celeste, divino. Era o caso dos dois discípulos de João. Por isso, logo que ouviram do mestre João que Aquele era o Cordeiro de Deus, abandonam seu primeiro mestre e vão atrás de Jesus.

No entanto, sem a graça do encontro com o mestre o chamado-seguimento não apenas é incompleto, mas não existe. Por isso, a narrativa assinala que *Jesus, voltando-se para eles e vendo que O estavam seguindo, disse: “A quem estais procurando?”* (Jo 1,38). A mesma comprovação encontramos em Agostinho: *Mas, Tu Te compadeceste de mim e então tudo mudou, porque Tu me deixaste conhecer-Te.*

2.2. Seguir é morar

A resposta dos dois jovens é limpa, e graciosa, como limpa e graciosa fora a pergunta de Jesus. Nada se fala sobre o que teriam que fazer, quais as possíveis recompensas e nem mesmo qual o seu destino. Simplesmente: *“Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras?”* (Jo 1,38).

Eis duas palavras fundamentais: mestre e sua morada. Ser cristão, ser discípulo-missionário significa fazer de Jesus nosso Mestre e nosso habitat diário, nossa morada; o lugar onde, à semelhança da casa de um casal, de uma família, o sentir, querer, saber e fazer Dele sejam o nosso sentir, querer, saber e fazer; o lugar, onde, enfim, à semelhança do matrimônio, mestre e discípulo vão vivendo a vida um do outro, assimilando, cada vez mais, um a identidade do outro, até o ponto de os dois se tornarem um só corpo, uma só alma. Assim, os dois discípulos, recebendo a resposta do mestre (“Vinde ver”), *foram ver onde Ele morava e permaneceram com Ele* (Jo 1,39). Morar com Jesus será, então, o começo do céu, do paraíso reconquistado, a Perfeita Alegria de que nos fala São Francisco.

João termina sua narrativa com esta significativa afirmação: *Era por volta das quatro horas da tarde* (Jo 1,39). Significativa, primeiramente, porque

entre o fato do chamado e da sua narrativa já haviam se passado nada, mais e nada menos que em torno de trinta ou quarenta anos. Como, então, recordar-se de um detalhe tão minúsculo, a hora? Acontece que aquele encontro, semelhante ao toque do primeiro amor, deixou nos discípulos uma marca indelével, viva, eterna. Tão viva que até os mínimos detalhes perduram a vida toda, se tornam eternos, pois, como diz a Escritura: *Águas torrenciais não conseguirão apagar o amor nem rios poderão afogá-lo. Porque o amor é forte como a morte e a paixão implacável como a sepultura: suas centelhas são centelhas de fogo, labaredas divinas* (Ct 86-7).

Em segundo lugar, a menção desse pormenor – a hora em que se deu o encontro – é importante porque, para os antigos judeus, as quatro horas da tarde é a hora em que o dia chega à sua plenitude. Assim, Jesus é apresentado como a plenitude de todos aqueles que, no Antigo Testamento, buscaram e esperaram o Messias, descrito por Isaías como o Servo de Jahvé que, à semelhança do Cordeiro sacrificado e imolado, carregou o pecado de muitos e intercedeu por todos (Cf. Is 53); a plenitude de todos quantos peregrinam por esse mundo na angústia pelo sentido da vida. Assim, quem o procura e o segue não andarà mais nas trevas, mas terá a luz da vida, encontrará a salvação: a graça do encontro com o Senhor (Sentido) da vida, da história.

Eis, pois a essência de todo discipulado cristão: despojar-se de sua própria identidade (de seu próprio eu) para deixar-se possuir pela identidade (o Eu) do mestre. E quem por primeiro fez isso é o próprio Senhor, como dirá depois São Paulo: *Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens* (Fl 2,6-7).

Por isso, também São Francisco orientava seus frades: *Recordem que Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo Onipotente, enrijeceu a face como pedra duríssima e não se envergonhou. E foi pobre e hóspede e viveu de esmolas, Ele próprio e a Bem-aventurada Virgem e seus discípulos* (RNB 9,4-5).

2.3. Seguir é ser transformado pelo Mestre e buscar novos discípulos para Ele

A narrativa termina dizendo que André, não se contendo, foi procurar o irmão Pedro, dando-lhe a grande notícia: *“Encontramos o Messias!”* (que quer dizer: Cristo). E depois de ser conduzido a Jesus, este olhou bem para Ele e disse: *“Tu és Simão, filho de João; tu serás chamado Cefas!”* (que quer dizer Pedro) (Jo 1,41-42).

Primeiramente, é preciso realçar que o fogo da alegria e da graça do encontro com o Mestre – o Cordeiro de Deus – tende a transformar-se em busca

de novos discípulos para seu Mestre. Amigo, que é amigo mesmo, não pode deixar de falar e de enaltecer o amigo e de procurar amigos para seu amigo. Por isso, nosso Papa insiste que todo discípulo tem que ser missionário. Gosta, inclusive, de dizer que se devem escrever as duas palavras junto: discípulo-missionário, chamado-enviado.

Em segundo lugar, o impacto do encontro com Jesus é de tal envergadura que, a partir de então, o discípulo não é mais o mesmo. Troca até de nome, isto é, de identidade. Pedro deixa de ser Pedro para ser Pedra, isto é, o fundamento sobre o qual o Mestre irá construir o edifício de sua habitação no mundo.

O processo de transformação – conversão – porém, com raras exceções, se desenrola lentamente, como no caso de São Francisco: *Já mudado, mas só espiritual e não exteriormente, não quis mais ir para a Apúlia e procurou orientar sua vontade pela vontade de Deus. Por isso, subtraiu-se aos poucos do bulício do mundo e dos negócios, querendo esconder Jesus Cristo no homem interior. Como um negociante prudente, escondeu aos olhos dos enganadores a pérola encontrada e, ocultamente, procurou vender tudo para poder adquiri-la* (LTC 6,1-3).

3. Membros de Cristo, seus discípulos tornam-se com Ele um só espírito (1Cor 6,13c-15^a.17-20)

Na segunda leitura, tirada da primeira Carta aos Coríntios, São Paulo revela a grandeza da dignidade do discípulo: *Vossos corpos são membros de Cristo. Quem adere ao Senhor torna-se com Ele um só espírito.*

A mensagem foi proclamada não apenas para combater as divisões no seio da comunidade coríntiana (Cf. 1Cor 1,10ss), mas, também, tendo em vista o surgimento de muitos casos de imoralidade. Em ambas as situações, os cristãos aviltam não apenas seu próprio corpo, mas também o Corpo de Cristo, a Igreja.

Para combater esse desvio, começa recordando que o corpo não foi criado para a imoralidade, mas para o Senhor porque foi Ele que o criou e, portanto, a Ele pertence. Longe, portanto, de um discípulo de Cristo não apenas toda e qualquer prostituição corporal, mas, também e acima de tudo, toda a prostituição cultural, religiosa. Pois, de fato, acontecia que alguns dentre eles se uniam sexualmente às prostitutas sagradas, a fim de alcançar a comunhão com as diversas divindades que representavam.

Para Paulo, tais práticas de idolatria eram atos de verdadeira apostasia, de abandono não apenas da fé, mas do próprio Senhor de nossa fé, Jesus Cristo. Por isso, insiste: *Ou ignorais que vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que mora em vós e vos é dado por Deus? E, portanto, ignorais, também que*

vós não pertenceis mais a vós mesmos? De fato, fostes comprados, e por preço muito alto (1Cor 6,19-20).

E enfim, a conclusão magistral: *Então, glorificai a Deus com vossos corpos!* (idem).

Conclusão

Discípulos-missionários, evangelizadores com espírito, é assim que a Igreja hoje, atenta aos diversos chamados que se proclamam ao longo da história, principalmente aos do Evangelho, compreende e define nossa identidade de cristãos, de católicos. Na raiz dessa identidade está pois *o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos vistos, amados, acolhidos e salvos por Ele* (Cf. EG 264); ou, como diz Santa Clara, o *ardente desejo do Pobre Crucificado*, que, por iniciativa Dele, começou a arder em nossos corações através da graça dos inúmeros toques e encontros que nos levaram para dentro da Igreja e da Ordem franciscana. *Um amor que nos impele a amá-lo cada vez mais* (idem).

Assim, movidos por esse fogo interior, Francisco e os primeiros frades *iam pelo mundo como peregrinos e forasteiros, nada levando consigo a não ser Cristo. Pelo que, onde quer que fossem, faziam grandes frutos nas almas, pois eram verdadeiros ramos da videira viva* (Atos, 4,3).

E conclui nosso Papa Francisco:

Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos. Precisamos implorar cada dia, pedir sua graça para que abra nosso coração frio e sacuda nossa vida tibia e superficial. Colocados diante Dele com o coração aberto, deixando que Ele nos olhe, reconhecemos aquele olhar de amor que descobriu Natanael no dia em que Jesus Se fez presente e lhe disse: «Eu te vi, quando estavas debaixo da figueira!» (Jo 1,48) (EG 264).



3º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Jn 3,1-5.10; Sl 24; 1Cor 7,29-31; Mc 1,14-20

Tema-mensagem: Com o mistério da Encarnação, tem início o novo Tempo, o Tempo de Cristo, o Tempo da plenitude da conversão evangélica, caminho essencial para a fé na Boa Nova do Reino de Deus

Introdução

O centro da celebração deste Domingo, é o mistério do tempo, dentro do qual Deus, seu Criador, se move, assumindo nossa caminhada para transformá-la em tempo oportuno da graça ou História da Salvação. Ela se abre com este solene anúncio: *No princípio Deus criou o céu...* (Gn 1,1), e se conclui com a garantia de sua presença: “*Sim, venho muito em breve!*” (Ap 22,20). Deus, o eterno “Eu Sou”, opera no tempo, manifestando-se como o Deus que é, que era e quem vem. Mas, os homens, na história, esquecem essa sua presença, sufocando-a com seus inúmeros e mesquinhos interesses pessoais. Eis o pecado! O despertar e o voltar-se para Ele, porém, eis a conversão! Eis o mistério para o qual a celebração deste Domingo quer nos convocar e provocar.

1. Um tempo de penitência para todos os povos (Jn 3,1-5.10)

Quem nos introduz nesse mistério é o profeta Jonas, o profeta que tenta esquivar-se e fugir de Deus; que faz, justamente, aquilo que um profeta não pode nem deve, jamais, fazer, como profeta: Deus lhe pede que vá, e ele não vai; que fale, e ele se cala. Em todo seu livrinho, há um único e brevíssimo oráculo: *ainda quarenta dias, e Nínive será destruída*. Esse oráculo, no entanto, jamais se realizou porque *os ninivitas acreditaram em Deus; aceitaram fazer jejum, e vestiram sacos desde o superior até o inferior* (Jn 3,3-4).

Estamos diante de uma das melhores sínteses do genuíno pensamento judaico do Antigo Testamento: Deus, Jahvé, é Deus também dos gentios. Pois Nínive, além de ser uma cidade muito grande, era pagã. E é justamente a esse povo pagão que o teimoso Jonas, contra sua vontade de judeu nacionalista, estava sendo enviado por Deus para oferecer-lhe a conversão, e não para massacrá-lo como inimigo. Assim, mesmo contra o fechado e orgulhoso nacionalismo judaico, realiza-se entre os pagãos a vontade salvífica universal de Deus. Jahvé é o Senhor da terra, do mar e do céu e de todos os que lhe obedecem; um Deus que castiga os pecadores, mas que sabe ser também misericordioso, sempre atento às súplicas de todos os seus filhos, dispersos por todas as partes deste mundo.

Mensagem maior e mais plena que essa só encontraremos, depois, no sermão da montanha. Enfim, uma síntese da revelação mais originária e pura do Antigo Testamento, e ponte de união entre os dois Testamentos.

2. Jesus inaugura o tempo da penitência evangélica (Mc 1,14-20)

A perícope evangélica de hoje, desdobra-se em dois momentos bem distintos, embora intimamente ligados: o primeiro anúncio de Jesus acerca do Reino do Pai e da nova penitência, e o chamado-resposta dos primeiros discípulos.

2.1. O Anúncio da Boa Nova

Estamos no começo do Tempo Comum do Ano Litúrgico, Tempo da Igreja. Por isso, também, os trechos do Evangelho proclamados nestes Domingos nos reportam para os primórdios da Vida pública de Jesus. No Evangelho de hoje, Marcos assinala muito bem esse princípio: *Depois que João Batista foi preso, Jesus foi para a Galileia, pregando O Evangelho de Deus...* (Mc 1,14).

Estamos ouvindo os primeiros acordes de um novo tempo: Tempo de Jesus com sua Boa Notícia. Marcos gosta de resumir todo seu Evangelho, batendo sempre nesta única e mesma mensagem: *O tempo já se completou e o Reino de Deus está próximo* (Mc 1,15).

Mais tarde, o apóstolo Paulo explicitará, com muita clareza, esse mistério: *Quando, porém, chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho único, nascido de uma mulher e sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos* (Gl 4,4). Assim, o que Deus já tentara muitas vezes, e de muitos modos, chega agora ao seu fim, à sua plenitude: a chegada do tempo novo, do tempo messiânico ou escatológico. Jesus torna-se, assim, o único e verdadeiro *eschaton* que emerge no meio do tempo para dar início à criação do novo Adão, do novo Homem, da nova humanidade, da nova história. Quem, mais tarde, assimilou de modo admirável essa mensagem foi São Francisco. Por causa de sua semelhança com Jesus Cristo crucificado, foi visto e chamado pelos biógrafos *como um homem novo, um homem do outro mundo* (Atos 59). Por isso, ele, como ninguém, vivia com paixão e alegria o tempo presente. Para ele, cada momento era graça do tempo da nova criação e do novo homem, o tempo da festa, da alegria e da confraternização universal, como podemos ver em seus hinos e Cânticos de louvor ao Deus Altíssimo e, principalmente, em seu admirável e encantador Cântico das Criaturas, no qual chama até a morte de irmã.

Mais adiante, Paulo dirá que *os tempos chegarão à sua plenitude* quando Deus dará a conhecer o mistério de sua vontade: Instaurar em Cristo, sob uma

só cabeça, todas as coisas, tanto as que estão no céu, como as que estão na terra (Cf. Ef 1,9-10).

2.2. O anúncio da nova penitência

Mas, para que o anúncio do Reinado realmente se instaure, se faz necessário que se acolha outro anúncio: *“Convertei-vos e crede no Evangelho!”* (Mc 1,15).

A partir da experiência de Deus como Pai, na teofania do seu Batismo, no rio Jordão, Jesus faz Dele, e dos filhos Dele, sua paixão, sua vida. Por isso, nem mais voltou para casa, a ponto de deixar seus familiares perturbados. Chegaram até mesmo a pensar que estava ficando louco (Cf. Mc 3,21). Enfim, Jesus não era mais o mesmo.

A partir de então, seu tempo todo se constitui em viver anunciando a todos que Deus é Pai. Esse será também seu pão de cada dia, o fogo que irá devorar seu coração até sua morte na cruz. Era um verdadeiro penitente, isto é, um convertido, um voltado ou virado, total e inteiramente, para o Pai. Mas, bem diferente dos penitentes ou convertidos do Antigo Testamento, e do próprio João Batista.

A penitência que Ele propõe e vive é o sumo da penitência e a mais radical de todas, porque nasce de sua fonte primeira e última, a vontade, o coração do próprio Pai, isto é: sua misericórdia e compaixão. Em verdade, penitência para Ele, ao contrário de Adão, significa dar as costas ao mundo e voltar o rosto, a mente inteira, o coração todo, a afeição toda para o Pai e seu Reino. Por isso, às tentações do demônio responde que não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus, ao qual, e somente a Ele, se deve servir (Cf. Mt 4,1-10).

Assim, a radicalidade dessa penitência está no fato de proceder do âmago mais profundo do coração de Deus e do homem. De Deus porque, todo voltado, virado para nós, nos deu o que tem de mais caro e precioso: seu amado e único Filho. Do homem porque, a partir de Jesus, a penitência é elevada do nível da lei, da ascese e da própria Religião para o alento da alegria do encontro, da visita de um Deus que não esquece os seus. Nesse sentido, penitência passa a ser o vigor do júbilo que o homem, a exemplo do filho pródigo, experimenta ao ser tocado pela recordação dos traços radiantes de misericórdia do rosto do Pai. No vigor desse júbilo, põe-se a caminho de volta para a Casa paterna, da qual jamais devia ter saído.

2.3. O chamado dos primeiros discípulos

A segunda parte desse Evangelho contém a cena do chamado dos primeiros discípulos, à beira do mar da Galileia: *“Segui-me, e eu farei de vós pescadores de homens.”* E eles, deixando imediatamente as redes, seguiram

a Jesus (Mc 1,17). Assim, através daquele pequeno grupo de pescadores, aos quais, depois, os constituirá seguidores-missionários, Jesus começa a partilhar o tempo da plenitude da graça do Reino do Pai e da penitência evangélica com todos os homens.

O início da vocação dá-se com uma passagem. *Jesus ia passando* (Mc 1,16), diz o evangelista. Jahvé, o “Deus sempre em saída”, que passa pelo seu Povo a fim de visitá-lo, é a tônica de toda a Sagrada Escritura. Não é um Deus ensimesmado, enclausurado e “satisfeito” consigo mesmo e em seu céu, alheio à caminhada, aos anseios, aflições e infidelidades do homem.

O vigor dessas visitas é de tamanha repercussão que, uma vez feita a experiência do encontro, as pessoas não são mais as mesmas. Mudam, transformam-se e, às vezes, tão radicalmente a ponto de nem serem mais reconhecidas pelos próprios familiares. Jesus, Francisco, Clara, Tereza de Calcutá e muitos outros, por exemplo, chegaram a ser chamados de “loucos”.

Além de passar, Jesus também olha, vê: *Jesus viu Simão...* (Mc 1,16). Aqui, evidentemente, não se trata de um mero olhar-para. O que domina o olhar de Jesus é como o olhar que nasce entre dois namorados: a gratuidade do mistério do encontro, que prende e entrelaça os dois numa experiência de doçura única e inesquecível.

Jesus, também, convida: *Vem e segue-me!* (Mc 1,17). Só o vigor da graça de uma profunda afeição pode levar alguém a lançar tal convite. Convite não é ordem, imposição. Mas, da parte desse, isto é, do discípulo, sim, tudo se torna obrigação, convocação. Pois, na raiz de toda vocação cristã está o mistério *Daquele que nos amou por primeiro* (1Jo 4,19).

Além do chamado de Jesus, misteriosa é também a resposta dos discípulos: *E eles, deixando as redes, abandonaram tudo e seguiram a Jesus* (Mc 1,18). Seguir Jesus tornou-se, assim, o resumo da vocação cristã. Ser cristão é, com efeito, ser discípulo de Jesus, e o seu discipulado é sui generis, isto é, é seguimento. A narrativa evangélica é desconcertante. Tudo muito imediato: a chamada de Jesus e a resposta dos discípulos. O que está, pois, em questão, nessa imediatez? Frei Harada comenta assim:

Seguimento é vocação, porque vocação significa, literalmente, a ação de chamar. É chamamento, pro-vocação, convocação. É o chamamento, ou melhor, a chamada *cristã*, isto é, *que vem de Cristo e é respondida a Cristo* que chama: *Vem, segue-me!*⁴¹ E o vocacionado *se levantou e o seguiu*. O texto fala de um contato

41 Mc 2,14; Mt 9,9: *Indo adiante, viu Jesus um homem, chamado Mateus, sentado na coletoria de impostos, e disse-lhe: “Segue-me”. Este, levantando-se, o seguiu*. Quanto ao tema do seguimento, o que aqui expomos foi tirado de BONHOEFFER, Dietrich, *Nachfolge*, München: Chr. Kaiser Verlag, 1937.

imediatamente da ação de chamar. Todas as mediações desaparecem. É contraposição imediata e concreta da chamada e da obediência. A única razão, a única explicação do seguimento é: estou diante de Jesus Cristo, ele mesmo em pessoa, vindo a mim corpo a corpo: é Ele quem me chama, por isso o sigo. Ele chama, não como mestre, como sábio, como exemplo, como ideal, mas sim como Ele mesmo, Filho de Deus. Só Ele pode fazer isso. E o Evangelho não louva o seguidor, não enaltece suas qualidades, seu Cristianismo, sua prontidão, sua índole, para que, assim, a mira se fixe somente Nele, sua autoridade. Daí, não há outro caminho do seguimento a não ser a obediência atuante. Resposta à vocação é um fazer imediato, a ação de seguir. O conteúdo do seguimento é apenas o imperativo: *Segue-me! Corre atrás de mim!*⁴² O seguimento, a chamada é um evento inteiramente novo que, vindo de *fora*, atinge o mais íntimo núcleo de nossa identidade. A palavra *fora* não é adequada para expressar o encontro da absoluta transcendência desse encontro com o Radical-Outro-Tu, que é Jesus Cristo, Deus humanado. Isso porque o que é de fora parece se afastar de nós, ao passo que, aqui, “fora” se refere exatamente a uma dimensão radicalmente outra que não corresponde nem ao fora, nem ao dentro das nossas possibilidades. É o transcendente, o mais íntimo do meu íntimo, o mais elevado do que a minha altura, o mais profundo do que o eu profundo⁴³.

O chamado para o seguimento é Encontro: contato imediato. Experiência de pessoa para pessoa, de Tu a Tu. Experiência do corpo a corpo. Desaparecem todas as mediações. Chamado e obediência da fé constituem-se numa única ação. Ao chamado segue imediatamente a obediência da fé. Fé e Obediência permanecem inseparáveis: quem crê obedece, quem obedece crê. Quem chama o faz com autoridade. Não chama como um mero Rabi, mas como Cristo, o Filho de Deus. Com efeito, somente Deus poderia ter tal autoridade para fazer tal chamado, que exige do ser humano uma resposta total, absoluta. O chamado é sua livre iniciativa, sua escolha soberana e gratuita: sem porquê nem para quê.

Recordemos, aqui, como exemplo, São Francisco que colocou como princípio pétreo de toda a Forma de Vida de sua Ordem o seguimento de Cristo pobre e crucificado (Cf. RNB 1,1-5). Por isso, ele *se desnudou todo para seguir o Senhor crucificado tão nu quanto ele* (LM 2,4).

42 Cf. BONHOEFFER, Dietrich. op. cit. p. 28-52.

43 Harada, Frei Hermógenes. *Em Comentando I Fioretti: reflexões franciscanas intempestivas*. Bragança Paulista / Curitiba: EDUSF/Faculdade São Boaventura, 2003, p. 89-90.

Levantar-se para seguir Jesus, portanto, não tem nenhuma outra lógica senão a ausência de todas as lógicas ou explicações fora Dele mesmo: Jesus Cristo. Se a resposta fosse porque Jesus é um grande mestre ou porque tem uma bela e significativa doutrina, capaz de arrebatam multidões, converter povos inteiros ou por quaisquer outras razões, não seria mais uma resposta a Jesus mesmo, só a Jesus; Ele não seria mais a única causa, o único motivo do seguimento.

Jesus chama os apóstolos, portanto, por pura bondade Dele, jamais por algum merecimento deles. Se Jesus nos chamasse por sermos inteligentes, sábios, exemplares, enfim, bons, santos e fiéis, certamente obrigar-se-ia a despedir-nos todos os dias e sempre de novo.

3. O tempo é breve (1Cor 7,25-31)

Neste pequenino trecho da segunda leitura da Primeira Carta aos Coríntios, Paulo começa como quem está tirando uma conclusão: *Digo-vos, pois, irmãos, o tempo é breve* (1Cor 7,29). De que tempo estará Paulo falando? Ora, desde sua conversão, Paulo passa do tempo da Lei e das tradições judaicas para o misterioso tempo de Cristo e de sua Igreja. Por isso, a partir de então, nada escreve ou faz fora ou para além desse mistério. Assim, em profunda sintonia com toda aquela primeira geração de fiéis, Paulo pensava e ansiava pela segunda Vinda de Cristo. Segundo eles, Jesus estaria prestes a voltar. Por isso, o tempo presente está no fim. O verdadeiro está para chegar. Portanto, a partir dessa visão, tudo o que existe neste mundo é aparente e passageiro. A única realidade é Cristo e seu Reinado.

Essa visão, relacionada aos bens deste mundo em vista do bem maior e absoluto, porém, não pode tolher dos fiéis o justo apreço e cuidado das realidades desse mundo, principalmente do matrimônio. Isso porque no coração de cada uma dessas realidades já está o Reino de Deus.

Conclusão

A graça do Tempo de Cristo, de seu seguimento – do Reinado de Deus entre os homens – só é possível concretizar-se, fazer história na e pela acolhida da graça do tempo da penitência evangélica: Tempo de, junto com Jesus Cristo, com Ele e por Ele, viver voltado, virado, orientado para Deus, o Pai, desejando orientar-se por Ele, vê-Lo, encontrá-Lo, abraçá-Lo e amá-Lo como Ele nos deseja ver, encontrar, abraçar e amar.

Quem fez isso de modo admirável foi São Francisco, que definiu sua vida como uma vida, um tempo, de penitência: *O Senhor deu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência assim: como estivesse em pecado, parecia-me*

demasiadamente amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo, converteu-se em doçura da alma e do corpo; e, em seguida, detive-me por um pouco e saí do mundo (T 1-3).

Também a Igreja do Vaticano II compreende-se e propõe-se andar percorrendo este caminho: *O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma, por fidelidade a Jesus Cristo: «Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente em maior fidelidade à própria vocação. (...) A Igreja peregrina é chamada por Cristo a essa reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente dessa reforma» (EG 24).*



4º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Dt 18,15-20; Sl 94; 1Cor 7,32-35; Mc 1,21-28

Tema-mensagem: Jesus inaugura sua vida pública e missão com um ensinamento novo porque nasce da autoridade de sua própria pessoa de Filho de Deus e comprovado pelas suas obras de misericórdia.

Introdução

Toda história do Antigo Testamento vem marcada pela promessa, por parte de Deus, de conceder a seu Povo um grande profeta, um segundo Moisés, um novo Elias. Essa promessa concretiza-se e consuma-se na Pessoa de Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo e da bendita Virgem Maria.

1. A antiga promessa de um profeta semelhante a Moisés (Dt 18,15-20)

A Liturgia da Palavra deste Domingo começa com a proclamação de um trecho do Deuteronômio, no qual *Moisés falou ao Povo dizendo: 'O Senhor teu Deus fará surgir para ti, de tua nação e do meio de teus irmãos, um profeta como eu'* (Dt 18,15).

O Deuteronômio procura mostrar que a origem do profeta está ligada essencialmente à teofania sinaítica, mais precisamente quando o povo, aterrorizado pela potência de Deus, pede-Lhe que não lhe fale diretamente, mas, por meio de um mediador (Cf. Ez 20,19; Dt 5,24). Este pedido foi aceito por Jahvé que, a partir de então, falará através de Moisés e, posteriormente, através dos profetas.

O profeta será sempre um homem tomado do meio dos homens e possuído por Deus a fim de servir a esse a mensagem divina. A essência do profeta não está, pois, na capacidade de prever e anunciar o futuro. Se isso, por vezes, acontece é porque, por estar profundamente ligado a Deus, o profeta adquire Dele também o olhar que tudo vê como presente, tanto o passado como o futuro.

Como tal, o profeta será e deverá ser um homem essencialmente de Deus, jamais do mundo. Por isso, o Senhor ordenara a Moisés que proclamasse: *Está bem o que disseram. Farei surgir para eles, do meio de meus irmãos, um profeta semelhante a ti. Porei em sua boca minhas palavras e ele lhes comunicará tudo o que eu mandar* (Dt 18,17-18).

É admirável que, por ocasião da instituição do profetismo, por duas vezes, Deus insista em proclamar que fará surgir para seu povo um profeta

semelhante a Moisés; um homem não comprometido com os centros políticos ou religiosos, a fim de que seja, única e exclusivamente, o porta voz de sua palavra. Por isso, a tradição judaica sempre esperou o Messias como um novo Moisés (At 3,22-23; 7,37; Jo 1,17; 5,45-47); a tradição cristã sempre viu e tem Jesus Cristo como o último, o único profeta; e a Igreja, por sua vez e finalmente, sente-se chamada a prolongá-lo através de seu Corpo que são os fiéis.

No Evangelho de João, na sua Oração Sacerdotal, dirigida ao Pai na noite em que ele foi entregue, Jesus diz: *“Manifestei o Teu nome aos homens que do mundo Me deste (Jo 17, 6). Eu lhes dei a conhecer o Teu nome e lhes darei a conhecê-lo, a fim de que o amor com que Me amaste esteja neles e Eu esteja neles”* (17, 26). Joseph Ratzinger, num de seus livros, diz:

É óbvio que Jesus, com essas palavras, Se apresenta como o novo Moisés: leva ao fim aquilo que teve início com Moisés na sarça ardente. Deus revelou a Moisés o seu “nome”. Esse “nome” era mais do que uma simples palavra. Significava que Deus Se deixava invocar, entrara em comunhão com Israel. Assim, ao longo da história da fé de Israel, foi-se tornando cada vez mais evidente que, por “nome de Deus”, se pretendia aludir à sua “imanência”: ao seu “estar” no meio dos homens, um “estar” em que Ele Se encontra totalmente presente e, todavia, transcende infinitamente a tudo o que é humano e terreno (...). A revelação do nome é um modo novo da presença de Deus entre os homens, um modo novo e radical em que Deus Se torna presente no meio dos homens. Em Jesus, Deus entra totalmente no mundo dos homens: quem vê Jesus, vê o Pai (cf. Jo 14, 9)⁴⁴.

2. O ensinamento de Jesus e sua autoridade (Mc 1,21-28)

Nestes primeiros Domingos do Tempo Comum do ano litúrgico, estamos celebrando o início da vida missionária de Jesus. Hoje, este início se dá através do impressionante e admirável episódio na sinagoga de Cafarnaum, local, onde, no dia sagrado do sábado, se faz o ensino oficial da Lei e sua interpretação pelos mestres autorizados. É dentro deste velho ensinamento e desta envelhecida autoridade que Jesus começa a lançar as raízes de seu novo ensinamento, cuja fama se espalha rapidamente por toda a região.

⁴⁴ Ratzinger, Joseph (Bento XVI). Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. Ed. Planeta, p. 77-78

2.1. Um ensinamento novo, feito com autoridade

Marcos começa assinalando que o acontecimento que vai narrar se deu *na cidade de Cafarnaum, num dia de sábado* (Mc 1,21). Sábado era o dia sagrado, destinado a recordar, celebrar e agradecer as maravilhas que Deus operara outrora em favor de seu Povo, principalmente a libertação da escravidão egípcia; dia para se proclamar e ouvir de novo a Lei que Jahvé lhe havia dado e o compromisso, a aliança que ele, seu povo, havia assumido. Tudo, porém, em vista de um novo Sábado, de uma nova Lei, de uma nova libertação que se daria com a Vinda do Messias. É com esse memorial, como pano de fundo, que Marcos insiste em afirmar que Jesus se pôs a ensinar, mas não diz quais ensinamentos. Acentua, porém, por duas vezes, *que, ao contrário dos escribas, seu ensinamento era com autoridade* (Mc 1,22).

Usualmente entendemos autoridade como poder de mando, de imposição. Em seu sentido originário, porém, autoridade, como a palavra autor, autoria, procede do verbo latino “augere”, que significa, literalmente, aumentar, ou melhor, fazer aumentar; indica, portanto, o vigor daquilo ou daquele que, a modo de uma mãe gestante, faz o filho aparecer, crescer. Assim, por exemplo, Miguel Ângelo não é propriamente o criador, mas apenas o autor, isto é, aquele que trabalhou ardorosa e apaixonadamente para, do meio de um bloco de mármore, fazer aparecer “La Pietá”. Por isso também, São Francisco nunca se diz fundador da Ordem, mas apenas *servo, ministro e irmão* dos irmãos, aos quais deve *servir as odoríferas palavras do seu Senhor* (Cf. 2 CF 2).

Ora, esse era ou foi o novo ensinamento de Jesus: fazer aparecer a Boa Nova do Pai nas pessoas, principalmente, nos pecadores, marginalizados, doentes, pobres, abatidos; fazer aparecer sua verdadeira identidade de filhos de Deus e membros legítimos e privilegiados da comunidade do Povo de Deus. Assim, antes que um herói, artista ou ator, Jesus se faz de palco sobre o qual, à semelhança de nossa irmã e mãe terra, cuida, sustenta as criaturas para que cada uma possa aparecer, se apresentar, mostrar sua identidade e fazer a festa da vida da irmandade dos filhos de Deus. Mas, Ele como palco fica escondido, debaixo, sustentando a tudo e a todos. Mais adiante, na Última Ceia e na Cruz, se apequenará e se abaixará mais ainda, fazendo-se pão para ser comido e vinho para ser bebido: *Tomai e comei... Tomai e bebei...*

Mas, de onde lhe vinha essa autoridade? Nada de fora, mas de sua própria pessoa. E isso era um escândalo para os fariseus e maiores de Israel porque Jesus era um simples e pobre nazareno, que jamais havia frequentado alguma escola escriturística. No entanto, o que sai da boca dele não são discursos vazios, palavras ocas, meras instruções ou interpretações da Lei, mas a própria Lei em sua essência: o amor a Deus e sua misericórdia. Ao contrário dos escribas e mestres da Lei, não era um vendedor de doutrinas, de espiri-

tualidades, de Religião. Ele mesmo era a Lei e a Vida. Tudo isso acontecia, porém, por causa de sua profunda, íntima, direta e imediata comunhão com o Pai. Por isso, exclamava: “*Eu e o Pai somos um só!*” (Jo 10,30). *O meu Pai trabalha sempre e eu trabalho com Ele!*” (Jo 5,17).

Era por essa razão que sempre, antes de começar um milagre, invocava seu Pai e, após sua realização, fugindo dos aplausos do mundo, voltava para sua intimidade, retirando-se para o alto das montanhas, para o deserto ou para o meio do mar.

2.2. A autoridade aparece na cura de um homem possuído pelo espírito impuro

À cena do ensino segue a *da cura de um homem possesso de um espírito impuro* (Mc 1,23). Diz o texto que esse impuro está dentro da sinagoga, dentro da Igreja, diríamos nós, hoje. Realiza-se assim, em Jesus, o que Jahvé já havia anunciado pelo profeta Jeremias acerca do verdadeiro e futuro profeta: que viria *para arrancar e demolir, para destruir e abater, para edificar e plantar* (Jr 1,10). Por isso, a admiração e o espanto de todos: “*O que é isso? Um ensinamento novo dado com autoridade: Ele manda até nos espíritos maus; e estes lhe obedecem*” (Mc 1,27).

Até então, a Lei, a sinagoga, o templo era o lugar privilegiado do encontro do judeu com Deus e sua vontade. Observar a Lei era cumprir a vontade de Deus. Com o tempo, porém, em vez de olhar para o Senhor da Lei e da Religião, os escribas e doutores apegavam-se cada vez mais e tão somente à letra e às suas inúmeras interpretações e codificações. Por isso, não conseguem ver que Jesus, agora, passa a ser a única Lei, a única Religião. Ele se torna o resumo de todos os profetas e de toda a Lei. Por isso, suas palavras vêm acompanhadas com o poder do perdão e da cura como acontece com *o homem impuro* do Evangelho de hoje.

Essa cura toca na essência da missão de Jesus. Homem “impuro”, outros traduzem como “mau”. Tanto faz. Um como outro significa que estamos diante de alguém que, embora dentro da sinagoga, dentro da Igreja, não está em comunhão nem com ela, a Igreja, e muito menos com Deus. É como vinagre em copo de azeite. Impossível a mistura, a comunhão. Impossível porque a Lei (o amor de Deus), a sinagoga (o Povo da Aliança) havia rompido com sua origem. A Lei, em vez do amor de Deus, havia se transformado em mero instrumento de auto justificação. A sinagoga, em vez de encontro jubiloso do Povo da Aliança, se transformara numa assembleia de soberbos, que se preocupavam apenas com as aparências, pretendendo alcançar a justificação pelas suas orações, jejuns e observâncias da Lei e não pela misericórdia de Deus.

Nosso Papa Francisco chama este espírito impuro de “Mundanismo espiritual” (CF EG 9-97) e, em profunda sintonia com o Evangelho, entende que a primeira missão da Igreja é cuidar das pessoas, cuidar da criação (Cf. LS). De fato, Jesus ao enviar os Apóstolos pelo mundo não os envia para fazer grandes e pomposas Liturgias, elaborar teologias cada vez mais sofisticadas, muito menos para julgar ou condenar, mas, pura e simplesmente, para curar (no latim: cuidar a modo de mãe que cuida do seu nenê) os enfermos, ressuscitar os mortos, purificar os leprosos.

3. Permanecer junto ao Senhor sem outras preocupações (1Cor 7,32-35)

Na segunda leitura, São Paulo parece responder a uma pergunta, ou questão, vinda do seu pequeno grupo, a fraternidade de auxiliares imediatos na obra evangelizadora. Aparentemente, o tema parece ser a questão do celibato ou do casamento. O que é melhor para um colaborador imediato do Apóstolo: casar ou permanecer solteiro?

No entanto, a questão maior e principal do Apóstolo não está no casar ou não casar, mas que, em ambos os casos, o cristão deve estar sempre imbuído do fervor e da dedicação apostólica. Tanto um como outro, casado ou solteiro, deve ter bem presente que, a exemplo de Cristo, que suportou as tribulações da Cruz, só se pode construir a Igreja, a fraternidade, suportando as muitas tribulações, confrontos e desafios, tanto internos, da própria comunidade, quanto externos, vindos dos inimigos, dos pagãos.

Por isso, Paulo insiste que tanto num como noutra estado existem as tribulações. Ou seja, as tribulações são ocasiões para o cristão participar da glória da Cruz de Jesus Cristo. Viver em contínuo confronto com as forças desse mundo, em vez de nos separar, nos coloca cada vez mais próximos e íntimos do amor de Cristo. E é isso o que caracteriza a essência do “ser apostólico”, e não o ser solteiro ou casado. As tribulações, os sofrimentos e a Cruz são o cimento que une as pedras, os membros do edifício da comunidade cristã.

Por isso, Paulo termina dizendo: *O que eu desejo é levar-vos ao que é melhor, permanecendo junto ao Senhor, sem outras preocupações* (1Cor 7,35). Ou seja, tanto lá como cá, o que importa é estar junto do Senhor e de sua luta, comungando de sua Cruz, para combater todo tipo de impureza mental que desagrega, porque deseja ou quer uma comunidade só de puros afastando dela os doentes e pecadores. Nesse sentido, impuro não era aquele homem do Evangelho de hoje, mas os judeus daquela sinagoga que se consideravam puros e merecedores da graça de Deus.

Conclusão

Todo aquele que, de uma ou de outra forma, no seguimento de Jesus Cristo, se assemelhar à sua Pessoa, como o cristão, toma parte dessa sua vocação e missão profética. Por isso, se diz que toda Igreja e todo cristão é e deve ser profeta pelo seu testemunho de vida autenticamente cristão-evangélico.

Por isso, se a Igreja de hoje, e de sempre, quiser recuperar e fortalecer sua autoridade não há como, senão, voltar a ser profeta, fazendo o que nosso Mestre ensinou e fez: tornar-se um “hospital de campanha”, diz o Papa Francisco. Mas, para isso não pode jamais deixar de imitar o mestre: estar unido a Ele, como Ele estava unido ao Pai, fonte primeira e última de toda a autoridade de todo e qualquer profeta ou evangelizador.

Além do mais, é necessário, também e primeiramente, sempre de novo, segundo o Papa, que nos purifiquemos do “Mundanismo espiritual”: *uma tremenda corrupção, com aparências de bem... Este mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa, vazia de Deus. Não deixemos que nos roubem o Evangelho!* (EG 97).

Hoje, podem e devem ser vistos como sinais proféticos os inúmeros e, por vezes, pequenos gestos de cuidado para com os desvalidos e abandonados, como as crianças, os velhos, os drogados e migrantes sem pátria; pequenos gestos de cuidado para com nossa Casa Comum, a mãe e irmã Terra, como limpar os riachos poluídos de todo tipo de lixo, não usar agrotóxicos, etc.

Mas, o profetismo ecológico só vingará se houver *a consciência de uma origem comum, duma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos* (LS 202), o que implicará, evidentemente, na aceitação de que todos e tudo temos um Único Pai Comum. São Francisco, por exemplo, movido pela Paixão do Cristo crucificado, costumava retirar do caminho os vermezinhas para que não fossem pisoteados; cuidava dos leprosos com as próprias mãos e ousou ir ao encontro do sultão só com as armas da Cruz. Sua profecia, a exemplo do Mestre, era sua vida.

Por isso, para mostrar que a melhor profecia é a que vem da vida, São Francisco gostava de dizer, por exemplo, que o Grande Profeta concedeu aos frades a graça de associá-los à sua missão, tornando-os, também eles, profetas pelo seu estilo de vida de *irmãos menores, vivendo como peregrinos e forasteiros* (Cf. 2C 71), *felizes por estar entre pessoas vis e desprezadas, pobres e débeis, enfermos, leprosos e mendigos de rua* (RNB 9,2).



5º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Jó 7,14;6-7; Sl 146; 1Cor 9,16-19;22-23; Mc 1,290-39

Tema-mensagem: Para que nós pudéssemos seguir caminhando, firmes e livres, o Filho do Homem veio estender-nos sua mão, tomando sobre si nossas enfermidades, dores, pecados e sofrimentos.

Introdução

Mais que em outros dias, o Domingo é o dia especial do encontro com o Senhor. Hoje, através do Evangelho da cura da sogra de Pedro, o Senhor não vem para condenar, mas para estender-nos sua mão misericordiosa, e assim curar-nos de nossas febres mundanas, que nos afastam de Deus nosso Pai e de nossos irmãos.

1. Uma grande luta, o tudo da vida do homem (Jó 7,14;6-7)

A primeira fala de Deus, neste Domingo, nos transporta para o misterioso personagem do Antigo Testamento, Jó. Abandonado, desprezado e criticado pelos amigos e familiares mais próximos, por causa das desgraças e infortúnios que caíam sobre ele, Jó não abandona a fé em seu Deus. Até Elifaz, um dos amigos mais próximos, chega a sussurrar-lhe que ele não seria um inocente. E essa seria a causa porque Deus o abandonara à própria sorte, em meio às mais duras provações e sofrimentos. Jó, então, responde-lhe com firmeza e prontidão: *“Não é, por acaso, uma luta a vida do homem sobre a terra? Seus dias não são como dias de um mercenário? Vida de escravo, cheia de ilusões e preocupações...”* (Jó 7,1).

Na tradição cristã, costuma-se ver Jó como o símbolo da paciência. Por isso, costumou-se falar em “paciência de Jó”. Mas, na verdade, Jó só é paciente por ser um bom lutador. Mergulhado num mar de dores, conserva perfeitamente seu equilíbrio. Verdade é que suas reações, por vezes, se assemelham ao movimento de um pêndulo: do extremo do desejo da morte, vai para um grande amor à vida, chegando a dizer, como na leitura de hoje: *“Meus dias parecem correr mais rápido do que a lançadeira do tear...”* (Jó 7,6).

Em meio às mais duras provações, da parte dos homens e de Deus, Jó se sente inocente, pois nunca renegou os decretos de seu Senhor. Está convicto que esta é a essência de um eleito de Deus: lutar. Jó, porém, não luta contra Deus, mas com Deus. Por isso, termina com esta prece: *“Lembra-te de que minha vida é apenas um sopro, e que meus olhos não voltarão a ver a felicidade”* (Jó 7,7).

2. Uma evangelização através do cuidado e dos gestos (Mc 1,29-39)

No trecho do Evangelho, proclamado hoje, Marcos mostra, mais uma vez, que o mesmo Jesus, Filho de Deus, é também Filho do Homem, tão homem ou humano quanto divino e que, por isso, gosta de tocar com suas mãos os enfermos, doentes e possuídos pelos demônios; tão humano que não consegue passar ao largo de quem sofre; que não consegue deixar de estender a mão a quem está enfermo ou possuído por algum espírito mau.

1.1. Jesus nos liberta para a inclusão e para o serviço

A primeira cena do Evangelho de hoje se dá logo após Jesus ter entrado na casa de Pedro e André, tendo vindo da sinagoga em dia de sábado. *Aí, a sogra de Pedro estava de cama, com febre, e eles logo contaram a Jesus* (Mc 39,30). Jesus, tomando-a pela mão, liberta-a da febre. Ora, era ainda sábado quando ele operou essa cura, fato que provocava escândalo entre rabinos e os mais zelosos cumpridores da Lei.

Geralmente, entendemos febre como um malefício. Mas, na verdade, ela é um dos melhores recursos que nosso organismo tem para nos alertar de que algo de estranho - vírus, bactéria – invadiu nosso organismo e que é preciso expulsá-lo. Pela narrativa, a sogra de Pedro poderia ser considerada como uma figura do Povo da Antiga Aliança, da sinagoga e até mesmo da Humanidade. O vírus, causador da febre, que havia tomado conta da sogra de Pedro, seria a exacerbação da lei, da sinagoga e das tradições judaicas que, por ela ser mulher, a excluía da gratuidade do serviço, da diaconia. Por isso, logo após ter sido curada, graças à aproximação de Jesus, que lhe estende a mão, *ela começa a servi-los*. É o princípio do novo Povo de Deus, da nova Humanidade. Nasce do coração misericordioso de Jesus, “o Servo dos servos”, DAquele que sendo Senhor se faz servo, passa para a sogra de Pedro e, através dela, a todos quantos se deixam tocar por sua mão caridosa e misericordiosa.

Assim, como Jesus se fez servo de todos e de tudo, da mesma forma, quem é salvo por Ele, também precisa tornar-se servidor Dele e de todos os homens. À benevolência se responde com benevolência. A nobreza obriga! Assim, no servir da sogra de Pedro nada há de aviltante! Tudo é nobreza, gratidão que nasce da gratuidade!

A cena seguinte acontece *à tarde, depois do pôr do sol* (Mc 1,32). O sábado terminava ao pôr-do-sol. Ora, o povo estava aguardando esse momento. Por isso, logo que a noite chegou, *trouxeram-lhe todos os enfermos e possessos do demônio* (Mc 1,32). Começa, então, o trabalho “mais duro” de Jesus: *Ele curou muitos doentes de enfermidades diversas e expulsou muitos*

demônios. Mas, não lhes permitia falar porque o conheciam (Mc 1,33-34). Mateus, em seu Evangelho, lê esse acontecimento à luz da profecia de Isaías, que diz: “Ele levou nossas enfermidades e carregou nossas doenças” (Is 53,4; Mt 8, 17). Ao cuidar assim da saúde e da liberdade interior de tantos, que lhe vinham ao encontro, Jesus estava encarnando livremente o destino do “Servo Sofredor”. Ele era Aquele cujas chagas iriam curar-nos a todos.

Outra coisa, digna de nota, é que os demônios conheciam Jesus. Por isso, tremiam diante dele. Mas, Ele não lhes permitia que revelassem quem Ele era. Isso pode nos levar à reflexão: não nos basta ter um conhecimento exterior de Jesus, isto é, um conhecimento que não nasça da experiência íntima do amor por Ele. Isso, também os demônios tinham. Também não basta ter fé em Jesus, no sentido de crer que Ele é o Cristo. Se a fé não se transformar em confiança, em entrega de si a Ele, ela não passa de uma crença. Da mesma forma não basta tremer diante de Jesus! Também os demônios temiam Jesus e tremiam diante Dele. Ora, São Tiago diz em sua Epístola: *Tu crês que Deus é um só? Fazes bem! Mas também os demônios creem e tremem* (Tg 2, 19). Desse modo, somente o amor, a caridade, nos põe numa relação justa com Jesus; somente o amor pode dar forma segura e vigor autêntico à fé em Jesus e ao conhecimento de sua Pessoa.

1.2. Mais que sucesso, importa ir em frente para evangelizar todos

Na última parte desse Evangelho, Marcos faz questão de assinalar, mais uma vez, um dos hábitos muito frequentes de Jesus: *De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus se levantou e foi rezar num lugar deserto* (Mc 1,35).

Jesus sabe muito bem que sem o Pai Ele não é nada. Seria como os raios sem sol, o rio sem fonte, a árvore sem raízes; sabe, muito bem, que as maravilhas por Ele operadas nascem do coração misericordioso do Pai. Por isso, precisa estar sempre unido a Ele, em profunda comunhão de pensamento, sentimento e vontade. E isso é recolher-se e rezar. A oração é uma elevação da mente para Deus. Mas, a força que eleva a mente para Deus não é outra senão a do amor, que é o próprio Deus.

Ao raiar do dia, não tendo encontrado Jesus, *Simão e seus companheiros puseram-se a procurá-lo. Quando o encontraram, disseram: “Todos estão à tua procura!” E ele lhes respondeu: “Vamos a outros lugares e às aldeias vizinhas, para pregar também por lá; pois é para isso que eu vim”* (Mc 1,36-38). Jesus nem dá bolas ao questionamento de Pedro. Ele tem pressa! Pressa escatológica! Pressa impregnada por uma tensão! Ele não pode deter-se ali em Cafarnaum, na casa de Pedro. É preciso que a luz da Boa Nova do Reino de Deus brilhe nas aldeias vizinhas, ali, à margem do mar da Galileia, e tam-

bém em outros lugares. Por isso, Ele não se detém. Não tem onde reclinar a cabeça. Está sempre a caminho, como pobre peregrino, que quer enriquecer a todos com a riqueza escondida em sua pobreza de Filho de Deus feito Filho do Homem. O sol raia para todos. Ele também. Com sua diaconia itinerante, iria fazer brilhar a luz da boa nova na “Galileia das nações!” Por isso, a terra, onde os povos viviam na sombra da morte, viu resplandecer a luz da vida.

Jesus é o evangelizador, modelo para a Igreja. Por isso, também essa não é chamada a ficar estacionada. Ela precisa ser uma Igreja em caminho, *em saída* (Papa Francisco). Não pode ficar ao redor dos justos e sadios. Precisa ir ao encontro dos pecadores e enfermos. Pois, seu Mestre disse e fez: “*É para isso que eu vim!*” (Mc 1,38).

3. A necessidade maior do cristão é evangelizar (1Cor 9,16-19;22-23)

Quem compreendeu e viveu, como sua maior paixão e de modo intenso e profundo, o mistério da evangelização inaugurado por Jesus Cristo, foi São Paulo. É o que podemos ver na abertura do trecho de sua Primeira Carta aos Coríntios, proclamada hoje, como segunda leitura: *Pregar o Evangelho, para mim, não é motivo de glória. É, antes, uma necessidade! Uma imposição! Ai de mim se não evangelizar!* (1Cor 9,16).

A necessidade de evangelizar, da qual se refere Paulo, não nasceu de uma decisão sua, ou como imposição de quem quer que seja, mas como vigor da graça do encontro com Jesus Cristo, uma paixão. Por isso, insiste que ele não exerce sua função de pregador por iniciativa própria, mas de um encargo que lhe foi confiado gratuitamente. Por isso, como graça, ele não tem nenhum direito nem mesmo de ser sustentado pela Comunidade.

Partindo desse princípio, Paulo chega àquele que poderíamos chamar de princípio da doutrina da Igreja acerca da inserção: fazer-se livre com os livres, fraco com os fracos, simples com os simples, não para permanecer com eles e mantê-los em suas fraquezas e ignorâncias, mas, para elevá-los e *ganhá-los para Cristo* (1Cor 9,19).

Mais tarde, São Francisco parafraseou esse princípio escrevendo:

Todos os Irmãos empenhem-se em seguir a humildade e a pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo, e recordem-se de que nada mais nos importa ter do mundo inteiro, a não ser, como diz o Apóstolo: “tendo alimentos e com que nos vestir, estejamos contentes com isto”. E devem alegrar-se quando estiverem entre pessoas vis e desprezadas, pobres e débeis, enfermos, leprosos e mendigos de rua (RNB 9,1-2).

Conclusão

Hoje, depois de alguns séculos de esquecimento, a alma da Igreja e de cada cristão - a evangelização, entendida como diaconia, serviço - volta a ser o tema central dos pronunciamentos e documentos da Igreja. Assim, por exemplo, se expressa nosso Papa Francisco:

Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de «saída», que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou o chamado para partir rumo a uma nova terra (Cf. Gn 12,1-3). Moisés ouviu o chamado de Deus: «Vai! Eu te envio» (Ex 3,10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. Ex 3,17). A Jeremias disse: «Irás aonde Eu te enviar!» (Jr 1,7). Naquele «ide» de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja; e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho. A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária (EG 20).

Quem, no passado, compreendeu e viveu muito bem esse mistério foi São Francisco, como podemos ver nesta passagem:

Então, São Francisco, chamou-os todos a si e, tendo-lhes falado muitas coisas “sobre o Reino de Deus”, o desprezo do mundo, a abnegação da própria vontade e a mortificação do corpo, dividiu-os dois a dois pelas quatro partes do mundo e lhes disse: “Ide, caríssimos, dois a dois, por todas as partes do mundo, ‘anunciando aos homens a paz e a penitência para a remissão dos pecados’; ‘sede pacientes na tribulação’, confiando que o Senhor vai cumprir o que propôs e prometeu!” (1C 29).



6º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Lv 13,1-2.44-46; Sl 31; 1Cor 10,31-11,1; Mc 1,40-45

Tema-mensagem: Jesus, a mão da compaixão e da misericórdia do Pai que se nos estende, toca e cura, libertando-nos do que corrompe e dilacera nossa integridade humana.

Introdução

O Evangelho e a primeira leitura desse Domingo nos falam da condição do leproso na época da Lei e na época do Evangelho. Na Escritura, a palavra “lepra” resume um conjunto de enfermidades que deformavam a pele e que causava a impureza ritual, “religiosa”. Podemos ler essa condição como uma figura e um símbolo da nossa condição humana, em sua vulnerabilidade não só física, mas também psíquica, moral e espiritual.

É para dentro desse vale de lágrimas que é anunciada a alegre e boa notícia da misericórdia de Deus e de sua compaixão, encarnadas em Jesus Cristo que vem ao encontro das nossas misérias; um encontro que nos cura, nos restitui a integridade, restaura nossa dignidade, e nos faz entrar numa nova comunhão com todos os outros: a Igreja, Corpo místico de Cristo, a Humanidade e a Criação.

1. A lepra da impureza e da segregação (Lv 13,1-2.44-46)

Para os povos antigos, entre os sinais ou símbolos, mais significativos do pecado e dos pecadores, sempre ocuparam um lugar de destaque a lepra e os leprosos. Destruindo o homem em sua integridade e vitalidade física, a lepra era, por excelência, o sinal mais expressivo da desintegração interior e religiosa do homem; por isso, todo leproso era considerado como um excomungado por Deus, que devia ser excluído da comunidade. É o que lemos na primeira leitura desse Domingo: *Durante todo tempo em que alguém estiver leproso será impuro; e, sendo impuro, deve ficar isolado e morar fora do acampamento* (Lv 13,2).

É evidente que as explicações, referentes à essa medida, além de sanitárias, eram, acima de tudo, de cunho religioso. Pois, o homem de Deus sabe, muito bem, que as diversas dimensões do seu humano formam um todo. Por isso, ao par de inúmeras interpretações que se possam dar à série de orientações e tratamentos, que o livro do Levítico prescreve na leitura de hoje, não podemos esquecer a principal de todas: a necessidade de submeter-se ao cuidado divino.

O verdadeiro religioso sabe que a vida é um dom de Deus que precisa, por isso, ser muito bem amado e cuidado segundo a medicina de Deus e não segundo os cuidados do homem. Por isso, também, sabe que a verdadeira cura só pode vir de Deus, da fé. Consequentemente, o objetivo de todo tratamento que se dava aos leprosos era de reintegrá-los, de novo, ao Povo de Deus, à Comunidade dos eleitos. Pois, mergulhado, de novo, para dentro dessa Comunidade Santa, era lavado pela água da misericórdia divina que dela borbulha. Lembremos a famosa piscina de Betesda que tinha o poder de curar o primeiro doente que nela entrasse após a movimentação de suas águas, feita pelo anjo de Deus (Cf. Jo 5,1-18).

2. Uma compaixão que salva, liberta e reintegra (Mc 1,40-45)

São Marcos, depois de apresentar as credenciais de Jesus, como o Filho amado do Pai, sobre o qual desce o Espírito Santo (Mc 1,11), mostra o ensino de Jesus, realizado com autoridade e confirmado através de milagres. Jesus veio para anunciar o Reino de Deus e chamar à conversão e à fé no Evangelho (Boa Nova do Reino). O milagre é um sinal que mostra, mais que a santidade, a autoridade de Jesus como Filho de Deus.

2.1. O leproso e o peso de sua lepra

A cena de abertura deste relato é simplesmente patética: *um leproso chegou perto de Jesus e de joelhos pediu: “Senhor, se queres, tens o poder de curar-me!”* (Mc 1,40).

O que o leproso está fazendo vai contra tudo e contra todos. Todo leproso sabia muito bem que era um banido da comunhão com o povo, simplesmente porque, enquanto leproso, era considerado um excomungado por Deus e, por isso, não lhe era permitido participar da Comunidade, muito menos do Povo de Deus. Por isso, sempre que avistasse alguém por perto, devia avisá-lo para que não se aproximasse, gritando: “Impuro, impuro!” (Cf. primeira leitura de hoje). “Perigo, perigo! Não se aproxime!”, diríamos nós, hoje. Para os rabinos era um homem morto e sua cura tão improvável como a Ressurreição.

Mas, porque então esse leproso, contradizendo e contrariando toda essa lei e tradição judaica, não hesita em aproximar-se de Jesus? A resposta não pode ser outra, senão a fé, a confiança despertada no coração daquele leproso, diante de tudo quanto ouvira e vira de Jesus. Por isso, a edição “Vozes”, da Bíblia, com muito acerto, coloca todo esse evento debaixo desse significativo título: “Mensagem de salvação, confirmada por milagres”. Jesus era diferente dos outros mestres e “religiosos” de seu tempo. Não vivia encerrado no Templo, ou nas sinagogas e em seus grupos de elite. Pelo contrário, saía

pelos povoados e cidades afora, não apenas dando as mãos aos enfraquecidos, doentes e leprosos, mas impondo-as aos pecadores e até mesmo às crianças e mulheres. Tudo um grande escândalo para os “puros”, de uma Religião que viviam centrados na escrupulosa preocupação com o puro e o impuro, estabelecida aleatoriamente por um mero ritualismo e pelas falsas e ultrapassadas tradições “religiosas”.

Nasce, então, do coração do leproso, esta calorosa oração: *“Mestre Jesus, tu que andas com os leprosos, e comes com eles nos lugares onde se demoram, também eu me tornei um leproso; se tu queres, voltarei a ser puro!”* (Papiro de Egerton).

Estamos, pois, diante de um homem no verdadeiro sentido dessa palavra; de alguém que com coragem carrega, cuida, ama, assume a lepra de sua miséria e, acima de tudo, tem a humildade e a coragem de, quebrando todos os grilhões, depositá-la aos pés de alguém que pode libertá-lo; Daquele do qual João Batista dissera: *“Depois de mim virá um mais forte que eu... e que vos batizará no Espírito Santo!”* (Mc 1,7-8): Jesus, o Salvador, o Cordeiro de Deus que carrega o pecado do mundo! (Jo 1,29).

2.2. Jesus e a graça de sua compaixão

Evidentemente, nesse milagre, para além da dimensão física, corporal, está a cura da lepra religiosa, humana, nascida com o primeiro pecado do homem: a decisão de fazer-se igual a Deus a partir de si, sem Deus e contra Deus. Assim, rompendo com sua origem, é lógica a consequência: a inauguração de um processo de ruptura com Deus, corrupção e desintegração consigo mesmo, com sua comunidade, seu povo e com todas as demais criaturas. Essa é a primeira e a pior de todas as lepras, causa e origem de todas as demais lepras ou doenças espirituais, morais e físicas.

Além da atitude do leproso, o que mais ainda deixou a todos espantados e maravilhados foi o gesto de Jesus: *Cheio de compaixão, estendeu a mão, tocou nele...* (Mc 1,41).

O que terá passado no coração de Jesus, para tomar essa atitude tão radical, contrariando a tudo e a todos que então se consideravam os puros, os bons, os justos e fiéis devotos e observadores da Lei de Deus!?

Diante desse homem, que cai de joelhos diante Dele, Jesus é “atingido em suas entranhas”⁴⁵. Ele se entenece como a mãe diante da vulnerabilidade de seu filho. Tomado por tal afeição, ele, então, diz: *“Eu quero: fica curado!”*

45 O verbo grego é “splanchnistheis”, que, usualmente se traduz por “se compadeceu”. André Chouraqui, que traduz atento à sensibilidade da língua hebraica, porém, diz: “foi pego nas entranhas”.

(Mc 1,41). O querer de Jesus é, com efeito, amor, misericórdia, “com-paixão”: a mais pura boa vontade, a mais pura receptividade e o mais puro acolhimento do outro e, ao mesmo tempo, a mais pura doação de si ao outro. É esse olhar, essa afeição, essa boa vontade do amor, que torna puro tudo e todos. Tudo volta à sua mais pristina pureza, como quando o universo acabou de sair do nada, pela autoridade da Palavra criadora de Deus. Ora, se nossos corações se tornam como o coração de Jesus, também nós participaremos dessa limpidez.

2.3. Em vez da divulgação, gratidão a Deus

A cena termina com Jesus mandando o leproso embora e falando com firmeza: “*Não contes nada disso a ninguém!*” (Mc 1,44). O segredo messiânico deveria ser mantido! Jesus só deveria ser reconhecido como o Filho amado do Pai na Cruz. Jesus quer evitar ser exaltado pelos homens antes da hora, fora de lugar e de modo inteiramente indevido. É na hora e no lugar da Cruz e como crucificado que ele deverá revelar-se plenamente aos olhos dos homens. Com efeito, após seu último grito e sua expiração definitiva, *o oficial romano, que estava diante dele* – um estrangeiro, representante da humanidade da época – *vendo de que maneira havia expirado, disse: “Na verdade este homem era Filho de Deus”* (Mc 15,39).

Dessa história podemos também aprender outra coisa: a humildade. O milagre de Jesus manifesta sua autoridade e sua misericórdia. Jesus, porém, não quer transformar o milagre em espetáculo que alimente a vanglória (glória vã, vazia, oca). Sua glória não está na fama e no renome de taumaturgo, fazedor de milagres, mas, na Cruz. Era na Cruz que ele queria se gloriar, isto é, deixar brilhar o esplendor de sua identidade e da identidade do seu Pai. Seu discípulo, Paulo, aprenderá essa lição e a ensinará, com muita diligência, aos demais discípulos (Cf. Gl 6,14). Também São Francisco nos passa com toda devoção essa mesma lição. Depois de exortar para que não nos gloriemos de nenhum bem que temos, porque eles são do Senhor, conclui: *Mas, nisto podemos nos gloriar: em nossas fraquezas e em carregar todos os dias a santa Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo* (Adm. V). E um dos mais fiéis companheiros de São Francisco também nos oferece a mesma lição: *A graça não quer ser louvada e o vício não quer ser desprezado. Isto é, o homem da graça não quer ser louvado nem lhe apetece o louvor humano. E o homem do vício não quer ser desprezado nem ser repreendido; e isso procede da soberba* (Ditos do Frei Egídio, 1,4).

Não obstante, Jesus pensa no cumprimento da Lei e na reintegração do leproso à comunidade cultural. Por isso lhe diz: “*Vai, mostra-te ao sacerdote e oferece, pela tua purificação, o que Moisés ordenou, como prova para eles*” (Mc 1,44).

3. Tudo para a glória de Deus (1Cor 10,31-11,1)

O texto integral desse trecho, proclamado na e como segunda leitura desse Domingo, é tirado da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios. Começa com um “portanto”: *(Portanto) quer comais, quer bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus* (1Cor 10,31). Paulo está tirando a conclusão acerca de sua exortação a respeito da liberdade evangélica, principalmente perante a lei que proibia aos judeus de comer certos alimentos tidos como impuros.

Ora, o que significa buscar a glória de Deus senão empenhar-se para que se viva como filho Dele, livre, portanto, nunca como escravo, como irmão e jamais como servo?! Que brilhe, pois, em tudo o que se faz ou se deixa de fazer essa dignidade ou honra. Buscar a glória de Deus nos liberta, portanto, de toda soberba, orgulho e vanglória, inimigos número um da verdadeira comunidade dos filhos de Deus, dos cristãos, da Igreja. Por isso, a exortação: *não escandalizeis ninguém nem a judeus nem a gregos nem a Igreja de Deus* (1Cor 10,32).

O discípulo não busca ser glorificado, respeitado e amado pelos homens. Ele está livre dessa auto prisão, que o torna escravo de si e dos outros. Sua atenção não está concentrada na própria glória, mas sim na glória de Deus. Isso sim é o que lhe concede a máxima liberdade.

Essa liberdade, porém, não é uma liberdade apenas negativa, no sentido de estar ou ser livre de alguém ou de algo. É, antes, uma liberdade positiva, no sentido de estar livre, liberado para... Por isso, ela é, acima de tudo, compromisso com a caridade. Sem essa qualificação, a liberdade perde sua identidade, transformando-se, à semelhança da lei, em escravidão. Por isso, a exortação de Paulo: *Fazei como eu, que procuro agradar a todos, em tudo, não buscando o que é vantajoso para mim mesmo, mas o que é vantajoso para todos, a fim de que sejam salvos* (1Cor 10,33). Eis a glória de Deus: o bem, a salvação de todos! Por isso, conclui sua exortação com esta chave de ouro: *Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo!* (1Cor 11,1).

Conclusão

Os diversos componentes da narrativa do Evangelho de hoje podem fazer-nos perceber, com bastante clareza, o dinamismo do sacramento da nossa Confissão sacramental: um encontro com Jesus Cristo crucificado que desce até o abismo mais profundo de nossas misérias. Ele é a mão da misericórdia do Pai, estendida para assumir a lepra de nossos pecados e, assim, reintegrar-nos na comunhão com a Trindade divina através da reintegração na comunidade eclesial.

Segundo Isaias, em Jesus realizam-se as palavras da profecia do Servo Sofredor: *Em verdade, ele tomou sobre si nossas enfermidades e carregou nossos sofrimentos: e nós o reputávamos como um castigado, ferido por Deus e humilhado. Mas, ele foi castigado por nossos crimes, e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva pesou sobre ele; fomos curados graças às suas chagas* (Is 53, 4-5).

Jesus faz-se assim o portador do Pai no meio de nós, o Deus que se fez leproso para reintegrar os leprosos de todos os tipos e tempos na Comunidade divina e humana. E essa foi, é e será sempre a primeira vocação-missão da Igreja, sua identidade mais profunda e salvadora. Mas, para tanto, precisa também ela, sempre mais e melhor, *estar cheia do espírito de Deus* (Cf EG 259), a exemplo de São Francisco e de seus primitivos companheiros.

Esse Santo, posto pelo nosso Papa Francisco como modelo de nossa evangelização, certa vez passou uma repreensão a Frei Tiago, o Simples. Isso porque Frei Tiago havia levado um leproso para dentro do Convento dos frades, sem levar em consideração o risco do contágio. Francisco, então, dando-se conta do pecado que cometera, com toda a humildade e sinceridade, suplica ao Ministro Frei Pedro Cattani, que lhe confirmasse a penitência que ele mesmo, Francisco, quis se impor: *“comer com meu irmão cristão da mesma escudela”*. *E assim foi feito* (CAs 64,14). A crueza com que se desenvolve essa cena foi assim descrita pelo autor:

Quando o Bem-aventurado Francisco sentou-se à mesa com o leproso e os outros frades, foi colocada uma escudela entre os dois. Ora, o leproso era todo chagas e úlceras; e sobretudo os dedos, com os quais comia, estavam contraídos e sangrentos, de modo que sempre, quando os punha na escudela, derramava nela o sangue. Ao ver isso, Frei Pedro e os demais frades ficaram muito contristados, mas não ousavam dizer nada por temor do santo pai. ‘Aquele que isto escreveu, viu e dá testemunho’ (idem).



7º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Is 43,18-19.21-22.24b-25; Sl 40; 2Cor 1,18-22; Mc 2,1-12

Tema-mensagem: Fé e salvação dos simples e humildes versus descrença e condenação dos soberbos e orgulhosos

Introdução

Como no Domingo passado, com o leproso, também hoje, com um paralítico, celebramos o dom da fé que salva os simples e humildes porque acolhem Jesus com sua palavra e obras.

1. Um Deus que cancela nossas culpas e nem se lembra de nossos pecados (Is 43,18-19.21-22.24b-25)

Como sempre, a primeira leitura tem como objetivo introduzir-nos, ainda que por vezes, de longe, no mistério, então celebrado no respectivo Domingo, proclamado, mais explicitamente, pelo Evangelho do dia.

Para o mistério desse Domingo, o pequeno trecho que a Igreja escolheu faz parte do anúncio de Isaías, acerca da volta de Israel do famigerado exílio babilônico. O início do retorno para sua pátria estava próximo e o povo, debilitado política, moral e religiosamente, precisava de um novo alento. Eis que, então, surge a voz do Senhor que fala pelo seu profeta: *Não relembreis coisas passadas, não olheis para fatos antigos. Eis que eu farei coisas novas e que já estão surgindo...* (Is 43,18).

A partir de então, o Senhor não se cansa de mostrar que toda a História de Israel se movimenta ao redor apoiada em dois gonzos. De um lado, a fidelidade de Deus, testemunhada pelas suas obras de salvação, cada vez mais admiráveis e portentosas. De outro lado, as contínuas infidelidades de seu povo. O contraste é grande, vergonhoso, deprimente!

Por isso, para dar início à nova etapa de sua Aliança com seu Povo predileto, Deus precisava despertar-lhe, de novo, a confiança em sua misericórdia. Era preciso que ele cresse, de novo, em seu Senhor; que confiasse Nele, entregando-se a Ele como uma criança adoentada se entrega no colo de sua mãe; era necessário que acreditasse que Ele iria realizar coisas ainda maiores e mais admiráveis do que as que realizara no passado; que despertasse e visse as coisas novas *que já estavam acontecendo*.

Vem, então, sua exortação: *Acaso não as reconheceis?! (Is 43,19)*. Pois, se, de um lado, diz o Senhor, *Tu, Jacó, não me invocaste, e tu, Israel, de mim*

te fatigaste, e com teus pecados trataste-me como servo, cansando-me com tuas maldades..., doutro lado, insiste: *Veja, sou eu, eu mesmo, que cancelo tuas culpas por minha causa e já não lembrarei dos teus pecados* (Is 43,22-25).

Essa é a forma mais bela para dizer o quanto esse amor, de sua parte, isto é, da parte de Deus, é gratuito e, de nossa parte, imerecido. Na nova criação tudo é obra do amor, da gratuidade. E tudo aquilo que não tem sua origem nesse amor, não poderá jamais dizer que seja ou pertença ao Povo de Deus ou ao novo mundo, à nova criação, inaugurada pelo perdão generoso de Deus. Por isso, dirá mais tarde São João que Deus é amor e quem não vive no amor não vive em Deus; e quem não vive em Deus já está perdido. Mas, quem vive em seu amor está salvo (Cf. 1Jo 4,16).

2. Jesus, que cura perdoando, a Boa Nova do Pai (Mc 2,1-12)

Como no Domingo passado, com a cura de um leproso, também no de hoje, com a cura de um parálítico, tudo se dá em Cafarnaum, na Galileia das nações, encruzilhada de judeus e pagãos, ponto de partida para a evangelização de Jesus, cumprindo, assim, a profecia de Isaías: *O povo que caminhava nas trevas viu uma grande luz. Sobre aqueles que habitavam a terra da sombra, uma luz resplandeceu* (Is. 9, 1). É algo digno de nota: os que andavam na Galileia, em meio à escuridão, reconhecerão a luz de Jesus Cristo. Mas, os que, em Jerusalém, se achavam esclarecidos, quer devido à sua ciência da Escritura (os Escribas), quer devido ao cumprimento rigoroso da Lei e dos preceitos (os Fariseus), quer, enfim, devido à sua liderança religiosa, por ser elite ligada ao Sacerdócio e ao Templo (os Saduceus), não vão se deixar banhar por essa luz.

2.1. Jesus viu a fé

A simples chegada e presença de Jesus em Cafarnaum, de novo, é motivo de entusiasmo, de fé e de confiança por parte do povo. Por isso, *logo que se espalhou a notícia de que Jesus estava em casa, reuniram-se ali tantas pessoas que já não havia mais lugar, nem diante da porta. E Jesus anunciava-lhes a Palavra* (Mc 2,2).

A constatação desse evento é de fundamental importância para tudo o que então irá acontecer. Ou melhor, sem o dom da fé, que a simples presença da Pessoa de Jesus despertava naquelas pessoas humildes e sofredoras, nada teríamos de tudo o que então aconteceu. Por isso, fazem muito bem certas traduções escrever com “P” maiúsculo o termo Palavra aqui, nesse contexto (em grego, *lógos*). Fica claro, assim que em Jesus não há separação entre o

falar e o agir, o dizer e o ser; que, enfim, Ele, em pessoa, e não uma ideia ou doutrina, é a Boa Nova de Deus, o Evangelho vivo e verdadeiro (Cf. Prólogo de São João). Jesus é o Sim, o beijo de Deus aos homens. Esse “sim” de Deus brilha em meio ao “não” dos homens. Com efeito, a palavra de Jesus é, fundamentalmente, palavra de perdão, de misericórdia, de benevolência, para com os homens. Por isso, dirá mais tarde São Francisco: *Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e gloriosa, o altíssimo Pai anunciou do Céu, por meio do seu santo Arcanjo Gabriel, no útero da Santa e gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade. Sendo rico, acima de todas as coisas, Ele mesmo, juntamente com a beatíssima Virgem Maria, sua Mãe, quis no mundo escolher a pobreza.* (2CF)

Vem, então, a inusitada cena do paralítico. Carregado por quatro homens, que não conseguiram abrir fileira entre a multidão, que se apinhava na frente da porta, ele é introduzido na casa através de uma abertura no teto e colocado bem em frente de Jesus. É significativo isso: aqueles quatro companheiros do paralítico se empenham por abrir caminho para ele até Jesus. Se aquele homem não podia ir por si até Jesus, eles fazem-lhe as vezes de pernas e o levam, com criatividade, insistência, ousadia, até o Mestre. É a força da comunidade, que socorre aqueles que ainda não são capazes de ficar de pé por si mesmos e de caminhar com as próprias pernas. Podemos ler essa passagem, também, num outro sentido: quantas vezes as forças de nossa alma – nossas percepções, nossos sentimentos, nossas intuições e nossas inteleções – não se reúnem para conduzir nosso eu paralisado a fim de levá-lo até o Mestre, que habita em nosso “homem interior”? A força da graça e da fé acaba mobilizando essas forças interiores, que nos providenciam uma “padiola” para nos transportar até ali onde Jesus se encontra. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o filho pródigo, com Nicodemos, Francisco e tantos outros. Encontrando barreiras, a exemplo de Zaqueu, que subiu no sicômoro, são capazes de, com criatividade e ousadia, encontrar soluções inesperadas.

Jesus, então, não se conteve. *Quando viu a fé daqueles homens, disse ao paralítico: “Filho, os teus pecados te são perdoados!”* (Mc 2,5). Note-se que o evangelista não escreve: “quando viu a fé daquele paralítico”, mas sim: “quando viu a fé daqueles homens, disse ao paralítico...”. A fé aqui é um fenômeno comunitário, que, como um veículo, como um suporte, uma maca, carrega o paralítico e o aproxima de Jesus. Dizia o filósofo grego Demócrito que a medicina cura as enfermidades do corpo, mas a sabedoria libera a alma de suas paixões (sofrimentos). Jesus, aqui, mostra-se como médico e, ao mesmo tempo, como Sabedoria. Ele é o Salvador: o que reconduz de volta o homem ao vigor fontal da sua vida, do seu ser.

Muitos aspectos podem ser admirados nesse anúncio de Jesus, entre eles o da “fé daqueles homens”; ou seja, a fé que Jesus desperta é sempre uma

realidade, um benefício comunitário. É como o sol! Os raios que iluminam, o calor que aquece a todos quantos a ele – o sol - estão expostos, uma vez iluminados e aquecidos, não podem deixar de, por sua vez, iluminar e aquecer os que estão ao seu redor. Como o amor, a paz e o bem, a fé se espalha por si mesma. Assim é Jesus. Sua presença irradia o fogo da fé, sem jamais humilhar, desprezar, muito menos condenar, como faziam os fariseus, aquele pobre coitado. Nem sequer o chama de pecador, mas, ao contrário, o chama com a palavra mais bela que um homem pode ouvir: “filho!” Eis o primeiro fruto da fé: o surgimento da intimidade, do amor, da familiaridade, da entrega mútua. Uma alegria, que elimina todas as diferenças ou indiferenças, encurta todas as distâncias e aproxima todos os distantes e separados.

2.2. Jesus ordena ao paralítico para que ande e volte para sua casa

Segue, então, a proclamação do perdão dos pecados. Notemos que Jesus não alude à paralisia exterior, corporal, daquele homem, mas, sim, aos seus “pecados”, isto é, à sua paralisia interior, espiritual. Jesus é o médico de todo o homem e do homem todo, afinal! Jesus não se revela como um taumaturgo (fazedor de milagres), mas, de modo mais sublime, como Filho de Deus e Deus. Os escribas que, em seus corações, tomavam Jesus por um blasfemo, e começavam a hostilizá-lo e tinham certa razão: “Quem pode perdoar os pecados senão só Deus?” Em jogo está, pois, aqui, a questão: quem é Jesus? Os escribas acertam ao considerar que o perdão dos pecados é obra de Deus somente – mas erram quando consideram Jesus um blasfemo. No Evangelho de João, vemos como estes “sábios e esclarecidos” ficarão escandalizados com o fato de Jesus afirmar que Deus era seu Pai, e, assim, de fazer-se igual a Deus (Jo 5, 16-18). Jesus apresenta-se, pois, como o Filho amado do Pai (Mc 1, 11). Nele nos revela “as entranhas de misericórdia” do nosso Deus (Cf. Lc 1,78).

Vem, então, a cartada decisiva, a exortação clara e forte de Jesus aos mestres da lei: “*Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra o poder de perdoar os pecados - disse ao paralítico: - eu te ordeno, levanta-te, pega a tua cama e vai para tua casa!*” (Mc 2,10). É admirável como Jesus não suplica nada a Deus, antes, age com plena autonomia, em total autoridade! Ele é o “Filho do homem!” Com esse nome Jesus revela e oculta, ao mesmo tempo, sua identidade. Se, por um lado, ele diz algo da humildade da condição humana (como em Ez 2,1s), por outro lado, diz algo da glória do Messias, que virá para julgar os pecadores e salvar os justos, como em Daniel (Cf. Dn 7,13). Ele é, pois, um sinal de contradição! Há os que, na fé, nele encontram uma pedra de soerguimento. Mas, há também os que, pela cegueira espiritual, encontram nele uma pedra de escândalo, como aqueles escribas que murmuravam contra Ele em seus corações.

Agora, pelo poder de perdoar pecados, poder de Deus, que Jesus, como Filho de Deus, detém, o homem pode mudar sua condição e situação. Agora, pelo novo testemunho da fé de Deus, manifestada por Jesus, o homem entra num novo ordenamento e é posto de pé; livre, ou melhor, libertado das amarras da própria vontade egoística, paralisadora, está em condições de tornar-se, de novo, protagonista de sua história, de procurar de novo sua casa; de sair da tristeza do egocentrismo fechado que não permite a festa da alegria da comunhão consigo mesmo, com seu Criador e com todas as criaturas. Jesus diz àquele homem: *toma tua maca!*. A “maca”, que antes era sinal de enfermidade e paralisia, agora se torna sinal de cura e de saúde. O leito de dor transformase, então, em testemunho de alegria. Antes, o leito o sustentava, agora ele sustenta seu leito. Maravilhosa transformação, que todos nós, pela fé, somos chamados a experimentar!

Por isso, Marcos conclui a narrativa desse, que é o segundo milagre de Jesus, com esta bela constatação: *O paralítico, então, se levantou e, carregando a sua cama, saiu diante de todos. E ficaram todos admirados e louvavam a Deus, dizendo: “Nunca vimos coisas dessas!”* (Mc 2,12).

3. Cristão, aquele que é somente “sim” (2Cor 1,18-22)

Normalmente, a segunda leitura da Missa dominical tem por finalidade animar a fé dos fiéis de hoje, com o testemunho da fé dos fiéis da Igreja primitiva. Não se trata, porém, de algo individual, isto é, da individualidade dos cristãos, mas da fé como dom de Deus. Por isso, no pequeno trecho proclamado hoje, Paulo começa dizendo: *Eu vos asseguro, pela fidelidade de Deus...* (2Cor 1,18).

A fidelidade de Deus, passa a ser o ponto de partida, o princípio a partir do qual Paulo inicia seu comentário e sua explicação acerca de um grave desencontro que surgira entre ele e os fiéis de Corinto. Esses chegaram a acusá-lo de inconstante, desleal e mentiroso porque prometera visitá-los, e isso ele não o fez, ou melhor não pôde fazê-lo. Mas, o que no fundo estava em jogo não era a pessoa de Paulo e sim seu ministério apostólico e a unidade no seio da Igreja de Corinto e desta com as demais Igrejas. Como resolver o impasse? Onde buscar segurança nesse caso?

A resposta de Paulo é clara: *O ensinamento que vos transmiti não é ‘sim-e-não’. Pois, o Filho de Deus, Jesus Cristo, que nós, a saber: eu, Timóteo e Silvano – pregamos entre vós, nunca foi ‘sim-e-não’, mas somente ‘sim’* (2Cor 1,18).

Paulo aproveita, então, a ocasião para uma bela catequese acerca da fidelidade de Jesus ao Pai; aquele que em nenhum momento de sua vida, por

nenhum outro motivo, nem político nem religioso nem familiar e nem mesmo diante da vergonhosa condenação à morte de Cruz, deixou de dizer seu “Sim” ao Pai e aos homens, seus irmãos. Eis o princípio sobre o qual todo cristão e toda e qualquer Igreja deve fundamentar sua vida.

Longe de Paulo qualquer resquício de arrogância ou de soberba, embora fale de si mesmo. Por isso, em vez de prestar contas aos coríntios, termina proclamando: *É Deus que nos confirma, a nós e a vós em nossa adesão a Cristo, como também é Deus que nos ungiu* (2Cor 1,21).

Por isso, como Jesus é o “Sim” do Pai, ele, Paulo, deve ser o “Sim” de Jesus, e cada cristão procurar ser o “sim” dele, Paulo, e dos demais Apóstolos. Devemos reconhecer, porém, o quanto é difícil manter essa coerência no dia a dia ou em nossos compromissos pessoais, sociais, familiares e religiosos. Prometemos, dizemos ou rezamos uma coisa na Igreja e na oração e, depois, lá fora, dizemos e fazemos outra. Por isso, como São Francisco, precisamos começar sempre de novo e colocar-nos, como ele, “*sob a orientação de Cristo*” e de mais ninguém (1C 103).

Conclusão

O protagonismo da celebração de hoje não está, como poderia parecer, no parálitico, muito menos nos homens que o carregavam e nem mesmo em Jesus, mas sim na fé: *Jesus viu a fé* (Mc 2,5). Estamos diante do mistério fontal e originário que move e sustenta toda a História da Salvação e que, agora, em Jesus começa a se revelar em sua plenitude e consumação.

A fé, que aparece nesse milagre, e que nós cristãos professamos, não é uma virtude particular daqueles homens e nem mesmo de Jesus. É, antes, o vigor festivo, o entusiasmo contagiante, a alegria transformadora que vem da graça da visita do Pai, do seu encontro com Jesus no Batismo no rio Jordão e, agora, estendidos aos pobres e pecadores. Trata-se, portanto, da fé, da confiança de Deus em seus filhos, os homens. Só um Deus, tomado de paixão até as fibras mais profundas de seu coração, de sua alma é capaz de botar tanta fé, tanta confiança em seus filhos queridos; tanta fé que é incapaz de ver ou de levar em consideração suas infidelidades contínuas e cada vez mais graves.

É essa fé de Deus Pai, nascida de sua paixão pelos seus filhos, que leva Jesus a assumir sua Encarnação até a morte e morte de Cruz; é essa mesma fé que faz os discípulos abrirem as portas do cenáculo para se lançar mundo a fora; é essa fé que levou São Francisco a se desnudar de todo, diante das autoridades religiosas e civis, e a proclamar: *Entendam todos, de uma vez por todas que, a partir de hoje, já não direi mais ‘meu pai Pedro Bernardone, mas Pai Nosso que estais no céu’* (LTC 20).

Trata-se, pois, de uma fé que nos liberta das paralisias ou fechamentos do idealismo sem compromissos, do legalismo sem espírito; que nos faz sair da casa de nosso bem-estar particular, de nossa zona de conforto, para abrir-nos e entregar-nos ao outro como outro, como mistério que nos ajuda a descobrir o grande Mistério de nossa vida, o grande Outro. Trata-se, enfim, de transformar-nos numa “Igreja em saída”, assim desejada pelo nosso Papa Francisco:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que, muitas vezes, disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma (paralisada) pelo fechamento e à comodidade de se agarrar às próprias seguranças. [...] Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus nos repete sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37) (EG 49).



8º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Os 2,16b.17.21-22; Sl 102; 2Cor 3,1b-6; Mc 2,18-22

Tema-mensagem: Seguir Jesus Cristo é ser como esposa que aguarda e acolhe com alegria a vinda e a chegada do esposo.

Introdução

Muitas são as imagens ou figuras que Deus mesmo, e também Jesus, usa para mostrar sua relação conosco; mais precisamente, sua presença e atuação em nós e entre nós. Dentre essas, a mais frequente, antiga, bela e expressiva é a do esposo, como podemos ver nas leituras deste Domingo.

1. Jahvé, o Deus-esposo invencível na misericórdia (Os 2,16b.17.21-22)

A situação religiosa do Povo de Deus no tempo do profeta Oséias, mormente no que dizia respeito à sua dimensão religiosa, isto é, à sua fidelidade à sagrada aliança com Jahvé, era a mais deplorável possível. Depois de ter vivido por longos anos como errante pelas escaldantes terras do deserto, passando fome e sede, Israel vivia agora comodamente, assentado na promissora terra de Canaã. Aí, dividiam sua vida com povos que adoravam Baal, o deus da fecundidade e da prosperidade. Assim, aos poucos, esse povo foi esquecendo-se de sua aliança sagrada com Jahvé, o Deus vivo e verdadeiro, o mesmo que o transportara do Egito como que em asas de águia.

Por tudo isso, deveria ser abandonado e condenado sem nenhum perdão e misericórdia! No entanto, o contraste entre a justiça humana e a dos deuses pagãos com a justiça de Jahvé é coisa inaudita, como se pode ver nesse trecho de hoje. Só de um coração apaixonado se poderia esperar um anúncio tão carinhoso e benevolente: *Eu a conduzirei, levando-a à solidão onde lhe falarei ao coração!* (Os 2,16).

No intuito de mover de novo o coração de seu Povo, Ele mesmo, o próprio Senhor, passa então, a recordar-lhe onde foi que Ele o encontrara e de onde fora tirado por Ele: da escravidão do Egito, do deserto, da solidão, do “Não-Povo”, para fazê-lo “Povo eleito”, “Povo de Deus”. Recordar-lhe os dias felizes dos sponsais divinos em que Israel não conhecia nenhum outro Deus senão e tão somente a Ele.

Agora, portanto, chegara a hora de esquecer Baal e retornar ao seu primeiro amor, *como nos dias de sua juventude, nos dias de sua vinda da terra do Egito* (Os 2,17).

Repetindo por três vezes que, naquele dia, *te farei minha esposa*, Jahvé mostra quão profundo era sua paixão, bem como quão solene, séria e grande era esta sua nova iniciativa, a celebração de um novo esposal: *Eu te desposarei para sempre: eu te desposarei conforme as sanções da justiça e conforme a prática da misericórdia* (Os 2,21). A proposta ultrapassa todas as medidas possíveis, ou então conhecidas: um matrimônio sagrado, assegurado com a força da lei e acompanhado com as sanções jurídicas. Assim, em vez de “meu Mestre”, “meu Senhor” ou “meu Baal”, chamará a Jahvé de “meu marido”, “meu esposo”. Enfim, um matrimônio com o maior de todos os dotes possíveis: a misericórdia, que culminará com a Cruz de seu Filho muito amado.

A perícopete termina assegurando o sumo de felicidade que uma esposa pode esperar: *e tu conhecerás o Senhor* (Os 2,22). Conhecimento, aqui, significa um relacionamento íntimo, o surgimento de uma familiaridade, um processo de profunda comunhão e identificação com a pessoa amada de modo que o sentir, o querer, o pensar, o sofrer, etc., Dele, do próprio Deus, passa a ser o sentir, o querer, o pensar e sofrer dela, a esposa e vice-versa.

2. Jesus, o noivo - a festa e a alegria dos convidados (Mc 2,18-22)

Muitas são as imagens que o próprio Jesus inventa e usa para explicar o sentido de sua Vinda, a Boa Nova de sua presença entre os homens. A do Evangelho de hoje é a da festa, a alegria do casamento de um noivo.

2.1. O jejum ascético e o jejum evangélico

Todos os grupos religiosos antigos distinguem-se ou caracterizam-se por certos costumes ou ritos ascéticos, entre os quais o jejum. Assim, agia, por exemplo, o grupo de João Batista e dos fariseus. Alguns, porém, notaram que o grupo de Jesus era diferente. *Vieram, então, dizer a Jesus: “Por que os discípulos de João e os fariseus jejuam e os teus discípulos não jejuam?”* (Mc 2,18).

Essa é a primeira vez, mas não a última, em que a atitude de Jesus contradiz as tradições e as práticas religiosas dos judeus, mormente as dos fariseus e escribas. A divergência centraliza-se no objetivo de um e de outro. Enquanto o fariseu ou o asceta busca sua perfeição, sua santidade a partir de si, de seus exercícios, de seu empenho, Jesus vem ensinar-nos que tudo isso é dom do Pai das misericórdias. Enquanto o primeiro assenta sua religiosidade no merecimento, Jesus acentua a alegria que nasce da gratuidade do encontro.

O centro da diferença está no fato de os fariseus e os mestres da lei ter estabelecido o ascetismo, bem como o moralismo e o ritualismo religioso,

como o sentido e o fim da sua religião e das suas práticas religiosas. Bom religioso seria aquele que observasse literalmente as leis, as tradições e os costumes prescritos. Em contraposição a esse endeusamento da lei e das tradições humanas e do ritualismo religioso, Jesus responde: *“Os convidados de um casamento poderiam, por caso, fazer jejum enquanto o noivo está com eles? Enquanto o noivo está com eles, os convidados não podem jejuar”* (Mc 2,18). No fundo, muitos amavam tanto “sua” religião, se deleitavam tanto com os seus rituais que se esqueciam do Senhor da lei, do jejum, dos atos religiosos e da própria Religião.

Com isso, Jesus está proclamando que o simbolismo da alegria nupcial, anunciado e esperado em toda a História do Antigo Testamento, acabara, pois Ele é o noivo. Por isso, seus discípulos, e com eles a humanidade, têm toda razão em alegrar-se e fazer festa. Acabou o jejum da espera. Agora tudo é realidade. Por isso, como num casamento, seria uma grave desfeita a Ele, o noivo e aos demais presentes e convidados, os discípulos se recusar a tomar parte do banquete.

Os discípulos, pois, mais do que alimentar-se de pão e saciar-se de vinho, nutrem-se da presença amorosa de Jesus e é com suas palavras misericordiosas que eles se alegram, se embriagam e se extasiam. Eis o que os purifica! Por isso, o tempo da presença de Jesus não é de sofrimento, mas de alegria. Além do mais, o que usualmente se traduz por “os convidados do casamento” são chamados, literalmente, os “filhos do casamento”. Assim, Cristo é o esposo; a Igreja, a esposa, e os filhos do casamento somos todos nós, cada um dos fiéis. Em virtude do mistério de sua Encarnação, Cristo uniu a si a Igreja. O ventre da Virgem Maria serviu de tálamo dessa união entre o Filho amado do Pai e a nossa natureza humana. E todos nós, discípulos de Cristo, nascemos para a vida da graça a partir dessa união. Por isso, somos os “filhos do matrimônio” em questão.

Jesus, porém, não nega o papel nem a importância do jejum também para seus seguidores. Ele próprio jejuara 40 dias no deserto, preparando-se para sua vida e missão pública. Por isso, logo acrescenta: *“Mas, vai chegar o tempo em que o noivo será tirado do meio deles; e, então, eles vão jejuar”* (Mc 2,20). Eis porque a Igreja jejua na Quaresma e não jejua nos cinquenta dias que vão da Páscoa até Pentecostes. Quando o Esposo da Igreja está ausente, nós, os filhos, choramos essa ausência. Esse choro, porém, é sinal do desejo ardente de reencontrar-se com Ele.

Está claro, aqui, que Jesus entende o jejum como exercício de comunhão com sua pessoa, mais precisamente com o mistério de sua paixão e Cruz e não como meio para o engrandecimento do próprio religioso. Jejuar, assim como fez Jesus no deserto, é gloriar-se em suas fraquezas para que brilhe a força da

graça do chamado do Senhor. Assim, no jejum, como Cristo no deserto e na Cruz, cessa nosso agir e se faz espaço para o agir do Pai; cessa nossa obra para que apareça a obra de Deus.

2.2. Vinho novo em odres novos, remendo novo em roupa nova

A segunda parte do Evangelho soa como conclusão acerca do que Jesus acabara de anunciar: *“Ninguém põe um remendo de pano novo numa roupa velha porque o remendo novo repuxa o pano velho e o rasgão fica ainda maior”* (Mc 2,21). O mesmo fenômeno verifica-se em relação ao vinho: vinho novo tem que ser posto em odres novos. Em ambos os exemplos, a insistência de Jesus é muito clara: o que está acontecendo com sua presença é algo novo, originário. Uma presença que vem para transformar a pessoa por dentro, a partir da graça do encontro com Ele e de sua presença no dia a dia do discípulo.

O que então acontece no homem, através do vigor da graça desse encontro – Evangelho, Boa Nova – é tão profundo e radical que não pode ser comparado com nenhuma transformação humana. Nem mesmo com a transformação de dois jovens que se enamoram, se apaixonam e casam. O cristão não é uma edição melhorada, consumada, de um piedoso judeu, de um sábio grego ou do homem honesto e nobre. Pelo mistério da Encarnação, o Verbo eterno do Pai, isto é, a Semente, o gérmen de Deus (o *Logos*) é semeado no seio da Virgem Maria e, através dela, no íntimo de todo homem, de modo que, a partir de então, o homem não é mais só homem. É “deizado”, “deificado”. Trata-se de verdadeira re-volução, verdadeiro re-nascimento, nova criação, outra ou nova vida. Essa novidade, portanto, por ser tão radical, não pode ser colocada em um contexto velho. O homem não pode mais continuar sendo apenas homem. Quem casa, por exemplo, não pode continuar com alma e costumes de solteiro. Aqui também, e mais ainda! O cristão, revestido de Cristo, com a alma, a identidade de Cristo, com o EU de Cristo, precisa também vestir as vestes de Cristo, isto é, os costumes, as obras Dele, como, por exemplo, os enunciados no Sermão da Montanha. Entre esses, evidentemente, as chamadas “obras de misericórdia”.

Já, o vinho novo pode significar para nós a alegria e o júbilo, o fervor, o entusiasmo da graça do encontro: do chamado e da resposta. Hoje, devemos reconhecer que muitos de nós, cristãos, embora levemos este nome, nos esquecemos da novidade que é a identidade cristã. Continuamos a preferir a *‘religião do eu’ com seus ritos e suas ‘orações’*. *Muitos são católicos, se confessam católicos, mas se esqueceram de ser cristãos e humanos; esqueceram que o verdadeiro culto a Deus passa sempre pelo amor ao próximo. Até mesmo os cristãos que rezam e vão à Missa aos Domingos são seguidores dessa ‘religião do eu’* (Papa Francisco).

3. A Igreja, uma Carta escrita pelo Espírito (2Cor 3,1b-6)

Na segunda leitura de hoje, Paulo procura refutar os fiéis de Corinto que punham em dúvida sua autoridade, acusando-o de presunçoso, pois havia declarado *que não era como muitos outros que falsificam a Palavra de Deus* (Cf. 2Cor 2,17). Em sua defesa, Paulo apresenta-lhes o ministério apostólico no qual ele foi instituído por ninguém senão pelo próprio Cristo. Apresenta-lhes, também, o melhor argumento que podia oferecer-lhes: o fruto, a obra de sua evangelização: a própria comunidade de Corinto. Por isso, ele insiste: *por acaso, precisamos, como certas pessoas, de cartas de recomendação para vós ou da vossa parte? Vós é que sois nossa carta, gravada em nossos corações, conhecida e lida por todos* (2Cor 3,2). De fato, a melhor recomendação que se pode fazer acerca de alguém não são seus discursos ou palavras, mas apontar, apresentar sua obra, sua vida.

Por isso, ele insiste: *Corinto é uma carta de Cristo, redigida por nosso intermédio, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, gravada não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, em cima de vossos corações* (2Cor 3,3).

Realmente, o que caracteriza a “Carta”, isto é a Comunidade de Corinto, é o fato de haver sido escrita, organizada não pelo poder subjetivo das pessoas – Paulo, Timóteo, etc. – mas pelo Espírito de Jesus ressuscitado; não em cima de tábuas de pedra, leis etc., mas sobre tábuas de carne: seus corações.

Vem, assim, muito bem expresso por Paulo o princípio que rege o ministério apostólico na Igreja. Sem dúvida nenhuma, é certo que os ministros sagrados possuem uma função especial na constituição e funcionamento da Comunidade, mas é sempre Deus quem toma a iniciativa e oferece gratuitamente todos os dons necessários para seu andamento e florescimento. É isso que acontece com os Apóstolos: *Ele é que nos tornou capazes* (2Cor 2,6), insiste Paulo. Essa capacitação, porém, não é arbitrária, submissa aos caprichos de quem quer que seja, mas antes voltada para uma missão ou obra bem determinada que transcende a vontade própria dos ministros ou dos fiéis. Por isso, conclui: *O Senhor nos fez ministros de uma nova aliança, não de letra, mas do espírito, uma vez que a letra mata, mas o Espírito dá vida* (2Cor 26).

Conclusão

A imagem de “Esposo” é, certamente, a figura mais amada por Deus e por Jesus Cristo para fazer o anúncio de sua Boa Nova; para se dar a conhecer e para marcar sua presença e sua obra no meio dos homens, principalmente no coração dos seus fiéis, a Igreja. Quem compreende bem o alcance dessa imagem tem nela um fundamento muito sólido para sua resposta a tão grande

iniciativa de amor. Santa Clara, por exemplo, ao escrever para sua co-irmã Inês, recorda-a de que havia desprezado as pompas de casamentos suntuosos porque *escolhera um esposo de estirpe mais nobre* (1CCL 7). A seguir passa, então, a descrever com riqueza de detalhes a nobreza deste esposo:

Se, pois, tal e tão grande Senhor, descendo ao útero da Virgem, quis aparecer no mundo, desprezado, indigente e pobre, a fim de que os homens, os mais pobres e indigentes, sofrendo demasiada indigência de alimento celestial, se tornassem Nele ricos detentores de Reinos celestes, exultai e alegrai-vos muito, cheia de grande júbilo e alegria espiritual, porque, tendo-vos agradado mais desprezar o mundo do que ter suas honras, seguir a pobreza do que as riquezas temporais... a vossa recompensa no céu será abundante, pois merecestes ser chamada, com quase toda dignidade, de irmã, esposa e mãe do Filho do Pai Altíssimo e da Virgem Gloriosa (1CCL).



9º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Dt 5,12-15; Sl 80/81; 2Cor 4,6-11; Mc 2,23-3,6

Tema-Mensagem: O repouso semanal, o Domingo, momento para celebrar e recordar que somos criados e chamados para a festa do encontro com Deus, com os irmãos e com todas as criaturas.

Introdução

A liturgia deste Domingo nos conduz para dentro do sentido maior e primeiro de nossa vida neste mundo: a festa de encontro com a Trindade Bendita, com a História, com os irmãos e com todas as criaturas.

1. Um mandamento da liberdade e para a liberdade (Dt 5,12-15)

A primeira leitura de hoje faz parte do quinto capítulo do livro do Deuteronômio, que traz a revelação da tradição judaica acerca da origem do Decálogo, isto é, das 10 Palavras ou Mandamentos, que vêm assim resumida: *Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito, da casa da servidão* (Ex 20,2; Dt 5,6).

Os Dez Mandamentos são Palavras que nascem do desejo, do coração amoroso de Deus pelo homem. Por isso, são envios, que destinam o homem à consumação da vida boa e plena, à perfeita alegria (São Francisco), à bem-aventurança (Evangelho), à felicidade plena, fontes de bênção, de encontro e de comunhão com todos os homens e com toda as criaturas.

1.1. O repouso por causa de Deus

O trecho, lido hoje, trata do mandamento referente ao dia sagrado dos judeus: *“Guarda o dia de sábado, para o santificares, como o Senhor teu Deus te mandou...”* (Dt 5,12).

Segundo o Êxodo, a motivação acerca do repouso sabático é teocêntrica. Nasce porque *no sétimo dia, Deus descansou. Por isso o Senhor abençoou o dia do sábado e o santificou* (Ex. 20,11)

O verbo hebraico usado, porém, para “santificar” ou “consagrar”, recebeu, também o sentido de “desposar”. Por isso, a tradição hebraica toma o sábado, já a começar pela véspera, sexta-feira à noite, como noiva do Senhor, dizendo: *Vem, amigo, diante da noiva; acolhamos a face do sábado*. Nesse sentido, o sábado seria uma espécie de celebração dos sponsais de Deus com os homens.

O repouso, então, nesse sentido, nada tem de ociosidade negativa, de negligência e indolência, mas sim de um ócio santo e bom, marcado pelo recolhimento contemplativo, pela quietude, paz, serenidade. Quem descreve muito bem a fecundidade desse recolhimento é São Francisco: *Onde há paciência e humildade, não há ira nem perturbação... Onde há pobreza com alegria, não há cobiça nem avareza. Onde há quietude e meditação, não há afã nem divagação* (Ad 27).

1.2. O repouso por causa do homem

Enquanto no Êxodo a motivação para o mandamento do sábado era teocêntrica, no livro do Deuteronômio é antropocêntrica, mais precisamente, a esfera da História da Salvação e, mais concretamente ainda, o memorial da libertação do Egito. *Tu te lembrarás de que, na terra do Egito, eras escravo, e que o Senhor, teu Deus, te fez sair de lá com mão forte e braço estendido. Eis por que o Senhor, teu Deus, te ordenou guardar o dia de sábado* (Dt 5,15).

O sentido da instituição do sábado é a comemoração da liberdade do Povo de Deus, uma liberdade positiva, que nasce como dom de uma lei que lhe foi dada *quando saiu do Egito*. Uma liberdade, ampla e universal, que deve estender-se solidariamente aos escravos, aos migrantes e até mesmo aos animais domésticos: *Tirei de seus ombros a carga; as suas mãos foram livres dos cestos* (Sl 81,6).

A partir do tempo do exílio, o sentido do sábado, porém, começa a deslocar-se: em vez de apontar para sua origem – Deus e a celebração da liberdade humana – começa a ser usado como meio, instrumento e princípio de identificação e exaltação do judaísmo, como nação fechada em si mesma com suas leis e tradições, concorrente e em oposição a todas as demais nações. Por isso, aos poucos, descambou para a escrupulosa observância meramente formal e interesseira do repouso. Ser judeu era observar o sábado. Não o observar era ser pagão e equiparar-se aos gentios, inimigos de Deus e de seu Povo.

1.3. O homem de hoje e suas escravidões

A escravidão, outrora imposta pelos fariseus e mestres da lei, no que diz respeito à observância do sábado, hoje adquire um novo sentido com expressões e manifestações várias. Entre essas, e talvez a mais dominante, esteja a imposição de uma ordem unidimensional de produção e consumo, que invade sorrateiramente todos os povos. Nessa ordem, a economia não está a serviço da vida, mas a vida, o homem, a família, a comunidade é que está a serviço da economia, da produção. Os homens não trabalham para viver, mas vivem para trabalhar. E quando isso acontece, em vez de se ganhar a vida com o trabalho, perde-se a vida, a pessoa, a família, a comunidade, por causa do trabalho, ou

pior ainda, por causa do lucro. A pessoa assemelha-se à peça de uma máquina que, devido ao uso contínuo e prolongado, vai se desgastando até sua total inutilidade, não lhe restando mais nenhum outro destino senão ser jogada fora. Ao mesmo tempo que essa sociedade deturpa o sentido do trabalho, distorce também o sentido do lazer, da diversão, do tempo livre, do ócio. Em vez de ser vivido como experiência de liberdade contemplativa e criativa, de festa e de celebração da gratuidade da convivência, o tempo livre acaba sendo deformado em entretenimento; um entretenimento que é vivido como consumo, como envenenamento do espírito, como queda na letargia, no torpor, motivados por uma fuga do tédio profundo que reina na atmosfera de um mundo desertificado, tanto no coração dos homens como no planeta Terra.

2. **Jesus, consumação do sábado** (Mc 2,23-3,6)

Com o mistério de sua Encarnação-Morte e Ressurreição Jesus Cristo não apenas retoma o sentido original do sábado, mas também o leva à sua consumação, tornando-se Ele mesmo *o Senhor do Sábado* (Mc 2,28). Em Marcos, a autoridade de Jesus, como o Filho amado do Pai (Mc 1,11), é tão saliente que logo chama a atenção da multidão: *Ele ensina como quem possui autoridade e não como os escribas* (Mc 1,22). As curas feitas em Cafarnaum e nas aldeias vizinhas (Mc 1,29-38), a cura do leproso (Mc 1,40-45), a cura do paralítico (Mc 2,1-11), o chamado de Levi (Mc 2,13-17), e sua posição a respeito do jejum entre seus discípulos (Mc 2, 18-21) – fala dessa autoridade de Jesus, e mostra seu Senhorio. Vejamos, pois, como se manifesta esse senhorio no Evangelho de hoje.

Duas partes formam e movem a conduta de Jesus:

- a discussão com os fariseus acerca da questão da observância do repouso sabático;
- a cura de um homem de mão paralisada.

2.1. **O formalismo dos filhos da Lei versus a liberdade dos filhos de Deus.**

A questão da observância do sábado, aqui, aparece numa controvérsia dos fariseus com Jesus e que tem início num fato muito simples e corriqueiro: *Seus discípulos começaram a arrancar espigas, enquanto caminhavam* (Mc 2,23). A partir desse comportamento, Jesus e seus discípulos são acusados, não de furto, o que até certo ponto seria compreensível, mas de não guardar a observância da lei do sábado. É impressionante o poder da cegueira que nasce do formalismo fanático: um fato tão simples - arrancar espigas e debulhá-las - a fim de saciar a fome – transforma-se em colheita e essa em trabalho e o trabalho em violação do sábado.

Jesus, frente à acusação dos fariseus, responde com o episódio em que Davi, face à necessidade sua e dos seus companheiros de saciar a fome, comeram os pães da proposição na casa de Deus – coisa que só aos sacerdotes era permitido. E, então, conclui magistralmente: *“O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado, de sorte que o Filho do homem é senhor até do sábado”* (Mc 2,28).

Os fariseus caíam, assim, no perigo que acompanha tantos homens que querem ser e se consideram pios e justos diante de Deus: a divinização da Lei e a redução legalística de Deus. Com isso, Deus é dissolvido na Lei e deixa de ser o Senhor da Lei. Troca-se o doador pelo dom, o presente pelo invólucro, a semente pela casca. O essencial da Torá, que é o amor de Deus e do próximo, acaba sendo encoberto e esquecido por causa do legalismo. Por isso, acrescenta: *“Se tivésseis compreendido o que significa: ‘É a misericórdia que eu quero, não o sacrifício’, não teríeis condenado esses homens, que não cometeram falta”* (Mt 12,7).

2.2. O filho do homem é senhor do sábado

A segunda parte do dito, esta sim, por sua vez, diz algo inaudito: *“O Filho do Homem é senhor até do sábado”* (Mc 2,28). O Filho do Homem é Jesus (Cf. Mc 2,10). Ele tem autoridade sobre o sábado, por ser o Senhor da Lei, seu doador, princípio e Legislador. Autoridade, não porque tenha o mando de impor ou de impor-se, mas de servir, de salvar e não de condenar. Esse é o ponto central do senhorio de Jesus. Senhor (*Dominus*, de cuja palavra latina nasce “Domingo”), aqui significa, portanto, ser cuidador e protetor da casa (no latim: *domus*), o que, no fundo, coincide com o ser servo, servidor do bem de todos e de tudo que se recolhe na pertença de seu cuidado.

Por isso, Jesus não veio para abolir a Lei e os Profetas, mas para cumpri-la e levá-la à sua perfeição e isso - essa culminância ou consumação - se deu na e pela Cruz, quando, ao dar o último respiro, exclama: *“Tudo está consumado”* (*consummatum est*) (Jo 19,30).

Assim, os cristãos, reconhecendo Cristo como o único Senhor, relativizam tudo, também a lei, principalmente quando essa não estiver em função do bem-estar ou da salvação do homem. É que, com o mistério da Encarnação se processa uma identificação de Deus com o homem, principalmente com o pobre, doente e pecador: *“Tudo o que fizestes a um desses meus pequeninos, foi a mim que o fizestes”* (Mt 25,40). Assim, Jesus, ao dizer que *o Filho do Homem é Senhor também do sábado*, está evocando o nascimento dessa nova ordem (ordenamento, estruturação) ou realidade: todo homem, principalmente, o necessitado, doente ou pecador, passa a ser o “Senhor” do sábado, isto é, superior a toda ordem legal, a todo sistema e a todo *stablishment*.

Por isso, nós cristãos substituímos o sábado pelo Domingo, a Lei pelo Senhor. Esse é o nosso dia de descanso e de oração. Nesse dia, mais do que os frutos da terra, o Senhor Jesus, na sagrada Liturgia, nos dá a comer o pão da Palavra que sai da boca de Deus e até mesmo o seu próprio Corpo, no mistério do pão eucaristizado; mais do que com vinho, fruto da videira e do trabalho do homem, nos alegra com seu próprio sangue, oferecido no mistério do vinho eucaristizado. Assim, seguindo o “Senhor do sábado”, nós podemos entrar na “atmosfera” da festa, da solenidade da graça da liberdade dos filhos de Deus, um prenúncio da festa sem fim, do banquete da misericórdia e do amor na eternidade.

2.3. Humanos de coração seco

A segunda parte da perícopa nos leva, de novo, para uma sinagoga e num sábado. O relato é muito significativo, pois *na sinagoga havia um homem com a mão seca* (Mc 3,1). Os fariseus estão à espreita! Querem ver se Jesus é capaz de fazer uma cura em pleno dia de sábado. Teriam, então, um ótimo argumento para acusá-lo. Jesus, porém, não se intimida com o olhar inquisidor deles. Agindo, até de modo ostensivo, diz ao homem da mão seca: “*Levanta-te e põe-te no meio*” (Mc 3,3). Em seguida, pergunta aos fariseus: “*É permitido no sábado fazer o bem ou fazer o mal? Salvar uma vida ou deixá-la morrer?*” (Mc 3,4). Fazer o bem equivale, aqui, a curar, salvar uma vida, um homem; fazer o mal, pelo contrário, é o mesmo que não curar, deixar morrer, matar.

Ora, o que são a sinagoga senão o lugar e o sábado, o momento para celebrar e promover a vida e não a morte?! Jesus, portanto, em vez de violar o sábado, a lei, estava dando-lhe seu sentido maior, pleno e verdadeiro: a Misericórdia, a Salvação, a Vida.

Jesus, em vez de perguntar-lhes se é permitido trabalhar, pergunta-lhes se é permitido salvar uma vida ou deixá-la morrer. Ora, na Lei estava permitido salvar uma vida. Quando um homem ou um boi ou um burro caía num buraco era permitido fazer o resgate (Cf. Mt 12,11). Toda Lei fora promulgada em vista da salvação do homem, de fazer o bem. A conclusão, em Marcos, é tácita porque é evidente demais. Por isso também, seus adversários, não tendo o que contestar, ficam calados, por sua má vontade.

Jesus então *olhando-os ao redor, com um olhar de cólera, condoendo-se com o endurecimento do coração deles, disse ao homem: “Estende a mão!” Ele a estendeu e a mão ficou em perfeitas condições* (Mc 3,5). Marcos gosta de fazer notar o olhar de Jesus ao redor (3,4; 5,32; 10,23; 11,11). Esse olhar mostra bem a humanidade de Jesus e a natureza de seus sentimentos. Aqui, seus sentimentos são de cólera, por causa da malícia e da astúcia dos fariseus; são, também, de constrição, por causa da dureza de seus corações. A cólera de Jesus é sagrada, santa! É sua última tentativa de converter aqueles fariseus

que preferem salvar a Lei do que tirar da exclusão e da morte um irmão seu. Como em muitas ocasiões, estamos diante de um Jesus muito humano; um homem verdadeiramente humano! São Francisco de Assis, depois, extasiado, exclamará: *Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó humildade sublime! Ó sublimidade humilde! O Senhor do universo, o Deus e o Filho de Deus, assim se humilha!* (CO 27). E assim, também ele, como fiel seguidor de Jesus, tornou-se um homem humano, pleno de ternura e vigor.

Em seguida, Jesus manda o homem de mão seca levantar-se. Ele estava ali, sentado, excluído da comunidade, vivendo de esmolas. Jesus, porém, em vez de dinheiro, oferece-lhe algo bem mais importante. Ao reintegrá-lo à comunidade, oferece-lhe a salvação de todo seu ser. Por isso, ordena-lhe que se levante, isto é, que se ponha na ordem da fé, que dê o salto da entrega a fim de, no poder dessa fé na Palavra de Jesus, ele possa ir para o meio da comunidade e andar sobre suas próprias pernas. Será, então, um homem autônomo, livre, não precisando mais depender das esmolas dos outros.

De contínuo, Jesus ordena ao homem que estenda a mão, isto é, que ele faça sua parte. A graça sempre supõe e exige a natureza, isto é, nossa colaboração. Mas, também, não quer que sejamos arrogantes. Por isso, segundo São João Crisóstomo, deixa ver que nem tudo depende única e exclusivamente de nós (Homilias sobre o Evangelho de Mateus, 82,4).

Também admira que, diferentemente de outras ocasiões, Jesus tenha feito esse milagre sem tocar no homem, apenas com o poder de sua palavra. Assim, não o tocando não podia ser acusado de estar trabalhando. O fato deixa os fariseus ainda mais endurecidos. Saem dali, então, prontos para tramar uma conspiração fatal contra Jesus junto com os herodianos.

Assim e por isso, enquanto a secura da mão daquele homem desapareceu, a secura da mente dos fariseus recrudescer. Por causa disso, o milagre de Jesus em vez de um bem é visto como um delito. Assim, o que para aquele homem fora sua salvação para eles tornou-se condenação, morte.

3. Um tesouro em vasos de argila (2Cor 4,6-11)

Para a segunda leitura desse Domingo, e dos próximos, serão lidos trechos da Segunda Carta de Paulo aos Coríntios. Na perícope de hoje, Paulo fala do tesouro do conhecimento da glória de Deus no rosto de Cristo, carregado por nós *em vasos de argila* (2Cor 4,7): *O Deus que disse: 'Brilhe a luz no meio das trevas' foi o mesmo que brilhou em nossos corações para fazer resplandecer o conhecimento de sua glória que resplandece no rosto de Cristo* (2Cor 4,6). O verbo grego, empregado aqui, é *lampro*, que quer dizer: resplandecer, brilhar, mandar luz, lampejar.

Esse conhecimento do esplendor de Deus no rosto de Cristo é o tesouro

que nos foi dado gratuitamente, por pura bondade Dele. Desse tesouro, portanto, não podemos nos gloriar. Ainda mais porque *nós o carregamos em vasos de argila, para que este poder incomparável seja de Deus e não nosso* (2Cor 4,7). “Em vasos de argila” significa na condição da finitude de nossa humanidade e “criaturalidade” terrena, bem como na condição da fraqueza pessoal que nos acompanha e que nós trazemos conosco dia e noite.

Paulo gosta de apresentar o aspecto paradoxal desse tesouro – o ministério apostólico: *afligidos, mas não vencidos, perseguidos, mas não desamparados, derrubados, mas não aniquilados* (2Cor 4,9). Longe dele pensar ou desejar uma situação ideal, cheia de agrados, recompensas ou sucessos, isenta de adversidades ou perseguições. Seria algo de indigno para um chamado-enviado de Jesus Cristo crucificado.

Ser cristão é, pois, a exemplo de Jesus, tomar nossa finitude e fragilidade não como desgraça, mas como graça.

Conclusão

Quem, hoje, nos dá uma bela visão do novo e sempre antigo significado do sábado é nosso Papa Francisco. Depois de dizer que a participação na Eucaristia é especialmente importante ao Domingo e que, à semelhança do sábado judaico, é um dia propício para cuidar de nossas relações com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo, continua:

O Domingo é o dia da Ressurreição, o «primeiro dia» da nova criação, que tem suas primícias na humanidade ressuscitada do Senhor, garantia da Transfiguração final de toda a realidade criada. Além disso, este dia anuncia «o descanso eterno do homem, em Deus». Assim, a espiritualidade cristã integra o valor do repouso e da festa. O ser humano tende a reduzir o descanso contemplativo ao âmbito do estéril e do inútil, esquecendo que, deste modo, se tira à obra realizada o mais importante: seu significado (LS 237).

E finaliza o Papa:

A lei do repouso semanal impunha abster-se do trabalho no sétimo dia, «para que descansem o teu boi e o teu jumento e tomem fôlego o filho da tua serva e o estrangeiro residente» (Ex 23,12). O repouso é uma ampliação do olhar, que permite voltar a reconhecer os direitos dos outros. Assim o dia de descanso, cujo centro é a Eucaristia, difunde sua luz sobre a semana inteira e encoraja-nos a assumir o cuidado da natureza e dos pobres (LS 237).



10º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Gn 3,9-15; Sl 129; 2Cor 4,13 – 5,1; Mc 3,20-35

Tema-mensagem: Fazer a vontade de Deus, eis o princípio da restauração da união originária e da nova filiação divina.

Introdução

A liturgia de hoje nos convoca a celebrar o princípio que nos leva à restauração de nossa união originária com Deus, conosco mesmos, com os irmãos e com todas as demais criaturas, rompida e perdida por Adão e Eva no paraíso. Princípio, também, da nova filiação divina e da nova família de Deus. Este princípio está em Cristo, o novo Adão, que amou, seguiu e cumpriu a vontade do Pai até à morte e morte de Cruz.

1. Da desobediência originária e suas consequências (Gn 3,9-15)

Quem nos introduz na origem desse mistério é a primeira leitura de hoje, tirada do livro do Gênesis. Nela encontramos o testemunho das consequências do abandono, da fuga do homem de Deus e de si mesmo, iniciada com o pecado primeiro, originário.

1.1. Do rompimento originário

O mencionado trecho faz parte da conhecida história do pecado original. Original porque se apresenta no modo de ser da origem. Origem, porém, não é só começo, mas também e principalmente, o que faz começar; o que continua imperando, governando, comandando em todo o devir, até o seu fim. Assim, em todo o pecado, de todo o homem, está imperando o pecado da origem, o pecado de Adão. Adão, enfim, é todo homem. E todo homem é Adão.

Nossos primeiros pais foram não apenas criados por Deus, *segundo sua imagem* (Gn 1,27), mas também, *abençoados* (Gn 1,28) como tais. *Essa afirmação*, diz o Papa Francisco, *mostra-nos a imensa dignidade da pessoa humana 'que não é somente uma coisa, mas alguém'. É capaz de se conhecer, de se possuir e de, livremente, se dar e entrar em comunhão com outras pessoas ... Cada um de nós é fruto de um enamoramento de Deus. Cada um é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário* (LS 65). Logo em seguida, recorda o Papa que, graças a essa origem, a existência humana se assenta em

três relações fundamentais, ligadas entre si: **Deus, próximo e terra**. Recorda, também que, com o pecado, essas três relações vitais romperam-se e corromperam-se, não apenas exteriormente, mas também dentro de nós. *A harmonia entre o criador, a humanidade e toda a criação, foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas* (Idem 66).

Adão é, pois, aqui, como vimos acima, não apenas um indivíduo, mas o homem todo, a humanidade toda, o nosso humano, que deu e dá as costas para Deus, o Um, o Bem Puro e Simples, nosso Princípio, nossa Origem.

Esse é o pano de fundo sobre o qual se desdobra o diálogo entre Deus e o homem, apresentado nessa primeira leitura de hoje.

1.2. Com o rompimento, a fuga para longe de Deus

Em virtude da consciência dividida e da vergonha, nascidas do rompimento com Deus, sua origem, o homem foge. Foge de si mesmo, do outro e do próprio Criador. Esconde-se e entra em decadência, isto é, perde a cadência, o ritmo de Deus, de sua origem. Perde, também, o ritmo, a cadência das criaturas. Em vez de amigas, companheiras, irmãs (Cf. São Francisco) tornam-se concorrentes e, por vezes, inimigas (Cf. a serpente do paraíso). Entra num ritmo cada vez mais acelerado e exacerbado para o nada vazio, negativo, aniquilador: o arruinamento. Assim, aquilo que era um paraíso torna-se um jardim abandonado quando não um deserto de desolação, sem dono e entregue à própria sorte.

Hoje, o homem cria uma vida humana cada vez mais acelerada e agitada. E, no deserto que ele mesmo institui para si, tem medo e foge de sua própria sombra, de suas próprias pegadas. Assim, sem jovialidade para com a riqueza de sua finitude, foge para um infinito ilusório, sem comunhão com nada e com ninguém: o infinito do produzir e consumir, do cobiçar e conquistar de qualquer jeito e a qualquer custo; do angariar méritos, do obter riquezas, poderes e glórias mundanas, etc. Uma ilusão, um engano, um engodo. Foge da verdade para o entretenimento com o vazio, com o nada, a não verdade. Poderá o homem parar de fugir, entrar na sombra do mistério, e aí assentar-se? Eis o desafio que nos persegue desde nossa queda originária!

1.3. Deus sai em busca do homem

Da fuga do homem, porém, nasce de Deus a busca pelo homem. E, por mais veloz que seja aquela, jamais poderá evadir-se inteiramente do olhar e do alcance de seu Criador. Por isso, logo *depois que Adão comeu da fruta da árvore, o Senhor Deus o chamou: 'Onde estás?'* (Gn 3,9). Porém, mais, ou melhor, antes da acusação de um juiz, a pergunta retrata o apelo de um Pai

para que seu filho perdido retorne à casa paterna; que se desaninhe de seu esconderijo, da auto imputação da culpa, do mero remorso sem verdadeiro arrependimento; que passe do remorso (*attritio*: trituração, desgaste) ao arrependimento (*contritio*: compunção, pesar), do temor servil de Deus à veneração filial que traz consigo o amor ao Pai; enfim, apelo para que ele não se perca no desespero – a doença da morte.

Deus, de fato, não podia ser fiel a si mesmo se não corresse atrás daquele que Ele criara segundo sua imagem e à sua semelhança, para ser seu filho. Ao homem que lhe deu as costas, Deus dá-lhe o semblante de sua alma para que ele volte e fique face a face com Ele.

1.4. A confissão

Mais que uma resposta objetiva, Deus está buscando o retorno do filho e a correspondência amorosa dele. Por isso, em vez de gritos ou ruídos estrepitosos, a voz de sua pergunta *é a voz de um silêncio semelhante ao sopro de uma brisa* (Cf. 1Rs 19,12). Por isso, também, ao enfrentar essa voz que pergunta, emerge de Adão – do homem que somos todos nós – uma resposta que é uma verdadeira *confissão*: ‘*eu me escondi!*’ E quando isso acontece, diz um mestre judaico, Martin Buber, inicia o caminho do homem (Cf. a estória contada por Buber em seu livro *O caminho do homem*).

Santo Agostinho bem entendeu isso. Por isso, em suas “Confissões”, o conhecimento se torna confissão: re-conhecimento da miséria da própria vida vivida como fuga, sim, mas, também re-conhecimento e louvor do Deus misericordioso que vai ao encontro do homem. A confissão, assim, tem o sentido de começo do retorno para o mistério de sua origem.

A história do pecado, porém, não podia acabar com o homem, muito menos com seu afastamento de Deus. Deus não podia ser vencido, derrotado em seu desígnio. Era preciso que Adão – isto é, cada um de nós - retornasse a si mesmo e se pusesse face a face com a graciosa e misericordiosa presença de Deus.

2. Jesus, o novo e último Adão (Mc 3,20-35)

As consequências do rompimento do homem com sua origem aparecem no Evangelho de hoje.

2.1. Os verdadeiros divididos e possuídos pela loucura e pelo demônio

A cena apresenta uma linha divisória muito nítida. De um lado, Jesus rodeado com seus discípulos e a multidão que o procura, sequiosa de suas palavras e curas. De outro lado, os familiares que o buscam para *agarrá-lo*

porque diziam que estava louco (Mc 3,21) e os fariseus que o acusavam de estar possuído por Belzebu, e que pelo príncipe dos demônios é que ele estava expulsando os demônios (Mc 3,22). O contraste é muito claro e radical: enquanto os primeiros o acolhem, os demais o rejeitam, acusando-o de louco e endemoniado. A questão é: quem é realmente louco e possuído por demônios: os primeiros (Jesus e a multidão) ou os outros (os familiares e os fariseus)?

Evidentemente, o julgamento dos familiares é menos culpável do que o dos fariseus. Aqueles eram ignorantes. Estes eram instruídos. A rejeição daqueles é natural. A blasfêmia desses é proposital, de caso pensado e estudado. Tinham descido de Jerusalém só para isso, só para acusar: “*Ele tem Belzebu em si*” e: “*É pelo chefe dos demônios que ele expulsa os demônios!*” (Mc 3,22).

A acusação que pesa contra Jesus não é o fato Dele estar expulsando demônios, mas de Ele ter recebido esse poder do príncipe dos demônios, isto é, Satanás, nome mais comum para o Adversário, o anti-Deus, o pseudo-Deus, opositor do reinado de Deus (Cf. Mc 1,13).

A resposta de Jesus vem em forma de parábolas: Como é que Satanás pode expulsar Satanás? Se um reino, uma família, uma casa, uma pessoa está dividida contra si mesma, esse reino, etc. não pode manter-se. E se Satanás se levantou contra si mesmo, e está dividido, não pode subsistir: acabou consigo mesmo! (Mc 3,23b-26). Assim, se o reino demoníaco estiver dividido, se agir contra si mesmo, libertando de seus próprios poderes maléficos os homens que lhe estão sujeitos, então está acabado. Fica clara, assim, a insensatez da acusação dos escribas e sua obstinação.

2.2. O homem mais forte, Jesus

E Jesus segue: “*Mas, ninguém pode entrar na casa do homem forte e saquear seus bens, sem ter primeiro amarrado o homem forte; então saqueará sua casa*” (Mc 3, 27). Em termos comparativos, o “homem forte” significa Satanás, o príncipe dos demônios, o opositor de Deus e de seu reino. Os “bens”, que estão em seu poder, devido à escravidão do pecado, são os homens. Jesus é, pois, o homem mais forte do que o homem forte. É Aquele que veio para dismantelar o reino do Adversário, o mentiroso e pai da mentira, e seus comparsas, os espíritos da inverdade dos vícios, do ódio, da soberba, da injustiça e da violência, para, assim, poder expandir o reino de Deus nascido da Cruz: reino da verdade, do amor e da misericórdia, da justiça e da paz.

Jesus distingue a blasfêmia dirigida contra Ele e a blasfêmia dirigida contra o Espírito Santo. Contra Ele é desculpável, pois, embora sendo Filho de Deus, Ele mesmo escolheu apresentar-se como um simples homem, um

mortal entre os outros, um *nazareno*. Por isso, o escândalo em relação a Jesus era perdoável, desde que o homem dele se arrependesse. Os que pecam por malícia proposital, diabólica, porém, barram para si mesmos o caminho do perdão e da penitência. O que está em questão aqui é o homem que, pela dureza de seu coração, permanece fechado, na impenitência e, assim, entesoura para si ira sobre ira (Cf. Rm 2,5).

É pelo Espírito Santo que se perdoam os pecados. Ora, se o homem, vendo o bem – que só pode vir de Deus - permanece de coração empedernido na impenitência, isto é: insistindo que aquele bem é um mal, ele se volta contra o Espírito Santo, fonte do perdão; permanece, assim, imperdoável. Se o doente, gravemente enfermo, teima conscientemente em não tomar o remédio, que poderia devolver-lhe a saúde, está irremediavelmente perdido, condenado à morte por própria culpa. Não tem saída. Ninguém poderá salvá-lo. Mas, caso o pecador se arrependa e faça penitência, será perdoado e encontrará a salvação. Com efeito, o texto não sugere que a blasfêmia contra o Espírito Santo torne impossível o arrependimento conforme diz Santo Agostinho – no Sermão 71, n. 35.

A maldade dos escribas consistia em atribuir a Satanás o que era obra do Espírito Santo. Seu erro não podia ser mais grave! Satanás pretende render a vontade humana para levá-la à desobediência e ao desamor para com Deus, seu Criador, o Pai. O Espírito Santo faz o contrário: nos liberta para tornar-nos verdadeiramente filhos de Deus Pai e por-nos em união com Ele, na obediência e na liberdade de filhos. Como podiam os escribas, vendo as obras que Jesus fazia, atribuir a Satanás o que claramente era obra do Espírito Santo?! Deviam estar mesmo muito cegos em sua malícia!

Jesus é o novo e o último Adão, que vence a *serpente antiga, que se chamou de diabo (o que divide) e Satanás (o adversário)* (Ap. 20,2). Ele a vence não só com sua Ressurreição, o que é mais fácil de ver, mas também e antes de tudo com sua obediência amorosa ao Pai, na Cruz. *A fraqueza de Deus é mais forte do que os homens* (1Cor 1,25). Ali, o Maligno parecia triunfar. No entanto, justamente ali, onde ele parecia mais forte do que Jesus, é que ele foi vencido. Mas, ao morrer, inocente, Jesus pagava, com seu sangue, a morte e a redenção dos pecadores, libertando-os e reconciliando-os com Deus Pai. Assim, esses, de inimigos, tornavam-se amigos de Deus. E era como homem, em sua fraqueza, que Jesus Cristo morria. A serpente que outrora vencera o homem era agora vencida pelo homem. Ela que outrora atara e aprisionara os homens, era agora atada e aprisionada por um homem, o Filho amado do Pai que, sendo Deus, se esvaziou de sua glória, se rebaixou a servo dos homens e, assim, os libertou.

2.3. Os verdadeiros familiares de Jesus

Em seguida, entra em jogo, de novo, a parentela de Jesus que, através da multidão que o rodeava, manda chamá-lo.

A suspeita de loucura impele até Ele Maria e seus parentes mais próximos. Maria, certamente, só pode ser movida por amor e piedade. Mas, e os demais? Respeito? Ficam do lado de fora por causa disso, ou por que não creem Nele? No Evangelho de João, salienta-se a falta de fé dos *irmãos de Jesus* (Cf. Jo 7,1-10). Vem, então a surpreendente atitude e resposta de Jesus: “*Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?*” E, percorrendo com o olhar os que estavam sentados em círculo à sua volta, disse: “*Eis minha mãe e meus irmãos. Todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã, minha mãe*” (Mc 3,31-35).

Humanamente falando, a resposta de Jesus é muito dura, chocante e incompreensível. Como pode um filho, um irmão falar desse jeito com sua mãe e seus familiares!? A resposta, porém, é muito clara: o Reino de Deus, o novo Povo de Deus, as novas relações humanas, principalmente para aqueles que querem segui-Lo, estão para além dos vínculos de parentesco, de sangue e de familiaridade. Para além não significa “fora”, mas na raiz, na origem. Ele, Jesus, que fez a vontade do Pai até à morte e morte de Cruz, passa a ser o novo e único vínculo que, de fato, aproxima e une as pessoas de modo direto e imediato. Todo relacionamento com os outros, familiares ou estranhos, amigos ou inimigos, passa pela mediação do relacionamento com Cristo.

Mas, por que fazer a vontade de Deus é algo tão grande e poderoso a ponto de nos transformar em filhos de Deus? Vontade, aqui significa um querer bom, gratuito, misericordioso, generoso, livre, como o é o querer de Deus, a Bondade pura e fontal, testemunhado ao longo de toda a História da Salvação. E é justamente este o novo caminho que Jesus abriu de graça para todos os homens chegarem ao Pai.

Ao perguntar “quem é minha mãe?”, Jesus não estava renegando-a. Estava mostrando que o parentesco natural, carnal, nada vale para o Reino de Deus. Para esse, mais que a consanguinidade carnal, o que deve valer é o parentesco espiritual. Maria era bem-aventurada por causa de sua fé, não por ter concebido Jesus em seu seio. Aliás, foi por ter escutado a Palavra na obediência da fé, em seu coração, que ela veio a conceber Jesus em seu ventre. Ela foi mais feliz por levar Cristo em seu coração do que em sua carne (Santo Agostinho, Sobre a Virgindade, 3). Ela fez a vontade do Pai. É isso que Jesus louva nela.

3. A vontade de Deus nos Apóstolos e demais seguidores de Jesus (2Cor 4,13-18; 5,1)

No trecho de sua Carta aos Coríntios, proclamado hoje, Paulo aprofunda a razão pela qual ele e demais Apóstolos aceitam alegremente o paradoxo de seu ministério: *atribulados, mas não vencidos... perseguidos, mas não desamparados ... derrubados, mas não aniquilados...* (2Cor 4,8-9). Qual, então a razão que os sustenta no meio de tanta tribulação? *O mesmo espírito*, responde ele. E qual é este espírito senão o da fé que nos leva à certeza de que *Aquele que ressuscitou Jesus nos ressuscitará também com Ele e nos colocará ao seu lado, juntamente convosco* (2Cor 4,14)?

Crer é fundar a própria existência na verdade do mistério, isto é, na obra, na operação misericordiosa de Deus, revelada e atualizada em Cristo e por Cristo: *“Pai nas tuas mãos eu entrego meu espírito”* (Lc 23,46). Eis a vontade de Deus, a boa vontade, o bem-querer, a *obediência perfeita e caritativa* (São Francisco, Adm 3) que renova tudo, que faz surgir uma nova criação, um novo Adão, um novo céu e uma nova terra. Eis a razão pela qual Paulo exclama: *Por isso, não desanimamos!* (2Cor 4,16).

Na segunda parte desse trecho, Paulo explica o que então acontece quando se começa a seguir o caminho da vontade de Deus: *Mas se, em nós, o homem exterior se encaminha para a ruína, o homem interior se renova dia a dia. Pois, nossas tribulações de um momento são leves com relação ao peso extraordinário de glória eterna que nos preparam* (2 Cor 4,16b-17).

“Homem interior”, significa, aqui, o novo humano, o filho de Deus, que começou a nascer em cada pessoa com a graça do encontro misericordioso com Jesus Cristo que vem a nós na pobreza e fragilidade de nossa condição humana.

Por isso, dentro dessa dinâmica, Paulo termina convocando o crente a voltar-se para o Último, o Definitivo: *pois, sabemos que, se nossa morada terrestre, que não passa de uma tenda, vem a destruir-se, nós temos um edifício, obra de Deus, uma morada eterna nos céus que não é feita por mãos de homem* (2 Cor 5,1).

Conclusão

Por tudo isso, longe de nós pensar a vontade de Deus em termos de ordens, semelhantes a tarefas impostas ou exigidas por um superior a seus súditos.

Segundo São Paulo, vontade de Deus é seu desígnio, seu desejo, seu amor mais profundo (Cf. Ef 1,9-10) e, segundo São Francisco, a Paixão Dele: desejo de reunir em seu Filho muito amado todos os homens, toda criação e toda

História. Assim, vontade de Deus é a própria pessoa de Jesus Cristo, com todo seu mistério e ministério. Já em sua Encarnação proclama que Ele vinha para fazer a vontade do Pai e, na Cruz, termina exclamando: “*Nas tuas mãos, ó Pai, entrego meu espírito*”. Deste modo, fazer a vontade de Deus, segundo São Francisco é, sem mais e nem menos, seguir os mesmos passos de Jesus, observando seu Evangelho (Cf. RNB Pró). Eis o caminho alegre e feliz, a penitência que nos reconduz para a reconquista do paraíso perdido, para a reconstrução da união quebrada com nossa origem, com Deus, conosco mesmos e com as criaturas!



11º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Ez 17,22-24; Sl 91; 2Cor 5,6-10; Mc 4,26-34

Tema-mensagem: O mistério da germinação e do crescimento do Reino de Deus é como o vigor e a fecundidade da semente quando lançada na terra.

Introdução

Celebramos, neste Domingo, o mistério da germinação e do crescimento do Reino de Deus no mundo e na história e em meio às vicissitudes humanas. Para conduzir-nos para a proximidade deste mistério Jesus fala do vigor da semente e do grão de mostarda quando lançados na terra.

1. O Reino de Deus é como o mistério da terra e da semente (Mc 4, 26-34)

Começemos com o Evangelho da semente.

1.1. A semente na terra e com a terra

Para compreender seu Reino, diz Jesus, é preciso concentrar-se no **como** ele se dá. “Como” aqui, indica o modo, o espírito, o ânimo. E o modo, ou espírito, que move o Reino de Deus, diz Jesus, é semelhante ao ânimo da semente lançada na terra. Não é difícil perceber na semente lançada na terra todo um mistério cheio de vigor, esperança e fê; um processo ininterrupto e repetitivo de morte e vida, vida e morte. Morrer para nascer, crescer, florescer, dar fruto; e, a partir daí, morrer de novo, para nascer de novo; vida que vem da morte, morte que serve à vida. Vida e morte como dois momentos do mesmo mistério. Assim como um pássaro não pode voar com uma asa só, do mesmo modo, o destino da semente só se cumpre conjugando estes dois verbos: morrer-viver. Eis o “como”, a alma, o espírito, a Lei da Terra. Daí o dito: *“se o grão de trigo lançado à terra não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto”* (Jo 12,24). A semente “morta”, enterrada, traz consigo a força da vida nova. Por isso, com muita propriedade, São Francisco chamava a Terra de “nossa irmã e nossa mãe”. Eis o modo, o como se dá a germinação e o crescimento do Reino dos Céus, introduzido por Cristo no meio dos homens e de sua história.

1.2. Semear: um ato de fé e de esperança

Ora, esta semente, de que fala Jesus, é, em primeiro lugar, Ele mesmo, o *Logos* (a Palavra) eterno (a) e o Pai é o seu primeiro semeador e a terra, o coração dos homens, é o seminário, isto é, a sementeira do Pai.

Com a Encarnação, por sua vez, além de *Logos*, semente, Jesus se torna também seu semeador; um semeador que, por sua semente, dá tudo, toda sua vida, até a morte e morte de Cruz. Nesse evento se revela como Ele amou a Terra dos homens e os homens da Terra; o quanto Ele acreditou, botou fé nesta Terra!

Feito o anúncio da parábola, Jesus diz: “*Quer o homem durma, quer esteja levantado...*” (Mc 4,27). Segundo o próprio Evangelho, o dormir do homem evoca a morte do Salvador e o levantar, o seu ressuscitar. Assim, com sua morte e Ressurreição a semente de seu anúncio, de seu Evangelho, germinou e cresceu mais e mais, na prosperidade e na adversidade. É o paradoxo da vida que nasce da morte, da Ressurreição que nasce da Cruz.

A seguir ouvimos: “*de noite e de dia, a semente germina e cresce, sem que ele saiba como*” (Mc 4,27). Isso revela a grande e paciente generosidade da semente que germina e cresce na prosperidade e na adversidade, na tranquilidade e na perseguição, na consolação e nas tentações; a palavra de Cristo germina e cresce, floresce e frutifica em nós sem que saibamos como. Às vezes uma palavra aparentemente cheia de ódio, pode redundar e repercutir num ato de amor e de perdão. É o mistério da grandeza, da magnanimidade, da nobreza do Reino de Deus em nós.

Diz ainda Jesus: “*A terra produz por si mesma primeiro a erva, depois a espiga, por fim, a espiga cheia de trigo*” (Mc 4,28). Se antes a parábola apontava para a paciente generosidade da semente, agora revela a abundância de sua gratuidade. Ou seja, Jesus Cristo confia sua palavra de graça e de vida a nós, à nossa liberdade. De nossa parte apenas espera e confia em nossa boa vontade; que possamos deixar sua palavra germinar, crescer, florescer e frutificar em nós, a partir de nós mesmos, do âmago de nossa liberdade. Já diziam os antigos: *Gratia supponit naturam*, isto é, na terra da natureza é que cresce a graça. Por vezes, uma palavra ouvida nos primeiros anos de nossa existência só vai ecoar e produzir seu efeito nos últimos anos de nossa vida.

Os padres da Igreja leem nessa passagem do Evangelho uma mensagem a respeito do crescimento humano. Assim São Gregório (Homilias sobre Ezequiel, 2, 3, 5) diz que quando concebemos bons desejos, lançamos a semente na terra. Quando começamos praticar o bem, somos a erva que germina. Quando progredimos nas boas obras, crescemos e viramos espigas. Quando ficamos firmes em pôr em obra o bem com perfeição, somos os grãos maduros. Ele ainda vê na semente que germina e cresce por si, sem que o homem se aperceba, uma imagem do dinamismo da graça no coração humano. A virtude

da semente leva-a a, naturalmente, caminhar para a perfeição. Assim também a alma do homem, com a força da graça, se levanta e tende para a perfeição do operar bem. Já Tertuliano (em “O véu das virgens”, 1, 5-7) lê em tudo isso uma mensagem a respeito do crescimento da justiça na história humana. Primeiro, tivemos os tempos rudes e rudimentares, em que o homem se encontrava com Deus na natureza; depois, veio o tempo da Lei e dos Profetas (Antigo Testamento); em seguida, a justiça revelou-se na juventude e jovialidade do Evangelho; e, por fim, a justiça se tornou madura como grão pronto para a colheita, graças à obra do Espírito Santo.

1.3. O grão de mostarda: a semente e sua excelência

Na transição entre uma passagem e outra nós vemos Jesus perguntar: “*Com que compararemos o reino de Deus ou em que parábola o representaremos?*” (Mc 4,30). Orígenes vê nisso uma diferença entre semelhança e parábola. Para ele, a semelhança é um gênero. A parábola é mais específica. A parábola seria uma espécie de semelhança. Toda a parábola é um discurso que fala por meio de semelhanças. Mas, nem todo o discurso que expõe uma semelhança é uma parábola.

Se a parábola anterior falava da fecundidade da semente do Evangelho, a que vem a seguir – a do grão de mostarda – fala da sua excelência e nobreza: “*a menor de todas as semente do mundo... uma vez semeada, cresce e se torna a maior de todas as hortaliças e dá grandes ramos, de tal forma que, à sua sombra, os pássaros do céu podem fazer seus ninhos*” (Mc 4, 30-32).

A palavra do Evangelho é, na verdade, pequenina como pequenino e pobre é Aquele que a anunciava: um simples nazareno, filho de José e de Maria, que todo o mundo conhecia, isto é, igual a qualquer um de nós. Um “zé-ninguém”, diríamos nós, hoje, tão pequeno, tão humilde, na sua “ninguendade”, que causou espanto quando a força de sua palavra e gestos eclodiu para a Terra dos homens, e cresceu face ao mundo estupefato. Pequeno é também o grupo de homens que Jesus congregou ao seu redor *para estarem com ele e para enviá-los a anunciar a Boa Nova do Reino*; homens pescadores do mar da Galileia, um país e uma paisagem esquecidos da terra, longe dos grandes centros do poder e da fama (Mc 3,14). Cada um deles também era um “zé-ninguém”... Um nada! Poucos no número, pequenos na humildade de sua origem: quatro pescadores (Mc 1,16-20), mais alguns pecadores públicos, como Levi (Mc 2,13-17). Pequenos, também, em virtudes, pois viviam se bicando, querendo, cada um competir e ser maior que o outro. Enfim, trata-se de um *pequeno rebanho* (Cf. Lc 12,32). E, no entanto, através deste pequeno grupo, a palavra do Evangelho se difundiu por toda a terra, sendo anunciada aos humanos de todos os povos do universo. O grão de mostarda cresceu e produziu inúmeros e frondosos ramos. Como dirá Paulo: *Mas, o que é loucura no mundo, Deus o*

escolheu para confundir os sábios; o que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; aquilo que no mundo é vil e desprezado, o nada, Deus o escolheu para reduzir a nada o que é, a fim de que nenhuma criatura possa orgulhar-se diante de Deus (1Cor 1,27-29).

Mas, o que mais importa nessa parábola é o contraste entre a pequenez da semente, quando escondida no chão e engolida pela terra, e a amplitude da planta, quando se ergue ao céu. Assim é o vigor escondido do Reino de Deus, da Cruz que age em segredo no coração dos que O acolhem e seguem sua Mensagem.

Com a parábola do grão de mostarda, cujo sabor é afiado e mordente, Jesus quer nos ensinar, também, que assim é sua palavra: uma espécie de espada de dois gumes, capaz de perfurar os corações empedernidos até as articulações mais profundas da alma e do espírito (Cf. DE Pró). Além do mais, dessa semente, isto é, dessa palavra nasce uma árvore – que aqui representa a Igreja – cujos ramos se estendem sobre todo o globo terrestre. Nas sombras dessa árvore vêm os povos, se aninham as almas sublimes e os anjos de Deus, dizia Santo Atanásio (Fragmentos, 7,2). Já são Pedro Crisólogo, ao pensar no destino do grão de mostarda, entrevia a história do Reino de Deus: ele foi semeado na terra desde os primórdios, enraizou-se com os patriarcas, nasceu com os profetas, cresceu com os Apóstolos e se fez grande árvore com a Igreja (Homilia 98,3.5.6).

2. De uma velha árvore um rebento novo (Ez 17,22-24)

À luz da conclusão do Evangelho, a primeira leitura de hoje, tirada do livro de Ezequiel, ganha uma significação mais plena.

Nela se pode sentir a preocupação do profeta pelo momento histórico de seu Povo: o tempo tenebroso do exílio babilônico. Parecia ser o fim do Reino de Judá. Onde tinha ido parar a aliança de Deus com Davi e com sua descendência, perguntavam, desolados, os judeus daquele tempo!? É então que entra a voz profética de Ezequiel: *Assim, diz o Senhor Deus: 'Eu mesmo tirarei um galho da copa do cedro, do mais alto dos seus ramos arrancarei um broto e o plantarei sobre um monte alto e elevado!'* (Ez 17,22).

Muito presente na cultura dos povos antigos do oriente, o cedro, por causa de sua exuberância, sempre foi considerado, também entre os israelitas, como símbolo da grandeza, da nobreza, da força, da perenidade e, principalmente, da incorruptibilidade. Por isso, diz Orígenes: *O cedro jamais apodrece: fazer de cedro as vigas de nossas moradas é preservar a alma da corrupção.* Por isso, também, sempre foi considerado um símbolo da imortalidade⁴⁶.

⁴⁶ Cf. *Dicionário de Símbolos*, José Olympio Editora, pág. 217.

Assim, com essa alegoria, Ezequiel faz o anúncio da esperança da restauração e da continuidade da promessa de Jahvé, pois Ele mesmo é quem ocupa o posto de rei de Israel. Os reis humanos são apenas seus representantes. Por isso, Ele mesmo é quem vai arrancar um broto de uma árvore já velha, para plantá-lo no monte Sião. É o famoso “resto” de Jahvé (Is 10,22) e do “broto da raiz de Jessé” (Is 11,1), de Jeremias, que servirão como princípio de um novo Israel, de um novo Povo de Deus. Desse broto novo da velha árvore surgirá um grande povo – de proporções universais. Os povos da terra virão a ele como as aves do céu vêm se reunir à sombra de uma grande árvore.

O restabelecimento da dinastia davídica, porém, não se deu a modo de um reino político, do poder do mando e da dominação, mas no não-poder da Cruz. Jesus Cristo é o broto novo da velha árvore de Israel, plantado sobre o monte Calvário, em Jerusalém. Ele, o Crucificado, revelou-se, para todos os povos da terra como a árvore da vida, plantada no meio do paraíso.

Dentre os que mais levaram a peito essa mensagem essencial para o Cristianismo se encontra São Francisco. Ele costumava dizer: *A Ordem e a Vida dos Frades Menores é um pequeno rebanho, que o Filho de Deus pediu a seu Pai celeste nestes últimos tempos, dizendo: ‘Pai, eu queria que me constituíesses e me desses um povo novo e humilde nestes últimos tempos, que fosse diferente na humildade e na pobreza de todos os outros que o precederam e fosse contente de possuir só a mim’*. E o Pai disse a seu dileto Filho: *‘Filho, foi feito o que pediste’* (Compilação de Assis, 101). Por isso, depois, ao escolher o nome de sua Ordem, disse o Santo: *“Quero que esta Fraternidade seja chamada de Ordem dos Irmãos Menores”* (1C 38). Ela foi chamada e constituída para ser, na Igreja e para a Igreja, o fermento de um povo pobre e humilde de seguidores do Cristo pobre e Crucificado.

3. A boa vontade como confiança escatológica (2Cor 5,6-10)

Na segunda leitura, tirada da segunda Carta de São Paulo aos Coríntios, encontramos uma mensagem escatológica que, de certa forma, se relaciona com a mensagem do Evangelho da Missa de hoje quando, na parábola da semente, faz referência à foice que ceifa a espiga madura.

A mensagem de Paulo é muito clara e insistente. Por duas vezes repete: *Estamos sempre cheios de confiança* (2Cor 5,6 e 8). Confiança, aqui, é a boa vontade, a coragem e a cordialidade que a graça de Deus insufla e derrama no ânimo de Paulo.

Paulo afirma estar pleno dessa confiança, *apesar de saber que, enquanto habitamos neste corpo* (2Cor 5,6) corruptível, que ainda não é o corpo da Ressurreição, *estamos fora da nossa morada, longe do Senhor, pois nós ca-*

minhamos pela fé, não pela visão (2Cor 5,6-7). Essas palavras de Paulo nos evocam as palavras que São Francisco quis que fossem escritas na Regra: que, como peregrinos e forasteiros neste mundo, os irmãos servissem ao Senhor Deus (Cf. Atos 28). É como peregrinos, isto é, homens viandantes, em passagem, que seguimos Cristo. Somos forasteiros no mundo, pois nossa Terra Natal, nossa Terra Mãe, está no Reino de Deus, no Reino da Jovialidade e da Cordialidade divina, que ainda nos está velado e retraído, e que só se nos doa aqui e agora em mistério, em enigmas, na fé e na esperança, não na visão clara. Por isso, a cada dia, oramos: *Venha o teu reino.* São Francisco, ao comentar esta prece do Pai Nosso, diz: *para que Tu reines em nós pela graça e nos faça chegar ao teu Reino onde manifesta é a visão de ti, perfeita a dileção, bem-aventurada a comunhão e sempiterna a fruição* (PPN 4).

Essa confiança que se transforma em esperança escatológica, anima o Apóstolo. Por isso, para ele, o decisivo não é a vida ou a morte mas, agradar o Senhor (Cf. 2Cor 5,9). Na Carta aos Filipenses escreverá: *Cristo será exaltado em meu corpo, seja por minha vida, seja por minha morte. Pois, para mim viver é Cristo, e morrer um ganho* (Fl 1,20).

Conclusão

Além de outras, duas conclusões poderíamos meditar nesse Domingo. Ambas muito caras a São Francisco.

Os últimos papas, desde João XXIII, mas principalmente hoje, o Papa Francisco vem apontando São Francisco como modelo e exemplo de renovação e reconstrução de uma Igreja mais fiel às suas origens. Há na vida desse santo uma passagem que se assemelha muito às leituras da Liturgia desse Domingo e que podem ajudar a renovar nosso espírito em nós mesmos e em nossa evangelização. Dizia ele, bem no começo da Ordem, quando o número de frades era de apenas seis: *Não temais por serdes poucos e parecerdes ignorantes, mas com segurança anunciai com simplicidade a penitência, confiando no Senhor que venceu o mundo... Não tenhais medo, porque não após muito tempo virão a nós muitos sábios e nobres e conosco estarão pregando aos reis e príncipes e a muitos povos. Em verdade, muitos se converterão ao Senhor, que multiplicará e aumentará sua família por todo o mundo* (LTC 36).

A segunda conclusão se refere à marca mais sagrada que Deus imprimiu em nossa mente e gravou em nossos corações: a boa vontade. Ouçamos o que diz a esse respeito Frei Harada:

De repente, levamos um susto! A boa vontade, o bem-querer, esse ato tão insignificante, tão passageiro e momentâneo, ‘algo’

tão pequenino como semente de mostarda, revela-se como o elemento básico, principal da Vida, que contém em si o mesmo modo de ser do Deus de Amor, criador do universo. É, por assim dizer, uma minúscula, micro-explosão atômica do abissal, onipotente, onisciente e onipresente vigor do Deus de Amor. ...E nós, cada um de nós, em cada um dos atos da boa vontade – por mínimo e insignificante que ele seja – participamos em todos os afazeres e em todas as vicissitudes do nosso viver cotidiano, da imensidão e profundidade abissal desse poder do Amor de Deus; com Ele colaboramos, nele e através dele atuamos na dinâmica da boa vontade no universo.



12º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Jó 38,1.8-11; Sl 106; 2Cor 5,14-17; Mc 4,35-41

Tema-mensagem: o vigor da fé em meio ao sofrimento.

Introdução

Marcos conclui o capítulo das parábolas (Mc 4,1-34) com o conhecido milagre da tempestade acalmada. Se antes eram as forças diabólicas que obedeciam a Jesus, agora são as forças da natureza. Uma grande pergunta surge, então, no coração dos discípulos de ontem, de hoje e de sempre: *Quem é esse Jesus?*

1. A presença velada de Deus junto ao sofredor (Jó 38,1.8-11)

A escolha desse trecho do grande sofredor Jó, como primeira leitura para este Domingo, tem, evidentemente, o objetivo de ajudar-nos a compreender quem é Jesus. Estamos diante de um homem de Deus, dos mais emblemáticos do Antigo Testamento, um homem que age e sofre diante de Deus, uma figura que, certamente, só é superada pela do Servo sofredor de Isaias (Is 52.13-53.12).

Jó nunca cometera uma injustiça sequer. *Por que então Deus se afastou de mim?* pergunta ele. Assim, em dado momento, profundamente revoltado, aniquilado, confuso e indefeso, não se contém. Abre a boca, toma a palavra e, num grande discurso, amaldiçoa o dia em que nasceu (Jó 3). *Se Deus é justo, que se explique: como pode condenar um justo a tantos sofrimentos?* Pouco adiantaram os conselhos dos amigos. Foi então que Deus, *respondendo do meio da tempestade, disse: 'Quem fechou o mar com portas, quando ele jorrou com ímpeto do seio materno?'*... (Jó 38,1).

Assim como Deus cuida do mar, fechando-o com portas, dando-lhe as nuvens como vestes, nevoas como faixas e marcando seus limites e colocando-o dentro de portas e de trancas, com todo o cuidado e acalento, do mesmo modo ele cuida de sua criatura humana, sempre, mesmo ali, ou melhor, muito mais ali, onde o homem experimenta sua vida como absurdo. Deus está acima de todo o sentido e de todo o sem-sentido e absurdo da vida humana. Ele não cabe nem no sentido nem no absurdo. Antes, ele os funde a ambos. E ele supera a ambos. Na fé, o homem se confia a esse Deus, que constitui o supra-sentido de sua vida, na sua luminosidade e na sua sombra, em sua ventura e em sua desventura. Sua presença está vigente não só ali onde ele nos parece presente com sua graça e consolação, mas também ali onde ele nos parece ausente na

desolação. É então que ele nos está mais próximo, embora nós tenhamos dificuldade de reconhecer essa presença velada, latente. A ausência de Deus é outra forma de sua presença. Sua distância, outra forma de sua proximidade.

O homem costuma sofrer com o sofrimento. Mas não costuma sofrer o sofrimento, isto é, não costuma deixar que o sofrimento suportado o transforme, de modo libertador e humanizador. A experiência do sofrimento humano, porém, ganhou outra configuração com a Cruz de Cristo:

Através da experiência da cruz o homem aprendeu a ver o sofrer de outro modo. Sempre houve sofrimento, mas ele não era sofrido. Só com o sofrer divino o homem aprendeu a captar o sofrimento como figura fundamental do ser-homem: o homem que sofre tem um direito infinito, sua figura é intocável, nem repreensão nem acusação, nem boas palavras e exortações, nem louvação e recompensa nem meras ajudas técnicas são de valia para ele. O sofredor perdeu algo de irreparável, a pátria, os seus, o sentido. Caso nele a dor se transforme em sofrer, então ele se torna um indivíduo infinito, que não é alcançado por nada mais. O sofredor tem um direito absoluto. Rente a ele não passa nenhum caminho. Nele se torna presente o ser-homem e a humanidade. Nisso reside seu serviço, sua oferenda, sua tarefa: sofrer como experiência da infinitude e ajudar como um suportar estar junto. Nessa figura em que co-pertencem sofrer e suportar-junto, as existências individuais crescem para fora e para além de si⁴⁷.

2. Jesus, uma presença oculta e salvadora (Mc 4,35-41)

O Evangelho de hoje apresenta-nos a história da tempestade acalmada. Este episódio do Evangelho termina com a pergunta que dá o tom a todo o Evangelho de São Marcos: “Quem é este homem?...”. Quem será este que age como o Senhor do vento e do mar? Hoje poderíamos formular esta pergunta assim: Quem é este que é Senhor do espírito de nossa época e da instabilidade do mundo, da tempestade de nosso tempo, em que, não raro, nos sentimos como que prestes a sucumbir?

2.1. Os discípulos levaram Jesus consigo na barca

O anúncio da Boa Nova de hoje começa assim: *Ao cair da tarde, Jesus disse aos seus discípulos: “Vamos para a outra margem”* (Mc 4,35).

47 Rombach, H. *Leben des Geistes. Ein Buch der Bilder zur Fundamentalgeschichte der Menschheit*. Freiburg / Basel / Wien: Herder, 1977, p. 146.

Ao cair da tarde, isso é, ao declinar do tempo, do dia do Senhor, começa o tempo, o dia, ou melhor, a noite dos discípulos, da Igreja, da barca que precisa atravessar o mar da história para a outra margem, a margem da Vida eterna, para o porto do Reino de Deus. A iniciativa dessa travessia, à noite, porém, se dá não a partir dos discípulos, mas no vigor da ordem do Mestre e Senhor; vigor do anúncio da Boa Nova que ardia no coração Daquele que fora proclamado “Filho muito querido do Pai”; um ardor que não pode sujeitar-se ao medo da escuridão da noite, nem do perigo das tempestades e do mar. Trata-se, enfim, do ardor do “Deus em saída” que arde no coração de Jesus Cristo e que deve começar a arder no coração dos discípulos, da Igreja, sem o qual não há nenhuma travessia, nenhuma evangelização.

Em meio à pandemia da COVID-19, num momento de sofrimento planetário, em 27 de março de 2020, numa especial bênção *Urbi et Orbi* (à cidade de Roma e a toda a Terra), o Papa Francisco escolheu o trecho do Evangelho de hoje para convidar ao recolhimento e à meditação. Na vazia praça de São Pedro, caía uma chuvinha fina. Entardecia. E o Papa quis refletir, não só com os católicos, mas com os cristãos e todos os homens de boa vontade da Terra, sobre as palavras do Evangelho de hoje:

Ao entardecer... (Mc 4,35): assim começa o Evangelho, que ouvimos. Desde há semanas que parece o entardecer, parece cair a noite. Densas trevas cobriram nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se de nossas vidas, enchendo tudo com um silêncio ensurdecedor e de um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: pressente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares! Encontramo-nos temerosos e perdidos. À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Damo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados; mas, ao mesmo tempo, importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados “vamos perecer” (Cf. 4,38), assim também nós nos apercebemos de que não podemos continuar na estrada, cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos⁴⁸.

Então, *eles despediram a multidão e levaram Jesus consigo, assim como estava, na barca* (Mc 4,36).

Levar Jesus consigo, eis a essência do discípulo, da Igreja. Levar significa, aqui, carregar o próprio Filho de Deus que não tem casa, pois todos os homens,

48 Papa Francisco. *Vida após a pandemia*. Libreria Editrice Vaticana: 2020, p. 19.

todas as criaturas, todos os povos são sua casa. Ele, o Senhor, como no presépio, faz-se pobre e dependente, a fim de poder sair em busca das ovelhas desgarradas e de outros apriscos. Por isso, o ardor e a razão de ser da Igreja não pode ser, como nos últimos séculos, o de querer levar e impor uma doutrina, implantar um sistema, uma religião, mas levar o Filho de Deus, a Boa Nova do Pai. De São Francisco e de seus primitivos companheiros temos este belo testemunho: *Iam pelo mundo 'como peregrinos e forasteiros', nada levando consigo a não ser Cristo. Pelo que, onde quer que fossem, faziam grandes frutos nas almas, pois eram verdadeiros ramos da videira viva* (Atos 4).

2.2. Enquanto os ventos batiam contra a barca, Jesus dormia

No meio da viagem, *começou a soprar uma ventania muito forte e as ondas se lançavam dentro da barca, de modo que a barca já começava a encher-se de água* (Mc 4,37).

Os ventos e as ondas das paixões humanas e do mundo - os ídolos do poder, do domínio sobre os outros, da competição religiosa, do ritualismo vazio; a ansiedade pela fama e pelos aplausos do mundo etc. - sempre acompanham os discípulos de Jesus e, por vezes, suas ondas invadem violentamente não apenas as salas paroquiais, os conventos e demais comunidades cristãs, mas também os salões do Vaticano.

Jesus, ao contrário dos discípulos, dormia o sono da paz, da fé, da confiança no Pai. Dormir, mais do que descansar, é entregar-se às forças misteriosas do Maior que é o verdadeiro senhor e cuidador da Vida. Por isso, sem que façamos qualquer coisa, após uma noite bem dormida, no dia seguinte, começamos a vida com novo vigor, novo espírito. Eis o mistério que sustenta a Igreja: Jesus dorme, isto é, marca presença sem aparecer, escondido.

A dinâmica agora, no tempo da Igreja, se inverte. O discípulo vai à frente e o mestre atrás. No famoso *Fioretto* da “Perfeita Alegria” se repete ou se atualiza este princípio da Boa Nova: Leão, o discípulo, vai à frente e Francisco, o mestre, vai atrás. Atrás como raiz, fonte, inspiração, princípio, origem, fundamento.

2.3. Quem é este ao qual até o vento e o mar obedecem?

A terceira parte desse Evangelho, ou milagre, começa com o grito dos discípulos: *“Mestre, estamos perecendo e tu não te importas?”* (Mc 4,38).

Diante da iminência de uma calamidade, com a qual não temos nenhuma competência, duas coisas são fundamentais. Primeiramente, gritar, implorar, pedir por socorro e, em segundo lugar, saber a quem se dirigir. E é bem essa a mensagem que Marcos quer transmitir.

O que importa para o evangelista é mostrar que não é o milagre que produz a fé, mas, antes, esta, a fé, é que, mediante o ardor da graça do encontro, produz o milagre. Para os judeus de então, o único que podia dominar as forças indomesticáveis da natureza, como as tempestades do mar, etc., era Deus. Portanto, se eles, os discípulos, gritaram por Jesus é porque criam que Ele tinha o poder de socorrê-los. Jesus, porém, não é como os antigos profetas que precisavam de longas preces para que Deus acalmasse as águas do mar. Ele mesmo, coisa inaudita, sem nenhum intermediário e com apenas duas palavras – “*Silêncio! Cala-te!*” (Mc 4,39) - acalmou as águas e os ventos impetuosos que punham em risco a barca e a sobrevivência dos discípulos. *Por isso, diziam uns aos outros: “Quem é este que até o vento e o mar obedecem”?* (Mc 4,41).

Mas, apesar da admiração dos Apóstolos, Jesus não deixa de alcançar-lhes esta repreensão: “*Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?*” (Mc 4,40).

Ouçamos o que nosso Papa Francisco dizia a respeito:

Procuremos compreender. Em que consiste esta falta de fé dos discípulos, que se contrapõe à confiança de Jesus? Não é que deixaram de crer Nele, pois O invocam; mas vejamos como O invocam: «Mestre, não Te importas que pereçamos?» (4,38) Não Te importas: pensam que Jesus Se tenha desinteressado deles, não cuide deles. Entre nós, em nossas famílias, uma das coisas que mais dói é ouvir dizer: «Não te importas de mim». É uma frase que fere e desencadeia turbulência no coração. Terá abalado também Jesus, pois não há ninguém que se importe mais de nós do que Ele. De fato, uma vez invocado, salva os seus discípulos desalentados⁴⁹.

Jesus parecia demorar-se em socorrer os discípulos que se embatiam com a tempestade. Muitas vezes nós sofremos com as demoras de Deus... Achamos que estamos abandonados, que Ele escondeu o rosto para nós... Abate-se sobre nós o furor da tempestade. Vemos então nossa fragilidade, nossa vulnerabilidade, nossas falsas seguranças. Mas, do mal, que sobre nós recai, advém algo de bom: a percepção de que estamos todos juntos. A tempestade anuncia “aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos”. A tempestade denuncia nossa errância, mas anuncia também a chance, a oportunidade, de ressurgirmos da ameaça melhores do que éramos antes:

49 Idem, ibidem.

“Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” Nesta tarde, Senhor, a tua Palavra atinge e toca-nos a todos. Neste nosso mundo, que Tu amas mais do que nós, avançamos a toda velocidade, sentindo-nos em tudo fortes e capazes. Em nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante teus apelos, não despertamos face às guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora nós, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-Te: “Acorda, Senhor!”⁵⁰

A pergunta de Jesus é, na verdade, um apelo! Pois, quem na verdade está dormindo somos nós! É preciso que acordemos para o chamado da fé. A fé não é tanto um acreditar... É mais do que isso! É um vir a Cristo, fiar-se nele, confiar nele, entregar-se a Ele. A fé transforma a tempestade do tempo numa fenda, através da qual um raio de luz, descido do céu, invade nossa alma e começa a serenar tudo. Com a fé, o tempo da tempestade e a tempestade do tempo se transforma no apelo à decisão, à conversão e, enfim, na serenidade da paz, que vem de Cristo.

“Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” O início da fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores, das estrelas. Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confiemo-Lhe nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos – como os discípulos – que não há naufrágio. Porque esta é a força de Deus: fazer resultar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas ruins. Ele serena nossas tempestades, porque, com Deus, a vida não morre jamais⁵¹.

A fé, a que Jesus interpela seus discípulos, mostra toda sua força na experiência pascal. Os discípulos só superam as tempestades do tempo e os tempos de tempestades se assumem o mistério da Cruz em suas vidas. Por isso, o Papa diz: “Temos uma âncora: na sua cruz, fomos salvos. Temos um leme: na sua cruz, fomos resgatados. Temos uma esperança: na sua cruz, fomos curados e abraçados, para que nada e ninguém nos separe de seu amor redentor”. A própria experiência da Cruz abraçada, acolhida e amada, traz consigo o vigor

50 Idem, p. 21-22.

51 Papa Francisco. *Vida após a pandemia*. Libreria Editrice Vaticano: 2020, p. 23-24.

do renascimento, do rejuvenescimento, da Ressurreição porque Ele, o ressuscitado, vive e caminha conosco!

3. O amor de Cristo pressiona (2Cor 5,14-17)

A segunda leitura de hoje nos recorda o mesmo que o Evangelho: *O amor de Cristo nos pressiona* (2Cor 5,14). A nobreza obriga! Se fomos e somos amados a tal ponto de Cristo ter-se dado inteiramente por nós na Cruz, como poderemos nós permanecer indiferentes, incrédulos, infiéis? A oferta que Cristo faz de si por nós na Cruz nos impele, pois, a viver também nós no amor a Ele e aos irmãos: *De fato, Cristo morreu por todos, para que os vivos não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou* (2Cor 5,15).

O Evangelho é o novo sentido de ser. Esse inaugura uma nova vida. É renascimento. Paulo toca aqui no coração de toda mensagem cristã: a Boa Nova da nova criação, que surge do mistério da morte e Ressurreição de Jesus. Uma mensagem de um novo nascimento: *se alguém está em Cristo é nova criatura*. Por isso, termina proclamando: *Agora tudo é novo!* (2Cor 5,17).

Conclusão

Como o bem, a felicidade, também o mal, a dor, o sofrimento do justo é um mistério que atravessa as páginas do Antigo como do Novo Testamento, bem como de toda a humanidade. Mistério não apenas porque é de difícil compreensão, mas principalmente porque esconde em seu interior mais profundo a presença de Deus que dorme o sono do vigilante fiel ou da mãe atenta e amorosa, não permitindo que a barca – a Igreja - afunde e ponha em risco a vida de seus tripulantes. Neste sentido, o mal, a exemplo do mar, tem medidas que desconhecemos e que precisamos procurar acolher como dons e não como empecilhos para a nossa realização plena, a perfeita Alegria (São Francisco).

O grito de Jó e dos discípulos na barca, prestes a se afundar, se repetem, como este de Bento XVI em Auschwitz, aos 28 de maio de 2006: *Num lugar como este faltam as palavras. No fundo pode permanecer apenas um silêncio aterrorizado, um silêncio que é um grito interior a Deus: 'Senhor, por que silenciaste? Por que toleraste tudo isto?'*

Bento XVI recordou, então, que:

não podemos perscrutar o segredo de Deus. Dele vemos apenas fragmentos e enganamo-nos se pretendemos eleger-nos a juízes de Deus e da História... nosso grito a Deus deve, ao mesmo tempo, ser um grito que penetra em nosso próprio coração, para que

desperte em nós a presença escondida de Deus e não permaneçamos na lama do egoísmo, do medo dos homens, da indiferença e do oportunismo.

Quem é pobre de espírito não sofre com o sofrimento. Sofre o sofrimento. E sofre-o sem de antemão demarcar os limites do sentido e do absurdo. Algo disso aprendemos, ao ler as palavras de Frei Hermógenes Harada:

*Nós, primeiro, queremos compreender para sofrer
Assim, só podemos sofrer o que entendemos.
Por isso, quando devemos sofrer o que nós não entendemos,
Não entendemos o que sofremos.
O pobre, primeiro, sofre para entender.
Assim, pode entender tudo o que sofre.
Por isso, quando deve sofrer o que não entende,
Sofre e, em sofrendo, entende (Frei Harada)*



13º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Sb 1,13-15;2,23-24; Sl 29; 1Cor 9,7.9,13-15; Mc 5,21-43

Tema-mensagem: Todo aquele que se confia inteiramente ao Senhor da Vida não pode jamais morrer.

Introdução

O anseio pela vida, bem como a busca de remédios e soluções contra todas as ameaças de morte, perpassa não apenas as páginas da Sagrada Escritura, mas também da História da humanidade. Mas, quem poderá libertar-nos realmente de todas as ameaças à vida e da própria morte? Não, evidentemente os mortais, mas tão somente o Senhor da vida, o único vivente. Eis o mistério deste Domingo, celebrado, principalmente, através da proclamação do Evangelho da cura, por parte de Jesus, da mulher que há anos sofria de uma hemorragia e do milagre da ressurreição da filha de Jairo.

1. Tudo foi criado para a vida, nada para a morte (Sb 1,13-15;2,23-24)

Um grande anúncio, tirado do livro da Sabedoria, nos conduz para dentro do mistério desse Domingo: *Deus não fez a morte e nem tem prazer com a destruição dos vivos. Ele criou todas as coisas para existirem, e as criaturas do mundo são saudáveis* (Sb 1,13).

Estamos diante daquilo que a Igreja costuma chamar de “O Evangelho (Boa Nova, Boa Notícia) da Criação” (LS II) ou de “O Quinto Evangelho”. Não podia haver notícia mais bela, admirável e confortadora para nosso tempo do que essa, muito bem explicitada pelo nosso Papa Francisco:

A vida de cada pessoa não se perde num caos desesperador, num mundo regido pelo puro acaso ou por ciclos que se repetem sem sentido! O Criador pode dizer a cada um de nós: «Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia» (Jr 1, 5). Fomos concebidos no coração de Deus e, por isso, «cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário» (LS 65).

Mas, além do homem, também as demais criaturas vêm revestidas de uma dignidade que ultrapassa a dimensão humana e terrestre e, por isso, todas elas

criaturas saudáveis. E, novamente, quem nos ajuda a bem compreender essa mensagem é nosso Papa Francisco:

Hoje, a Igreja não diz, de forma simplicista, que as outras criaturas estão totalmente subordinadas ao bem do ser humano, como se não tivessem um valor em si mesmas e fosse possível dispor delas à nossa vontade; mas, ensina – como fizeram os Bispos da Alemanha – que, nas outras criaturas, «se poderia falar da prioridade do ser sobre o ser úteis» (LS 69).

Além do mais, acrescenta o Papa:

«Cada criatura possui sua bondade e perfeição próprias. (...) As diferentes criaturas, queridas pelo seu próprio ser, refletem, cada qual a seu modo, uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. É por isso que o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas» (LS 69).

Desde os primórdios da criação, porém, essa Boa Nova sofre violência, pois, *foi por inveja do diabo que entrou a morte no mundo e a experimentam aqueles que a ele pertencem* (Sb 1,24). Adão, o homem terreno, que é cada um de nós, incorreu na desobediência, isto é, na não escuta da Palavra da Vida, que Deus por amor lhe havia dirigido, para, com os limites do Mandamento, proteger as condições da liberdade de seu pupilo. Em vez de viver num universo aberto, unido à fonte una do ser, ao Criador, o homem havia preferido viver num mundo fechado em torno de si mesmo e do seu conhecimento, dividido, do bem e do mal. O homem

decidiu gerenciar sua existência na perspicácia da razão, qual astuta serpente, sempre julgando o que é bom e o que é mau para seu modo de viver... ao apossar-se da árvore do conhecimento, afastou-se da verdadeira e eficaz árvore da vida, isto é, foi infiel à fé, não creu no abrigo do Deus invisível, preferindo viver na predominância do conhecimento⁵².

Assim, o homem erigiu-se a si mesmo como deus. Mas, esta auto-idolatria é pura ilusão. O desfrute da árvore da ciência do bem e do mal distancia o homem da “árvore da vida”, plantada no meio do jardim da criação (Gn 2,9). Jesus Cristo é aquele que transformou o madeiro da maldição, a árvore da morte, a Cruz, em árvore da vida. Morrendo, Ele transformou a morte, que

52 Buzzi, Arcângelo. “Alguém me tocou!”. In: *Revista Scintilla*, volume especial nº 6.3 – 2009. Curitiba: FAE, p. 110.

ele havia recebido de nós, em vida. Na sua morte, deu-se a morte da morte e o renascer da vida. Por isso, quem segue a Jesus Cristo realiza a intenção originária da criação do Pai.

Comentando esse mistério, diz nosso Papa Francisco:

Por isso, é significativo que a harmonia vivida por São Francisco de Assis com todas as criaturas tenha sido interpretada como uma sanção daquela ruptura. Dizia São Boaventura que, através da reconciliação universal com todas as criaturas, Francisco voltara, de alguma forma, ao estado de inocência original. Longe deste modelo, o pecado manifesta-se hoje, com toda a sua força de destruição, nas guerras, nas várias formas de violência e abuso, no abandono dos mais frágeis, nos ataques contra a natureza (LS 66).

Enfim: *Cada criatura é palavra de Deus, porque proclama Deus* (São Boaventura em VD 8).

2. A fé no Messias, a graça que restaura a Vida (Mc 5,21-23)

O anúncio feito pela Sabedoria torna-se ato na pessoa de Jesus, como vemos no Evangelho deste Domingo, no qual dois milagres ocupam nossa atenção: a cura de uma mulher hemorrágica e a Ressurreição da filhinha do chefe da sinagoga, Jairo.

2.1. As pessoas aproximam-se de Jesus

Como em todos os milagres, também nesses do Evangelho de hoje, o protagonismo está na fé, manifestada na iniciativa de Jesus *que atravessou de novo o lago, numa barca, para a outra margem* (Mc 5,21). Essa constatação pode parecer um pormenor sem importância, mas contém, na verdade, a essência de tudo que vem depois. Jesus é um mestre diferente, um mestre que, em vez de ficar encastelado no templo ou nas sinagogas, sai para as margens da humanidade, *para as periferias da existência humana* (Papa Francisco), em direção e na busca dos excluídos, sofredores, doentes, moribundos e pecadores, sem voz e sem vez. Era esse gesto, essa atitude de atenção, confiança, fé, consideração e compaixão que despertava a fé nas multidões, como aconteceu com Jairo, que tinha uma filhinha moribunda, e com essa mulher que sofria de uma hemorragia incurável.

Jairo, como chefe da sinagoga, vê que aquele mestre era diferente dos demais; sentia no olhar e nas atitudes dele uma força que era capaz de salvar sua filhinha, que estava nas últimas. Assim, movido por essa fé, ele se aproxi-

ma de Jesus para pedir-lhe com insistência: “*Minha filhinha está nas últimas! Vem e impõe as mãos sobre ela, para que ela sare e viva!*” (Mc 5,23).

O encontro de Jairo com Jesus é interrompido pela cena da mulher hemorrágica. A situação dessa mulher era bem pior do que a da filhinha do Jairo. Desenganada e explorada pelos médicos, abandonada e menosprezada por todos, sofria de uma doença que a colocava à margem da comunidade. Uma mulher desamparada, envergonhada de si mesma, perdida. Uma mulher sem futuro, sem salvação! Segundo as normas do Levítico, uma mulher impura aos próprios olhos e diante da comunidade! Porém, também ela, como Jairo, *tendo ouvido falar de Jesus* (Mc 5,27), sente-se tocada pela sua figura e pelas suas palavras. Assim, movida por esta afeição, cria coragem, desvencilha-se da pressão condenatória dos costumes religiosos que a descrimavam e, humilde e sorrateiramente, *aproximou-se dele por detrás, no meio da multidão, e tocou na sua roupa* (Mc 5,27).

Vale a pena ainda registrar o quilate da fé dessa mulher: “*se ao menos eu tocar na fimbria da roupa dele, ficarei curada!*” (Mc 5,28), pensava ela.

2.2. O toque e sua mística

O toque, muitas vezes, acompanhado com a imposição das mãos, é um dos gestos que perpassa toda a História Sagrada do Antigo e Novo Testamento. O Senhor, por exemplo, ordena a Moisés que toque nas águas do mar com sua vara sagrada; os israelitas, exceto os levitas, eram proibidos de tocar na arca da aliança; já Isaias fala, por exemplo, da brasa tirada do altar e com a qual um dos serafins lhe tocou a boca (Is 6,7), e Pedro, tocado pelo anjo (At 12,7), saiu livre da prisão, a fim de continuar sua missão.

Também no Evangelho de hoje, os dois milagres se dão pelo toque. No primeiro caso é a mulher quem toca na veste de Jesus, enquanto que no segundo é Jesus quem toca na menina morta.

Entre os inúmeros significados, ou efeitos, do toque está o sentimento de confiança, pertença, entrega-doação, fé, amor nascido da graça do encontro. Fé que sempre leva à transformação mútua. Foi graças ao toque na roupa de Jesus que a *hemorragia parou imediatamente e a mulher sentiu dentro de si que estava curada da doença* (Mc 5,29). Mas, também em Jesus houve transformação: Ele sentiu *que uma força havia saído dele* (Mc 5,30). Por isso perguntou: “*Quem tocou na minha roupa?*” (Mc 5,30).

Um simples toque. Nada de grandes orações ou obras. É que o toque fere as pessoas por dentro, em sua intimidade mais profunda. Não seria por isso que Jesus, ao instituir a sagrada Ceia, pede não apenas que o toquemos, mas até que o tomemos e o comamos? Certamente é, por isso, que as pessoas simples, por sua vez, tanto estimam tocar nas imagens dos santos?!

Diz o teólogo espanhol Pagolla: *Segundo a psicanalista Françoise Dolto: 'uma mulher só se sabe e se sente feminina (mulher) quando um homem crê nela. É nos olhos de um homem, em sua atitude, que uma mulher se sabe feminina'. Para aquela mulher enferma, esse homem foi Jesus* (José Antônio Pagolla, em *O Caminho aberto por Jesus – São Marcos – Pág. 116*). Por isso, Jesus procurava ver quem havia feito aquilo, isto é, demonstrara tanta fé. A cena se consuma, então, com este gesto de profunda e total entrega: *A mulher, cheia de medo e tremendo, percebendo o que lhe havia acontecido, veio e caiu aos pés de Jesus e contou-lhe toda a verdade* (Mc 5,33). Poderia haver ato mais religioso que esse!?

Quando tocada pela graça do encontro, a pessoa é levada a uma entrega total e nada deixa encoberto. Por isso, também da parte de Jesus não podia sair outra resposta senão esta: *“Filha, tua fé te salvou. Vai em paz e fica curada dessa doença”* (Mc 5,34). Podemos imaginar o sentimento que então começou a pulsar e a arder no coração daquela mulher!? Vivera, até então, vendo somente olhares de vexame e ouvindo palavras de desprezo e condenação! Agora, pela primeira vez, escuta esta palavra tão íntima: “filha!”

2.3. O toque da fé e da cura

O toque na veste de Jesus foi como que um clamor daquela mulher. Tudo estava perdido para ela. Ela mesma estava esgotada. Só lhe restava um toque. O que não pôde ser curado com a ciência humana durante tantos anos, foi curado com a fé e a humildade. Do ponto de vista da Lei, ela era uma mulher imunda (Lv 12,4; 15,25). Em meio aos constrangimentos externos, vindos dos outros, e aos seus constrangimentos íntimos, ela acha uma saída: tocar, calada, em Jesus. Ela, assim, roubaria o vigor de Jesus, que a curaria. Um piedoso roubo, perpetrado mediante a fé e com a instigação da fé! (São Pedro Crisólogo, Homilias, 33, 4). Mas, a apropriação do vigor de Jesus não podia ser um roubo. Jesus sentiu, e consentiu em doar o vigor que dele saía.

Em meio àquela multidão esperançosa, uma só pessoa pressentiu e encontrou nele (Jesus) o saudável vigor de que ela necessitava. Mais claramente: ela não só pressentiu e encontrou nele o vigor de que necessitava, mas apropriou-se do próprio saudável vigor, pois Jesus disse: ‘Alguém me tocou! Senti que saiu de mim uma força!’ E sem resistência, *concedendo*, Ele se deixou apropriar da plenitude de sua força e disse à mulher palavras de recompensa e de supremo consolo: ‘Filha, tua fé te curou’⁵³.

53 Buzzi, Arcângelo. “Alguém me tocou!”. In: *Revista Scintilla*, volume especial nº 6.3 – 2009. Curitiba: FAE, p. 107.

Jesus aparecia para a multidão como uma figura extraordinária. Suas palavras cheias de autoridade, suas obras admiráveis faziam Dele um espetáculo! E todos eram tomados de entusiasmo! Mas, poucos estavam à altura da verdade Dele próprio. Só aquela mulher o tocou (Santo Agostinho, Sermão 62, 5). Aquela mulher não tinha apenas o entusiasmo dos demais. Ela tinha algo a mais. Tinha lucidez humilde ou humildade lúcida que acompanhava sua fé, que a tornava mais do que fã e admiradora, de Jesus:

Nenhuma pessoa da multidão foi *igual* à lucidez e ao fervor entusiasta da mulher que pensava: ‘se eu, ao menos tocar o manto dele ficarei curada!’ Só a ela Jesus, na excitante realidade mobilizadora das multidões, voltou-se e, *consentindo*, disse: ‘Alguém me tocou!’ Nenhum outro da multidão que o esperava mereceu igual cura: o *Messias da graça*! Isso porque todos os outros da multidão esperavam e procuravam o *Messias da lei* (...). Na mediação do manto, isto é, na aparência simples e humilde em que se mostrava, bem distante do espetáculo triunfante do Messias da lei, a fé transportou a mulher para o íntimo de Jesus e o levou a proclamar a missão de Messias da graça! Na mediação do manto, como mais tarde na mediação da cruz, deu-se de fato o consentimento da fé: a dádiva da misericórdia. Em outros termos, na mulher curada deu-se a fé: deu-se o Salvador, o Messias da graça⁵⁴.

A pergunta que perpassa o Evangelho de São Marcos: “Quem é este homem?” recebe nova indicação: o Messias da graça... Ao tocar o manto do homem Jesus, ela fez aparecer o Filho bem amado do Pai. Ela testemunhou a Jesus com sua fé. E Jesus, então, deu testemunho dela, de sua fé (Santo Efrém, Comentário ao Diatesseron, 7, 1-2).

O que a mulher fez foi louvável não só por causa de sua fé. Foi também por causa da humildade e da verdade: *Achegou-se e prostrando-se diante dele, contou toda a verdade* (Mc 5, 33). Curada por aquele que é a Verdade, confessou a verdade (São Jerônimo, Comentário ao Ev. de Marcos, homilia 3).

2.4. A morte que é transformada em vida

O que acontecera com a hemorrágica vai se repetir ainda mais intensamente com o milagre da ressurreição da filhinha de Jairo. Jesus estava ainda falando com a mulher quando chegou a Jairo a notícia de que a menina havia morrido e que não convinha mais incomodar o mestre. *Jesus, porém, ouvindo a notícia, disse ao chefe da sinagoga: “Não tenhas medo. Basta ter fé”. E não*

54 Idem, p.109.

deixou que ninguém o acompanhasse a não ser Pedro, Tiago e seu irmão João (Mc 5,36-37).

Como em todo Evangelho de Marcos, também aqui, Jesus é apresentado com as marcas de Deus, mas jamais a modo de um Deus herói, triunfalista, milagreiro, esbanjador de poder e autoridade. O Deus Homem ou o Homem Deus, que é Jesus, não busca nenhuma manifestação de grandeza, aplausos e reconhecimentos. Faz até o contrário. Diz, por exemplo, que a *menina não está morta, mas apenas dorme* (Mc 5,39). Por isso, também, em vez de fazer desse milagre um espetáculo para o público, mandou que todos saíssem, menos os pais e os três discípulos de sua maior intimidade e confiança.

Para Jesus, a menina apenas dormia. De fato, para ele, como o Vivente e a Vida, o Filho amado do Pai, que é a fonte da vida, não era mais difícil ressuscitar a menina do que acordar alguém que dorme. Na obra da Ressurreição, Jesus se manifesta como divino. Mas, no modo como realiza esta obra, ele se mostra plenamente humano. Ele ternamente se compadece do sofrimento do pai, que lhe roga pela vida da filhinha. O Pai de Jesus era mais pai daquela menina do que Jairo. Jesus, na sua humanidade, traz à luz o coração visceralmente terno de seu Pai. Jesus toma a menina pela mão e lhe diz: *Talita cumi*, “Menina, levante-te!”. São Jerônimo transcrevera esta passagem de modo um pouco diverso: *Talita cumi* que, em aramaico significa: “Menina, levanta-te *para mim!*” (Comentário ao Ev. de Marcos, homilia 3). Em questão estava aquela menina não somente erguer-se, mas erguer-se para Jesus! Seja como for, essa palavra de Jesus à menina comunica não só uma ordem, antes, comunica a graça. Que a menina desperte da morte e se levante e se volte para Jesus, isso é obra da graça. De novo, esta obra admirável, maravilhosa, revela Jesus como o Messias da graça. E nós podemos nos reconhecer naquela menina. É pela graça que nossa alma, morta pelo pecado (rompimento com Deus, que é a fonte da vida), se desperta para a vida e se ergue para Jesus, o Vivente, a Vida de nossa vida.

É notável, ainda, que Jesus, depois de ter ressuscitado a menina, manda que lhe deem de comer. Comer e beber é próprio da vida terrena. Ao mandar que se dê de comer à menina, mostra-se que a Ressurreição da menina era uma realidade verdadeira, uma verdade real. Não era um engano, uma ilusão, uma dissimulação, aquilo que os presentes haviam testemunhado.

Eis a mensagem, a boa nova, da ressurreição da menina de Jairo e de todos os milagres de Jesus: atrás de tudo e de todos os acontecimentos, por mais duros que possam aparecer, há alguém que nos toca, pega e toma pela mão para nos dizer: *Talita cum – Menina, filhinho, filhinha, levanta-te! Levanta-te para Mim!* (Mc 5,41). Este alguém, diz Jesus, é o Pai do Céu, o Senhor da Vida e da morte. Tudo isso porque “*Deus não é Deus de mortos, mas sim de vivos, pois para Ele todos vivem*” (Lc 20,38).

3. A abundância da generosidade, essência do ser e agir cristão (1Cor 9,7.9,13-15)

Paulo, neste trecho proclamado hoje, está exortando e preparando os fiéis de Corinto para a generosidade em vista de uma grande coleta em favor da igreja-mãe, de Jerusalém, que estava passando por dificuldades materiais.

Estamos diante de um pequeno, mas maravilhoso, tratado acerca não apenas do papel da esmola e das disposições que devem acompanhá-la, mas acima de tudo da essência do mistério do exercício, da prática do ser cristão, do ser Igreja: *Como tendes tudo em abundância – fé, eloquência, ciência, zelo para tudo, e a caridade de que vos demos exemplo – assim também procurai ser abundantes nesta obra de generosidade* (2Cor 8,7).

Encontramos, aqui, um dos mais belos e fundamentais princípios que move o ser da Igreja: a busca de uma solidariedade, até mesmo econômica, que ultrapassa os limites territoriais e nacionais; uma solidariedade internacional, universal, através da qual as Igrejas economicamente mais fortes procuram estabelecer certa igualdade com as mais fracas. O fundamento dessa prática, porém, vai além de uma mera solidariedade humanista. Pois, o que está em jogo é o exemplo de Cristo *que, de rico que era, se fez pobre por causa de vós, para que vos torneis ricos, por sua pobreza* (2Cor 8,9). Não era justo, portanto, que algumas Igrejas que, tendo como fundamento o próprio Cristo, nadassem na abundância de bens e as outras tivessem falta até do necessário.

Além do mais, tratava-se de ajudar a Igreja-Mãe. Também este aspecto é de significativa importância para a eclesiologia de Paulo. Seguindo o exemplo do próprio fundador – Jesus Cristo crucificado, o maior que se faz menor – quem deve exercer o poder de mando na Igreja não são as Igrejas economicamente mais fortes, mas as mais fracas. Por isso, quando na história se inverte esse princípio, isto é, quando se procura guiar a vida e a ação da Igreja em torno ou a partir do poder econômico, e até mesmo espiritual, a eclesiologia originária da Igreja primitiva, tão bem expressa nesse trecho de Paulo, sai completamente deturpada e põe em risco a pureza de sua presença e ação no mundo.

Por isso, para além da dimensão econômica, a coleta tem reflexos também na distribuição ou igualdade referente aos bens espirituais. Pois, a Igreja de Jerusalém, para a qual se faz a coleta, enriquecera os coríntios com sua fé. Agora, era a vez desses de enriquecer a Igreja de Jerusalém através de sua generosidade, suprimindo as necessidades materiais.

Por isso, Paulo conclui: *Nas atuais circunstâncias, a vossa fartura supra a penúria deles e, por outro lado, o que eles têm em abundância venha suprir vossa carência. Assim, haverá igualdade, como está escrito: ‘Quem recolheu muito não teve de sobra e quem recolheu pouco não lhe faltou nada’* (2Cor 5,14-15).

Conclusão

Num tempo em que, certos ambientes da modernidade proclamam a ausência de sentido da existência humana e que tudo, enfim, vai acabar no vazio de um grande nada, faz bem ouvir e proclamar os milagres desse Domingo em favor da vida.

Deus não é apenas o Criador, mas também aquele que está chamando, sempre de novo, suas criaturas à vida. Desde o princípio da criação, implantou no meio do paraíso, isto é, no coração da humanidade, a árvore da vida e não da morte. Por isso, do começo ao fim da Sagrada Escritura, mesmo no meio das inúmeras formas de destruição e de morte, um clamor, por vezes inocente e silencioso, não cessa de subir ao céu e de gritar em favor da vida. Tudo e todos lutam pela vida e não pela morte. E é para juntar-se a essa luta que Deus enviou seu Filho Jesus. Ele é o que veio pegar na mão da humanidade, de cada um de nós, para que, como Filho de Deus, com sua morte e Ressurreição, em vez de tragados pela escuridão da morte, sejamos com Ele levados e elevados à luz da vida eterna.

Assim, quem se associa, se confia e se entrega a Cristo, participa da vida; a morte corporal não é morte, mas passagem para uma vida sem fim. Quem compreendeu bem esse sentido foi São Francisco. Diante *daquela que todos temem e abominam* (2C 217), Francisco, vendo sua aproximação, exultante, exclama: *Bem-vinda seja minha irmã morte corporal!* (LP 65). E, ato contínuo, acrescenta mais este verso ao seu já conhecido “Cântico das Criaturas”:

*Louvado sejam meu Senhor,
Por nossa irmã a morte corporal
Da qual homem algum pode escapar.
Ai daqueles que morrem em pecados mortais:
Bem-aventurados aqueles que a morte encontrar
Dentro de suas santas vontades,
Porque a morte segunda não lhes fará mal* (CIS)



14º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Ez 2,2-5; Sl 122; 2Cor 12,7-10; Mc 6,1-6

Tema-mensagem: Um Deus que escandaliza porque se apequena, se humilha e se faz o mais pobre dos pobres deste mundo a fim de conquistá-los para o reino de seu Pai.

Introdução

No Domingo passado, celebramos a fé da mulher que sofria de hemorragia e a de Jairo, o chefe da sinagoga de Cafarnaum. Hoje, ao contrário, Marcos nos apresenta a descrença dos familiares e conterrâneos de Jesus. Em Cafarnaum, entre os estranhos, a confiança, a entrega e a gratidão. Aqui, em sua terra, entre os seus, a desconfiança, o desprezo, o escândalo. Tudo porque era um nazareno, isto é, alguém de origem pobre, humilde, sem nenhum título de nobreza e grandeza. Como poderia ser ele o Messias?

1. O espírito que faz de um simples filho do homem um profeta (Ez 2,2-5)

A Palavra de Deus desse Domingo começa com esse pequeno trecho de Ezequiel, que relata o final da famosa visão da glória de Deus. O resplendor daquela visão era tão arrebatador que Ezequiel caiu por terra e, então, ouviu a voz de alguém que lhe dizia: *Filho do homem, põe-te de pé! Quero falar contigo!* (Ez 1,28). É então que lhe é confiada a vocação-missão de profeta, assim descrita por ele mesmo: *Naqueles dias, depois de me ter falado, entrou em mim um espírito que me pôs de pé* (Ez 2,2).

“Cair por terra” e “ser posto de pé”, mais que fatos, evocam atitudes e experiências do humano em sua relação ao divino. Para ser profeta é preciso, primeiro, que Deus ponha por terra o humano do homem. Só então, depois de reconduzi-lo à verdade de seu nada, Ele, o Senhor, poderá ser o Senhor dele, transformando-o assim num outro homem: um homem divinizado. Eis o novo espírito que entrou em Ezequiel. E assim, imbuído desse novo espírito, três coisas muito claras lhe são ditas e assimiladas: *Filho do homem, eu te envio aos israelitas, nação de rebeldes que se afastaram de mim!* (Ez 2,3).

Diante dessa grandiosa teofania vocacional (Cf. Ez 1), Ezequiel estava espantado. Com a expressão “Filho do homem”, repetida 87 vezes ao longo de toda sua profecia, Ezequiel não quer realçar outra coisa senão que, embora continuando como um homem qualquer, agora ele é movido por um espírito

vindo do céu. Essa frágil criatura torna-se agora um sacerdote-profeta porque movido por um novo espírito. São Paulo dirá mais tarde: *Não sou eu que vivo, mas Cristo é que vive em mim!* (Gl 2,20). Deus é sempre assim: a força de sua graça se consoma em nossa fraqueza. Por isso acrescenta: *Eu te envio!* (Ez 2,3). Profeta é profeta não porque vai, mas porque *é enviado*. Isso é, porque, a partir de então, não vive mais a partir de si, mas daquele que o enviou.

A missão de Ezequiel não será nada fácil, pois ele conhece muito bem a história daqueles para quem está sendo enviado: história de uma *nação de rebeldes*, que não apenas se afastaram de seu Senhor, mas, também desde seus pais, viviam rebelados contra Ele. A situação é das piores! Mas, isso não importa! Mais que os frutos ou resultados é que saibam todos que em seu meio há um profeta, um testemunho vivo de Deus. Jamais poderão acusá-Lo de ser injusto, faltando à Sua fidelidade. À infidelidade de Seu Povo, Ele responde com Sua fidelidade. Eles podem continuar infiéis, rebeldes, mas Ele não! Por isso, *quer te escutem, quer não, ficarão sabendo que houve entre eles um profeta* (Ez 2,5).

2. Jesus provoca decisão: ou escândalo ou fé (Mc 6,1-6)

“Filho do homem!” Eis o nome com o qual Jesus se denomina! Nome que, ao mesmo tempo, revela e esconde sua identidade. Nome que evoca sua humildade, baixeza e esvaziamento, enquanto homem humano, demasiadamente humano para se apresentar como Filho de Deus. Jesus irá usar esse nome para falar de sua própria Paixão.

2.1. O familiar artesão nazareno em sua maravilhosa estranheza

O Evangelho de hoje começa com este anúncio: *Jesus foi a Nazaré, sua terra, e seus discípulos foram com ele* (Mc 6,1). É a primeira vez que Marcos enfatiza que Jesus estava acompanhado de seus discípulos, os protagonistas – depois do Espírito Santo - da nova e futura assembleia que ouve, compreende e põe em obra a Palavra do Evangelho do Reino, a Igreja. Estamos, pois, diante de um evento não apenas cristológico, mas também eclesiológico.

Jesus dirige-se à sua terra natal, não como simples cidadão que vai visitar sua família, mas como novo Rabi, novo mestre, movido pelo Espírito que descerá sobre Ele no Batismo. Mas, agora, vai acompanhado de seus discípulos, sua nova família, esboço da futura família cristã, a Igreja. E é como mestre de uma nova comunidade, e não mais como simples nazareno, que ele, *num dia de sábado, começou a ensinar na sinagoga* (Mc 6,2). Jesus sempre ensinava na sinagoga, não se apartava dela, nem a rechaçava (Orígenes, Comentário ao Ev. de Mateus, 10,16). E, no entanto, na sinagoga de Nazaré, sua terra natal, ele é rechaçado.

2.2. O inspirado e os escandalizados

A cena que então segue nos deixa perplexos. Perplexos porque muitos ficavam admirados a ponto de dizer: *“De onde recebeu ele tudo isso? Como conseguiu tanta sabedoria? E esses grandes milagres que são realizados por suas mãos?”* (Mc 6,2). No entanto, ao mesmo tempo em que se admiravam, contestavam a pessoa de Jesus: *“Este homem não é o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, de Joset, de Judas e de Simão?... E ficaram escandalizados por causa dele”* (Mc 6,3).

Jesus, o Filho amado do Pai (Mc 1,11), por muitos anos, viveu a vida de um carpinteiro. E assim era conhecido por seus conterrâneos. Agora suas mãos, em vez de fabricar artefatos de madeira, fazem e perfazem obras maravilhosas, admiráveis, que testemunham algo de divino, milagres! Como foi que o saber e o poder do artesão se transformou no saber e no poder do mestre taumaturgo?! Nenhum dos conterrâneos de Jesus podia explicar isso. Admiravam, encantavam-se com a sabedoria de seus discursos e milagres, mas não conseguiam acolher a pessoa dele. O que há em sua pessoa que deixa aquele público tão abespinhado?!

Eles queriam reduzir o extraordinário e o estranho do mistério de Jesus ao ordinário e familiar do mundo que eles conheciam e sabiam. Queriam que Jesus se contivesse nos limites estreitos do mundo deles, dos seus usos e costumes, das suas crenças e tradições. Ele aparecia-lhes como um homem tresloucado. Recordemos que, pouco tempo antes, os familiares de Jesus O haviam procurado com o objetivo de agarrá-lo e levá-lo para casa porque, segundo eles, ele *estava louco* (Mc 3,21).

Enfim, está esboçado, aqui, já no começo de sua vida pública, o grande escândalo da Cruz: Como é possível que o Messias, o Cristo (ungido) de Deus, se faça o Servo (Cf. Isaías), o Traspassado (Cf. Zacarias), o Crucificado?! Eis o sinal de contradição anunciado anteriormente por Simeão a Maria no Templo, quando da circuncisão do menino: o paradoxo frente ao qual uns se escandalizam e caem, outros se comovem e se erguem. Por isso, dizia Jesus: *“Um profeta só não é estimado em sua terra”* (Mc 6,4).

Em toda essa cena, se há alguém que realmente deveria escandalizar-se era Jesus e não seus familiares, que testemunhavam todas aquelas maravilhas.

Assim, embora se apresentasse com tanta sabedoria, sinais e milagres, tão admiráveis, fora do comum, a figura dele era humilde, pobre, insignificante demais para merecer crédito. Enfim, a sabedoria dos discursos e o poder das obras maravilhosas de Jesus não combinavam com a origem de um pobre artesão, de um simples nazareno. Lembremos que também Natanael, escandalizado, havia perguntado: *“De Nazaré pode vir alguma coisa boa?”* (Jo 1,46). Por isso, tudo aquilo que aparecia em Jesus devia ser falso. Daí o escândalo, a

pedra na qual eles estavam tropeçando: um Jesus humano, pobre demais para ser o Messias prometido. Mais tarde, Paulo dirá: *loucura para os gregos e escândalo para os judeus* (1Cor 1,23).

2.3. A fé, um poder que é “não-poder”

São Marcos diz que *ali (Jesus) não pôde fazer nenhum milagre. Curou apenas alguns poucos doentes, impondo-lhes as mãos*. O que significa esse “não-poder” de Jesus? Jesus pode o “não-poder”. Esse “não-poder” não é impotência. É, antes, potência. Jesus, ao realizar os milagres, sempre dava aos outros o que ele não tinha: a possibilidade de livremente recebê-Lo. Costumamos achar que só se pode dar o que se tem. Isso é correto apenas na superfície da vida. Na sua profundidade, onde acontecem os encontros, as relações de tu a tu, entre os homens, pode-se e deve-se dar ao outro o que não se tem: a possibilidade de receber.

Jesus nunca se impõe, nunca arromba portas. Apenas bate, esperando ser recebido. Ele reina com um vigor suave. Seu senhorio está longe de ser dominação das consciências e das vontades. Seu modo de agir e de se relacionar com os homens está, pois, no contrapé de todos os fundamentalismos. Seu poder “não-poder” não é, pois, impotência, mas um senhorio todo próprio, o do amor. Seu “não-poder” é seu não querer coagir, forçar, os homens. Toda sua mensagem, e ele mesmo, o mensageiro, se propõe, pois, como aceno de um amor humilde.

São Marcos acrescenta: *E admirou-se com a falta de fé deles* (Mc 6,6).

Ao poder “não-poder” de Jesus, que é potência, contrasta, aqui, o não poder crer dos familiares e conterrâneos, que é impotência. O poder não crer é, no fundo, um não poder crer. Aparece com o rompante da prepotência, mas é, no fundo, impotência. Trata-se da impotência de acolher o mistério como mistério. No fundo é a incapacidade de amar este Outro, que nos vem sempre de novo em meio ao familiar, mas não como o familiar, e sim como o estranho: maravilhoso, sim, mas também inquietante, desconcertante. Assim, a fé de Jesus faz apelo à fé humana, como seu Amor apela ao nosso amor.

A fé e o poder divino se atraem como o ferro e o imã. Entretanto, a fé não é condição imprescindível para que o poder divino possa atuar suas maravilhas. Se a fé humana depende do poder divino, o contrário não acontece, isto é, o poder divino não depende da fé humana. Este é o sentido das sentenças que dizem: *Curou-lhes apenas alguns enfermos, impondo-lhes as mãos. E se admirava da incredulidade deles*. O poder divino pode atuar, inclusive, no meio da incredulidade humana (Orígenes, Comentário ao Ev. de Mateus, 10, 19). Contudo, como a luz, ele tinha de se difundir, de se comunicar, de se propor. Por isso, o Evangelho de hoje termina falando da evangelização de

Jesus nas aldeias da redondeza: *Jesus continuava percorrendo os povoados das redondezas, ensinando* (Mc 6,6).

3. Paulo, em vez de escandalizar-se, gloria-se de suas fraquezas (2Cor 12,7-10)

Quem experimentou, com a maior intensidade possível, a angústia de carregar a grandeza do mistério de Deus em sua fragilidade, foi São Paulo. Famosa é sua exortação: *trazemos esse tesouro em vasos de barro* (2Cor 4,7). Já, no trecho da segunda leitura deste Domingo, ele fala do famoso agulhão espetado em sua carne que é, no seu dizer, *como um anjo de Satanás a esbofetear-me* (2Cor 12,7). É difícil saber do que Paulo esteja falando, concretamente. Mas, o que mais importa é a razão dessa adversidade dada por ele mesmo, logo em seguida: *para que eu não me exalte demais* (2Cor 12,7). A violência desse espinho era tão grande que chegou a rogar por três vezes ao Senhor para que o afastasse dele. A resposta, no entanto, acabou com todas as dúvidas e ressentimentos: *Basta-te a minha graça!* (2Cor 12,8). É então que vem o segredo, o resumo, a essência de todo ser e viver do cristão, revelado em Jesus Cristo crucificado: *Pois é na fraqueza que a força se manifesta* (2Cor 12,9).

Assim, Deus fez Paulo compreender que não devia pedir a eliminação das adversidades, mas, a graça de poder carregá-las, como Jesus Cristo carregou a Cruz. Pois, assim, em sua fraqueza experimentará a força e a vitória daquele que é maior que nós e do próprio Cristo, o Pai. Vem, então, a conclusão final: *Por isso, de bom grado, eu me gloriarei nas minhas fraquezas, para que a força de Cristo habite em mim... Pois quando me sinto fraco, é então que me sinto forte* (2Cor 12,10).

Conclusão

A celebração deste Domingo nos mostra como foi difícil para os homens entender-se com Jesus. Quando Ele se atribuía a igualdade com Deus e chamava Deus de Pai, os homens se encucavam com sua humanidade e humildade. E, quando os homens estavam dispostos a aceitar sua divindade, Ele então se rebaixava ainda mais, de modo a mostrar-se mais humano do que nunca, em seu sofrimento. Uns escandalizavam-se com sua divindade e outros com sua humanidade. Seja como for, só os que se abriam e se abrem ao vigor da fé é que podiam e podem acertar-se, entender-se e harmonizar-se com Jesus.

O escândalo de Nazaré ou do Nazareno – que é o mesmo do Gólgota – atravessa a história da Igreja. Ainda hoje, não são poucos os católicos, por exemplo, que contestam a Igreja, o Papa, porque abandona as pompas dos

rituais da cúria romana para seguir uma Liturgia mais simples e “pobre”, ou porque estaria quebrando a sã ortopraxia quando acolhe pessoas tidas por eles de má fama, má vida, como as prostitutas, os marginalizados e discriminados por sua condição sexual, etc.

Quem faz uma bela e bem atualizada leitura da Boa Nova desse Domingo, mais precisamente das suas leituras, é São Francisco:

‘Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus’. São muitos os que insistem nas orações e nos ofícios e fazem muitas abstinências e aflições em seus corpos. Mas, por causa de uma só palavra que lhes pareça injuriar seus corpos, ou por causa de alguma coisa que se lhes tire, ‘escandalizados, imediatamente’, se perturbam. Estes não são pobres de espírito. Porque quem é verdadeiramente pobre de espírito odeia a si mesmo e ama os que lhe ‘batem no queixo’. (Ad 14).

Recordemos também que Francisco passou pela experiência de Ezequiel, de São Paulo e dos nazarenos. Quando jovem, também ele se escandalizava com os leprosos a ponto de fugir de sua proximidade; também ele teve de ser derrubado por terra, como Ezequiel e São Paulo, a fim de, tomado pelo espírito do Pobre Crucificado, abandonar completamente o espírito da soberba e da vanglória do mundo. Só assim pôde abraçar e beijar aqueles dos quais antes fugia de horror, os leprosos. Também ele, por causa dessa sua conversão, como Jesus, seu mestre amado, foi tido como louco pelo pai e por muitos outros familiares e conterrâneos.



15º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Am 7,12-15; Sl 84; Ef 1,3-14; Mc 6,7-13

Tema-mensagem: Chamados-enviados dois a dois, sem nada de próprio.

Introdução

Chamados e enviados por Jesus, para ir pelo mundo, dois a dois, sem nada de próprio, a fim de anunciar pelo testemunho e pela palavra o Reinado de Deus! Eis o mais admirável, profundo e grandioso mistério de nossa identidade de cristãos que celebramos neste Domingo: o “Domingo do Chamado e do Envio” ou o “Domingo dos chamados-enviados”.

1. O Senhor chama e envia (Am 7,12-15)

Quem, mesmo de longe, nos faz um belo e claro anúncio do mistério desse Domingo é o profeta Amós. Em dado momento de sua vida, esse simples vaqueiro e cultivador de sicômoros (Cf. Am 7,14) foi tirado por Deus de sua atividade cotidiana civil para ser enviado ao reino do Norte. Mal chegando, porém, ao seu destino, teve esta ostensiva recepção por parte de Amasias, chefe dos sacerdotes de Betel: *Vidente, sai e procura refúgio em Judá, onde possas ganhar teu pão e exercer a profecia; mas, em Betel não deverás insistir em profetizar porque aí fica o santuário do rei e a corte do reino* (Am 7,12-13).

O tom é de desprezo e rejeição. Estamos diante da tensão entre o sacerdócio oficial, como classe, ligado à defesa da instituição, e o ministério profético, inteiramente independente do poder religioso e civil, porque recebido diretamente de Deus. Amasias quer que Amós se retire para o meio da associação dos profetas e se molde à conduta e a fala deles.

Amós, porém, responde: *Não sou profeta nem sou filho de profeta!* (Am 7,14). Ou seja, ele não era nenhum dos muitos indolentes, faladores e visionários, membros da classe dos profetas. Ele vivia pacificamente de seu trabalho, do qual o Senhor, agora, o havia tirado. Ele não é um profissional da Religião, um funcionário que vive às custas da instituição religiosa, mas um chamado por Deus. Ele não diz que não seja profeta por carisma. O que diz e declara, com toda clareza e insistência, é que não pode ser enquadrado entre os conhecidos profetas por ofício. Seu ministério profético acontece não por sua iniciativa e gosto, mas por iniciativa e gosto Daquele que o chama e o envia, o Pastor de Israel: *o Senhor chamou-me quando eu tangia o rebanho e o Senhor me disse: ‘Vai profetizar para Israel, meu Povo’* (Am 7,15).

Esse desapego em favor do anúncio, esse abandono da própria prosperidade econômica, em favor da palavra do Senhor, será sempre o sinal dos verdadeiros profetas do Antigo e do Novo Testamento. O profeta segue um chamado, que vai exatamente contra o rumo de sua vida e da vida de seu povo. A profecia, antes de um projeto humano, é incumbência que nasce de Deus e que se dirige ao homem. No caso, não só contra o sacerdote de Betel, Amasias, mas também contra o rumo que vai a vida social e religiosa do reino do Norte: a ruína.

Amós transforma-se, assim, embora em escala bem menor, na imagem do verdadeiro e único profeta, Jesus Cristo, o chamado-enviado por excelência do Pai. Também Jesus, que não pertencia à classe ou dinastia sacerdotal, foi rejeitado pelas autoridades religiosas de seu tempo (escribas, fariseus e saduceus) e teve que denunciar a caturrice delas e anunciar o Reino à margem dos poderes constituídos do judaísmo.

2. Mais que uma Igreja de pobres, uma Igreja pobre (Mc 6,7-13)

O que aconteceu com Amós se atualiza em plenitude no chamado e envio dos Apóstolos, por parte de Jesus.

2.1. Da instituição da Ordem dos Apóstolos

Marcos começa a narrativa do mistério celebrado nesse Domingo, dizendo que *Naquele tempo Jesus chamou os doze e começou a enviá-los dois a dois, dando-lhes poder sobre os espíritos impuros* (Mc 6,7).

Na raiz de todo chamado e envio está o vigor da graça do encontro. Estamos diante do mistério do desígnio da gratuidade, do agrado, do bem-querer de Deus. Por isso, a experiência de ser visto, escolhido e amado por Deus sempre tem proporcionado a alegria, o entusiasmo da resposta dos discípulos de ontem e de hoje. Por isso, também, o protagonismo de todo chamado-envio é sempre Dele, do Senhor. Ninguém se chama e se envia a si mesmo.

Assim, Marcos, numa frase tão breve, mas de muita acuidade, nos apresenta aquele que pode e deve ser considerado como o princípio de toda eclesiologia do Novo Testamento. É do mistério desse chamado-envio que nasce aquela que, na tradição cristã, se convencionou chamar, posteriormente, de “Ordem dos Apóstolos”. São Francisco, por exemplo, sempre entendeu sua Ordem como uma atualização da Ordem dos Apóstolos, principalmente por causa destes três mistérios: a pobreza radical, a fraternidade e a itinerância: os três entendidos e vividos como serviço da difusão e do anúncio do Evangelho.

O Senhor envia-os *dois a dois*. Isso expressa a essência da evangelização, da prática, da obra do Evangelho, que tem como coração e resumo a

caridade fraterna. Os que são chamados-enviados tornam-se companheiros, apoio um ao outro na fé, na esperança, na caridade; podem e devem ajudar-se mutuamente, lavando os pés uns dos outros. A identidade cristã não consiste em nenhuma outra coisa senão na caridade: “Amai-vos uns aos outros...” Por isso, a evangelização, o anúncio da Boa Nova, sempre se dá de forma comunitária. Na origem da Igreja nunca houve a “Religião do eu”, a “pregação do eu”. O testemunho concreto dessa Boa Notícia, por parte dos primeiros cristãos, encantou tanto os antigos romanos que os levou a passar do paganismo ao Cristianismo. Admirados diziam: “Vede como eles se amam!”

O mesmo deu-se, mais tarde, com a Ordem seráfica, como podemos ver neste admirável testemunho:

O fato é que, tendo desprezado todas as coisas terrenas e estando livres do amor próprio, consagravam todo seu afeto aos Irmãos, oferecendo-se todos de igual modo para atender às necessidades fraternas (1C 39). Não é de admirar, então, que acoressem homens e mulheres, clérigos e religiosos, para ver e ouvir o Santo de Deus, que a todos parecia um homem de outro mundo (1C 36).

O envio comporta, portanto, além do anúncio explícito do Reino de Deus, o testemunho do *poder sobre os espíritos impuros*. Os homens, com seus vícios, arruinam-se a si mesmos, põem a perder sua liberdade, sucumbindo aos “espíritos impuros”. Tornam-se “possessos” (Cf. Dostoievsky). Assim como os corpos dos homens hospedam vírus, bactérias, micróbios maléficos, também suas almas hospedam forças desintegradoras, destruidoras, arruinadoras, nutridas pela sua ruindade interior, pela ignorância e pela má vontade. Indivíduos e coletividades cultivam, assim, essas forças que mantêm os homens presos ao ódio, à violência, a tudo que corrompe e desintegra o homem, levando-o ao nihilismo destrutivo. Os homens tornam-se uns atormentados em si mesmos e atormentadores uns dos outros. Os chamados-enviados por Cristo, então, libertos dessas forças, atuam como libertadores através da força criativa e integradora de Deus: a caridade. Eles exercem, assim, um poder de libertação dos seres humanos em referência aos espíritos impuros, reconduzindo-os à sua pristina origem, na qual tudo era bom e muito bom (Cf. Gn 1). Um exemplo de como se pode expulsar os espíritos impuros podemos ver em Marina, terciária franciscana *que visitava cada semana os doentes e mutilados do Pronto Socorro de Porto Alegre, onde se deparava com as pessoas mais aflitivas. Essas pessoas eram levadas, depois, “para a oração e as conversas”, testemunhava ela (O Livro de Marina, p. 79).*

2.2. No vigor da pobreza e da simplicidade.

Feito o chamado e dado o envio, Jesus passa às recomendações: *que não levassem nada pelo caminho...* (Mc 6,8), etc. Na sua concretude, são preceitos e conselhos para aqueles que se dispõem inteiramente à missão, mas, no seu espírito, dizem respeito ao modo de ser evangelizador de todos os cristãos.

Evidentemente, atrás ou no meio de todas essas recomendações, mais que o aspecto físico material, esconde-se um modo de ser, que podemos chamar de “espírito da evangelização cristã” ou “do evangelizador cristão”; espírito que não é outro senão o vigor da pobreza, da humildade e da pequenez evangélica, enfim, o espírito da Cruz, do Crucificado. Assim, e implicitamente, vem condenado todo e qualquer espírito de grandeza, ganância, soberba, vanglória ou triunfalismo. A missão e o missionário devem ater-se única e estritamente ao necessário. Não se trata, portanto, apenas da pobreza dos missionários, mas da própria missão, da Igreja. Assim, mais que de missionários pobres, de uma Igreja de pobres, importa que a missão e a Igreja sejam pobres. Isso porque o protagonista da missão e da Igreja foi pobre, crucificado: Jesus Cristo.

Assim, no centro de toda evangelização não está o evangelizador e nem mesmo a Igreja, com suas pastorais, planos e projetos, mas o mistério originário de ambos e de tudo o que os cercam: Jesus Cristo, o enviado do Pai. Assim, antes de nossa evangelização, existe o envio, a missão, a Boa Nova do Pai. É Ele que, em Jesus Cristo crucificado, nos escolhe, elege e enxerta em seu próprio corpo de único e verdadeiro Chamado e Enviado.

O espírito que pulsa nessas recomendações é claro. Jesus não precisa de outro poder senão o poder do “não-poder” da Cruz. Não precisa do poder dos poderosos desse mundo, muito menos do dinheiro deles. Do contrário, seus seguidores poderiam tornar-se semelhantes aos fariseus, aos doutores da lei e sacerdotes do tempo de Jesus. Vazios de Deus, dos outros e de seu eu mais profundo. Por isso, suas pregações e orações cheiram mais ao asqueroso prurido da sua subjetividade do que ao inebriante perfume do mistério.

Os meios apostólicos, portanto, devem levar a marca, o selo da pobreza, da caridade e da simplicidade evangélicas. Sem esse selo, por mais que os meios possam parecer eficazes, serão vãos. Podemos entender o preceito de não levar duas túnicas como alusivo, figurativamente, a essa simplicidade (Cf. Santo Agostinho, *Concordância dos evangelistas*, 2, 30,75). Ser simples é ser uno, inteiro e inteiriço em si mesmo. Não levar duas túnicas pode, então, significar não viver uma vida dupla, um coração dividido. Quando o evangelizador é simples, o Evangelho ressoa com mais clareza e nitidez. Quando o evangelizador é duplo na sua vida ou dúplice no seu coração, por mais acerta-

das que sejam as palavras de sua pregação, o Evangelho não pode ressoar com clareza e nitidez. Ele ressoa numa sonância abafada.

2.3. Conversão como graça da pregação evangélica

No final do Evangelho de hoje, Marcos acentua que, *então, os doze partiram e pregaram que todos se convertessem* (Mc 6,12).

A pregação da conversão perpassa todas as páginas da Sagrada Escritura. Mas, agora, com Jesus Cristo, ela é levada à sua plenitude e consumação porque nasce de sua fonte primeira e última: a vontade, o coração misericordioso e compassivo do próprio Pai. Em verdade, conversão para Ele significa dar as costas ao mundo e, com o rosto, com toda a mente, com todo o coração, com toda a alma, sempre, dia e noite, aconteça o que acontecer, viver voltado, virado, para o Pai e seu Reino (Cf. ROFS).

A novidade que devia movimentar toda pregação se resume pois nesta pequena, simples, mas revolucionária palavra: “Pai”. Assim, se antes Deus aparecia mais como juiz e senhor aterrorizador, agora com Jesus aparece como “Pai”, “Paizinho” bem próximo, tão próximo que chega a ser denominado de “Deus-conosco”. Em vez de vir a modo de juiz, com sua ira destruidora, virá para oferecer o perdão dos pecados para todos. Um perdão ou salvação dados pela fé e não merecidos ou comprados pela observância das leis e nem pelo mergulho nas águas de um rio; fé que nasce do vigor da experiência da graça do próprio Deus, que vem para visitar e ser Deus-conosco a modo de esposo, amigo, irmão, companheiro.

Assim, era no vigor dessa bela, boa e alegre Notícia que eles – os doze – *expulsavam muitos demônios e curavam numerosos doentes, ungiendo-os com óleo* (Mc 6,13). Eles mesmos eram ungidos pelo óleo da alegria do Espírito Santo. Só podem ungir os outros e, com essa unção, libertar e sanar os outros, aqueles que haviam sido, antes, ungidos com o óleo do Espírito, que comunica força e alegria. No Batismo, a Igreja primeiramente realiza o “exorcismo”, isto é, com sua súplica, o Pai concede ao seu novo filho, nascido das águas e do Espírito, para o seguimento de Cristo, a graça de viver livre da posse do Maligno e dos seus comparsas. Depois, o batizando é ungido, tornando-se não só um cristão, mas um Cristo (ungido). Essa unção comunica, sacramentalmente, a força para lutar pelo Reino de Deus e a alegria e o bom perfume do Evangelho. Aqueles que são assim ungidos tornam-se sacerdotes, profetas e reis no Reino de Deus, em comunhão com Jesus Cristo. Eles tornam-se evangelizadores, portadores do vigor, da saúde e da alegria da vida, que Jesus, o Cristo, o Ungido de Deus, o Messias comunica aos seres humanos, seus irmãos e irmãs.

3. Hino de Paulo acerca do mistério de Cristo, da Igreja e da salvação (Ef 1,3-14)

Como segunda leitura para esse Domingo, a Liturgia escolheu o conhecido hino de louvor e de bênção de São Paulo ao mistério de Cristo, da Igreja e da salvação, escrito e posto como abertura de sua Carta aos Efésios. Nessa abertura temos o fundamento, a alma, o sentimento, a raiz que dá origem a todo mistério da Igreja e de sua obra evangelizadora, um mistério tão profundo ou alto e admirável que leva Paulo a exclamar: *Bendito seja Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo! Ele nos abençoou com toda a bênção do seu Espírito, em virtude de nossa união com Cristo no céu!* (Ef 1,3).

A riqueza e a importância desse hino, para a Igreja e para toda a humanidade, levam a Liturgia a proclamá-lo em diversas Vésperas do Ofício Divino. Os doze versos vêm agrupados em seis estrofes, mas unidos sempre ao redor do mesmo mistério, concebido por Deus desde toda a eternidade: o novo Povo de Deus, a Igreja (Ef 1,3-4). Não existe e nem poderia existir uma definição mais clara e precisa acerca da identidade da Igreja e dos cristãos do que essa: *Em Cristo, Deus nos escolheu antes da fundação do mundo, para que sejamos santos e imaculados sob o seu olhar, no amor* (Ef 1,4).

Paulo não está pensando na santidade moral de cada cristão, mas na eleição e consagração de toda Igreja como um todo, um grupo, uma espécie de fonte comum de e para todos os homens. Nessa dimensão ela será sempre santa, imaculada, por causa de seu fundamento, Jesus, mas, pecadora por causa de nós, seus membros. Podemos e devemos dizer que a Igreja é a nova Maria da Humanidade. Outrora o seio da virgem Maria serviu para gerar o novo humano na Pessoa do Filho de Deus, Jesus. Agora, a Igreja - através dos seus fiéis - é eleita, chamada e enviada para ser o grande útero da nova Humanidade; aquela que deve gerar os novos filhos de Deus e para Deus. Assim, Aquele era Filho “natural”, esses filhos são os “adotivos” de Deus, mas sempre filhos como Aquele, com os mesmos direitos, dignidade, honra, privilégios, vocação, missão e deveres.

Todo esse mistério, porém, tem um preço: *pelo seu sangue é que nós fomos libertados... e nossas faltas são perdoadas* (Ef 1,7).

Finalmente, na última estrofe, Paulo não podia deixar de cantar a mensagem mais cara e querida de toda sua vocação-missão: *Nele, também vós (gentios) ouvistes a palavra da verdade, o Evangelho que vos salva. Nele, ainda, acreditastes e fostes marcados com o selo do Espírito Santo...* (Ef 1,13)

Enfim, a Igreja tem como missão tão só e unicamente proclamar a todos os povos, de todos os tempos, que a história gravita em torno desse único mistério: *que, em Cristo, Deus fez recapitular todas as coisas* (Ef 1,10).

Consequentemente, os cristãos, acima de tudo, os pregadores, mais e antes que cientistas e organizadores políticos, pastoralistas, etc. deverão ser, a exemplo de São Francisco de Assis, poetas, arautos e cantores desse segredo de Deus: o mistério de Cristo e de sua Igreja.

Conclusão

A graça da alegria, do encantamento de ser chamado-enviado está na raiz da vida dos cristãos e de toda Igreja primitiva. É sua identidade!

Chamado-enviado significa estar na graça de ter sido eleito por Deus para estar e ser um em e com Cristo, colocando assim nossa vida à disposição Dele e de sua Obra evangelizadora. Assim, quem, acima de tudo e de todos, evangeliza não sou eu, na ou com minha individualidade, mas o espírito, o estilo de vida que nasce e floresce nesse grupo como um todo, chamado de Ordem dos Apóstolos ou Igreja. É, pois, a partir dessa pertença, do vigor desse amor fraterno, vivido *dois a dois*, que o cristão evangeliza, como podemos ver nessa admirável passagem de São Francisco e dos primeiros frades:

Então, São Francisco chamou-os todos a si e, tendo-lhes falado muitas coisas ‘sobre o Reino de Deus’, o desprezo do mundo, a abnegação da própria vontade e a mortificação do corpo, dividiu-os “dois a dois” pelas quatro partes do mundo e disse-lhes: “Ide, caríssimos, dois a dois, por todas as partes do mundo, ‘anunciando’ aos homens ‘a paz’ e ‘a penitência para a remissão dos pecados’; sede ‘pacientes na tribulação’, confiando que o Senhor vai cumprir o que propôs e prometeu. Aos que vos fizerem perguntas respondi com humildade, ‘aos que vos perseguirem abençoai’, e aos que vos caluniarem agradecei, porque por meio disso tudo nos ‘está sendo preparado um reino eterno’” (1C 29).

Por isso, segundo nosso Papa Francisco, longe de nós um crente ou religioso que - em vez *da paixão* de doar sua vida a Jesus Cristo e seu Evangelho, como prometeu em seu Batismo - busca defender *seus espaços pessoais, a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade* (EG 78). E conclui o Papa:

É impressionante como até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão. Não deixemos que nos roubem o entusiasmo missionário (EG 80).



16º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Jr 23,1-6; Sl 22; Ef 2,13-18; Mc 6, 30-34

Tema-mensagem: Como Seguidores de Cristo, o bom Pastor, que se compadece e dá a vida por suas ovelhas, também nós devemos compadecernos das multidões que, também hoje, andam errantes, sem pastor.

Introdução

Domingo passado, celebrávamos o mistério mais profundo de nossa identidade de seguidores de Cristo: chamados-enviados. Hoje, celebramos a raiz deste mistério: a compaixão de Jesus que vai à procura das ovelhas que andam errantes para, como bom pastor, congregá-las, ensiná-las e curá-las.

1. Um grito de condenação e de esperança (Jr 23,1-6)

Quem, mesmo de longe, faz um belo anúncio do mistério desse Domingo é o profeta Jeremias. A situação político-religiosa de Israel e de Judá andava de mal a pior. Sempre que se fazia essa ou semelhante pergunta: *Por que o Senhor tratou desta maneira esta grande cidade?* (Jr 5,19), a resposta era sempre a mesma: *Porque abandonaram a aliança do Senhor, seu Deus, prostaram-se diante de deuses estrangeiros e os serviram* (Jr 21,8-9).

O trecho de hoje se dá após as inúmeras profecias de Jeremias contra, não tanto o povo, mas principalmente contra suas lideranças, de modo especial os reis: *“Ai dos pastores que deixam perder-se e dispersar-se meu rebanho de minha pastagem”, diz o Senhor* (Jr 23,1).

O profeta começa com um *Ai* que exprime tanto a dor como a condenação por parte do Senhor diante da apostasia, da idolatria e, acima de tudo, do iminente exílio de seu povo amado e predileto. Mas, embora não absolvendo nenhum daqueles falsos pastores, o profeta não deixa de semear em seus corações a semente messiânica da confiança e da esperança. Mais que tudo, era necessária uma mensagem de salvação naquele momento em que tudo parecia soçobrar. Rígido com os pastores, com os dirigentes, para os quais promete *castigar-lhes a malícia de suas ações*, mas benévolo com o povo – as ovelhas dispersas – o Senhor promete *reunir o resto de suas ovelhas, de todos os países, para onde foram expulsas e fazê-las voltar a seus campos onde elas se reproduzirão e se multiplicarão* (Jr 23,3). Assim, o povo que o Senhor entregara aos cuidados do rei Davi e seus descendentes, por maldade de seus reis, se dispersara e se perdera. Agora, porém, Israel será congregado e de novo

será sua propriedade. Para isso, promete que lhes fará nascer um *descendente de Davi* (Jr 23,5).

O nome desse *descendente*, porém, trará uma grande novidade. Não será mais Senhor apenas de um ou dois, mas de todos os povos da terra. Por isso, em vez de “O Senhor é minha Justiça” se dirá: *Senhor, nossa Justiça* (Jr 23,6).

Hoje, sabemos que o descendente anunciado por Jeremias se realizou só e plenamente em Cristo. Ele é a justiça, a medida boa, bem calcada porque sua misericórdia será sem limites para com os pobres e pecadores arrependidos; uma justiça plena porque sua presença não será mais uma promessa, mas real. Será para sempre o “Deus-conosco”. Por isso, com justiça, esse descendente será chamado de “Jesus”, isto é, “Salvador”.

2. Compaixão, a fibra mais profunda do coração do Bom Pastor (Mc 6,30-34)

Dentro do grande objetivo de responder à pergunta “Quem é Jesus?”, no Evangelho de hoje, Marcos nos conduz para o íntimo mais profundo - o coração do Mestre: Ele é o Pastor que se compadece de suas ovelhas.

2.1. O contínuo reencontro dos pastores com seu Pastor

O trecho proclamado está intimamente ligado ao Evangelho do Domingo passado: o chamado e o envio dos doze apóstolos, dois a dois, para que fossem pelo mundo afora com o poder de expulsar os espíritos impuros. Se no Domingo passado eles partiram de Jesus, o Mestre, hoje eles voltam a Jesus, se reúnem com Ele e lhe *contam tudo o que haviam feito e ensinado* (Mc 6,30).

Poderíamos dizer que estamos diante da primeira, a hoje tão conhecida *Visita ad limina apostolorum* (“Visita aos túmulos dos Apóstolos”). Assim, como hoje os Bispos diocesanos vão à Roma para um encontro com o Papa a fim de pô-lo ao par da situação da Igreja em suas dioceses e ouvir dele suas paternais apreciações e exortações, de certa forma, algo semelhante aconteceu com os Doze. Terminada a primeira viagem, sentiram a necessidade de retornar ao seu Senhor a fim de expor-lhe os feitos de sua missão.

A cena desenrola-se num clima de muita ternura, confiança, intimidade e acolhimento. Logo, terminado o relato, Jesus disse-lhes: “*Vinde sozinhos para um lugar deserto, e descansai um pouco!*” (Mc 6,14). Sozinhos! Deserto! Descanso!

Como anteriormente, também aqui, a primazia está no chamado de Jesus, o Mestre. Se antes o Mestre chamara para a missão, agora chama para a solidão, o deserto e o descanso. Assim, se grande fora o chamado para a missão, grande deve ser também o chamado para esse recolhimento. O que será que

Cristo quis com essa proposta? Que descanso, que deserto, que solidão serão esses? Seríamos muito ingênuos, talvez, se pensássemos apenas em categorias modernas de férias, lazer ou num tempo e lugar onde se possa viver de papo para o ar, num *dolce far niente*, longe das incomodações dos afazeres e das pessoas de nosso cotidiano.

Os doze haviam voltado entusiasmados com o sucesso de sua primeira missão. Era preciso impedir que se perdessem no enleio da vanglória do resultado e da ardilosa autoridade, do poderio de suas próprias pessoas; que não se esquecessem da razão, da causa de toda aquela obra. Era preciso fortalecê-los numa fé que torna grande e plena a vida de um missionário: uma fé centrada Nele mesmo, Cristo; no Pai e na força da sua graça. Assim, levar os discípulos para um lugar solitário, um deserto, significa pô-los, de novo, em contato direto e imediato com a fonte de toda missão: o Pai.

Falando da necessidade e da importância dessa união permanente do missionário com sua fonte, assim fala nosso Papa: *Nas Atas dos Mártires, lemos este diálogo entre o Prefeito romano Rústico e o cristão Hierax: — “Onde estão teus pais? — perguntava o juiz ao mártir. Este respondeu: “O nosso verdadeiro pai é Cristo; e nossa mãe, a fé Nele”. Para aqueles cristãos, a fé, enquanto encontro com o Deus vivo que Se manifestou em Cristo, era a «mãe», porque os fazia vir à luz, gerava neles a vida divina, uma nova experiência, uma visão luminosa da existência, pela qual estavam prontos a dar testemunho público até ao fim (Lumen Fidei, Papa Francisco, 5). Assim, já bem antes da hora das trevas, da sua Paixão, Jesus quer assegurar a todo o grupo apostólico, o que mais adiante vai assegurar a Pedro, em particular: “Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça” (Lc 22,32).*

Por isso, aqui, solidão, em vez de isolamento, significa estar com aquilo ou Aquele que se constitui no seu tudo. Soli-tudo: só com seu tudo, seu todo. E Jesus é o tudo, o único tudo ou o todo de um missionário cristão. Da mesma forma, ir para o deserto, mais ou antes de dirigir-se a um lugar geográfico, inóspito, de desolação, indica a busca do mistério do Dom da vida, denominado pelo próprio Jesus, na conversa com a samaritana, como *fonte de água viva* (Jo 4,10). Nesse sentido, descansar, mais que pôr-se em situação de desprender-se de compromissos, significa assentar-se na raiz do sentido, no amor, no bem querer de sua existência. Assim, por exemplo, quando o filho ou o esposo, a esposa estão no aconchego do seu lar, mesmo cheios de trabalhos e dificuldades, estão bem, estão em paz. Descansam porque estão no fruir da graça do encontro, da familiaridade. E isso é tudo para alguém ser feliz: o convívio com a pessoa amada.

Na verdade, Jesus está iniciando seus amigos na outra direção do caminho da missão. Se na primeira, eles deviam ir a partir Dele; agora, na segunda,

deviam ir a partir da intimidade de sua origem, o Pai. Sem uma vida enraizada nessa fonte não haverá jamais verdadeira missão cristã. Por isso, todo missionário há de ser um místico. Do contrário, será apenas um marqueteiro, vendedor de doutrinas e de religião, quando não de leis, cultos, tradições, costumes e culturas. *A fonte-raiz, porém, não se localiza, não tem lugar próprio. Está em toda parte* (Harada). Vai chegar a hora em que o Esposo lhes será tirado. Então, terão que aprender a viver, a seguir Jesus, na fé da presença escondida do Pai.

Uma leiga, mística e franciscana secular, engajada na pastoral dos doentes e presos, escreveu que, por muitos anos, vivera apenas uma imagem de Deus Pai.

Um dia, porém, conta ela, não sei precisar quando, eu percebi que Tu não eras mais somente meu Pai, meu Amigo. Eras alguém que me amava de modo particular e a quem eu devia amar de um modo diferente. Eu já não podia te chamar apenas de Pai, e uma noite, eu notei, enquanto rezava, que te chamava: ‘Doce amor de minha vida’. Marina conta que até levou um susto, porque lhe pareceu estar traindo seu marido Jorge, dando a outra pessoa um tratamento tão afetivo e íntimo (*O Livro de Marina*, pág. 106).

2.2. Compaixão do Pastor, alma duma Igreja missionária

Na segunda parte dessa narrativa, Marcos faz questão de realçar, mais uma vez, a fé das multidões pagãs: *muitos os viram partir e reconheceram que eram eles. Saindo de todas as cidades, correram a pé e chegaram lá antes deles* (Mc 6,33).

Todavia, e de novo, o protagonista não são as multidões, mas sim, Jesus e sua atitude: *Jesus viu uma numerosa multidão e teve compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor* (Mc 6,34). Repete-se em Jesus o que vem assinalado em todas as páginas da Sagrada Escritura: nosso Deus vê os sofrimentos e a *pequenez de seus eleitos*, como o decanta jubilosamente Maria (Lc 1,48).

Comentando esta passagem de Marcos, assim fala nosso Papa Francisco:

O Deus feito homem deixa-se comover pela miséria humana, pela nossa necessidade, pelo nosso sofrimento. O verbo grego que traduz essa compaixão é *splanchnízomai* e deriva da palavra que indica as vísceras do útero materno... É um amor visceral... Jesus não olha para a realidade do exterior sem se deixar tocar, como se tirasse uma fotografia: ele se deixa envolver. É dessa compaixão que precisamos hoje, para vencer a globalização da indiferença. É desse olhar que precisamos quando nos encontra-

mos diante de um pobre, um marginalizado, um pecador. Uma compaixão que se nutre da consciência de que também somos pecadores (Francisco – O Nome de Deus é Misericórdia, Andrea Tornielli, pág. 130-131).

A compaixão de Deus ou de Jesus, portanto, antes de um poder sobre o outro, manifesta-se como sentimento de profunda alegria e gratidão de um servo que tem a honra e a distinção de poder servir ao outro como seu senhor. Por isso, a compaixão de Jesus manifesta-se mais por uma simples e humilde presença (que sofre nossos sofrimentos e se alegra com nossas alegrias, que carrega conosco o peso de nossos pecados) do que de alguém que tenha a capacidade de nos encher de benefícios ou milagres.

3. Na Cruz morrem todas as divisões e nasce um único Povo, a Igreja (Ef 2,13-18)

Domingo passado ouvimos São Paulo decantar, jubilosamente, nossa eleição divina: Deus Pai nos uniu a seu Filho Jesus Cristo, desde toda a eternidade (Cf. Ef 1,3-14). Hoje, o mesmo Apóstolo, através da mesma Carta aos Efésios, nos leva a contemplar o mais belo e importante fruto dessa eleição: *Irmãos: agora, em Jesus Cristo, vós, que estáveis longe, vos tornastes próximos pelo sangue de Cristo* (Ef 2,13). Trata-se da origem da Igreja, entendida não apenas e muito menos como Religião; mas, antes e acima de tudo, como mistério, isto é, como desígnio, obra da graça de Deus, assim descrita: *Ele quis assim, a partir do judeu e do pagão, criar em si um só homem novo, estabelecendo a paz. Quis reconciliá-los com Deus, ambos em um só corpo, por meio da cruz; assim, ele destruiu em si mesmo a inimizade* (Ef 2,16).

Ninguém, melhor do que Paulo para testemunhar, com toda alegria e gratidão, esse mistério da unificação da humanidade dividida: do judeu e do gentio. As duas humanidades velhas dão lugar a uma humanidade única e nova. São reconciliadas e pacificadas em Jesus Cristo. No Amigo comum, a inimizade entre judeus e gentios é superada. A universalidade da fé única no Deus crucificado une a todos, sem exclusões. Já não há lugar para desprezos mútuos entre os homens, por razões étnicas, culturais etc.

Os efeitos ou frutos dessa obra misteriosa, nascida do sangue de Cristo derramado na Cruz, são expostos com muita clareza, como que em duas colunas muito distintas:

- se antes estáveis separados, distantes, agora vos tornastes próximos;
- se antes havia divisão, separação, inimizade, agora reina a paz entre todos e com todos.

Tudo isso, portanto, é graças a *Ele, que une uns e outros em um só Espírito, que temos acesso junto ao Pai* (Ef 2,18).

O evento Cristo, principalmente o mistério de sua paixão e crucificação, feriu de golpe mortal todo e qualquer discriminação humana e religiosa. Todo e qualquer racismo ou nacionalismo religioso não passa de um verdadeiro sacrilégio porque ofendem e contradizem a essência da Religião que, em seu sentido original, significa o mistério que busca e promove a ligação, a união. Religião, do verbo “re-ligar”, liga, une e reúne de novo. Foi o que fez Cristo na Cruz: *a partir do judeu e do pagão, criou um só homem novo* (Ef 2,15).

Felizmente, após alguns séculos de cultivo de certo sectarismo religioso, nós, Igreja do Vaticano II, somos chamados a ser *a casa aberta do Pai* (EG 4). Por isso, nos exorta o Papa Francisco:

Saiamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! ... Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6,37) (EG 49).

Conclusão

Quem hoje está sem pastor não são as multidões, mas a própria humanidade. O que está em jogo, hoje, não é apenas a sobrevivência da espécie humana, mas a “humanidade nos homens”. O “niilismo europeu”, com sua expressão maior e mais dramática com a teoria “morte de Deus”, grassa por toda a parte, principalmente entre povos tradicionalmente tidos como cristãos. Sintoma mais angustiante dessa devastação mundial é a desertificação do coração humano e o crescente número de suicídios entre jovens.

É dessa multidão que a Igreja, nós cristãos, os “Doze Apóstolos” de hoje, devemos ter compaixão. É a ela que devemos começar a ensinar muitas coisas

(Cf. Mc 6,34), não a modo de senhores e mestres, mas de pobres irmãos e humildes companheiros de jornada.

Compaixão e ensino que se fazem, antes e acima de tudo, por um amor às pessoas que encontramos, diz nosso Papa. E argumenta:

O amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus... Pois, quem não ama o irmão “está nas trevas e nas trevas caminha” (1Jo 2,11), “permanece na morte” (1Jo 3,14) e “não chega a conhecer a Deus” (1Jo 4,8). Bento XVI disse que «fechar os olhos diante do próximo nos torna cegos também diante de Deus» e que o amor é fundamentalmente a única luz que «ilumina incessantemente um mundo às escuras e nos dá a coragem de viver e agir»... (EG 272-273).

A partir desse princípio vem, então, a consequência, assim descrita pelo nosso Papa:

Se quisermos crescer na vida espiritual, não podemos renunciar a ser missionários... Não se vive melhor fugindo dos outros, escondendo-se, negando-se a partilhar, resistindo a dar, fechando-se na comodidade. Isso não é nada mais do que lento suicídio. A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quiser destruir. Eu “sou missão” nesta terra e para isso estou neste mundo (idem).

Quem compreendeu bem esse legado evangélico da missão como dom a todo batizado em favor de todos os homens foi São Francisco. Por isso, é o primeiro fundador de Ordem a incluir em sua Regra um capítulo dedicado à missão, ou evangelização, que pode ser feita por todos os Irmãos, clérigos e leigos (Cf. RNB 21). É também o primeiro fundador de uma Ordem que inclui na Regra um capítulo dedicado *Aos Irmãos que vão entre os sarracenos e outros infiéis* (Cf. RNB 16). Ele mesmo deu o exemplo, fazendo a famosa visita ao Sultão Malek-al-Kamil.



17º Domingo do Tempo Comum

Leituras: 2Rs 4,42-44; Sl 144; Ef 4,1-6; Jo 6,1-15

Tema-Mensagem: Uma Igreja, que se sacia da abundância do Pão dos Pobres, deve ser solidária com todos os famintos

Introdução

A Eucaristia, que celebramos todos os dias, principalmente aos Domingos, é o coração, a fonte da qual nasce e para a qual se dirige toda vida e toda ação da Igreja. Ela é o Pão dos Pobres que sacia em abundância os cristãos, para que sejam solidários com todas as fomes e todos os famintos.

1. Gratuidade e bondade, fontes que nunca se esgotam (2Rs 4,42-44)

Muitas são as passagens do Antigo Testamento que profetizam ou preparam os eventos do Novo Testamento. Entre as mais claras, admiráveis, expressivas e emblemáticas está o relato do milagre da multiplicação dos pães, através do profeta Eliseu, lido hoje. Não há como não ver nele um prenúncio do milagre da multiplicação dos pães, feito por Jesus e, por extensão, da própria Eucaristia.

O que espanta e deixa embaraçado, não apenas aquele piedoso fiel que viera de Baal Saisa, mas todos nós, é a situação limite, a desproporção: de um lado, vinte pães apenas e de outro, cem pessoas. Daí a pergunta perplexa daquele devoto que viera oferecer ao Senhor as primícias de suas colheitas: *Como vou distribuir tão pouco para cem pessoas?* (2Rs 4,43).

A intenção do profeta é clara. Primeiramente, mostrar aos presentes a força do poder de Deus e convencer os israelitas que não era Baal, mas Jahvé, quem lhes fornecia os bens de sua sobrevivência: pão, água, vinho, óleo, gado etc. Era preciso também mostrar que, se e quando depender de Deus, ninguém passará fome, sede, penúria ou nudez. Mas, além e acima de tudo, a hora era de lançar no coração dos israelitas a esperança de que os dias do futuro Messias serão um tempo de festa, de banquete, de abundância de bens e de confraternização de todos os povos. Um tempo no qual *todos comerão em abundância e ainda sobrarão*, porque o pão que lhes será oferecido não é outro senão o pão da gratuidade, do amor do próprio Deus. Mas, para isso era necessário abandonar Baal e seus ídolos, para seguir a Jahvé e seus preceitos.

A generosidade, a liberalidade, a capacidade de compartilhar os bens, que recebemos de Deus, através da gratuidade da terra e do céu, bem como através da capacidade que nos foi dada de trabalhar, não nos empobrecem, jamais! Pelo contrário! Sempre que compartilhamos o que temos com quem não tem, saímos enriquecidos. Pois sempre, e quando isso fizermos, estamos nos assemelhando a Deus, que é pura doação e, por isso, fonte de toda riqueza.

Em nosso mundo, hoje, confunde-se riqueza com posse. Puro engano, pois riqueza é o bem que se comunica gratuitamente, por toda a parte e por todo o tempo, a modo de fonte. A quem assim se conduz Jesus chama de “pobre de espírito”, “bem-aventurado” (Cf. Mt 5,3) porque, tudo o que recebe dessa riqueza distribui aos outros através da partilha, com gestos de justiça, misericórdia, caridade fraterna etc.

O mundo em que vivemos, porém, quer suprir o vazio do não-ser com a abundância do ter, com a acumulação de bens. Não percebe que, porém, quem é rico do ser acolhe o não-ser sem precisar preencher seu vazio com o ter. Uma economia baseada no lucro e na acumulação maciça por parte de poucos, em detrimento da exploração e da indigência de muitos é, desde sua origem, errada e errante. Está longe da “economia de São Francisco” e de sua Ordem, assentada no vigor do *viver sem nada de próprio* (RNB 1) e para a qual o Papa Francisco vem chamando a atenção, ultimamente. Oxalá aprendamos a seguir o comando de Deus, mediante o profeta: *Dá-os (pães) a comer a essa gente, porque assim fala o Senhor: ‘Comerão e ainda há-de sobrar’* (2Rs 4,42-43).

2. Jesus, o Pão da abundância dos famintos (Jo 6,1-15)

O banquete messiânico e universal, tão desejado pelo Povo da Antiga Aliança, anunciado pelo milagre do profeta Eliseu, visto acima, alcança sua efetivação plena e perfeita em Cristo. É o que se pode ver através do famoso milagre da multiplicação dos pães, proclamado na Eucaristia de hoje. Nesse Evangelho realiza-se em Jesus o que o salmista proclamara: *Os pobres comerão de graça e serão saciados*, bem como, e também, o que o profeta Isaías anunciara: *Prepara o Senhor dos exércitos, para todos os povos, neste monte, um banquete de carnes gordas, vinhos excelentes, comidas suculentas e vinhos excelentes* (Is 25,6).

Toda Sagrada Escritura apresenta a salvação como uma vida em abundância, em plenitude, felicidade, alegria plena que acontece através de um grande encontro de todos os povos, em torno de um grande banquete de casamento oferecido por Jahvé. Todos os famintos, principalmente os pobres, poderão comer de graça até à saciedade. Eis a mensagem que ocupa e perpassa todo esse Evangelho.

2.1. Jesus vê a multidão e sua fome

O Evangelho de hoje começa com esta constatação: *Depois partiu Jesus para o outro lado do mar da Galileia, isto é, de Tiberíades* (Jo 6,1). Jesus estava em Jerusalém, onde tivera uma ferrenha discussão com “os judeus” porque afirmara: *“Meu Pai continua trabalhando até agora e eu também trabalho”* (Jo 5,17). Então, os judeus *procuravam com mais afinco tirar-lhe a vida. Pois, não só violava o sábado como também afirmava que Deus era seu Pai, fazendo-se assim igual a Deus* (Jo 5,18). Jesus, então, para acalmar seus opositores e escapar de uma possível perseguição, abandona Jerusalém e atravessa o mar da Galileia. A travessia do mar pode evocar, aqui, de certo modo, o evento da Páscoa, quando Moisés, fugindo da perseguição dos egípcios, atravessou o Mar Vermelho, na famosa viagem de libertação.

João continua narrando que Jesus *era acompanhado de grande multidão, pois viam os sinais que fazia com os enfermos* (Jo 6,2). Como Moisés no deserto, também Jesus é acompanhado de uma multidão. Estavam atônitos por sua doutrina, ensinada com autoridade (Cf. Mt 7,28-29). Ao mesmo tempo, eram atraídos pelos milagres que Ele fazia, na cura dos enfermos. A palavra para “enfermo”, em grego, é, aqui, “asthenês”, isto é, “frágil”, “débil”, “não firme”. Em companhia de Jesus todos sentiam um vigor que revigorava os fracos, tornava firmes os enfermos. Mas, as curas de Jesus, mais que milagres, eram verdadeiros “sinais”, isto é, setas que tinham como objetivo chamar a atenção para algo maior: a cura da debilidade da fé.

A seguir, *Jesus subiu ao monte e sentou-se ali com os discípulos* (Jo 6,3). Moisés, outrora, no monte Sinai, intermedeia a aliança entre Deus e o povo e concede-lhe os mandamentos divinos. Jesus, agora, o novo Moisés, será o mediador de uma nova Aliança entre Deus e as multidões que foram convocadas para a libertação. *Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus* (Jo 6,4). O povo deveria estar agora subindo para o monte do Templo, em Jerusalém, para celebrar a antiga Páscoa. Mas, vai atrás de Jesus e, junto àquele monte, está prestes a entrever a realização de uma Páscoa futura, selada no sangue de Jesus, o Cordeiro de Deus que toma sobre si e tira o pecado do mundo. Dentro de um ano, enfim, na Páscoa seguinte, Jesus irá consumir essa Páscoa da nova Aliança no seu sangue, em Jerusalém.

2.2. Jesus abençoa e distribui os pães da abundância

Vendo que uma grande multidão estava vindo ao seu encontro, Jesus disse a Filipe: “Onde vamos comprar pão para que eles possam comer?” (Jo 6,5). Como Moisés, Jesus testemunha uma multidão que tem fome e que não tem o que comer. Segundo João, a pergunta de Jesus era para pôr Filipe

e outros à prova, ou seja, era preciso antes despertá-los para a fé, a confiança; movê-los para a corresponsabilidade e a busca de solução. Felipe, certamente, ficou desconcertado. Foi então que André descobriu que havia um menino com cinco pães e dois peixes. Menino! Sempre o menino, a criança! Isso evoca o “Menino de Belém”, isto é, da “Casa do Pão” (em hebraico: *Beit Lehem*). O menino da manjedoura, onde pastam os animais! A grandeza do milagre deve vir de alguma maneira da pequenez e da inocência da criança. Deus é como o menino, simples, inocente, puro, jovial. A palavra usada em grego por São João, *paidarion*, significa tanto “menino” quanto “servo”. Jesus Cristo é, também, o Servo do Senhor. Ele revela um Deus que é servo de toda criatura, especialmente dos mais frágeis, dos famintos, dos pequenos, daqueles que têm poucos recursos, dos que não contam e passam como invisíveis para o “mundo”, para o Estado, o mercado etc.

Deus trabalha com a inocência, a pureza, a simplicidade e a humildade do pouco do pobre e não com a soberba do poder, dos que confiam apenas no dinheiro, nas “leis do mercado” etc. Assim, ao contrário do mundo, que pensa em primeiro acumular para depois repartir, o pensamento e a prática de Deus, ao contrário, primeiro pensa em repartir o pouco que se tem para que este pouco se transforme em muito, capaz de salvar a todos. Assim, repartindo, todos terão o suficiente e necessário.

A dádiva do menino eram cinco pães de cevada e dois peixes (Cf. Jo 6,9). Cinco pães de cevada e dois peixes somados temos o número sete, o número da totalidade, do uno e do íntegro. Um todo ou uno que se recolhe, não para se isolar e se concentrar em si mesmo, mas para se dividir e compartilhar. Segundo os Padres da Igreja, podemos ver nessa cena, também e simbolicamente, a imagem da Igreja que é alimentada não só pelo pão, mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus.

Diz ainda João, que Jesus ao tomar *os pães, deu graças*. Os demais evangelistas antepõem, ainda, que Jesus levantou os olhos ao céu. Assim, Jesus uniu a generosidade do menino pobre com o poder do Pai, fonte de todas as graças, misericórdias e bênçãos, sem o qual não haveria nenhum milagre, nenhuma multiplicação, como se vê na admirável obra da criação. É dessa fonte – o Pai, o *sumo Bem, o Bem inteiro, o único Bem* (LH) – que o pouco do homem vai se multiplicar, podendo ser distribuído *aos que estavam sentados, tanto quanto quieram*. Comentando essa passagem, diz Sano Agostinho: *Aqueles cinco pães eram como sementes, não semeadas na terra, mas multiplicadas pelo mesmo que fez a terra* (Tratados sobre o Ev. de João, 24,1).

A referência aos doze cestos dos pedaços, que ainda restaram, aponta para o povo da Antiga Aliança, suscitado a partir dos doze patriarcas, bem como para o povo da Nova Aliança, que surgiu do seguimento de Cristo e da

missão dos doze Apóstolos. Deve-se realçar, ainda, que o novo Povo de Deus, cuja Aliança, agora, selada no sacrifício da Cruz, será, mais tarde, saciado com a Palavra de Deus. Os Atos dos Apóstolos contarão, então, como cinco mil pessoas, à escuta da Palavra, que fora proclamada pelos Apóstolos, especialmente por Pedro e João, irão se converter para seguir o caminho de Jesus Cristo (Cf. At 4,4). Desde então, da plenitude da pregação apostólica, a Igreja e todos nós seus filhos continuamos, até hoje, nos alimentando com o milagre da multiplicação dos pães, que é a Palavra de Deus.

2.3. Jesus, o sinal dos sinais

A narrativa encerra-se com esta importante profissão de fé messiânica: *Vendo o sinal que Jesus tinha realizado, aqueles homens exclamavam: “este é verdadeiramente o Profeta, aquele que deve vir ao mundo!”*

O contraste é chocante! Os entendidos da Lei e da Religião, vendo os sinais de Jesus, o condenam como conjugado com o Demônio e por isso até procuram matá-lo. Já os pobres e famintos veem nesse milagre o grande sinal do Profeta, tão longamente esperado e desejado como novo Moisés (Cf. Dt 18,15). Com essa profissão de fé, João nos transporta para a dimensão sobre-humana de Jesus que ele, como nenhum dos demais Apóstolos, tanto admira e contempla: Jesus não é apenas o Filho do Homem. É, também, o Filho de Deus, o novo Moisés, o grande e definitivo Sinal de Deus em favor de seu povo!

Mas, para evitar o perigo de qualquer reação triunfalista por parte do povo – possibilidade já assinalada em Jo 6,2 – *Jesus retirou-se de novo, sozinho, para o monte* (Jo 6,15). O sinal tem esta característica: para não perder sua identidade, precisa sempre da solidão e do recolhimento. É assim com a Eucaristia, o Presépio e a própria Cruz. Por isso, também, se quisermos compreender o Sinal-Jesus, não há outro caminho senão segui-Lo na solidão e no recolhimento. Por isso, toda celebração eucarística, que não tiver esses dois exercícios, corre o risco de ficar apenas no vazio da badalação de um evento de exaltação e vivências da subjetividade, semelhante aos shows do mundo e dos mundanos.

3. A Igreja deve caminhar de acordo com sua vocação (Ef 4,1-6)

Na segunda leitura, Paulo, escrevendo da prisão, nos dá um resumo muito bem elaborado, acerca de como deve concretizar-se o mistério eucarístico no dia a dia dos cristãos: *caminhar de acordo (de modo digno) com a vocação que recebestes* (Ef 4,1).

Aqui, pode-se e deve-se ler entre as linhas a eclesiologia de Paulo: a Igreja é essencialmente a congregação, a assembleia dos chamados por Deus. Ou seja, todo chamado de Deus vem através da Igreja e tem como objetivo a pertença à Igreja, isto é, ao Corpo de Cristo. Fora desse princípio não existe chamado.

Para que esse princípio, acerca da prioridade da Igreja – entendida como assembleia, comunidade divina – fique bem claro e não seja jamais esquecido, Paulo usa este aforisma: *Há um só Corpo e um só Espírito, como também é uma só a esperança à qual fostes chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só Batismo, um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, que age por meio de todos e permanece em todos* (Ef 4,5-6).

É sobre essa estrutura que a Igreja deve caminhar e se manifestar sempre, a fim de evitar o perigo do personalismo, tão presente, infelizmente, ao longo da história da Igreja, também hoje. Não são poucas as vezes que nosso Papa Francisco nos alerta acerca desse “mundanismo espiritual” que, *sob a aparência de religiosidade, e até mesmo de amor à Igreja, em vez da glória do Senhor, busca a glória humana, o bem-estar pessoal* (EG 93).

Conclusão

Nenhum evangelista acentua tanto a dimensão eucarística do milagre da multiplicação dos pães, da solidariedade cristã, como João, bem como o inverso, a dimensão comunitária, social da Eucaristia. Ou seja, Eucaristia, Igreja, Paróquia, Comunidade, Fraternidade, sem solidariedade com as pessoas que nos cercam, principalmente com os pobres, doentes, marginalizados e pecadores é uma farsa. O inverso igualmente vale: solidariedade sem Eucaristia, sem Deus, sem Jesus Cristo, também se perde num mero assistencialismo humanista, sem nenhuma transcendência e por isso, quase sempre, de pouca alegria e duração.

Enfim, Eucaristia-multiplicação dos pães é o resumo do sentido da vida, principalmente de um cristão: a solidariedade que nasce e floresce do pouco, isto é, da pobreza que é Deus, que se faz o *Pão nosso de cada dia*. Eucaristia é essencialmente Deus se sacrificando, se fazendo pão para ser multiplicado, repartido e comido por todos. Seria, pois, uma grande contradição sairmos de sua celebração e manter-nos indiferentes, sem repartir a comida com quem tem fome, sem hospedar em nossa casa quem não tem destino, sem vestir uma roupa naquele que encontramos nu, procurando esconder-nos de nosso irmão pobre (Lv 58,7-8).

Assim, transportando para nossos dias esse princípio básico da vida cristã, nosso Papa Francisco nos encoraja a adotar um *estilo de vida profético e*

contemplativo, capaz de gerar profunda alegria, sem estar obcecado pelo consumo... Trata-se da convicção de que «quanto menos, tanto mais». ... A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco (LS 222-223).

Trata-se, enfim, do mesmo princípio adotado outrora por São Francisco assim testemunhado:

Outra vez, voltando de Sena, encontrou um pobre e disse ao companheiro: ‘Importa, Irmão, que devolvamos o manto a este pobrezinho, porque é dele. Nós o recebemos por empréstimo, até encontrarmos alguém mais pobre que nós’. O companheiro, vendo a necessidade em que se achava o piedoso pai, resistiu firmemente para que não fizesse aquilo, descuidando de si. Mas o Santo retrucou: ‘Não quero ser ladrão. Ser-nos-ia imputado como roubo se não déssemos ao que precisa mais’. O outro desistiu, e ele deu o manto (2C 87).

Por isso, também, foi esse espírito que depois inspirou muitos franciscanos a fundarem os famosos *Montes Pietatis* (Montes Pios), uma espécie de Bancos através dos quais os pobres podiam sacar dinheiro em condições bem acessíveis. Foi seguindo esse mesmo princípio que, também, muitas fraternidades franciscanas seculares, *fundaram hospitais, dispensários, depósitos de víveres e de roupas para os pobres, peregrinos etc. Por isso, muitas vezes eram as próprias comunas que lhes confiavam este serviço* (Cf. Dicionário Franciscano, Vozes-Cefepal, 514).



18º Domingo do Tc

Leituras: Ex. 16,2-4.12-15; Sl 77; Ef 4,17.20-24; Jo 6,24-35

Tema-mensagem: Ser cristão é crer, crescer em Jesus Cristo, o Pão vivo enviado do Pai – Eucaristia - a grande obra da fé.

Introdução

A Igreja continua celebrando o mistério central de sua vida e missão: a Eucaristia. Neste Domingo, somos levados ao coração desse mistério. E quem nos conduz é o próprio Jesus quando, ao explicar o milagre da multiplicação dos pães, faz o anúncio de si mesmo: “*Eu sou o Pão da vida, dado pelo Pai como o verdadeiro pão do céu*” (Mc 6,35).

1. O Pão do céu escondido no pão da terra (Ex. 16,2-4.12-15)

Este mistério – o Pão vivo dado por Deus – veio sendo anunciado muitas vezes e de muitas formas, já no Antigo Testamento. Clássico e famoso é o evento das codornizes e do maná, doados misteriosamente em pleno deserto aos israelitas que, saídos da escravidão do Egito, marchavam rumo à Terra da libertação.

Naqueles dias, por falta de alimento e água, a situação se tornara por demais crítica e tensa. Por isso, a comunidade dos filhos de Israel põe-se a murmurar contra Moisés e Aarão... (Ex 16,2). Chegam, até mesmo, a chamar de vida aquela situação de outrora, no Egito, só porque lá tinham carne e pão para comer e água para beber. Nem se recordavam que aquela situação era de dura e vergonhosa escravidão, sem o pão da alegria da liberdade. Nem povo era. Por outro lado, chamavam de morte a graça da travessia da libertação, porque, naquele momento, se apresentava repleta de contrariedades e privações: quem dera que tivéssemos morrido pela mão do Senhor no Egito, quando nos sentávamos junto às panelas de carne e comíamos pão com fartura! Por que nos trouxestes a este deserto para matar de fome a toda esta gente!? (Ex 16,3).

O episódio leva-nos a pensar nas lutas de libertação, seja dos indivíduos, seja dos povos. Não basta, porém, buscar apenas a liberdade no sentido negativo de ser livre, por exemplo, de um opressor, de um vício, de uma doença, etc. A verdadeira libertação deve incluir a liberdade positiva, no sentido de ser livre para a autonomia de doar-se a um compromisso, a uma responsabilidade. Como essa libertação é difícil e o homem tende sempre para o mais fácil, então, como os judeus no deserto, acaba querendo voltar às ilusões da escravidão

de outrora; corre o risco de preferir o erro, o engano, a ilusão, que o “Egito”, isto é, o “mundo”, o “espírito da época” (século), proporciona. A realização libertadora da verdade de Deus nas caminhadas da vida humana é a vigência da fé que nasce da gratuidade do encontro ou do encontro com a gratuidade. Por isso, todo empenho de desprendimento é embalado na fé e pela fé, como podemos ver a seguir.

Foi então que, mais uma vez, se fez presente a voz misericordiosa e a mão salvadora de Jahvé: *Eu ouvi as murmurações dos filhos de Israel. Dize-lhes, pois: ‘ao anoitecer, comereis carne, e pela manhã vos fartareis de pão. Assim, sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus’* (Ex 16,12). E a promessa se realizou! À tardinha, o acampamento se encheu de codornizes e de manhãzinha a terra, ao redor do acampamento, se cobriu com uma camada de orvalho que depois se transformou em grãos semelhantes aos grãos de neve.

Deus é assim! Sempre atento às murmurações do povo. A presença do Senhor, porém, se dá como obra paciente e misericordiosa; como mistério escondido, presente na raiz dos acontecimentos, que formam a trama da resposta à graça do chamado de Deus para a liberdade e para tornar-se seu Povo escolhido. Uma presença oculta, mas tão real que, sem ela nada acontece, nada sobrevive. Por isso, não sabiam e nem podiam saber o que estava acontecendo. Daí o espanto em forma de admiração e interrogação: *Que é isto!?* (Ex 16,15). Em hebraico *man-hu*, donde nasceu a nossa palavra conhecida até hoje: “maná”. Vem, então, a resposta da autoridade máxima do próprio Senhor, aqui na terra, Moisés: *Isto é pão que o Senhor vos deu como alimento!* (Ex 16,15).

2. Um Pão que nos introduz na vida eterna (Jo 6,24-35)

No Evangelho de hoje, nos deparamos com um diálogo muito vivo e intenso. Jesus, aos poucos, vai conduzindo para dentro do mistério Dele mesmo, que é o Pão da vida eterna, a esse povo, que tinha sido alimentado por Ele, no dia anterior, pela multiplicação dos pães e dos peixes.

2.1. Em busca do pão da gratuidade e não do interesse próprio

No dia anterior, ao episódio narrado hoje, a multidão tinha reconhecido em Jesus o *profeta que haveria de vir ao mundo* e queria levá-lo consigo para fazê-lo rei (Jo 6,15). Jesus escapou-se dela e refugiou-se num monte. Por isso, *quando a multidão viu que Jesus não estava ali, nem seus discípulos, subiram às barcas e foram à sua procura, em Cafarnaum* (Jo 6,24).

Se antes Jesus é quem procurava as multidões, agora são essas que vão ao seu encontro. Mas, encontrando-o, já não têm o ímpeto de tomá-lo consigo para fazê-lo rei. Seu entusiasmo é volúvel. Por isso, Jesus vai catequizá-las,

procurando abrir-lhes as inteligências acerca do verdadeiro sentido do milagre da multiplicação dos pães: “*Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais, não por terdes visto os sinais, mas por terdes comido o pão e por haverdes sido saciado*” (Jo 6,26). Não estão buscando a Jesus por causa Dele mesmo, mas apenas para satisfazer o corpo. Em outras palavras, a busca por Jesus não pode ser interesseira, egoísta, mas para alimentar o espírito.

Na verdade, uma multidão, como multidão, jamais pode seguir a Jesus porque este – o seguimento – nunca é algo da massa, mas essencialmente uma busca pessoal e comunitária. Isso porque, como resposta à experiência do encontro, guarda sempre a marca da gratuidade que vem da e pela presença do outro. Mas, por outro lado, devemos reconhecer também que já houve, embora mal compreendido, certo despertar para o grande sinal de Jesus. Aprendiam o sinal, mas não viam com clareza seu significado. Por isso, o ensinamento de Jesus de agora é uma oportunidade para que eles compreendam o sinal, captando seu significado. Se acolhido na inteligência e na fé, este sinal poderá transportar, converter aqueles admiradores: de meros fãs, levá-los para dentro do mistério da graça do encontro e do seguimento.

Quando, ou se isso acontecer, passarão de multidão para comunidade, de indivíduos egoístas para pessoas fraternas; da busca de coisas superficiais e passageiras, destinadas apenas para o próprio consumo, à busca de bens que perduram para a vida eterna; de pessoas voltadas apenas aos próprios interesses, a pessoas que começarão sentir a necessidade de solidariedade, de partilha.

A catequese prossegue: *Esforçai-vos não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece para a vida eterna e que o Filho do Homem vos dará* (Jo 6,27). Jesus não está propondo que eles não trabalhem pelo alimento passageiro, mas que não se preocupem afritivamente por ele, deixando de buscar o alimento que permanece para a vida eterna. Ele mesmo nos ensina o dever da busca do pão material e espiritual quando, na Oração do Pai Nosso, nos ordena que digamos: *O pão nosso de cada dia, nos dai hoje*. O alimento passageiro, que é também dom do Pai, deve, porém, nos revigorar para procurar o pão que permanece para a vida eterna. Por isso, São Francisco, em sua exposição sobre essa oração, diz: *O pão nosso de cada dia: o teu dileto Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, dá-nos hoje: na memória e na inteligência do amor que teve para conosco e daquelas coisas que por nós disse, fez e sofreu* (EPN 6). E Jesus conclui: *Pois, este é quem o Pai marcou com seu selo* (Jo 6,27).

Jesus, como o selo do Pai, significa que Ele é a imagem do Pai. Tal Pai, tal Filho! Selar uma obra é dar-lhe a última perfeição. Pois bem, o Filho, Jesus, o Verbo que se fez carne e habitou entre nós, é a última perfeição da obra da

criação, a assinatura final de Deus Pai na obra da Criação. Todos os homens são chamados a se deixar conformar, pela obra da fé e do amor, com a forma desse Filho, para vir a ser, todos, filhos no Filho.

2.2. Em busca da obra de Deus: crer naquele que Ele enviou.

A exortação de Jesus parece não ter sido em vão. Pois, logo, perguntaram: *“Que devemos fazer para realizar as obras de Deus?”* (Jo 6,28). Embora ainda fortemente carregada de egoísmo, a pergunta não deixa de expressar pequena abertura no avanço para o encontro com o mistério escondido no sinal dos pães multiplicados e partilhados. Percebem que Jesus estava tentando apresentar-lhes novo caminho na busca do mistério de sua pessoa. Jesus aproveita, então, a pergunta deles para dar-lhes a única resposta cabível, o único caminho possível para alcançar o alimento que permanece para a vida eterna: *a obra de Deus é que acrediteis naquele que Ele enviou* (Jo 6,29). De novo, a fé!

A fé é, ela mesma, uma obra! E uma obra de Deus! Pois, nossa fé, nosso confiança em Deus e nossa entrega à sua vontade nascem da fé, da confiança Dele em nós e de sua entrega em nossas mãos. Por isso, a fé é, antes de tudo, obra da graça, obra de Deus. Por isso, por crer, o homem não pode, jamais, gloriar-se em si mesmo e por si mesmo. Ele só pode gloriar-se no Senhor (1Cor 1,31).

Estamos aqui diante do mistério, do sentido mais profundo e inaudito de toda criação e de toda redenção – o que equivale dizer, também, da Igreja, da Eucaristia e do seguimento de Cristo - ato, obra de fé de Deus. Por isso, nas celebrações dominicais e solenidades sempre se conclui a Liturgia da Palavra com o “Credo”: a proclamação da grande obra de fé de Deus através da história, desde a criação do mundo até sua consumação. Por isso, igualmente, bem no coração da celebração eucarística, logo após a consagração, a Igreja, tomada de um sentimento de profunda comoção, admiração e elevação, exclama: *Eis o mistério da fé!* Não se trata, evidentemente, da nossa fé, mas da fé, da confiança de Deus, da entrega, da doação que Ele, Deus, faz de si mesmo, a fim de poder ser comungado, comido por nós. Por isso, Jesus conclui essa parte de seu ensinamento com este anúncio explícito e vivo, o maior que um Filho do Homem poderia fazer: *“Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá mais fome e quem crê em mim não terá mais sede”* (Jo 6,35).

“Eu sou!” Essa expressão evoca o Nome divino revelado a Moisés (Ex. 3,14). No Evangelho de João a revelação de Jesus se dá várias vezes a partir desta fala: “Eu sou” – o pão da vida (6, 35.48), a porta (10, 7s), o bom pastor (10, 11.14), a Ressurreição e a vida (11, 25), a videira (15, 1.5). “Eu sou o pão da vida!” Nesse momento, com essas palavras, revela-se a divindade de Jesus: o *Lógos* (Verbo – Palavra) do Pai (Cf. S. João Crisóstomo, Homilias

sobre o Ev. de João, 45,2). Esse pão não sacia apenas a carne e não preserva da ruína apenas por um momento. Ele restabelece o ser vivo, em sua totalidade, para a vida eterna. Enquanto “pão da vida”, ele é mais forte do que a morte. Ele é fonte de Ressurreição e incorruptibilidade. A Eucaristia é, pois, semente de Ressurreição porque Jesus é o “verdadeiro pão do céu!” (Jo 6,32). Não que o maná fosse um falso pão. É que o maná era uma imagem, uma sombra, desse outro Pão, que é Jesus. Os que comeram o maná foram saciados no corpo, mas poucos escaparam da corrupção do espírito, poucos se tornaram melhores na virtude e na grandeza de alma. Receberam o maná da generosidade de Deus, mas continuaram vivendo sem Deus, voltados apenas para si mesmos. Por isso, pereceram no deserto. Jesus é o *pão que desce do céu e dá a vida ao mundo* (Jo 6,33). Sua palavra é “espírito e vida”. Sua carne e seu sangue, ministrados no sacramento da Eucaristia, é comida e bebida vivificantes. Aqueles com quem Jesus conversava e a quem ele se revelava mostravam-se resistentes em recebê-lo. Faltava-lhes ver Jesus “em espírito e divindade” (Cf. São Francisco, Adm. 1). E nós, hoje, não somos, muitas vezes, como aqueles judeus, fechados, não vendo e não querendo ver e aceitar tão admirável e profunda doação, entrega de Deus?!

3. O cristão não vive mais como os pagãos, mas como Cristo (Ef 4,17.20-24)

Paulo, depois de ter exortado os efésios a serem um só corpo e um só espírito, uma vez que todos foram chamados e eleitos pelo único e mesmo Senhor, continua sua catequese referente ao mistério da Igreja. Se, nos versículos anteriores (Ef 4,1-16), sua exortação se referia mais à necessidade de sua união, agora, nos versículos que seguem e são proclamados hoje, na segunda leitura, sua insistência poderia levar como título “aprender a viver sempre a vida nova vinda de Cristo”. Por isso, começa: *Eis, pois o que vos digo e atesto no Senhor: não continueis a viver como os pagãos vivem, no vazio de seu pensamento* (Ef 4,17).

Pensamento, aqui, tem o sentido de mente, razão, coração, a dimensão mais elevada do homem enquanto homem. Enfim, a fonte de onde nasce todo seu senso moral ou ético. Pois bem diz Paulo: vocês, que foram enxertados no corpo de Cristo, não têm mais mente nem raiz humana como os pagãos. A mente deles é ainda obscurecida, embrutecida e vazia, porque são pessoas alheias à vida de Deus. Por isso, entregam-se aos vícios, praticando avidamente todo tipo de impureza. Já, a conduta, a ética, o agir do cristão é de homem novo, recriado em Cristo. Por isso, *renunciando à vossa existência passada, despojai-vos do homem velho... e renovai vosso espírito e vossa mentalidade.*

Vesti, sempre de novo, o homem novo, criado à imagem de Deus, em verdadeira justiça e santidade (Ef 4,22-23). Para Paulo, a partir da Cruz e da Ressurreição, a conduta humana não é mais somente humana. A ética do cristão passa a ser também uma teologia. Não é mais coisa do homem, mas obra do Espírito. Daquele mesmo Espírito que ressuscitou Jesus e Nele criou o novo Adão. Pois, se outrora Deus criara o homem do nada ou do barro, agora Ele o recria a partir de Cristo, de modo que não dá mais para entender o homem e sua conduta a partir de Adão, mas tão só e unicamente a partir de Cristo.

Conclusão

O admirável sinal da multiplicação dos pães atravessa a história como convocação para que vejamos e creiamos na obra da fé de Deus Pai. É essa fé que nos torna capazes de ver nos fatos sinais do além, do transcendente; que nos faz ver a obra, o cuidado de Deus no homem e em sua História; ver a obra de Deus na raiz de cada fato ou acontecimento do nosso dia a dia. Jesus crucificado por nosso amor é o grande sinal, o grande marco da fé do Pai, seu selo de amor misericordioso em cada criatura; o verdadeiro pão vivo, descido do céu, o mesmo pão que pedimos todos os dias: *o pão nosso de cada dia nos dai hoje.*

São Francisco nos adverte que é preciso ter uma visão boa para ver o mistério do Cristo como pão em nossas vidas.

E assim: Ó filhos dos homens, até quando tereis o coração pesado? Por que não reconheceis a verdade e não credes no Filho de Deus? Eis que todos os dias, Ele se humilha, assim como quando desceu do trono real para o útero da Virgem; cada dia, vem a nós, sob a aparência humilde; cada dia desce do seio do Pai sobre o altar, nas mãos do sacerdote. E, como se mostrou aos Santos Apóstolos em verdadeira carne, assim, de igual modo, se mostra a nós no pão sagrado. E assim, vendo sua carne, eles viam apenas a carne Dele, mas contemplando-O com os olhos espirituais, criam ser Ele o próprio Deus; assim também nós, vendo o pão e o vinho com olhos corporais, vejamos e creiamos firmemente ser Dele o santíssimo corpo e sangue vivo e verdadeiro. E, desse modo, o Senhor está sempre com seus fiéis, como Ele mesmo diz: ‘Eis que estou convosco até a consumação dos séculos’ (Adm. 1).

Assim, a fé na presença e na obra de Deus, que é Jesus, no cotidiano de nossa vida, é tudo para uma vida e uma evangelização cheia de ardor. Por isso, diz nosso Papa Francisco:

Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer; não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar Tateando; não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar sua Palavra; não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar Nele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com seu Evangelho em vez de o fazer unicamente com a própria razão... O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária. Se uma pessoa não O descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar segura do que transmite, faltam-lhe força e paixão. E, uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém (EG 266).



19º Domingo do Tempo Comum

Leituras: 1Rs 19,4-8; Sl 33; Ef 4,30-5,2; Jo 6,41-51

Tema-Mensagem: Jesus nazareno, o Pão vivo descido do céu, encanta e escandaliza, anima e desanima

Introdução

A revelação de Jesus, acerca do mistério de sua identidade, bem como da identidade da Eucaristia, a partir do milagre da multiplicação dos pães, continua. No trecho, proclamado neste Domingo, seu ensinamento centraliza-se na fê, na acolhida de sua presença na condição humana de um simples e humilde nazareno transubstancializado na singeleza do pão eucaristizado.

1. Um pão para atravessar o deserto da vida (1Rs 19,4-8)

A primeira leitura da Missa deste Domingo, nos transporta a um dos maiores profetas, Elias, mais precisamente, à narrativa de sua grande crise vocacional. Ameaçado de morte pela rainha Jezabel, esposa do rei Acab, *Elias, com medo e para salvar sua vida, partiu...* (1Rs 19,1-3).

A veemência da atuação profética de Elias, em luta contra Acab, Jezabel, contra o povo seduzido pelos falsos sacerdotes e profetas para adorar Baal e outros deuses pagãos, tinha sido um vendaval. O homem que invocara o fogo do céu sobre o sacrifício, em testemunho da verdade do Deus em nome do qual ele falava (Cf. 1Rs 18), agora, perseguido, foge e vê-se tentado a esmorecer. Desalentado, *Elias entrou deserto adentro e caminhou o dia todo. Sentou-se, finalmente, debaixo de um junípero e pediu para si a morte, dizendo: 'Agora basta, Senhor! Tira minha vida, pois não sou melhor que meus pais'* (1Rs 19,4).

A veemente e ardorosa pregação de Elias dera em nada. Em vão tinha labutado e lutado. Até então, tinha dado testemunho de um espírito que era pura vontade e poder: poder da vontade e vontade do poder! Doara-se inteiramente num ímpeto vigoroso e numa consciência de absoluta responsabilização e zelo. Nesse ímpeto e nessa absoluta doação, que desencadeava ação, atuação, execução, trabalho e realização, Elias, talvez, se julgasse próximo de Deus. Era pura energia! Mas, quando essa energia chega ao seu “pique”, ela se esgota. O entusiasmo do zelo se transforma em desalento. A heroica ousadia dá lugar à fuga e ao medo. Elias é, então, tomado pelo cansaço da vida, da “sua” pastoral ou evangelização, diríamos nós, hoje.

Deitou-se por terra e adormeceu à sombra de um junípero. Nisso, *um Anjo do Senhor tocou-o e disse: 'Levanta-te e come!'* (1Rs 19,5). Ele olhou e viu à sua cabeceira um pão cozido sobre pedras quentes e uma bilha d'água. Comeu, bebeu e tornou a deitar-se. O que vemos na situação de Elias, caso consideremos apenas o poder de sua vontade e a vontade do seu poder, é apenas o desalento e o esgotamento do espírito, das energias e das forças da vida. Mas ali, nessa situação, havia algo mais. De repente, emerge e mostra-se um anjo, isto é, um enviado de Deus, um amigo celeste, com suas dádivas: o pão cozido. O vigor do pão divino em meio às cinzas e o frescor da água divina estavam latentes naquele deserto escaldante. A vigência divina dando-se como pão cotidiano. Presença discreta, humilde, familiar e próxima, mas também extraordinária e longínqua. Silêncio, quietude suave, que reina sem se impor. Algo como brisa suave. Profundidade na superficialidade do dia a dia. O mistério, como o em-casa acolhedor do sempre o mesmo, dando-se como algo extraordinário. O radicalmente diferente, o totalmente outro, dando-se como o não-outro⁵⁵.

Elias, levantou-se, *comeu e bebeu e com a força deste alimento, andou quarenta dias e quarenta noites, até chegar ao monte de Deus Horeb* (1Rs 19,8).

Elias, assim misteriosamente tirado do mundo do seu medo e de sua fuga, é recolocado, pelo vigor do pão do amor que vem do alto, no caminho de sua origem e da origem de seu Povo, o monte Horeb. Pois, foi nesse monte que o Deus de Abraão, Isaac e Jacó começou a revelar-se como Jahvé; foi nesse monte que Moisés viu o Senhor face a face e entrou na intimidade de sua pessoa; foi, também, nesse monte que se concluiu a aliança, fundamento do Povo de Deus.

A viagem de Elias através do deserto tornou-se, assim, um paradigma de toda a existência humana. Nossa vida é como essa viagem de Elias. Cheia de medos, fugas, fidelidades e infidelidades, fomes e sedes. Mas, também de sons e sonhos, isto é, de momentos de visitas de anjos de Deus que nos confortam com o pão misterioso da fé e da confiança que vêm do alto e que nos levam a retomar, sempre de novo, o sentido de nossa vida até Horeb, o monte de nossa origem, Deus.

2. Jesus Nazareno, o Pão vivo descido do céu, que dá a vida eterna àquele que nele crê (Jo 6,41-51)

No Domingo passado, Jesus se revelava como o “Pão da Vida”. Hoje, essa revelação vai de encontro à murmuração daqueles com os quais Ele conversava e que se mostravam incapazes de ouvir “segundo o espírito e a divin-

55 Cf. Harada, Hermógenes. Coisas, velhas e novas. Bragança Paulista: IFAN/EDUSF, 2006, p. 69-76.

dade”, isto é, na disposição da fé. A fé nos torna discípulos de Deus, que nos ensina pela sua Palavra encarnada, que é o próprio Jesus Cristo. Quem se faz bom recebedor da fé come desse Pão da Vida, e vive Dele, por Ele e para Ele.

2.1. A murmuração dos judeus

A atitude dos judeus, descrita na primeira parte da narrativa de hoje, não podia ser mais desconcertante: *Os judeus começaram a murmurar a respeito de Jesus* (Jo 6,43). Um absurdo, pensam eles, pois todos sabiam muito bem de onde ele viera: um nazareno, alguém como eles, filho dos mui conhecidos pais José, o carpinteiro, e Maria sua esposa. Como podia, então, proclamar tão ousada dignidade a seu próprio respeito?!

A murmuração dos judeus, porém, não é nenhuma novidade. Reflete mais uma vez um dos pecados mais constantes em toda caminhada do povo de Deus. Murmurar não é somente lamentar, desabafar. Murmurar é resmungar. Este verbo, no grego, remete ao arrulhar das pombas. É uma fala de si para si, abafada, fechada para o diálogo com o outro. É um fechar-se no mundo do próprio eu, do nós, sem se abrir à grandeza de uma mensagem que vem de fora, do outro, de algo superior. A murmuração frente à Palavra de Deus, frente à revelação de Jesus, atesta que o ser humano não tem a fome do “homem interior” (Agostinho, *Tratados sobre o Ev. de João*, 26,1). Murmuram porque são incapazes de escutar espiritualmente aquilo que lhes está sendo dito. Era uma atitude carnal, um ficar “pensando com seus botões”: “como pode ter descido do céu este que cresceu da terra, em meio a uma realidade tão terrena como a de uma família de Nazaré!?”

A resposta de Jesus vem em tom de exortação de mestre ou de médico: “*Não murmureis!*” Ou seja, para poder conciliar a origem humana de Jesus com aquela por Ele anunciada – a de ser verdadeiramente Filho de Deus – só é possível percorrendo o caminho da fé, jamais o caminho das cogitações humanas. Por isso, logo acrescenta: “*Ninguém pode vir a mim se o Pai não o atrai*” (Jo 6,41).

Não há outro caminho para o Pai a não ser o Filho, Jesus Cristo, o Pão da Vida descido do céu. Só se chega à fé por graça da própria fé, que é obra de Deus (Cf. Jo 6,29). Não há nenhuma mediação, nenhuma passagem, da não-fé para a fé. Só um salto! E este salto é graça. E, no entanto, esse salto originário da graça se dá no mais íntimo da liberdade humana, como obediência da fé, pela qual o homem se abre à mensagem da Palavra encarnada, fazendo-se seguidor, discípulo dela ou, se quisermos, do Pai, que através dela nos atrai e ensina. Esta atração do coração chama-se amor. Quando amamos, somos atraídos àquele que nos ama e encanta, e o seguimos e perseguimos voluntariamente, com prazer. É o apetite do coração atuando: a fome do homem inte-

rior. E, então, ele se deleita no Pão da Vida. Nele encontra a sapiência, isto é, o sabor, a delícia de ser. A alma torna-se, então, como a noiva que corre atrás da fragrância dos perfumes do amado (Cf. Ct. 1,3).

2.1. Crer em Jesus, que se dá como pão, é ter a vida eterna

Assim, em vez da murmuração, isto é, da rejeição, Jesus propõe o caminho da fé, da acolhida, da alegria, da gratidão. Ou seja, só e quando deixa de murmurar é que a mente se limpa, clareia e o coração se torna dócil para poder sentir-se atraído pela graça da presença de um Pai e pela graça do seguimento de seu Filho, um irmão. Por isso, Jesus acrescenta: *“Em verdade, em verdade eu vos digo: Quem crê possui a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto e, no entanto, morreram. Eis aqui o pão que desce do céu: quem dele comer, nunca morrerá”* (Jo 6,47-50).

É a primeira vez que, nesse discurso, Jesus fala clara e explicitamente em *comer*. Com a introdução desse verbo, Jesus atinge o auge do ensinamento acerca do seu discipulado. Seguir Jesus Cristo é igual a comê-Lo e não comê-Lo é igual a não segui-Lo. Comer é assimilar (leia-se: assemelhar). Contudo, aqui, revela-se algo de admirável e “extra-ordinário”: o alimento que comemos é assimilado por nós e se torna uma só coisa conosco. Desaparece naquele que o comeu. Aqui, porém, dá-se o contrário. Quem come esse “Pão da Vida”, esse “Pão que desceu do céu”, é transformado Nele. Assim, aquele que O come é assimilado por Ele, isto é, faz-se semelhante a Ele, tornando-se uma só realidade com Ele. O pão da sabedoria não se assemelha ao homem que o come. Pelo contrário, o homem que come do pão da sabedoria é que se assemelha a ele que por ele é comido.

Quando comemos, aquilo que é comido é destruído. Só assim nossa vida e nosso corpo, são nutridos de vigor. Jesus Cristo, como o grão de trigo, permitiu ser triturado, na sua paixão-morte. Assim ele se fez pão. Ele era a Vida, mas acolheu a morte, para que nós vivêssemos por Ele. Sua morte tornou-se a morte da morte. Mas, sua Ressurreição a vida de nossa vida: a vida eterna. Na Eucaristia celebramos, atualizamos, esse mistério. A Eucaristia, essa refeição sacramental, é mais do que um símbolo humano. É uma realidade divina. Ao dizer que Ele é o Pão da vida, ou o Pão vivo descido do céu, que devemos tomá-Lo e comê-Lo, tomar e beber de seu sangue para que não morramos, Jesus não está fazendo nenhuma alegoria ou dando um exemplo. Está, sim e antes de tudo, anunciando o princípio originário da nova criação, posto pelo Pai no coração do mundo: Ele mesmo, com o mistério de sua Paixão-Morte e Ressurreição, presente, agora, no pão eucarístico. Assim, se o homem desejar realmente a vida eterna não tem outro caminho senão comungar desse pão.

E Jesus segue: *E o pão que darei é minha carne para a vida do mundo* (Jo 6,51). Dando-se em sua humanidade, como o Nazareno, ele nutriu os homens com o leite, como uma mãe que amamenta seu nenê. O vivificante Verbo de Deus, ao tomar nossa carne como um bem que lhe é próprio, a transformou. À carne mortal, corruptível, ele comunicou a vida eterna. Por isso, os antigos chamavam a Eucaristia de “fármaco da imortalidade”.

Toda essa revelação foi e é dura demais para ser acolhida. Por isso São Francisco nos adverte:

O espírito é Deus, e a Deus ninguém jamais viu. Por isso, Ele não pode ser visto senão no espírito, porque o espírito é que vivifica, a carne de nada serve. Nem o Filho, no que é igual ao Pai, pode ser visto por alguém de forma diferente que o Pai e o Espírito Santo. Por isso, foram danados todos quantos viram o Senhor Jesus segundo a humanidade, e não O viram e não creram segundo o espírito e a divindade, que seja o verdadeiro Filho de Deus (Ad 1).

Nós, hoje, nos encontramos no mesmo desafio que aqueles ouvintes de Jesus, nem mais nem menos. Só temos acesso pleno à realidade de Cristo – Pão da Vida – através do espírito, da gratuidade, da fé. A fé não é cega. É visionária, isto é, ela não nos faz ver de menos, antes, nos faz ver demais. É o sentido do canto de Santo Tomás de Aquino: “venha a fé, por suplemento, os sentidos completar”. Mas, só nos abrimos a esta visão da fé se nos deixarmos conduzir pelo Espírito Santo. Se nos abrimos ao Espírito, seremos uns felizardos, uns bem-aventurados. Mas, se nos fechamos a Ele, ficamos de fora dessa realidade. E isso é uma pena! Uma pena mesmo! Em vez de felizardos, nos tornamos “danados”, isso é, causamos dano a nós, nos arruinamos. Por isso, continua advertindo-nos São Francisco:

Do mesmo modo, todos os que veem o sacramento, santificado pelas palavras do Senhor sobre o altar, através da mão do sacerdote, na forma de pão e vinho, e não veem e não creem segundo o espírito e a divindade, que seja verdadeiramente o santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, são danados. E isso, segundo o testemunho do próprio Altíssimo que diz: ‘Isto é o meu corpo e o meu sangue do Novo Testamento [que será derramado por muitos]’, e: ‘Quem come a minha carne e bebe meu sangue tem a vida eterna’. Por isso, o Espírito do Senhor, que habita nos seus fiéis, é quem recebe o santíssimo corpo e sangue do Senhor. Todos os outros que não têm do mesmo espírito e presumem recebê-lo, comem e bebem “seu julgamento” (Ad 1).

3. O dever da prática das virtudes de quem vive em Cristo (Ef 4,30-5,2)

Para a segunda leitura, a Igreja continua servindo-se de passagens da Carta ao Efésios. Depois de haver exortado os fiéis daquela comunidade a romper com seu passado, deixando de viver como pagãos, Paulo oferece-lhes um pequeno código de atitudes ou virtudes de quem vive sua nova vida em Cristo. A parte final desse código é proclamada hoje e começa com essa pérola da nova moral da Boa Nova: *Não entristeçais o Espírito Santo de Deus, com o qual fostes marcados para o dia da libertação* (Ef 4,30).

Paulo, fiel à sua doutrina acerca da Igreja, como Corpo de Cristo, além de fazer suas exortações sempre no plural, coloca a caridade como princípio de todas as virtudes: *Sede bons uns com os outros, sede compassivos; perdoai-vos mutuamente como Deus vos perdoou em Cristo* (Ef 4,32). É evidente que, segundo a Boa Nova, somente aqueles que *imitam o próprio Deus*, praticando o maior e o primeiro de todos os mandamentos, é que poderão ser chamados por Ele de *filhos muito amados* e, por consequência, de “cristãos” e de “irmãos uns dos outros”. Nesse sentido, para Paulo, Cristo, por sua Encarnação, mais que o Pai, é o modelo mais íntimo e próximo que devemos imitar. Ele é a Caridade, o Amor de Deus feito carne e que nós podemos tocar e comer. Assim, se comungamos Daquela que é a própria caridade, como não ser caridosos com os irmãos que também comungam do mesmo mistério?!

Por isso, Paulo conclui suas exortações fazendo menção à celebração eucarística, chamando-a de *oblação e sacrifício de suave odor* (Ef 5,1). Ora, sendo a doação - o sacrifício - que o próprio Filho de Deus faz de si mesmo, o que é a Eucaristia senão a seiva que liga, une, purifica e dá vida nova a todo o Corpo de Cristo!? Por isso, era costume - e ainda é - que na celebração eucarística se fizessem calorosas exortações para que todos se esforçassem para evitar os vícios e praticassem as virtudes, bem como, se condenassem os pecados, principalmente os públicos.

São Francisco, por exemplo, assim escreveu em sua Regra: *Admoesto também e exorto os mesmos Irmãos que, no exercício da pregação, não deixem de anunciar ao povo seus vícios e virtudes, pena e glória* (RNB 9).

Conclusão

Em qualquer parte do mundo, o pão sobre a mesa não é apenas pão, mas o resumo de uma vida, a vida de um pai que se doou todo a fim de que pudesse dispô-lo como alimento para seus filhos. Os pais, porém, não apenas trabalham pelos seus filhos, mas são também a vida deles porque, de certo modo, os filhos são um prolongamento de seu corpo, de sua alma, de sua vida. Dá

para dizer que os filhos continuam a alimentar-se deles. Assim, apontando para o pão sobre a mesa, podem dizer, de certa forma: “Eis meu pão, o suor de meu rosto, a minha vida doada para meus filhos!” Da mesma forma, também os filhos poderão dizer que, enquanto comem desse pão, estão comungando, participando da alma, da vida de seus pais.

Jesus aproveita a experiência da refeição familiar, tão rica e profunda, como expressão de amor e doação, para impor-lhe uma realidade, uma substância nova: todo o mistério de sua própria pessoa. Assim, quem participar da refeição eucarística estará comendo não apenas pão, mas, acima de tudo, comungando, comendo a Ele mesmo, bem como, comungando, comendo da vida e da Pessoa do Pai e, por extensão, da vida e da pessoa de cada um e de todos quantos creem e comungam desse mesmo mistério.

É por tudo isso que a celebração do mistério eucarístico sempre foi a fonte e o cume de toda vida dos cristãos. Foi ao redor da Eucaristia que nasceu e floresceu a Igreja com sua missão no mundo, como também foi ao redor de sua missão no mundo que a Igreja fazia a Eucaristia. Uma chamava a outra. Daí nasceu o conhecido aforisma: “A Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja”. Ou seja, a Eucaristia sempre foi o núcleo fonte, a célula-mãe da Igreja.

Ao falar da invenção do mistério da Eucaristia como novo princípio da ou para a humanidade, assim se expressa nosso Papa Francisco:

No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo em nosso próprio mundo. Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus. Com efeito a Eucaristia é, por si mesma, um ato de amor cósmico. «Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar numa igreja da aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo». A Eucaristia une céu e terra, abraça e penetra toda criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração. No Pão Eucarístico, «a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador» (LS 236).



20º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Pr 9,1-6; Sl 33; Ef 5,15-20; Jo 6,51-58

Tema-Mensagem: Jesus, o Pão vivo descido do céu, se faz carne, para que assim, fazendo-se nossa comida, possamos com Ele e por Ele viver eternamente.

Introdução

Em sua revelação, no Domingo passado, Jesus insistia para que não nos escandalizássemos diante de seu mistério; que saibamos vê-lo e acolhê-lo no humilde, simples e pobre nazareno, que quer doar-se aos homens, pelos séculos afora, em forma de pão. No trecho proclamado hoje, dá mais um passo. Anuncia-se e proclama-se como o Pão vivo descido do céu, que se transforma em carne, a fim de que possamos comê-lo e, assim, ter a vida Dele, a vida eterna.

1. A Sabedoria e sua casa para o banquete universal (Pr 9,1-6)

Todo discurso de Jesus, sobre o Pão da Vida e o convite para comer sua carne, tem um belo prenúncio neste pequeno trecho dos Provérbios, proclamado como primeira leitura desse Domingo. Começa anunciando: *a Sabedoria construiu sua casa, levantando-a sobre sete colunas* (Pr 9,1).

A imagem da casa, como lugar ou espaço da alegria, da festa do encontro e da convivência familiar, perpassa toda a Sagrada Escritura. Daí a importância de casas bem edificadas, como essa da Sabedoria, construída sobre sete colunas, isto é, sustentada com o vigor da perfeição e da solidez. A coluna é símbolo da elevação e, por conseguinte, da dimensão superior, do Alto, do divino. A morada da Sabedoria edifica a existência humana de tal modo que essa se erga para o Alto, dando acolhida ao Altíssimo. Segundo o sábio dos Provérbios, ao homem compete escolher entre habitar a casa da “Senhora Sabedoria” ou a casa da “Senhora loucura”. Enquanto aquela se ergue firme e bem equilibrada para o Alto, essa está prestes a arruinar-se, a desabar, com seus escombros, sobre o homem que a habita. O homem precisa de um *ethos*, isto é, de uma morada, de um abrigo, que salve sua essência, isto é, que a recolha e a proteja na paz. Só na casa da Senhora Sabedoria é que ele encontra esse *ethos*, essa morada.

A Senhora Sabedoria oferece seu banquete de pão e de vinho na casa que ela mesma constrói. É o banquete da Revelação da graça do encontro, ou do encontro da graça, que alimenta, nutre, revigora as forças e, ao mesmo tempo,

concede a alegria, a exultação, o júbilo do coração: a “sóbria embriaguez” do êxtase dos seus participantes, os sábios. A Senhora Loucura oferece o pão dos vícios, o vinho que leva à insensatez, à dissolução da alma e à impotência do estupor. A Senhora Sabedoria, ao contrário, concede um pão sem fermento (sem corrupção), o pão da virtude, e um vinho que sublima a alma que lhe concede a visão, a inspiração e o êxtase das coisas divinas. Ao homem compete apenas (!) escolher entre estar sob os mistérios da embriaguez da Senhora Loucura e viver no embalo de sua insensatez ou estar sob os mistérios da inspiração da Senhora Sabedoria e viver na prudência.

Não é muito difícil ver na Sabedoria um prenúncio da personificação de Jesus, a encarnada *sabedoria de Deus* (1Cor 1,24). Ele é o fiel dispensador da Revelação divina, Aquele que preparou um banquete, no qual Ele mesmo se doa como alimento em forma de pão e vinho, dando-nos a carne e o sangue, que Ele mesmo ofereceu com seu sacrifício na Cruz. Ele é a louca Sabedoria de Deus. “De” Deus significa que ele mesmo é o pão amassado, o cordeiro sacrificado em favor dos seus eleitos - *a Sabedoria da Cruz* (1Cor 1,25) - isto é, o vigor que dá sabor à vida.

São Francisco intuiu a Senhora Sabedoria como a Senhora Pobreza. Em seu escrito, *Sacrum Commercium*, não apenas a ama com simplicidade de coração, mas, também a busca com todo o ardor do seu espírito, galgando a alta e áspera montanha de seu refúgio. Só então, com seus companheiros, pôde celebrar com Ela o pacto do eterno convívio, selado com o banquete da alegria do despojamento, do “sem nada de próprio”.

2. Jesus oferece sua carne, que é verdadeira comida, e seu sangue, que é verdadeira bebida (Jo 6,51-58)

Estamos diante da conclusão do grande ensinamento de Jesus, acerca do sentido do milagre da multiplicação dos pães: comer de sua carne, beber de seu sangue. Por isso, neste pequeno trecho, de sete versos apenas, emprega por oito vezes o verbo comer.

2.1. Só comendo da carne do Filho do homem é que se tem a vida eterna

Para concluir sua Revelação, Jesus aproveita um dos atos mais importantes e emblemáticos do dia a dia do homem: a necessidade de comer e beber. Sem um e outro, nosso corpo não sobrevive. Algo semelhante também se passa com nossa dimensão espiritual. Por isso, quando olhamos para a maioria das Religiões antigas, encontramos banquetes sagrados. Isso significa que, além da necessidade vital, corporal, o homem sente também a necessidade de

comungar da vida dos deuses. E isso não apenas em particular, mas também em comum.

Entre os judeus, essa necessidade se manifestava na conhecida ceia pascal, na qual se celebrava o memorial da graça de sua libertação da escravidão egípcia e, ao mesmo tempo, a esperança de uma salvação vindoura e definitiva, eterna. Esperança que se atualiza e se consoma com a Vinda de Jesus Cristo e a instituição da santa Ceia com seus discípulos, na noite de sua despedida

2.2. O anúncio que escandaliza e salva

Estamos diante do anúncio mais importante, decisivo, forte, duro, escandaloso e, ao mesmo tempo, arrebatador de toda a Boa Nova de Jesus, semelhante, ou igual, ao anúncio de seu Nascimento e de sua Crucificação: sem comer de sua carne e sem beber de seu sangue não há como o homem se realizar, ser feliz e muito menos sobreviver para a eternidade. Por isso, Jesus continua falando às multidões: *“Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne dada para a vida do mundo”* (Mc 6,51).

Os ouvintes de Jesus estão escandalizados com essas palavras, pensando que elas os induzia à antropofagia. Não são capazes de crer e de abrir-se à estranheza de seu mistério. Parecem-lhes loucas, absurdas demais! Elas, no entanto, abrigam uma sabedoria misteriosa. Por isso, Jesus reafirma: *“Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do homem nem beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós”* (Jo 6,53).

O mistério só é revelado a quem crer. Mas, eles queriam uma “explicação”, isto é, queriam destruir a estranheza e suprimir o mistério, “encaixando” tudo o que Jesus dizia naquilo que lhes era familiar, naquilo que já sabiam. As palavras de Jesus, porém, convidavam a abandonar toda medida “explicativa” humana, clara. A compreensão se abriria não por uma “explicação”, mas sim pela fé. Por isso, as palavras de Jesus eram um convite para crer a fim de compreender e não o contrário, compreender para crer. E, de fato, os que permaneceram firmes na fé, mais tarde, depois da Última Ceia e de sua Paixão, Morte e Ressurreição e depois de sofrimentos e perseguições, puderam compreender o mistério, sem que o mistério deixasse de ser mistério.

2.3. Jesus confirma a radicalidade e a eficácia de seu anúncio

E Jesus continua: *“Quem come minha carne e bebe meu sangue, tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia”* (Jo 6,54). Esse duplo alimento que Jesus Cristo oferece é o remédio da imortalidade! Isso porque a carne (corpo) que é oferecida como pão para ser comida e o sangue que, também, é oferecido para ser bebido contêm, ou melhor, são o Verbo de Deus, que é Vida (Cf. Jo 1).

Assim, nossos corpos, ao receber sacramentalmente (misteriosamente) a carne Dele, recebem o dom da Ressurreição e da incorruptibilidade. Tudo isso, porém, para quem não crê, parece muito longínquo e indiferente. Para quem crê, porém, é graça de uma presença indizível que confere uma alegria indescritível.

Tudo isso poderia parecer “jogo de palavras”, mas não! Por isso, Jesus continua e confirma, de modo ainda mais contundente e forte: “*Minha carne é verdadeiramente comida e meu sangue é verdadeiramente bebida!*” (Jo 6,55). Não se trata, pois, de um símbolo, parábola ou alegoria, mas de uma realidade pura e verdadeira. Por isso, o que está sendo dito precisa ser acolhido “na real”, como dizem nossos jovens, hoje. Jesus, o Verbo do Pai, realmente se encarnou e realmente nos deu sua carne e seu sangue como comida e bebida.

E Jesus completa: “*Quem come minha carne e bebe meu sangue permanece em mim e eu nele*” (Jo 6,56). A Eucaristia é comunhão. Por isso, realiza nossa unidade com Cristo e com o Pai e, por conseguinte, nossa unidade entre nós, os que comemos de seu corpo e bebemos de seu sangue, sacramentalmente, na fé. Eis, pois, que a Vida mesma se dá aos mortais como comida e bebida. Ele mesmo, o Senhor Jesus, nos convida a vir recebê-lo e a participar de seu banquete, como, no Antigo Testamento, a Senhora Sabedoria o fizera (Cf. Primeira Leitura). São Francisco diria: “ó humilde sublimidade, ó sublime humildade!”

É significativo que João use a palavra carne em vez de corpo, como Jesus na Última Ceia. É a mesma palavra que ele emprega no Prólogo para expressar o mistério da “em+carne+ação” (obra): Encarnação. Carne, assim, revela toda riqueza, profundidade e magnitude da Eucaristia: resumo e atualização do grande desígnio de Deus, escondido em seu coração desde toda a eternidade: Ele, o infinito e eterno, quer ter a alegria de poder comungar de nossa humanidade para que nós, os humanos, finitos e limitados, pudéssemos comungar de sua divindade. Ó bendito casamento, ó admirável convívio, ó *Sacrum commercium* dirá mais tarde São Francisco!

2.4. Comer da carne de Jesus é permanecer com Ele como Ele permanece com o Pai e conosco

Em verdade, o que Cristo está querendo revelar e anunciar é que o desejo de Deus, o mais verdadeiro, o mais antigo, mais antigo que a própria criação do homem, está sendo concretizado em definitivo e em plenitude, por Ele e com Ele: Deus está tornando-se, de fato, “Deus conosco”. Eis a Boa Nova, a Boa Notícia! Tudo isso porque *cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário* (LS 65).

Assim, aquela comunhão originária de Deus com o homem, que fora rompida pelo pecado originário, não só é refeita, mas recriada, e de modo ad-

mirável, inaudito. Pois, *uma pessoa da Trindade divina inseriu-se no homem, no universo criado, partilhando a própria sorte com ele até a cruz* (LS 99). Assim, nossa comunhão com Cristo, através de sua carne, é “comunicação” com toda Trindade santa. Por isso, logo depois de anunciar: “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e Eu nele*, Jesus acrescenta: *Como o Pai que vive, me enviou, e eu vivo por causa do Pai, assim o que me come viverá por causa de mim*” (Mc 6,56-57). E, conseqüentemente, viverá, também ele, por causa do Pai.

Como vemos, a linguagem de Jesus é muito mais forte que o nosso costumeiro “comungar” ou “receber” a comunhão, a Eucaristia. É comer, mastigar, digerir, assimilar a Ele, o Pão, o Deus vivo, descido do Céu.

Infelizmente, hoje, nossa comunhão não nos provoca nem assusta mais como provocou e assustou os judeus e os apóstolos. Não nos espanta, não nos comove mais. Temos até certo receio de dizer que vamos comer Cristo, digeri-lo, como se isso fosse desrespeito e não glória, engrandecimento para Ele e para nós. É o que assinala e nos diz São Francisco: *O homem, por isso, despreza, mancha e pisa o Cordeiro de Deus, quando, como diz o Apóstolo, ‘não distinguindo’ e não discernindo o santo pão de Cristo dos outros alimentos e obras, ou O come indigno, ou ainda, se for digno, O come vã e indignamente, como diz o Senhor pelo profeta: ‘Maldito o homem que adultera a obra’ de Deus* (CO 19-21).

Portanto, comer Jesus, alimentar-se de sua carne é, a modo de discípulos apaixonados, converter-se cada vez mais profunda e puramente à pessoa Dele, ao seu Evangelho e a toda a obra de sua misericórdia. Ou, como dizia Marina, franciscana secular: *Devo ser Eucaristia: ação de graças, adoração e serviço* (O Livro de Marina, pág. 245). Converter-se, no fundo, significa *abnegar-se a si mesmo, carregar sua cruz e segui-Lo*, procurando ser Ele e não eu. Ou, como dizia ainda a Marina: *Eu não desejo mais ser eu. Desejo ser tu... Pois, tu me envolves, tu me penetras, me amas. Eu não desejo nada, não ouço nada, mas sinto o roçar de teus lábios, o calor de tua presença. Sou feliz, meu Amado! O que mais posso querer na vida, além do teu Amor? Aqui estou, toma-me, possui-me, usa-me, ama-me. Ser tua propriedade é minha maior alegria. Toma-me, toma-me!* (idem).

3. Como fazer render a vida cristã no tempo presente (Ef 5,15-20)

A segunda leitura da Missa de hoje, como nos Domingos anteriores, continua sendo tirada da Carta aos Efésios. Paulo persiste exortando os efésios para que, em vez de uma vida carnal, pagã, mundana, empenhem-se em viver o mistério de Cristo. O trechinho de hoje poderia intitular-se: “Como fazer render a vida cristã no tempo presente”.

A recomendação inicial toca numa das principais virtudes evangélicas: *Vigiai, pois, irmãos, vossa conduta: que não seja uma conduta de tolos, mas de sábios* (Ef 5,15). Vigiar significa cuidar, tomar providências, estar atento. Tudo isso porque a vida cristã está cheia de graças que vem de surpresa e no meio de um mundo adverso. Por isso, dizia o Bem-aventurado Frei Egídio: *Muitos lucram muitos bens, mas nunca se fazem ricos, porque não guardam o que lucraram; e alguns lucram aos poucos e se fazem ricos, porque guardam bem o que lucraram. Que volume d'água não teria o rio Tibre, se não fluísse continuamente!* (DE 7,11-12).

Tudo isso se deve porque *os dias do tempo presente são maus* (Ef 5,16). A história humana é difícil porque, dominada pelas forças diabólicas deste mundo, é afastada continuamente da vontade, do plano de Deus, revelado por Cristo e condensado na Boa Nova - o Evangelho. Os cristãos, porém, são aqueles que creem e lutam por uma vida vindoura, do além, onde tudo será bom porque *Deus será tudo em todos* (1Cor 15,28). Mas, no presente momento, o além, o vindouro, sofre como que em dores de parto para fazer-se presente, irrompendo aos poucos num combate progressivo, até quando o dia do Senhor suplantarão completamente a história do poder das forças malignas da discórdia e da divisão.

A irrupção do mundo futuro, escatológico, no meio desse mundo malvado, se dá através das graças ou virtudes do Reino de Deus, inaugurado por Cristo. Por isso, a recomendação fundamental de todo este trechinho: *fazer render o tempo presente* (Ef 5,16). Ou seja, os cristãos são aqueles que, aos poucos, como servos bons e fiéis, vão fazendo render os talentos, as graças, as virtudes, as sementes evangélicas. Mas, para tudo isso, em vez de embriagar-se de vinho é preciso *encher-se do Espírito* (Ef 5,18). Ou seja, o protagonista de toda essa história de salvação será sempre, e tão somente, o Espírito do Senhor e *seu santo modo de operar*, como dizia São Francisco (RNB 8,9). O homem, por si só, será sempre um insensato. Precisa entrar na sabedoria, na vontade de Deus. Daí esta exortação final e magistral: *Entoai juntos salmos, hinos e cânticos inspirados; cantai e celebrai o Senhor de todo o vosso coração. Em todo o tempo, e a propósito de tudo, rendei graças a Deus Pai em nome de nosso Senhor Jesus Cristo!* (Ef 5,19-20).

Conclusão

A Liturgia desse Domingo nos põe em comunhão com a plenitude, o coração do mistério cristão: um Deus que entrega aos homens seu Filho que, por sua vez, nos ordena que O comamos e tomemos seu sangue. É o mistério da Encarnação e da Cruz levados ao seu sumo. Coisa inaudita! Se os deuses

pagãos exigiam sacrifícios, às vezes até de pessoas, o nosso Deus, ao contrário, se adianta, e Ele mesmo se entrega a nós, fazendo-se comida para que nós tenhamos a vida, a sua Vida em plenitude, em abundância. Ao instituir o ritual desse sacramento, o Senhor, ao mostrar o pão aos seus discípulos, não lhes disse: “Olhai, contemplai-me, adorai-me, mas tocai-me, tomai-me e comei-me!” Também, não disse: “Isto é meu pensamento, meu plano, meu sentimento, minha alma, minha doutrina, minha religião, mas ‘Isto é meu corpo!’”

A presença real de Cristo na Eucaristia, como pessoa, é para ser viático, isto é, para que Ele possa caminhar, andar, viver, sofrer e se alegrar conosco. Assim como o alimento material, que comemos, anda conosco e se torna nosso sustento, também Cristo, pela sua comunhão no pão eucaristizado e comido, se faz um conosco para ser o nosso *vade-mecum*: “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele*” (Mc 6,56). Por isso, não é boa nem saudável a espiritualidade que vê a presença real de Cristo na Eucaristia como uma realidade fixa, estática, a modo de uma “coisa” ou estátua. Sua presença é, antes, de uma pessoa, viva e real, que tem como objetivo participar, comungar – comer - da caminhada, da história dos homens e de cada um de seus amigos e seguidores. Por isso, recebe, também, o nome de *Viático*, isto é, aquele que está a caminho ou no caminho para andar, caminhar a modo de *peregrino e forasteiro* (2C 32).

O ato de comer e beber físico-biológico nos remete para a festa da alegria, nos leva à experiência elementar, básica, de criaturas que se sentem finitas, limitadas, sustentadas, alimentadas e solidárias; criaturas que não se fundamentam em si nem se sustentam por si mesmas, mas que vivem todo dia e a toda hora na dependência dos outros. Do mesmo modo a Eucaristia nos leva à festa da alegria, que nasce da experiência humana mais profunda ainda e radical: a de ser filhos de Deus, e que este nosso humano, agora divinizado por Cristo e em Cristo, para manter-se e crescer como tal, como filho de Deus, precisa do alimento celestial, divino, instituído por Ele mesmo.

A Eucaristia é, assim, a alma não apenas do Domingo, mas também de todos os momentos da vida. Ou seja, todos os momentos da nossa vida devem ser vividos na festa da alegria de estar vendo e comendo a carne, o corpo de Jesus, isto é, o vigor da gratuidade do Pai que olha para cada um de nós com tanto cuidado que nem mesmo um único cabelo cai de nossa cabeça sem que Ele o permita.



21º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Js 24,1-2^a.15-17.18^b; Sl 33; Ef 5,21-32; Jo 6,60-69

Tema-Mensagem: Para seguir Jesus é preciso a graça da decisão de crer e reconhecer que só Ele tem palavras de vida eterna, porque só Ele é o único Santo de Deus.

Introdução

Domingo passado, celebramos a conclusão do ensinamento de Jesus acerca do mistério de sua identidade, feito a partir do milagre da multiplicação dos pães. Hoje, a Igreja nos leva a celebrar o coroamento de todo esse ensinamento: a graça da decisão de seguir Jesus Cristo, porque Ele é o único que merece nossa fé e nosso seguimento, uma vez que *só Ele é o santo de Deus* (Jo 6,69).

1. Um sínodo para decidir-se: ou os ídolos ou só Deus (Js 24,1-2^a.15-17.18^b)

O mistério do seguimento de Cristo começa a ser esboçado já no Antigo Testamento, como podemos ver na primeira leitura de hoje. À semelhança de Moisés, também Josué, ao final de sua vida, sente a necessidade de levar o povo a fazer uma nova aliança com Jahvé. Por isso, *naqueles dias, Josué reuniu em Siquém todas as tribos de Israel e convocou os anciãos, os chefes, os juizes, os magistrados, que se apresentaram diante de Deus* (Js 24,1).

Tudo indica que o antigo pacto de fidelidade a Jahvé, solenemente selado, outrora, no deserto, antes da entrada na Terra Prometida, fora rompido. Muitas tribos, em contato com os inúmeros povos da região, começaram a adorar e a seguir seus deuses. É a partir deste fato que Josué lança, então, este desafio categórico a todas aquelas tribos: *Se vos parece mal servir ao Senhor, escolhei hoje a quem quereis servir: se aos deuses, a quem vosso pais serviram na Mesopotâmia, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais. Quanto a mim e à minha família, nós serviremos ao Senhor* (Js 24,15).

O desafio surtiu efeito, pois todo o povo respondeu dizendo: *Longe de nós abandonar o Senhor para servir a deuses estranhos* (Js 24,16). Além do mais, procuraram assentar essa sua resposta na memória da graça dos grandes feitos, que Deus mesmo realizara no passado, em favor deles e de seus pais, tirando-os da escravidão do Egito. Vem, então, a conclusão, não apenas dessa passagem, mas de todo o livro de Josué: a necessidade de selar um novo pacto:

Portanto, nós também serviremos ao Senhor (Js 24,18). E, imediatamente, vem a razão dessa decisão: *porque Ele é o nosso Deus* (Js 24,18).

Assim, aquele aglomerado de tribos, dividido e metido em contínuas discórdias e desavenças, pelo seguimento de inúmeros ídolos e falsos deuses, tornou-se de novo um único povo, voltado, convertido para Jahvé. E essa era, justamente, sua missão no mundo, no meio de todos os povos: ser a casa de Deus, o lar onde crepitasse o fogo do calor da fidelidade de Deus, manifestada com seus inúmeros cuidados e benefícios. E entre esses, a alegria e a graça de ser seu servo, seu Povo eleito, preferido. Por isso, a palavra, ou, melhor, o verbo que coordena e move todo esse “sínodo” israelense é “servir”. Sua importância pode ser percebida já pelo fato de, num trecho tão pequeno, de apenas cinco versos, aparecer seis vezes o verbo servir.

Servir, no sentido bíblico, nada tem do modo de ser escravo ou empregado, pois significa unir-se, entregar-se a Deus e aos seus mandamentos, com todo seu coração, com toda sua alma e com todas as suas forças, assim como, por exemplo, uma esposa se entrega e se doa toda, sempre de novo e de modo renovado, ao seu esposo e vice versa. Por isso, na Sagrada Escritura, servir não significava desonra, mas, ao contrário, honra, dignidade, alegria porque indica estar intimamente unido ao seu mestre; cooperar com ele, com sua obra, de modo a aprender o mesmo modo de operar, de agir e de ser dele. Assim, servir ao Senhor é aprender o modo de ser, sentir, pensar e agir do Pai, o Mestre de Jesus Cristo, como Ele, Jesus Cristo O serviu.

A palavra grega, da qual vem “Igreja”, é *ekklesia*, que significa “assembleia”, ou seja, reunião, que acontece a partir de uma convocação, de raiz, de pertencimento comum. É o vigor dessa raiz comum que realiza a integração das diferenças e da igualdade. Sem o vigor dessa raiz, a igualdade vira uniformidade, que reprime e suprime as diferenças que, por sua vez, se transforma em conflitos, violências e exclusões.

Assim, essa assembleia dos israelitas, reunida para ouvir a Palavra do Senhor, pode ser vista como prenúncio ou imagem da Igreja, inaugurada por Cristo. Para entender o que é ser Igreja, é fundamental, portanto, a noção dessa “convocação” comum para o seguimento de Cristo. Ela é uma comunidade, um povo, que se reúne a partir da escuta da Palavra. Tudo o que ela tem a discutir e a deliberar, todo falar uns com os outros e todo o ouvir uns dos outros pressupõe a escuta da Palavra do Senhor. Toda deliberação, porém, pressupõe uma decisão fundamental: entrar no santo serviço do Senhor, isto é, a decisão pelo discipulado, pelo seguimento Dele. A decisão não é escolha, pois, enquanto e como tal, seria sempre e apenas uma eleição ou preferência, entre isso ou aquilo. Já decisão é sempre uma cisão, isto é, uma ruptura com

tudo aquilo que nos dispersa e desagrega daquilo que se tornou nosso único necessário, nosso Tudo, nosso bem-querer.

2. A graça da decisão de sair de si para seguir a Jesus (Jo 6,60-69)

O trecho evangélico, proclamado hoje, é o epílogo do grande ensinamento de Jesus na sinagoga de Cafarnaum acerca do Pão da Vida. Um pouco antes, Jesus havia proclamado, de modo solene e categórico, que Ele era o verdadeiro pão descido do céu e que somente poderia permanecer com Ele quem comesse de sua carne e bebesse de seu sangue.

2.1. Palavra dura para os duros de coração

A primeira parte dessa perícopes começa com a murmuração *de muitos discípulos* (Jo 6,60), diante daquele inaudito anúncio de Jesus. Por isso, diziam: “*Essa palavra é dura demais!*” (Jo 6,60).

Diante da murmuração daqueles discípulos, que, na verdade não eram discípulos, Jesus procura levar sua mensagem para seu verdadeiro nível. Sua intenção não é aumentar o escândalo, mas mostrar-lhes sua origem: um coração endurecido, embotado diante das iniciativas maravilhosas – os sinais - de Deus. É esse fechamento, preso às próprias categorias – modos de pensar – carnis, mundanas, interesseiras, egoístas que os impede de ver Jesus Cristo, em sua sublime humildade e humilde sublimidade: Pão que se faz comida e vinho que se faz sangue, bebida.

Era preciso, pois, e esta é a razão de todo esse ensinamento: conduzir os ouvintes para o caminho do verdadeiro discipulado. Levá-los a passar da visão carnal, meramente humana, interesseira, acerca de Jesus, da Lei e do próprio Deus, para a dimensão espiritual, da gratuidade. Por isso, logo acrescenta: “*Isso vos escandaliza? E quando virdes o Filho do Homem subindo para onde estava antes? O Espírito é que dá vida. A carne não adianta nada. As palavras que eu vos falei são Espírito e vida!*” (Jo 6,62-63). Ou seja, a carne enquanto carne, isto é, enquanto tal - o homem enquanto homem - voltado sobre si mesmo e a partir de suas próprias forças, não conseguirá jamais alcançar Deus, pois *Deus mora numa luz inacessível* (1Tm 6,16). Ou seja, o amor – principalmente o Amor que é Deus - sempre é, por natureza, dom, graça, jamais objeto ao alcance de nossas forças e conquistas. Por isso, Jesus fala da necessidade da fé, da confiança, para logo acrescentar: *É por isso que vos disse: ‘Ninguém pode vir a mim a não ser que lhe seja concedido pelo Pai’*” (Jo 6,65).

Assim, a partir desse anúncio bem claro, o ensinamento alcança seu objetivo maior: a necessidade do ouvinte tomar a decisão de entregar-se nos bra-

ços do Pai, que vem até nós através de seu Filho, o Pão vivo descido do Céu ou abandonar a Jesus. O que de fato aconteceu para muitos que, *a partir daquele momento, voltaram atrás e não andavam mais com ele* (Jo,66).

2.2. Discípulo diligente ou negligente

O ensinamento de Jesus coloca-nos diante de dois tipos de discípulos: o diligente e o negligente. Diligente é o discípulo que, ao ouvir do mestre uma palavra que não entende, ele a acolhe, ama e escuta de boa vontade. Por isso, mesmo não a entendendo, ele, na verdade, entende que nela se encontra o segredo de sua vida. E isso o faz seguir, ser discípulo. Isso é seu tudo: aprender a ser discípulo, a seguir para onde seu mestre for. O discípulo negligente, ao contrário, ouve a palavra do Senhor, já de saída, com aversão. Por isso, por ser discípulo negligente, não entende e nunca haverá de entender. Surge, assim, o grande ensinamento de Jesus: compreender é poder-escutar. É ser capaz de suportar uma revelação de um sentido novo, inusitado; é, fundamentalmente, acolher, aceitar, esse novo sentido, que ilumina a vida.

As palavras de Jesus, como num enamoramento, precisam ser acolhidas a partir delas mesmas, isto é, de sua origem, o Espírito. E não a partir de nós. Por isso, São Francisco, na primeira admoestação, salienta muito a importância do Espírito em nosso relacionamento com Jesus Cristo, mediante o mistério eucarístico. Ele diz: *O Espírito é Deus, e a Deus ninguém jamais viu. Por isso, Ele não pode ser visto senão no Espírito, porque o Espírito é que vivifica, a carne de nada serve* (Ad 1,5b-6). Em outras palavras, Francisco está dizendo que Deus é pura Gratuidade e que, por conseguinte, só pode recebê-Lo quem estiver no vigor e na alegria dessa virtude, a gratuidade. Daí sua conclusão: *Por isso, o Espírito do Senhor, que habita nos seus fiéis, é quem recebe o santíssimo corpo e sangue do Senhor* (Ad 1,12). Ou seja, só recebe a Gratuidade quem estiver no vigor dessa virtude. Do contrário não comunga o Senhor porque está comungando apenas a si mesmo. E isso é uma pena, porque nem todos os homens deixam-se conduzir pelo Espírito, pela Gratuidade! Há aqueles que endurecem o coração. Não amam o Amor que é Deus. Não respiram no Sopro de Deus. E, assim, se fecham ao mistério. Em virtude disso, diz São Francisco: *Ó filhos dos homens! Até quando tereis o coração pesado? Por que não reconheceis a verdade e não credes no Filho de Deus?* (Ad I, 14-15).

2.3. Uma palavra doce para os de dócil coração

O abandono e o escândalo dos discípulos de coração endurecido levam Jesus a lançar o desafio aos demais discípulos: *“Por acaso, vós também quereis ir embora?”* (Jo 6,67). Com essas palavras, Jesus exclui toda violência e toda obrigação do ser cristão. Ser cristão por obrigação e não por gratidão é

uma lástima! (Cf. São João Crisóstomo, Homílias sobre João,47,3). Bem pior do que casar por obrigação!

Jesus não nos obriga a segui-lo. Não se impõe, não impera, apenas persuade, convida, atrai, reina suavemente. Uma ditadura do Evangelho é um absurdo dos mais aberrantes, uma contradição em si mesma. Muitas vezes, na história, os que estão no poder caem nessa aberração: assenhoram-se da autoridade do Evangelho para impor ao mundo, à sociedade, um cristianismo e uma cristandade sem “cristidade”. Então, os homens acabam não seguindo Cristo, por causa da presunção dos que se chamam “cristãos”. Seguem o espírito do mundo, em vez de seguir o modo de ser de seu Mestre (Cf. EG 93).

Vem, então, a conclusão de todo o ensinamento, expressa pela resposta de Pedro, que fala em nome de todo o grupo: *“A quem iremos, Senhor? Só tu tens palavras de vida eterna! Nós cremos firmemente e reconhecemos que tu és o Santo de Deus!”* (Jo 6,68). Para os que foram embora, as palavras de Jesus pareciam duras demais. Mas, para os que ficam são palavras que conduzem à vida verdadeira, à vida plena, à vida sem limites. São “palavras de vida eterna”. Por isso, vale a pena estar junto desse Mestre, segui-lo, ir ao seu encalço, mesmo quando não nos achamos em condição de ter toda a clareza a respeito de sua mensagem. As palavras de Pedro são palavras que conotam a estima, a grande afeição, o bem-querer do discípulo. É como se Pedro dissesse: “Tu és o mais querido!” No amor, mais que conhecer, importa que se ame!

No mundo ou caminho da fé, do amor, primeiro e sempre vem a graça do encontro ou o encontro da graça, que desperta a afeição que, por sua vez, leva ao compromisso do seguimento. A partir da fé, abre-se uma fenda que leva à compreensão. Por isso, Pedro diz: *“Nós temos fé e sabemos que tu és o Santo de Deus!”* (Jo 6, 69). A fé traz consigo seu próprio saber. É um saber feito de experiência, de uma evidência que nasce e cresce do próprio encontro e da afeição que é graça desse mesmo encontro. Nessa fé e nesse saber, na mente de Pedro, dos Doze e de todos os que acolhem Jesus no Espírito, brilha esta evidência e alegria: “Tu és o Santo de Deus!” Isso é: tu és a Vida Eterna mesma; o que tu és, comunicas em tua carne e em teu sangue (Cf. Santo Agostinho, *ibidem*).

3. Seguir a Jesus Cristo como a esposa segue só e unicamente seu esposo (Ef 5,21-32)

Na segunda leitura de hoje, a vida familiar dos cristãos é iluminada pelo mistério da relação de Cristo que, pela sua Encarnação, se fez o esposo da Igreja. O mistério dessa comunhão-esponsal fecunda e sacramentaliza também o mistério da união e comunhão do matrimônio cristão. Por isso, a Igreja, como o matrimônio, são dois sacramentos do mesmo mistério. E os filhos que

nascem dessa comunhão, tanto eclesial como matrimonial, participam, a seu modo, da graça desse sacramento. Por isso, o sacramento matrimonial faz da família uma Igreja doméstica.

Trata-se de uma comunidade de “chamados” ao seguimento, que se reúne numa casa em que se vive o discipulado no cotidiano das relações humanas conjugais, paterna e materna, filiais. Uma comunidade, portanto, na qual o duplo parentesco, humano e eclesial, se funde numa única comunhão. Por isso, ouçamos bem o que diz Paulo: *Este mistério é grande e eu o interpreto em relação a Cristo e à sua Igreja* (Ef 6,32). Grande é o mistério do amor entre esposo e esposa. E esse mistério acena para um mistério ainda maior: o amor de Cristo para com a Igreja. Por isso o matrimônio, é um sacramento.

Sempre importa, como e com São Paulo, repetir que tanto o matrimônio, a família, como a Igreja pertencem à esfera do divino e não do humano. Ambos são obras graciosas, gratuitas, que têm seu princípio, seu crescimento e florescimento a partir de Cristo, através do qual Deus Pai renova todas as coisas. Por isso, nosso Papa Francisco, ao falar da vocação da família, nos exorta a que fixemos nosso olhar em Jesus *porque nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio do que esse anúncio e toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma* (AL 58).

E diz ainda o Papa: *Com efeito, o próprio mistério da família cristã só se pode compreender plenamente à luz do amor infinito do Pai, que se manifestou em Cristo, entregue até ao fim e vivo entre nós. Por isso, quero contemplar Cristo vivo que está presente em tantas histórias de amor e invocar o fogo do Espírito sobre todas as famílias do mundo* (Idem, 59).

Conclusão

Seguir e servir são como duas estrelas que, desde Abraão, orientam, animam, sustentam e conjugam toda caminhada do Povo de Deus e do próprio Jesus. Ele mesmo se define como Aquele que veio para fazer, seguir a vontade do Pai até a morte e morte de Cruz. Por isso, com razão, recebeu entre outros o nome de *Servo de Jahvé*.

Consequentemente, é a conjugação da dinâmica desses dois verbos que define a identidade do cristão, como o diz claramente São Francisco: *A Regra e a Vida destes Irmãos é esta: [...] seguir a doutrina e os vestígios de Nosso Senhor Jesus Cristo, que diz: ‘Se queres ser perfeito, vai e vende tudo o que tens e dá aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem, e segue-me!’* (RNB 1)

Consequentemente, se a Igreja redescobriu que, no centro de sua Vida está a graça do encontro com Jesus Cristo, de seu chamado e missão, não

basta que sejamos apenas católicos praticantes; não basta o espírito mundano da busca da autossatisfação de estarmos em dia com as obrigações de nossa Religião e, acima de tudo, de sentir-nos merecedores do amor de Deus e do próximo. Mas, é preciso que voltemos a ser seguidores de Jesus.

Como é esse seguimento, o diz com admirável sabedoria São Boaventura:

Se, portanto, queres saber como isso acontece, interroga a graça e não a ciência; o desejo, e não a inteligência; o gemido da oração e não o estudo dos livros; o esposo, e não o professor; Deus, e não o homem; a escuridão, e não a claridade. Não interrogues a luz, mas o fogo que tudo inflama e transfere para Deus, com unções suavíssimas e afetos ardentíssimos. Esse fogo é Deus! (São Boaventura, *Itinerarium mentis in Deum*).

Marina, uma franciscana secular, descobriu e viveu intensamente a conjugação desses dois verbos:

Eu me sinto pendurada entre dois mundos: o mundo dos homens aparentemente sedutor, fascinante e o teu mundo. O teu mundo é que realmente me seduz, me fascina, me convida. Tudo que é teu é meu. Tudo que é teu me chama. [...] Tu me queres aqui, no mundo dos homens e aqui eu sou e serei tua para sempre [...] Meu lema, já Te disse, é: servir, servir e servir. Minha vida será metade oração e metade serviço. Quero, como São Francisco ensinou, abraçar o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo para seguir suas pegadas (*O Livro de Marina*, pág. 238).



22º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Dt 4, 1-2.6-8; Sl 14; Tg 1,17-18. 21b-22.27; Mc 7,1-8.14-15.21-23

Tema-mensagem: Ao mal do legalismo, que escraviza e mata, porque leva à tristeza do egoísmo individualista, o discípulo de Jesus opõe e propõe a graça da Lei de Deus, que o orienta, o protege e o salva, porque o leva para o encontro com o outro, com a vida e com o próprio Deus.

Introdução

A Liturgia deste Domingo celebra, com alegria e gratidão, a lei de Deus, inserida no coração de cada uma de suas criaturas, principalmente no coração de seus filhos prediletos, nós, os humanos. Mas, ao mesmo tempo, nos exorta a abandonar, sempre mais e de novo, todo e qualquer legalismo, bem como, todo e qualquer liberalismo individualista, baseados na arbitrariedade subjetiva, que escraviza e mata nosso humano, por dentro e por fora.

1. Ouve, ó Israel, as leis e os decretos justos e sábios do teu Deus (Dt 4,1-2.6-8)

A Liturgia da Palavra começa com um pequeno trecho da grande e última fala de Moisés ao seu povo, o Povo de Deus. Nas estepes de Moab, ele prepara o povo para a entrada na terra prometida. À semelhança de testamento, dá-lhe suas últimas instruções acerca do comportamento, que lhe permitirá gozar naquela terra uma vida feliz, como lhe fora prometido pelo Senhor (Cf. Dt 4,1).

1.1. A lei em sua origem

No Antigo Testamento, a Lei tem sua origem na iniciativa de Deus (Jahvé) que, comovido pelos sofrimentos de Israel na escravidão do Egito, proclama: *Eu vos tomarei como meu povo e serei vosso Deus. Assim, sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus, que vos liberta dos trabalhos impostos pelos egípcios. Eu vos introduzirei na terra que, com mão levantada, jurei dar a Abraão, Isaac e a Jacó e vô-la darei em posse* (Ex 6,7-8).

Por isso, embora, às vezes, o Antigo Testamento fale em leis e decretos, no plural, como na leitura de hoje, o entendimento é sempre de uma Lei única – a Torá - de uma Palavra única, de um Mandamento único, que nasce do amor misericordioso de Deus, o Senhor. Consequentemente, no Deuterônô-

mio, o povo não é meramente confrontado com um código de leis, mas posto diante do Deus vivo, que não quer ficar escondido atrás das leis. Assim, em seu discurso, elas soam como exortações. Jahvé fala como pai, desejando que o cumprimento da Lei se dê no espírito da alegria e no vigor da gratidão para com sua ação amorosa e gratuita na história libertadora de Israel.

Também nesse sentido os mandamentos da Lei são as condições que se requerem para que esse vínculo de aliança no amor se mantenha firme. As proibições põem um limite para que se evite aquilo que destrói esse vínculo; o negativo, por sua vez, procura salvaguardar o positivo do vínculo da aliança no amor. É como o sinal vermelho dos semáforos de nossas cidades: o proibido é para olhar para as pessoas, a fim de salvar-lhes a vida.

Por isso, para Miquéias, observar a Lei é amar a fidelidade de Deus, é aplicar-se a caminhar com Ele (Cf. Mq 6, 8). Para Amós, é odiar o mal e fazer o bem (Cf. Am 5,15). Já, para Isaías, a Lei tem um significado universal: que a aliança de Jahvé com Israel se estenda para todos os povos da terra (Cf. Is 2, 3).

Em resumo, os profetas chamam a atenção não tanto para a Lei, mas para sua origem: o encontro com Deus, a sua eleição gratuita, amorosa > a aliança.

1.2. Na lei e nos mandamentos do Senhor, a sabedoria e a inteligência do seu Povo

Para os profetas e antigos israelitas, a Lei não é apenas um significado, mas o próprio Deus fazendo-se próximo, dando-se, doando-se e marcando presença junto ao seu povo eleito, querido e preferido.

Por isso, todo desdobramento da Lei em mandamentos e normas tem como único objetivo a instrução e admoestação para que o israelita cultive um coração aberto e generoso para o encontro com o Deus vivo: *Escuta, Israel! O Senhor, nosso Deus, é o Senhor que é Um. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo teu coração, com todo teu ser, com todas as tuas forças. As palavras dos mandamentos que hoje te dou estarão presentes em teu coração...* (Dt 6, 4-6). Eis a raiz de toda a ação do israelita: viver na escuta, na obediência amorosa de Deus.

2. A busca de uma Religião pura e sem mancha (Mc 7, 1-8.14-15.21-23)

A Lei foi interpretada de uma maneira distorcida pelos fariseus, que se opunham a Jesus e a seu Evangelho. Eles se esqueceram da essência e do sentido da Lei e se apegaram ao legalismo. Nesse legalismo, a questão da pureza ritual tinha grande importância. E, insatisfeitos com o que a Torá prescrevia,

inventaram preceitos instituídos por mera tradição humana. O ensinamento de Jesus, nesse Evangelho de hoje para seus discípulos, nos adverte para o discernimento entre a falsa e a verdadeira pureza.

2.1. Os fariseus e suas tradições

Marcos abre esse capítulo dizendo, de novo, que *os fariseus e alguns mestres da lei vieram de Jerusalém e se reuniram em torno de Jesus* (Mc 7,1). Mas, qual a raiz histórica desses personagens, os professores da Lei e os fariseus?

No pós-exílio, Israel se tornara uma comunidade cúllica, centrada na observância da Lei e na importância do escriba. Esdras é o modelo desse tipo de homem crente, líder em Israel (Cf. Esd 7,10). Assim, israelita exemplar era aquele que piedosamente se esmerava na observância da Lei, que é ensinamento, tanto no sentido de revelação quanto de instrução (Cf. Salmos 19; 37; 40; 119).

No judaísmo, da época helenística, a devoção para com a Lei torna-se sua marca cada vez mais acentuada. A conhecida revolta dos Macabeus (164 a.c.), que se insurgiram contra seus dominadores pagãos, era motivada pela rigorosa observância da Lei. E, no centro dessa busca, estava a questão dos alimentos puros e impuros. Toda essa luta fez emergir um grupo de pios líderes que focalizaram seu empenho e desempenho em salvaguardar essa observância legal: os fariseus. O “elogio do Escriba”, no livro do Sirácida, mostra exemplarmente o perfil desse homem pio, defensor da observância da Lei (Eclo 38,35-39).

Desse modo, os judeus, que se propunham uma observância rigorosa e radical da Torá, começaram a ser chamados de “fariseus”, que em hebraico significa “separados”, “segregados”, “limpos”, “puros”. Enfim, seriam eles os “santos” da verdadeira comunidade de Israel, do verdadeiro Povo de Deus

Assim, no judaísmo rabínico, a Lei torna-se o centro do relacionamento entre o israelita crente, pio, justo e Jahvé, seu Deus. A posse da Torá é a marca identificadora de Israel e, por conseguinte, a marca que o diferencia dos outros povos. É nesse tempo que começa a haver uma inversão: em vez de se entender a relação, o **encontro** com Deus como a base da Lei, entende-se a **Lei** como a base da relação com Deus. A Lei passa a ser a base de tudo: o novo “deus, o ídolo de Israel”, fazendo a todos e a tudo escravos da lei. Até mesmo o próprio Deus. Deus estava preso, amarrado às leis e às tradições de seu povo. O homem passou a divinizar a lei e a legalizar Deus.

Paralelamente, desenvolvem-se tradições concernentes ao puro e ao impuro, mormente ligadas aos alimentos. O legalismo perde-se na periferia, no acidental, deixando escapar o coração da Lei, o essencial. Eis o pano de fundo do enfrentamento de Jesus com os fariseus e escribas.

2.2. Aos fariseus, uma repreensão

A segunda parte do Evangelho de hoje começa com uma dura repreensão, na verdade, uma condenação de Jesus aos fariseus, tendo como centro e contexto suas famosas questiúnculas, vistas acima.

O movimento dos fariseus, que surgiu como o propósito de autêntica e perfeita forma de vida segundo a Torá (a Instrução) do Senhor, decaí e se defasa. A decadência e a defasagem se fizeram tão profundas, que eles se tornaram incapazes de intuir o mínimo de divino que havia em Jesus. Por isso, já saem de Jerusalém, da cidade santa, do Templo sagrado com o coração pervertido. Fazem uma longa viagem, não para ver as maravilhas que se diziam Dele, para encontrá-lo e ouvi-lo, mas para fiscalizar sua observância da lei e, se necessário, condená-lo, pois *ouviram dizer que alguns dos discípulos de Jesus comiam o pão com as mãos impuras* (Mc 7,2).

Estamos diante dos fariseus de ontem, de hoje e de sempre. Em verdade, é difícil ir ao encontro de Deus sem uma tradição ou motivo humano, sem um “porquê” ou “para quê”, na pura gratuidade do bem-querer. Como é difícil, por exemplo, rezar sem querer mostrar que se ama a Deus ou porque, se não rezar o Senhor não vai amar-nos, não vai dar-nos o que pedimos, etc. ou, pior ainda, vai condenar-nos. Sim, como é difícil amar, simplesmente porque Ele já nos amou bem antes, por primeiro, desde toda a eternidade. Queremos primeiro tornar-nos puros para amar a Deus, enquanto Jesus diz: aceita o amor de Deus e Ele vai tornar-te puro.

Por isso, dizia o Bem-aventurado Frei Egídio: puro não é aquele que não tenha impurezas, mas aquele que as aceita, humildemente, procurando e sabendo lutar contra elas, sem jamais desistir (Cf. DE 10). Só há, pois, uma única impureza: pensar e lutar para sermos puros e santos a partir de nós mesmos, de nossas iniciativas, leis, costumes e tradições.

Jesus, então, já que diante deles não tinha nenhum crédito, procura centralizar sua repreensão na autoridade do grande profeta Isaías: *“Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim... vós abandonais o mandamento de Deus para seguir a tradição dos homens”* (Mc 7,6).

O centro, portanto, do relacionamento do homem com Deus não são as palavras, os discursos, os ritos, mas a gratuidade que se manifesta e se traduz em obras, empenho e luta. Deus olha a intenção do coração. A intenção é a tendência e a orientação, é o direcionamento e o rumo que damos a nossas ações e omissões: nossas palavras e gestos a nossos atos e práticas, nossos engajamentos e realizações. Para o Senhor, isso é que conta.

2.3. Ao Povo, uma instrução

Jesus termina seu discurso, chamando a multidão para perto de si, a fim de passar-lhe seu grande ensinamento: *“Escutai todos e compreendei...”* (Mc 7,6). Se antes, com os fariseus e escribas a aspereza e a condenação, agora com a multidão, a mansidão e a benignidade.

É preciso que acolhamos a iniciativa de Jesus, que nos chama para perto Dele, sem perguntar se estamos limpos ou não; que nos acheguemos a Ele e escutemos seu grande ensinamento: *“O que torna o homem impuro não é o que entra nele vindo de fora, mas o que sai de seu interior”* (Mc 7,15). Ou seja, as criaturas todas são inocentes, inofensivas, pois todas, criadas por Deus. Como tais são nossas irmãs, diz São Francisco. Dizer que haveria alguma criatura impura ou maléfica seria ofender seu Criador que, ao criá-la proclamou que era boa e bela! (Cf. Gn 1).

Como poderiam então elas, nossas irmãs, tornar-nos impuros? Por isso, o dito forte e solene de Jesus para todos: *“É de dentro do coração do homem que saem os maus pensamentos...”* (Mc 7,21). Ou seja, as impurezas e todas as maldades são de responsabilidade do homem, de seu modo de relacionar-se com a vida, com as pessoas, com a história, com Deus, etc. Posso relacionar-me de modo sadio ou perverso. Sadio quando as vejo e trato como graças, favores, bênçãos, benefícios, sacramentais, presenças do Deus vivo e verdadeiro. Perverso, quando as trato como se fossem apenas coisas ou quando as tomo fazendo-me seu dono e patrão e, pior ainda, explorando-as e destruindo-as, sem respeitar-lhes a dignidade.

Na verdade, só há uma única origem do pecado e do mal no mundo: o interior, o coração do homem. É desse seu interior, de sua vontade que nascem as cogitações que se transformam em atos e hábitos: prostituição, roubos, homicídios, adultérios, desonestidade, inveja, difamação, orgulho e insensatez. *“Todos esses vícios vêm de dentro e mancham o homem”* (Mc 7, 23).

3. Receber com humildade a Palavra que em nós foi implantada (Tg 1,17-18. 21b-22.27)

A segunda leitura de hoje é tirada da Carta de São Tiago, o “irmão do Senhor”, Bispo de Jerusalém, o mais idoso do grupo dos Doze. Ela está bem em consonância com o Evangelho e a primeira leitura. Este pequenino trecho poderia intitular-se: Receber com humildade o dom da Palavra de Deus. O autor passa, então, a indicar as condições para essa acolhida.

Primeiramente, é preciso considerar que essa Palavra, que salva, tem sua origem (como todo dom precioso e toda a dádiva perfeita) no *Pai das luzes* (Tg 1,17). É, portanto, a mesma origem ou princípio da Lei do Antigo Testamento

e do próprio Jesus, consumação de toda Lei e da palavra de todos os profetas. É da livre vontade, isto é, do bem-querer desse Pai que somos gerados pela Palavra da verdade. Nunca é demais proclamar a gratuidade e a grandeza dessa nossa origem. Pois, graças a ela é que, embora indignos e impuros, podemos nos sentar, como comensais, à mesa do amor das Três Pessoas divinas.

Partindo desse princípio, vem, então, a primeira grande exortação: *Recebei com humildade a Palavra que em vós foi implantada...* (Tg 1,21). Como estamos diante de um processo de nascimento, o “receber” aqui tem o modo de ser da maternidade. São Francisco explica este modo de receber com o advérbio *benignamente* (1CFi 19). Receber benignamente a palavra significa acolhê-la com toda boa vontade, pondo à sua disposição todo nosso ser, para o que der e vier, dando até a própria vida, se necessário, para que encontre em nosso coração um terreno bom, acolhedor, e assim possa criar raízes, crescer e florescer. Esse parece ser o sentido da exigência: *sede praticantes da palavra e não meros ouvintes* (Tg 1,22).

Mas, Tiago quer que não nos enganemos acerca de nossa boa acolhida da Palavra e de sua “prática”, para que assim ela nos torne, de fato, religiosos, cristãos puros e sem mancha. Por isso, termina apresentando dois critérios muito objetivos e concretos: *assistir os órfãos e as viúvas em suas tribulações e não se deixar contaminar pelo mundo* (Tg 1,27).

Conclusão

Estabelecer um bom, justo e sábio relacionamento entre lei, regra e instituição de um lado; e inspiração, dom e graça de outro, sempre se constitui numa arte que poucos conseguem conquistá-lo. Entre esses, podemos citar São Francisco. Logo após receber a inspiração de que devia seguir Jesus Cristo, no estilo da vida dos Apóstolos, a fim de não esquecer, sabiamente a resumiu e escreveu em algumas poucas frases. Pouco mais adiante, levou-a ao Papa a fim de que esse a sancionasse como Regra e Vida para ele e para todos seus sucessores. E o Papa a aprovou e confirmou (Cf. RNB Pró).

A expressão “Regra e Vida”, até então inédita nas Regras das Ordens religiosas, permeia todos os escritos do santo que tratam desse assunto. Assim, Francisco, já no início, parece acordar-nos para a profunda, íntima e indissolúvel unidade entre Vida e Regra, manifestada nessa pequenina conjunção e. Exemplificando essa sua compreensão, ele mesmo, numa sexta-feira santa, ouvindo, à noite, um jovem frade gemendo de fome por causa do rigoroso jejum, acordou todos os demais frades e ordenou que todos fossem ao refeitório.

E ele mesmo começou a comer por primeiro para que o Irmão não ficasse envergonhado, convidando também os demais Ir-

mãos para o ofício da caridade... Mas, depois de terem tomado o alimento, no temor do Senhor, para que nada faltasse ao ofício da caridade ... acrescentou: “Deveis saber, caríssimos, que agora comi por cortesia e não por gosto, porque assim mandava a caridade fraterna. Tomem como exemplo a caridade e não a comida, porque o comer serve à gula, e a caridade ao espírito” (2C 22).

Por isso, com esse seu modo sábio de expressar a questão, Francisco está lançando este profundo apelo: em estando na Vida, não esqueçamos a Regra; em estando na Regra, não esqueçamos jamais a Vida!



23º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Is 35, 4-7ª; Sl 145; Tg 2, 1-5; Mc 7, 31-37

Tema-mensagem: De surdos e mudos Jesus nos transforma em ouvintes e proclamadores da Boa Nova de seu Pai.

Introdução

Liturgicamente, poderíamos chamar o Domingo de hoje “Domingo dos surdos que voltam a ouvir e dos mudos que voltam a falar”. Tudo isso porque Deus, nosso Deus, têm sede de comunhão com todas as suas criaturas, principalmente conosco, os humanos. Por isso, ver-nos surdos e mudos enche-O de compaixão e misericórdia, levando-O à loucura de apequenar-se a nós, à nossa condição humana até a morte e morte de Cruz, só para poder comungar de nossa vida e de nossa sorte.

1. Israel, um jardim de prosperidade e felicidade humana (Is 35, 4-7ª)

Quem nos introduz no mistério deste Domingo é o profeta Isaías. Este pequenino trecho pode ser considerado como o resumo de todas as profecias de Isaías acerca dos tempos messiânicos.

1.1. Uma visão esperançosa e alvissareira

Em meio à mais desoladora experiência do exílio, Israel - privado de tudo aquilo que fora a delícia de seus corações, principalmente em termos de fé de um povo amado e privilegiado por Deus; de um povo que nas festas *subia jubiloso a Jerusalém para, em seu templo glorioso, cantar seus salmos em honra de seu Senhor* (Sl 122) - vê renascer a esperança e a fé total em Deus que lhes proporcionará um novo e promissor êxodo.

É dentro deste contexto que devemos ler estes maravilhosos versos do profeta:

*Dizei aos corações perturbados:
‘Tende coragem, não temais:
Aqui está o vosso Deus,
vem para fazer justiça e dar a recompensa.
Ele próprio vem salvar-nos!’ (Is 35, 3-4).*

Sinais dessa proximidade salvadora de Deus e de sua assistência são as obras estupendas, extraordinárias, maravilhosas e prenunciadas, descritas nos versos 5 a 7.

1.2. Também na desolação de hoje, uma semente de esperança

Como outrora com os israelitas, também nós vivemos numa terra devastada e desolada. A crise generalizada do mundo de hoje (crise total, isto é, em todos os aspectos e dimensões do viver humano) impõe-se como impasse na passagem do homem de hoje e para o homem do porvir. A violência deixa de compor-se de atos para ser estado: disposição permanente no mundo da convivência dos homens.

No deserto de hoje, o homem vive desencontrado com sua humanidade. Humanos cada vez menos humanos, cada vez mais assemelhados às feras ou aos animais domesticados ou, ainda, às máquinas de processar informações, de calcular, etc. Neste ambiente de desumanismo, nos deparamos com jovens cada vez menos esperançosos de encontrar as vias da jovialidade. O problema das drogas, a epidemia da depressão, etc., mostram como a cordialidade e a jovialidade de viver estão se extinguindo. Somos uma humanidade necrófila que só sabe produzir coisas que serão imediatamente destruídas, como os bens de consumo e coisas que destroem e arrasam, como se pode ver na indústria bélica e na sede pelo armamento. Nesse sentido, o suicídio passa a ser não apenas alternativa, mas consequência “lógica” deste estado do humano que não tem mais sensibilidade, menos ainda sabor para com a bondade das coisas e muito menos pelo seu mistério.

O Papa Francisco, assim, se expressa diante desta realidade: *Em alguns lugares produziu-se uma ‘desertificação espiritual’, fruto do projeto de sociedades, que querem construir, sem Deus ou que destroem suas raízes cristãs. Lá o mundo cristão está a tornar-se estéril e se esgota como uma terra excessivamente desfrutada que se transforma em areia* (EG 86).

O maior perigo deste tempo, portanto, não está na destruição, mas sim na aniquilação da desolação. A destruição acaba com o que existe. A aniquilação da desolação acaba com o possível, faz secar as fontes da criatividade humana, inclusive matando o desejo nato de viver.

2. De surdos e mudos a ouvintes e falantes (Mc 7,31-37)

O que nos conduz para o coração do mistério – maravilha – desse Domingo é o conhecido milagre da cura de um surdo-mudo, operado por Jesus.

2.1. A antiga profecia se realiza

Na primeira frase desse Evangelho, dois destaques merecem nossa consideração. Primeiramente, vem assinalado que *Jesus saiu de novo...* (Mc 7,31). Sair, sair sempre de novo, é a constante da vida pública de Jesus. Estamos diante da identidade mais profunda, não apenas de Jesus, mas de Deus mesmo, do Pai. Ao longo de todo o Antigo Testamento, Deus aparece sempre saindo, vindo ao encontro do homem e de sua história, através dos Profetas e outros servos seus. E agora o faz pessoalmente, através de seu Filho muito querido. É o vigor do coração de um Pai apaixonado, que sofre vendo seus filhos errantes, distantes e fora de sua casa, porque se fizeram surdos e mudos diante de sua Palavra e de suas iniciativas.

Além do mais, também nos estranha que nesta saída, em vez da Judeia, sua terra natal, prefere percorrer a região dos estrangeiros e gentios, aqueles que, por muitos, eram considerados “seus inimigos”, uma vez que judeus e pagãos não se comunicavam ou não se entendiam. Mas, é justamente desses que Jesus vai ao encontro de modo simples, humilde e fraterno. Por isso, aqueles pagãos e israelitas decadentes de Tiro, Sidon, chamados pelos fariseus e maiores de Jerusalém de “cães” e impuros, *trazem-lhe um surdo, que falava com dificuldades, e lhe suplicam que lhe imponha a mão* (Mc 7,32).

É a profecia de Isaías começando a se realizar: *surdos escutam, mudos falam, cegos veem* (Cf. primeira leitura de hoje).

A fé que Jesus não encontrava na Judéia, principalmente em Jerusalém, ele a vê, sente e acolhe entre esses simples moradores dessas terras de pagãos. Esses homens, representando toda a humanidade, sabem muito bem que eles não têm o poder para realizar a mencionada cura. Por isso, vão ao encontro de quem já estava vindo ao encontro deles. Bela esta sintonia e admirável esta reciprocidade! Está lançado o princípio da fé, da entrega, da confiança, do milagre. Por isso, eles pediram a Jesus *que impusesse a mão sobre o surdo-mudo* (Mc 7,32). Sabiam eles, implicitamente, que mais que a dimensão meramente física ou fisiológica estavam diante do mal maior, do mal de todos os males: seu afastamento de Deus e, por consequência, a incapacidade absoluta de, a partir de si, poder participar da alegria da festa do encontro, da comunhão com Deus, consigo mesmo, com os outros e com todas as demais criaturas.

Mas, em que consiste essa surdez, essa mudez originária? A tradição bíblica fala em desobediência, “não escuta”, mas que, na verdade, tem sua origem na soberba, isto é, na tomada de posição de Adão - de cada um de nós! - de colocar-se sobre, acima de Deus e de suas criaturas, querendo ser homem e Deus não a partir de Deus, mas a partir de si. Quem se coloca assim, acima de tudo e de todos, não ouve nem pode ouvir mais o grito dos semelhantes, muito menos dos pobres e doentes, dos abortivos e injustiçados, das crianças

abandonadas e dos idosos esquecidos, *da nossa irmã, a mãe terra* que, silenciosa e humildemente, geme e sofre por causa dos males que lhe infligimos (Cf. LS 2). Assim, se quisermos caracterizar o estruturar-se da humanidade de hoje, poderíamos resumi-la com estas duas pequenas palavras: surda e muda.

2.2. Uma cura que se faz à margem

Também o passo seguinte nos surpreende, pois, Jesus *toma o surdo mudo e o leva à parte* (Mc 7,33). “À parte” significa longe dos aplausos da multidão, da fama e da vanglória do mundo e próximo da humildade. Também significa possibilitar ao enfermo a graça da proximidade, do encontro com Ele e, através Dele, com o Pai. É também por esta mesma razão que, no fim da cena, Jesus ordena-lhe *que não falasse nada a ninguém* (Mc 7,36).

Além do mais, como bom médico, ou melhor ainda, como irmão mais velho, quer ficar a sós com o doente e o irmão a fim de poder, ele mesmo, Jesus, cuidar dele com o calor da afeição de suas próprias mãos, sem jamais confiá-lo à frieza de estranhos ou terceiros. Deus jamais terceiriza sua obra salvadora, sua cruz. Por isso, diz que cada um deve carregar sua cruz (Cf. Mt 10,38).

Assim, embora pudesse curar aquele homem com um único comando de sua voz, Jesus faz questão de tocar-lhe os ouvidos com seus dedos. Jesus nada terceiriza. Sua divindade, afinal, estava unida com nossa humanidade, nossa carne, e, por isso, seu corpo imbuído de um poder divino, pelo toque de seus dedos e pela sua saliva, concede-lhe a saúde, o vigor pleno da vida. Por isso, *erguendo o olhar para o céu, suspirou* (Mc 7,34). É Dele que toda criação, todos os enfermos, todos os homens devem esperar a saúde. Por isso, Jesus suspira, geme como o Servo, o Eleito, o Filho muito amado que tomou sobre si nossas dores e nossas enfermidades. Movido pela compaixão por nós, os fracos, é que ele se põe em face àquele homem, representando a humanidade toda.

Continuando, disse: “*Effatá*”, isto é: “*Abre-te*” (Mc 7,34). Ah! O toque e seu poder milagroso! É do toque que procede a fé, o amor e, conseqüentemente, as conversões. Foi tocando na carne purulenta do leproso que São Francisco iniciou seu processo de conversão. Por isso, também, no atual rito do Batismo, o celebrante, impondo a mão sobre o batizando, exclama: “O Senhor te dê a sua força!” No ritual antigo, havia um gesto ainda mais expressivo: o celebrante, tocando com seus dedos os ouvidos da criança, dizia: *Effatá, Abre-te!* Estamos diante de um comando, ou melhor, de um novo ordenamento que Jesus introduz nos ouvidos, (e através deles no coração) que haviam sido fechados por determinação ou (des)ordem de Adão. Agora, estão sendo abertos por ordem do novo Adão. Só então o homem poderá, de novo, ouvir a Deus e suas criaturas.

Como homem que era, Ele voltou o olhar para o céu e suspirou, mas como Filho de Deus, que também era, ele ordena aos ouvidos daquele homem que se abram. E que maravilha! *Logo se lhe abriram os ouvidos, a língua se lhe desatou, e ele falava corretamente* (Mc 7,35).

Eco desse suspiro e desse grito de Jesus ao Pai para que o homem, a humanidade toda, possa, de novo, ouvir e falar, vemos todos os dias quando a Igreja inicia sua grande oração, o Ofício Divino: “Abri os meus lábios, ó Senhor, e minha boca anunciará vosso louvor!” ou então: “Vinde, ó Deus, em meu auxílio! Socorrei-me, sem demora!” Por isso, também, toda santa Missa tem como rito inicial o “ato penitencial”, através do qual imploramos humildemente, batendo no peito, que a misericórdia do Senhor venha em nosso auxílio, nos purifique, tornando-nos, assim, menos indignos para podermos ouvir e compreender sua palavra e proclamar tão grande hino de louvor e ação de graças.

Grande é o poder do contato do Senhor. O Filho amado do Pai assumiu nossa humanidade, nossa carne e, assim, pode nos tocar e ser tocado por nós. Deus se fez tangível na carne da humanidade de Jesus Cristo. Seu toque desobstruiu nosso ouvido para a escuta. Solta nossa língua para o louvor. Também o Espírito Santo nos toca. Ele é chamado de “Dedo de Deus”. Ele toca-nos interiormente, na mente, no coração. Ele nos faz ser o que somos: abertura! Abre-te! Abre-te à escuta da Mensagem! Abre-te à Palavra do Pai, que nasce do silêncio abissal de seu mistério! Graças ao toque de Jesus, nós podemos ouvir a Verdade, o Divino. Nossa inteligência se abre à sabedoria misteriosa que se oculta na loucura da Cruz. E, desde então, nossa língua pode se soltar e entoar o louvor Dele...

3. Sem acepção de pessoas (Tg 2,1-5)

Em consonância com a primeira leitura e o Evangelho de hoje, o apóstolo Tiago, o patriarca dos Doze e Bispo de Jerusalém, adverte e exorta: *Meus irmãos, a fé em nosso Senhor Jesus Cristo crucificado não deve admitir acepção de pessoas* (Tg 2,1). Isso significa que não dá nem para imaginar que numa reunião de seguidores de Jesus se dê toda a atenção e favorecimentos a alguém que está bem vestido, enquanto que a um pobre seja menosprezado e desconsiderado. Longe de nós, diz o apóstolo, tal e tamanha “discriminação”. Pois, Deus, a quem prometemos e devemos imitar, em vez de olhar os personagens que os homens representam no teatro da vida pública, vê os corações dos homens. Por isso, costumava dizer São Francisco: *O homem é tanto quanto é diante de Deus, e nada mais* (1B 6,1).

O Cristianismo começou a transformar a face da terra justamente a partir deste princípio: dar maior atenção aos fracos e enfermos, aos pobres e humi-

lhados. Os desprovidos de poder tornaram-se os primeiros destinatários da Boa Nova. O Cristianismo ao não se enquadrar nos esquemas, nas ordens, nos planos, nos mundos imundos (des)humanos já instituídos, constituídos, interpretados, lançou em seu coração a semente de um novo mundo.

Conclusão

Como outrora, também para nós hoje - invadidos até o pescoço por um antropocentrismo surdo e mudo, dominado pela ânsia do poder que escraviza, isola e destrói – Jesus, tomado pelo desejo do Pai, suspira por nós, sai e vem ao nosso encontro com o toque de sua presença humilde e fraterna para, assim abrir os ouvidos de nossa filiação divina (Cf. Oração do Dia) e soltar nossa língua para o canto da grande festa de comunhão e louvação com Ele e com todas as suas criaturas. Eis o sentido dessa celebração dominical.

Por isso, o milagre da cura desse surdo-mudo mais que um fato do passado perpassa a tradição evangélica e cristã como convocação para que todos o adotemos como paradigma da inauguração e da reconstrução de uma nova humanidade: humanidade de humanos que sabem e se dispõem a ouvir, que sabem e se dispõem a falar.

Mas, não é sempre que isso acontece. Pois, a surdez e a mudez marcam sua presença funesta e constante no cotidiano de nossa vida pessoal, de nossas comunidades, povos e nações. E isso sempre por causa da soberba, da ânsia do poder e da dominação. Mas, no meio de um mundo de surdos e mudos, Deus sempre suscita novos apóstolos que renovam e atualizam o gesto de Jesus. Entre esses está São Francisco, que nosso Papa propõe a todos como modelo e exemplo de diálogo na reconstrução da criação e da humanidade.

Entre os inúmeros feitos de (re)estabelecimento de diálogo, que podemos mencionar está a reconciliação e a paz que ele conseguiu restabelecer entre o Bispo e o Prefeito de Assis. E o admirável em tudo isso foi o modo como o fez: através da entoação do Cântico do Irmão Sol, ao qual acrescentou esta estrofe:

*Louvado sejas, meu Senhor,
pelos que perdoam por teu amor, e sustentam enfermidade e tribulação.
Bem-aventurados os que as sustentam em paz, porque por ti, Altíssimo, serão coroados (CAs 84).*

Vem, então, a conclusão do feito:

E que maravilha! Que espetáculo digno de ser admirado e imitado! Terminados os Louvores do Senhor, o Podestade disse

diante de todos: 'Em verdade vos digo, que perdoar não só ao senhor Bispo, a quem devo ter como meu senhor, como perdoaria até alguém que matasse um irmão ou filho meu'. E em seguida prostrou-se aos pés do senhor Bispo, dizendo-lhe: 'Eis que estou pronto a dar-vos satisfação em tudo, como vos aprouver, por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e do seu servo o Bem-aventurado Francisco'. O Bispo tomou-lhe as mãos e levantou-o, dizendo-lhe: 'Por meu cargo deveria ser humilde, mas, como por natureza sou inclinado à cólera, é preciso que me perdoes'. E assim eles se abraçaram e se beijaram com muita benignidade e amor (CAs 8).



24º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Is 50,5-9ª; Sl 114(115) 1-2.3-4.5-6.8-9 (R/9); Tg 2,14-18; Mc 8,27-35-37

Tema-mensagem: Chamados do Crucificado para o Crucificado, os cristãos seguem Jesus Cristo, seu Mestre – o Servo Sofredor - assumindo e carregando com Ele e como Ele os pecados do mundo.

Introdução

Domingo passado, Jesus, pelo toque de sua presença e de sua palavra, abriu nossos ouvidos para escutar e soltou nossa língua para que pudéssemos proclamar as maravilhas do Reino do seu Pai.

Hoje, de novo, nos toma à parte e nos reúne para nos comunicar o sumo de sua identidade, a mais verdadeira e profunda: ser o servo sofredor, isto é, o Servo que, através de sua Cruz, assume e carrega o pecado do mundo; identidade que passa a ser, também, de todo aquele que quiser seguir seus passos (Cf. São Francisco, RNB,1; Atos 1 e 4).

1. O cântico do servo sofredor - sua vocação e missão (Is 50 5-9ª)

Quem nos introduz nesse misterioso caminho, hoje, é um pequeno trecho do conhecido “Cântico do Servo Sofredor”

Como no Domingo passado, também hoje, aqui, o Senhor vem e toca no ouvido do seu eleito. Isso significa que ele deseja confiar-lhe os segredos de sua vida, de sua missão. E quem se confia a ele não é um patrão, ou qualquer outro senhor ou príncipe deste mundo, mas Jahvé, o Senhor do céu e da terra, o Deus de Abrão, de Isaac e de Jacó. Eis o princípio, a origem do cântico que transforma tudo (também os dissabores, tribulações e amarguras da vida) em doçura, consolação e confiança. Por isso, proclama o profeta: *O Senhor Deus é meu Auxiliador, por isso não me deixei abater o ânimo, conservei o rosto impassível como pedra porque sei que não serei humilhado* (Is 5,7).

O destino desse servo, à primeira vista, se apresenta o mais sombrio possível. Mas, tudo isso, não tem outra finalidade senão a de mostrar o reverso da medalha: a honra e a glória de poder carregar em suas costas o tesouro de seu Senhor, isto é, os bofetões e as cusparadas que seu Senhor leva e carrega. Pois, a quem ama apraz carregar o sofrimento do seu amado, amar o que e a quem ele ama, *carregar sua Cruz*, dirá Cristo mais tarde. Por isso, São Francisco,

posteriormente, em meio a inúmeras provações e aflições exclamou: *Então, é necessário que eu me alegre sobremaneira, 'em minhas doenças' e tribulações, e 'me conforte no Senhor e dê sempre graças a Deus Pai' e ao seu único Filho 'Nosso Senhor Jesus Cristo' e ao Espírito Santo, por tamanha graça e bênção que me foi dada. Foi assim, em meio a tantos conflitos que compôs o famoso 'Cântico das Criaturas', também conhecido como o 'Cântico do Irmão Sol' (Cf. CAs 83).*

Assim, a partir da graça do chamado, isto é, do encontro, tudo muda, tudo transforma e se transforma e inaugura um novo tipo de relacionamento com tudo e com todos. Movido pelo vigor e encantamento dessa presença, o olhar do servo começa a ver o que seus olhos antes não conseguiam e nem podiam ver: passa a ver, sentir, pensar, querer e fazer a partir do olho de seu Senhor. Por isso, conclui exclamando e perguntando: *A meu lado está quem me justifica; alguém me fará objeções?* (Is 50,8).

2. O escândalo de um Messias servo sofredor (Mc 8,27-35)

O Evangelho narra a famosa confissão de Pedro em favor de Jesus, bem como o ensinamento acerca de sua identidade – um Messias sofredor – e, finalmente, o anúncio acerca da condição *sine qua non* para fazer-se seu seguidor ou discípulo.

2.1. O diálogo de Jesus

O Evangelho começa narrando uma viagem estranha: Jesus leva os Apóstolos para um lugar apartado, fora da Judeia e da Galileia, para a região de Cesareia de Filipe. Curiosos, perguntamos: por que levá-los para tão longe, fora dos limites de sua terra, além das crenças e tradições de sua gente, para o meio de estranhos e pagãos? É que ali, bem distantes das pressões que eles viviam na Judeia e mesmo na Galileia, Jesus poderia fazer-lhes a pergunta mais importante e decisiva da vida deles. E, eles, por sua vez, livres e sem nenhum temor, poderiam responder-lhe o que pensavam Dele.

Além do mais, chama também a atenção a maneira como Jesus conduz esse encontro, isto é, sua admirável pedagogia, o caminho, o método da evangelização e da catequese cristã. Jesus não começa, a modo de mestre ou professor, expondo direta, imediata e explicitamente sua mensagem, muito menos impondo a verdade acerca de sua pessoa. Mas, aos poucos, procura despertar e fazer arder no coração daqueles rudes homens uma afeição pura e um interesse gratuito pela pessoa Dele. Em segundo lugar, o que está em jogo não é um “quê”, um objeto, um ideal, uma doutrina ou um valor, mas a verdade de um “quem”, de uma pessoa, do Messias, o Salvador de Israel e de toda

a humanidade: “*Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?*” (Mt 16,13).

A resposta dos Apóstolos revela que “os homens”, de certa forma, já estavam atraídos por Jesus e encantados por Ele, embora não alcançassem sua verdade plena. É o que indicam as informações, reportadas pelos discípulos, a respeito da concepção que a multidão tinha de quem era Jesus: “*Para uns, João, o Batista; para outros, Elias; para outros ainda, Jeremias ou algum dos profetas*” (Mc 8,28).

Entretanto, as opiniões populares sobre Jesus não eram suficientes para que os discípulos alcançassem e acessem à verdade da identidade do Mestre, muito menos ainda para que se fizessem seus discípulos, amigos, familiares e íntimos. A confissão de fé deles, portanto, para emergir, precisava ainda de outro apartamento, não corporal, físico, geográfico, mas de um apartamento intelectual, espiritual. A confissão de fé, o acesso à verdade de quem era Jesus Cristo, só lhes seria possível quando eles, os discípulos, se apartassem, se desprendessem da confusão dos pareceres, das opiniões dos homens, do mundo, a respeito Dele, o Mestre. Por isso, logo depois, segue a segunda pergunta: “*Vós, porém, quem dizeis que eu sou?*” (Mc 8,29).

2.2. A confissão de Pedro

Contudo, os discípulos, por si sós, não tinham ainda conseguido ver e saber quem era Jesus, este homem com quem eles andavam e que tinham por seu mestre. Mas, de qualquer forma, para eles, Jesus seria alguém muito especial, singular, único, mesmo entre os homens que foram mais íntimos de Deus. Vislumbravam e pressentiam que Nele existia uma relação filial inigualável com Deus e cumpria uma missão ímpar, diferenciada de todos os outros profetas. E, não obstante esse vislumbre, os Doze ainda não tinham alcançado uma consciência - um saber, uma sapiência - clara, nascida de uma experiência pessoal a respeito da identidade de Jesus.

A confissão de fé, como tal, ainda não podia, assim, emergir e, com ela, o conhecimento, o encontro com a verdade, digamos, a mais verdadeira, a mais real, de Jesus. Ela deveria emergir, justamente, da boca de Simão Pedro que, representando toda humanidade, falou movido, não pela carne nem pelo sangue, mas pelo sopro divino que sai da boca do Pai (Cf. Mt 16,17): “*Tu és o Messias!*” (Mc 8,29).

O diálogo termina com esta intrigante frase: *Jesus proibiu-lhes severamente de falar a alguém a seu respeito* (Mc 8,30). O segredo do Messias deveria ser mantido. Se fosse comunicado antes do evento da Cruz, seria fatalmente mal-entendido pelos “homens”. A verdade de Jesus, enquanto Filho do Deus vivo, só pode dar-se através da e na Cruz. Somente aquele que não se escandaliza com a Cruz, melhor, com o Messias Servo e Crucificado, pode

penetrar em seu mistério. Qualquer outra concepção do Messias, segundo as perspectivas humanas de poder, seria não somente carnal, demasiado humana, mas também satânica, demoníaca.

O mesmo diga-se de uma concepção de Igreja segundo perspectivas humanas de poder. O mistério de Cristo e Cristo crucificado e o mistério da Igreja andam juntos: só se desvelam no essencial a partir da e na Cruz. Quando queremos outro Cristo que não seja o Cristo pobre, humilde, crucificado e animado de gratuito e ardentíssimo amor pelos homens, não estaremos jamais unidos a Cristo e seu Evangelho; quando queremos outra Igreja que não seja a Igreja unida a Cristo, como a esposa ao esposo, pelo mistério do esvaziamento na Cruz, nós nos iludimos. Não passamos de uma ONG, jamais da Igreja de Cristo, nascida do lado aberto de seu peito crucificado. O mesmo diga-se e vale de nosso ser cristão.

2.3. O sumo da identidade de Jesus

A segunda parte do Evangelho de hoje começa assim: *Em seguida, começou a ensiná-los...* (Mc 8,31). “Em seguida” significa, não somente logo depois de ter dito isso, que acabou de dizer, mas também “em consequência disso”. Ou seja, Jesus explicita o que estava implícito: “*O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e doutores da lei, ser morto...*” (Mc 8,31).

Quem nos apresenta uma bela reflexão acerca desta passagem é D. Bonhoeffer⁵⁶:

O chamado ao discipulado está, aqui, no contexto do anúncio da Paixão de Jesus. Jesus está para sofrer e ser rejeitado... A Paixão como acontecimento trágico poderia ainda ter valor próprio, honra e dignidade própria. Jesus, porém, é o Cristo rejeitado na Paixão. A rejeição tira da Paixão toda a dignidade e honra. Ela deve ser sofrimento sem honra. Paixão e rejeição, eis em resumo a definição da cruz de Jesus. Ser crucificado é sinônimo de sofrer e morrer rejeitado e repudiado por força da necessidade divina. Qualquer tentativa de impedir o que é necessário é satânica, mesmo que esta tentativa provenha do círculo dos discípulos (o que é um agravante), pois assim não se quer permitir que Cristo seja Cristo. O fato de ser justamente Pedro, a Rocha da Igreja, a tornar-se o culpado, logo após sua confissão de Jesus Cristo como o Cristo e de sua instalação, revela que, logo de início, a Igreja se escandalizou com o Cristo sofredor. Ela não quer semelhante

⁵⁶ Bonhoeffer, Dietrich. *O discipulado*. Ed. Sinodal: p. 44-45.

Senhor e, como Igreja de Cristo, não quer permitir que se lhe imponha a lei do sofrimento. O protesto de Pedro exprime sua relutância em se dispor a sofrer. Deste modo é que Satanás entrou na Igreja, pretendendo arrancá-la à cruz de seu Senhor.

O que chama a atenção é a ambiguidade de Pedro. Se, primeiramente, sua confissão nasce do sopro de Deus, agora deixa-se conduzir pelo seu ser carnal, mundano, humano, demasiado humano, chegando à ousadia de chamar Jesus à parte a fim de repreendê-lo, comportando-se, assim, como adversário do Mestre. Em vez de seguir a Jesus, Pedro se põe à frente Dele, impedindo seu caminho...

A reação de Jesus, humanamente livre e soberanamente divina, porém, é também imediata e contundente: *Voltou-se, olhou para os discípulos e começou a repreender a Pedro: “Vai para longe de mim, Satanás! Tu não pensas como Deus, e sim como os homens”* (Mc 8,33). Comentando essa repreensão de Jesus a Pedro, diz o Subsídio litúrgico “O Pão Nosso de Cada Dia”: *Na verdade, Jesus não diz ‘para longe de mim’, ‘mas, para trás de mim’ que é a expressão usada no chamamento dos discípulos. ‘Atrás de mim’ (‘opisso mou’, em grego)! Em vez de deixar Jesus seguir o Pensamento, a Paixão de Deus, que estão infinitamente acima do pensamento e da paixão dos homens, está querendo levar Jesus por um caminho que é o caminho humano, isto é, o caminho de quem pensa e discerne (phroneín) segundo os critérios humanos de julgamento.*

Eis a nova e definitiva etapa de formação para a qual Jesus está introduzindo seus discípulos. Por isso, em verdade, *Jesus não manda Pedro para longe, não o expulsa de sua Escola, mas o chama de novo a segui-lo! Jesus chama Pedro para que fique perto dele, mas no seu devido lugar: ‘atrás de mim’. Colocar-se atrás de Jesus, segui-lo, trilhar seus passos, fazer seu caminho, viver sua vida é a característica fundamental do discípulo* (idem).

2.4. Tome sua cruz e siga-me

Chegamos, assim, à conclusão desse trecho e que é, também, o ponto central e vital de todo o Evangelho de Marcos, o grande ensinamento de Jesus: *“Se alguém quiser seguir-me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”* (Mc 8,34). Temos aqui a mais decisiva e cristalina definição de um cristão, isto é, de um discípulo de Cristo: o caminho do cristão é o caminho de Cristo e o caminho de Cristo é o caminho da Cruz. Aqui se revela o caráter do Servo-discípulo-escutador-obediente de Deus que aparece nos escritos que estão sob a égide de Isaías.

Jesus diz *se quiser...* Jesus deixa livre seus ouvintes. Não impõe o seguimento, o discipulado. Esse deve nascer da espontaneidade da boa vontade do

ouvinte. Entretanto, caso o ouvinte queira fazer-se seguidor, discípulo, esse seu querer nasce já da graça do toque, da afeição do encontro com o Mestre que chama.

Diz também: “*Renuncie a si mesmo*” (Mc 8,34). Renunciar é abnegar-se. Abnegar-se é um negar-se, um esquecer-se de si para conhecer apenas a Cristo e a si mesmo, apenas a partir de Cristo. Essa autonegação não é, pois, mera denegação de si. É ab-negação: uma negação que se desprende, se abre para a força do sim ao seguimento de Cristo.

E conclui o Mestre: ... “*tome sua cruz*”. Quem esclarece bem o sentido cristão da cruz é Bonhoeffer: *Não é desventura nem pesado destino; é sofrimento que resulta da união exclusiva com Cristo. A cruz não é sofrimento casual, mas sofrimento necessário. A cruz não é sofrimento relacionado com a existência natural, mas com o fato de pertencermos a Cristo*⁵⁷. Cruz é sofrimento de ser rejeitado por pertencer a Jesus Cristo. Cruz é, para o cristão, toda luta, toda tentação, todo desafio que é assumido por e para pertencer a Cristo. Cruz é “co-sofrer” com Cristo o sofrimento de Cristo. É com-paixão com Cristo Crucificado.

Cada cristão, diz Jesus, tem *sua* cruz. A cruz é *sua* cruz – isso é, cada cristão tem sua medida e seu modo, seu jeito, único, pessoal, de participar do sofrimento-rejeição do Cristo Crucificado. É seu modo de desvincular-se do “mundo”, de deixar morrer em si o homem velho, adâmico, psíquico (anímico – animal), carnal, na luta diária contra o pecado, contra aquilo que seduz, isto é, induz para fora do discipulado, do seguimento de Cristo. É o *seu* modo de, com Deus e com Cristo, tomar sobre si o pecado do mundo. Tomar a própria cruz é, portanto, assumir o bom combate, a luta, de vencer a si mesmo, para ser com e como Jesus, o Cristo o Mestre. É vencer tanto o ódio de si quanto o amor desmedido e desordenado de si, para amar-se apenas como homem novo, interior, homem pneumático (vivificado pelo Espírito Santo), homem crístico.

Caminho da Cruz é, portanto, caminho de abnegação. Abnegação parece coisa difícil. Mas, como Cruz é caminho de amor, tudo o que nos parece duro e grave torna-se suave (S. Agostinho, Sermão 96, 1). Por isso, no salmo das Vésperas, no Ofício da Paixão, São Francisco faz escrever: *Erguei vossos corpos e carregai sua santa cruz*. Para ser discípulo de Jesus é preciso erguer o próprio corpo! Erguer o próprio corpo é, no entanto, assumir as angústias e sofrimentos em nós (Tertuliano, A idolatria, 12, 2); é seguir a Jesus Cristo com os dois pés: o da humildade e o da caridade (Cesário de Arles, Sermão 159, 1.4).

⁵⁷ Bonhoeffer, Dietrich. *O discipulado*. Ed. Sinodal: p. 46.

3. Um seguimento feito de Fé e de obras (Tg 2,14-18)

A segunda leitura, tirada da Carta de São Tiago, vem completar ou melhor concretizar o ensinamento de Jesus acerca do servo sofredor que carrega os pecados do mundo: *Meus irmãos, que adianta alguém dizer que tem fé, quando não a põe em prática?* (Tg 2,14). A fé autêntica, aquela que é propriamente o que há de ser, a fé viva é uma fé que opera pela caridade. Daí a afirmação de Tiago: *Assim também a fé: se não se traduz em obras, por si só, está morta* (Tg 2,17).

Por isso, lamentava o biógrafo de São Francisco: *Temos mais doentes que militantes quando, ‘nascidos para o trabalho’, deveriam ver sua ‘vida como uma luta’. Não gostam de ser úteis pela ação, e pela contemplação não o conseguem* (1C 162).

Não podemos confundir, porém, ação com agitação. O cristão, na ação, no cuidado das muitas coisas, como Marta, não perde de vista o Único Necessário: seguir Jesus Cristo – não perdê-lo de vista.

Conclusão

A Liturgia desse Domingo com suas leituras, principalmente, nos convoca a celebrar o princípio, a fonte ou raiz do mistério de nossa identidade mais profunda de cristãos assim definida ou descrita por São Francisco: *Chamados por Deus da cruz e para a cruz* (Atos 4). E, para explicar a sumidade desta identidade, nos apresenta o jocoso, mas ao mesmo tempo dramático, *Fioretti* (florzinha ou ato) de Frei Bernardo, mais precisamente, *Como Frei Bernardo foi a Bolonha para fundar um Convento*.

Fundar um convento, para aqueles primitivos frades, era marcar presença no meio do mundo para acolher e submeter-se às maldades, injúrias, ofensas, enfim, para, como Cristo, tornar-se cordeiros que carregam o pecado do mundo. Por isso, Bernardo se postava todos os dias na praça da cidade a fim de permitir que aqueles cidadãos descarregassem sobre ele suas maldades, maus humores, dissabores e espíritos perversos.

E então, conclui o autor:

Assim, carregando a Cruz no vestir e no comer e em todos os seus atos, desejavam mais os opróbrios de Cristo do que as vaidades do mundo e as lisonjas enganosas; por isso, alegravam-se pelas injúrias e entristeciam-se pelas honras. E iam pelo mundo ‘como peregrinos e forasteiros’, nada levando consigo a não ser Cristo. Pelo que, onde quer que fossem, faziam grandes frutos nas almas, pois eram verdadeiros ramos da videira viva (Atos 4; Fi 5).



25º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Sb 2,12.17-20; Sl 53; Tg 3,16-4,3; Mc 9,30-37

Tema-mensagem: Seguidores Daquele que, sendo o Maior e o Mestre, *se apequena e se abrevia* (VD 12), fazendo-se menor e criança, para que, com Ele e como Ele, possamos entrar para a festa do encontro, do amor e da comunhão universal.

Introdução

Como no Domingo passado, também hoje, Jesus volta a reunir seus discípulos ao seu redor. Dessa vez é para passar-lhes o maior ensinamento de sua missão - a nova sabedoria que Ele veio trazer, inaugurar e introduzir no coração dos homens, da história e de cada criatura: o caminho da minoridade, da humildade, da simplicidade da criança - o caminho do Cristo Crucificado, loucura para os gregos e fraqueza para os judeus, mas, para todo homem que Nele crê, sabedoria e virtude (vigor) de Deus (Cf. 1Cor 1,18-23).

1. Os justos provados pelos injustos (Sb 2,12.17-20)

O desejo pela sabedoria perpassa a caminhada de todos os homens. Por isso, os povos mais antigos compuseram seus livros sapienciais. A sapiência dos judeus tem sua origem na Torá: a instrução do caminho da vida, dada por Jahvé, por meio de Moisés. Dentre os livros sapienciais deles, recolhidos nas Escrituras Sagradas, está o “Livro da Sabedoria”.

Entre os principais objetivos desse escrito está o de levar aos judeus e pagãos o conhecimento do único e verdadeiro Deus, através da natureza e da história. Um dos seus temas centrais é o da Justiça e, por conseguinte, do Justo.

No mundo grego, quem havia se ocupado com essa questão foi o grande pensador Platão. Sua compreensão de justiça assemelha-se muito com a nossa, isto é, com a da Sagrada Escritura. No segundo livro da República, procura intuir o modo de ser do homem injusto (o não sábio) e o do homem justo (o sábio). Para isso, procura pensar como seria o homem mais injusto e como seria o mais justo. Cada um, pois, seria concebido no seu mais alto grau. O homem mais injusto, diz-se ali, é aquele que é hábil e engenhoso em cometer injustiça, sem vir a ser descoberto. O cume da injustiça seria, não apenas parecer justo sem sê-lo, mas também, mesmo cometendo as maiores injustiças, continuar mantendo a maior reputação de justiça possível. Em contrapartida, o homem justo não quer parecer bom, mas sê-lo. O homem mais justo possível

seria aquele que, sem cometer injustiça alguma, ficasse com a fama de maior injusto e, não obstante isso, permanecesse fiel até a morte.

No texto, chega-se a prever que tal homem seria chicoteado, torturado, preso; teria os seus olhos vazados, e que, depois de ter sofrido todo tipo de males, seria empalado, sofrendo, assim, o mais atroz e o mais vergonhoso suplício.

Paralelamente à compreensão de justiça e sabedoria de Platão, o Antigo Testamento apresenta o exemplo do sofrimento e da perseverança dos profetas por causa da sua justiça e fidelidade ao Deus que fizera aliança com Israel. Pensemos, por exemplo, na ventura de Jeremias e na figura do Servo Sofredor de Isaias (Is 53). Ele era justo, mas não tinha nenhuma consideração, fama, glória, respeito ou veneração por parte dos homens, por sua justiça. Ao contrário, era considerado um homem abandonado e amaldiçoado por Deus.

E é justamente dessa questão – o justo rechaçado pelos injustos – que trata a primeira leitura de hoje: *Ele nos incomoda, opõe-se às nossas ações, repreende-nos as transgressões da Lei e nos censura por pretermirmos nossa educação. Ele declara ter conhecimento de Deus e chama a si mesmo filho do Senhor. Tornou-se uma censura viva às nossas ideias, vê-lo já é um peso para nós...* (Sb 2,12-14).

É próprio dos injustos, pois, pôr à prova o justo, *para ver até onde vai sua serenidade* (Sb 2,19). Resolvem, assim, condená-lo a uma morte infame, testando suas palavras, a saber, seu testemunho de que a visitação divina estaria com ele.

Importa, porém, ver bem como se dá a relação entre o justo e a justiça. Mestre Eckhart, falando dessa relação, diz que não é o justo que doa à justiça o “ser justiça”, mas sim a justiça é que doa ao justo o ser justo. Por isso, justo é aquele que está radicado e fundado na justiça e não vice-versa. *O justo, enquanto tal, recebe o seu ser da justiça, de modo que, deveras, a justiça é mãe e pai do justo, e, portanto, o justo é deveras prole gerada e filho da justiça*⁵⁸.

Essa relação de paternidade e de filiação entre justiça e justo, sabedoria e sábio é o que vemos na relação entre o Pai e Jesus Cristo e que, por extensão, deve realizar-se nos discípulos de Cristo. Ou seja, não é o sábio quem faz a sabedoria, mas antes, esta é que faz o sábio. Por isso, São Francisco dizia que, mais e antes que os sábios e justos, é a sabedoria que confunde Satanás (isso é, o adversário do Reino de Deus) e todas as suas malícias (Cf. SV).

58 Comentário ao livro da Sabedoria (n. 41).

2. Cruz, o caminho da sabedoria de Deus (Mc 9,30-37)

O caminho da sabedoria divina, prometido de muitas formas por Deus no passado, é anunciado e ensinado explicitamente por Jesus Cristo no Evangelho de hoje. Duas partes bem distintas, mas intimamente unidas através de um ensinamento único, movem essa perícopes de Marcos. Primeiramente, encontramos o ensinamento explícito e claro de Jesus acerca do caminho de sua paixão – a Cruz. Depois, pela explicação e exemplificação do mesmo, nos fala da necessidade de sermos os últimos, como aqueles que servem, e de sermos como crianças.

2.1. O segredo dos segredos

A abertura do Evangelho nos conduz para o clima de um segredo, de algo muito importante: *Jesus e seus discípulos atravessavam a Galileia. Ele queria que ninguém soubesse disso, pois estava ensinando seus discípulos* (Mc 9,30).

Jesus, de novo, afasta-se de Jerusalém, como que para dizer que o ensinamento dele nada tem a ver com o ensinamento dos sábios, dos doutores da lei, dos sacerdotes e maiores da cidade santa, que tinham se apropriado da Religião, da Lei e do próprio Deus. Além do mais, segredo exige clima de encontro, recolhimento. Daí a necessidade do afastamento do público, uma vez que na multidão as pessoas não contam como pessoas, mas apenas como massa e objeto de uso e manipulação. Só a familiaridade possibilita a confiança de um segredo.

Essa é a segunda vez que Jesus faz o anúncio de sua paixão aos seus discípulos, no Evangelho de Marcos: *“O filho do homem vai ser entregue às mãos dos homens; eles o matarão e, quando tiver sido morto, ressuscitará após três dias”* (Mc 9,31). Os discípulos estavam diante de um segredo muito enigmático: de um lado, o adverso e a tristeza e de outro, o próspero e a alegria; uma réplica muito clara do caminho do justo rejeitado e condenado, o caminho do “Servo Sofredor”, celebrado no Domingo passado (24º do TC).

Mas, diz Marcos, eles não compreendiam essas palavras e recebavam interrogá-lo (Mc 9,32). A afirmação tem algo de estranho, pois se Jesus os levava à parte e estava lhes passando um importante ensinamento, mas não compreendiam, porque recebavam interrogá-lo. Compreender algo significa ser capaz de suportar o que está a se manifestar. Eles, não obstante, tudo o que já tinham vivido, ouvido e visto com o Mestre, não podiam compreender, isto é, não podiam suportar. Não podiam suportar o anúncio da paixão... quanto mais a paixão mesma. Já se entristeciam profundamente... Era uma tristeza humana, demasiadamente humana. E não se tratava de uma morte qualquer. Jesus estava falando-lhes de uma morte por rejeição e traição, de uma morte

vergonhosa... Certo, ele falava também de Ressurreição. Mas, não sabiam o que isso significava. Afinal, era algo que estava inteiramente fora de seus horizontes de compreensão. Depois, o pré-conceito, isto é, a pré-compreensão que eles tinham de Jesus não combinava com a mensagem que agora lhes era anunciada... Estavam mais apegados a essa pré-compreensão do que à palavra e mensagem de Jesus!

Tudo indica que a ignorância deles vinha não tanto de sua falta de inteligência, mas de seu amor e temor por Jesus. É como se não quisessem compreender, muito menos aceitar o que Jesus declarava, de modo tão claro, e dissessem a si mesmos: não é possível que ele esteja falando sério, deve estar falando parábolas, como gosta de fazer com as multidões! Enfim, como ainda estavam pensando apenas como homens, não conseguiam entender os caminhos de Deus e os mistérios da Cruz. Tanto que, logo em seguida, pelo caminho a Cafarnaum, contrariando inteiramente o ensinamento do Mestre, chegaram ao vergonhoso absurdo de discutir quem deles haveria de ser o maior.

2.2. A humilhação como primado da sabedoria de Deus

A cena que segue, certamente, tem raízes em fatos ocorridos anteriormente. Jesus, em Cesareia de Felipe, tinha felicitado Pedro por causa de sua profissão de fé e dado a ele a incumbência das chaves do primado sobre todos os demais (Mt 16,13-20; Mc 8, 27-30). Tinha, também, distinguido Pedro, Tiago e João, levando-os ao monte consigo, por ocasião da Transfiguração (Mc 9,2-10). Certamente, tudo isso ajudou para que surgissem pontas de inveja ou de vaidade, que se concretizaram na discussão acerca de quem dentre eles ocuparia o primeiro lugar e fosse o maior.

Todo ensino exige que se aponte também seu oposto, isto é, seus desvios e decadências, bem como as devidas correções. É o que Jesus faz, indicando que, na Escola dele, na qual os discípulos são, acima de tudo, seguidores da Cruz, o primado da glória e da grandeza segue princípios opostos aos da escola do mundo: *“Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último (éschatos) de todos e servo (diákonos) de todos”* (Mc 9,35). Notemos, como observa São Jerônimo, o contraste, até certo ponto grosseiro: enquanto Jesus, recolhido na quietude, sentado, ensina-lhes o caminho da Cruz e da humildade, os discípulos, caminhando, inquietos, discutem quem deles seria o maior. A mente só se aquieta na humildade, dizia Frei Egídio de Assis. Também São João da Cruz ensina que é no centro da humildade que o homem encontra a quietude e a paz. Ao contrário, a soberba, a arrogância, a vaidade só trazem inquietações e disputas inúteis e danosas aos homens.

Santo Agostinho convidava seus ouvintes a observar a árvore: ela, primeiramente, cresce para baixo, lançando raízes na ocultação do chão; só en-

tão, com as raízes cravadas na fecundidade do húmus, é que ela se ergue para o alto (Cf. Sermão 117,17). A palavra “humildade”, em latim, *humilitas*, nos remete ao *húmus*, ao chão. Todo crescimento real, verdadeiro, se dá quando o homem crava suas raízes para baixo, na dimensão do chão, da terra, da pequenez, da finitude de seu ser. A humildade é como o vigor do céu e da terra. Céu e terra aparecem como vis... Não damos a mínima importância para eles. Mas, eles é que sustentam tudo o que é e vive. Assim, quanto mais um homem se persuade de ser inferior a todo outro homem, tanto mais grandioso e nobre ele se torna. Quanto mais um homem pretende ser superior a todo outro homem, tanto mais mesquinho e vil ele se torna. Alguém só se torna discípulo de Cristo quando compreende isso (Cf. São Gregório de Nissa, Sobre a forma de vida cristã).

Mas, não é apenas por causa disso que a humildade ocupa tão grande destaque no caminho evangélico e franciscano. Primeiramente, é preciso recordar que esse é o único caminho querido, amado por Deus – sua identidade - tão bem compreendido e descrito por São Francisco:

Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e gloriosa, o altíssimo Pai anunciou do Céu, por meio do seu santo Arcanjo Gabriel, no útero da Santa e gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade. Sendo rico, acima de todas as coisas, Ele mesmo, juntamente com a beatíssima Virgem Maria, sua Mãe, quis no mundo escolher a pobreza (2CFi, 4-5).

Vale aqui, também, a exclamação de Francisco diante da Eucaristia: “*Ó humildade sublime! Ó sublimidade humilde! O Senhor do universo, o Deus e o Filho de Deus, assim se humilha e se oculta... Vede, Irmãos, a humildade de Deus e ‘derramai diante d’Ele os vossos corações; humilhai-vos também vós para que sejais exaltados’ por Ele!*” (CO 27-28).

Portanto, acima ou antes de tudo, a razão maior, primeira e última da importância da humildade, está o vigor, a graça da afeição que leva à festa do encontro. É inconcebível que alguém, agraciado por esse mistério, deseje ou procure sobrepor-se à pessoa amada. Amor e soberba são como vinho e azeite, jamais se misturam, jamais se casam. Ora, como nos ensina São João, Deus é amor! Por isso, não tem como vir até nós senão pelo caminho da humildade, da minoridade, da pobreza; enfim, pelo caminho do abaixamento: a sabedoria da Cruz.

Por isso, Francisco quis também que os que estivessem à frente dos frades, em vez de superiores, priores, mestres ou dirigentes, se chamassem simplesmente de ministros, servos, custódios ou guardiães. E ele mesmo expli-

cava: neste gênero de vida nenhum irmão tenha poder ou dominação... Pois, como diz o Senhor no Evangelho: 'Os príncipes do povo os dominam e os que são maiores exercem poder sobre eles; assim não será entre os irmãos. Mas, todo aquele que quiser tornar-se maior entre eles, seja Ministro e servo deles. E quem é o maior faça-se o menor' (RNB 5,9-12).

2.3. Tornar-se como criança

Dado o ensinamento da primazia da humildade na sua escola, Jesus convoca os discípulos com um exemplo bem concreto e expressivo: a simplicidade e inocência da criança. Criança é, aqui, a vida no frescor, na limpidez e na pureza de sua origem, de sua fonte. Assim eram e viviam nossos primeiros pais antes do pecado, no paraíso: como crianças. Era no vigor da simplicidade e da inocência original, que eles se relacionavam e confraternizavam entre si, com o Criador e com todas as criaturas.

A soberba, a vanglória, a ambição pela primazia, porém mancharam e continuam manchando essa limpidez. Ao abraçar a criança, Jesus mostra aos seus discípulos que os pequenos e pobres, os simples e humildes não apenas são seus queridos, mas também sua identidade. Por isso, diz: *quem acolhe em meu nome uma criança como essa, acolhe a mim mesmo; e quem me acolhe, não é a mim que acolhe, mas àquele que me enviou* (Mc 9,37). Assim, a humildade é uma virtude tão importante que, mercê dela, os homens podem, recebendo Cristo e o Pai no Espírito Santo, celebrar o *Sacrum Convivium* dos filhos de Deus e dos irmãos de Cristo.

O abraço de Jesus à criança está indicando, também, que a regência do mundo e da história da humanidade, a partir Dele - o Menino Deus, de sua Encarnação - não está mais com os poderosos, mas com os pequenos, os humildes, as crianças. Por isso, Jesus ensina os seus discípulos não só a acolher a criança, como também a ser, a reger-se como criança. Jesus convida-os não a serem crianças, nem a serem *como se* fossem crianças, mas a serem *como* crianças.

O que está em jogo não é o fingir de ser criança. Mas ser verdadeiramente como criança. Para o adulto, o tornar-se *como* criança requer uma guinada, uma virada, uma conversão ou transformação radical: ser no modo essencial, na identidade da criança: limpo, puro, inocente. Inocente significa aquele que não faz mal, "não prejudica". Houve tempo na Igreja que se chamava o Menino Jesus de "Divino Infante". Infante, significa "que não fala". Ou quem sabe, melhor: que fala sem falar, pela doçura de sua presença silenciosa.

A grandeza do ser-criança está na sua simplicidade. Simples é o que não tem dobras, isto é, o que não está enrolado em si mesmo, mas o que é um, o que é exposto e disposto na coragem e na jovialidade de ser, muito bem des-

crito por Guimarães Rosa, em sua obra “Corpo de Baile”. Trata-se da história intitulada “Campo Geral” e que tem como personagens centrais dois irmãozinhos: Miguilim e Dito. A história é um tanto longa. Mas, o que vale para nós é esta conclusão:

*Dito dizia que o certo era a gente estar sempre brabo de alegre, alegre por dentro, mesmo com tudo de ruim que acontecesse, alegre nas profundas. Podia? Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma*⁵⁹.

Assim, Miguilim aprendeu com Dito o essencial da vida: a grandeza da coragem de ser que, no desprendimento, se recolhe no fundo de uma serenidade jovial e de uma jovialidade serena – a *perfeita alegria*, o vigor da Cruz, a regência da liberdade, que é o reinado da criança.

3. Da verdadeira e da falsa sabedoria (Tg 3,16-4,3)

A segunda leitura desse Domingo é tirada da Carta de São Tiago. Tem como pano de fundo uma advertência a alguns neoconvertidos da comunidade cristã de Jerusalém. Aos poucos, aspiravam tornar-se ou fazer-se mestres da lei de Deus, provocando, assim, discórdias, *invejas, rivalidades, e desordens de toda a espécie* (Tg 3,16). Tudo bem ao contrário e oposto à simplicidade da criança; oposto, enfim, ao caminho da Cruz e da sabedoria evangélica.

A esse caminho do mundo, Tiago propõe, ou mostra, o caminho de Deus, isto é, *a sabedoria que vem do alto... pura, depois pacífica, modesta, conciliadora, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem fingimento* (Tg 3,17).

Tiago, porém, não se contenta em falar da “guerra” que se estabelecia entre aqueles fiéis; procura, também e acima de tudo, apontar sua origem: *ela provém, justamente, das paixões que estão em conflito dentro de vós* (Tg 4,21).

O homem, por natureza, é paixão, e vive de paixões. Mas, há paixões que nascem e crescem desordenadamente, sob o comando dos interesses próprios e mesquinhos, como também há outras que nascem e crescem no ordenamento do vigor da graça do encontro.

Cabe ao homem ser senhor e não escravo de suas paixões, seguindo o caminho da verdadeira sabedoria, que nasce do Evangelho, mais precisamente, do vigor da Cruz. É esse caminho que leva o seguidor de Jesus para a festa da proximidade e do encontro com Deus, com os outros e consigo mesmo. Novamente, São Francisco nos serve de exemplo. Foi preciso que o Senhor

59 Rosa, João Guimarães. Corpo de Baile, volume 1. Edição comemorativa 50 anos. São Paulo-SP: Nova Fronteira, 2006, p. 129.

o conduzisse para fora do caminho da sabedoria do mundo, e o regesse para dentro da sabedoria do Evangelho, do Cristo crucificado, para descobrir e saborear a doçura do encontro com o leproso, o pobre e o pecador.

Conclusão

Poucos, além dos Apóstolos e dos primitivos cristãos, compreenderam e assumiram tão clara e alegremente o ensinamento ou sabedoria do caminho da Cruz como São Francisco. Por isso, e para que esse princípio ficasse marcado como selo da identidade dele e de todos os seus companheiros, impôs que não tivessem nenhum outro título e não exercessem nenhum outro cargo senão o de “irmãos” e “menores”. Foi por essa mesma razão, também, que insistiu junto ao Cardeal Hugolino para que não permitisse de jeito nenhum que frades fossem promovidos a Bispos, dizendo: *Sua vocação ensina-os a ficar embaixo, no plano, ‘seguindo os vestígios da humildade de Cristo...’ – ‘Se quereis que ‘produzam fruto na Igreja de Deus’, conservai-os no estado de sua vocação. Reduzi-os ao chão, mesmo contra sua vontade (2C 148).*



26º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Nm 11,25-29; Sl 18 (19), 8.10.12-13.14 (R 8a e 9b); Tg 5,1-6; Mc 9,38-43.45.47-48

Tema-mensagem: Não são apenas os discípulos e a Igreja que profetizam e evangelizam, mas também todos aqueles que, de uma ou de outra forma, se deixam tocar e guiar *pelo Espírito do Senhor e seu santo modo de operar* (São Francisco).

Introdução

Com alegria e gratidão a Igreja se reúne nesse Domingo para celebrar o mistério do pluralismo e da universalidade do profetismo e da evangelização de Cristo.

1. Um espírito que se infunde e se efunde (Nm 11,25-29)

Quem faz a abertura da celebração do mistério desse Domingo é um pequeno trecho do livro dos Números. O centro de sua narrativa é a infusão do Espírito de Deus sobre Moisés que, por sua vez e em seguida, se efunde e se difunde sobre seus companheiros: *O Senhor desceu na nuvem e falou a Moisés. Retirou um pouco do espírito que Moisés possuía e o deu aos setenta anciãos. Assim que repousou sobre eles o Espírito, puseram-se a profetizar* (Nm 11,25).

1.1. O profetismo na lógica do Espírito

O profetismo sempre marcou uma presença decisiva na história do Antigo Testamento, prestando um serviço especial, não apenas para Israel, mas também para toda a humanidade.

O protagonista do profetismo, porém, é sempre o Espírito. Ele não sobrevém apenas ao homem, mas também se infunde, se derrama em seu coração, provocando uma radical transformação de sua existência. O profeta, então, em vez de viver e de falar a partir de si, começa a viver e a falar a partir do Espírito – que passa a ser a vida de sua vida. Por isso, também, sua fala é clara e apaixonada, contundente e aguda, tocante e ardente como fogo. Por isso, é irrefutável.

1.2. Em vez de prender, deixar-se prender pelo Espírito

Ao longo da caminhada de Israel, a profecia, o profetismo, como experiência do Espírito, foi adquirindo manifestações diferenciadas e compreensões várias.

Nos tempos mais antigos, o profeta era chamado ora de “vidente”, ora de “homem de Deus” (Cf. Elias). Mais tarde, foi chamado de *nabi*: aquele que convoca, anuncia, prega; ou então, aquele que é chamado e nomeado para ser porta-voz da fala divina (o que fala em nome de Deus)⁶⁰. Sua palavra é radicalmente histórica. Fala a partir dos acontecimentos e das destinações do povo. Traz, como mensageiro de Deus, uma palavra que ultrapassa as circunstâncias imediatas e que merece, não somente ser ouvida, mas também comunicada. Sua mensagem está voltada, ao mesmo tempo, para o presente, o passado e o futuro. Os acontecimentos axiais do passado servem para iluminar o porvir e abrir perspectivas e horizontes de futuro. O profeta é o guardião do devir.

O livro dos Números expõe a formação de Israel, sob a vocação de Jahvé e a profecia de Moisés. Moisés é o grande profeta que intermedeia entre Deus e o povo de Israel no Êxodo e na travessia do deserto. É então que Israel se constituiu como o povo chamado a ser, por vocação divina, o povo que, por seu testemunho de fidelidade a Jahvé, iria unir todos os povos a Deus. Assim, Deus-povo-profeta formam um todo uno. Deus escolhe o povo para si, institui uma aliança com ele, caminha com ele e o envia à terra da liberdade. O povo, porém, sempre de novo, fracassa. Ele permanece surdo e esquece a aliança. Por isso, era necessário o profeta para manter desperta a determinação espiritual desse povo na história.

1.3. O profeta e a liberdade do Espírito

No relato de hoje, o Espírito, que animava e sustentava Moisés, é compartilhado com outros setenta anciãos. Dois desses, porém, não estavam com Moisés e os outros junto à Tenda. E, mesmo assim, profetizavam no acampamento. O Espírito sopra, afinal, onde e como quer. A profecia não está circunscrita a lugares sagrados. Ela pode acontecer dos mais diversos modos e nas mais diversas configurações no mundo dos homens, mesmo ali onde não parece haver nenhum vestígio de sacralidade. Era o que Josué, fiel auxiliar de Moisés desde a juventude, ainda não tinha compreendido. Quando esse sugere a Moisés que se proíba a profecia a Eldad e Medad, Moisés replica: “*estás ciumento por minha causa? Oxalá todo o povo do Senhor se tornasse um povo de profetas, sobre o qual o Senhor pusesse seu espírito!*” (Nm 11,29).

A plenitude da profecia em Israel, porém, apontava para um profeta que seria não um, mas o Profeta. No Deuteronômio, Moisés mesmo aponta para além de si: *O Senhor Deus suscitará para vós, dentre os vossos irmãos, um profeta como eu; vós o escutareis em tudo o que ele vos disser* (Cf. Dt 18,18). Depois de Pentecostes, Pedro proclamará ao povo de Jerusalém a realização das profecias, dentre elas, a que previa a vinda do Profeta por excelência: *Moisés primeiro*

60 O nome *nabî* vem de *naba'*, que significa “mostrar”, “apresentar”.

disse: *‘O Senhor Deus suscitará para vós, dentre os vossos irmãos, um profeta como eu; vós o escutareis em tudo o que ele vos disser’* (At 2, 22).

2. Jesus e a universalidade de sua evangelização (Mc 9,38-43.45.47-48)

A questão acerca da universalidade do profetismo, enfrentada por Moisés com seus discípulos, se repete, mais tarde, com Jesus e seus discípulos. Eis o tema do Evangelho de hoje, apresentado por Marcos da seguinte forma: *João disse a Jesus: “Mestre, nós vimos alguém que expulsava os demônios em teu nome e procuramos impedi-lo, porque não nos seguia”* (Mc 9,38).

2.1. Acima e antes do grupo, o Evangelho

O motivo que leva os discípulos a tentar impedir a ação desse homem, ao que parece, foi, como outrora com os discípulos de Moisés, o ciúme sectarista. Na melhor das hipóteses, numa interpretação mais benévola, João queria que o exorcista fizesse parte do grupo dos que seguiam Jesus “mais de perto”. Em todo caso, o problema consistia no fato de que aquele exorcista não era do grupo dos discípulos: *ele não te segue conosco*, diz o Evangelho de Lucas 9,49).

É verdade! Ele não seguia Jesus com seus discípulos. Mas, nem por isso ele estava contra Jesus Cristo pois sua ação era libertadora. Tratava-se, portanto, de um homem crente, que tinha recebido o mesmo carisma e o mesmo poder que também os doze tinham recebido.

Também hoje, essa visão sectarista, não católica (leia-se não “universal” – não aberta ao Todo), cria animosidades e hostilidades entre os discípulos de Cristo e os homens do mundo, impedindo, assim, o diálogo e a comunicação criativa, pacífica, entre uns e outros. E, com isso, depõe contra os próprios homens e mulheres de Igreja e, o pior, coloca uma barreira entre os homens que participam da Igreja e Cristo. Muitos homens até mesmo admiram Jesus Cristo, seu ensinamento, etc., mas encontram dificuldades no relacionamento com os cristãos, que, com seu modo não católico, sectarista, de ser, impedem àqueles de realizar uma aproximação maior de Cristo por meio da Igreja.

Por isso, Jesus é categórico: *“Não o impeçais, pois não há quem faça milagres em meu nome e, logo depois, possa falar mal de mim. Aquele que não está contra nós é a favor de nós”* (Mc 9,39-40). Nesse caso, essas pessoas não somente não devem ser impedidas, mas devem ser promovidas. O critério fundamental, nesse caso, para se julgar se alguém deve ser acolhido ou rejeitado, não é se está ou não está com os discípulos de Cristo, mas se está a favor ou contra o nome de Cristo e, com isso, a favor ou contra os discípulos de Cristo, enquanto tais.

O pensamento de Jesus segue a seguinte lógica: “Uma vez que o desígnio

do Pai é de tornar-me Filho do Homem, todos os homens são meus seguidores, todos formam a minha Igreja, até provarem o contrário, isto é, até o momento em que decidem ser contra mim, expulsando-me de sua familiaridade. Mesmo assim, Eu, como Filho do Homem, a modo de Bom Pastor, jamais deixarei de procurá-los”.

Usualmente, nossos juízos tendem seguir um pré-julgamento: o que pertence a nós e está conosco é bom. Se for o contrário, não é bom. Esquecemos de reconhecer o mal entre nós e o bem entre os que “não pertencem aos nossos”. Esse modo de se comportar não é católico. É estreito. Não tem a amplitude da catolicidade (da universalidade, isto é, do que se abre à imensidão do Todo). Dizia Santo Agostinho que *pode haver algo católico fora da Igreja Católica* (Tratado sobre o Batismo, 7,39,77). E, em contrapartida, *a simulação pode existir também na Igreja Católica*. Onde ou como? *Nos que renunciam ao mundo só de palavra e não por obra*. Nem por isso, “é católica a simulação”, isto é, a hipocrisia. Enfim, sentencia este zeloso Padre da Igreja: *De igual maneira que existe na Igreja Católica o que não é católico, assim também pode haver algo católico fora da Católica* (idem). Nem tudo o que está fora da Igreja é contra a Igreja. E nem tudo o que está dentro da Igreja é a favor da Igreja, isto é, da sua essência mesma.

2.2. Recompensas e escândalos

A seguir, Jesus passa a dar a razão de toda evangelização: “*Todo aquele que vos der de beber um copo de água por pertencerdes a Cristo, na verdade eu vos declaro, não perderá sua recompensa*” (Mc 9, 41). A caridade fraterna é algo grande, extra-ordinário. Mas, não precisa ser vivida apenas em momentos e ocasiões extra-ordinários. Pode e deve ser vivida no dia a dia, nas pequenas coisas, no ordinário da vida. O acento desse dito não está propriamente na recompensa, mas na pertença a Cristo. Os que pertencem a Cristo e o seguem se identificam com Ele. E vice-versa: Ele se identifica com esses. E essa identificação não deixa de ser sua maior recompensa. Por isso, a menor bondade feita em favor dos que seguem a Cristo, por pertencerem a Ele, é feita em favor de Cristo. Aqueles que fazem essa bondade honram o nome de Jesus. Como tal, não ficam sem recompensa. Na dádiva, não é o valor do que se oferece que conta, mas a dignidade do que recebe e o afeto de quem doa.

O contrário também vale. “*Todo aquele que provoca a queda (escandaliza) de um só desses pequenos que creem, melhor seria para ele que lhe amarrassem ao pescoço uma grande mó e o lançassem ao mar*” (Mc 9, 42). Se, os que honram os discípulos de Jesus, são recompensados por serem de Jesus, pelo contrário e da mesma forma, os que os desprezam e os escandalizam (os levam a tropeçar), também serão punidos.

Jesus gosta de chamar de pequeninos os que o seguem e os que pertencem a Ele. Fazer o mal a esses pequeninos, aos inocentes, é o que há de pior. Entre esses pequeninos, ainda mais dignos de cuidado, são os que são pequenos na fé. Esses precisam ser conduzidos à idade adulta e à maturidade na fé com muita paciência e compreensão.

Outra coisa é, quando o escândalo nasce de dentro da comunidade dos discípulos, seja pela palavra ruim, seja pelo exemplo corruptor. Por isso, advertia São Francisco: *A todos aqueles Irmãos, porém, que não quiserem observar essas coisas, não os considero católicos nem Irmãos meus. Também, não quero vê-los nem falar-lhes, enquanto não fizerem penitência. O mesmo digo ainda de todos os outros que, deixando a disciplina da Regra, andam vagando por aí, pois Nosso Senhor Jesus Cristo deu sua vida para não perder a obediência ao santíssimo Pai* (CO 44-46).

2.3. A radicalidade e a seriedade do seguimento

As palavras seguintes de Jesus advertem para a seriedade do seguimento, do discipulado (Mc 9, 43-48). Falam de cortar as mãos, os pés, arrancar o olho, se for preciso para poder entrar na vida (eterna).

Mão significa ação, operação. O discípulo deve ter a coragem da decisão, isto é, de cortar todas aquelas coisas - vícios e pecados - que o impedem de realizar as obras próprias de ser cristão. Pés significa o que serve para o movimento, para o encaminhamento da vida. Se algo nos encaminha para outros caminhos, que não seja o seguimento de Jesus Cristo, deve ser cortado sem piedade. Olho, por sua vez, significa o que nos torna perspicazes e atentos para captar e aceder ao mistério do chamado.

O que importa, afinal, não é a mão, os pés, o olho, em seus movimentos, mas a intenção do coração que os dirige. É a vontade, a fonte de nossas más ações, de nossos maus encaminhamentos, de nossos olhares carregados de maus desejos. É preciso guardar, sim, as mãos, os pés, os olhos de levar-nos a corromper-nos, mas, sobretudo, é preciso manter a vigilância e o cuidado sobre o que pensamos, o que queremos e desejamos, desde o fundo de nosso coração.

Enfim, diante de tão grande benefício do encontro e do seguimento de Jesus, é melhor privar-se de toda e qualquer possibilidade de ações, de encaminhamentos, de descobertas, que danificam a alma do que mantê-las e deixar que se arruine o vigor de nossa identidade. O que está em jogo, de um lado, é a plenitude da vida – céu. De outro lado, a frustração da vida no remorso (o verme que não morre) e no sofrimento do desespero – a morte segunda, a morte eterna (o inferno, a *geena*: o fogo que não se apaga). É, enfim, não permitir que se apague o fogo do primeiro amor.

3. Choro e gemido do rico (Tg 5,1-6)

A segunda leitura continua sendo da Carta de São Tiago. Hoje, nos apresenta uma advertência profética e escatológica acerca dos ricos: daqueles que oprimem os pobres e se enriquecem às suas custas, retendo-lhes o salário. O destino deles é a ruína. Na verdade, os ricos que se portam assim não estão diminuindo ou destruindo os outros, mas corrompendo, destruindo sua própria essência, seu tesouro, seu humano. Aqui, o grito dos profetas alcança uma nova contundência e se reveste de sentido escatológico. Aquele que põe na injustiça, na opressão e na riqueza amontoada sua confiança, sua força, ver-se-á arruinado em face ao juízo divino. Com a mesma seriedade com que Cristo nos fala no Evangelho, fala-nos também o seu discípulo e apóstolo.

Conclusão

Como o antigo Judaísmo, também a Igreja, o Cristianismo, nem sempre se mostram abertos ao vigor católico (universal) de sua cristidade, ao sopro e ao fogo do Espírito. É quando se esquece a *verdade kenótica do Crucificado*. Então, a universalidade crística (da cristidade) se retrai e cede lugar ao sectarismo, ao imperialismo, ao totalitarismo, ao triunfalismo “cristão” (do Cristianismo ou melhor, da Cristandade).

Nesse caso, o reino de Deus é identificado com a Igreja; a Igreja de Cristo, com a Igreja de Roma; a Igreja de Roma, com o poder curialista, exercido ao modo do Império Romano; o ministério papal, como monarquia teocrática; a celebração do mistério na Liturgia, com um ritualismo estereotipado; a ética do discipulado, com a moral repressiva e farisaica ditada pelo clericalismo, etc.

A criatividade do Espírito, porém, nunca se sujeita aos nossos esquemas de sacralidade. O Espírito, afinal, sopra onde quer e como quer. Assim, na história da Igreja, estão surgindo homens e mulheres como São Francisco de Assis, Teresa de Calcutá, que se tornaram profetas e evangelizadores pelo testemunho de uma vida centrada em Cristo crucificado e seu Evangelho. Do primeiro se diz que ele se tornara um *homem de Deus* e que:

Até certo ponto, elevado acima das coisas desse mundo ... tinha dominado, com admirável virtude, tudo o que havia no mundo, pois tinha os olhos do intelecto sempre voltados para aquela suma luz, de modo que conhecia, por revelação divina, não só o que devia fazer, como também predizia muitas coisas com espírito profético, penetrava os segredos dos corações, conhecia coisas ausentes, previa e anunciava o futuro (2C 27).



27º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Gn 2,18-24; Sl 127 (128), 1-2.3.4-5.6 (R/. Cf. 5); Hb 2,9-11; Mc 10, 2-16).

Tema-Mensagem: No princípio, homem e mulher chamados para, pelos sagrados laços do matrimônio, infundir no mundo a fonte que tudo redime, tudo salva: o vigor da alegria do Amor-Doação de Deus pela Humanidade.

Introdução

A Liturgia de hoje nos leva a celebrar com gratidão o amor da Trindade divina – testemunhado em e por Jesus Cristo crucificado, a alegria do Evangelho – ressoando e crepitando no interior da vida matrimonial e familiar.

1. Do mistério das sementes do Criador na criatura, do incriado no criado (Gn 2,18-24)

A primeira leitura nos remete à gênese desse mistério, isto é, à sua forma originária, nasciva. Ela é tirada do capítulo 2º do livro do Gênesis, que, por sua vez, é um desdobramento da narrativa do início do mistério da criação (Gn 1).

1.1. Do início do mistério do humano

No primeiro capítulo do Gênesis lemos: *Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança...'* (Gn 1, 26).

Isso significa que, na obra dos cinco primeiros dias, essa imagem não aparecia, ou seja, que sua obra ainda não se completara. Isso Ele o fará agora, dando origem à uma nova criatura na qual vai imprimir-lhe sua imagem. As criaturas, até então, embora tivessem surgido da liberdade de Deus, não haviam chegado à plenitude de sua perfeição porque não eram livres, mas condicionadas. Deus quis criar, então, o livre, o incondicionado em meio ao condicionado, o infinito em meio ao finito, enfim, o semelhante a Ele.

A grandeza desse criado se alude com o plural: “Façamos...” Estamos, pois, diante de algo inusitado, totalmente novo, em referência a tudo o mais, que já tinha sido criado como o “belo” e o “bom” nos cinco dias anteriores. Se a criação, até então, fora levada a efeito com um impessoal *Faça-se!* (Cf. Gn 1,1-25), agora, com a criação do humano, é com o pessoal e plural: *Façamos!*. Anuncia-se, assim e aqui, o *gran finale* da obra da criação: o *muito belo!*, o

muito bom! O homem assemelha Deus, enquanto é livre. Se Deus é liberdade incriada, o homem, uma liberdade criada. Assim, no sexto dia, Deus não somente cria, mas entra em relacionamento íntimo, familiar, com sua criatura.

1.2. Do mistério Homem e Mulher

Esse modo de ser-livre-para-outro-criado vai brilhar logo adiante: Deus *criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou; criou-os macho e fêmea* (no hebraico *ish-ishá*) (Gn 1, 27). Deus cria o homem como realidade dual. O humano se dá na dualidade de varão e mulher. A mulher é o outro do varão. O varão, o outro da mulher.

Assim, o homem, em sua realidade dual, varão e mulher, está posto em meio ao céu e à terra e a todo o vivente, como imagem de Deus no criado: lugar da liberdade, do ser-livre-para-o-outro no ser-com-o-outro, do relacionamento face a face, pessoal: olho no olho, de coração a coração.

Na dinâmica dessa doação-recepção mútua, o casal humano se faz réplica na Terra da Trindade celeste – Pai e Filho e Espírito Santo. É o que os antigos chamavam de *Trinitatis inhabitatio* – a íntima habitação de Deus – a Trindade – no homem. Eis que a liberdade incriada vem celebrar a si mesma, fazer sua festa, na liberdade criada.

Por isso, esse amor, como todo amor, é fecundo. E é dessa fecundidade que surge a família. Por isso, de novo, na família, vige a réplica, a imagem terrena da Trindade – Pai e Filho e Espírito Santo. Portanto, o que estrutura a família é a paternidade-maternidade, a filiação, e o amor de genitores e filhos. Não à toa Paulo pôde dizer, na Carta aos Efésios: *Esse mistério é grande...* (Ef. 5, 32).

1.3. Do mistério da mulher

Deus havia, pois, criado o homem à semelhança Dele, isto é, como ser-com-o-outro e ser-para-o-outro. Não podia, pois, agora, abandoná-lo sem abrir-lhe a porta que lhe possibilitasse a concretização dessa vocação. É o que vem, logo em seguida: *O Senhor Deus disse: 'Não é bom para o homem ficar sozinho. Quero fazer para ele uma ajuda que lhe seja face-a-face'* (Gn 2,18).

1.3.1. Da mulher como ajuda face a face, lado a lado, para o homem

Às vezes, argumenta-se que declarar a mulher como uma ajuda para o homem seria depreciá-la. Mas, talvez, se possa até dizer o contrário: é sua grandeza! Ou seja, sem ela o homem não seria verdadeiramente humano. Isso significa que o varão não se basta a si mesmo; que, sem o seu outro, sem o diferente - a mulher - ele nem mesmo pode ser o que ele é. Na Bíblia, que o outro seja uma ajuda, face a face, lado a lado, não tem nada de inferior, depreciativo. Aliás, na Bíblia, Deus mesmo é chamado de ajuda para o homem.

Essa ajuda o homem, Adão (o terroso, o que brota da terra), não encontrou nos viventes até então criados, nos animais. Eles são corpos, viventes como ele, irmãos porque nascidos do mesmo Criador, mas não são face a face (olho no olho, de coração a coração) com ele. O mistério do encontro não se realiza aqui no face a face. Há uma proximidade e uma comunhão entre homem e animais. Mas, há também um abismo e uma estranheza. O homem acede ao mistério do ser dos viventes dando-lhes nomes. Mas, a convivência com eles não se põe à altura do seu ser. Ele precisa de um outro que lhe seja propriamente outro: de idêntica dignidade e parceiro, companheiro no mesmo ser. O homem está, pois, só!

1.3.2. Do mistério da unidade na dualidade

Por isso, a surpresa: *O homem exclamou: 'Eis, dessa vez, o osso dos meus ossos e a carne da minha carne! Ela se chamará humana pois do humano foi tirada!'* (Gn 2,23). O homem abre os olhos, desperta, e vê a mulher, como a ele, à luz do dom de Deus, entrelaçados, portanto, por um vínculo único, intimíssimo. Um vínculo de co-pertença: ele pertence a ela e ela pertence a ele, no encontro face a face. À exclamação do homem, no Gênesis, corresponde a exclamação da mulher, no Cântico dos Cânticos: *o meu amado é para mim e eu para ele (...). Eu sou para o meu amado e o meu amado é para mim* (2,16; 6,3). Assim, em vez de um-sem-o-outro, muito menos um contra o outro, são um-com-o-outro, um-para-o-outro. Os dois são um. Mistério do amor!

Não se trata de fusão e confusão. Trata-se de co-pertença das diferenças na identidade e da dignidade do ser. Recíproca co-pertença (unidade) no ser reciprocamente diversos. Na mulher, o homem encontra uma ajuda face a face, uma companheira na busca da transcendência da liberdade e na finitude agraciada da vida.

A mulher é o outro: o limite. Amar a mulher é, para o homem, aprender a amar o limite, como finitude – não desgraçada – mas agraciada. Amando a mulher, o outro primordial, o homem aprende a amar todo e qualquer outro ser humano. O inverso também vale, o homem que não aprende a amar sua mulher jamais saberá amar os outros seres humanos e demais criaturas.

2. Um grande mistério na pequenez e fragilidade do cotidiano (Sl 127)

Este grande mistério, porém, recolhe-se na pequenez e na fragilidade do cotidiano, sem perder, porém, sua própria grandeza. É o que decanta o salmista de hoje.

A união do casal concretiza-se no filho. O filho leva em si, corporal e espiritualmente, a herança dos dois. De duas carnes nasce uma outra carne. De

duas vidas, uma outra vida. De dois seres que se tornam um, nasce um outro ser. O filho realiza o mistério da unidade na pluralidade. Assim, a casa brilha como um candelabro.

Às bênçãos da esposa e dos filhos, o salmista acrescenta a bênção do fruto do trabalho e da prosperidade da cidade. Não é à toa que o Papa Francisco tenha escolhido esse salmo para pensar sobre a grandeza da vida familiar na sua exortação *Amoris Laetitia*.

3. Do homem e da mulher na nova criação (Mc 10,2-16)

O mistério da comunhão homem-mulher estabelecida nos primórdios da criação, é retomado no Evangelho de hoje, através da famosa discussão dos fariseus com Jesus acerca do divórcio.

3.1. Do grande ensinamento: desde o princípio, homem e mulher

As circunstâncias não são narradas. Marcos narra, simplesmente: *Partindo dali, Jesus vai para o território da Judeia além do Jordão* (Mc 10,1). Vai para as populações mais pobres e simples da Judeia, já que Jerusalém tinha se tornado um antro de soberba, malícia e corrupção. *As multidões novamente se reúnem à volta dele, e ele, mais uma vez, as ensinava, segundo seu costume* (Mc 10,1).

3.1.1. Da desmistificação dos fariseus

As multidões vêm a Ele para que cure seus enfermos e se deixam ensinar por Ele. Em contrapartida, *adiantam-se uns fariseus e, para prová-lo, perguntaram-lhe se é permitido a um homem repudiar sua mulher* (Mc 10,2). Enquanto o povo vem para se deixar curar e ensinar por Jesus, os fariseus vêm para pô-lo à prova, para disputar com ele. A disputa levantada por eles é sobre o divórcio.

Fariseu é o homem que, por sua soberba, vive divorciado dos seus semelhantes, principalmente dos conflitos, das angústias e dos problemas éticos e religiosos das pessoas, em especial dos pobres e pecadores. Jesus Cristo é, porém, o homem da unidade originária, que possibilita ao ser humano, principalmente ao defasado e desintegrado, reencontrar a unidade, a simplicidade, e com isso, a alegria e a paz.

A pergunta dos fariseus era uma arapuca, pois o interesse deles não estava numa resposta, mas apanhar Jesus numa situação de contradição com a Lei. Qualquer que fosse a resposta, Jesus se comprometeria.

3.1.2. Do coração endurecido

Jesus, porém, não responde nem sim nem não. Em sua resposta, procura levar os ouvintes para a dimensão originária do relacionamento de homem e

mulher no matrimônio. Pois, só assim os casados poderão enfrentar adequadamente os conflitos matrimoniais. Mas, já que eles, os fariseus, evocavam a doutrina de Moisés, Jesus responde-lhes perguntando de volta: “*Que prescreveu Moisés?*” - *Eles disseram: “Moisés permitiu escrever um certificado de repúdio e despedir sua mulher”* (Mc 10,3-4).

Jesus, porém, adverte: “*Foi por causa da dureza de vosso coração que ele escreveu para vós esse mandamento*” (Mc10,5). O coração empedrado do homem, por causa da perda de sua unidade com Deus, dilacera a vida conjugal e familiar. São Francisco nos adverte acerca desse constante pecado na História da Salvação: *Ó filhos dos homens, até quando tereis o coração pesado!?* (Cf. Ad 1). Dureza, que não é somente insensibilidade para com o outro, mas, também e sobretudo, opacidade para com a vontade de Deus. É essa dureza de coração que torna o homem refratário ao desígnio divino de amor instituído na sua origem; é essa dureza que leva também os fariseus a usar a questão do divórcio como pretexto para defender a Lei, mas que, no fundo, querem pegá-lo numa armadilha, a fim de acusá-lo e levá-lo à morte (Cf. Mc 3,5).

3.2. Uma só carne

Jesus, porém, em vez de responder sim ou não, aponta para outra dimensão, mais originária e original: *Mas, no começo do mundo, Deus os fez homem e mulher, por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne. Assim, eles não são mais dois, mas uma só carne* (Mc 10,6-8), isso é, um ser único. E completa: “*Não separe, pois, o homem o que Deus uniu*” (Mc 10,9).

Quem nos dá uma bela interpretação dessa passagem é nosso atual Papa:

A indissolubilidade do matrimônio (‘o que Deus uniu não o separe o homem’: Mt 19, 6) não se deve entender primariamente como “jugo” imposto aos homens, mas como um “dom” concedido às pessoas, unidas em matrimônio. (...) A condescendência divina acompanha sempre o caminho humano; com a sua graça. Deus cura e transforma o coração endurecido, orientando-o para o seu princípio, através do caminho da Cruz. Nos Evangelhos, sobressai claramente a postura de Jesus que (...) anunciou a mensagem relativa ao significado do matrimônio como plenitude da revelação que recupera o projeto originário de Deus (Cf. Mt 19,3) (AL 62).

A união matrimonial dos cristãos “por causa do Reino dos Céus” significa o pleno cumprimento do “Amai-vos uns aos outros”. Essa unidade de esposo e esposa entre cristãos leva Tertuliano a exclamar: “Que união a de dois cris-

tãos, unidos por uma só esperança, um só desejo, uma só disciplina, o mesmo serviço! Ambos são irmãos, ambos são con-servos; nada os separa, nem o espírito nem a carne; ao contrário, eles são verdadeiramente ‘dois em uma só carne!’” (A sua esposa 2,8 6-8).

3.3. Abraço e bênção que curam e salvam

Como em diversas outras ocasiões, Jesus encerra seu ensinamento com uma exemplificação. Para o ensinamento de hoje, mais uma vez, acolhe as crianças que as pessoas lhe traziam para que as tocasse. Ele as abraçava e as abençoava, impondo-lhes as mãos e, diante dos discípulos que as repreendiam, aborrecido, exortava: *Deixai vir a mim as crianças. Não as proibais porque o Reino de Deus é dos que são como elas!* (Mc 10,14).

O significado é claro. No âmago de todo casal, de toda família, está o mistério Daquele que, sendo santo e puro, se faz pecador e se mistura com os impuros e marginalizados; Daquele que, sendo o maior e mestre, “se apequena e se abrevia” (VD 12), fazendo-se menor e criança para que com Ele e como Ele possam entrar para a festa do encontro, do amor e da comunhão universal⁶¹.

Sim, a família deve ser o lugar do abraço, principalmente do abraço do consolo e do perdão, pois, como diz nosso atual Papa:

Não existe família perfeita. Não temos pais perfeitos, não somos perfeitos, não nos casamos com uma pessoa perfeita nem temos filhos perfeitos. Temos queixas uns dos outros. Decepcionamos uns aos outros. Por isso, não há casamento saudável nem família saudável sem o exercício do perdão... É por isso que a família precisa ser lugar de vida e não de morte; território de cura e não de adoecimento; palco de perdão e não de culpa. O perdão traz alegria, onde a mágoa produziu tristeza; cura, onde a mágoa causou doença (Papa Francisco, 24 de setembro de 2015).

4. Cristo crucificado e coroado de glória, caminho da vida matrimonial e familiar (Hb 2,9-11)

Na segunda leitura da Missa de hoje, tirada da Carta aos Hebreus, o autor estava diante de neoconvertidos, vindos do judaísmo que, além de perseguidos, não tinham mais o incentivo das suntuosas festas e liturgias que se celebravam no Templo em Jerusalém.

A fé deles era muito incipiente, imperfeita e superficial. Diante dessa perspectiva, um tanto desconsoladora, o autor procura mostrar a superioridade

⁶¹ Maiores considerações acerca deste ensinamento confira as Pistas do 25º Domingo do TC.

da nova aliança, centrada na Pessoa de *Jesus, a quem Deus fez pouco menor do que os anjos e que nós o vemos coroado de glória, por ter sofrido a morte. Sim, pela graça de Deus em favor de todos, ele provou a morte* (Hb 2,9).

Por que, então, temer ou desejar outras consolações se alguém que é de nossa estirpe abriu o caminho através do qual agora, nós, seu novo povo eleito, podemos ascender ao Céu, ao Reino de Deus!?

Conclusão

Creemos que não estaremos cometendo nenhum erro se chamarmos esse Domingo como o “Domingo do grande mistério do casamento sagrado”. Casamento de Deus com sua criatura predileta, a Humanidade; de Cristo com sua amada esposa, a Igreja (Cf. Ef. 5,32) – mistério esse que crepita no âmago mais profundo de cada criatura, mas principalmente de cada casal cristão. Isso porque nele, no matrimônio cristão - elevado à categoria de sacramento - o movimento do amor humano se encontra com o movimento do amor divino. Mas, como se dá esse movimento vem descrito nessa enternecedora história do Mestre Eckhart:

O bem, o maior de todos os bens, do qual Deus deixou o homem participar, foi o de ter se tornado homem. Assim, quero contar-vos uma estória, que casa bem com o caso. Era uma vez um homem rico e uma mulher rica. A mulher sofreu um acidente e perdeu um olho. Aproximando-se dela, o marido disse: ‘Mulher, porque estás tão aflita? Não te aflijas tanto por ter perdido um olho’. Ela falou: ‘Marido, o que me aflige não é ter perdido um olho. O que mais me perturba é pensar que, por isso, haverás de me amar menos’. Então, ele disse assim: ‘Mulher eu te amo’. Logo depois, ele furou o próprio olho e, aproximando-se da mulher, disse: ‘Para que creias que te amo, fiz-me igual a ti; também eu tenho ainda só um olho’. Assim é: Como o homem mal podia acreditar que Deus o amasse tanto, Deus ‘furou um olho seu’ e assumiu a natureza humana. Isso significa: ‘tornou-se carne’ (Jo 1,14) (Sermão 22).



28º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Sb 7, 7-11; Sl 89; Hb 4, 12-13; Mc 10, 17-30

Tema-Mensagem: Todo grande chamado exige grande resposta ou seguimento; todo grande desejo ou paixão exige grande abnegação e doação.

Introdução

Nesse Domingo, a Igreja nos leva a celebrar, de um lado, a grandeza do chamado de Cristo e, de outro, a exigência da grandeza de nossa resposta.

1. A Sabedoria, riqueza essencial (Sb 7,7-11)

Já no Antigo Testamento, encontramos belos e admiráveis testemunhos, nos quais se revelam a grandeza do chamado de Deus e a magnanimidade da resposta de muitas pessoas chamadas. Entre essas, destaca-se o grande rei Salomão. Grande, porque se vê e se reconhece pequeno, como *homem mortal, igual a todos os outros, descendente do primeiro ser tomado da terra* (Sb 7,1). Um contraste com a concepção da realeza no mundo antigo oriental, que concebia o rei como um ser divino.

1.1. Invocação e elogio da Sabedoria

Assim, movido pelo vigor da humildade de sua condição de “homem mortal”, Salomão pede o mais excelente de todos os dons – o Espírito da Sabedoria: *Por isso orei, e o discernimento (prudência) me foi dado; implorei, e o espírito da Sabedoria veio a mim* (Sb 7, 7).

Segundo Mestre Eckhart, os grandes bens da natureza, ou os grandes bens que superam a natureza, costumam ser objetos de desejo. Por isso, Salomão começa a elogiar a excelência da Sabedoria: *Eu a preferi aos cetros e tronos* (Sb 7,8). Além do mais, a Sabedoria é superior, não apenas ao poder, ao mando, ao governo, mas, também, à riqueza material. Por isso, diz ele: *E, junto dela, considerarei como nada a riqueza; não a comparei à pedra preciosa porque todo ouro do mundo, diante dela, seria apenas areia e toda prata, perante ela, pareceria lama* (Sb 7,8-9).

A Sabedoria é, também, mais excelente do que a saúde e a beleza: *Amei-a mais do que a saúde e a beleza e decidi possuí-la como minha luz, pois sua claridade não conhece declínio* (Sb 7,10). Na verdade, a Sabedoria é o sumo bem, e a fonte de todos os bens e a riqueza essencial. Por isso, conclui: *Junto dela, vieram-me todos os bens ao mesmo tempo, pois tinha em suas mãos uma*

riqueza incalculável (Sb 7,11). Consequentemente, para Salomão, as riquezas desse mundo são um nada em comparação com a Sabedoria. À qual não cabe comparação alguma. Pois, enquanto Deus É, as coisas (criaturas), tudo, sem Ele, simplesmente, nem existem, não são.

1.2. A Sabedoria, luz que não se apaga

Salomão diz, também, que a luz da Sabedoria é inextinguível (Cf. Sb 7,10). Isso vale tanto para a Sabedoria incriada, quanto para a Sabedoria comunicada ao homem. O primeiro sentido é claro: Deus, o Primeiro, o Vivente, é quem possui a luz da Sabedoria no grau supremo. Nada que é inferior pode afetar e extinguir essa luz. A luz da Sabedoria, enquanto suprema, é inextinguível. *Deus é luz, e n'Ele não há treva alguma* (1Jo 1,5).

Entretanto, é admirável que a Sabedoria, comunicada ao homem e por ele participada, também seja inextinguível. O homem não é luz, fogo, e, no entanto, como João Batista, torna-se lume, chama por participação e comunhão da Luz, como lemos em João: *ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. Essa era a verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina todas as pessoas* (Jo 1,7-9).

1.3. Junto com a Sabedoria, todos os bens ao mesmo tempo

No último verso do texto de hoje, Salomão diz, ainda: *Junto com ela (a Sabedoria) vieram-me todos os bens ao mesmo tempo* (Sb 7,11). Em latim, o texto diz *pariter*, isto é, “simultaneamente”. Mestre Eckhart anota que esse *pariter*” pode ser entendido em três sentidos.

No primeiro, simultaneamente - opção da tradução que aqui trazemos - significa **sem sucessão**, ou seja, àquele a quem Deus vem, recebe todos os bens de uma só vez, imediatamente e no seu todo, porque em Deus tudo é um. Por isso, diz São Francisco: *quem tem uma virtude, e as outras não ofende, a todas possui...* (SDV 6).

Num segundo sentido *pariter* significa “**igualmente**”, ou seja, em Deus tudo é uno no vigor do amor, da caridade, de modo que até o não igual é igual. A caridade torna iguais os não iguais, os desiguais. Assim, quem ama a Deus recebe Dele o vigor de amar todas as coisas em Deus e Deus em todas as coisas.

No terceiro sentido *pariter* é tirado do verbo latino *pario*, parturir, gerar. Assim, a Sabedoria seria a mãe de todas as criaturas. Em outras palavras, é pela Sabedoria que o homem se torna filho de Deus e um com Deus.

Na abertura do filme “Francesco”, Francisco, ainda criança, aparece pendurado pelas pernas no galho de uma árvore. E, assim, de cabeça para baixo, admirava as casas, as árvores, os animais e as pessoas de Assis com seus fundamentos, suas raízes e pernas presas e pendentes da abóboda celeste. E,

todo alegria, rindo, exclama: “É o céu que tem e governa a terra, o mundo, as pessoas!” Era a sabedoria sendo vista e descoberta pela criança.

2. O rico que busca a riqueza das riquezas (Mc 10, 17-30)

O Evangelho de hoje gira em torno de um jovem rico que *veio correndo, ajoelhou-se diante de Jesus, e perguntou: “Bom mestre, que devo fazer para ganhar a vida eterna?”* (Mc 10,17). (Cf. Mt 19,16-30; Lc 18,18-30).

2.1. A questão das questões

Duas questões merecem nossa atenção. Primeiramente, esse jovem põe a única pergunta séria, pela qual realmente vale a pena correr atrás e, diante dela, ajoelhar-se: a vida eterna, isto é, a vida em sua plenitude, em sua permanência, em sua perenidade, que nunca acaba. E, em segundo lugar, ele quer saber também o caminho, a obra que deve fazer para obter o bem de todos os bens, a riqueza de todas as riquezas.

Apesar disso, a maneira como ele põe a pergunta denota uma defasagem. Parece estar mais interessado numa discussão com um “bom mestre”, tomado segundo a visão carnal, humana, acerca de Jesus Cristo. Por isso, Jesus procura elevar-lhe o olhar a fim de que passe de sua humanidade para a deidade do Pai, o sumo Bem, melhor, o único Bem (São Francisco). Daí a pergunta provocadora de Jesus: “*Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um: Deus*”. Esse Um é o único bom. Fora Dele nada é bom. O Bom identifica-se com “Aquele que é”. Deus não é bom por participar da bondade, mas é bom por ser a Bondade, fonte de todas as bondades.

2.2. Os mandamentos, caminho da vida eterna

Jesus, depois de passar-lhe o ensinamento de que Deus é o único Bom (Bem), mostra-lhe também o caminho “para ganhá-lo”: “*Tu sabes os mandamentos*” (*mišvot*)... A resposta de Jesus, portanto, não é um conselho, mas o chamamento para que o jovem ponha-em-obra aquilo que é devido a Deus; uma indicação daquilo que o jovem deve fazer, se quiser realmente tornar-se seu discípulo. Jesus vincula e chama o jovem à responsabilidade, à obediência. Por isso, a pergunta, agora, se volta ao perguntador. Ao pôr a questão, o jovem é posto, ele mesmo, em questão, pois não há como buscar sinceramente um tesouro sem seguir seu rastro, seus vestígios, no caso os vestígios da vida eterna, os mandamentos de Deus.

Vem, então, a resposta do homem que parece ser, em todo o caso, sincera. Do contrário não se entenderia o que segue: *Jesus fitou-o, amou-o*... Jesus penetrou em sua consciência e é por graça dessa verdade que o amou.

2.3. Seguir Jesus Cristo, a vida eterna

O homem, por sua vez, parece não se contentar com os mandamentos: quer algo mais: “*Tudo isso tenho observado desde a infância, que outra coisa me falta?*” Mas, no fundo, mostra-se ainda preso a si mesmo. Por isso, Jesus, em seu amor por ele, quer ajudá-lo a ir para fora e para longe de si mesmo e de seu ideal. Quer libertá-lo de seu enredamento. Por isso, responde: “*Só uma coisa te falta: vai; o que tens, vende-o, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me*” (Mc 10, 21).

A resposta de Jesus é radical, como radical era a pergunta do jovem. O que chama a atenção nessa resposta é que Jesus faz identificar a obediência, a observância dos mandamentos, com o seguimento de sua Pessoa. Observar os mandamentos é o mesmo que seguir Jesus e seguir Jesus é observar os mandamentos e observar os mandamentos é o caminho para o Pai, para a vida eterna. Nele os mandamentos encontram seu fim, isto é, sua consumação, sua perfeição. Cristo é a meta a que os mandamentos tendem. Ele dá plenitude à Lei e aos Profetas.

Observar os mandamentos, seguir Jesus Cristo, portanto, significa fazer uma ruptura, dar um salto mortal: morrer para si mesmo a fim de viver na comunhão com Cristo, no seu seguimento. Eis o significado do “vender tudo e distribuir aos pobres”. Esse processo passou a ser conhecido como “caminho da abnegação cristã”. São Francisco o chama de *caminho da altíssima pobreza* ou também de *Regra e Vida* (RNB 1).

2.4. O rico e sua dificuldade

Vem, então, a dificuldade do rico: *Mas, a essas palavras, ele ficou acobardado e retirou-se triste, pois tinha muitos bens* (Mc 10,22). Agarrando-se a esses bens, e preso às suas posses, ele perdia a chance de, num salto, alcançar e receber o bem de todos os bens: a riqueza essencial, a riqueza do ser, da cordialidade, da jovialidade, da liberdade dos filhos de Deus, a vida eterna. Assim, confrontado com o chamado para o seguimento, para o discipulado, ele vacilou, confundindo riqueza com posse. E assim, em vez de abrir-se para a jovialidade na escuta obediente do chamado, foi-se embora, triste. Deus, porém, em vez de forçá-lo, procura atraí-lo com os anelos de sua graça, sempre respeitando-lhe a liberdade de filho.

Jesus, então, olhando ao seu redor, diz aos seus discípulos: “*Como é difícil àqueles que têm as coisas entrar no reino de Deus*”. Os que têm as coisas são, aqui, aqueles que, dominados pela cobiça e soberba, se deixam tomar e possuir por elas, afligindo-se e perdendo a jovialidade, a serenidade e a cordialidade da vida. Prisioneiros do útil, não conhecem a importância essencial das coisas “desúteis”.

Manoel de Barros, o poeta de alma franciscana, em seu “Livro sobre Nada”, insiste na importância, nobreza e grandeza das coisas desúteis e vis. Recorda o dito de Padre Antônio Vieira: *o maior apetite do homem é desejar ser. Se os olhos veem, com amor, o que não é, aí têm ser* (p. 36). Esse desejo de ser se volta para a superabundância, para a superfluência da gratuidade: *Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário* (p. 41). Nisso tudo, descobre um caminho para Deus: *Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam a Deus. Senhor, eu tenho orgulho de ser imprestável* (p. 57). E arremata (p. 61):

Venho de nobres que empobreceram. Restou-me por fortuna a soberbia. Com essa doença de grandezas: hei de monumentar os insetos! (Cristo monumentou a Humildade quando beijou os pés de seus discípulos. São Francisco monumentou as aves. Vieira, os peixes. Shakespeare, o Amor. A dúvida, os tolos. Charles Chaplin monumentou os vagabundos.) Com essa mania de grandeza: Hei de monumentar as pobres coisas do chão mijadas de orvalho.

Assim, no Nada, no vil, o homem encontra a riqueza essencial. O último verso dessa parte do livro diz: *perder o nada é um empobrecimento* (p. 63).

2.5. A perplexidade dos discípulos

A fala de Jesus era muito forte. Por isso: *Os discípulos estavam perplexos* (Mc 10,24). Mas, Jesus insiste: *“Meus filhos, quão difícil é entrar no reino de Deus! É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”* (Mc 10,24). O modo de dizer de Jesus torna-se, aqui, hiperbólico (exagerado).

É muito difícil ao homem deixar de pôr sua confiança no ter, no poder, no saber, para, livre, desprotegido dos bens criados, encontrar sua segurança unicamente em Deus! Por isso, o homem tem que se libertar sempre de novo, “vender tudo o que tem e distribuir aos pobres”. Só essa liberdade da pobreza é que o deixará aceder à riqueza essencial. Isso é o mesmo que tornar-se como criança.

A perplexidade continua e aumenta: *Eles (os discípulos) estavam cada vez mais impressionados. Diziam uns aos outros: “Então quem pode ser salvo?”* (Mc 10,26). Eis que então vem a Boa Nova: *“Para os homens isto é impossível, mas para Deus tudo é possível”*, diz Jesus (Mc 10,27). A graça, porém, não dispensa a liberdade, isto é, o ato da acolhida por parte do discípulo que, no caso, Jesus expressou com o *vender tudo e distribuir aos pobres*. É então que Pedro, num arroubo de vanglória, se adianta, como que arrogando para si o mérito e a recompensa de um feito extraordinário: *“Eis que nós*

deixamos todas as coisas e seguimos a ti” (Mc 10,28). Em outras palavras: aquilo de que aquele homem rico não fora capaz, ele e os seus discípulos o seriam. Nem se dá conta do que Jesus acabara de dizer: *para os homens isto é impossível* (Mc 10,27).

A resposta de Jesus, longe de garantir a recompensa a um mérito, como conclusão de todo esse discurso, quer realçar a superfluência da gratuidade de Deus (Cf. Mc 10,29-30).

A explicitação de Jesus, acerca da gratuidade do seguimento, conclui com esse adendo: *“com perseguições”*. Toda perseguição se apresenta como as duas faces da mesma moeda. De um lado os maus tratos, as tribulações, os obstáculos e de outro, ou melhor, no meio de tudo isso vige e cresce o vigor, a afeição e a graça do seguimento, a vida eterna.

3. A palavra de Deus, viva e eficaz (Hb 4, 12-13)

A segunda leitura, tirada da Carta aos Hebreus, começa proclamando que *a Palavra de Deus é viva e eficaz e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes* (Hb 4,12).

Mais, ou antes que um meio de comunicação, Palavra de Deus, aqui, é o viver, o brotar da Vida mais íntima Dele mesmo, de seu desejo mais ardente, de sua paixão mais profunda que não são outros senão: amar, doar-se, sacrificar-se pelas suas criaturas amadas e prediletas, os homens.

Diz, também, que a Palavra de Deus é eficaz. Isso porque em Deus não há separação entre desejo, pensamento e obra. Tudo o que Ele pensa ou deseja acontece, como pode-se ver na narrativa da criação: *Deus disse, “faça-se o firmamento... e assim se fez”* (Gn 1,6-7).

A Palavra de Deus é também “cortante...”. Cortante, aqui significa iluminadora. Isto quer dizer que, se somos criados pela Palavra, só podemos nos conhecer e conhecer a Ele e todas as criaturas por Ela, na medida em que a acolhemos na docilidade de sua doação. Por isso, para Deus - Palavra viva – poder doar-se precisa criar seres, criaturas que o recebam. As criaturas todas, de fato, só existem porque estão em contínuo e permanente estado de recepção, isto é, de “filiação”, de “deificação”.

Conclusão

O jovem rico, que não soube ou não conseguiu ou não quis acolher o desafio do caminho de Jesus, não teve acesso à riqueza essencial, verdadeira. Por isso mergulhou na tristeza, perdendo a jovialidade de ser e viver. A Sabedoria da vida eterna, o caminho da abnegação evangélica, faz-nos lembrar as palavras do Papa Francisco:

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Esse é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Essa não é a escolha duma vida digna e plena, esse não é o desígnio que Deus tem para nós, essa não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado (EG 2).

Contraopondo essa atitude ouçamos a última página do Diário de um grande frade, falecido há poucos anos:

Deus que nos une, Deus que nos sustenta, nos provoca, Deus que alegra silenciosamente o deserto, que faz do deserto uma boa habitação, que nos leva à liberdade da pobreza essencial, e longe de ser um vazio de renúncias e privações, é-nos a extensão aberta, riquíssima, o *Zu-hause* (o ‘estar, ser em casa’, o lar da intimidade, do encontro) do céu e da terra; sim, amemos de todo o coração, com um coração *Kat’holon* (‘católico’, ‘universal’), na inocência, na limpidez, na segurança (‘sine cura’ – ‘sem cuidado’ - isto é: a modo dos pássaros do céu) do grande e profundo Mistério da ab-negação e da consagração virginal a esse Deus de Jesus Cristo, que nos ensinou a amar como só Deus sabe amar (*Da Fidelidade do Pensamento*, Frei Hermógenes Harada).



29º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Is 53,10-11; Sl 32(33), 4-5.18-19.20.22 (R/.22); Hb 4,14-16; Mc 10,35-45

Tema-mensagem: Antes do poder e de poderosos, uma Igreja de menores, servos e irmãos.

Introdução

A Liturgia de hoje nos leva a celebrar o mistério da Igreja, mais precisamente sua identidade mais profunda, que nasce de seu, nosso, fundador Jesus Cristo crucificado, o Servo sofredor. Como Ele, cujo poder é o “não poder”, a Igreja é constituída mais de servos humildes e pobres do que de poderosos, mais de irmãos do que de autoridades. Assim, poderíamos denominar esse Domingo de “O Domingo da Igreja serva, fraterna e sofredora”.

1. Servo justo e sofredor (Is 53,10-11)

Quem nos introduz nesse mistério é um pequenino trecho do famoso Livro da Consolação, do pseudo Isaías. O tema central dessa passagem é a restauração de Israel e a salvação universal. O trecho faz parte do 4º poema, ou do cântico que enaltece a figura do discípulo e servo de Deus sofredor. Trata-se da revelação mais profunda, clara e explícita, do Antigo Testamento, acerca do futuro Messias: Ele encarna o destino do “Resto de Israel”, que tem como missão o resgate vicário e redentor, não apenas de toda a comunidade judaica, mas também e igualmente, de todos os povos da terra. A revelação é inédita, completamente incompreensível pela sabedoria do mundo. Semelhante revelação não se encontrará mais em nenhuma outra página do Antigo Testamento.

1.1. O Senhor quis

O trecho em questão começa proclamando a origem de todo esse mistério: *O Senhor quis...* (Is 53,10). Mas, o querer de Deus, diferentemente do nosso, voluntarista e cheio de preferências, tem sempre como raiz seu desejo mais profundo, que não é outro senão o bem-querer em favor de suas criaturas, especialmente os homens. Querer, aqui, é igual a amar. Mais tarde, João dirá em seu Evangelho *que Deus tanto amou o mundo que lhe deu seu Filho único...* (Jo 3,16). Assim, em vez de Deus quis poderíamos, também, dizer: “Deus amou...”.

Por isso, também, esse querer ou amar logo se transforma em obra: o “resgate” (expição) de muitos, através dos sofrimentos. O termo “resgate” significava nos tempos de Jesus a libertação ou aquisição de uma pessoa, especialmente de um escravo mediante pagamento. Essa obra, mais tarde, o próprio Jesus a proclamará: “*O Filho do Homem veio... para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*” (Mc 14,24).

1.2. Através dos sofrimentos

O aspecto mais significativo, e que constitui o coração desse pequenino trecho, diz respeito ao como se dá esse resgate. Desde o começo do verso 10 até o fim do verso 11, a acentuação é sempre a mesma: *através dos sofrimentos, oferecendo sua vida... por essa vida de sofrimentos ... carregando sobre si as culpas de inúmeros homens...* Eis a missão do Servo sofredor.

Servo, aqui, está referido à experiência da afeição, que nasce da graça do encontro. É movida pelo vigor e pela alegria dessa graça que, por exemplo, nossa Senhora exclama diante da visita do Anjo: *Eis aqui a serva do Senhor*, ou São Francisco diante do Crucificado: *Senhor, que queres que eu faça?* Diante dessa experiência, o outro sempre será “meu senhor, minha senhora” e eu “seu servo, sua serva”.

Por isso, a característica primeira desse servo será a de carregar o peso, o jugo das enfermidades e das maldades dos homens. Carregar, suportar os homens, não só no sentido negativo de tolerar, aguentar, mas no sentido positivo de ser para eles um suporte, uma sustentação, força e vigor fundamental como a raiz sustenta e dá a seiva da vida à árvore, como o alicerce sustenta a casa, ou melhor, como a mãe e o pai sustentam os filhos.

O Servo de Deus, portanto, é assim que nos resgata: carregando com júbilo não apenas nossos pecados, mas toda nossa pessoa. Na verdade, ele não tira o pecado do mundo. E nem poderia. Pois, para fazê-lo teria de tirar de nós o que temos de mais precioso: nossa condição de filhos, transformando-nos em escravos ou brutos como os animais e as árvores. Ele nos enche tanto com seu amor que, de tão impregnados dele, não vemos mais nossos pecados. Vemos apenas seu amor, sua misericórdia. Eis a libertação, a salvação!

1.3. Comungar do sofrimento do outro, o maior ato de comunhão e de identificação

O que resgata, portanto, é a comunhão de Jesus, de Deus, com a dor, o sofrimento – cruz – do homem e que não significa nenhuma outra coisa senão profundo desejo de identificação conosco. Certamente essa é a razão que leva os grandes místicos a pedir a graça de poder sofrer o que Jesus sofreu, como,

por exemplo, o fez São Francisco: *Ó Senhor meu, Jesus Cristo, duas graças te peço que me faças antes que eu morra. A primeira é que, em vida, eu sinta, na alma e no corpo, quanto for possível, aquela dor que tu, doce Jesus, suportaste na hora da tua acerbíssima Paixão* (Cf. 3 CCE). Ou, como o faz Marina, uma mística franciscana secular: *O inacreditável é que, quanto mais unida a Deus eu me sinto, mais desejo sofrer. Rezo até, pedindo sofrimento. Talvez seja desejo de identificação, não sei. Não é masoquismo, não é sofrer por sofrer. É um sofrer por uma finalidade que desconheço. E sinto que, com Deus, tudo é diferente, contraditório, tudo parece de cabeça para baixo* (*O Livro de Marina, A formiguinha que se encantou do Sol*, Adelino Pilonetto, ESTEF, 2018, p. 257).

Por isso, o trecho de Isaías, proclamado hoje, conclui: *Meu Servo, o Justo, fará justos inúmeros homens, carregando sobre si suas culpas* (Is 53,11). “Inúmeros”, significa sem número, ou seja: todos os homens, a humanidade toda e não apenas os judeus. Entregando-se às mãos de Jahvé, o Servo sofre-dor alcança aquilo que nem Israel histórico, com todos os seus sacrifícios, leis e tradições nem os gentios, com suas multidões de deuses conseguiram. Enfim, Ele é a plena realização de todas as promessas e profecias do Antigo Testamento acerca da salvação de Jahvé, o início de um novo povo de Deus, de uma nova Humanidade.

Não há como duvidar, pois de tudo o que é dito, nessa primeira leitura de hoje, foi realizado, literal e plenamente, por Jesus Cristo histórico, o “*Filho do Homem que veio para servir e dar sua vida em resgate de muitos*” (Mc 14,24).

2. Um sumo e eminente sacerdote (Hb 4,14-16)

A segunda leitura, tirada da Carta aos Hebreus, vem coroar tudo que o profeta disse acerca do Messias, Servo sofredor. O autor estava diante dos neo-convertidos do Judaísmo. Vistos com desconfiança, maltratados e perseguidos como hereges por parte dos compatriotas, estavam com saudades das glórias do Templo, da segurança da Lei, dos ritos sagrados; saudades, principalmente, da pompa do sumo sacerdote que, uma vez por ano, no Dia da Expição, entrava no “Santo dos Santos” a fim de oferecer um sacrifício expiatório por todos os pecados de todo o povo de Israel. Agora, era-lhes apresentado um sumo sacerdote não apenas diferente, mas inteiramente oposto: um nazareno, pobre, despojado, humilhado e, como o pior de todos os pecadores, condenado à morte mais vergonhosa, à morte de cruz.

É então que entra o autor da Carta, em tom solene e a modo de anúncio oficial: *Irmãos, temos um sumo sacerdote eminente, que entrou no céu, Jesus*

o Filho de Deus (Hb 4,14). Não há, pois, o que temer! Ele veio para oferecer, não mais sangue de touros e carneiros, mas o sangue de seu próprio corpo, diretamente, a Deus nosso Pai. Mas, apesar de Ele ser “o Filho de Deus”, não está longe de nós, uma vez que possui a nossa e mesma natureza. Também Ele provou tentações e perseguições como nós, e a própria condenação à morte injusta.

O maior de todos os argumentos, porém, é que Ele *é capaz de compadecer-se de nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado em tudo como nós, exceto no pecado* (Hb 4,15). Sua função não é mais exercida dentro de um templo, feito de pedras, mas diante do próprio Deus, vivo e verdadeiro. Sua natureza divina garante nossa presença junto de Deus e sua natureza humana garante sua presença junto de nós. Eis pois porque *devemos aproximar-nos Dele com toda a confiança* (Hb 4,16).

Sim, devemos aproximar-nos com fé diante de Deus, cujo trono não é de condenação, mas de graça, porque Cristo, o sumo sacerdote, está junto a Ele; ou melhor Ele é o próprio trono, a fonte de onde jorra a gratuidade da misericórdia de Deus. O maior de todos os benefícios, pelo qual o cristão deve ser sumamente feliz, alegre e grato a Cristo, é, pois, o de haver nos conduzido para a intimidade do Pai, para dentro de sua casa e familiaridade. Eis porque Ele nos salva. Assim, por meio de Cristo temos Paz com Deus e acesso à sua graça.

3. Uma Igreja de menores, servos e irmãos (Mc10,35-45)

O Evangelho de hoje, tirado de Marcos, nos introduz no mistério da Igreja, mais precisamente, em sua constituição interior, isto é, como devem viver e conviver os discípulos de Jesus. Dividido em duas partes, temos, primeiramente, o pedido dos filhos de Zebedeu e, depois, o ensinamento de Jesus.

3.1. Um pedido totalmente fora de propósito

A cena dá-se logo após o terceiro anúncio de Jesus acerca de sua Paixão. Foi então que os dois discípulos se aproximaram de Jesus e lhe disseram: “*Mestre, queremos que faça por nós o que vamos pedir*” (Mc 10,35). O momento é de temor e consternação por causa do anúncio da Cruz. Por isso, esse pedido revela que eles não entenderam nada do que Jesus estava falando, muito menos de suas consequências. É então que Jesus aproveita a ocasião para, através de seu ensinamento, conduzi-los a um nível mais profundo de seu seguimento.

Os dois que se aproximam de Jesus são, ao lado de Pedro, duas figuras muito significativas no grupo dos doze. São os mais próximos de Jesus. Estavam com Ele na Transfiguração, na agonia do horto das Oliveiras. E são

justamente esses que, na maioria das vezes, sofrem a tentação de transformar o seguimento em posse, direito. Em vez de servir, procuram ser servidos.

Ao pedido dos dois discípulos, Jesus responde: “*Não sabeis o que pedis. Podeis beber a taça que vou beber, ou ser batizados com o Batismo com que serei batizado?*” (Mc 10,38). Eles falam de honra e de glória, quando o tempo é de combate, de suportar perseguições, humilhações e sofrimentos por causa do Reino de Deus, que se vela na humildade e na pequenez. É tempo de participar da sorte de Jesus – a sorte do Servo Sofredor, do Crucificado. Essa participação é aludida pelo beber do cálice que Jesus iria beber e ser batizado no Batismo com o qual ele seria batizado.

O beber do cálice e o ser batizado se daria na participação da Cruz de Jesus Cristo, no con-sofrer com Ele o sofrimento e a rejeição, no com-padecer-se Dele e no com-padecer do mundo. Se antes não sabiam o que estavam pedindo, agora não sabem com o que estão concordando, quando dizem: “*Po-demos*”.

Os dois discípulos pressupunham poder chegar ao Reino de Cristo sem passar pela Cruz e pela morte; que esse Reino fosse coisa visível e terrena; que Jesus reinaria sobre Jerusalém como um rei desse mundo. Esperavam e sonhavam com coroas, prêmios, lugares de honra e com uma glória terrena. Não entendiam que o caminho para o Reino de Cristo e sua glória era o caminho da humildade, do serviço; que, para viver com Ele, era preciso morrer com Ele. Ou seja, sem tomar do cálice da humildade e da paixão com Jesus, o discípulo não pode, jamais, reinar com Ele.

3.2. A gratuidade do seguimento

Em sua resposta, Jesus volta a insistir numa das teclas mais frequente acerca do seguimento: a gratuidade: “*Da taça da qual vou beber, vós bebereis, e com o Batismo com que serei batizado, sereis batizados. Quanto a assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não cabe a mim concedê-lo: isso será dado àqueles a quem foi preparado*” (Mc 10,39-40).

De modo velado, Jesus lhes anuncia que eles serão companheiros dele, compartilhando de sua sorte de Servo Sofredor; que testemunharão, com seu sofrimento e com seu sangue, seu amor ao Mestre e àqueles por quem o Mestre iria dar sua vida. Essa participação, no entanto, não garantia nenhum trono ou cátedra no Reino de Deus. Não compete ao discípulo preocupar-se com isso. No Reino de Deus, o trono ou a cátedra não são dados aos soberbos e poderosos desse mundo, como dizia Maria, a Mãe de Jesus, em seu *Magnificat*: “*dispersou os homens que são soberbos pelo pensamento dos seus corações; precipitou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes*” (Lc 1,51b-52).

3.3. A sanha do poder versus a serenidade da humildade do servo

Como não podia deixar de acontecer, num grupo que se rege pela sanha do poder, o pedido dos dois discípulos provocou indignação nos outros dez. Jesus, então, aproveita o episódio para, mais uma vez, convocá-los a fazer uma troca, uma conversão: *“Vós sabeis que os chefes das nações as oprimem e os grandes as tiranizam. Não deve ser assim entre vós. Pelo contrário, se alguém quer ser grande dentre vós, seja vosso servo, e se alguém quer ser o primeiro entre vós, seja o escravo de todos. Pois o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate pela multidão”* (Mc 10,42-45).

Jesus faz um alerta, mostrando que o mundo se ordena a partir de si, fechando-se à graça do Reino de Deus. Por isso, todo seu ordenamento se dá a modo de ditadura (*dicta dura!* diz o latim), de subjugação e opressão, arbitrariedade e imposição da força bruta e da violência. Daí a insistência de Jesus: *“Não deve ser assim entre vocês!”* Sua comunidade de discípulos precisa aprender outra dinâmica, a da “convivialidade”; a regência que nasce do amor-caridade e da humildade.

A sanha do poder de dominação do homem pelo homem faz diminuir a vida, estende o deserto pela face da terra e nos corações dos homens. Põe tudo e todos sob o império da morte, desprezando, diminuindo, eliminando e subjugando seus semelhantes e mesmo todas as demais criaturas. A autoridade do amor é totalmente diferente. Ela leva o homem à alegria do convívio, da festa, do servir; faz crescer a vida, jorrar fontes e brotar oásis pela terra e pelos corações dos homens, irmana a todos na Casa comum do Reino de Deus. O sonho de liberdade e de igualdade, tão presente no mundo moderno, nunca poderá tornar-se viável sem a fraternidade, tão bem ensinada e testemunhada por Jesus e exemplarmente encarnada pelos primitivos cristãos e tantos outros ao logo da história, como, por exemplo, São Francisco e seus companheiros (Cf. 1C 39).

No decorrer da história, também a Igreja, muitas vezes, se enamorou da sanha do poder mundano, esquecendo-se do princípio ordenante originário, lançado em suas entranhas pelo mistério de Cristo crucificado. *Cristianismo não diz, em seu vigor originário, poder histórico de dominação, de exclusão e recusa das diferenças. Ao contrário, diz a autoridade da vida e pregação de Jesus, o homem de Nazaré*⁶².

O Papa Francisco, hoje, nos fala de uma Igreja acolhedora. Uma Igreja que, num mundo cheio de gente ferida e sofrida, prófuga e apátrida, carente

62 Emmanuel Carneiro Leão.

de misericórdia, seja algo como um “hospital de campanha”: um lugar de acolhimento dos que sucumbem no combate da vida. Nisto consistiria a identidade do cristão e da Igreja: ser cultivadores do amor universal, um amor que, afastando todo sectarismo, é capaz de acolher, em tudo e em todos, o mistério da vida. E, para deixar bem claro que essa é a essência da identidade de seus seguidores, de sua Igreja, Jesus Cristo fala tanto de “ser servo” um do outro.

Conclusão

Desprender-se da sanha e do fascínio do autoritarismo e do poder, a fim de seguir a serenidade do servo humilde, pobre e sofredor, que é Jesus Cristo crucificado, é um desafio que acompanha, não apenas os Doze discípulos de Jesus, mas também a Igreja de todos os tempos.

O Papa Francisco alerta-nos para esse desafio quando clama: *Não ao mundanismo espiritual!* (EG 93-97). Segundo ele, esse vício *se esconde, muitas vezes, por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja*. Mas, no fundo, em vez da glória do Senhor, busca-se a glória humana e o bem estar pessoal. E cita essa bela exortação do próprio Senhor “*como vos é possível acreditar se andais à procura da glória uns dos outros e não procurais a glória que vem do Deus único?*” (Jo 5,44). Passa, então, a dar alguns exemplos, como *a pretensão de dominar o espaço da Igreja, um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja*. E, mais adiante, chega a falar que há na Igreja um *fascínio de poder* (EG 94).

Além do mais, nosso Papa aconselha que demos testemunhos, exemplos de pessoas que viveram com alegria a serenidade do não-poder. E ele mesmo propõe São Francisco e sua primitiva Fraternidade. Ouçamos o que dizem nossas Fontes Franciscanas:

De fato, eram menores, porque eram ‘submissos a todos’, sempre procuravam o pior lugar e queriam exercer o ofício em que pudesse haver alguma desonra, para merecerem ser colocados sobre a base sólida da humildade verdadeira e neles pudesse crescer auspiciosamente a construção espiritual de todas as virtudes (1C 39).



30º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Jr 31,7-9; Sl 125(126), 1-6 (R./3); Hb 5,1-6; Mc 10,46-52

Tema-mensagem: De todos nós, cegos e mendigos, à beira do caminho, Jesus vem ao encontro e nos liberta de nossa cegueira para que possamos segui-lo em meio à multidão de seus seguidores – a Igreja.

Introdução

Como outrora, com Bartimeu, cego e mendigo a beira da estrada, também hoje, Jesus vem ao nosso encontro. O que ele espera de nós é que, com o pouco ou o muito de fé que tenhamos, gritemos muitas vezes, repetidamente, sempre de novo, que tenha piedade de nós; que nos liberte das cegueiras e assim possamos segui-Lo no meio da grande multidão de seus seguidores, que é a Igreja.

1. Do grande retorno do Resto de Israel (Jr 31,7-9)

Esse mistério de uma grande multidão feliz e em festa, seguindo Jesus, tem seu anúncio em inúmeros momentos e acontecimentos do Antigo Testamento. Nesse Domingo, ele é evocado pelo famoso retorno dos judeus do famigerado e enigmático exílio babilônico. A primeira leitura, tirada do profeta Jeremias, começa assim: *Isto diz o Senhor: ‘Exultai de alegria por Jacó, aclamai a primeira das nações; tocaí, cantai e dizei: ‘Salva, Senhor, teu povo, o resto de Israel’* (Jr 31,7).

O trecho em questão é brevíssimo. E, sem dúvida, temos nele não apenas a mais bela cantata desse retorno do exílio, mas também o trecho mais claro e explicitamente evangélico de todo o Antigo Testamento.

1.1. Retornando sempre ao princípio

A narrativa tem, como pano de fundo, o grande êxodo da libertação do Egito, protótipo de todos os exílios e libertações. É a partir daquela misteriosa intervenção libertadora, que o Resto de Israel, em meio a luzes e sombras, fará a desafiadora leitura de todos os eventos de sua história, a fim de encontrar e poder servir, sempre de novo e com ardor renovado, seu Senhor.

Assim, como no passado, o povo conhecerá de novo e experimentará ainda mais profundamente aquele Deus que se encantou por ele e o elegeu para ser seu povo escolhido entre todos os povos da Terra. Sinal dessa eleição e missão era a observância dos mandamentos divinos.

Trata-se, pois e sempre, do mesmo amor, manifestado na origem e na formação do Povo de Deus: um amor eterno, que não conhece interrupções; um amor permanente, que abraça a totalidade dos homens, com seu passado e seu futuro, embora o homem o sinta somente em determinados momentos de sua história. Mas, a iniciativa é sempre e unicamente Dele.

Assim, como no passado o Senhor tirara seus eleitos do Egito, levando-os em asas de águia à Terra da Promissão, agora está libertando-os “do país do Norte” – terra da meia noite, da escuridão, do pecado - e os reunirá *desde as extremidades da terra!* (Jr 31,8). Eis a razão do convite que sai do coração de Jahvé, através da boca de Jeremias: *Exultai de alegria por Jacó!*

1.2. Nenhuma exclusão

Nesse retorno à nova Terra Prometida, ninguém será excluído: *cegos e aleijados, mulheres grávidas e parturientes: são uma grande multidão os que retornam* (Jr 31,8). E, contradizendo a lógica desse mundo, os deficientes e frágeis, aqueles nos quais a vida é gestada e gerida na sua ternura e fraqueza, serão os mais honrados.

Assim, quando outrora tiveram que caminhar para o exílio, as lágrimas eram o pão de suas desgraças; agora, quando voltam, provam o pão do júbilo, da consolação e da proteção de Jahvé. Por isso, não deverão procurar a rocha do primeiro êxodo porque “*eu mesmo, diz o Senhor, os conduzirei por torrentes de água, por um caminho reto, onde não tropeçarão*” (Jr 31,9).

E agora a conclusão de ouro, a razão de todo esse anúncio: “*pois tornei-me um Pai para Israel e Efraim é o meu filho!*” (Is 31,9). Eis a razão pela qual dizíamos, no início, que nesse trecho estamos diante da mais expressiva e clara passagem evangélica do Antigo Testamento. Isso porque tem como coração a insistente proclamação de Jesus que seu Deus é nosso Deus, seu Pai é nosso Pai e todos nós, isto é, todos os homens, somos seus filhos amados.

2. Jesus Cristo e seu ofício sacerdotal (Hb 5,1-6)

Na segunda leitura de hoje, tirada da Carta aos Hebreus, o autor procura mostrar a última razão para que os neoconvertidos do Judaísmo, em meio às inúmeras perseguições, tribulações e torturas, permanecessem firmes em sua nova vida, agora de cristãos: o ofício sacerdotal de Jesus Cristo.

Cristo crucificado é aquele que nos aproxima de Deus Pai e que traz para nós, mortais, seu anúncio, a boa nova do seu amor para conosco. Ele é o mediador entre Deus e nós. Por sua natureza divina, nos aproxima de Deus e pela sua natureza humana, aproxima Deus de nós.

Quanto à primeira, não há como duvidar. Jesus é o nazareno, filho de Maria e José, que todos conheciam, Aquele que, embora sendo de condição divina, assemelhou-se a nós em tudo, menos no pecado. Por isso, suas orações, preces e oferendas serão sempre nossas orações, preces e oferendas; sua expiação na Cruz torna-se a expiação redentora do pecado de todos os homens. Por isso, tudo que é dito do sumo Sacerdote dos judeus, *tirado do meio dos homens e instituído em favor dos homens, ... que sabe ter misericórdia* (Hb 5,1) etc., deve se aplicar, com muito maior razão ao novo e eterno sumo Sacerdote, Jesus o Cristo.

Quanto à sua natureza divina, também não há o que e como pôr alguma dúvida. Pois, além de todos os seus admiráveis e inauditos feitos, Jesus é o único profeta que se iguala a Deus: “*Eu e o Pai somos um... quem me vê, vê o Pai*” (Jo 10,30). Por isso, Ele jamais *se atribui a si mesmo a honra de ser Sumo Sacerdote, mas foi por aquele que lhe disse: ‘Tu és o meu Filho, eu hoje Te gerei’*. *Como se diz em outra passagem: ‘Tu és sacerdote para sempre, na ordem de Melquisedec’* (Hb 5,5-6). Ele é, portanto, sacerdote por uma eleição divina e direta.

Essa aproximação tem um nome e um móvel: “misericórdia” ou “compaixão”. Ele não apenas conhece nossa fraqueza e nossa ignorância, mas, como Sumo Sacerdote, é Aquele que faz a ponte entre nós, homens fracos, ignorantes, mortais, e o Pai. Ele nos perdoa e também nos fortalece, ilumina e reveste do vigor de sua vida, tornando-nos filhos do Pai do Céu com Ele, Nele, por Ele.

3. Da cegueira da soberba para a luz do abaixamento da Cruz (Mc 10,46-52)

A graça de ser introduzido na multidão dos discípulos de Jesus e de poder andar com eles pode ser impedida ou interrompida pelas nossas cegueiras, como aconteceu com Bartimeu, do qual nos fala o Evangelho de hoje.

3.1. Do cego que grita e implora por piedade

Marcos começa sua narrativa, dizendo simplesmente que *Jesus saiu de Jericó junto com seus discípulos e uma grande multidão* (Mc 10,46). Como sempre, também aqui, Jesus “está de saída”, pois, sendo Filho de um “Deus Adveniens” (“Deus Adveniente”, sempre em vinda), outra não poderia ser sua identidade mais profunda senão esta: a de estar sempre “em saída”, em viagem. Marcos esclarece “de onde” (Jericó) Ele está saindo, mas não dá nenhuma informação explícita nem para onde e muito menos o porquê, a razão de sua viagem.

Pelo contexto, porém, sabemos que seu destino é Jerusalém. Assim, sua chegada a Jericó e sua saída de lá ganham ares de prenúncio: seu grande desejo, sua paixão por Jerusalém e por tudo o que por lá lhe haverá de acontecer. Por isso, Jericó torna-se como que o limiar do grande mistério de sua paixão, morte e Ressurreição. Jesus será abatido, mas com a graça do “sim” do Pai a Ele, manifestado na Ressurreição, irá vencer o nada, o negativo e destrutivo do pecado e da morte. Assim, Aquele que seria declarado anátema, que morreria como um maldito, no madeiro, se revelaria como a luz do mundo, a luz dos cegos que desejam ver o caminho; como o pão dos mendigos famintos que imploram a graça de poder segui-lo em meio à sua multidão.

Tomando, pois, Jesus seu caminho para Jerusalém, para a Cruz – encontrou *o cego Bartimeu, filho de Timeu, sentado à beira do caminho, mendigando* (Mc 10,46). Eis um homem cego, prostrado à beira de um caminho, reduzido à miséria e tomado pela necessidade da mendicância! A graça da presença de Jesus que passa, porém, é maior do que a desgraça da cegueira e da mendicância de Bartimeu. Por isso, *ao saber que era Jesus de Nazaré, pôs-se a gritar: “Filho de David, Jesus, tem compaixão de mim!”* (Mc 10,47). Embora não vendo, o cego ouve o alarido e abre seu coração aos murmúrios da multidão que vai atrás de Jesus. E assim, com seu grito “Filho de Davi!” antecipa a festa da entrada triunfal do Mestre em Jerusalém, onde as multidões também gritarão: *“Hosana! Bendito seja em nome do Senhor aquele que vem! Bendito seja o reino que vem, o reino de David, nosso pai! Hosana no mais alto dos céus!”* Ora, “Hosana” era, originariamente, um grito de socorro: *Te rogo, Senhor, que me salves* (Cf. Sl 117). Era uma interjeição de súplica. Um “ai!” que se dirigia ao Altíssimo como um apelo por salvação, por libertação. Depois, admiravelmente, passou a significar uma aclamação que glorifica o Salvador mesmo.

O cego Bartimeu, portanto, antecipa a proclamação de fé no caráter messiânico da vinda de Jesus a Jerusalém. E, ao invocar sua ajuda, o aclama também como “filho de Davi”, isto é, como o ungido de Deus, o Cristo; como aquele que veio como médico para abrir os olhos de todos os “Bartimeus”, cegos, desejosos de ver e encontrar o caminho que os insira na multidão dos seus eleitos.

O texto continua dizendo que *muitos o repreendiam para que se calasse, mas ele gritava ainda mais: “Filho de David, tem compaixão de mim!”* (Mc 10,48). Ele identifica no Jesus de Nazaré o Filho de Davi, isto é, o ungido de Deus, o Cristo. Ao mesmo tempo que o evoca com fé, chamando-o de “filho de David”, invoca-o, também, pedindo: *“tem compaixão de mim!”* (*elése me*). Esse é, também, o grito, o canto que expressa a verdade mais profunda do nosso ser humano. E é por isso que, em quase todas as nossas orações, princi-

palmente ao concluir o dia e ao iniciar a santa Missa, o fazemos com um Ato penitencial: “Senhor, tende piedade de nós” (“*Kyrie eléison*”).

3.2. Jesus chama

Vem, então, a segunda parte da narrativa. O grito não foi em vão. Agora a iniciativa é de Jesus: *Jesus deteve-se e disse: “chamai-o!” Chamam o cego e dizem-lhe: “Confiança, levanta-te, ele te chama!”* (Mc 10,49). Agora, já não é mais ele que chama por Jesus, mas é Jesus mesmo que o chama, tirando-o da situação de prostração, miséria, marginalidade, na qual ele se encontrava.

Assim, *deitando fora o manto, ele se levantou num salto e foi ter com Jesus* (Mc 10,50). Ao deitar fora o manto, deixava para trás a cegueira da miséria de sua soberba, de seu pecado. E, ao dar o salto, assume a decisão da conversão. Então, *dirigindo-se a ele, Jesus lhe disse: “Que queres que eu faça por ti?”* (Mc 10,51). Jesus sabia o que aquele cego queria. Mas, era preciso perguntar para que o homem pudesse pedir e, pedindo, pudesse doar-se na disposição de receber. Admirável a nobreza desse gesto! Assim, aquele que pedia, em vez de humilhado, saía dignificado e engrandecido. Nada lhe era mais desejável e importante do que a visão. Por isso, considerando a espontaneidade de seu desejo e o vigor de sua fé, Jesus responde-lhe: “*Vai, a tua fé te salvou!*” (Mc 10,52).

3.3. Nasce o seguimento

Assim, *logo ele recuperou a visão e foi seguindo Jesus pelo caminho* (Mc 10,52). Eis que aquele homem, que era cego, agora vê – e vê o que é mais importante ver: Aquele que é a Luz do Mundo (Cf. Jo 8,12) – a Luz que ilumina todo homem, que vem a esse mundo (Cf. Jo 1,9). E, assim, aquele homem que estava prostrado à beira do caminho, agora, movido pela gratidão, segue o Mestre, de quem recebeu a visão e a luz.

Essa luz, nesse momento, ainda não brilha em sua plenitude, pois a Ressurreição ainda não se dera; é apenas argêntea (prateada) como a luz da lua. Uma antiga tradição dizia que o nome “Jericó” derivava de “lua”. A lua significava, para os antigos, a mutabilidade e a passibilidade. Isso dá a pensar no mistério da Encarnação e da paixão de Jesus Cristo. Somente a partir de sua Ressurreição é que sua glória solar, dourada, de Filho de Deus, se revelaria plenamente. Então, o Jesus de Nazaré não seria somente encarado como o “filho de Davi”, mas sim, também e acima de tudo, como o “Filho do Deus vivo”.

Bartimeu representa não apenas um indivíduo, mas a todos os homens que estão colocados à margem do caminho, cegados em sua ignorância e pros-

trados em sua miséria. Mas, pela saída e passagem de Jesus Cristo, são trazidos, de novo, para a condição da honra, isto é, da honradez e da liberdade dos filhos de Deus.

Conclusão

A sina do homem, desde Adão e Eva, é viver cego à beira do caminho. Tudo por causa da cegueira de sua autorreferencialidade. Dividido, separado de sua origem, ficou entregue à própria sorte. Seu pecado tornou-se duplo. De um lado, é incapaz de reconhecer-se pecador e, por outro, incapaz de ajoelhar-se para gritar por piedade Àquele que poderia tirá-lo da cegueira, da margem e da mendicância; Àquele que poderia recolocá-lo no caminho e pô-lo à mesa do Pão que alimenta e conforta a multidão dos seguidores de Jesus.

A alma obscurecera-se e o coração se endurecera. Por isso, Adão que desobedecera, interrogado por Deus, joga a culpa na companheira e essa, por sua vez, na serpente. Mergulhado nesse duplo pecado, não há como o homem sair de sua cegueira. Foi necessário mais uma vez que o próprio Criador saísse de si e entrasse em sua criatura, através da Encarnação de seu Filho muito amado.

Desde então, todo povoado, todo acontecimento é uma nova Jericó por onde Jesus passa a fim de oferecer, aos homens de boa vontade, a graça de poderem gritar por piedade; Ele é a luz do amor do Pai que lhes possibilita largar, pela humildade, o manto das misérias de sua cegueira e a dar o salto de fé – conversão - na confiança do Pai. Só assim, os Bartimeus de todos os tempos poderão pôr-se no seguimento de Jesus, no meio da sua multidão, a Igreja; só assim poderão ir atrás Dele, que sobe para Jerusalém, onde se dará, pela morte na Cruz, a conclusão da libertação do homem de todas as cegueiras e de toda a mendicância.

Desde então, o milagre de novos Bartimeus não cessa de se repetir na História da Igreja. Entre esses podemos e devemos citar São Francisco. Também ele foi um Bartimeu à beira da estrada, cego pelas glórias do mundo, pela sua autorreferencialidade. Jesus, porém, começa a passar pelas estradas e povoados (“Jericós”) de sua vida como Espoleto, São Damião, Porciúncula, os leprosários, etc. E assim, aos poucos e sempre mais intensamente, iluminado pelos raios *desse sol nascente que nos veio visitar*, também ele começa a rezar e a implorar por misericórdia (LTC 13); também ele pôde largar os mantos da glória do mundo e dar o salto de libertação que, de filho do Pedro Bernardone, o tornou em “filho do Pai do Céu”.



31º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Dt 6,2-6; Sl 17; Hb 7,23-28; Mc 12, 28-34

Tema-mensagem: Deus e o próximo vinculados por um único e mesmo amor.

Introdução

A busca de um relacionamento justo e benfazejo com Deus e com seu semelhante sempre se constituiu num dos maiores desafios do homem. Jesus veio consumir essa busca anunciando seu princípio, não apenas por meio de palavras e discursos, mas testemunhando-o com sua morte na cruz: “*Amar a Deus e o próximo com a si mesmo*” (Mc 12,31).

1. Escuta, ó Israel fora do teu Deus não existe outro deus (Dt 6,2-6)

O trecho, proclamado como primeira leitura para a Missa de hoje, é do Deuteronômio. Na introdução lemos: *Esse é o mandamento, essas são as leis e os decretos que o Senhor vosso Deus mandou ensinar-vos...* (Dt 6,1). O texto resume a fé do israelita. Tudo o que então é dito, do verso 2 a 3, é preparação para o grande mandamento: *Escuta, Israel...* (Dt 6,3).

Moisés ordena que se escute e não apenas que se ouça. E isso ele o repete por duas vezes. Escutar é uma intensificação do ouvir. Escutar é abrir-se na receptividade à palavra do outro; quer dizer pertencimento a quem fala; ausculta no sentido de obediência. Por isso, a resposta na escuta é sempre correspondência com atitudes e ações. Portanto, logo acrescenta: *e cuida de os pôr em prática para seres feliz* (Dt 6,3). Assim, aqui, esse “escutar” dá não apenas a introdução, mas também o nome (*Shemaá*) à principal oração judaica de todos os tempos. Na verdade, mais que uma oração, estamos diante de uma profissão de fé. O fato dessa proclamação começar com uma convocação (“Escuta!”), supõe a presença de alguém, no caso, da assembleia, convocada como tal, isto é, como Povo de Deus. Assim, o primeiro ato dessa assembleia é professar sua fé: *Que o Senhor nosso Deus é o único Senhor* (idem). A noção de assembleia convocada está na origem da palavra e do conceito “Igreja” (*Eklesia*). Por isso, essa passagem da Torá é, também, muito importante para a Igreja de Cristo.

Além da unicidade de Deus, o que estava em jogo, nessa profissão de fé, era manter os israelitas fiéis Àquele Deus que se revelara como tal, libertan-

do-os da opressão de todos os ídolos do mundo, quando viviam na escravidão egípcia. Por isso, vem o grande mandamento: *Amarás o Senhor teu Deus...* Amar é, certamente, a palavra mais feliz para expressar a resposta e a conduta mais adequada Àquele que, da escravidão do Egito, os carregou sobre asas de águia até junto de Si (Ex 19,4).

Esse ato de fé e de amor será e deverá ser sempre de novo o ponto de partida, o ar, o ânimo que o israelita deve respirar sempre, em todos os momentos e situações da vida. Por isso, *trarás gravadas em teu coração todas essas palavras que hoje te ordeno* (Dt 6,6). É o memorial da fé israelita que devia ser ensinado e escrito em pequenas faixas, presas nos braços e na frente, a fim de que essa lei estivesse sempre bem presente na mente e no coração de todos.

Além do mais, esse ato de fé será, para Israel, o melhor memorial de que ele, Israel e aquela terra são um dom de Deus. Que jamais esquecesse, portanto, que ele era propriedade de Jahvé; que devia habitar aquela terra sempre como peregrino e forasteiro, jamais como proprietário e senhor.

Diversos são os termos ou verbos que a Sagrada Escritura conhece para expressar a relação que o fiel deve manter com Deus e o culto que deve prestar-lhe, como, por exemplo: obedecer, temer, confiar, rezar, etc., Mas, o verbo amar sempre ocupou, com razão, o primeiro lugar. De fato, é com esse verbo que se expressa a dedicação ou doação total de uma pessoa a outra; uma doação que não admite nem submissão nem fim. Por tudo isso, o amor terá que ser *de todo teu coração, com toda tua mente e com todas as tuas forças* (Dt 6,5).

2. O mandamento de todos os mandamentos (Mc 12,28-34)

O trecho do Evangelho de hoje poderia ser considerado como o coração de toda mensagem de Jesus: a Boa Nova que irá revolucionar todas as relações humanas, seja com Deus seja com o próximo. Nele, Jesus eleva ao sumo a perfeição do mandamento do Amor, visto na primeira leitura.

Depois de muitos encontros e desencontros, por vezes turbulentos, com fariseus, saduceus e escribas, etc., *um mestre da lei aproximou-se de Jesus e perguntou...* (Mc 12,28). Ah! Enfim um escriba diferente! Jesus logo percebe que está diante de um fiel movido de boa vontade; que, em vez de discutir para acusar, em medir e medir-se, condenar ou ter razão e justificar-se, eis, um escriba, preocupado com a questão de todas as questões, a questão fundamental de um verdadeiro religioso: *“Qual é o primeiro de todos os (613) mandamentos”* (Mc 12,28)?

Jesus vê que a pergunta dele é sincera. Por isso, logo lhe responde com as palavras do *Shemá*, que ambos conheciam muito bem e que nós acabamos de ver na primeira leitura. Jesus, porém, logo acrescenta algo que o escriba não

havia perguntado: “*O segundo mandamento é: amarás o teu próximo como a ti mesmo! Não existe outro mandamento maior que esses*” (Mc 12,31).

Eis a novidade: o segundo mandamento não é mais o segundo, mas o outro lado ou outra versão do primeiro. Por isso, Jesus termina dizendo que *não existe outro mandamento maior que esses*. É a boa nova da graça do mistério da Encarnação invadindo o coração dos homens e transformando suas relações. Deus e próximo se fundiram, tão profunda e intimamente que os dois formam o mistério de um *Sacrum Convivium*, de um único corpo, a ponto de onde está um, ali estará também o outro.

Para o cristão, a caridade é a via mais excelente, o caminho para a perfeição. E a caridade é dupla: é amor gratuito para com Deus e amor gratuito para com o próximo. Não se pode, portanto, amar a Deus de verdade sem amar ao próximo, nem amar o próximo em plenitude, sem amar a Deus. O que atesta nosso amor para com Deus é nosso cuidado para com o próximo.

Em sua exposição sobre o Pai-Nosso, São Francisco assim diz:

Faça-se tua vontade assim no Céu como na Terra: que te amemos de todo coração, sempre pensando em ti, sempre te desejando de toda alma; de toda mente, dirigindo a ti todas as nossas intenções, em tudo buscando tua honra e, com todas as nossas forças, investindo todas as nossas energias e os sentidos da alma e do corpo, em obséquio do teu amor e em nada mais. E que amemos nossos próximos como a nós mesmos, atraindo, quanto possível, todos ao teu amor, alegrando-nos pelos bens dos outros como pelos nossos e nos males deles nos compadecendo, e a ninguém causando dano algum.

O escriba do Evangelho acrescenta, ainda, uma observação muito cara a Jesus: que o verdadeiro culto a Deus não tem valor algum, se não for unido, íntima e estreitamente, ao amor de Deus. Por isso, acrescenta: “*amar o próximo como a si mesmo é melhor do que todos os holocaustos e sacrifícios*” (Mc 12,33). Constata-se, assim, que também entre os escribas havia aqueles *que não estavam longe de Deus* (Mc 12,34).

3. Jesus Cristo é o sumo sacerdote que realmente nos convinha (Hb 7,23-28)

A segunda leitura de hoje é tirada da Carta aos Hebreus. O trecho proclamado neste Domingo volta a mostrar a superioridade do mistério sacerdotal de Cristo em comparação com o *dos sacerdotes da Antiga Aliança*. Isso porque, ao contrário desses que, embora muitos, estavam todos sujeitos à morte, Jesus

Cristo, *permanecendo para a eternidade, possui um sacerdócio que não muda* (Hb 7,24). Mas, porque a Carta dá tanta importância ao sacerdócio de Cristo? Porque só *Ele é capaz de salvar para sempre aqueles que, por seu intermédio, se aproximam de Deus. Ele está sempre vivo para interceder por eles* (Hb 7,25).

Mas, o que mais é enobrecido nessa carta não é propriamente a impecabilidade de Cristo. Pois, Ele que é *santo, inocente, sem mancha, separado dos pecadores e elevado acima dos céus* (Hb 7,26); Ele que é *Filho perfeito para sempre* (Hb 7,28), por seu grande e infinito amor-doação, se fez pecado e se ofereceu para salvar os que por seus pecados não podem se salvar. Eis o Cristo, o Ungido, o sumo sacerdote que nos convinha.

Conclusão

A relação, ou melhor, a união entre amor a Deus e amor ao próximo ocupa sempre o centro da mensagem de Jesus e, conseqüentemente, da Igreja e da vida do cristão. Se em sua formulação ele é claro e encantador, sua prática, porém, sempre tem apresentado dificuldades e conflitos. Estar sempre ocupado, como Jesus, com Deus e com os homens, sem nenhuma divisão ou dicotomia, eis o segredo que sempre precisamos amar e buscar.

Alertando sobre a importância da busca desse segredo, nosso Papa Francisco insiste muito na necessidade de sermos

evangelizadores com espírito, isto é, evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Essas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o Evangelho... Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se... Ao mesmo tempo, há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da Encarnação. Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem desculpa para evitar de dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a se refugiar nalguma falsa espiritualidade (EG 262).

O mandamento *Amar a Deus e ao próximo como a si mesmo*, consumado por Jesus Cristo, como o novo princípio que deve trazer o surgimento e a

construção da nova humanidade, foi assim descrito e oferecido como Regra e Vida por São Francisco aos seus Irmãos e Irmãs Seculares:

Todos aqueles que amam o Senhor ‘de todo coração, de toda alma e mente, e com todo vigor’ e ‘amam seu próximo como a si mesmos’, esses odeiam os seus corpos com os vícios e pecados, recebem o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e fazem dignos frutos de penitência: Oh! como são felizes e benditos aqueles e aquelas enquanto praticam tais coisas e nelas perseveraram, porque ‘repousa’ sobre eles ‘o espírito do Senhor e neles fará habitáculo e morada’ (1CF 1-6).

São João Paulo II, por ocasião da virada do Novo Milênio, escrevendo sobre a necessidade de inaugurarmos uma “Civilização do Amor”, assim se expressou: *A própria reflexão dos crentes, nas diversas religiões, torna-se mais propensa a sublinhar que a relação com o único Deus, Pai comum de todos os homens, não pode deixar de ajudar a sentir-se irmãos e viver como tal.*



32º Domingo do Tempo Comum

Leituras: 1Rs 17,10-16; Sl 145 (146), 7.8-9a.9bc-10 (R/1); Hb 9,24-28; Mc 12,41-44

Tema-mensagem: Àquele que se doa, todo e inteiramente a nós, também nós devemos nos doar total e inteiramente a Ele.

Introdução

Na celebração eucarística de hoje, através do testemunho de duas pobres viúvas, a palavra de Deus nos mostra como deve ser vivido e concretizado o maior de todos os mandamentos: amar o Senhor nosso Deus acima de todas as coisas.

1. A fé que transforma o pouco no muito (1Rs 17,10-16)

Quem nos introduz, no modo como devemos viver o mistério desse mandamento, é um trecho tirado do Primeiro livro dos Reis, que poderia ter como título: “a fé transforma o pouco no muito”.

1.1. Um profeta no meio de estrangeiros

A cena começa com Elias, o grande profeta, campeão na defesa de uma fé pura acerca da primazia e supremacia de Jahvé – o único Deus - contra a idolatria e suas consequências. Esse profeta é enviado a estrangeiros: *“Levanta-te e vai a Sarepta dos sidônios e fica morando lá. Eu pedirei a uma viúva de lá que te sustente”* (1Rs 17,9).

Naquele tempo a condição da viúva, assim como a do órfão, era de desprezada, vilipendiada e, se fosse estrangeira, era duplamente menosprezada aos olhos do povo de Israel. Primeiramente, porque, não tendo varão, nada valia, pois não tinha quem a sustentasse ou apoiasse. Em segundo lugar, por ser estrangeira era excluída do “povo eleito”. E é justamente a essa mulher estrangeira, vil, desprezada e marginalizada, que o Senhor envia seu profeta.

O tempo é de grande seca. Por isso, havia escassez de água, trigo, farinha, pão e azeite. Toda essa calamidade tinha uma única causa: o povo de Israel havia se voltado para o culto do falso senhor da fertilidade (Baal), divindade de origem cananeia, traindo assim a fidelidade esponsal com o seu Senhor, Jahvé.

Elias sempre anunciou que Jahvé, por ser o único e verdadeiro Deus, é verdadeiramente o Senhor das chuvas e, assim, da fertilidade; aquele que,

enfim, sacia os famintos. Por isso, Elias replica à aflição da viúva sidônia (fenícia), diante da falta de pão e de azeite: “*Não te preocupes... porque assim fala o Senhor, Deus de Israel: ‘a vasilha de farinha não acabará e a jarra de azeite não diminuirá, até o dia em que o Senhor enviar chuva sobre a face da terra!’*” (1Rs 17,13-14).

1.2. O milagre da fé

O relato presta-se para muitos significados. Primeiramente, se deve destacar a fé na palavra de Deus, tanto de Elias como da viúva. Elias, apesar de todos os sinais adversos, mantém sua fé na palavra do Senhor. Mas, também a decisão dessa mulher, que estava a um passo da morte, se reveste de fé no Senhor, obedecendo confiada e inteiramente na palavra de Elias.

Nessa viúva estrangeira e desprezada, o profeta encontra a fé que não encontrara em Israel; um sinal de que a fé não é, por princípio, um fenômeno particular, restrito a determinados indivíduos, comunidades e povos. A fé é um vigor gratuito que verte do, ou no, coração de todo homem em toda a humanidade. Do abismo das possibilidades da vida, ela pode emergir sempre de novo e em todo o lugar, ali onde se acende a centelha da graça da “boa-vontade”, da vontade boa, per-fazida, da bem-querência. Mais tarde, Jesus, ao ser rejeitado em sua terra, Nazaré, recorda com certa comoção a fé dessa mulher (Cf. Lc 4,25).

A fé daquela viúva consistiu na boa-vontade de confiar no Deus do profeta, que era o Deus de Israel, Jahvé, e de compartilhar com ele o último alimento que ela e seu filhinho tinham para sobreviver. Depois disso, só lhes restava uma coisa: esperar a morte. Eis a grandeza e a força da fé, centelha da doação de Deus, palpitando no coração de sua criatura predileta: o homem e, de modo especial, o frágil, pequeno e abandonado. Grandeza e força que se medem não a partir de quantidade, mas da qualidade e intensidade da boa vontade. É essa força que põe o homem, seja qual for o povo a que pertença, em contato com a fonte da vida – que é inesgotável. Sua medida é a medida do coração (do âmago do ser do homem), onde a fé vige como centelha Daquele que o criou. Um milagre!

2. Cristo, o sacerdote-vítima (Hb 9,24-28)

Como nos Domingos anteriores, também neste, a segunda leitura é da Carta aos Hebreus. O autor procura mostrar que, por duas naturezas, divina e humana, Jesus é o único e verdadeiro sumo sacerdote, realmente eficaz e, diante do qual, o sacerdócio judaico era apenas uma sombra.

O trecho lido começa fazendo menção ao rito do grande dia da expiação (*yonKippur*), que acontecia cada ano. O sumo sacerdote entrava no santo dos

santos para aspergir com o sangue do bode a cobertura da arca e expiar assim os pecados do povo (Cf. Lv 16). Cristo, porém, com sua morte e Ressurreição *não entrou num santuário feito por mão humana, imagem do verdadeiro, mas no próprio céu, a fim de comparecer, agora, na presença de Deus, em nosso favor* (Hb 9,24). O centro dessa perícopes está, portanto, na oferta que, uma vez por todas, Jesus faz de si mesmo ao Pai, até a morte e morte de Cruz, em favor dos homens.

Assim, o que salva, agora, não é mais o sangue de bodes, carneiros e touros, aspergido sobre a arca da antiga aliança; é, antes, o sangue Daquele que foi constituído por Deus seu único e verdadeiro sacerdote (*sacer + dos*: sagrado + dom): seu Filho muito amado. Ele é, assim, uma unidade: sacerdote e oferenda, ofertante e vítima, ao mesmo tempo. Nele, sacerdócio e sacrifício se fundem no grande desejo de fazer a vontade do Pai até a morte e morte de Cruz. Jesus Cristo torna-se, assim, a realização da primeira, da última e da única vontade, desejo ou paixão de Deus: *destruir o pecado pelo sacrifício de Si mesmo...* (Hb 9,26). A destruição do pecado, por sua vez, é a destruição do que destrói; é a aniquilação do que aniquila a vida humana em seu vigor fontal. Do desamor, do “mau-querer”, da desobediência e do egoísmo do primeiro homem, brotara aquela força negativa, privativa, destrutiva e aniquiladora na vida do homem. Agora, ao contrário, pelo amor, pela obediência e pela doação generosa que Cristo faz de si mesmo na Cruz brota o vigor da salvação para o homem.

Assim, nossos pecados não são mais vistos pelo Pai porque estão todos assumidos por Cristo crucificado, seu Filho muito amado, no qual pôs toda sua benevolência, o único sacerdote, a única vítima sem mancha. Foi assim que Cristo cumpriu o primeiro e maior de todos os mandamentos: amou o Pai com toda mente, com todo coração, com toda alma, na superabundância da doação de si e seu próximo, o homem, como a si mesmo.

3. Os “fiéis” das honras e prestígios pessoais e os fiéis da doação total de si (Mc 12,38-44)

O Evangelho de hoje, tirado de Marcos, é como um díptico (dois quadros) ou uma moeda com suas duas faces. De um lado, os doutores da lei - falsos mestres – com sua conduta interesseira e egocêntrica e, do outro, uma pobre viúva, mestra-discípula verdadeira, que dá a Deus tudo o que tem.

Aparentemente, a fé se encontra assegurada no sistema religioso do Templo, dos escribas e responsáveis pelo ensino da Torá (ou da Igreja! diríamos hoje). Por isso, jamais haverá de se esperá-la ou vê-la numa pobre viúva. Mas, Jesus, *sentado no Templo diante do cofre das esmolas, observava como a mul-*

tidão depositava suas moedas no cofre (Mc 12,41). Por essa sua atitude, Ele vê, o que os outros não veem e, por isso, vai ajudar seus discípulos a também olhar além das aparências, para distinguir, nos gestos de doação, os sinais da positividade da fé, da cordialidade e os sinais da mesquinhez interesseira. O que vem acentuado é: *Jesus observava como a multidão depositava suas moedas...*

3.1. Dos pseudo-fieis que amam mais a si do que a Deus

A primeira parte inicia com a advertência muito estranha: “*tomai cuidado com os doutores da lei...*” (Mc 12,38). Mas, deveria ser o contrário: confiar neles, despreocupadamente, uma vez que eles são os guardiães da doutrina, da lei, da religião e dos costumes sagrados.

Na verdade, como pano de fundo desse Evangelho está o ensinamento de Jahvé acerca do grande, maior e primeiro de todos os mandamentos: “*amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma e de todo teu entendimento*” (Mt 22,37). Está, igualmente, seu apelo solene, feito outrora no deserto: “*Escuta, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único*” (Dt 6,4-5). Ora, o que vemos, na primeira parte desse Evangelho, é o contrário: a conduta mais desprezível que se possa imaginar de um religioso. Os doutores da lei, em vez da glória do Senhor, buscam seu próprio engrandecimento: “*Gostam de andar com roupas vistosas, de ser cumprimentados nas praças públicas...*” (Mc 12,38). E o pior de tudo: “*devoram as casas das viúvas, fingindo fazer longas orações*” (Mc 12,39). A exemplo de Adão, fizeram de si mesmos um ídolo, um deus.

Mais uma vez, estamos diante do famigerado “mundanismo espiritual”, de que fala insistentemente nosso Papa atual: em vez da glória do Senhor, buscar a glória humana e o bem-estar pessoal (Cf. EG 93).

Cai muito bem, aqui, a recomendação de São Francisco ao noviço que, a todo custo, desejava ter seu saltério, apenas para sua própria vanglória: *Os santos fizeram obras, e nós, com recitá-las e pregá-las, queremos receber daí honra e glória. Como se dissesse: ‘a ciência incha; a caridade, porém, edifica’* (CAs 102).

Ora, não há pecado maior do que usar Deus, religião ou a pessoa que mais nos ama, para proveito próprio. Daí a conclusão do ensinamento de Jesus à multidão: “*Por isso, eles receberão a pior condenação*” (Mc 12,40).

3.2. Da viúva e sua doação

Vem, então, a segunda parte do díptico: a viúva que, ao contrário dos ricos, que depositaram grandes quantias no cofre do templo, depositou *suas moedas que não valiam quase nada* (Mc 12,42). E foi isso que chamou a

atenção de Jesus. Todos, geralmente, olhamos para o conteúdo ou para o aspecto meramente exterior da esmola, da doação – grande ou pequena, rica ou pobre. Jesus não. Ele olha e observa o “como” ela é feita. Como indica para o modo, isto é, para a dinâmica que nasce do interior, da graça da afeição, do enamoramento.

Ora, diferentemente dos ricos, que davam de sua abundância, de suas sobras, com ostentação e em vista de glórias e benesses, a viúva deu do que lhe era necessário para sobreviver. E, ainda por cima, de modo furtivo, sem nenhuma ostentação, como convém a quem ama de fato! A esmola podia ser pequena, insignificante, mas o dom é total. Enfim, ela dava como Deus dá. Deus não dá como os ricos, de sua abundância, a modo de grande benfeitor; não nos dá do que tem, mas doa a Si mesmo, sua Pessoa, aquilo ou naquilo que Ele é: Deus, Amor, Doação, Compaixão, Misericórdia. Por isso, em se dando todo, pessoalmente a nós, em vez de dar-nos “coisas” ou dons espirituais, nos transforma Nele mesmo: tornando-nos “deuses”.

Na Sagrada Escritura, a figura da viúva se reveste de um significado enigmático. Geralmente, tornava-se uma pessoa abandonada, frágil, vulnerável, angustiada devido ao estado de pobreza e penúria que devia enfrentar, com a perda do marido, sustentáculo da família.

Não é difícil ver nela a figura, primeiramente, do próprio Deus que, abandonado pelo homem, lhe retribui com todo o tesouro de seu coração: o próprio Filho muito amado. Mas, é também a figura da Igreja que, enquanto peregrina nesse mundo, suspira pelo esposo que partiu para junto do Pai. Sua oferta adquire, assim, o profundo significado, não apenas de seu desejo de estar com Ele, mas também de sua fidelidade absoluta e total a Ele.

Por isso, Jesus faz questão de concluir seu ensinamento acentuando que ela – a exemplo de quem casa - “*deu tudo aquilo que possuía para viver*” (Mc 12,44). Eis a réplica ou melhor, a concretização da radicalidade do primeiro mandamento, visto acima. “Deu tudo” ou “amar de todo o coração...” significa um seguimento sem rachas, sem outras afeições, a partir do todo, isto é, daquilo que constitui nosso tudo, expresso por São Francisco com seu famoso “Meu Deus e Tudo”.

O dinheiro, que tanto pode entre os homens, nada pode em face do Reino de Deus. Esse não está à venda. Se assim fosse, os que deram mais moedas estariam em vantagem, em relação à viúva. O que põe alguém em condições de conquistar a dádiva do Reino de Deus é sua boa-vontade, seu bem-querer. Esse, a exemplo da viúva, possui um tesouro que nunca perece, que está garantido para a eternidade. São Francisco foi alguém que soube, como poucos, alcançar e possuir esse tesouro, graças a seu amor pela *Domina Paupertas* (Senhora Pobreza).

Conclusão

Não se segue Jesus Cristo apenas olhando, aprendendo e ensinando seu Evangelho, como o fazem os doutores da lei. Antes, e acima de tudo, é preciso amar o Senhor Deus *com todo coração, com toda alma e com todo entendimento*. Na verdade, na raiz desse mandamento está a identidade mais profunda e derradeira, o modo de ser do próprio Deus. Ele sim é quem nos ama de todo coração, de toda alma e todo entendimento. Exemplo desse seguimento radical e absoluto encontramos na viúva do Evangelho.

Assim, aquela viúva deu mais do que todos os outros porque não deu de suas sobras, mas tudo o que tinha para viver. Por isso, ela passou para a tradição da Igreja como paradigma de todo fiel que, sem saber, sabe amar de coração grande, generoso e sem reservas; sabe amar sem distinguir ou separar o Senhor Deus de seus irmãos, principalmente dos pobres, doentes, necessitados e desvalidos; que, em suas pastorais ou orações, não é capaz de separar o Senhor das pastorais e das orações; que, em suas caridades ou esmolas, não vê outra coisa senão a Caridade e o grande esmolar que é Deus; que sabe, muito bem, que Deus não é para ser compreendido, mas amado; que, enfim, vive daquele fogo do primeiro anúncio dos Apóstolos: *Jesus Cristo te ama, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar* (EG 164). São essas viúvas, esses fiéis, esses religiosos que mantêm vivo o Espírito de Jesus no meio de tantos outros espíritos espúrios que acompanham e maculam a Igreja.



33º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Dn 12,1-3; Sl 15 (16) 5.8.9-10.11(R/.1a); Hb 10,11-14.18; Mc 13,24-32.

Tema-mensagem: Assim como um dia Cristo veio para iniciar o Reino de Deus, sua obra de salvação, no fim dos tempos, virá de novo para levá-los à sua consumação.

Introdução

O fim do ano litúrgico, que se inicia neste Domingo, proporciona à Igreja meditar e celebrar o fim dos tempos, isto é, o sentido de toda história, de toda humanidade e de toda criação. Por isso, poderíamos chamar esse Domingo de “Domingo do fim do mundo”, “Domingo da escatologia evangélica” ou melhor, “Domingo dos Novíssimos”.

1. Uma profecia da vida eterna e da Ressurreição (Dn 12,1-3)

Quem nos introduz nesse mistério, embora ainda um tanto veladamente, é um pequenino trecho do profeta Daniel. Pequeno, mas muito importante e precioso por causa de seu conteúdo. Pois, pela primeira vez, em todo Antigo Testamento, nos é assegurada, como garantia de revelação divina, a existência da vida eterna, da Ressurreição dos mortos.

O nome Daniel, que em hebraico, significa “Deus é meu juiz”, nos leva à contemplação e à grata celebração do julgamento de Deus, tão diferente do juízo humano. O juízo divino se expressa de dois modos. À semelhança do médico, de um lado, ele condena a doença, o pecado; por outro, ele salva o doente, o crente que, pela fé, recebe em si o vigor da justiça divina. Nesse sentido “Deus é meu juiz” é um nome que expressa esperança na salvação divina, não obstante todas as vicissitudes e peripécias da história, em que a injustiça ameaça arruinar o projeto do Reino de Deus.

O personagem do livro, que leva esse nome, tem como missão mostrar que essa confiança no juízo/salvação de Deus não é em vão. Não obstante a imposição do jugo dos imperialismos, seja ele qual for, venha de onde vier: de Nabudonosor, no tempo do exílio babilônico ou de Antíoco, no tempo da colonização grega, o juízo de Deus sempre prevalecerá. Por isso, mesmo nos tempos de angústia, perseguições e decadências, o crente pode e deve fiar-se no juízo de Deus. O homem não tem a palavra inaugural nem a final, definitiva, da história. Ela pertence a Deus.

Muitos são os que, no combate pelo Reino de Deus, foram e são perseguidos. Muitos são *os que dormem no pó da terra* (Dn 12,2) em decorrência dessa perseguição. Por isso, nos tempos da resistência dos Macabeus, tornou-se mais premente, no meio do povo de Israel, a questão sobre o destino final desses fiéis que viveram e tombaram no testemunho da fé. Seriam eles recompensados por tal fidelidade? Outrora, os crentes de Israel esperavam recompensas terrenas. A esses, porém, até essas lhes foram negadas. Seria, então, de se esperar recompensas não terrenas? Mas, o que é justo, permitido ao crente esperar? A revelação divina, contida no livro de Daniel, diz que é permitido ao crente esperar a salvação que vem de Deus, mesmo quando a morte parece ter-lhe fechado toda esperança. Esperar contra toda a esperança! Esse é o ensinamento dos crentes dos tempos passados, dirá, posteriormente, o autor da Epístola aos Hebreus (Cf. Hb 10,23).

O livro de Daniel – “Deus é meu juiz” - diz, pois, que essa esperança não retrocede e não se abate, jamais, ante a morte. Trata-se de uma esperança até então inusitada para os homens de Israel: *Nesse tempo, teu povo será salvo, todos os que se acharem inscritos no Livro da Vida. Muitos dos que dormem no pó da terra, despertarão para a vida eterna, outros para o opróbrio eterno* (Dn 12,1-2). Nascia, assim, entre o Povo de Deus a fé, a esperança na vida eterna e na Ressurreição dos mortos.

Cristo, mais tarde, também usará o eufemismo do sono para explicar que a aparente morte de Lázaro e da menina, filha de Jairo, é um prenúncio da Ressurreição futura. Ou seja, a morte é apenas um sono que aguarda o glorioso despertar em Deus e para Deus.

A revelação fala em despertar para a vida, mas nada diz acerca do conteúdo dessa vida futura ou da felicidade eterna dos ressuscitados. Apenas diz que *brilharão como o firmamento... brilharão como as estrelas por toda a eternidade* (Dn 12,3). A revelação plena acerca da vida após morte ficará para a Boa Nova de Jesus.

2. O único sacrifício de Cristo (Hb 10,11-14.18)

Como nos Domingos anteriores, a segunda leitura de hoje continua sendo tirada da Carta aos Hebreus. E, novamente, o autor tem como objetivo mostrar a supremacia incomparável da autoridade do sacrifício de Cristo, em comparação com todos os sacrifícios do sacerdócio da Antiga Aliança. Neste Domingo, ou melhor nesse trecho, a argumentação gira em torno da multiplicidade dos sacrifícios judaicos e da unicidade do sacrifício de Cristo. A argumentação divide-se em duas considerações.

Primeiramente, o autor mostra que os sacerdotes da Antiga Aliança não têm repouso em seu ofício sacerdotal: sempre de novo têm de realizar os sa-

crifícios expiatórios, tanto para si como para os outros. Trata-se, portanto, de uma oferta que nunca satisfaz e, por conseguinte, nunca termina. Cristo, ao contrário, tendo oferecido uma única vez seu sacrifício, *assentou-se à direita de Deus Pai*. Seu sacrifício deu-se uma vez por todas. “Estar assentado” significa que Ele completou sua obra, levando-a até sua consumação, de modo que não há mais necessidade de repeti-la: seu sacrifício fora perfeito.

A segunda argumentação gira em torno do único sacrifício. Com uma única oferta Cristo mereceu o perdão, a reconciliação de uma vez por todas, para todos e para todo o sempre. Enquanto isso, os sacrifícios levíticos, ao passar dos anos e dos séculos, deviam sempre ser repetidos. Contudo, seu sacrifício era de uma eficácia momentânea, passageira, provisória, deixando seus fiéis sempre afastados de Deus.

Ao contrário, o sacrifício de Cristo purificou seu povo de todos seus pecados, colocando-o de novo em sua justa e devida relação com Deus: a de filho querido. A consequência inevitável é que devem cessar, portanto, todos os sacrifícios prescritos pela lei. Pois, se a remissão de todos os pecados já se efetivou, uma vez por todas e para todos, seria uma ofensa ao sacrifício de Cristo na Cruz buscar a remissão por outros sacrifícios. Daí a conclusão: *De fato, com essa única oferenda, levou à perfeição definitiva os que ele santifica. Ora, onde existe o perdão, já não se faz oferenda pelo pecado* (Hb 10,14-15).

3. Então, verá o Filho do Homem vindo nas nuvens (Mc 13,24-32)

O Evangelho de hoje, tirado de Marcos, faz parte do famoso discurso (um dos últimos) de Jesus acerca da destruição do templo. Sua linguagem, com base em textos do Antigo Testamento, é inteiramente apocalíptica em sua forma, e escatológica em seu conteúdo.

3.1. Do *mysterium tremendum* (mistério que faz tremer).

A perícopre começa com uma cena realmente apocalíptica, aparentemente tenebrosa: “*Naqueles dias, depois da grande tribulação, o sol vai se escurecer e a lua não brilhará mais... e as forças do céu serão abaladas*” (Mc 13,24). A cena é grandiosa porque grande é o mistério e admirável a mensagem aos quais ela quer apontar: o *mysterium tremendum* (mistério que faz temer e tremer), que concerne ao *Dies irae* (Dia da ira), isto é, dia do juízo divino.

São Beda diz que o obscurecimento dos astros se dará porque a luz do Juiz Supremo se manifestará. E, meditando acerca do abalo “das potestades celestes”, lança a pergunta: que farão as tábuas quando as colunas tremem? Que fará o arbusto do deserto quando o cedro do paraíso se dobra? Assim, se o

que há de mais elevado e sublime nos céus (sol, lua, estrelas, forças angélicas) tremem, como não deveriam temer e tremer os homens da terra?

O homem crente é aquele que vive em temor e tremor, isto é, em reverência e veneração para com o mistério de Deus – que não é apenas um *mysterium fascinans* (mistério que fascina), mas também um *mysterium tremendum* (mistério que faz tremer).

Em nossos tempos, quando não crentes e crentes, tomados e dominados pelo fascínio dos bens passageiros, do consumo imediatista, banimos o sentido do mistério, essas palavras podem soar estranhas e espetaculosas. No entanto, elas falam da seriedade do relacionamento do homem para com o mistério da vida, da criação, enfim, com o mistério divino, que é a realidade última da vida e da história humana.

Os Padres da Igreja interpretam alegoricamente as imagens apocalípticas do Evangelho de hoje. A lua sem esplendor significa a Igreja que deixa de refletir os raios de Cristo (S. Ambrósio, Tratado sobre o Ev. de Lucas, 10, 37). As estrelas que caem do céu são os fiéis que brilhavam em graça, mas que acabam se rendendo à “paz e segurança” do mundo (Agostinho, Carta a Hesíquio, 199, 11, 39).

3.2. Jesus, o homem novo aparecerá sobre as nuvens

Feito o anúncio do fim desse mundo, Jesus chega à conclusão a respeito da sua *parousia* (retorno à presença e manifestação final): “*Então, verá o Filho do Homem voltar sobre as nuvens com grande poder e glória. Ele enviará anjos, e reunirá seus escolhidos dos quatro ventos, desde a extremidade da terra até a extremidade do céu*” (Mc 13,26-27).

Em outras passagens se fala em nuvens (Cf. At 1,11). Ventos e nuvens evocam o mistério celeste. Como véu, velam e revelam o mistério do Filho do Homem. Elas são, também, como o horizonte. O horizonte une e divide, ao mesmo tempo, o visível e o invisível, o presente e o ausente. Os discípulos de Cristo tiveram que, primeiramente, aprender a viver na sua presença. Depois, tiveram que aprender a viver na sua ausência.

A experiência da ausência de Cristo (ou de sua presença apenas velada – em mistério) marca profundamente a vida cristã, principalmente nos primórdios do Cristianismo. Essa ausência, porém, mais que mera privação, foi sentida como a contenção do mistério. Assim, Cristo, ao recusar-se por uma presença desvelada, não estava negando sua presença no mundo, na história, mas revelando a nova forma de sua doação. Nela, a modo de sal e fermento, Cristo se doa na subtração e retração do mistério.

Desse modo, o tempo da história é o tempo da ambiguidade dessa recusa que é doação; tempo em que o discípulo de Cristo é chamado a deixar crescer

em si a força da fé, da esperança e do amor; tempo para ansiar por Cristo, como a esposa pelo esposo (Cf. Evangelho das virgens prudentes). Ele é para a Igreja o “mais belo entre os filhos dos homens”. Ele é, simplesmente, o Filho do Homem, o vindouro, o esperado e o desejado, cujo Advento trará o triunfo da justiça no novo céu e na nova terra.

Os sinais que acompanham ou descrevem a cena indicam que o Reino de Cristo é universal. Por isso, “*Ele enviará os anjos dos quatro cantos da terra e reunirá os eleitos de Deus de uma extremidade à outra da terra*” (Mc 13,27). Esse dito do Evangelho enche de consolação os discípulos de Jesus em todos os tempos, levando-os a viver não só de temor e de tremor, face ao retorno de Cristo, mas também de esperança. Nosso encontro definitivo com Cristo será não só como com o Juiz, mas, acima de tudo, como com o Mestre, o Amigo, o Esposo. Eis nossa esperança!

O Evangelho, portanto, em vez de um julgamento ou condenação, por parte de Jesus, quer revelar, antes, e acima de tudo, o final, a consumação de toda história. Essa consumação não será outra senão a aparição de Jesus Cristo Crucificado, o homem novo, o novo Adão, o homem verdadeiramente humano, o homem de todos os homens, o homem universal, que inaugurará um novo céu e uma nova terra. Ele, o Crucificado de Deus, eis a justiça divina! (Cf. 2 Pd 3,13; Ap. 21,1). Esse será seu “poder e seu esplendor”. Nesse poder e esplendor todos poderão se espelhar e se julgar, ver sua verdade e sua mentira. Então, estará implantada a verdade e a justiça acerca do homem e de sua história, o juízo, o julgamento de Deus.

3.3. O Filho do Homem está próximo - Uma lição a ser aprendida

Vem, então, a grande conclusão e a principal mensagem de todo esse discurso: que, pelos sinais realizados por Ele, Jesus, devemos ver que “*o Filho do Homem está próximo*” (Mc 13,29).

Estamos diante do conhecido princípio evangélico, esquecido durante muitos séculos por nós cristãos, mas redescoberto pelo Vaticano II, principalmente pelo Papa João XXIII: “estar atento aos sinais dos tempos”.

Ouçamos, então, a exortação dos Padres conciliares:

Movido pela fé de que o Espírito do Senhor enche o orbe da terra, o Povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, em que participa com outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus (GS 11).

O cristão é o homem do futuro, não no sentido de alguém que fica esperando, passivamente, o futuro que lhe será dado após a morte. É, antes, o ho-

mem que vai construindo, como se fosse definitiva, aqui e agora, sua vida, sua família, sua história, sua casa comum, seu destino. Nada de substancialmente novo temos a esperar.

Mas, também, é verdade, tudo está para ser feito. Ou seja, é preciso que toda criação, toda humanidade faça sua Páscoa, sua passagem do mundo para a esfera de Cristo, no qual todas as coisas serão recapituladas, consumadas, como diz São Paulo (Cf. Rm 8,22-23).

Jesus Cristo é «o Primeiro e o Último» (Ap 1,17). Ele é quem dá à criação e à história seu sentido definitivo (Cf. *Verbum Domini*, 14). No meio das instabilidades da história, o discípulo de Jesus se ancora Nele, a pedra fundamental. Nesse sentido, diz o Papa Bento XVI:

Portanto, a economia cristã, como nova e definitiva aliança, jamais passará, e não se há de esperar nenhuma outra revelação pública antes da gloriosa manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo (Cf. 1Tm 6, 14; Tt 2,13). ... Ele, que nos deu a conhecer Deus (Jo 1,18), é a Palavra única e definitiva confiada à humanidade. São João da Cruz exprimiu esta verdade de modo admirável: Ao dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua Palavra – e não tem outra – Deus disse-nos tudo, ao mesmo tempo e de uma só vez, nesta Palavra única e já nada mais tem para dizer (...). Porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo que é o seu Filho. E por isso, quem agora quisesse consultar a Deus ou pedir-Lhe alguma visão ou revelação, não só cometeria um disparate, mas faria agravo a Deus, por não pôr os olhos totalmente em Cristo e buscar fora Dele outra realidade ou novidade. (VD 14).

Conclusão

O viver cotidiano do cristão é essencialmente escatológico: lutar, trabalhar para que o mundo, a história e a humanidade cheguem à glória do homem novo, do novo céu e da nova terra, inaugurados e conquistados por Cristo Crucificado, em favor de todos e de tudo. Quem compreendeu e testemunhou de modo admirável essa vocação-missão foi São Francisco. Por isso, todos o consideravam como *o homem do século futuro, de um artista consumado* (1C 36-37). Do mesmo modo, também não eram poucas as pessoas que se sentiam interpeladas a romper com sua vida mundana e iniciar um processo de conversão evangélica. *Por isso, a todos propunha uma Regra de vida e demonstrava de verdade o caminho da salvação em todos os graus*” (idem).

Para Francisco, o momento presente, o cotidiano de nossa vida, é de penitência evangélica, isto é, de profunda motivação escatológica, como vemos nesta citação:

E recordem-se do que diz o Senhor: ‘Estai atentos, pois, para que vossos corações não se tornem pesados pela crápula e embriaguez e pelos cuidados dessa vida e vos sobrevenha repentino aquele dia; pois, cairá como um laço sobre todos que habitam a face da Terra’ (RNB 9,14-15).

Em outras palavras, Francisco é o homem que se deixa conduzir por *um espírito novo* (1C 89,6), que o constitui e o transforma em *novo evangelista dos últimos tempos* (1C 89,4), *o profeta do nosso tempo* (2C 54), *um homem novo e do outro mundo* (1C 82). Sua caminhada escatológica culmina no monte Alverne. Lá ele recebe a graça dos sinais do Cristo Crucificado, princípio e origem de toda a escatologia, do novo Céu e da nova Terra, da nova História, o novo Adão, o novo Homem, o Homem de todos os homens: O *Summum Opus Dei* (o Sumo da Obra de Deus). Diante desse testemunho, conclui seu biógrafo:

Nele e por ele, o mundo conheceu uma alegria inesperada e uma santa novidade: a velha árvore da Religião viu reflorir seus ramos nodosos e raquíticos. ‘Um espírito novo’ reanimou ‘o coração’ dos escolhidos ‘e neles derramou’ a unção de salvação ao ‘surgir o servo de Cristo como um astro no firmamento’, irradiando uma santidade nova e prodígios inauditos (1C 89,5-7).

Por isso, para Francisco, tanto a Ordem quanto a Igreja, em vez de viver voltada para si, deveriam ser uma assembleia de penitentes, de crentes em contínuo processo de conversão para a cristidade do Cristianismo, isto é, para o Evangelho, o seguimento de Cristo, virados para Deus; uma comunidade escatológica de *peregrinos e forasteiros*, que vivem em meio às vicissitudes da história, *nada levando consigo a não ser o Cristo pobre e crucificado* (Atos, 4,3).



Solenidade De Cristo Rei

Leituras: Dn 7,13-14; Sl 92(93), 1ab.1c-2.5 (R/.1a); Ap 1,5-8; Jo 18,33b-37.

Tema-mensagem: A Cristo Rei do Universo, o Cordeiro imolado, toda honra, toda glória, toda realeza e toda nossa obediência.

Introdução

Domingo passado, celebrávamos o mistério do fim do Mundo. Neste, com o fim do Ano Litúrgico, celebramos Aquele que, entregando-se ao Mundo, à Humanidade e a toda sua História, levou-os à sua consumação: Jesus Cristo crucificado, o Rei do Universo.

1. Uma visão profética acerca do Filho do homem (Dn 7,13-14)

Quem nos introduz nesse mistério é um pequeno trecho, tirado do primeiro capítulo das visões apocalípticas de Daniel (Dn 7,1 a 12,13). A profecia desse trecho começa falando da “insistência” de Daniel em compreender certa “visão noturna”. Insistir significa encaminhar-se cada vez mais para dentro, para a raiz dos fatos, a fim de ver e contemplar a força originária que sustenta e conduz a vida e a história dos homens. E essa é a característica essencial e fundamental do profeta. Por isso, dentro desse empenho, Daniel *viu entre as nuvens um como filho do homem* (Dn 7,13). Na interpretação cristã dessa narrativa, o Filho do Homem é Jesus Cristo, o Verbo, o Filho de Deus, que se fez carne, isto é, Filho do Homem que veio morar entre nós, na plenitude dos tempos, a fim de levar, assim, a humanidade, a história toda à sua consumação.

Ao dizer que esse Filho do Homem *vinha se aproximando* (idem), Daniel está vendo e profetizando o **como** está se dando o andar final, o perfazer-se, o consumir-se da Humanidade, o vir-a-ser do ser Filho do Homem. O humano de cada pessoa, bem como de todo um povo, de toda a humanidade não existe pronto, feito, nem dá saltos. Mas, de situação em situação, de per-seguição em per-seguição, bem lentamente, vai se tornando cada vez mais próximo de sua identidade futura, do seu fim.

Na visão cristã da história e do mundo, sua meta, seu fim consistem na união de Deus com a Humanidade e de modo tão íntimo que é como a união da cabeça com o corpo. Cristo-cabeça e Humanidade-corpo formam uma unidade íntima, muito mais íntima que a comunhão entre esposo/esposa. Assim,

pela Encarnação, o Filho de Deus se faz Filho do Homem e os filhos dos homens podem se tornar, enfim, plenamente, filhos de Deus. Pela sua Morte-Ressurreição, Ele já realizou em plenitude esse desígnio do Pai, essa obra. Em nós, porém, seu corpo, ainda está em caminho, em busca.

O Filho do Homem, então, *aproximando-se do Ancião de muitos dias, foi conduzido à sua presença* (Dn 7,13). O velho, o ancião, sempre foi tido como figura não só da longevidade, mas também da eternidade; figura Daquele que não está sujeito às limitações do tempo; Daquele que existe antes de todas as origens porque ele é a origem de todas elas. Em termos teológicos, o Filho do Homem, Jesus Cristo, tendo perseverado fiel à vontade do Pai, até à morte e morte de Cruz, com sua Ressurreição e Ascensão, foi reconduzido à sua presença: à presença Daquele que é o princípio e senhor de todas as coisas, de toda humanidade e de toda sua história.

Daniel, assim, está prevendo e anunciando a mensagem central que, mais tarde, ocupará o coração de toda a Boa Nova de Jesus: O Reino de Deus, o Reino do Pai, o Reino dos céus do qual Ele, Jesus, será o Rei, mediante a obediência ao Pai até à morte e morte de Cruz.

São Francisco, no seu Ofício da Paixão, salmo VII, celebra essa realza de Jesus Cristo assim:

Povos todos, batei palmas* jubilai em Deus com vozes de exultação. Porque o Senhor é excelso, terrível Rei * grande sobre toda terra. Pois, o santíssimo Pai do Céu, nosso Rei antes dos séculos * do alto enviou seu dileto Filho * e operou a salvação no meio da terra. Alegrem-se os céus e exulte a terra * comova-se o mar e sua vastidão * alegrem-se os campos e tudo o que neles existe. Cantai ao Senhor um cântico novo * cantai ao Senhor toda terra. Pois grande é o Senhor e mui digno de louvor * é terrível sobre todos os deuses. Trazei ao Senhor, ó família das nações * trazei ao Senhor glória e honra * trazei ao Senhor glória ao seu nome. Erguei vossos corpos e carregai sua santa cruz * e segui até o fim seus santíssimos preceitos. Comova-se ante sua face a terra inteira * proclamai entre os povos que do lenho reinou o Senhor.

2. Um Rei que é do céu, mas que vive na terra e para a terra (Jo18,33b-37)

Como Evangelho, para a celebração do solene mistério desse Domingo, Cristo Rei do universo, nesse ano B, a Liturgia segue o relato de João, mais precisamente, o diálogo de Pilatos com Jesus acerca de sua realza.

2.1. Um rei que reina entregando-se nas mãos dos reis desse mundo

A primeira pergunta de Pilatos a Jesus – “*Tu és o rei dos judeus?*” (Jo18,33) – revela, primeiramente, sua grande preocupação: estarei eu, pensa Pilatos, diante de um possível concorrente, tanto meu como do próprio imperador romano? Mas, sem querer, revela também a essência da identidade de Jesus. Ou seja, o julgamento vai girar em torno dessa única questão: quem é, verdadeiramente, o Rei do universo, da Humanidade e da História? Qual o sentido, o rumo, o amor maior, a paixão da Humanidade inteira? Enfim, a quem nós humanos devemos obedecer, servir e prestar contas? Mas, por outro lado, como crer que um simples e pobre nazareno, sem exércitos, sem armas, sem nenhuma expressão social, política e econômica possa pretender algum reinado? Será ele um rei oculto, de um reinado escondido, camuflado?

Assim, a narrativa de João, mais, ou antes, que um relato meramente histórico, tem um objetivo teológico ou religioso: mostrar aos cristãos a verdadeira realeza de Jesus, à qual todos nós devemos servir e acolher. E quem faz isso é o próprio Jesus: “*O meu reino não é desse mundo*” (Jo 18,36). Ou seja, Ele é rei, sim, mas não como os mandantes desse mundo. Jesus, e seu reino, não pertencem a esse sistema, no qual se movem os governantes da terra como ele - Pilatos - e o próprio César, imperador romano, que se garantem pelo poder da opressão, das armas e da injustiça. Enquanto seu poder vem de baixo, dos homens, o de Jesus vem das nuvens, de cima, do alto, de Deus. Por isso, ao contrário dos governantes desse mundo, que se impõem aos outros, Ele, abandonando toda sua dignidade ou poderio de ser o próprio Deus, se abaixa, se submete, se entrega às mãos, não apenas dos poderosos desse mundo, mas também de toda humana criatura: é o Servo dos servos que lavou os pés dos discípulos, que se confiou ao infiel Pedro e que até ordenou a Judas que fosse providenciar logo sua traição.

Durante toda sua vida, mas principalmente no Nascimento, na Última Ceia e na sua Crucificação, Jesus mostrou em que consiste seu poder, sua autoridade, vigência e a regência de seu reino, de seu reinado: no servir.

Por isso, admoestando seus irmãos, São Francisco, fiel imitador de Cristo crucificado, dizia que nenhum deles devia apropriar-se da prelatura; que os irmãos, que eram constituídos sobre os outros, deviam gloriar-se tanto dessa superioridade quanto estivessem encarregados de lavar-lhes os pés (Cf. Ad 4). Assim, o modo de reinar como servo, ou de servir como rei, é frágil e vulnerável como a criança. Por isso, podemos também definir o poder do Deus de Jesus Cristo como a minoridade de Deus e o Deus da minoridade.

2.2. O reinado da inocência

Pilatos, ansioso por saber se Jesus era rei, ouve dele essa resposta: “*Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus*” (Jo 18,36).

A surpresa para Pilatos não podia ser maior: um rei que se diz verdadeiramente rei, mas que não é desse mundo e que, por isso, não luta, não se arma, não impõe nada a ninguém. Está mais claro que nunca que, para Pilatos, Jesus era inocente. Pois, além de não cultivar nenhuma pretensão a respeito desse mundo – o que era mais sério: não cometera nenhum mal (Cf. Mt 27,23). Pilatos, porém, tomado pela cegueira do poder, com medo de perder o mando, em vez de levar adiante o processo, proclamando a inocência de Jesus, lava as mãos. Torna-se, assim tão culpado, ou mais, quanto os maiores do povo que o entregaram a ele. Enquanto isso, Jesus permanece à sua frente, calmo e soberano nas palavras e nos silêncios. Pela decisão – ou melhor, pela indecisão - do governador romano, Jesus sofre a pena de morte segundo a lei romana, a lei do poder do mundo – a crucificação - e não a pena de morte segundo a lei judaica, que seria o apedrejamento. Por isso, fazendo a memória desse mistério, proclamamos todos os Domingos no “Credo” da Missa: *padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos*.

João, mais que fatos, está proclamando que a morte de Cruz – paradoxalmente, a morte mais ignominiosa de todas – tem um sentido maior: a exaltação e a glorificação divina de Jesus (Jo 3,14; 8,28; 12,32-33). Levantado na Cruz, na sua inocência, Jesus atrai para si todos os homens. Todos, judeus e gentios, podem tornar-se, assim, discípulos de Deus, o Pai (Cf. Jo 6,44). É, enfim, a exaltação do reinado da inocência divina.

Nos dois momentos mais significativos de sua vida – Nascimento e Morte – Jesus aparece nu. É a inocência do poder de Deus. Inocência significa: que não causa dano, que não é nocivo. Inocente é o poder de Cristo, pois, é o poder e a autoridade do vigor do amor, que é totalmente nu, isto é, totalmente despojado, por ser amor que serve; que serve como o menor, na fraqueza e na ternura, no frescor e na nascividade de uma criança. A inocência do poder é a pobreza e a humildade do amor.

Por isso, dizia o Papa Bento XVI que a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração (Cf. EG 14). O proselitismo se impõe, a atração se propõe. Nada, porém, atrai mais do que a bondade, o amor. Por isso, o que mais atrai senão a inocência de um Deus que nasce numa estrebaria, lava os pés dos discípulos, se faz pão e vinho eucaristizados e se doa aos homens até a morte e morte de cruz!?

2.3. Cruz caminho da inocência divina

Jesus Cristo reina, portanto, pela autoridade de sua inocência, de seu coração misericordioso, poderíamos dizer até “mole”, à semelhança do coração de mãe e não do coração de um mandante, semelhante aos senhores e maioraís desse mundo. Na Cruz, como já dissemos, é que essa inocência revela todo seu esplendor. Cruz, porém, não apenas como fato, mas como consumação, radicalidade de uma decisão, ou melhor de um chamado, de uma vocação-missão: o chamado-missão do Pai de restaurar a ordem da criação, rompida pela desobediência de Adão; de redimir o homem de sua autorreferência para colocá-lo, de novo, pela obediência de Cristo, na intimidade (Vontade) do Pai, na Ordem da Caridade.

Por isso, só ao dar o último suspiro, depois de haver percorrido todo o percurso de um Filho do Homem, é que foi reconhecido e proclamado como verdadeiro “Filho de Deus” (Mt 27,24). Só então, recebe sua investidura de Rei e se manifesta o modo de ser do seu reinado: o reinado da inocência, do “não-poder” de Deus, a vigência da jovialidade que jorra da gratuidade do amor, que se doa sem porquê nem para quê, totalmente, consumadamente. É o modo de ser do inocente, do puro, do limpo, do ingênuo, do justo, da criança, do “nêscio” (“ignorante”), dirá São Francisco. Lembremos as tantas insistências de Jesus: “*Se não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus!*”.

Na criança, no pobre, no menor, o mal não vinga, não vai adiante, não cria raízes, não cresce. Morre nela. Esse modo de ser, diz Francisco, é a Vida-Regra-Missão do frade menor. Por isso, os frades, *chamados da Cruz para a Cruz* (Atos, 5,1) deviam carregar o pecado do mundo, serem os lixeiros das mixórdias e maldades da humanidade. Por isso, quando Frei Bernardo foi enviado a evangelizar Bolonha, fundando lá um convento, primeiramente pôs a Regra em seu regaço e a cruz no peito. Depois, foi sentar-se, aplicadamente, todos os dias, na praça da cidade, a fim de receber com alegria as injúrias, os insultos e opróbrios das pessoas que por lá passavam. Bernardo imitava assim, o inocente Cordeiro de Deus que carrega o pecado do mundo. E quando os cidadãos de Bolonha, descobrindo que ele era um religioso, lhe ofereceram uma casa acolhedora, foi se embora, para outra cidade, a fim de recomeçar lá, de novo, sua missão. Quem age assim, na pobreza, na humildade, na fraqueza e na ternura do amor, é verdadeiramente fundador, instituidor; torna-se co-fundador do Reino de Deus na terra, na história, onde quer que ele esteja presente, quando quer que ele atue, isto é, aja e sofra.

Assim, a Cruz que colocamos no alto de nossas Igrejas, nos quartos e salas de nossas casas e carregamos em nosso peito, mais que mero enfeite, deveria soar sempre como um lembrete e convocação para assumir, cada vez

mais e melhor, esse Reinado de Cristo Crucificado em nossas famílias e em nossa sociedade.

2.4. Testemunho da verdade

O diálogo com Pilatos se encerra com essa resposta firme e clara de Jesus: “*Tu o dizes, eu sou rei. Para isso nasci e vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve minha voz*” (Jo 18,37).

Jesus Cristo é o Deus escondido (*Deus absconditus*); o rei oculto de um reino oculto: o reino da verdade. A revelação da verdade, porém, só pode ser dada pelo testemunho mesmo, como Jesus o faz através do seu martírio.

Mas, o reino da verdade não é aqui. Aqui, entre nós, homens, errantes, a não-verdade, antes de ser exceção, é a regra; aqui, entre nós, sucumbimos a tantas ilusões e a tantos enganos, a tantas distorções e a tantas dissimulações; aqui, entre nós, andamos tão errantes, tão desorientados, que encontrar a verdade é sempre uma decisão que requer empenho, sofrimento, luta. Só a muito custo, entre gemidos e lágrimas, é que o homem consegue vislumbrar a verdade, o desvelamento, a claridade da realidade, do real realíssimo. Por isso, o Reino de Cristo, que é o Reino da Verdade, permanece oculto, velado, entre nós. Por isso, o seu Reino não é *desse mundo*, tão prisioneiro da distorção e da corrupção, como também Ele não é um rei *desse mundo*.

3. A última revelação de Jesus Cristo (Ap 1,5-8)

A segunda leitura, tirada do Apocalipse, trata da última revelação de Jesus Cristo. Última, aqui, mais que derradeira, em oposição a outras, principalmente à primeira, tem o sentido de perfeita, consumada, aquela que resume e na qual se fazem presentes todas as demais revelações. O trecho proclamado poderia levar como título: “Saudação a Jesus Cristo, o Rei Soberano de todos os reis do Universo”.

3.1. Uma revelação que salva

A palavra *saudação* (no latim, *salutatio*) contém a palavra latina *salus* que significa, propriamente, saúde. Mas, saúde, mais que a dimensão físico-biológica, indica o estado da existência humana quando nasciva, inteiriça, livre de buscas e procedimentos estranhos, espúrios e, ou, opostos à pureza de sua origem. Assim, a salvação – a verdadeira saúde - operada por Deus, por meio de Jesus Cristo, não é outra coisa senão a recondução da existência humana decaída para a plenitude de reconciliação e comunhão com seu originário, o Pai, e com todas as criaturas: a comunhão universal. É para essa saúde ou salvação que o Apocalipse quer nos reconduzir.

Conhecido, também, como *O livro da revelação de Jesus Cristo* (Ap 1,1), esse livro foi escrito num período muito crítico para os primeiros cristãos, perseguidos cruelmente. Em meio a tantas e tão desumanas tribulações, dúvidas profundas nasciam nos corações dos fiéis: onde está o Reino de Deus que nos foi prometido por Cristo, um reino de paz e de justiça? Onde está seu triunfo sobre a morte e seus inimigos? Nenhuma de suas promessas pareciam acontecer.

Foi para atender, em parte, a essa situação, que Jesus convoca seus eleitos dizendo: *Feliz aquele que lê e aqueles que ouvem as palavras dessa profecia e os que observam as coisas nelas escrita, pois o tempo está próximo* (Ap 1,3).

Vem, então, em forma de anúncio solene e oficial, a razão dessa felicidade: *Jesus Cristo é a testemunha fiel, o primeiro a ressuscitar dentre os mortos, o soberano dos reis da terra* (Ap 1,5). Três títulos numa breve frase e de suma importância:

- Ele é *a testemunha fiel*. Por ter amado e observado a vontade, o amor do Pai, desde o início, mas principalmente através do seu martírio (testemunho) na Cruz, tornou-se a testemunha fiel do Pai para todos os homens. Ele viveu e morreu para que os homens soubessem que Deus é amor e para que aqueles que acolhessem essa revelação se tornassem, também eles, testemunhas fiéis do Amor de Deus, amando-se uns aos outros.

- Ao martírio – Cruz – segue a Ressurreição: *Jesus é o primeiro a ressuscitar dentre os mortos*. Ressurreição, não como prêmio, mas como nova forma de estar junto com seus seguidores e de comungar de suas alegrias e dores, esperanças e angústias e, principalmente, como esperança de que, se Ele ressuscitou, também os que estiverem e perseverarem com Ele haverão de ressuscitar. Nesse, ou por esse título, os fiéis são chamados a se tornar com Jesus os redentores ou reconstrutores da Humanidade e de sua História até o fim dos tempos.

- Segue então o título de *o soberano dos reis da terra*. Se, pela sua inocência testemunhada na Cruz, ele atraiu todos a si, tornando-se o Rei do Universo, todos aqueles que comungarem desse seu caminho – Cruz - se tornarão, também eles, não apenas *um reino de sacerdotes*, mas também, *reinarão sobre toda terra* (Ap 5,10), não como os príncipes desse mundo, mas *como servos menores*, diria São Francisco.

3.2. Olhai, Ele vem!

Jesus Cristo é o Deus que vem! O Deus vindouro! O Deus que vigora no vir, no advir, no sobrevir do reino da Verdade. Mas, para vê-lo é preciso olhar: *Olhai!* (Ap 1,7). Olhar, mais que um voltar nossos olhos para, significa deixar-se tocar, atingir por aquilo que por nós Ele fez: nos amou tanto a ponto de derramar seu sangue para nos libertar de nossos pecados.

O Apocalipse, portanto, dá expressão ao caráter escatológico – definitivo – da mensagem do Evangelho; e, por isso, reinterpreta o nome de Deus como *Aquele que é, que era e que vem* (Ap 1,4; 1,8; 4,8; 11,17; 16,5). Ao mesmo tempo que acena para a imanência de Deus na história, da mesma forma aponta, também, para sua “transmanência” (uma permanência que transcende) e transcendência; Deus é o Princípio e o Fim; o Onipotente, o Santo; melhor ainda, o Santo, Santo, Santo! Deus é, pois, também o futuro do homem, o vindouro, o sentido, o rumo, o encaminhamento da História e da Humanidade.

Conclusão

Numa época em que, mais do que nunca, o homem experimenta o delírio de sua soberba e de seu poderio sobre o mundo e sobre a história, fazendo-se o rei desse mundo, a solenidade de *Cristo Rei do Universo* adquire um significado profético: esse Mundo, essa História, essa Humanidade tem dono, tem um Senhor: Jesus Cristo, Crucificado!

Por isso, com muito acerto, diz o Papa Francisco:

As criaturas desse mundo não podem ser consideradas um bem sem dono: «Todas são tuas, ó Senhor, que amas a vida» (Sab 11, 26). Isto gera a convicção de que nós e todos os seres do universo, sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde (LS 89).

O reinado de Deus sobre todas as coisas proclama também o destino comum de todos os bens desse mundo. Por isso, assevera ainda nosso Papa:

Hoje, os crentes e não-crentes estão de acordo que a terra é, essencialmente, uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos. Para os crentes, isto torna-se uma questão de fidelidade ao Criador, porque Deus criou o mundo para todos. Por conseguinte, toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos... A tradição cristã nunca reconheceu como absoluto ou intocável o direito à propriedade privada, e salientou a função social de qualquer forma de propriedade privada. São João Paulo II lembrou esta doutrina, com grande ênfase, dizendo que «Deus deu a terra a todo o gênero humano, para que ela sustente todos os seus membros, sem excluir nem privilegiar ninguém» (LS 93).

A solenidade de Cristo Rei nos leva ao desafio de inverter essa atitude e, assim, fazer-nos, como Francisco, arautos e servos de tão grande Rei. Além do mais, se as criaturas todas estão sob o reinado e o cuidado de Deus, que é Pai, só nos resta, como ele, cantar: *Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas...* (Cf. LS 87); ou, então, cairmos de joelhos para rezar:

*Nós vos adoramos, santíssimo Senhor Jesus Cristo,
aqui e em todas as vossas Igrejas que estão no mundo inteiro,
e vos bendizemos, porque pela vossa santa Cruz remistes o mundo!*
(1C 45; T4).



Solenidade de São Pedro e São Paulo

Leituras: At 12,1-11; Sl 33 (34); 2Tm 4,6-8.17-18; Mt 16,13-19

Tema-mensagem: Que a fé dos Apóstolos Pedro e Paulo, regada a preço de sangue, reacenda em nossos corações o ardor apostólico originário de cristãos e de uma Igreja “em saída!”

Introdução

Celebramos hoje os *Apóstolos que nos legaram as primícias de nossa fé* (Ant. de Entrada): São Pedro e São Paulo.

1. Na confissão de Pedro nossa confissão (Mt 16,13-19)

O Evangelho da solenidade de hoje, tirado de Mateus, narra, primeiramente, a confissão de Pedro em favor de Jesus e, logo em seguida, a confissão de Jesus em favor de Pedro.

1.1. O diálogo de Jesus

Cf. 24º. Domingo do Tempo Comum

1.2 A confissão de Pedro

Cf. 24º. Domingo do Tempo Comum

1.3. Na confissão de Jesus a alegria da bem-aventurança de Pedro

À confissão de Pedro, segue a confissão de Jesus: “*Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi um ser humano que te revelou isso, mas meu Pai que está no Céu*” (Mt 16,17). A resposta de Jesus é muito significativa! Primeiramente, caracteriza Pedro com a mais expressiva qualificação que Ele próprio, Jesus, faz aos seus seguidores: “Feliz! Bem-aventurado!” (Cf. Evangelho das Bem-aventuras). O termo bem-aventurado indica a plenitude da felicidade, da alegria que nasce da experiência do encontro da graça com a boa vontade. Assim, toda vez que a graça encontra um coração bem-disposto, uma vontade firme e denodada, surge a bem-aventurança, nasce um bem-aventurado, isto é, uma pessoa renovada, feliz, realizada, plena, “satis-feita”. Era o que estava acontecendo com Pedro e seus companheiros naquele momento.

O pensador dinamarquês Kierkegaard considerava, certa vez, o sofrimento de Jesus face aos homens que dele se escandalizavam e que não conseguiam atravessar a prova do escândalo na direção da fé. Proporcional a esse sofrimento era também sua alegria, quando encontrava um coração que se abria à fé. Ele abria os braços e dizia: “Venha a mim!” Assim, muitos Dele fugiam escandalizados, ou pela sua grandeza ou pela sua pequenez (pois era Deus e homem). Por isso, quando Pedro confessa Jesus como o Cristo, o Filho do Deus vivo, grande foi a alegria de Jesus em poder declarar a Pedro “bem-aventurado”. A alegria era recíproca. Em Pedro porque, pela graça, estava frente a frente do próprio Filho de Deus vivo, em carne e osso; em Jesus porque estava diante de alguém que não apenas não se escandalizava, mas cria Nele, no Deus humanado.

A graça da confissão de fé, o conhecimento do mistério de Jesus Cristo como “o Cristo”, o “Filho do Deus vivo”, provinha, portanto, de uma revelação do Pai “que está nos céus”, mediante o Espírito Santo. Não procedia da “carne e do sangue”, isto é, do humano, com seus saberes e ignorâncias, com suas forças e fraquezas, com suas alturas e abismos. Eis, pois, a confissão de fé de Pedro, que será a mesma de Paulo e a mesma de uma multidão de “filhos de Homem” que, ao longo da história, se tornam, por graça do chamado-seguimento, “filhos de Deus”, “comungantes da natureza divina”: “Bem-aventurados!”

1.4.Do nome Simão para Pedro

Em segundo lugar, a graça dessa confissão de fé transforma Pedro por dentro, na raiz. Por isso, Jesus troca o nome que Pedro recebera dos homens, de seus pais e dá-lhe, Ele mesmo, um novo nome, como que dizendo: “Agora, Pedro você não é mais dos homens, mas é meu”. Se o velho nome - “Shimon” (Simão) – que significa “o que ouve”, o “ouvinte”, enfim, o “obediente” é belo para um israelita, muito mais será o novo: “E eu te digo: ‘Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja’”.

O nome grego “Pétros”, que aparece no Novo Testamento, é uma tradução do aramaico “Kephá” (rocha, pedra) e significa, simplesmente: pétreo. Pedro torna-se pétreo para a Igreja, não por si mesmo, mas por estar firmado no fundamento da graça de sua confissão de fé. É essa que funda a Igreja, ou melhor, Pedro é pétreo por estar fundado na Pedra, Naquele que é o confessor dessa confissão: Jesus, o Cristo, o Filho do Deus Vivo.

Nesse sentido, Santo Agostinho comenta que o Senhor não disse “tu és pedra”, mas, “tu és Pedro”. Não a Pedra vem de Pedro, mas Pedro vem da Pedra. Isto é: Simão torna-se Pedro, pétreo, graças à Pedra, que é Jesus, a “Pedra angular”, a quem ele confessou, reconheceu, como sendo o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Isso é fundamental para entender o ministério petrino e a missão que o Papa tem na Igreja de Cristo como guardião da unidade dos discípulos, seguidores de Jesus. Foi a evidência dessa co-pertença de Pedro à Pedra, que é Jesus, que manteve São Francisco numa obediência livre e ao mesmo tempo lúcida, firme e rigorosa, em relação ao Papa, num instante em que, em nome da reforma evangélica do Cristianismo, muitos pretendiam e, de fato, por vezes, se dispensavam dessa obediência. Escreveu ele, na Regra: *Frei Francisco promete obediência e reverência ao senhor Papa Honório e a seus sucessores canonicamente eleitos* (RB 1,3).

1.5. Do poder das chaves e da promessa de Jesus

Junto com o nome novo e com a bem-aventurança, é dado a Pedro um ministério (serviço) especial, expresso com a imagem das “chaves”. “Chave” evoca abertura e fechamento. Diz iniciação (entrada, acesso) e discriminação (diferenciação, discernimento). Chave abre e fecha, liga e desliga (ex. num veículo). Ligar e desligar é como vincular, obrigar e resolver, absolver, dissolver. Tanto o aspecto da abertura (iniciação) quanto o da discriminação (juízo, discernimento) remetem ao conhecimento. Era a partir daí que os Padres da Igreja interpretavam a palavra das chaves. Para São João Crisóstomo as “chaves” representam o conhecimento que dá acesso ao mistério, e para Rabano Mauro como o poder do discernimento.

É graças a esse conhecimento (ciência, sapiência, iluminação), expressado na confissão de fé, que provém da revelação do mistério de Jesus como o Cristo, o Filho do Deus vivo, que Pedro assumiu o primado diante dos demais Apóstolos; e, com ele, recebe a missão de ser pastor universal, guardião da unidade entre todos os que confessam a mesma fé. Esse é o *múnus* (ofício, obséquio) de Pedro que foi estendido ao Bispo de Roma, o Papa, o “servo dos servos de Deus”.

A Pedro, também, é dada uma promessa a respeito da Igreja: *As portas do Hades não prevalecerão contra ela*. “Hades” em grego, diz o mesmo que “Sheol” em hebraico, e “Infernus” em latim. É a força ctônica, subterrânea, da morte. É uma força que devora, traga para o seu abismo negativo, para o nada aniquilador o que é, cresce, vive na terra, da terra, sob o céu. O desafio do homem que vive sobre a terra é, pois, o de não ser devorado e tragado pelo nada negativo, aniquilador, que, na linguagem cristã, chama-se “pecado”, “morte segunda”, “inferno”; e, positivamente, de ser elevado ao “reino dos céus”, que é o reino da luz, da verdade e do amor, da plenitude do ser. O homem está, pois, entre os dois extremos: o céu e o inferno. Por isso, dizia o bem-aventurado Frei Egídio, fiel companheiro de São Francisco: as graças e as virtudes são via e escada que conduz ao céu. O vício e o pecado são, porém, via e escada que precipitam o homem no inferno (DE 1).

2. Paulo, doutor das nações (2Tm 4,6-8.17-18)

A segunda leitura é tirada da Carta de São Paulo, o “Doutor das Nações”, a seu inseparável e fiel companheiro, Timóteo.

O caminho da fé de Paulo, porém, é bem diverso do caminho da fé de Pedro. Se, para Pedro o Cristo da fé nasceu através do encontro com Jesus histórico, para Paulo nasceu de modo direto, isto é, através do encontro com o Cristo da Fé. Isso se deu em Damasco, em sua famosa viagem que tinha como objetivo exterminar os cristãos daquela comunidade.

No Evangelho, celebramos o princípio do chamado e da resposta de Pedro para ser o representante da “pedra angular” na edificação da Igreja. Nessa leitura, celebramos Paulo com o seu fim: *Quanto a mim, já estou para ser derramado em sacrifício, e o momento da minha morte está iminente. Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé...* (2Tm 4, 6-8).

O trecho é conhecido, geralmente, como “o Testamento de Paulo”. E a quota mais significativa de sua herança é de que a vida de um cristão vem marcada pela necessidade de um combate, uma luta, até ser derramado em sacrifício, como numa libação. É nesse combate que se decide se o discípulo de Cristo se torna o que ele, por graça, já é, ou não. Para isso, o cristão tem que correr o curso da vida, com todas as suas vicissitudes e peripécias, com todos os seus reveses, passando, inclusive, pela morte, com Cristo e como Cristo.

Na segunda parte dessa leitura, tomado de emoção e de arrebatamento, diante do mistério que o acompanhou, desde sua conversão até esse momento – o fim – vai exclamando – como que saboreando – seguidamente o nome do seu “Senhor”: “O Senhor, justo juiz” [...]; “Mas, o Senhor esteve ao meu lado e me deu forças” [...]; “O Senhor me libertará...” (2Tm 4,8.17.18). E, como o arauto de uma grande luta, encarregado de anunciar a vitória final, exclama, alto e bom som: *A Ele a glória, pelos séculos dos séculos! Amém!* (2Tm 4,18).

3. A perseguição e o martírio da Igreja (At 12,1-11)

A primeira leitura de hoje, começa anunciando, quase que em tom solene e festivo: *Naqueles dias, o Rei Herodes prendeu alguns membros da Igreja. Mandou matar à espada Tiago, irmão de João...* (At 12, 1).

Lucas não apresenta nenhuma razão, como, também, nenhuma lamentação diante de tamanha crueldade. A explicação é simples. Para o mundo, representado por Herodes, filho de outro Herodes, o Grande, é natural que ele deva perseguir e eliminar Aquele que o persegue e o condena: Jesus Cristo, com seu Evangelho, representado, no caso, por seus seguidores, os membros da Igreja. Também é natural que essa, com seus membros, não tenha outra sorte senão a do Mestre: ser perseguida, martirizada, crucificada. Tudo, portanto,

dentro de suas devidas razões. O que levava Herodes a tais crueldades era agradar seus súditos judeus, aumentar a autoridade política dele, promovendo as tradições judaicas; para os cristãos, porém, as perseguições eram tomadas como graça que o Senhor lhes proporcionava, a fim de se identificarem com Ele pelo testemunho de sua fé. Por isso, a alegria e a gratidão.

Vem, a seguir, a cena da prisão e da miraculosa libertação de Pedro (At 12,4ss). Com essa narrativa, Lucas intenciona mostrar, primeiramente, qual seria a sorte de Pedro se não houvesse, evidentemente, a providência de Deus, com seu milagre. E, em segundo lugar, mostrar a grandeza do próprio milagre. Ou seja, embora os cristãos permanecessem em contínua oração, era-lhes quase impossível crer naquela libertação se não o vissem com os próprios olhos. Tinham, assim, bom motivo para se fortalecerem, também eles, na fé em meio às perseguições que podiam, cedo ou tarde, atingi-los, pelo simples fato de serem seguidores de Cristo. A libertação de Pedro, era, pois, uma prova evidente do grande poder de Deus e de sua presença e ajuda a eles, cristãos, que deviam viver no meio do mundo, com o mundo sem serem do mundo, isto é, no meio das perseguições. Por isso, Lucas termina a narrativa pondo na boca de Pedro esse admirável testemunho: *Agora sei, de fato, que o Senhor enviou o seu anjo para me libertar do poder de Herodes e de tudo o que o povo judeu esperava!* (At 12,11).

Assim, no sucumbir da morte, eles saem vencedores do bom combate. Todo cristão é chamado ao martírio – isto é, ao testemunho – ainda que de modo incruento, isto é, sem derramamento de sangue. Mas, cada cristão é convidado à generosidade de dar tudo de si, de dar seu suor, sua lágrima, seu sangue, para poder testemunhar a força libertadora do Evangelho da graça de Deus, como o fizeram Paulo e Pedro, em Roma.

Conclusão

A solenidade de São Pedro e São Paulo é uma das celebrações mais antigas da Igreja, celebrada já no século I, antes mesmo da celebração do Natal. Isso revela a importância que a Igreja sempre deu ao testemunho desses varões ilustres. Seu martírio está tão profunda e intimamente ligado ao sacrifício de Cristo na Cruz que se tornaram colunas de todo o edifício da Igreja e luminárias para toda a história da “cristidade” do Cristianismo. Cristidade é a fé, o vigor da afeição colhidos e recolhidos ao longo dos anos de convívio com Jesus Cristo. Ela é, portanto, a essência do Cristianismo; é, enfim, o ardor, a paixão do Evangelho de Jesus Cristo encarnado. Pedro e Paulo, cada um a seu modo, testemunham o fogo do mesmo Espírito que nos faz crer e crescer em Jesus Cristo e na Igreja apostólica; é da boca deles que ressoa sempre o

primeiro anúncio: *Jesus Cristo te ama, deu a sua vida para te salvar e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer e libertar* (EG 164).

Seria, pois, grande incoerência, para não dizer uma heresia, e até mesmo uma ofensa ao seu Senhor, um cristão recusar ou maldizer as asperezas da vida e as perseguições que precisa enfrentar por causa de sua fé, venham elas de dentro ou de fora, de sua própria comunidade ou do mundo. Por isso, dizia São Francisco:

Atendamos, Irmãos, o Bom Pastor que, para salvar suas ovelhas, suportou a Paixão da Cruz. As ovelhas do Senhor seguiram-no na tribulação e na perseguição, na vergonha e na fome, na enfermidade e na tentação e em tudo o mais; e disso receberam do Senhor a vida sempiterna. Por isso, é grande vergonha para nós, servos de Deus, que os santos tenham feito obras e nós queiramos receber glória e honra apenas por citá-las (Ad 5).

A solenidade de hoje nos enseja também a celebração do “Dia do Papa”, o grande pai, o pai comum de todos os católicos e, por extensão, o pai de todos os homens, representado hoje, na pessoa do Papa Francisco. Nem sempre, na história, a figura do Papa foi bem compreendida e bem vivida. Quem nos dá um belo exemplo, nesse sentido, é São Francisco. Diferentemente de outros fundadores de Ordens, que o antecederam, é o primeiro a ir a Roma para prometer diretamente obediência, isto é, fazer sua consagração religiosa, nas mãos do Papa. Tudo isso acontecia porque Francisco, iluminado pelo Evangelho, em sua simplicidade humilde e humildade simples, via no Papa o próprio Jesus Cristo. Pensava ele, então: se Jesus Cristo, outrora, se entregara ao seio da Virgem Maria, aos seus algozes na Cruz e a todos nós, hoje, no pão eucarístico, também ele devia, humilde e obedientemente, entregar-se nas mãos do Vigário de Cristo, o Papa.



Assunção de Nossa Senhora

Liturgia da Palavra: Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab SI 44; 1Cor 15,20-27a; Lc 1,39-56

Tema-mensagem: Na elevação de Maria ao céu, na incorruptibilidade de seu corpo e de sua alma, também nós e toda criação, somos elevados para junto do Criador, o bendito Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Introdução

Celebramos hoje umas das mais belas e admiráveis maravilhas que Deus operou numa de suas criaturas, a mais predileta: o mistério da Assunção de Maria, Mãe de Jesus.

1. Um grande sinal no Céu - uma mulher vestida de sol (Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab)

Quem nos introduz no mistério dessa solenidade é São João que, em seu Apocalipse, descreve a seguinte visão: *Abriu-se o Templo de Deus, que está no céu, e apareceu no Templo a arca da Aliança. Então, apareceu um grande sinal: “uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas”* (Ap 11,19).

Os místicos cristãos sempre viram nessa mulher tanto a nova Eva, Maria, a nova mãe da nova Humanidade, como também, e principalmente, o antigo e novo Povo de Deus, a Igreja. Essa mulher é envolta numa grande contradição. De um lado, vem adornada como rainha, com adereços celestes (a lua, o sol, as estrelas). Por outro lado, tem de enfrentar as dores de um parto e a perseguição de um grande Dragão, postado à sua frente e pronto para devorar-lhe o Filho, logo que esse nascesse.

Está aí, muito bem descrita, uma visão dialética da realidade existencial da Igreja: um complexo de grandeza e de miséria, de alegria e de angústia, de luz e de sombra. Assim, a uma cristologia do Filho do Homem, da Cruz, corresponde, sempre e da mesma forma e com o peso da mesma tradição, uma mariologia e um eclesiologia também do Filho do Homem, da Cruz. No Filho dessa Mulher, e nela mesma, se cumpre, portanto, o protoevangelho, isto é, o vaticínio mais arcaico do Cristo na Escritura: o anúncio da vitória de Cristo sobre a “antiga serpente” (“Satanás”: o adversário, o acusador), isto é, sobre a soberba diabólica e todas as forças inimigas de Deus. Uma pensadora de nos-

nos tempos, Gertrud von Le Fort, num livrinho intitulado “A mulher eterna”, evoca essa decisiva participação da mulher no mistério da salvação, incluída no dogma da Igreja Católica:

A Igreja, na doutrina do sacramento do matrimônio, não só compara a mulher – cada mulher - com ela mesma, a Igreja, mas ela também glorificou uma mulher como Rainha do Céu e a chamou de ‘Mãe do Redentor’, de ‘Mãe da divina graça’.

A Assunção de Maria contém, assim, e expressa um sentido de salvação (sentido soteriológico), tanto para a Igreja (sentido eclesiológico) como para toda a criação (sentido escatológico).

2. A assunção de Maria consumação da Ressurreição (1Cor 15,20-27)

A segunda leitura de hoje, tirada da primeira epístola de Paulo aos Coríntios, nos faz mergulhar no âmago desse mistério salvífico de Cristo e de sua Mãe: *Com efeito, visto que a morte veio por um homem, é também por um homem que vem a Ressurreição dos mortos: assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos serão vivificados* (1Cor 15,21). Há, pois uma ordem no mistério da salvação operada por Deus: primeiro, Cristo. Ele é primícia dos que adormeceram na morte, isto é, princípio do novo mundo; depois, os que são de Cristo, isto é, os que a ele pertencem. A Ressurreição de Cristo é a morte da morte. É, pois, o triunfo definitivo da vida. Desse triunfo devem participar os que “são de Cristo”. Entre esses, assim confessa a Igreja, em primeiro lugar, vem sua Mãe: Maria. Nela, a participação na Ressurreição já se consumou. Mas, como para Cristo a Ressurreição marca não o fim, mas um novo começo de sua presença e missão, também para Maria, sua Assunção significa uma nova maneira de fazer-se presente no meio da Humanidade. Foi assumta para, assim com seu Filho ressuscitado, poder fazer-se presente em todos os lugares e momentos da história dos homens. Não seria esse o significado de tantas aparições suas ao longo da história!?

3. Maria e seu Magnificat (Lc 1,39-56)

Para marcar essa solenidade, a Igreja escolhe o Evangelho que narra, primeiramente, o encontro de Maria com sua prima Isabel, grávida de João Batista e, depois, seu famoso “Magnificat”.

3.1. **Maria partiu, apressadamente, para a região montanhosa**

Em seu anúncio, o mensageiro celeste dera um sinal a Maria: sua prima, Isabel, avançada em idade e estéril, também daria à luz um filho. Assim, ela teria certa razão para crer que para Deus nada é impossível.

A subida apressada de Maria pelas montanhas da Judeia, indo ao encontro de Isabel é contemplada pelos Padres da Igreja num clima claro-escuro e com um sabor agrídoce. Para Crisóstomo, Maria precisava aliviar sua aflição: sua ida para junto de Isabel serviria para ocultar seu segredo e, assim, não ser ultrajada e incriminada não apenas ela, mas principalmente seu Filho, que nasceria como um bastardo. Assim, junto a Isabel, encontraria um refúgio para ambos: para ela e o Filho vindo de Deus. Por outro lado, outros, como Ambrósio, ressaltam a alegria de Maria. *Já, cheia de Deus, para onde devia ela ir, senão para as alturas?* – pergunta Ambrósio. Sua pressa é um sinal da graça: a graça do Espírito Santo, o amor, não conhece demoras, diz ele. Como cordeiro saltitante sobre os montes, o Senhor vem ao encontro do seu povo, trazido no ventre de Maria, que corre leve, ágil e pressurosa, ao encontro de Isabel.

Somos, então, convidados a contemplar o encontro de Maria com Isabel. É o encontro de duas mulheres grávidas, no qual se revelam, nesse momento, duas profetizas. Falam inspiradas pelo Espírito Santo. Isabel sentiu a vinda de Maria e, ao mesmo tempo, João, a vinda do Cristo. O nome “João” evoca o “filho da graça”. Como tal, alegra-se com a vinda do gracioso Salvador, Jesus.

A graça insinuou coisas que eram escondidas à natureza, diz um comentador grego. O véu do mistério não obstruiu a mística visão, que não acontece com os olhos da carne, mas do espírito. Com a saudação de Maria, Isabel ficou cheia do Espírito Santo e pronunciou uma palavra de bênção. A que outrora se envergonhava, agora se alegra e bendiz. Maria, aquela que o mensageiro divino saudou como “plenificada de graça”, é a bendita entre as mulheres. Bendita de uma maneira singular, pois só ela é mãe de um fruto divino, que se fez carne.

Contemplando esse mistério, assim se encanta e canta São Francisco na Introdução de todas as Horas do Ofício, que compôs para celebrar a Paixão do seu Senhor: *Santa Virgem Maria, entre as mulheres não há nenhuma nascida no mundo semelhante a ti, filha e serva do altíssimo Rei Pai celestial, mãe do santíssimo Nosso Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo* (Antífona, vv. 1-2). Assim, bendita pelo Arcângelo Gabriel e por Isabel, Maria é digna de veneração pelos Anjos e pelos homens. Por isso, a Igreja não cansa de repetir, principalmente no princípio, no meio e no fim de cada dia “Ave Maria” e de, nas litânicas, evocá-la e invocá-la com vários títulos de honra: também com o de “Rainha assunta aos Céus!”

3.2. Bendita és tu e bendito o fruto do teu ventre

“*Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!*” (Lc 1,42). Eis a palavra de bênção que Isabel dirigiu à Maria! Palavra dita por inspiração, por espírito profético. Teofilato, autor bizantino, diz que esse “e” significa “porque”. Assim, podemos entender que Maria é bendita por causa do fruto celestial que ela carrega em seu ventre. Enquanto na ordem da natureza a mãe é a causa da bênção para o filho, aqui é o inverso: o Filho é a bênção para a mãe.

3.3. E, então, Maria começa a enaltecer seu Senhor

Maria, então, tomada pelo Espírito Santo, exulta de júbilo: “*A minh'alma engradece ao Senhor, e exulta o meu espírito em Deus, meu salvador!*” (Lc 1,46). Em Maria tudo é obra do Espírito do Senhor. Por isso, ela não diz “Eu”, mas *minha alma enaltece o Senhor*, isto é, sua vida misteriosa. Maria não é mais (nunca fora) dona de si mesma. Assim, considerando a imensidão e a profundidade do mistério divino, ela não se contém: exulta, rejubila!

Orígenes comenta: primeiro, a alma engrandece o Senhor, para depois alegrar-se em Deus. Pois, se antes não crermos, não podemos nos alegrar. Assim como Maria, também a Igreja pode e deve exultar no Espírito Santo, por causa de Deus, seu Salvador; também a Igreja gera Jesus Cristo para o mundo. Ambrósio diz: se, segundo a carne, uma só é a Mãe de Cristo, segundo o espírito, isto é, segundo a fé, ele é o fruto de todos os crentes. Por isso, São Francisco dirá, bem mais tarde, que nós *somos mães de Jesus Cristo quando o levamos no coração e em nosso corpo por amor divino e de consciência pura e sincera e assim o damos à luz pela santa operação que deve brilhar* [1CF 10].

3.4. O Senhor olhou para a humildade de sua serva

Maria continua dando o motivo de sua exultação: “*porque ele pôs os olhos sobre a humildade da sua serva*” (Lc 1,48). A humildade, os humildes e pequenos atraem, apaixonam Deus porque ao vê-los eles tocam na fibra mais profunda de sua identidade, revelada por Jesus Cristo, principalmente no presépio, na Cruz, na Eucaristia: sua compaixão, sua misericórdia.

Num sermão, atribuído a Santo Agostinho, a humildade é exaltada como mãe de Deus e escada para o homem ascender ao céu: *Oh verdadeira humildade, que pariu um Deus para os homens, deu aos mortais a vida, renovou os céus, purificou o mundo, abriu o paraíso e libertou as almas dos homens. A humildade de Maria se converteu em escada para subir ao céu, pela qual Deus baixou à terra.* Na mesma tonalidade, também nos instrui Frei Egídio:

Todos os grandes bens que aconteceram foram feitos pela inclinação da cabeça, assim como se manifesta na Bem-aventurada Virgem, no publicano, no santo ladrão e em muitos outros (DE 4).

3.5. Grandes coisas fez o poderoso por mim

No verso 49, a pergunta pelo motivo da sua exultação, Maria encontra uma nova resposta: *“porque fez por mim grandes coisas o Poderoso, e santo é seu nome, e a sua misericórdia é de geração em geração para os que o temem”*. Que coisas grandes são essas de que fala Maria? A criatura dá à luz o Criador, a serva gera o Senhor (!), diz um sermão agostiniano. Que o pequeno seja acolhido pelo grande isso é natural. Mas, que o Grande se deixe acolher pelo pequeno isso é coisa grande, inaudita, admirável, santa. A humildade de Deus é coisa grandiosa! Por isso, dizia o Bem aventurado Egídio: *Ninguém pode chegar ao conhecimento de Deus senão através da humildade* (DE 4). É que, conhecimento de Deus, na verdade, é assemelhação/assemelhar-se a Ele, Nele e com Ele: tornar-se como Ele é. Maria conheceu Deus – isto é, uniu-se a Ele – tornando-se como Ele é, na sua humildade. A humildade de Deus encontrou uma acolhida perfeita na humildade de Maria.

Maria chama Deus de “o Poderoso”. Já o Arcanjo a tinha recordado: *nada é impossível a Deus*. Ele é capaz de transformar a impossibilidade em possibilidade.

3.6. O poderoso é santo.

Aquele a quem Maria chama de “o Poderoso” é santo. Maria diz: *“e santo (é) seu nome”* (Lc 1,49). A palavra para “santo”, aqui, em grego, é *hágion*, que significa “digno de temor”, no sentido da veneração, por ser transcendente, separado, livre, solto em si mesmo (absoluto), leve, desprendido da terra. Por isso, também, do seu poder de gravidade prende, segura, sustenta os homens. Em sua santidade, porém, Deus não despreza o humano, antes o ama com terno e visceral amor, com amor de Pai. *“E sua misericórdia (é) de geração em geração, para os que o temem”* (1,50), isto é, para os que o veneram em seu mistério de grandeza e de santidade. Aqui, é nomeada a misericórdia de Deus. Misericórdia é o amor que brota das “entranhas” de Deus e que se revela no rosto de Jesus. Amor “visceral”, matricial e paterno! Amor que gera e cuida com ternura. Esse amor permanece imutável, inabalável, indeclinável, perpassando toda a história da humanidade. Não se limita a essa ou àquela geração. De geração em geração ele abraça os que o veneram no mistério de sua grandeza e santidade. Por isso, diz nosso atual Papa: *Jesus é o rosto da misericórdia do Pai*. Assim, mais humano será o homem quanto mais miseri-

córdia despertar, pois a misericórdia é a linguagem mais universal, mais que a caridade, pois ela é a mãe da caridade, do amor.

3.7. **Dispensou os soberbos de coração**

A atuação do poder de Deus continua sendo cantada por Maria: “*dispensou os soberbos de coração*” (Lc 1,53). Observemos que Maria não fala de qualquer soberba, mas da soberba que atingiu o âmago mais profundo do homem. São aqueles que, mais do que das coisas desse mundo, estão cheios de si mesmos, de sua própria santidade, virtudes, sabedoria, mas vazios de Deus e dos seus semelhantes, como aquele fariseu que orgulhosamente rezava de pé: “*Ó meu Deus, eu te agradeço por não ser como os outros homens que são ladrões, injustos, adúlteros... Jejuo três vezes por semana, pago o dízimo de tudo o que possuo*” (Lc 18,11). Deles dizia João Batista *raça de víboras* (Lc 3,7) e o próprio Mestre: “*fariseus, hipócritas*” (Mt 23,15). São os que se consideram a si mesmos como sábios e entendidos (Cf. Mt 11,25). Na verdade, esses são os mais miseráveis dos homens porque nada se encontra em seus corações senão suas próprias vaidades e, por isso, condenados eternamente à infelicidade do vazio, da ausência do encontro.

Falando desse tipo de cristão, assim se expressa Lutero:

Os ricos são os inimigos menores; os poderosos são os maiores. Mas, esses sábios superam tudo. Eles provocam os outros. Os ricos destroem a verdade entre eles próprios; os poderosos a expulsam dos outros; mas os sábios a extinguem completamente e introduzem outra coisa: suas próprias pretensões, para que não tenha chance de se reerguer. Quando a verdade em si é melhor que os seres humanos, nos quais mora, tão piores são os sábios do que os poderosos e ricos. Com razão, Deus resiste especialmente a eles (*Magnificat, o Louvor de Maria, Martin Lutero, pág. 92*).

3.8. **Derrubou do trono os poderosos e elevou os humildes**

Maria continua enaltecendo o Senhor: “*Derrubou do trono os poderosos e elevou os humildes*” (Lc 1,52). Se antes, Deus dispensou os soberbos, agora vai destituir de seus tronos os poderosos desse mundo. A lógica é a mesma: como aqueles também esses estão vazios de Deus e de seus semelhantes e, por isso, não tem nenhuma autoridade sobre os outros, senão a da força, da violência, da coerção. Mas, Deus não derruba logo esses poderosos. Ele é paciente e misericordioso. Não deseja jamais que alguém se perca (Cf. Pd 9). Permite, por isso, que eles mesmos vão cavando o vazio de suas covas. Quem sabe, assim, um dia, como aconteceu com Saulo de Tarso, com os romanos, São Fran-

cisco e tantos outros, através do contato com os pobres, que eles maltratam e perseguem, descubram neles o Cristo e seu Corpo, a Igreja, e se convertam.

Maria não diz que Deus irá acabar com os tronos, mas que irá derrubar deles os poderosos. Como, também, não diz que deixará os humildes na humildade, mas que irá elevá-los. Deus não veio destruir a ordem humana, mas temperá-la com o sal de sua sabedoria e fortalecê-la com o vigor de sua misericórdia.

A esse respeito, assim se expressa Lutero:

Enquanto a terra existir, tem que haver autoridade, governo, poder e tronos. Mas, Deus não tolera por muito tempo que abusem deles e os usem em oposição a Ele, para praticar injustiça e violência contra os piedosos. Do mesmo modo, Deus também não destrói a razão, a sabedoria e a justiça. Pois, tem que haver razão, sabedoria e justiça para que o mundo possa subsistir. Mas, destrói a arrogância e os arrogantes que usam esses belos dons de Deus em proveito próprio... e perseguem com eles os piedosos e a justiça divina, abusando dessa forma dos belos dons de Deus contra Deus (idem, pág. 92).

São Francisco, ao organizar sua Ordem, não extinguiu os cargos, mas proibiu que fossem exercidos como autoridade ou poder. Por isso, dizia que ninguém devia chamar-se de *prior*, *mas, nesse gênero de vida, todos deviam chamar-se de irmãos menores; e que um devia lavar os pés dos outros* (RNB 5).

A mesma coisa é dita de outro modo no verso 53: “*os famintos, ele os cobriu de bens, e os ricos, despediu-os de mãos vazias*” (Lc 1,53).

3.9. Lembrou-se de sua misericórdia

O cântico de Maria termina recordando a fidelidade de Deus à sua aliança com Abraão e, por conseguinte, com Israel. “*Veio em socorro de Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia*” (Lc 1,54). “Israel” está, aqui, como representante de toda Humanidade. Dizer que Deus se lembra de sua misericórdia significa dizer que Ele confirma sua fidelidade, que sua promessa não ficou sem cumprimento. Em Maria e em Jesus as promessas feitas por Deus a Abraão, o pai dos crentes e à sua descendência, se realizaram. Todas as nações são abençoadas e agraciadas com a benção da fé no filho de Abraão, Jesus. A salvação se torna, agora, universal.

Assim, se a misericórdia é a fibra mais profunda do coração de Deus, toda vez que alguém, pelo fato de ser criado à sua imagem e semelhança, usar de misericórdia estará contribuindo para elevar a humanidade e a criação ao

sumo de sua perfeição, felicidade e alegria. A Perfeita Alegria que nasce da Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo de que fala São Francisco! (Cf. Fi 8).

Conclusão

Maria, encontrou a consumação de sua vocação-missão pela sua coparticipação, *de corpo e alma*, no mistério da morte e da Ressurreição de Jesus Cristo, seu Filho. Por isso, hoje, é assumida plenamente no mistério do Deus uno e trino: Pai e Filho e Espírito Santo.

Quem compreendeu bem esse mistério foi São Francisco. *Abraçava com amor indizível a mãe do Senhor Jesus, porque fez do Senhor da majestade nosso irmão e, por ela conseguimos a 'misericórdia'* (LM 9,3). Além do mais distinguiu-a também com essa bela saudação: *Ave, ó Senhora, santa Rainha, Santa Mãe de Deus, Maria, que és virgem feita Igreja. Eleita pelo santíssimo Pai do Céu, a quem consagrou com seu santíssimo dileto Filho e com o Espírito Santo Paráclito* (SVM)

Finalmente, para ver bem a participação de Maria nesse mistério em benefício do momento atual da humanidade, ouçamos nosso Papa Francisco. Depois de dar-lhe o honroso título de “Rainha da Criação”, escreve:

Maria, a Mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna desse mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora Se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas desse mundo exterminadas pelo poder humano. Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam sua beleza. É a Mulher «vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça» (Ap12, 1). Elevada ao céu, é Mãe e Rainha de toda a criação. No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a plenitude da sua beleza. Maria não só conserva no seu coração toda a vida de Jesus, que «guardava» cuidadosamente (Cf. Lc 2,51), mas agora compreende também o sentido de todas as coisas. Por isso, podemos pedir-Lhe que nos ajude a contemplar esse mundo com um olhar mais sábio (LS 240).



Santa Clara

11 de Agosto

Leituras: Os 2,16.17b.21-22; Sl 44; 2Cor 4,6-10.16-18; Jo 15,4-10

Introdução

Entre os seguidores de Cristo, poucos são os que se irmanaram, tão profundamente, em torno de um único e mesmo carisma, como São Francisco e Santa Clara. Duas almas gêmeas, nascidas e florescidas da mesma raiz, da mesma fonte, da mesma graça: o encontro com a paixão de Jesus Cristo pobre e crucificado. Por isso, na tradição cristã, quando se fala de Francisco fala-se também de Clara e vice-versa; quando se pensa num, pensa-se também na outra, quando se segue o primeiro segue-se também a segunda. A União é tão profunda que Clara chegou a denominar-se: *broto de São Francisco* (1B 4,6; BCL).

1. Jahvé, o Deus-esposo invencível na misericórdia e reconciliação (Os 2,16b.17.21-22)

Quem nos introduz no mistério que envolveu e tomou conta de Santa Clara é a primeira leitura da Missa desta Festa, tirada do profeta Oséias. O trecho proclamado começa com um *Por isso, a atrairei, conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração* (Os 2,16).

O “por isso”, não é outra coisa senão a infidelidade de Israel à sagrada e inviolável fidelidade de Jahvé. Por tudo o que Israel aprontara, prostituindo-se com o culto dos ídolos dos pagãos, deveria ser abandonado e condenado sem nenhum perdão e misericórdia. No entanto, o contraste, entre a justiça humana e a dos deuses pagãos com a justiça de Javé, é coisa inaudita. Eis o “por isso”, a causa do amor misericordioso de Deus.

No intuito de mover e comover de novo o coração de seu Povo, ele mesmo, o próprio Senhor, passa, então, a recordar-lhe onde foi que Ele o encontrou e de onde fora tirado por Ele: da escravidão do Egito, do deserto, da solidão, do “Não-Povo”, para fazê-Lo “Povo eleito”, “Povo de Deus”; recorda-lhe os dias felizes dos esponsais divinos em que Israel não conhecia nenhum outro Deus senão e tão somente a Ele. Agora, portanto, chegara a hora de esquecer Baal e retornar ao seu primeiro amor, *como nos dias de sua juventude, nos dias de sua vinda da terra do Egito* (Os 2,17).

A perícopete termina assegurando o sumo de felicidade a que uma esposa pode esperar: *e tu conhecerás o Senhor* (Os 2,22). Mais que um saber meramente racional, conhecimento, aqui, significa um processo de profunda comunhão e identificação com a pessoa amada, de modo que o sentir, o querer, o pensar, o sofrer, etc., Dele, do próprio Deus, passa a ser o sentir, o querer, o pensar e sofrer dela, a esposa e vice-versa.

Exemplo de alguém que, ao contrário de Israel, foi introduzida no gozo desse sagrado casamento, e se manteve sempre fiel, foi Santa Clara. Podemos, com toda razão, referir a ela esta amável e calorosa exortação à sua coirmã, a santíssima Virgem Inês de Praga. Depois de considerar que aquela sua coirmã havia desprezado todas as pompas e honrarias de um grande casamento, escreve:

desprezastes tudo e, com todo o ânimo e afeto do coração, escolheste, antes, a santíssima Pobreza e a penúria do corpo, aceitando um esposo de estirpe mais nobre, o Senhor Jesus Cristo, que guardará vossa virgindade sempre imaculada e intacta.

Ao amá-lo, sois casta;

Ao tocá-lo, sereis mais pura;

Ao recebê-lo, sois virgem (1CCL).

2. Permanecer em Jesus como Ele permanece no Pai (Jo 15,4-10)

No trecho do Evangelho de hoje, Jesus, usando a figura da videira e dos ramos, dá a conhecer o sentido maior, primeiro e último de toda sua evangelização.

2.1. Jesus a videira e nós seus ramos

Para os antigos israelitas a videira era árvore sagrada, messiânica (Cf. Mq 4,4; Zc 3,10). Sua imagem evocava a “Árvore da Vida”, plantada no meio do jardim originário (paraíso), isto é, no coração da boa vontade, do bem-querer de Deus; da mesma forma, evocava, também, o Povo de Israel, propriedade de Deus. É sua alegria, seu amor, sua paixão. Por isso, dele o Senhor cuida continuamente e espera seus frutos. E, no entanto, seu amor não é correspondido. *Dela esperava inocência e veio sangue, retidão e veio o grito de pavor* (Is 5,7). Ela deu maus frutos, espinhos, frutos degenerados (Cf. Jr 2,21). Mostrou-se uma videira não genuína, falsa.

Vem, então, a exortação central dessa perícopete: *“Permanecei em Mim e eu permanecerai em vós!”* (Jo 15,4). É tão forte e claro esse desejo que, nesse pequeno trecho de apenas oito versos, Jesus usa por onze vezes o verbo

permanecer. A aspiração de Jesus, apesar das inúmeras infidelidades daqueles seus discípulos, não podia ser mais contundente e cordial. Ele sabia muito bem que sem Ele, haveriam de sucumbir imediatamente. Por isso, explica-lhes como é essa comunhão: *“Do mesmo modo que o sarmento não pode produzir fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim”* (Jo 15,4).

Exemplo claro de quem deu tudo de si para permanecer intimamente junto com seu Senhor e esposo, foi Santa Clara, como podemos ler nesse testemunho:

Era-lhe familiar o clamor da Paixão do Senhor, a ela que, ora exauria das sagradas chagas afeições perfumadas de mirra, ora fugia aos gozos mais doces. Embriagavam-na veementemente as lágrimas de Cristo padecente, e a memória reproduzia com frequência Aquele que o amor lhe gravara fundo em seu coração. Ensinava às noviças a chorar Cristo Crucificado e, junto com o que ensinava pelas palavras, exemplificava pelos fatos. ... Entre todas as horas do dia, para imolar-se com o Senhor imolado, era mais tocada de compunção na Hora Sexta e Noa (LCL 30).

2.2. A permanência e seus frutos

Os sarmentos estão na cepa. Mas, eles em nada contribuem com a cepa. Ao contrário, dela é que recebem a seiva, a vida. É assim que nós estamos em Cristo e Cristo está em nós: nós estamos Nele como recebedores da vida e Ele está em nós como doador de modo que toda a obra do amor que produzimos é fruto da vida, da graça de sua presença que atua em nós. Por isso, não diz: *“pouco podeis fazer”*, mas *“nada podeis fazer sem Mim”*. Mais ainda, separados Dele nos tornamos ramos secos. Só em Cristo nossas obras alcançam um sentido e uma vigência de eternidade.

Santa Clara explica o dever dessa frutificação divina assim:

Com quanta solicitude, pois, com quanto empenho da mente e do corpo devemos guardar os mandamentos de Deus e de nosso pai, a fim de que, com a cooperação do Senhor, restituamos multiplicado o talento! Pois, o próprio Senhor nos constituiu forma, exemplo e espelho, não somente para outros, mas, também, para nossas Irmãs que o Senhor convocou para nossa vocação; isto para que também elas sejam espelho e exemplo para as pessoas que vivem no mundo. Uma vez que o Senhor nos chamou para coisas tão grandes, oxalá possam se espelhar em nós aquelas que são espelho e exemplo para os outros. Portanto, muito temos de bendizer e louvar a Deus e confortar-nos mais amplamente ain-

da no Senhor para fazer o bem. Por isso, se vivermos segundo a forma predita, deixaremos para os outros um nobre exemplo e conquistaremos o prêmio da bem-aventurança eterna com um brevíssimo labor (TCL18-23).

3. Cristão, aquele que deixa brilhar em sua vida a luz da glória de Cristo crucificado (2Cor 4,6-10.16-18)

A segunda leitura é um trecho da Segunda Carta aos Coríntios. Paulo começa: *O Deus que disse: 'brilhe a luz no meio das trevas' foi o mesmo que brilhou em nossos corações para fazer resplandecer o conhecimento de sua glória que resplandece no rosto de Cristo (2Cor 4,6).*

A glória, a luz que é Deus, resplandeceu de modo pleno em Cristo, principalmente em sua crucificação e que, por sua vez, brilhou nos Apóstolos e em todos os seus seguidores. Entre esses, destaca-se Clara, fiel discípula de Francisco, assim testemunhada pelo seu biógrafo:

Pois, já tinha começado a existir a Ordem dos Frades quando essa senhora foi convertida para Deus pelos conselhos do santo homem, servindo assim de estímulo e modelo para muitas outras. Foi nobre de nascimento e muito mais pela graça; virgem no corpo e puríssima no coração; jovem em idade, mas amadurecida no espírito. Firme na decisão e ardentíssima no amor de Deus. Rica em sabedoria, sobressaiu na humildade. Foi Clara de nome, mais clara por sua vida e claríssima em suas virtudes (1C 18-19).

Assim, ser cristão, a exemplo de Francisco e Clara, é tomar nossa finitude e fragilidade não como desgraça, mas como graça. Os vasos de argila sentem-se honrados porque guardam preciosos tesouros e perfumes que elevam a alma. Quanto mais, portanto, não deveria sentir-se honrado o ser humano que, apesar de toda sua fragilidade, carrega em seu íntimo o precioso tesouro da glória de Deus: o Filho muito amado do Pai: Jesus Cristo crucificado. Por isso, dentro dessa dinâmica, Paulo termina convocando o crente a voltar-se para o Último, o Definitivo: *pois sabemos que, se a nossa morada terrestre, que não passa de uma tenda, vem a destruir-se, nós temos um edifício, obra de Deus, uma morada eterna nos céus que não é feita por mãos de homem (2Cor 5,1).*

Conclusão

Deus, o princípio de toda criação é Luz. Viver com Ele e Nele é viver na luz. O contrário, como fez Adão, é viver nas trevas da mentira. Deus, porém, compadecendo-se dessa decadência, enviou seu Filho como Luz para iluminar

todos os homens que vem a este mundo. Mas, para isso é preciso que o homem aceite Jesus, se converta a Ele como o fizeram São Francisco e Santa Clara.

Para Santa Clara, Jesus Cristo crucificado, como no caso de São Francisco, a fascina, a atrai, absorve-lhe todas as forças, no grande desejo de unir-se a Ele, de ser carne de sua carne, osso de seus ossos. Essa era para Clara, a vida franciscana, a vida em pobreza, a Vida Religiosa consagrada. Nesse sentido, o seguimento de Jesus Cristo crucificado era radical, isto é, a raiz de todas as coisas.

Por isso, ‘a essência da vida das Pobres Damas é, antes de qualquer outra coisa, amar uma pessoa, Jesus Cristo, como resposta ao seu amor’. Trata-se de entregar-se a Cristo. Ela não quer possuir outra coisa que não seja Cristo (Cf. LCL 13). Sem sombra de dúvida, a pedra angular de todo o edifício religioso, de toda a vida espiritual de Clara e de suas Irmãs, é de estarem ligadas com afeto pessoal a Jesus Cristo, amor esse ardente e apaixonado. Por causa de Cristo, perto de Cristo, junto de Cristo, se realizam todas as suas experiências e se constrói sua vida em sua totalidade (*Fontes Franciscanas*, p. 1329).

Essa realidade, aqui denominada *afeto pessoal* a Jesus Cristo, podemos vislumbrar nas palavras do Cântico dos Cânticos:

Coloca-me como marca de ferro, queimado sobre teu coração, como marca sobre teu braço! Porque o amor é forte como a morte, e a paixão é implacável como a sepultura: suas centelhas são centelhas de fogo, labaredas divinas. Águas torrenciais não conseguem apagar o amor, nem rios podem afogá-lo (*Fontes Franciscanas*, 1329-1340).

A tradição franciscana gosta de lembrar um momento muito expressivo dessa familiaridade: a visita consoladora que Clara teve do Senhor na noite do Natal.

Oprimida pelas enfermidades, fora deixada sozinha em casa, enquanto todas as demais Irmãs foram para a celebração solene das Matinas. E eis que, de repente, aquele admirável concerto, que se fazia na Igreja de São Francisco, começou a ressoar em seus ouvidos. Ouvia o júbilo dos frades salmodiando, escutava as harmonias dos cantores e percebia até o som dos órgãos... Em verdade, o que elevou todo esse oráculo foi que ela se fez digna de ver o próprio presépio do Senhor. De manhã, ao chegar as filhas, disse-lhes a Bem-aventurada Clara: “Bendito o Senhor Jesus Cristo

que, deixando-me vocês, Ele não me deixou. Ouvei, realmente, pela graça de Cristo, todas aquelas solenidades, celebradas nessa noite na Igreja de São Francisco” (LCL 29).

Tão admirável milagre levou a Igreja a proclamá-la “Padroeira da Televisão”.

Clara, como Francisco, há oitocentos anos atrás, fez o que nosso Papa, vem repetindo com tanta insistência: *Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar* (EG 3).



Solenidade do Seráfico Pai São Francisco 4 de Outubro

Leituras: Eclo 50,1.3-7; Sl: 15,1-2a.5.7- 8.11; Gl 6,14-18; Mt 11,25-30

Tema-mensagem: São Francisco, o grande convertido por Cristo para viver seu Evangelho, mestre e exemplo na restauração da Igreja, da Humanidade e da Criação

Introdução

Como no passado, também hoje, a Igreja precisa ser renovada, a Humanidade restaurada e a Criação amada, protegida e defendida. Mas, quem nos servirá de *exemplo e modelo*, quem será nosso mestre nesta ingente e urgente missão (LS 10)? “São Francisco de Assis!”, responde nosso Papa Francisco. Na alegria e no júbilo, façamos, pois a memória desse admirável Santo que o Senhor nos deu! Um Santo que não é mais nem de Assis nem da Itália nem da Igreja católica, mas de toda a Humanidade e até mesmo de toda a Criação.

1. Começar por onde ele começou (Eclo 50,1.3-7)

Fazer de São Francisco modelo e exemplo de renovação e restauração significa, antes e acima de tudo, acolher a inspiração originária que o levou a feitos, obras, vitórias e glórias que cantam, encantam e admiram, ainda hoje, homens de todas as raças e credos. Por isso, precisamos começar por onde ele começou e não por onde ele terminou.

Segundo seus biógrafos, desde cedo ardia em Francisco o desejo de tornar-se grande, ilustre, conhecido e valioso para si e sua cidade, sua gente. Através de um misterioso sonho, porém, sentiu-se chamado a trocar os senhores desse mundo pelo “Senhor” de todos os senhores (Cf. LTC 6). Posteriormente, na capelinha de São Damião, ajoelhado diante de uma bela e expressiva imagem do Crucificado, ouviu Dele essa honrosa vocação e ingente missão: “*Francisco, não vês que minha casa está se destruindo? Vai, pois, e restaura-a para mim*” (idem, 13).

Desde então, o júbilo nascido desse encontro, dessa eleição e missão passou a ser não apenas a luz, mas também a paixão de sua vida. Falando desse mistério, assim se expressam seus biógrafos:

Desde aquela hora, seu coração de tal modo ficou ferido e derretido ante a memória da Paixão do Senhor que, sempre enquanto viveu, levou em seu coração os estigmas do Senhor Jesus, como posteriormente apareceu claramente pela renovação dos mesmos em seu corpo, admiravelmente realizados e clarissimamente demonstrados (LTC 14).

Também São Boaventura nos conta como o grande Papa Inocêncio III viu no Pobrezinho de Cristo o cumprimento de uma visão cheia de enigma. Num sonho, o Pontífice vira a Basílica do Latrão *prestes a ruir. Mas, um homem pobrezinho, pequeno e desprezado a sustentava, com as próprias costas por baixo para não cair.* E, São Boaventura conclui seu relato atestando que o Pontífice, ao ver esse pobre, Francisco, disse: *É esse, na verdade, aquele que sustentará a Igreja de Cristo com obras e doutrina* (Legenda Maior 3,10).

Por isso, a primeira leitura de hoje, com justiça, coloca Francisco na companhia do grande Simão, um importante sumo sacerdote que, em seu tempo, comandou a restauração do Templo e fortificou a cidade de Jerusalém. Assim, a exemplo daquele homem de Deus, também Francisco aparece a nossos olhos *como a estrela da manhã no meio da nuvem, como a lua nos dias em que ela está cheia, como o sol resplandecendo sobre o Santuário do Altíssimo, como o arco-íris brilhando entre nuvens de glória* (Eclo 50,6-7).

Comentando essa passagem, o dominicano Mestre Eckhart diz que essa palavrinha **como** deve ser entendida no sentido de advérbio, isto é, como o *modo de ser de quem está junto do verbo*. E lembra que, na Sagrada Escritura, Jesus Cristo é chamado de o Verbo por excelência: *No princípio era o Verbo* (Jo 1,1). Daí, então, ele tira uma lição muito bela e importante para nós: todo cristão deve ser um advérbio, isto é, uma palavra que deve viver junto do Verbo. Alguém que, aos poucos, através de seu seguimento, busca encarnar o “como” de Cristo: ser “da mesma forma que” Cristo, “do mesmo modo ou jeito que” Cristo. E quem, depois de Nossa Senhora, mais e melhor percorreu esse caminho e alcançou a mais perfeita “assemelhação” com Ele senão São Francisco?!

Comentando tão inaudito mistério, assim se expressou o Papa Pio XI:

Parece que jamais houve homem algum em quem brilhasse mais viva a imagem de Jesus Cristo e em quem fosse mais semelhante a forma evangélica de viver do que em Francisco. Por isso, ele, que se havia denominado o ‘Arauto do Grande Rei’, foi com razão proclamado Outro Cristo, por se ter apresentado aos contemporâneos e aos séculos futuros como um Cristo redivivo; e, como tal, ele vive ainda hoje aos olhos dos homens e continuará a viver por todas as gerações futuras (Enc. *Rite expiatis*, 30.04.1926; AAS 18, 1926, p. 154).

A mesma lição nos é dada pela “estrela matutina”, que é a mesma “estrela vespertina”. E Mestre Eckhart comenta, de novo: mais que todas as estrelas, essa estrela está sempre igualmente próxima do sol; nunca está mais distante ou mais próxima do sol, nem mais nem menos. Ora, não foi assim com Francisco?! Ele foi o que seu próprio nome, “Francisco”, diz: um homem “franco” (“Francisco” vem de França > francês > franco) isto é, franqueado, desimpedido, desprendido, livre. E toda sua liberdade se consumou em desvencilhar-se do mundo e de seus senhores, para estar tão só e unicamente vinculado, preso a Cristo e sua missão pelo amor ardente, semelhante ao ardor dos serafins. Assim, Cristo, o Homem perfeito, o Homem de todos os homens, o Senhor de todos os senhores, o único Homem confiável, era o Sol que iluminava e acalentava Francisco na busca de seu novo humano; o humano que se estende a todos os homens e, até mesmo, às mais ínfimas criaturas. Por isso, as acolhia, todas, sem discriminação, com a carinhosa distinção e afetuoso trato de “irmãos” e de “irmãs”.

2. Mensageiro das odoríferas palavras do seu Senhor (Gl 6,14-18)

Assim, Francisco, pela sua familiaridade com Cristo e com seu Evangelho, tornou-se pleno de Deus, pleno de sua claridade e de sua força, passando a sentir e a ver também cada criatura como sendo plena, cheia de Deus e de sua Palavra.

Era assim, pois, que Francisco ouvia e lia a Palavra de Deus: o Verbo **incriado**, no qual todas as coisas foram criadas; o Verbo **encarnado**, no qual tudo foi recriado e santificado; o Verbo **crucificado**, no qual todas as coisas foram reconciliadas: o céu e a terra, o invisível e o visível.

Mergulhado em Deus, através de Jesus Cristo crucificado, Francisco sentia e via todas as criaturas como crias e crianças de Deus. Estando para além do mero uso, do mero consumo ou utilidade das coisas, ele as sentia e via, como crianças, partindo da sua origem - o Pai comum – como meninos e meninas, a sair de seu lar familiar. Por isso, a modo de criança, ele brinca, se encanta e canta com cada uma delas, chamando-as, por exemplo, de “meu Irmão Fogo”, “minha Irmã Água”, “meu irmão Lobo”, etc. É dessa “assemelhação” que fala São Paulo, na segunda leitura da Missa de hoje: *Quanto a mim, não pretendo jamais gloriar-me, a não ser na Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo*; é dessa “assemelhação”, também, que nasce e floresce a marca, o modo de ser, a identidade mais profunda, a glória maior do cristão, tão bem assinalada pelo mesmo São Paulo: *De agora em diante, ninguém mais vai me molestar, porque trago em meu corpo as marcas de Jesus Cristo crucificado* (Gl 6,17). Dentro desse mesmo sentimento, falou o Papa Francisco,

na homília de sua primeira Missa, como novo Pontífice, diante de todos os Cardeais eleitores: *Se não confessamos Jesus Cristo, as coisas não avançam!* Também recordou que não se pode anunciar Jesus Cristo sem a cruz: *Quando caminhamos sem a Cruz [...], não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres, cardeais, papas, mas não seguidores do Senhor!* (14/03/2013).

Por isso, não é à toa que a tradição franciscana sempre viu São Francisco muito ligado ou próximo de São Paulo. À exemplo desse, também o jovem cavaleiro de Assis, no caminho das Apúlias, foi derrubado do cavalo *do mundanismo da glória humana e do bem estar pessoal* (EG 93); também Francisco, como Paulo, foi escolhido para tornar-se *administrador e mensageiro das odoríferas palavras do seu Senhor, que é o Verbo do Pai, e as palavras do Espírito Santo, que são Espírito e Vida* (Cf. 2CFi). E assim, ele e seus companheiros, *indo pelo mundo, como 'peregrinos e forasteiros', nada levando consigo a não ser Cristo crucificado, [...] faziam grandes frutos nas almas, pois eram verdadeiros ramos da videira viva* (Atos 4).

3. A sabedoria dos pequeninos e dos pobres (Mt 11,25-30)

Enquanto o homem do mundo procura construir e consertar o mundo pela pseudo-sabedoria da soberba e da prepotência, quando não pela violência e pelas armas, Cristo propõe a sabedoria da loucura da Cruz (Cf. 1Cor 1,18), do “não-poder”, da “não violência; a sabedoria dos pequeninos e dos pobres, tão bem decantada por Ele mesmo no Evangelho de hoje: *“Eu te louvo, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos!* “ (Mt 11,25).

Cristo, o maior, o máximo, o mestre se *abreviou, se apequenou* (VD 12), se fez menor, o mínimo, o servo, o discípulo. Aquele que não cabe no universo inteiro coube num coxinho de estrebaria e, depois, nos braços de uma cruz e num pedacinho de pão. Essa é a sabedoria da nova Escola, da nova Ordem, inaugurada por Cristo com seus Apóstolos e redescoberta por Francisco; a sabedoria que salva, restaura e redime o humano de todos os homens de todos os tempos. Sabedoria que significa Caminho, Escola, Ordenamento (Ordem) onde o homem se exercita e se ordena para ser, de novo, filho no Filho; para fazer-se menor com o menor, mínimo com o mínimo, irmão e *servo de toda a humana criatura* (RNB 16).

Por isso, Mestre Eckhart, num sermão pronunciado na festa de São Francisco, relembra que ele é louvado por essas duas coisas: a verdadeira pobreza e a verdadeira humildade.

Pobreza que não significa um vazio, uma carência, uma lacuna ou ausência de, mas o júbilo de ter encontrado a riqueza, o tesouro de sua vida:

o *Meu Deus e Tudo* (Atos 1), o *Pai nosso que está nos Céus* (LTC 20). Por isso, Francisco em vez de lamentar-se ou considerar-se pobre ou empobrecido, sempre se teve como a pessoa mais feliz, realizada e rica da terra. Deus é o seu próprio. Por conseguinte, a ele – Francisco - pertence também tudo o que é de Deus: o céu e a terra e tudo quanto neles há. E dele são também os anjos e os santos e tudo quanto é deles: em Deus ele tem Tudo.

Também a virtude da humildade evangélica ou franciscana, antes de ignorância, fraqueza, timidez, inferioridade, subserviência, significa ser tomado pelo vigor que nasce da gratuidade do encontro, do amor. Dessa virtude - a humildade - pela qual São Francisco é muito conhecido e louvado, diz um mestre na Espiritualidade Franciscana:

A humildade é o vigor do céu e da terra! O vigor do céu e da terra é grande, imenso, inesgotável e sereno; terno e carinhoso, tudo envolve na sua transparência cordial! De nada se apossa, tudo deixa ser na inocência nasciva da admiração! Vigor singelo e simples, variegado e uno, vivo e criativo, jovial e profundo que a todos serve com alegria! É seguro e firme como a bondade do pai, solícito, benigno e delicado como o olhar e o toque da mãe! (Frei Harada).

Duas conclusões e uma prece

Não será esse o modo de ser – o Reino do Céu! - do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo? O modo de ser Dele mesmo, o nosso Mestre? *“Aprende de mim, pois sou manso e humilde de coração!”* Não será esse o modo de ser do seu Sopro Sagrado – caminho – a sabedoria que o cristão precisa amar e seguir para reconstruir a Igreja; modo de ser, caminho, sabedoria, ordem que o homem de hoje precisa adotar, se quiser realmente restaurar seu humano, o humano de todos os homens; se quiser, também, reconstruir sua Casa Comum, a Criação!?

Mas, para que isso aconteça, é preciso recordar que São Francisco, antes de um ambientalista ou pacifista, foi um convertido. Uma conversão que nasce e floresce da alegria do encontro com a Boa Nova de Jesus Cristo crucificado; uma conversão que nos leve a exclamar e implorar com ele e como ele:

*Altíssimo e glorioso Deus,
ilumina as trevas do meu coração:
Dá-me Senhor uma fé reta, uma esperança certa
e uma caridade perfeita, senso e conhecimento
para que realize teu santo e veraz mandato. Amém (OC).*



Solenidade de Todos os Santos

Leituras: Ap 7,2-4.9-14; Sl 23 (24); 1Jo 3,1-3; Mt 5,1-12

Tema-mensagem: Jubilosos e agradecidos, celebremos a santidade de Deus no testemunho de seus santos e bem-aventurados.

Introdução

Em cada página da Sagrada Escritura, Deus revela o quanto deseja e faz para tornar-nos todos felizes, santos e bem-aventurados como Ele é feliz, santo e bem-aventurado. Muitos obtiveram essa graça de modo extraordinário e, como tais, foram declarados oficialmente pela Igreja. Mas, hoje, além desses, fazemos a memória também daqueles que testemunharam Cristo e seu Evangelho através de uma vida humilde e escondida e que, por isso, jamais foram vistos e reconhecidos como tais. Eis a maravilha, a graça desse Domingo: Solenidade de Todos os Santos.

Nossas reflexões vão ater-se a algumas passagens da exortação apostólica do Papa Francisco, *Gaudete et Exultate*, sobre “o chamado à santidade no mundo atual” (19/03/2018).

1. Uma profecia que se faz realidade (Ap 7,2-4.9-14)

Quem nos introduz nessa solenidade é o apóstolo São João: *Vi uma multidão imensa de gente de todas as nações, tribos, povos e línguas... todos traziam a marca do Deus vivo e estavam de pé diante do trono do Cordeiro com suas vestes brancas e palmas na mão* (Ap 7,9).

Todos esses “servos de Deus” - assim são chamados os membros dessa multidão - são obras consumadas do Espírito Santo de Deus e da sua graça justificante e santificante. Isso porque levam a assinatura reconhecida, sancionada de Cristo; porque, como Paulo, Francisco e muitos outros, foram marcados com as chagas do Cristo da fé. Nas vicissitudes da história, eles combateram o bom combate, passaram pela “grande tribulação”. E, nessa passagem, tiveram o espírito purificado. Pelo desprendimento foi-lhes dada a graça da comunhão na pureza do ser de Deus; alcançaram a limpidez do ser no seu sentido ontológico. E isso chama-se santidade.

A vocação à santidade, portanto, mais que resposta a uma simples tarefa, é uma convocação ao ser do nosso ser. A partir de sua comunhão e participação no mistério da Encarnação do Filho de Deus, que se uniu à nossa humanidade, cada homem deve tornar-se o lugar da revelação do amor, isto é,

da jovialidade e da gratuidade da caridade que é Deus. O homem que perfaz a via excelente dessa caridade (Cf. 1Cor 13), comunga da pureza do ser de Deus. *Ser santo é deixar-se possuir por Deus sem o mínimo direito de posse* (O Livro de Marina, Frei Adelino Pilonetto).

2. O presente de sermos filhos de Deus (1Jo 3,1-3)

Na segunda leitura da Missa de hoje, o mesmo apóstolo João explicita assim essa beatitude: *Vede que grande presente de amor o Pai nos deu: de sermos chamados de filhos de Deus! [...] E nós já somos filhos de Deus, mas ainda nem sequer se manifestou tudo o que seremos...* (1Jo 1,1-2).

A esperança de vermos a Deus e de sermos transformados Nele, sim, de sermos “cristificados”, “deificados”, é o que nos torna santos, isto é, pacientes ou padecentes de sua Paixão em meio à “grande tribulação”. Pois, *todo aquele que espera Nele purifica-se a si mesmo, como também Ele é puro* (1Jo,1,3). Orígenes explicava etimologicamente a palavra “santo”, através da palavra grega *hágios*, que significa ser “distanciado da terra”, do mundo. Assim, através desse processo de paciência ou padecimento, vamos nos tornando espírito (limpidez da liberdade) e em espírito poderemos ver a Deus.

São Francisco de Assis, na primeira de suas 28 “Admoestações”, que a tradição franciscana chama também de “Bem-aventuranças franciscanas”, diz que o *Espírito é Deus, e a Deus ninguém jamais viu. Por isso, Ele não pode ser visto senão no espírito* (Ad 1,5-6). Isso significa que Deus é inacessível; que não há como a criatura, a partir de si, chegar-se ao seu criador, o amado conhecer o amor. Só há, pois, uma única possibilidade: Ele tomar a iniciativa para vir e dar-se a conhecer a nós. E é o que fez e vem fazendo desde a criação do mundo. A última dessas iniciativas, o sumo de todas, dá-se em sua Encarnação, que culmina na Cruz.

Só assim, a partir de Deus, na acolhida da graça, é que o homem passa da possibilidade impossível para a impossibilidade possível da beatitude da filiação divina. Enfim, o homem só pode conhecer Deus à medida que se torna Deus. Nesse caso, conhecer, aqui, significa bem recebê-Lo para assemelhar-se a Ele. E isto é, sem mais e nem menos, “co-nascer” com Ele, entrar na vida eterna, ser tomado por ela, a bem-aventurança eterna do homem, como diz João: *Ora, a vida eterna é que eles te conheçam a Ti, o único verdadeiro Deus, e aquele que enviaste, Jesus Cristo*” (Jo 17,3).

A santidade é o tesouro em vaso de barro (2Cor 4,7). Por isso, o seu fazer-se em nós não exclui, antes inclui nossa fragilidade. Mais que de heróis ela é coisa de pecadores. Por isso, diz nosso Papa Francisco: *Não desanimes, porque tens a força do Espírito Santo para tornar possível a santidade e, no*

fundo, essa é o fruto do Espírito Santo na tua vida (cf. Gl 5,22-23). Quando sentires a tentação de te enredares na tua fragilidade, levanta os olhos para o Crucificado e diz-Lhe: ‘Senhor, sou um miserável... A santidade não te torna menos humano, porque é o encontro da tua fragilidade com a força da graça’ (GE. 15; 34).

Enfim, é na fraqueza que a graça consoma em nós sua força (Cf. 2Cor 12).

3. O Caminho da Beatitude celeste (Mt 5,1-12)

À semelhança da abertura de uma grande ópera, a perícopé do Evangelho de hoje marca o início do primeiro e grande discurso de Jesus: o famoso “Sermão da Montanha” ou das Bem-aventuranças. Como novo Moisés, Jesus sobe a montanha, isto é, para junto de Deus. E assim, a partir Dele faz o anúncio e o lançamento dos princípios básicos, pétreos da constituição do novo Povo de Deus; o anúncio do caminho que o levará à verdadeira felicidade.

Seu ensinamento não vem de baixo, da lei, do homem, mas do Alto, do Amor. É revelação divina! Por isso, diante das multidões e dos discípulos, vendo chegada a hora de dar início a obra que o Pai Lhe confiara, exclama: *“Alegrai-vos e exultai...”* (Mt 5,12). É desse tríptico – Jesus, multidões e discípulos - que surgirá o novo Povo de Deus, *um Povo que o conheça na verdade e o sirva santamente* (LG 9) - a Igreja: sacramento do Reino dos Céus no mundo e para o mundo.

Segundo o Papa Francisco, as bem-aventuranças *são o bilhete de identidade do cristão no qual encontramos o que e o como fazer para chegar a ser um bom cristão* (GE 63). Mas, faz questão de acentuar, também, que *essas palavras de Jesus, não obstante possam parecer até poéticas, estão decididamente na contracorrente ao que é habitual, àquilo que se faz na sociedade; e, embora essa mensagem de Jesus nos fascine, na realidade, o mundo conduz-nos para outro estilo de vida* (idem, 65).

3.1. “Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o reino dos Céus”

A primeira palavra que sai da boca de Jesus arrebatava os corações daquelas pessoas sofridas, maltratadas, injustiçadas e, por vezes, desesperadas: *“bem-aventurados...”*. Sim, felizes, felicidade! Quem dela não precisa, quem não a quer, não a deseja e por ela não lute, não brigue e até, por vezes, não faça guerras?

Mas, logo vem um grande questionamento, pois Jesus continua... *“os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus”* (Mt 5,3). Como crer numa felicidade que se assenta na pobreza? Ora, não é ela, precisamente, a inimiga

figadal de toda a felicidade?! Felizes não são justamente os ricos e infelizes, desventurados os pobres, os mal dotados?!

Jesus, porém, permanece firme e sereno, pois sem essa pobreza evangélica não haverá nenhuma outra bem-aventurança e muito menos Reino dos Céus, diz Ele. “Bem-aventurado” significa: o que se aventura bem, de modo correto. Trata-se de um aviar-se todo próprio, no qual o andar se faz caminho, na medida em que se caminha a modo do perfazer-se cheio de riscos e acertos, recuos e avanços, de quedas e retomadas⁶³.

Quem compreendeu muito bem essa proposta de Jesus foi São Francisco e Santa Clara. Francisco, além de chamá-la de “santa”, a coloca como princípio de sua vida e de toda a sua Ordem. Clara a chama de “altíssima” e a inclui na denominação de sua Ordem: “Ordem das Irmãs Pobres”. Mas, porque a pobreza e não a caridade? Porque para eles a pobreza é a alma da caridade, o coração de Deus. Por isso, diz Francisco:

Entre as demais preclaras e precípuas virtudes que preparam no homem um lugar e uma morada para Deus e mostram o caminho mais excelente e mais rápido para se ir e chegar até Ele, destaca-se a santa Pobreza. Ela sobressai a todas por uma certa prerrogativa e supera os títulos das demais por uma graça singular. Pois, ela própria é o fundamento e a guardiã de todas as virtudes (SC 1).

Como vemos, também Francisco, fiel ao discurso do Mestre, vê a pobreza não como uma virtude a mais ou à parte, mas a virtude das virtudes, a virtude da qual nascem e florescem todas as demais. Por isso, ele a chamava de “senhora” ou “dama”.

As bem-aventuranças proclamadas por Jesus são avios no caminho da realização da santidade em nós. O “santo” é alguém “bem-aventurado” – feliz, felizizado – pelas múltiplas visitas da graça santificadora em sua vida. Essas visitas se dão como momentos do único envio – destinação – no seguimento de Jesus Cristo. O Papa Francisco comenta: *A palavra «feliz» ou «bem-aventurado» torna-se sinônimo de «santo» porque expressa que a pessoa fiel a Deus e que vive sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade* (GE 64).

Notemos ainda que, enquanto em todas as demais virtudes, o Reino dos Céus virá no futuro, para a pobreza ele é sempre atual. Por isso, enquanto nas primeiras se diz “serão” ou “verão”, na pobreza se diz “é”. Enfim, pobre em espírito é aquele no qual “o Senhor pode entrar com sua incessante novidade” (Idem, 68): a alegria do Evangelho.

Ser pobre no coração: isto é santidade (idem, 70).

63 Harada, Hermógenes. *Fragments de pensamento humano-franciscano*. Org. Enio Paulo Giachini. Curitiba: Bom Jesus, 2016, p. 24.

3.1. “Bem-aventurados os aflitos porque serão consolados”

Posta a pedra fundamental do Reino da Santidade – a pobreza – Jesus começa a elencar seus diversos aviamentos ou expressões. O primeiro se dá nos ou com os aflitos, isto é, com aqueles que se afligem, se angustiam com seu seguimento de Cristo. Por isso, a segunda bem-aventurança poderia também ser redigida assim: *Bem-aventurados os que suportam a paixão de sua existência pelo Reino de Deus e no seguimento de Cristo, porque serão consolados* (Mt 5,4).

Nesse sentido, pobres, aqui, são os que não esperam outra consolação para a desolação humana do que a consolação divina. São os crucificados para o mundo, uma vez que, como o Apóstolo, dizem: “Eu, por mim, nunca vou querer outro título de glória que a Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”; *por ela o mundo está crucificado para mim, como eu para o mundo* (Gl 6,14). Preferem chorar, cantar o “*De profundis*” da miséria da atual condição humana... e esperar pela consolação divina. Esses, a exemplo de São Francisco, suportam a dor e a paixão dos homens da terra em comunhão com a dor e a paixão do Crucificado e o fazem na serenidade e na jovialidade da “perfeita alegria”.

Comentando essa bem-aventurança nosso Papa diz que hoje

o mundo não quer chorar: prefere ignorar as situações dolorosas, cobri-las, escondê-las. Gastam-se muitas energias para escapar das situações onde está presente o sofrimento, julgando que é possível dissimular a realidade, onde nunca, nunca, pode faltar a cruz. Por isso, só pode ser consolada e feliz a pessoa que está com a consolação de Jesus e não com a do mundo... Essa pessoa sente que o outro é carne da sua carne, por isso não teme aproximar-se até tocar a sua ferida, compadece-se até sentir que as distâncias são superadas. Assim, é possível acolher aquela exortação de São Paulo: «Chorai com os que choram» (Rm 12,15) (idem 76).

Saber chorar com os outros: isto é santidade (Idem 76).

3.2. “Bem-aventurados os mansos porque possuirão a terra”⁶⁴

Na terceira bem-aventurança, a “senhora pobreza” se encarna e floresce nos mansos. Diz nosso Papa: *A mansidão é outra expressão da pobreza interior, de quem deposita sua confiança apenas em Deus. De fato, na Bíblia, usa-se muitas vezes a mesma palavra ‘anawin’ para se referir aos pobres e aos mansos* (idem 74). Por isso, Jesus ousa proclamar que a mansidão é a boa aventura, o caminho para possuir a terra. Mas, como? Não são justamente esses os insensatos, os estúpidos e frágeis que, ao longo de toda a história, são

64 Alguns manuscritos invertem a ordem entre os versículos 4 e 5.

os banidos e expropriados de suas terras, formando assim as grandes massas de infelizes, marginalizados, excluídos e miseráveis?

Os mansos são os não-violentos. Hoje, mais do que atos intermitentes, a violência é um *habitus*, (*hábito*) isto é, um estado permanente que nos têm, nos detém, nos contém. O mundo de hoje pensa encontrar sua segurança ou na abundância de bens materiais (de patrimônios, recursos e investimentos financeiros, etc.) ou na força das armas.

A violência torna-se, assim, o modo para solucionar todos os problemas. Pensa-se livrar-se de um mundo violento respondendo com mais violência, numa escalada de ódio e intolerância. Ignora-se a dignidade e os direitos dos inermes. Já dizia Heráclito, observando o comportamento dos cidadãos de Éfeso: querem se limpar da lama com um banho de lama. Numa atmosfera como essa, o fascismo torna-se uma proposta tentadora. Mas, não deixa de ser um suicídio coletivo. Nesse contexto, a bem-aventurança de Jesus deve soar de modo renovado em nossos ouvidos.

É uma frase forte, nesse mundo que, desde o início, é um lugar de inimizade, onde se litiga por todo lado, onde há ódio em toda a parte, onde constantemente classificamos os outros pelas suas ideias, seus costumes e até sua forma de falar ou vestir. Em suma, é o reino do orgulho e da vaidade, onde cada um se julga no direito de elevar-se acima dos outros. Embora pareça impossível, Jesus propõe outro estilo: a mansidão. É o que praticava com seus discípulos, e contemplamos na sua entrada em Jerusalém: «aí vem o teu Rei, ao teu encontro, manso e montado num jumentinho» (Mt 21, 5; Cf. Zc 9, 9). (GE 71).

Como filho da Senhora Pobreza – o pobre em espírito – isto é, o seguidor de Cristo, renuncia ao uso da força e da violência, sim, até mesmo ao direito próprio. São os que deixaram tudo e, nesse deixar, encontram a serenidade do Tudo, seu quinhão, sua porciúncula (São Francisco: a pequena porção). Buscam em primeiro lugar o Reino dos Céus. Por isso, os demais bens de que necessitam para viver lhes são dados em acréscimo. Recebem o cêntuplo, junto com perseguições.

Reagir com humildade e mansidão: isto é santidade (GE 74).

3.4. “Bem-aventurados os que têm fome e sede da justiça: eles serão saciados”

O quarto aviamento à santidade ou à concretização da pobreza evangélica se dá naqueles que tem fome e sede de justiça, naqueles que renunciam à justiça própria. Diz nosso Papa: *Fome e sede são experiências muito intensas,*

porque correspondem a necessidades primárias e têm a ver com o instinto de sobrevivência (GE 77).

Todavia, continua o Papa: *a justiça, que Jesus propõe para saciar a fome e a sede, não é como a que o mundo procura, uma justiça muitas vezes manchada por interesses mesquinhos, manipulada para um lado ou para outro. A realidade mostra-nos como é fácil entrar nas súcias da corrupção, fazer parte dessa pseudo-política diária do «dou para que me deem», onde tudo é negócio (idem, 78).*

Ter a fome e a sede da justiça – sentir a necessidade premente dela – é, já, uma felicidade. Aquele que não conhece essa fome e essa sede é um miserável. A justiça a que esses famintos e sedentos aspiram não é a pseudo-justiça, que não é outra coisa do que a imposição da vontade arbitrária do mais poderoso (pela posse de bens) ou do mais forte (pela violência). Pelo contrário, o anseio desses visa a justiça verdadeira, que é a “virtude completa” (Cf. Platão, Aristóteles). Visa a justiça que é conforme às leis do céu e da terra (Antígona). E, justamente por isso, esses que têm sede e fome de justiça se põem do lado dos mais fracos, dos pobres, como tantas vezes exortam os profetas: *procurai o que é justo, socorrei os oprimidos, fazei justiça aos órfãos, defendei as viúvas (Is 1,17).*

Por isso, justiça, aqui, em vez de uma virtude a ser alcançada com os próprios méritos, é recebida do Alto através da graça justificante e santificante que vem de Deus.

Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade (idem).

3.5. “Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia”

Agora, na quinta bem-aventurança, a pobreza vai gerar a misericórdia, os misericordiosos. Para os fariseus a justiça vinha de baixo, deles mesmos porque ou quando praticavam boas obras. Nesse caso, Deus devia ser misericordioso para com eles por causa deles e não por causa Dele.

Ora, Jesus veio pôr as coisas no seu devido lugar. Diante de Deus ninguém tem consistência em si ou por si próprio. Por isso, os pobres no espírito são misericordiosos. Misericordiosos e felizes porque se conduzem sobre o mesmo caminho no/ou pelo qual caminha o próprio Pai: a compaixão, o perdão.

Os misericordiosos, a exemplo de Cristo, renunciam ao próprio prestígio e dispõem-se a se misturar alegremente com os miseráveis, com os vis e pecadores, com os míseros. Enquanto tais, eles *têm um amor irresistível pelos humildes, os doentes, os míseros, por quem foi humilhado ou sofreu violência, por quem sofre injustiça e é expulso, por quem se atormenta e se aflige; esses*

procuram o que caiu no pecado e na culpa. Nenhuma miséria é por demais profunda, nenhum pecado é por demais terrível, para que não se aplique a misericórdia (Bonhoeffer). Esses têm um coração que é como o coração de Deus Pai: um coração “mole”, isto é, terno, frente à fraqueza e à miséria humana. Um coração paterno, ou melhor, um coração materno, matricial.

A misericórdia, diz o Papa, tem dois aspectos: é dar, ajudar, servir os outros, mas também perdoar, compreender... Dar e perdoar é tentar reproduzir na nossa vida um pequeno reflexo da perfeição de Deus, que dá e perdoa superabundantemente (AL 80).

Olhar e agir com misericórdia: isto é santidade (idem, 82).

3.6. “Bem-aventurados os puros quanto ao coração: eles verão a Deus”

Nessa bem-aventurança, os pobres de espírito se apresentam com um coração puro. Segundo o salmista, para poder chegar-se ao templo e poder ver a Deus é preciso *ter as mãos inocentes e o coração puro, não se entregar à falsidade nem jurar com perfidia* (Sl 24,4). Por isso, insiste o apóstolo: *limpai as mãos, pecadores e purificai os corações vacilantes* (Tg 4,8).

O homem de coração puro renuncia ao próprio saber acerca do bem e do mal e deixa-se conduzir à inocência do espírito-criança, à simplicidade originária. Simples quer dizer: não dividido, não duplo nem dúplice; não composto ou com um elemento estranho. Significa ser só um, quer dizer, homogêneo, uno, inteiro, inteiriço. *O coração puro é puro do bem e do mal, pertence todo e indiviso a Cristo, tem em mira somente a Ele, que vai à sua frente* (Bonhoeffer).

Na Bíblia, o coração significa as nossas verdadeiras intenções, o que realmente buscamos e desejamos, para além do que aparentamos (GE 83). Por isso:

Manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor: isto é santidade (idem, 86).

3.7. “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus”

O sétimo avio proclama: *“Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”* (Mt 5,9). Os pobres de espírito são pacíficos porque recebem de Cristo a paz que ele dá aos seus, que não é a paz do mundo. Ao tomar a iniciativa de vir ao mundo pela Encarnação, que culmina na Cruz-Ressurreição, Cristo se tornou o “príncipe”, isto é o princípio, a fonte da paz entre céu e terra, Deus e os homens (Cf. Ef 2,14-16).

Os anos voam, os séculos passam e a paz, porém, não chega. Os homens, no entanto, continuam pensando ou querendo estabelecê-la, “comprá-la”, através da força dos discursos, do poder, do dinheiro, dos contratos quando não das armas. Outras vezes, para senti-la e desfrutá-la em seus corações, a buscam numa pseudo-espiritualidade de consumo, de hedonismo, etc., etc. A paz, então, não vem porque sua origem é de outra natureza: a pobreza em espírito.

Segundo Santa Clara, a verdadeira paz não é a que nasce do empenho e desempenho dos homens, mas aquela que é *inaugurada em nosso coração pelo ardente desejo do Pobre Crucificado* (1CCL 13). Na Cruz, aos discípulos que O abandonam e O traem Ele continua amando-os e chamando-os de amigos; aos que o condenam à morte pede-lhes o perdão do céu; ao Pai que o entrega à própria sorte confia-se inteiramente.

Deus é pacífico não porque seria um Deus superpoderoso, capaz de superar todos os conflitos. É pacífico porque seu princípio originário e constitutivo, sua identidade, à semelhança de uma fonte, se move, se faz e refaz, continuamente, pela dinâmica da doação, da entrega, do amor-caridade.

A paz de Jesus Cristo não é indiferentismo, inércia, do espírito. É, antes, decisão, libertação para a verdade, para o bem, a justiça. É uma paz que se recebe como o dom de uma conquista. Não vem sem rompimento com aquilo que é contrário ao Reino do Pai. Por isso, Jesus proclama que ele não veio “trazer a paz, mas a espada” (Mt 10,34). A palavra latina “*pacificus*” compõe-se de “*pax*”, paz e “*facere*”, fazer: aquele que faz paz. Por isso, ao comentar essa bem-aventurança, dizia São Francisco: *São verdadeiramente pacíficos os que, de tudo quanto padecem nesse mundo, conservam a paz na alma e no corpo, por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo* (Ad XV).

Frei Harada, explicando a saudação franciscana “Paz e Bem”, assim escreveu: *primeiro faz bem o necessário; depois, o possível, em paz. Logo te será dado o impossível perfeito na paz: Paz e Bem.*

Como no sétimo dia, no qual Deus repousou da obra da sua criação, assim também, nessa sétima bem-aventurança, o homem encontra seu repouso em Deus, ainda que esteja em meio ao bom combate da fé.

Semear a paz ao nosso redor: isto é santidade (idem, 89).

3.8. “Bem-aventurados os perseguidos por causa de justiça: deles é o Reino dos Céus”

A oitava e última bem-aventurança retorna à primeira e recolhe em si todas as outras sete. Por isso, de novo, a expressão: *deles é o Reino dos Céus*. Aqui, “justiça” não tem o mesmo sentido que encontramos na quarta bem-aventurança. Naquela, tratava-se de renunciar à justiça própria (a “justiça dos

fariseus” de que fala o Evangelho de Mateus) para receber a justiça do Alto (a “justiça melhor” do Reino dos Céus). Trata-se, agora, da bem-aventurança dos que são perseguidos por causa *de* justiça. Notemos que no original falta o artigo. Por isso, nós escrevemos **de** em vez “da” justiça.

Aqui não se fala da justiça de Deus e, portanto, não se fala da perseguição por causa de Jesus Cristo, mas são ditos bem-aventurados os perseguidos por uma causa justa – e nós poderíamos agora acrescentar: por uma causa verdadeira, boa, humana (Cf. 1Pd 3,14 e 2,20) (...). Jesus cuida de quantos sofrem por uma causa justa, mesmo se não se trata propriamente da confissão de seu nome, os toma sob a sua proteção, na sua responsabilidade, lhes reivindica como seus (Bonhoeffer D. *Ética*, p. 305).

O Papa Francisco nos alerta que:

Para viver o Evangelho, não podemos esperar que tudo à nossa volta seja favorável, porque muitas vezes as ambições de poder e os interesses mundanos jogam contra nós. Numa tal sociedade alienada, enredada numa trama política, mediática, econômica, cultural e mesmo religiosa, que estorva o autêntico desenvolvimento humano e social, torna-se difícil viver as bem-aventuranças, podendo até a sua vivência ser mal vista, suspeita, ridicularizada (AL, 91).

Abraçar diariamente o caminho do Evangelho mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade (idem, 94).

3.9. A renúncia que é recompensa

Em todas as bem-aventuranças há uma renúncia. A renúncia não tira: ela dá a força da identidade do discípulo de Cristo, tornando-o filho no Filho, um com o Pai, que vive do e no Espírito Santo. Mestre Eckhart diz que a palavra de Jesus: “*quem quiser vir a mim deve renunciar a si mesmo e negar-se a si mesmo e tomar a sua cruz*” (Mt 16,24) não é um preceito, mas uma promessa acerca do modo como todo o sofrer e fazer e viver do homem se transforma em alegria e deleite. É, na verdade, uma recompensa. É que a renúncia não é mera negação, mas “re-anúncio” do si-mesmo. Ela é a recondução do homem à dimensão do divino, no caso, do Deus de Cristo Crucificado.

Agora fica claro o que são os “pobres no espírito”: são os humildes, os mansos, os que suportam a paixão, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os pacíficos, os que sofrem por causa da justiça; os que, por serem assim, como Cristo, são odiados pelo mundo. As-

sim, nessa oitava bem-aventurança se consuma e se atesta a perfeição de todas as demais. As sete bem-aventuranças anteriores, dizia Agostinho, realizam o perfazer do seguimento de Cristo; a oitava, clarifica e atesta essa perfeição alcançada.

Além do mais, ele relaciona as bem-aventuranças com os dons do Espírito Santo. O temor corresponde à humildade ou pobreza de espírito; a piedade à mansidão; a ciência ao pranto; a fortaleza à fome e sede de justiça; o conselho à misericórdia; a inteligência à pureza de coração; e, enfim, a sapiência à paz.

Agora, também, está claro o que significa o “Reino dos Céus”. É a riqueza essencial, a terra dos vivos, dos eleitos e amados do Pai.

Conclusão

Depois de séculos de esquecimento, o Vaticano II começou a recordarnos que todos os fiéis, e não apenas os clérigos e religiosos, somos chamados à santidade. Bem no coração de seu documento mais importante, a *Lumen Gentium*, encontramos o famoso capítulo quinto, com o título *Vocação universal à santidade* e essa significativa exortação: *Na Igreja, todos ... são chamados à santidade... Pois essa é a vontade de Deus: a vossa santificação*” (1Ts 4,3; Ef 1,4) (LG 39).

Fazendo eco a essa exortação, proclamava São João Paulo II, em Florianópolis, em 1991: *O Brasil precisa de santos; o Brasil precisa de muitos santos!* E, bem mais recentemente, escreveu nosso Papa Francisco: *O Senhor quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa* (GE 1).

Mas, também, importa que acentuemos que vocação à santidade não é qualquer vocação, ou uma entre outras vocações. É, antes, a primeira, a fundamental, a vocação de todas as vocações sem a qual nenhuma outra vocação poderá realizar-se plenamente. Essa primazia vem assinalada ao longo de toda a História sagrada do Antigo e do Novo Testamento, como, por exemplo, na famosa Oração do Pai Nosso, quando o Senhor pede não apenas que digamos que Deus é nosso pai, mas também que seu “nome seja santificado” em cada um de nós e no universo inteiro.

Ora, o que é isso, que seu nome seja santificado em nós, senão, que Ele se torne cada vez mais nosso Pai e nós seus filhos, propriedade dele. Por isso, segundo nosso Papa atual *A santidade é o rosto mais belo da Igreja* (GE 9) e não nossa sabedoria, nossos atos heroicos, nossas obras e nem mesmo nossas pastorais.

Sendo obra de Deus, a santidade está presente em toda parte. Por isso, diz nosso atual Papa:

Não pensemos apenas nos que já estão beatificados e canonizados. O Espírito Santo derrama a santidade por toda a parte no santo povo fiel de Deus... Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam seus filhos com tanto amor, nos homens e nas mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nessa constância de continuar a caminhar, dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Essa é, muitas vezes a santidade 'ao pé da porta', daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da 'classe média da santidade' (GE 6-8).



Solenidade da Imaculada Conceição

Leituras: Gn 3,9-15.20; Sl 97; Ef 1,3-6.11-12; Lc 1,26-38

Tema-mensagem: No mistério da concepção imaculada de Maria, nossa vocação à santidade.

Introdução

Entre as inúmeras maravilhas ou mistérios, que o Senhor operou em Maria, está o de sua Imaculada Conceição. Por estar profundamente ligado ao mistério da Encarnação, é celebrada sempre a 8 de dezembro, quando a Igreja está no início dos preparativos do Santo Natal.

1. A Promessa divina de uma nova mãe para todos os viventes (Gn 3,9-15.20)

O mistério de Maria, e de sua concepção imaculada, guardado no âmago mais profundo de Deus, começa a ser insinuado já nas primeiras páginas da Sagrada Escritura, mais precisamente, no livro do Gênesis, no qual se narra a famosa lenda do pecado original.

1.1. Diante de um filho que rejeita, foge e se esconde, um Pai que procura

Como primeira consequência do rompimento com Deus, sua origem, o homem sente vergonha, foge e se esconde de seu Criador. Mas, como o raio fugir do sol e a criatura de seu Criador?

Por isso, logo *depois que Adão comeu da fruta da árvore, o Senhor Deus o chamou: 'Onde estás?'* (Gn 3,9). Porém, mais, ou melhor, antes da acusação de um juiz, a pergunta retrata o apelo de um Pai, para que seu filho perdido retorne à casa paterna.

Deus, de fato, não podia ser fiel a si mesmo se não corresse atrás daquele que Ele criara para ser seu filho predileto. Ao homem que lhe dera as costas, Deus dá-lhe o semblante de sua alma, para que ele volte e fique face a face com Ele, podendo, assim, gozar da afeição de sua intimidade. Enfim, a história do pecado não podia acabar com o homem, muito menos com seu afastamento de Deus. Deus não podia ser vencido, derrotado em seu desígnio.

1.2. À Eva que diz não, seu Criador promete-lhe uma nova mulher que Lhe dirá sim

Eis que vem, então, a primeira grande promessa de Deus, dada de modo enigmático, através da resposta à serpente: “*Porque fizeste isso, serás maldita entre todos os animais domésticos e todos os animais selvagens... Porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e a dela. Essa te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar*” (Gn 3,14-15).

A tradição cristã sempre viu e leu nessa passagem ou melhor, nessa promessa, o princípio do mistério de Cristo como o novo Adão, capaz não só de redimir, mas, acima de tudo, de fazer nascer dele uma nova humanidade. E, juntamente com esse mistério, sempre intuiu, também o mistério de Maria, a nova Eva, a nova mãe da nova Humanidade.

Assim, todo ser humano, antes de filho de Adão, é pensado por Deus como irmão de Jesus Cristo. Em Maria essa verdade do ser humano, como filho do Pai e irmão de Cristo e morada do Espírito Santo, realiza-se de modo excelso e singular.

Portanto, se Jesus, o Filho de Deus, que se tornou Filho do Homem, o Verbo que se fez carne, foi o primeiro a ser pensado e querido por Deus em sua intenção criadora, Maria, em virtude de ou com sua união com Cristo, foi a primeira a ser pensada por Deus entre os redimidos por Cristo. Em virtude de sua destinação à maternidade divina ela foi concebida sem a mácula do pecado: daí o título “i-maculada concepção”.

2. Uma nova mulher cheia de graça (Lc 1,26-38)

Como Evangelho para a Missa dessa solenidade a Igreja escolheu a perícopé da Anunciação.

2.1. Alegra-te, cheia de graça

A cena se abre com o grande e auspicioso anúncio do Arcanjo Gabriel: “*Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!*” (Lc 1,28). O texto grego traz: *Chaire, kecharitoméne, ho kyrios metà sou* (“Alegra-te, agraciada, o Senhor está contigo”).

Na interpretação de Mestre Eckhart, a saudação latina *Ave!*, significa “âne wê”, isto é, “sem dor”, “sem ai”⁶⁵. Nessa etimologia incorreta, porém, ele alcança o verdadeiro, isto é, o essencial. A saudação *Ave!* fala da plena alegria e do pleno vigor da vida (saúde). Aquele que é agraciado por Deus vive a vida sem “ai”, isto é, sem lamúria, na plena cordialidade de ser.

65 Sermões Alemães, n. 38, p. 227.

Quem, 1.300 anos depois, se encanta e canta essa saude originária em Maria, é São Francisco:

*Ave, ó Senhora, santa Rainha,
Santa Mãe de Deus, Maria,
que és virgem feita Igreja...
Ave, ó palácio do Senhor,
Ave, ó tabernáculo do Senhor,
Ave, ó casa do Senhor,
Ave, ó vestimenta do senhor,
Ave, ó serva do Senhor,
Ave, ó mãe do Senhor (SVM)*

Na saudação do Arcanjo, Maria é evocada como *cheia de graça*. *Cheia de graça*, significa o mesmo que: “Deus é contigo!” Santo Agostinho emenda: *Mais que contigo, Ele está em teu coração, se forma em teu seio, enche o teu espírito, enche o teu ventre*. Além de Maria, a bênção é, também, o início da bênção dos homens e das mulheres no seu Filho, Jesus. Bela e justa, pois, a santa tradição cristã, de todos os dias, principalmente ao entardecer, exclamar ou cantar com gratidão e júbilo: “Ave Maria, cheia de graça!”

2.2. A Imaculada dará à luz ao Imaculado

O privilégio da pureza original, porém, nada tem a ver com um possível engrandecimento vaidoso de Maria. Pelo contrário. É em vista de sua nobre e divina missão, assim expressa pelo anjo: “*Eis que conceberás no ventre e darás à luz um filho...*” (Lc 1,31). Ela já tinha concebido o Messias no seu espírito, pensamento e desejo, principalmente através da meditação das grandes promessas messiânicas. Agora, o conceberia no corpo, no seu ventre. Ela já o gerava na alma; agora o geraria no seu útero. Ela já estava disposta a dá-lo à luz, espiritualmente; agora lhe cabia a incumbência de dá-lo à luz, corporalmente. Ela, que estava sempre de prontidão na espera do Deus que vem, agora o traria em seu corpo e o mostraria ao mundo unido à carne de nossa humanidade. Nela, o Filho de Deus tomaria carne, a carne de nosso ser.

Santo Ambrósio recordava, aos cristãos de sua comunidade (em Milão), que era preciso, espiritualmente, dar à luz a Cristo. Já São Francisco costumava exclamar para seus companheiros e seguidores seculares:

Somos mães, quando O ‘levamos no’ coração e em nosso ‘corpo’, por amor divino e de ‘consciência pura’ e sincera; O damos à luz pela santa operação’ que deve ‘brilhar’, em exemplo, para os outros... Oh, quão santo e dileto, benfazejo e humilde, pacífico

e doce, amável e sobre todas as coisas desejável, ter tal irmão e filho: Nosso Senhor Jesus Cristo (1CF I,10-13).

2.3. Eis aqui a serva do Senhor

A narrativa termina com as palavras de Maria e a modo de um *gran finale*: “*Eis aqui a serva do Senhor. Que me aconteça segundo tua palavra!*” (Lc 1,38).

“*Serva do Senhor*”: um título de humildade pura ou de pureza humilde e, ao mesmo tempo, de glória, grandeza. A glória de Maria está em sua humildade. Chamando-se a si mesma de serva, diz Santo Ambrósio, Maria não se apropriava da graça especial que lhe fora concedida, muito menos de qualquer vanglória. A grandeza de Maria está em sua humildade e disposição de deixar vir a cumprir-se nela as palavras do Senhor. Sua grandeza está no *Faça-se* (Fiat).

3. Predestinados antes da criação do mundo para sermos filhos adotivos de Deus (Ef 1,3-6.11-12)

Estamos diante de uma parte do famoso Hino ou Canto de São Paulo acerca das “*Bênçãos espirituais em Cristo*”, com o qual ele faz a abertura de sua Carta aos Efésios. A riqueza e a importância desse hino, para os cristãos e para toda a humanidade, leva a Igreja a decantá-lo em diversas Vésperas do Ofício Divino. Nele encontramos a mais clara e precisa definição da identidade da Igreja, de Maria e dos cristãos: *Em Cristo, Deus nos escolheu antes da fundação do mundo, para que sejamos santos e imaculados sob o seu olhar, no amor...* (Ef 1,3ss).

Paulo não está pensando na santidade moral de cada cristão, mas na eleição e consagração de toda Igreja como um todo, um grupo, uma espécie de fonte comum de e para todos os homens. Nessa dimensão ela será sempre santa, imaculada, por causa de seu fundamento, Jesus, mas, pecadora por causa de nós, seus membros. Podemos e devemos dizer que a Igreja é a nova Maria da humanidade. Assim como o seio da Virgem Maria serviu para gerar o novo humano, na Pessoa do Filho de Deus, Jesus, agora, a Igreja - através dos seus fiéis - é eleita, chamada e enviada para ser o grande útero da nova humanidade; aquela que deve gerar os novos filhos de Deus e para Deus. Assim, Aquele era Filho “*natural*”, esses filhos “*adotivos*” de Deus (Ef 1,5). Mas, sempre filhos como Aquele, com os mesmos direitos, dignidade, honra, privilégios, vocação, missão e deveres. Por isso, o texto de hoje, fazendo eco a tudo o que vimos na primeira leitura e no Evangelho, termina nos assegurando que *Nele também nós recebemos a nossa parte. Segundo o projeto daquele que conduz tudo conforme a decisão de sua vontade, nós fomos predestinados a ser, para*

o louvor de sua glória, os que de antemão colocaram sua esperança em Cristo (Ef 1,11-12).

Nessa predestinação está Maria a imaculada, a concebida sem pecado; estamos nós, pobres pecadores, em busca de nossa santificação em Cristo e em Maria e conosco toda a Criação.

Conclusão

O mistério da concepção i-maculada de Maria, nem sempre foi aceito de modo pacífico entre os grandes pensadores da Igreja. Durante muitos séculos, travaram-se calorosas discussões, principalmente entre dominicanos, que não aceitavam esse mistério, e franciscanos que o defendiam e que por isso foram chamados de “imaculistas”. As discussões cessaram, definitivamente, em 8 de dezembro de 1850, com a proclamação oficial pela Igreja como dogma, pelo Papa Pio IX, em sua bula *Innefabilis Deus*.

No Reino de Cristo, portanto, ou melhor, na Comunhão dos Santos, Maria brilha com um brilho ímpar. Nela nunca a inimizade com Deus atuou. Ela foi amiga de Deus do começo ao fim de sua existência terrena, sem interrupção de um segundo sequer. João Duns Scotus escreveu, certa vez:

Há no céu santos que nunca foram inimigos de Deus em ato, por um pecado atual, como aconteceu com os santos inocentes; e muitos outros que, às vezes, foram inimigos de Deus, como os que pecaram mortalmente, e depois fizeram penitência. Há também ali a Bem-aventurada Virgem Mãe de Deus, a qual nunca foi inimiga de Deus, nem em ato em razão de um pecado atual, nem em razão do pecado original.

O mistério da concepção imaculada, porém, mais que uma honra ou distinção para engrandecimento próprio de Maria, indica uma missão: ajudar com seu “Sim” ao grande “Sim” de seu Filho, no resgate da humanidade decaída, fazendo nascer dela uma nova humanidade: a humanidade dos filhos de Deus.

Por isso, nosso Papa Francisco escreveu que ninguém como ela viveu as bem-aventuranças de Jesus:

Maria, a mais abençoada dos santos entre os santos, Aquela que nos mostra o caminho da santidade e nos acompanha. E, quando caímos, não aceita deixar-nos por terra e, às vezes, leva-nos nos seus braços sem nos julgar. Conversar com Ela consola-nos, liberta-nos, santifica-nos. A Mãe não necessita de muitas palavras, não precisa que nos esforcemos demasiado para explicar-Lhe o que se passa conosco. É suficiente sussurrar uma vez e outra: Ave Maria, cheia de graça (GE 176).

Conclusão

Assim os que andavam na velha ordem das coisas chegaram à novidade da esperança, não mais observando o sábado, mas vivendo segundo o dia do Senhor; no qual nossa vida se levantou por Ele e por Sua morte, embora alguns o neguem. Mas é por esse mistério que recebemos a fé e por ele é que perseveramos, para sermos de fato discípulos de Jesus Cristo nosso único Mestre.

Não encontro mais prazer no alimento corruptível nem nos gozos desta vida, o que desejo é o pão de Deus, este pão que é a carne de Cristo e, por bebida, quero seu sangue, que é o amor incorruptível

(Santo Inácio de Antioquia).

Impressão:

Evangraf

Rua Waldomiro Schapke, 77 - POA/RS

Fone: (51) 3336.2466 - (51) 3336.0422

E-mail: evangraf.adm@terra.com.br